

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUIZ ALBERTO SILVESTRE DO NASCIMENTO

**Corpo e Literatura: Ressonâncias de Vida e Educação – a escola num modo de
aprendizagem em ser divino com a Palavra**

JUIZ DE FORA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Corpo e Literatura: Ressonâncias de Vida e Educação – a escola num modo de
aprendizagem em ser divino com a Palavra**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de fora por Luiz Alberto Silvestre do Nascimento como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria Clareto.

JUIZ DE FORA

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silvestre do Nascimento, Luiz Alberto.

Corpo e Literatura: Ressonâncias de Vida e Educação : a escola num modo de aprendizagem em ser divino com a palavra / Luiz Alberto Silvestre do Nascimento. -- 2014.
386 p.

Orientadora: Sônia Maria Clareto

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

1. Corpo. 2. Escola. 3. Literatura. 4. Palavra. 5. Spinoza. I. Clareto, Sônia Maria, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Banca de examinação, a todos os professores que dela participaram, desde os momentos de Qualificações, acolhendo as primeiras linhas e pensamentos deste trabalho, professores que com seus olhares e escutas afetivas propiciaram bons encontros para o desenvolvimento e a produção deste trabalho...

À querida professora e orientadora Sônia Maria Clareto pela condução e por estar sempre ao perto e com seu entusiasmo para extrair-me o melhor em cada encontro...

Aos colegas pesquisadores, cada um com sua pesquisa, questionamentos, atravessamentos e inquietações – obrigado pelos encontros...

Aos que integram o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, professores, funcionários, pelos relacionamentos que pude estabelecer e partilhar, pelos afetos que constituí convosco...

Agradecimento aos alunos, pais e professores de *um* Corpo-Escola muito especial, repleto de afecções e potentes afetos de existir e de pensar e que não para de se produzir em Vida como Educação a seu modo. Esta pesquisa é toda vossa...

Agradecimentos aos meus pais, irmãos e familiares que, mesmo ao longe, acreditam e compartilham os afetos que constituí em Vida tão perto...

Especial agradecimento, reconhecimento e amor à minha querida esposa Andrea Theresia Wernthaler, companheira entusiasta de *uma* vida de potentes afetos. Por ti, minha gratidão e amor *ad aeternum*...

Ao Schnee e, agora também à Mina, meus devires animais...

À FAPEMIG pelo apoio financeiro durante esta investigação...

*Quando não mais figuras e números
Forem a chave de todas as criaturas
Quando souberem cantar e beijar
Mais do que sabem os doutos homens,
Quando o mundo se voltar de novo
Para a vida livre que nele existia,
Quando a sombra e a luz outra vez
Juntarem sua força em pura claridade,
E quando a história universal tiver
A verdade narrada em verso e prosa,
Então o falso ente fugirá apressado
Diante da única palavra secreta.*

Novalis

O começo de todas as coisas é o amor, mas o ser das coisas é a vida.

C. G. Jung

Se o caminho, conforme já demonstrei, que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro.

Spinoza

Y sed felices...

RESUMO

Esta pesquisa parte do tema principal Corpo e Literatura – a Palavra em estado de arte, arte *com* a Palavra como experiência decisivamente humana. A Palavra, mesmo que impalpável, mas que tem a potência de compor mundos, de possibilitar compormo-nos com o outro e conosco mesmos. A Palavra aqui é a que não se limita apenas a nomear, mas é Palavra que confere existência, produz uma Ética de existência. E a palavra, assim, em sua potência nunca é pronta e nem pode estar pronta, mas está sempre a arranjar-se nos encontros. Assim também o Corpo – nunca se sabe o que pode um corpo, de que afetos ele é capaz. O Corpo constitui-se e aos seus afetos nos encontros, nas afecções, vai sendo afetado por todos os lados por uma infinidade de relações, a cada instante, a todo instante. O Corpo – uma zona aberta afetiva. O afeto – a avaliação, o efeito dos encontros de um Corpo. Assim, a Palavra de um Corpo diz de seu existir nos encontros, diz dos seus afetos. Tomar uma Escola como Corpo. Ouvir a Palavra que circula e se cria constantemente, diz dos encontros, dos afetos, da potência de agir de um Corpo-Escola. Ouvir de um Corpo-Escola a Palavra falada, escrita, dada a ler, a escrever, a pensar e, daí, poder entender melhor as relações de um Corpo-Escola consigo mesma, com o outro e com o mundo num processo ininterrupto com a Vida. Para essa experiência investigativa da e com a Palavra de um Corpo-Escola pensamos *com* a Filosofia, fundamentalmente *com* Spinoza, e *com* a Literatura. Desses encontros, então, o ensejo de um exercício de escrita Cartográfica da experiência de acontecimentos, da processualidade das afecções e dos afetos que atravessam a produção da pesquisa que *implicam* e *complicam* a Educação e um Corpo-Escola numa Ética imanente à Vida absolutamente infinita.

Palavras-Chave: Corpo, Escola, Literatura, Palavra, Educação, Spinoza, Cartografia

ABSTRACT

This research is the main theme Body and Literature - the Word in a state of art, with the Word as decisively human experience. The Word, even though impalpable, but it has the power to compose worlds, to enable us constitute with others and with ourselves. The Word here is not just limited to name, but it is the Word that confers existence, produces an Ethics of existence. And the word thus in his power is never ready and can't be ready, but it's always to get us meetings, in relations. So the body - you never know what can a body, that affects it is capable. The Body is constituted and its affects in the encounters, affections, will be affected by all sides by a multitude of relationships, every moment. The Body - an affective open zone. Affection - assessing the effect of one body encounters. Thus, the Word says a body exists in its encounters, says of his affections. Taking a School as a Body. Hear the Word that creates and circulates constantly says the encounters, the affections, the power to act of a body – in this case a School. Listen from a Body-School - the spoken word, writing, given to reading, writing, thinking, and hence to better understand the relationships of a Body - school herself, with others and with the world in a continuous process with full of life. For this investigative experience with the word of a Body-School, we think with Philosophy, fundamentally with Spinoza, and with Literature. These encounters, then the opportunity write and exercise one Cartographic experience of events, the processuality of affections and emotions running through this investigation in one production wherein *involve* and *complicate* a Body-School and Education an Ethics in the Life immanent and absolutely infinite.

Keywords: Body, School, Literature, Word, Education, Spinoza, Cartography

SUMÁRIO

Paixões de um corpo em <i>uma</i> aprendizagem afetiva ou declaração de amor a <i>uma</i> vida _____	8
O que um encontro <i>com</i> um “abençoado” pode ajudar nisso que desejo _____	78
Corpo e Literatura – ressonâncias de vida e educação _____	174
Oto-bio-grafias – escrita partindo de uma escuta de palavras de vida de um corpo-escola _____	204
Adentro... _____	220
Palavras, mas não finais... _____	361
Referências _____	370
Bibliografia _____	378

PAIXÕES DE UM CORPO EM *UMA* APRENDIZAGEM AFETIVA OU DECLARAÇÃO DE AMOR A *UMA* VIDA

, ... *Havia uma donzela sentada em uma gaiola...* Um exemplo conjunto de palavras formando uma frase. Mas, quando a ouvimos, o que nos dá a imaginar? Uma mulher trancada em uma gaiola? Mas a frase não diz de trancas... Um feminino arquetípico que pode ser qualquer coisa? Uma sensibilidade, a Natureza, um desejo engaiolado, reprimido? A instrução de uma escola, corpo numa instituição encerrada em *grades* que se seguem umas às outras, repetidas e rotineiras? O que? Ou que? Essa frase, tenho-a há muito tempo comigo de uma versão de uma história de contos de fadas que uma vez ouvi contar. E como todas as histórias, há também nessa, várias versões. A versão que tenho impressa¹ não traz essa frase. A frase é de uma versão ouvida e faz-me seguir um suposto tema: um rapaz que estudava para ser escritor e não conseguia escrever porque não lhe ocorria uma única ideia, pois tudo que ele queria escrever já fora escrito e utilizado por todos os escritores. Achava que tinha nascido tarde demais e, com isso, ele somente conseguia escrever essa frase: *havia uma donzela sentada em uma gaiola...* Busquem e leiam a história. Talvez aconteça algo em vocês *com* a leitura... Porque o que se segue da leitura é uma experiência do Corpo com a Literatura. Na ocasião, essa história fora-me impactante pelo que implicava, além de ajudar-me a pensar uma “mísera” questão pontual. Uma pequena passagem dessa história fora, na ocasião, uma mera ilustração de uma cena para uma experiência viva de uma escola que me atravessou durante uma investigação. Mas por que estou a dizer isso tudo? Porque isso envolve e implica novamente uma experiência *com* a *mesma* história e a *com* a *mesma* escola. Serão os mesmos? Sou o mesmo? Porque isso envolve e implica uma relação com as palavras e a Literatura... E essa experiência talvez seja compreendida no decorrer da leitura. O que se segue não é uma escrita-depoimento, mas um exercício com a palavra, uma experiência com a literatura. Uma experiência que pode se passar com qualquer um, mas somente na mais profunda solidão, solidão que se tenha e guarde após um encontro com algo dado a ler, a ouvir,

a escrever... Está-se mais povoado e mais potente nessa solidão quando se volta de um encontro com palavras em estado de arte. Mas não é qualquer palavra. Aliás, não há palavra qualquer. A palavra dispara uma tarefa de ir além de onde se está, além do modo que se existe, além do que dizem todos os significados, além... Mas, além aqui mesmo, no mundo. E a descoberta desse além-aqui-mesmo se diz *uma* vida. Com o que se segue, quero fazer imaginar e compreender que essa experiência pode ser produzida numa escola com as palavras, especialmente, com a Literatura – a palavra em estado de arte. E o que se segue é uma tentativa de cartografar uma experiência de um Corpo muito complexo, um Corpo-Escola *com* a Literatura, *com* a palavra em estado de arte. O que se segue são palavras, mas que podem e se arranjam em argumento e tema. Adiantei um tema central – Corpo e Literatura. Há nesse tema outros múltiplos temas e argumentos. Preciso falar um pouco de argumento e tema. A palavra lida de imediato, o imediato do texto, a palavra literal, a palavra corrida, a primeira leitura das palavras – eis o argumento. Há comumente o leitor dos argumentos – é o leitor que quer os fatos, está à caça de enredos, personagens – o que fazem e dizem –, daquilo que o texto diz etc. Concomitantemente, há no que se segue, temas, e esses são ao que *correspondem* ao argumento das palavras no texto. O que mais deve passar com a leitura do que se segue, é que o tema é central e nuclear e, as palavras do argumento, fazem operar gravitar o tema – transbordo de questões. E aí o leitor pode perguntar: “Então, qual o tema?” Como “resposta” específica diria que é um tema *vital* e, aí, pode ser qualquer coisa que o leitor deseje como tema. Mas sim, tem a ver com a vida. Mas o leitor pode reclamar e aí ficar (di)vagando demais, porque quem quer ler, quer ler alguma coisa que lhe interessa ou lhe desperte interesse. E aí o leitor ou abandona o texto ou, se muito perseverante, vai até o fim dele. E ao final pode descobrir que o texto não lhe disse nada, ou que gostou ou não dele no todo, ou em parte etc. Volto ao argumento e ao tema: Ora, para argumentos, que são e passam por e em palavras, há sempre outros argumentos – outras palavras para contrapor e argumentar. Contudo, o tema é o cerne e, desculpem-me lá, mas o que se seguirá é o *meu tema* em argumentos de palavras. Mas, para que o leitor não se sinta excluído, desestimulado, desanimado ou mesmo excluído, digo que o

tema é *meu* em termos – é meu *a meu modo*. Está bem: dou-vos meu tema: É basicamente – Vida, Educação, Escola, Corpo e Literatura – Palavra em estado de arte! Os argumentos, como o disse, devem gravitar no tema, ou melhor, dar-lhe Corpo. Mas, mesmo que tenha tentado justificar o que se segue, ainda sim, há com certeza leitores que discordarão dos argumentos, das palavras que dão Corpo ao(s) tema(s). Que seja! Mas insisto que apesar de serem *palavras*, desejam dar conta de *existir com* o tema em questão. Sei dos limites das palavras, e que elas não dão conta nem do tema e nem de nada. Porém, ainda dou-vos um exemplo: um tema que se coloca no que segue é a Vida. E pergunto se há ou pode haver arte maior que ela. Aliás, toda arte quer no seu processo de criação elevar-se à potência da Vida – Criação: perdurar a Vida em sua potência. E há várias artes nesse sentido, sendo uma delas a Literatura, a arte com a Palavra ou a Palavra em estado de arte. E a Palavra, entre tantas coisas, pode criar e também criticar. Lembrando-me de um poeta que diz numa carta: [...] *sou alheio a toda e qualquer intenção de crítica. Não há nada menos apropriado para tocar numa obra de arte do que palavras de crítica, que sempre resultam em malentendidos mais ou menos felizes. As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretendia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou. Menos suscetíveis de expressão do que qualquer outra coisa são as obras de arte, – seres misteriosos cuja vida perdura, ao lado da nossa, efêmera²*. Mas, quero ao menos indicar um pouco a maneira de como os argumentos se arranjam... O texto que se segue tem uma *proposta*: escrever! Mas, ele tem também uma *destinação imediata*: ser a escrita de uma tese de tema Literatura e Corpo. Antes de qualquer destino do que se escreva, há antes o escrever. E esse escrever que se segue, procura não seguir os moldes acadêmicos mesmo sendo este um texto para a academia. Rebeldia? Não! Diria que segue uma tentativa de escrever e de escrita *com* filósofos, *com* escritores de Literatura, *com* romancistas, *com* poetas, artistas *com* a palavra... Escrever-me, pensar-me, sentir-me, agir-me, existir-me, desejar-me e ao mundo etc. de outros modos com a Palavra – *Escrever-me* com a Palavra. Então, escrever diferente do que reza a academia é um ato de rebeldia. Não contra a

academia, mas contra mim mesmo. Contra a minha e toda palavra comum, contra a minha e toda escrita habituada, contra o que penso, sinto, ajo e desejo hodiernamente. Com isso segue(m) meu(s) argumento(s) e tema(s). Aí o leitor entenderá porque é(são) *meu(s)*. Só posso talvez dizer que essa experiência de escrita tanto argumentativa como temática me dá uma alegria imensa e inexplicável por palavras. Mas, essa alegria é pela experiência *com* as palavras nesse modo, e não do que *dizem* essas palavras. Essa alegria imensa sem porquê talvez possa ser sentida por supostos leitores que assumam o desejo de enveredarem pelas linhas que seguem disso que escrevo. Sim, alegria inexplicável, mas especial. Assim, seguem argumento e tema: *Tema é aquilo que se **propõe**, não o que se **impõe**. O argumento exige que o acompanhemos linha a linha. Perder o fio da meada é ter de reler o trecho para retomá-lo. Já o tema está sempre oculto, à espera de nossa admiração, de nosso interesse, e até do nosso filosofar, isto é, da nossa abertura para a realidade, e do estudo sobre a própria condição humana, a nossa condição de seres finitos, encantadora e aflitiva, pois ao mesmo tempo que sabemos ser necessário aceitar nossas circunstâncias como um fato (como *factual* e como *fatal...*), ansiamos por compreender e superar esta finitude³. Que esta experiência de *escrever* encontre ressonâncias no *ler* do leitor. Que esse encontre e faça sua experiência, produza suas indagações, questionamentos e rebeldias *vitais* nos argumentos e temas que se seguirão. Um desejo a qualquer leitor que tome esses argumentos e tema: *Lerescrever* ou, fazer com a Palavra mais que erudição, mas a abertura de outros mundos e, com essa abertura, a sabedoria de poder existir *neles com Ela*. A sabedoria, compreenda-se, é uma capacidade de existir que implica um sagrado e solitário esforço consigo, com o outro e com a Vida.*

, ...

Não ler o que escrevo como se fosse um leitor. A menos que esse leitor trabalhasse, ele também nos solilóquios do escuro irracional.

Se este livro vier jamais a sair, que dele se afastem os profanos. Pois escrever é coisa sagrada, onde os infiéis não têm entrada. Estar fazendo de propósito um livro bem ruim para afastar os profanos que querem “gostar”. Mas um pequeno grupo verá que esse “gostar” é superficial e entrarão adentro do que verdadeiramente escrevo, e que não é “ruim” nem é “bom”.

A inspiração é como um misterioso cheiro de âmbar. Tenho um pedaço de âmbar comigo. O cheiro me faz ser irmã de santas orgias do Rei Salomão e da Rainha de Sabá. Benditos sejam os teus amores. Será que estou com medo de dar o passo de morrer agora mesmo? Cuidar para não morrer. No entanto eu já estou no futuro. Esse meu futuro que será para vós o passado de um morto. Quando acabardes este livro chorai por mim um aleluia. Quando fechardes as últimas páginas deste malogrado e afoito e brincalhão livro de vida então esqueci-me. Que Deus vos abençoe então e este livro acaba bem. Para enfim eu ter repouso. Que a paz esteja entre nós, entre vós e entre mim. Estou caindo no discurso? que me perdoem os fiéis do templo: eu escrevo e assim me livro de mim e posso então descansar^A.

, ...

*Viajar? Para viajar basta existir.
Vou de dia para dia, como de
estação para estação, no comboio de meu corpo,
ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças,
sobre os gestos e os rostos, sempre iguais
e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.(...)
A vida é o que fazemos dela.
A viagem são os viajantes. O que vemos,
não é o que vemos, senão o que somos.*

Fernando Pessoa (O Livro do Desassossego)

Imaginemos inicialmente, ou seja, comecemos pelas sensações e percepções antes mesmo de conhecermos ao modo de uma razão. Conheçamos primeira-mente por meio das imagens sensoriais. Não confundamos essas imaginações das coisas percebidas sensorialmente vivas

somente como meras fantasias. Imaginar é aqui perceber de um modo, como um modo. Tomemos as palavras de um livro, por exemplo. Livro entendido aqui não como objeto a ser consumido sistematicamente, mas como ser vivo; cores, peso, cheiro, densidade das páginas de papel, tipo da letra... Percebamos as imagens sensoriais visuais, táteis, olfativas, gustativas (sabor de um livro e palavras que *sabem*-nos bem – saber-sabor – apreciação do gosto, do sabor), sonoras, cinéticas – movimento e repouso. Entendamos o livro e as palavras assim. Não só o livro e as palavras, mas todas as coisas que imaginamos inanimadas. Não só imaginemos, mas entendamos o corpo também dessa maneira. Não como aglomerado de órgãos, não como corpo de um sujeito, corpo de um indivíduo já estruturado de antemão, corpo de um sujeito psicológico ou corpo de um indivíduo fechado em si mesmo. Não somente imaginemos, mas entendamos os dois, corpo e livro, como maneiras de ser em outra coisa, e que as identidades do corpo e do livro, para serem estabelecidas, dependem de uma natureza absolutamente infinita que os possui. A eternidade. Não imaginemos, mas consideremos que podemos ver tudo com olhos de uma *grande razão* essa eternidade, assim como Deus a vê. E aí compreenderíamos a eternidade não num lugar além do mundo, mas na vida ela mesma. Nenhuma transcendência, mas a eternidade em sua imanência, ou melhor, a imanência ela mesma em toda sua potência absolutamente infinita, expressão da eternidade compreendida num modo de conhecimento potente de uma mente em tal grau de conhecimento que compartilha de um entendimento de um intelecto infinito. Uma mente que conhece a seu modo a mente de Deus, uma mente que é *parte* da mente de Deus, conhece a eternidade. Oh, Deus! Júbilo, felicidade de uma mente que conhece tal potência de pensamento, mente que é a ideia dos encontros de um corpo que se esforça em persistir em seu ser. Não permaneçamos tão-somente na imaginação, mas tornemo-nos capazes de nos esforçar em ser nesse primeiro momento de vislumbre de uma capacidade de entender como é ver o mundo na óptica de Deus, a vida em toda sua abundância e potência de existir, ser de potência, ser eterno na eternidade – o que não quer dizer ser imortal. Ser eterno como efeito imanente à vida que em ser se exprime e, ao modo de um ser, ao produzir uma vida, ela, vida se expressa. Ou seja, ser e existir

imanescentes a uma causa absolutamente infinita, a uma substância eterna que existe em si e por si mesma, ser de um modo numa absoluta e infinita simultaneidade de realidades. Esforcemos nesse vislumbre em ser capaz em tanta abundância, potência de ser e existir nessa natureza, ser nessa natureza, ser num mundo não mais constituído de coisas como *sendo* objetos, o mundo como os objetos, os objetos *sendo* o mundo, o mundo como limite de objetos, objetos limitados num espaço exterior extensivo... Ser um *modo*, um corpo numa existência potente compreendida num absolutamente infinito. Ver, conhecer, ser, existir, pensar num mundo de extensão infinita e de pensamento infinito, ambas as potências de ser e de pensar – perspectiva de Deus... Desse modo, *o mundo exterior existe como um actor num palco: ele está lá mas é outra coisa*⁵. Ah, essa grandeza toda! Natureza, Deus, Substância, Vida. Nada disso é religião, só se por ventura quiséssemos permanecer na imaginação. Não imaginemos tão-somente, mas compreendamos que Natureza, Deus, Substância, Vida são *Ética* – encontros, aprendizagens, prazeres, alegrias, amor, relações... Mas também meros acasos, dores, tristezas... Então, um corpo *com* literatura. *Um* corpo... Não imaginemos tão-somente, mas compreendamos que esse encontro, com tudo que põe em relação, é mesmo a vida em toda sua potência. Corpo e literatura ressoam a eternidade e quando compreendemos ou explicamos essa ressonância é porque conhecemos essa relação da vida, sua natureza essencial. Corpo e literatura ressoam a eternidade como núpcias de um encontro que faz desaparecer e emergir outro que não o velho leitor e o velho escritor do livro. Uma aprendizagem na morte, um morrer como uma experiência em plena vida. Vida, agora, já outra coisa por ressonância do encontro. Leitor, escritor, texto, livro, palavras ressoam – a literatura constitui-se num espaço de ressonância. Espaço de ressonância em que há o abandono total ao que não se sabe para *talvez* amar o que se compreenda ou não dessa zona aberta desestabilizadora, de ameaças, de angústias, do não saber de antemão o que se pode nesse encontro. As formas postas e dadas como certas ruem. O corpo, a vida não são formas decididamente fechadas, mas potências que num jogo entre-forças decidem agonicamente o resultado da potência posto e dado um encontro – afirma ou não a vida? Não há forma para um encontro, mas encontros de formas se dis-

põem a um encontro. Encanto de um encontro e desencanto das formas. A vida se coloca em um jogo de criação – vida e morte estão em jogo, colocam-se em jogo, se jogam... Questão vital. Nesse jogo morre um corpo e nasce um corpo. Poesia da vida – a vida de um corpo no implicar o corpo na Vida absolutamente infinita. Corpo de *uma* vida em experiências totais e necessárias da eternidade – uma experiência desse jogo aberta e operada também pela e com literatura. Um jogo que se joga no reino do limite do ilimitado, da eternidade e, nesse jogo, não se pode temer dar-se por inteiro. A dor é imensa, mas necessária. Mas, o corpo é mais forte e pode mais que qualquer ilimitado do limite e do que qualquer atributo atribuído por palavras possa ter. Viver essa dor imensa necessária a *uma* vida em eternidade cabe a um corpo – um corpo *poético* substancial em experiência viva de eternidade, fora do tempo de um antes e depois. Um corpo *enquanto* ser tal, dado intensamente aos encontros, amante incondicional do que o arromba, o assombra, o desestabiliza, o ameaça, angustia... Esse sofrimento propicia(-nos) uma aprendizagem pelo sofrimento. Nele, resta-nos aprender, e essa aprendizagem depende necessariamente de (nossas) composições e intervenções nas relações sofridas. O sofrimento do corpo aqui é de um dar-se a ser tal em uma realidade que depende de outras coisas de efêmera duração que dura enquanto o encontro.

Corpo *poético*, vivo, que (re)afirma sua essência – a sua potência –, corpo afecção da vida em *uma* vida, corpo *poético* da afecção que se exprime, a vida ela mesma, um corpo vivo da afecção da vida que expressa a potência da causa de si mesma, de seu princípio absolutamente e infinitamente criativo. Um corpo *poético* como modo de ser desse absoluto e que pode, em seus encontros, produzir um mundo e que o compreenda em sua infinita extensão e pensamento. Um corpo de produção de novos e frescos sentidos, de mundos-outros na potência do reino do limite do ilimitado – a eternidade –, aquém e além do limite posto e dado a uma pequena razão, a uma boa consciência que se regozije em volteios de um ilimitado do limite – acasos sem razão. O que pode um corpo com um livro ou com palavras em estado de núpcias?

Um corpo *poético* para ser e saber-se na eternidade não pode ler e escrever se não for por amor. *Uma* vida em eternidade vale em si mesma, o

valor é a vida, *uma* vida que constitui. Concebê-la e realizá-la ao mesmo tempo, eis o privilégio de *uma* vida. Conceber e realizar uma vida com a matéria do mundo, afecções da vida, compor-se como corpo, matéria ciosa que dá corpo ao corpo, matéria de coisa que dá corpo ao corpo de *uma* vida a Vida, *uma* vida à Vida. Uma vida com literatura pode ser uma aprendizagem em ser, uma aprendizagem afirmativa de um sim a *uma* vida em ser. Pode ser uma experiência com palavras num modo artista, uma experiência que afirme a ação de um corpo poético em vida. Em vida, sim. Mas, *não, conceber e realizar* essa ação é o grande privilégio de alguns. Mas, mesmo assim não se desiste. *Não, continua ele, corpo poético falando como se ela uma vida, a eternidade..., não estivesse ali, não é mesmo com bons sentimentos que se faz literatura: a vida também não. Mas há algo que não é bom sentimento. É uma delicadeza de vida que inclusive exige a maior coragem para aceitá-la⁶.*

Por Deus! Conceber, realizar e afirmar por amor esse grande privilégio que alguns têm em conceber e realizar. Um corpo poético não se define, não é um nome, não é substantivo – é Substância. Compreendamos essa inteligência em ser. Um corpo poético concebe e realiza mundo, produz concebendo e realizando como um modo de qualidades infinitamente infinitas do que se exprime em extensão e pensamento. Conceber e realizar são ações ou, num gesto de ser, expressão de ser e que um corpo pode compreender essa concepção e realização de ser e existir numa delicadeza corajosa de aceitação em *uma* vida. Compreendamos, oh Deus!

Compreendamos com o livro, com as palavras, com a literatura... Há muitas maneiras de compreender. Ao modo de um corpo poético é sempre encontrar-se num instante de amor – encontro para amor. Encontro, sim. Amor, o fundamental. Encontro sim, pois nos faz pensar em amor, pensar no amor, pensar amando, ser amante e amado no amor de um encontro... Um encontro de amor que tem muito a ver com o conhecimento, mas um conhecimento muito especial. Então, falar de corpo e literatura é falar de amor, de encontro. É melhor, digo, mais potente, falar de amor num encontro do que falar do conhecimento do primário, do secundário e mesmo do universitário. Falar de corpo e literatura como encontro de amor, como amor no encontro é desposarmos em núpcias algo sempre outro de *uma* vida numa relação com o

vivo de toda vida. Amor, amar, encontrar... Derivações modais, devires modais com todo vivo do mundo, com todo ser do mundo. Da palavra *mundo*, se um corpo devém vidente e audiente, vê e ouve um mundo por seus afetos num modo gerúndio. Vê-se e ouve-se *Munnnndo*. Um *sendo* do absolutamente e infinitamente tudo. Ser nesse mundo é ser tão grande que não cabe tamanho algum, nem palavra pensante de uma mente qualquer, principalmente uma que não saiba amar, ou melhor, que não sabe ou saiba por amor. Ser não é mesmo infinitivo. Está mais para infinito, absolutamente infinito. Ser gerúndio – *sendo*. Ser gerúndio nessa grandeza incomensurável, impensável e indizível é pleonasma. Ser é outro sendo. Sendo é ser tão gerúndio que não cabe nem dizendo. Possíveis poucas palavras para definir *uma* vida desse modo-gerúndio de ser tão: viver não é ter uma vidinha qualquer...

Encontrar: ações de ser com o todo vivo, (re)afirmar permanente-mente sua essência – e a do corpo é sua potência. Encontro: expressão em uma relação de *uma* vida com a Vida viva absolutamente infinita, o *kairós* do aqui-já. Corpo: expressão-ação em ser *numa* vida, uma ética-estética de vida em toda sua potência. Mas, também podemos suposta-mente encontrar, ter supostamente encontros com pessoas, com meros objetos, com um estado de coisas imaginadas imóveis... Digo supostamente, pois esse encontro pode não ser por amor e, o encontrar, ser mero acaso. Mas, nesse suposto encontro, no mero desconhecimento do que se passa num encontro objetual, esse encontro pode produzir um encontro de amor, ou seja, produzir ações afirmativas da nossa potência, alegrias... Algo se passa, faz passar, passa-se. Quando no amor, um encontro guarda sempre um segredo de algo grande que pode se usufruir. Um encontro de amor: uma alegria ou prazer que acompanha a ideia do ser ou da coisa desejada. Esse amor não se ensina, mas aprende-se com ele, sobretudo uma entrega incondicional ao corpo que se deseja por amor, que se deseja amar. Não se é como antes no amor. Um corpo antes do amor, *se fosse uma pessoa inteiramente só, como era antes, saberia como sentir e agir dentro de um sistema*⁷.

Um suposto caso de amor – corpo e literatura –, por exemplo. O corpo com a literatura, com a palavra em estado de arte pode ser uma relação de amor entre um leitor e, por exemplo, um objeto livro, quando esse encontro

produz um espaço de ressonância, um espaço-entre leitor e livro. O que pode esse encontro? Pode ao menos ensinar o amor de um modo que nenhum outro modo pode(ria) ensinar. Não o que é o amor a uma coisa específica, a um objeto, conteúdo de matéria, mas esse amor que só acontece quando se encontra, quando se abre para um encontro, quando se dis-põe ao amor. E o amor assim dis-põe uma pessoa inteira-mente só de uma razão pobre em suas paixões so-mente imaginadas, e abre a uma compreensão mais afirmativa de sua potência. O encontro, por exemplo, de um leitor com um objeto escritor/livro ou mesmo palavras pode ser uma aprendizagem para *uma* vida. A literatura ao criar um espaço de ressonância entre leitor e escritor/livro opera nesse sentido enquanto potência de/para uma aprendizagem de *uma* vida. O leitor aprende a amar e um livro tornar-se-á o livro dos prazeres, *a origem da Primavera ou a morte necessária em pleno dia*⁸ e essa primavera original torna-se *uma* vida para esse que aprendeu a amar. E há várias, mesmo num só mundo. E há várias e várias que são diferentes, *uma* para cada modo em estação de Primavera na grande estação Vida. E da morte necessária em pleno dia de Primavera nasce um corpo. Esse corpo primaveril que se define amando, por aquilo que pode na vida *enquanto* estação de *uma* vida, pelos seus atravessamentos, por sua capacidade de afetar e deixar-se afetar nos encontros no amor. Corpo que se dá por amor, tanto em paixão como em ação – corpo *poético*. O que pode um corpo que nasce em plena estação de Primavera? Primavera da palavra!

Na Primavera, estação de um corpo *poético*, na morte em pleno dia, nascer é a aproximação de uma experiência amor-morte e, o corpo, o confronto ou o regime nesse atravessamento amor-morte com outros corpos. A vida, ou melhor, *uma* vida, passa pelo jogo de conciliação causa-efeito nessa e dessa travessia. Essa travessia para o corpo *poético* com a literatura implica uma tarefa de aprendizagem que é fazer *partir, partir, e evadir-nos... Atravessar o horizonte, penetrar numa outra vida*⁹, na passagem cultural superposta de signos. A travessia como fuga, produção de linhas desterritorializantes nas linhas prosaicas da cultura de palavras. O fugir de um corpo, ao modo de um corpo *poético*. Um modo de um corpo produzir uma ação ativa de corpo, ação de uma potência de existir e de pensar de um corpo ao modo de *uma* vida. Um

corpo ativo na potência de existir e que o pensamento é a ideia da potência da ação nômade de corpo. Assim, *fugir, não é de todo renunciar às ações, não há nada mais activo do que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não forçosamente os outros, mas fazer fugir alguma coisa, fazer fugir um sistema como se cava um túnel*¹⁰. Fugir e fazer fugir numa travessia; corpo poético enquanto travessia, na travessia da conciliação causa-efeito aquém e além de representar uma época de imaginações que con-figuram uma paisagem cultural, imaginações de sempre quererem *já ser uma época histórica*¹¹, fazer dos encontros de cada geração (já um encontro) *as formas novas e as tendências epocais nas artes e no pensamento*¹². O corpo poético, na ação, repensa (os) sentidos das imaginações da época, o sentido da relação, relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo – *uma vida na vida*. O corpo poético na ação faz pensamento, e *fazer do pensamento uma potência nómada não é forçosamente agitar, mas repelir o modelo do aparelho de Estado, o ídolo ou a imagem que pesa sobre o pensamento, monstro acocorado sobre ele. Dar ao pensamento uma velocidade absoluta, uma máquina de guerra, uma geografia, e todos esses devires ou caminhos que percorrem uma estepe. Epicuro, Espinosa e Nietzsche, como pensadores nómadas*¹³.

O corpo poético não é o corpo de uma ideia de época, mas corpo e ideia indissociáveis de uma estação, uma estação de Primavera, de um pensamento de uma época nascente – gerúndio primaveril num aqui-já ser sendo... Primar nascente do corpo. Prima corpo nascendo em Primavera, persevera poético aqui-já em estação sendo época. O que pode um corpo sendo época? A seu modo, ao menos um pensamento que é *salvar a época e a sociedade de sua errância na tradição, aprender o bem que elas trazem consigo – um bem indiferível e não epocal. Assumir essa missão seria sua única ética, a única política à altura deste nosso tempo*¹⁴.

O corpo poético, então, como um corpo ético com a linguagem prosaica deste nosso tempo, do tempo de uma época que dura. O corpo poético, enquanto ético, opera uma política e um pensamento na prosa comum da época. Sim, um pensamento poético que como diz o poeta Paul Valéry algures, *faz viver aquilo que ainda não existe*. Corpo poético ético-político que com a

literatura abre(-se) uma experiência corpo-literária, uma experiência que faz e abre o corpo. Ou melhor, o corpo poético “é” nessa experiência de abertura, “é” na experiência total com a linguagem prosaica de sua época, “é” a estação na época, “é” a experiência de época como estação fresca, vento de Primavera que sopra no inverno gelado epocal. Mais que uma paixão, por mais alegre que seja e dure um tempo, a *missão* do corpo poético é um não-tempo epocal e uma felicidade antiga. Ao corpo poético *tão-pouco é remédio exprimir as paixões. Fixar as paixões e a sua melancolia, o seu fluxo inexorável, na palavra. Porque esta palavra – sombra de sombra – da poesia não pode dar-lhes eternidade, porque não extraiu a sua unidade verdadeira. É uma antinomia querer salvar a paixões, pois por trás das paixões está o que mais importa: a alma que as suporta e as padece. As paixões são algo estranho dentro de nossa alma e por causa delas a nossa alma não acaba de ser nossa. As paixões contradizem-se entre si e uma única paixão já se contradiz a si mesma e à própria alma onde habita. A alma agitada pela paixão, por uma só, rasga-se a volta-se contra si, carece de unidade, e é, em cada momento, “outra” numa terrível monotonia. É monotonamente contraditória*¹⁵.

O corpo poético nasce arte, “é” sendo arte, corpo em estado de arte. Não é função de um vivido do corpo – corpos-signos-mundo –, mas função da linguagem de *uma* vida indizível em seu modo em vida. E, em ser poético, expõe o enigma do mundo objetivo, seus múltiplos signos, dá a ver um rosto sem palavras, o silêncio, mas – *aquele que advém daqui – não é uma simples suspensão do discurso, mas o silêncio da própria palavra, a palavra torna-se visível: a ideia da linguagem. Assim, o silêncio do rosto é a verdadeira morada do homem*¹⁶. A linguagem do corpo poético é a linguagem (in)dizível do sensível da percepção do corpo, uma linguagem que resiste ao dizer discursivo, à prosa do mundo, uma linguagem que re-com-põe um mundo, o poético do mundo em corpo aquém e além de qualquer *métron* humano. É a arte de criação permanente A expressão dessa arte poética não *tem por encargo exprimir o inexprimível*, mas *toda tarefa da arte é inexprimir o exprimível, retirar da língua do mundo, que é a pobre e poderosa língua das paixões, uma outra fala, uma fala exata*¹⁷, o inexprimível exprimir de cada rosto, o segredo por natureza.

O corpo em estado de arte encarna a realidade que produz e a diz ou, quando produz esse modo de ser poético e a diz, é porque encarna uma potência singular de mundo. Enquanto a diz, um corpo faz poética na prosa do mundo e essa poética do corpo da prosa é linguagem da ideia do corpo poético, dessa singularidade que encarna *uma* vida constituindo-se com o prosaico, e não de uma paisagem cultural definida por uma exterioridade com limites definidos, das coisas do mundo prosaico. A língua do corpo poético é a experiência de invenção de uma língua na linguagem, uma língua pela experiência de uma violência ao ilimitado dos limites da linguagem. Numa palavra, uma língua contra a linguagem prosa do mundo. Poetar é resistir. Prosear é simbolizar. Poetar: ação afirmativa de *uma* vida de um corpo em estado de arte ante ao prosear. Resistir ante ao simbolizar. Poetar: verbo da língua de um corpo que diz o inexplicável da vida, do mundo, do real. Escrever como modo de rastro do poetar, um modo de deixar rastros. Poetar ao modo de escrita, então, passa a ser uma ação de deixar rastros indeléveis dessa experiência de resistência ao que a linguagem quer como significante. Escrever como rastro de resistência enquanto potência de sentido a *uma* vida na linguagem que nos interpreta e a si mesma e vive a nos dar programas de vida. Escrever, resistir, fugir produzindo linhas de fuga, mas *o grande erro, o único erro, seria pensar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga no imaginário, ou na arte. Mas fugir é, pelo contrário, produzir o real, criar vida, encontrar uma arma*¹⁸. Escrever como uma ação estrangeira e estranha de uma língua na linguagem *significante* do mesmo, do mesmo do mundo, da Terra. Escrever como ação de um corpo de experimentação-vida, a única ação contra a *significância e interpretite* que *são as duas doenças da terra, os casais do despota e do padre*¹⁹, escrever como ação de amor e *só se escreve por amor, toda escrita é uma carta de amor: a Real-literatur. Não se deveria morrer senão por amor, e não de uma morte trágica. Não se deveria escrever a não ser por essa morte, ou cessar de escrever senão por esse amor, ou continuar a escrever, por ambas as coisas ao mesmo tempo*²⁰.

Corpo poético enquanto a-paixonado, corpo de amor, do amor, para amar. Corpo em estado de arte na linguagem do mundo. Corpo languageiro de *uma* vida, como língua *encarnada* em respirar no vivido – a vida,

naturalmente... Mas esse respirar do corpo é um ar do desde-já, um ar de liberdade, um ar infinito, uma lufada longa e inesgotável de vida. O corpo diz nesse sopro a língua de *uma* vida, a vida, como jamais foi vivida, envolvida por natureza. A língua do corpo que respira o ar desde-já é rente a um corpo da *lógica do sentido*, a língua do corpo fugidio da lógica da significação, das paisagens limitantes dos estados postos pelo ilimitado do limite da vida prosaica. Ilimitado do limite que obriga a dizer a natureza como coisas postas por palavras das coisas e as coisas de natureza cada uma a seu modo a ser pelas palavras que matam o ser sendo – “isto é!” O corpo da lógica do sentido resiste, insiste ou subsiste às atribuições da vida, resiste aos atributos atribuídos à vida, para a vida, às suas missões, às proposições significativas *para* um corpo expressar e designar a vida – “a vida é isso e ponto!”. O corpo poético resiste ao “isso é”. Ao ponto final do “isso é” escreve vírgula e continua com reticências,... *Não queremos mais suportar o peso das “verdades”, continuar sendo suas vítimas ou seus cúmplices. Sonho com um mundo em que se morreria por uma vírgula*²¹. Um corpo de expressão antes do “é”, corpo pro-posições, ou seja, sendo antes que se ponham posições definitivas, proposições proposicionais, significativas ou atributos atribuidores. Corpo poético sendo complexo de relações, sendo estrangeiro às linguagens do “isso é”. A palavra de um corpo poético... *A beleza extrema e íntima está nela. Mas é inalcançável – e quando está ao alcance eis que é ilusória porque de novo continua inalcançável. [...] Há uma coisa que me escapa o tempo todo. Quando não escapa, ganho uma certeza: a vida é outra*²², uma vida passa a se constituir. O sentido ou o expresso dessa *uma* vida pela lógica do corpo poético é complexo. O sentido não é significação. *De um lado, não existe fora da proposição que o exprime. O expresso não existe fora de sua expressão. Daí porque o sentido não pode ser dito existir, mas somente insistir ou subsistir. Mas, por outro lado, não se confunde de forma nenhuma com a proposição, ele tem uma “objetividade” completamente distinta. O expresso não se parece de forma nenhuma com a expressão. O sentido se atribui, mas não é absolutamente atributo da proposição, é o atributo da coisa ou do estado de coisas. O atributo da proposição é o predicado, por exemplo, um predicado qualitativo como verde. Ele se atribui ao sujeito da proposição. Mas o atributo*

da coisa é o verbo verdejar, por exemplo, ou antes, o acontecimento expresso por este verbo; e ele se atribui à coisa designada pelo sujeito ou ao estado de coisas designado pela proposição em seu conjunto. Inversamente, este atributo lógico, por sua vez, não se confunde de forma alguma com o estado de coisas físico, nem com uma qualidade ou relação deste estado. O atributo não é um ser e não qualifica um ser; é um extra-ser²³.

A ação do corpo poético na prosa significativa do mundo passa, então, por constituir uma língua da *lógica do sentido* de *uma* vida como modo de atributos atribuidores (não atribuídos) que são expressões, ou seja, atributos da vida absoluta e infinita, vida redonda ampla que se exprime. O corpo poético toma a vida como matéria, toda vida do corpo é matéria, toda matéria de vida pode ser vida – num encontro. Matéria como afecção da vida como absolutamente infinita. O corpo – a variação da vida em seus modos, em suas maneiras de mistura que produzem *uma* vida indicativa de *um* corpo de *uma* vida pela natureza de sua modificação, de sua capacidade de afetar e deixar-se afetar. Dizer em palavras essa *uma* vida, cada corpo diz a seu modo uma e mesma coisa – a univocidade da Vida, uma expressão substantiva sem sinônimos. Corpo poético como uma extensão e uma ideia de *uma* vida que se constitui em encontros... Corpo poético que deseja mais (ou menos) que uma paisagem humana, *uma* vida não-subjetiva criada, *uma* vidência da eternidade ante as sensações da paisagem, *uma* visão que não é a de um sujeito, de um eu, de um indivíduo, que não é mais *sua* visão pessoal, mas perceptos como paisagens não humanas da natureza. Corpo que deseja ser ou se tornar *um* corpo com ela, um corpo que passa a ela quando ela passa a ele, ou seja, afeto, devires não humanos do eu, do sujeito, do indivíduo, do homem. Corpo poético enquanto condição do Universo, corpo tão grande que já não se pode chamar de condição, talvez, Grande Ser Tão. Ser Tão de um corpo que nunca cansa de ser, mas quando se cansa “é porque...” não pára de ser eu, indivíduo, sujeito, homem, alguma coisa que é ou que seja. O corpo poético é de grande saúde pelo desejo de Ser Tão, ou doente por manquitolar nas paisagens do ser. Estranho paradoxo do ser tão grande e do ser alguma coisa menor que ser tão grande. Estranho paradoxo de ser par ou ímpar na vida, mas um paradoxo da condição para *uma* vida, como em Guimarães Rosa algures, no *real* que se

*dispõe pra gente e que é mesmo no meio da travessia, pois, porque no Impossível é que está a realidade*²⁴.

O corpo poético “é” quando, ou melhor, enquanto empreende e compreende a experiência da travessia, o corpo que toma as palavras da linguagem, torna-se uma língua estranha quando perde o tempo necessário em cada uma de modo que retomem o seu sentido de vida. O corpo poético perde tempo, perde-se, des-tempera-se, medita a palavra e re-descobre-a a si mesmo *numa* vida. Corpo poético, corpo da iniciação do corpo *numa* vida, a experiência de uma iniciação no meio da travessia, aprendizagem em ser tão. O corpo poético é riobaldo na experiência de travessia em ser tão. Corpориobaldo – aquele que faz a travessia do rio denso da linguagem do mundo numa língua para ser tão.

Aprender a amar a travessia, a travessia como aprendizagem de amor, pois amor é encontrar. E dar-se ao amor é querer tudo, desejar tudo sem restos, isso *porque o amor nunca escolhe uma determinada propriedade do amado (o ser-louro, pequeno, terno, coxo), mas tão-pouco prescinde dela em nome de algo insipidamente genérico (o amor universal): ele quer a coisa com todos os predicados, o seu ser tal qual é. Ele deseja o qual apenas enquanto tal – este é o seu particular fetichismo*²⁵.

Oh, Deus! O amor, o baldo, a travessia, a vida... Amor de uma aprendizagem dos prazeres iniciados com a primeira paixão num encontro que deseja ardentemente, aprendizagem de uma ação ativa em função das afecções (paixões ou ações) de um modo do absolutamente infinito. Aprendizagem de um corpo poético compreendendo o seu sofrimento, suas paixões, aprende a amar, aprende o amor, pois enquanto o corpo sofre não há nada em comum entre ele e os corpos que encontra, não há *uma* vida por amor. Aprender esse amor é aprender a agir ativamente e a causar necessariamente sua existência – o acaso vira um caso de amores possíveis de *uma* vida. No amor, o corpo é divino, sabe-se divino. Bem diz: *Meu amor pelo mundo é assim: eu perdoo as pessoas terem um nariz mal feito ou terem lábios finos demais e serem feias – todo erro dos outros e nos outros é uma oportunidade para mim de amar*²⁶. O amor é o apetite da mente e do corpo pelo mundo, amor de *uma* vida no mundo em amor, uma ligação do corpo e, por ela,

a todas as afecções que sofre por amor. Amor de um modo em experiência e que possibilita àquele que compreende *a si próprio e aos seus afetos, clara e distintamente, amar a Deus e com efeito, esse amor está ligado às afecções do corpo, e é por elas reforçado. Portanto, deve ocupar a mente ao máximo*²⁷. Aprender a amar, compreender o amor, uma aprendizagem em *uma* vida, amor em *uma* vida de um corpo, corpo poético.

Aprender a amar, aprendizagem no amor. Compreender no amor é ousar morrer enquanto certa forma (ou forma certa?) que se constitui na vida. No caso, essa certa forma de um corpo com livros, com a literatura, com as palavras diz ousar morrer da/na forma certa que essa ensina no conjunto de livros, suas linguagens, palavras que *devem* ser lidas em dada cultura ou mesmo para uma cultura a dar. *É uma naturalidade morrer, transformar-se, transmutar-se. Nunca se inventou nada além de morrer. Como nunca se inventou um modo diferente de amor de corpo que, no entanto, é estranho e cego e entretanto cada pessoa, sem saber da outra, reinventa a cópia. Morrer deve ser um gozo natural. Depois de morrer não se vai ao paraíso, morrer é que é o paraíso*²⁸. Morrer é poder ser destruído por algo mais forte. Esse o risco da existência enquanto se existe – o que pertence a um corpo numa relação já não mais lhe pertence em outra. Algo sempre morre sem que se deixe de pertencer em outra relação. Efetuar relações enquanto se existe é um inevitável morrer *com* outros corpos. O corpo ao efetuar um esforço de existir perseverando em seu ser se serve de outros corpos e outros corpos servem-se dele indefinidamente, ou seja, o corpo é causa de existência de outros corpos assim como de sua destruição. A grande e derradeira destruição – a morte... Na morte não desaparece o corpo, mas partes que pertencem ou que pertenciam a “uma tal” forma de corpo são determinadas a entrar em outras formas de relação. Morrer é sempre aqui-já em todo encontro, o risco necessário de existir enquanto se persevera numa existência. Sim, aprender a morrer... Não se pode mais nada melhor do que viver aqui-já em outras relações. Desejo de aqui! O paraíso “lá” não tem razão, “lá” não se sabe... O paraíso não é em qualquer “lá adiante” ou “lá em cima, no alto”. O corpo no paraíso do aqui-já vive, persevera em seu ser, deseja aqui-já... As palavras... Há, sim, também palavras para dizer do viver e morrer nos encontros, em cada

relação e no risco de existir em morte. São palavras do/de “enquanto” a vida abraça a morte, palavras da modalidade de um corpo “assim como é” numa vida. Talvez sejam essas as palavras de um corpo “enquanto o grande abraço”: *desenrolo-me apenas no atual. Falo hoje – não ontem nem amanhã – mas hoje e neste próximo instante perecível. Minha liberdade pequena e enquadrada me une à liberdade do mundo – mas o que é uma janela senão o ar emoldurado por esquadrias? Estou asperamente vivo. Vou embora – diz a morte sem acrescentar que me leva consigo. É estremeço em respiração arfante por ter de acompanhá-la. Eu sou a morte. É neste meu ser mesmo que se dá a morte – como te explicar? É uma morte sensual²⁹.*

O que pode ser uma experiência ou aprendizagem de morrer ou aprender a morrer com a literatura? Como aprender a morrer com a literatura? O corpo do livro da cultura é o corpo que não pode morrer, e não morre porque é fixado na forma significativa de uma cultura despótica da forma de livro, linguagem, leitor, autor e crítico aprisionados (e que aprisionam) a vida fazendo dela alguma coisa significativa, de significado, de moral, de uma ordenação, de uma captura, de uma apropriação cultural, de uma verdade, de uma razão que contém o conhecimento exato do mundo, a palavra de ordem... O corpo do livro da cultura não pode morrer, embora como um corpo, queira morrer ou, deseja a morte no amor – se ama. Não poder morrer é não poder amar a seu modo. No máximo sofrer de paixão, ser um triste ser. Não morrer é não desejar outra coisa senão a verdade do livro, das palavras dele, do autor, do crítico, sendo esses dois últimos os elementos transcendentais à experiência literária, essa ela mesma imanente e capaz de proporcionar verdadeiros encontros de amor com o livro, com o texto, com a linguagem, com a palavra, espaço de aprendizagem do amor. E, porque não, fundamentalmente um morrer das/nas formas para uma vida intensiva que avança em movimentos de aprendizagem lançando-se das articulações prosaicas do livro, do texto, das palavras, do autor, do crítico, da linguagem da cultura a articulações e encontros de amor poéticos com a palavra. O corpo com a literatura constituindo espaços-outros de existência de *uma* vida de pensamentos, sentimentos e ações livres porque não mais aprisionados, ordenados, capturados, apropriados culturalmente, mas fugidios em sua natureza, em sua potência em amar, desejar, apetecer uma

vida ambicionada ao máximo em seu existir sendo. O corpo da vida prosaica quer o nome, a vida como nome, mas um corpo poético, “aceita” o desafio da prosa, aceita o nome, a vida, porém, deseja-a não como um substantivo, mas amá-la substantivamente como substância em todos os seus infinitos atributos.

A aprendizagem do corpo poético é a aprendizagem de amar o mundo, as suas formas, os corpos prosaicos, a prosa do mundo. O amor nessa aprendizagem ama tudo da prosa, *apesar de* serem formas, ou *apesar dessas* formas, por elas o mundo ser nomes, prosas. O corpo poético em seu modo presente diz ao mundo, da vida, *apesar de* tudo que ele é, mas *uma das coisas que aprende é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o apesar de que nos empurra para frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de... E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso*³⁰.

E às vezes se espera a vida toda por *uma* vida. Não se compreende que o “às vezes” de *uma* vida é toda vida que se espera – e que chega. *Uma* vida vale a vida toda, enfim, vale a espera. Não se consegue esperar *uma* vida se não for por amor. O amor é o valor da espera, do desejo da espera *apesar de*, o que vale a espera. *Apesar de tudo, continuamos amando; e esse “apesar de tudo” cobre um infinito*³¹. A espera ensina. A espera é aprendizagem de um corpo para uma vida, aprende-se e *esperando com paciência* talvez compreendendo *que ela estivesse pronta, enquanto ele próprio*, o corpo em amor, *dizia de si mesmo que estava em plena aprendizagem, mas tão além dela que ela se transformava em ínfimo corpo vazio e doloroso, apenas isso. E ela ansiava por ele porque exatamente ele lhe parecia ser o limite entre o passado e o que viesse – o que viria? Nada, pensava em desespero. Esperava, já que não tinha a fazer senão dar aulas de manhã no curso primário ou então estar de férias como agora, ler um pouco, comer, dormir, e encontrar-se. [...] E esperar*³²!

A espera, o amor, a morte... Uma vida do corpo. O corpo de *uma* vida. Não é o corpo que espera, que ama, que morre. Mas, a espera, o amor, a

morte são a arte de um corpo, a via-expressão de *uma* vida mais que pessoal, psicológica, humana... A espera, o amor, a morte dão corpo, corpo no ser com tudo do mundo. O corpo como dádiva da espera, do amor, da morte do ser tudo do e com o mundo. A espera, o amor, a morte são como estados provisórios, motes da criação, modos de vida de corpo e alma aquém e além de uma hipótese de corpo-homem, corpo-indivíduo, corpo-sujeito... O corpo num modo de corpo poético é a potência inimaginável do corpo para *uma* vida, o que é o mesmo que dizer, ante qualquer prefiguração de destino para uma vida instituída.

As prefigurações de destino, ou seja, o figurar imaginado para uma vida instituída dadas por um tipo de literatura, para um corpo poético, não passam de pontos de partida. O corpo com o texto, o corpo com a palavra, o corpo com a língua etc., passa numa relação que nunca é uma e mesma linguagem de/para todos os corpos. As prefigurações de destino comum com um texto com as palavras interessam a uma relação de superfície, a imaginações ou usos mentais que impedem que o mundo entre com amor. O texto dado de/para todos quer a paz de superfície por uma verdade a transmitir pelas palavras via textos nas formas dos corpos-livros tirados de um grande conjunto e que devem ser lidos para uma cultura ou destino para uma cultura. É a forma professoral de um suposto ensinar a amar coisas, aqui no caso, objetos-livros, matéria-disciplina, por exemplo. *O saber é tudo com que somos entupidos e que nem sempre tem uma utilidade. O conhecimento é a transformação de um saber numa experiência de vida*³³. O corpo poético com a matéria-disciplina opera uma disciplina com a matéria, estofo de um corpo e um mundo. O destino comum do texto dado a ler numa matéria-disciplina para certezas das coisas pelas palavras, para o corpo poético, é um sussurro de *uma* vida secreta à espreita e à espera para o amor, para a morte em toda sua forma. Fazer matéria de corpo, de vida, com um destino comum de palavras com uma forma matéria-disciplina-literatura, pode produzir *uma* vida de um modo. *Uma* vida ainda que mesmo a princípio, no acaso de uma paixão alheia ou suposto amor pela matéria, e que o corpo sente e, *se não vinha clara, pelo menos sabia que havia um sentido secreto das coisas da vida. De tal modo sabia que às vezes, embora confusa, terminava pressentindo a perfeição*³⁴. Corpo, texto, palavra,

linguagem são como pre-textos de um destino in-comum do corpo, do texto, da palavra, da linguagem. Pre-textos de um modo de espera, de morte, do amor de um corpo pela vida. Pre-textos que ex-põem os prolongamentos e/ou tensões de nós mesmos em ser, de corpos destinados à pré-destinação comum, de uma democracia instituinte, o comum de/para todos.

O corpo *com* a literatura, com as palavras, passa a *ser* na ação, no agir. Ação *sendo* do corpo com o texto, com a palavra, com a linguagem numa aprendizagem que lança o *mesmo* a articulações de matéria-corpo de vida a espaços-outros do corpo, do texto, da palavra, da linguagem em dimensões éticas e políticas ante as determinações e destinos comuns de/para uma vida. *A invenção da literatura é como se ela fizesse mudar o solo da responsabilidade, precisamente usando, até o abuso deliberado, violando (e é um gozo que exige seu direito, até mesmo impõe sua autorização, seu devir-lícito) a modalidade do como se, inventando-lhe um novo elemento, revelando talvez sua infinidade. Essa infinidade, ou melhor, essa abertura sem fim para a historicidade do político, eu a associo sempre a um certo conceito da democracia por vir*³⁵.

O corpo com a literatura é pois, uma relação de espera, amor e morte solitária do corpo de/para um destino comum com o texto, com a palavra, com a linguagem. É ser incomum pela solidão no comum do mundo do ser, de um mundo comum do ser do mundo como destino. A solidão in-comum e em comum na aprendizagem com a literatura não serve a ninguém no todo comum do destino do mundo do ser. A solidão é um corpo do corpo, um texto do texto, uma palavra da palavra, uma linguagem da linguagem. A solidão encarnada de um corpo *poético* é um corpo estranho, em morte; o texto, um corpo estranho, rabiscos em vírgulas e reticências extra-gramaticais; a palavra estranha, um corpo que respira em gagueira; a linguagem, o espasmo de um corpo sem linguagem, uma afasia. Um corpo estranho, um texto estranho, uma linguagem estranha de um corpo que não corresponde a nada, mas persevera em ser tudo. Uma estranheza que abre ao instante aqui-já de toda vida. E se o corpo resiste, resiste ao “é da coisa” estranha, ao segredo de natureza toda. O corpo medra no medo de entranhar-se em ser com o mundo. O medo desafia a soltura ao grito de felicidade solitária de nascer com tudo num instante e para

todo instante. O corpo balbucia ainda razões de dúvidas ao grande ser tão da vida e, em vida, pode balbuciar algo como – *tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? Ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena*³⁶. Essa dúvida é talvez um fôlego para a felicidade última em ser em um grande amor. Aqui...

Agora, ainda-já, a aprendizagem com a literatura é aprendizagem desse grande respirar para o grande amor. É ainda-já aprender a abertura enquanto ainda-já se jogam com/as chaves das palavras das coisas, de toda linguagem dos significados de um mundo em que aqui jazem coisas nomeadas para serem “isso é isso e não aquilo”. Aprender o respirar em grande fôlego com a literatura passa por uma aprendizagem do corpo em fazer(-se) respirar uma vida com o texto, uma respiração experimental de espera, amor e morte pelo texto, pela e com a palavra, pela e com a linguagem que diga o inominável, o indizível do que diz nominável, dizível, referencial da representação, da significação, do destino comum das ficções do texto, da palavra, da linguagem. Para ler as ficções comuns de um texto direcionado para todos e para um todo, o corpo poético tem de aprender a jogar fora as chaves conhecidas e dadas a conhecer para todos do texto, da palavra, da linguagem, das razões pequenas do texto, suas tristezas, pequenas alegrias, o caso do acaso. O corpo poético tem de *ser* ele mesmo a ficção, a composição singular na imanência de todos os valores que se põem e se dão ou não à compreensão pelas chaves de compreensão de um texto, palavra, enfim, na linguagem em toda sua extensão. As chaves de leitura podem ler determinados conteúdos, textos, palavras, uma linguagem, enfim, a(s) ficção(ões) implícitas, mas sufocam um respirar e existir do corpo com o texto mais amplo e potente, matam-no por asfixia de significados. Respirar é vital. Também com a literatura também se respira. Aprende-se um fôlego. Não se pode deixar de respirar, dizer “hoje não, respiro mais tarde”. Morre-se se acaso não se respira agora. As chaves de/para um texto não chegam a abrir os segredos da arte da cognição de amor para a felicidade. A abertura à aprendizagem que o texto, as palavras, a linguagem ou, no caso, a literatura, dá e faz respirar pela espera, pelo amor, pela morte está aquém e além de toda razão pessoal e aquém e além de qualquer chave

de compreensão. Um corpo desprovido de chaves com a literatura aprende esse segredo no respirar com o texto. Aprender a respirar quando o ar do mundo sufoca e, assim, respirar em cada lufada o valor de cada palavra. De certo, sem chave alguma, inicialmente o corpo com o texto afeta-se e, nessa afetação *tenta-se em vão ler o texto para não ouvi-lo* sob o crivo da compreensão das chaves, *pensar depressa para disfarçá-lo* de talvez um algoz trancafiamento sob quaisquer outras chaves, *inventar um programa*, uma sutil ficção momentânea silenciosa, *frágil ponte que mal nos liga ao subitamente improvável dia de amanhã. Como ultrapassar essa paz que nos espreita. Montanhas tão altas que o desespero tem pudor. Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo possível. Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio? Desse silêncio sem lembrança de palavras. Se és morte, como te abençoa³⁷?*

A questão do corpo com a literatura é mais enfaticamente de Natureza e, assim, a aprendizagem acontece num *meio* que excede as montanhas densas de significantes de uma linguagem posta nas palavras textuais. O excedente é *uma* vida. O excedente não é o que resta, mas o que potente-mente nos espreita num silêncio sem pudor. O excedente é a produção para o que a *uma* vida basta e seja feita com tudo do mundo. *Uma* vida brota e se define pelo sentido no aqui-já dos acontecimentos singulares, acontecimentos de um corpo com um mundo inteiro. *Uma* vida ex-cede, ou seja, cede fora uma potência de toda *uma* vida para a vida, todo um novo mundo fresco de aqui-já. O corpo no acontecimento do/no que ex-cede faz dobrar a vida.

Compreendamos corpo e literatura como uma produção de si num sentido de aqui-já pode fazer um ex-cedente de vida. Um corpo com o texto, a palavra, a linguagem... Um corpo poético ex-cedente de vida, corpo como intermediário à sombra do destino da letra, da palavra, do texto, corpo entre o escritor e o leitor. Um corpo que se ergue explicado pela vida, um corpo desdobrado – não o leitor, não o escritor, não o texto, não a palavra, não a língua destinadas a justificar, mas um corpo, uma vida, uma palavra, uma língua, que acontece(-nos) com tudo sem justificar. O corpo poético como ficção de uma vida que acontece por conceber e realizar com o texto, a palavra, a língua um todo, excedente de toda vida que opera uma imensa e eterna aprendizagem.

Com o corpo se passa um movimento hesitante. É a vida querendo romper, pedindo passagem e querendo o corpo aqui-já todo, o tempo todo. Luminescência de vida de um corpo com um aqui-já, em total entrega, mas ainda passa-se com o corpo *uma espécie de receio de ir, como se pudesse ir longe demais – em que direção? O que dificultava a ida. Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe aonde. Ela, a vida, se guardava para um corpo. Por que e para quê? Para o que estava ela se poupando? Era um certo medo da própria capacidade, pequena ou grande, talvez por não conhecer os próprios limites. Os limites de um humano eram divinos? Eram. Mas pareciam-lhe que, assim como uma mulher às vezes se guardava intocada para dar-se um dia ao amor, que ela queria morrer talvez ainda toda inteira para a eternidade tê-la toda*³⁸.

A razão, no sentido de “eu tenho razão”, “minha razão pessoal”, assim como os bons argumentos, sentimentos pessoais, mesmo que bons, são inúteis no acontecimento de *uma* vida. A ordem dos argumentos, da razão, dos bons sentimentos impede a entrega do corpo à delicadeza que a vida merece e espera dele. A espera, o amor, a morte... O corpo com a literatura des-conhece o habitual, não lê quando fazem-no querer as pequenas razões, os bons argumentos e sentimentos do autor, do livro, os repertórios da linguagem. O corpo poético silencia diante de qualquer dizível e transmissível. O corpo poético sabe, ou melhor, compreende no silêncio que *há uma continuidade que é a vida. Mas este silêncio não deixa provas. Não se pode falar do silêncio como se fala da neve. O silêncio é a profunda noite secreta do mundo. E não se pode falar do silêncio como se fala da neve: sentiu o silêncio dessas noites? Quem ouviu não diz. Há uma maçonaria do silêncio que consiste em não falar dele e de adorá-lo sem palavras*³⁹.

Toda palavra de um corpo com a literatura é uma ode ao silêncio. A vida orquestrada em corpo, a Natureza em composição em versos para ser cantada em profundo silêncio. Oh, Deus! O silêncio. A coisa muda, a coisa que dói pela eloquência de seu silêncio em ser. *Só a palavra nos põe em contacto com as coisas mudas. A natureza e os animais são desde logo prisioneiros de uma língua, falam e respondem a signos, mesmo quando se calam; só o homem consegue interromper, na palavra, a língua infinita da natureza e colocar-se por*

*um instante diante das coisas mudas. A rosa informulada, a ideia da rosa, só existe para o homem*⁴⁰.

O corpo poético como um ser de percepção do silêncio da língua, da palavra. Ser em percepção do silêncio da coisa incomunicável, inexplicável, silêncio da possibilidade de um existir-outra. Para o corpo poético o silêncio é ouro, coisa-outra inominável, indizível, uma passagem para *uma* vida. Do evidente da palavra, da palavra evidente do texto, da linguagem, o corpo poético quer devir-audiente no silêncio de toda palavra. O corpo com a literatura converte-se da vidência clara da palavra à clara audiência do silêncio da própria palavra e do próprio da palavra. Um silêncio das coisas mudas que possibilita também ver que tudo faz sentido, tudo é sentido, sentido é tudo. E que qualquer palavra nada significa e mesmo o silêncio torna-se in-significante.

, ...

Literatura e silêncio – uma experiência. O flagelo dado ao corpo pelo rigor do que (porventura) se ensina (ou se quer ensinar) pela linguagem, palavras que no fundo têm um papel de marcar e de estruturar no corpo sentidos (significados) numa espécie de paisagem cultural. Mas, *toda paisagem não está em parte alguma*⁴¹. É o corpo dado ao flagelo... Mas o corpo com a literatura é um corpo que pode resistir a toda significação, a toda inscrição da palavra em sua pele ainda que sob tortura – o que pode um corpo sob a tortura da palavra? – talvez o inominável e o inconcebível de toda violência... Ainda que submetido ao açoite, a toda tortura da cultura de uma linguagem ou a uma linguagem de toda uma cultura através dos nomes perpetrados pelo chicote da linguagem, o corpo resiste... Assim, após longo flagelo pelas palavras marcadas no corpo, o torturador, o perpetrador supõe que *imaginemos que todos os signos estavam preenchidos, que tinha sido redimida a culpa do corpo do homem na linguagem, satisfeitas todas as demandas possíveis e proferido tudo o que pudesse ser dito sob tortura ou não – o que seria então a vida dos homens sobre a Terra? “Os nossos problemas vitais”, dizes tu, “nem sequer aflorados teriam sido”. Mas, supondo que tivéssemos ainda vontade de chorar ou de rir, porque coisas choraríamos ou*

*riríamos, que coisas poderiam saber esse choro ou esse riso, se, enquanto nós éramos prisioneiros da linguagem, eles não eram, não podiam ser mais do que a experiência, triste ou alegre, tragédia ou comédia, dos seus limites, da insuficiência da linguagem? No lugar onde a linguagem fosse perfeitamente acabada, perfeitamente delimitada, começaria o outro riso, o outro pranto da humanidade*⁴². É que um corpo mesmo submetido à posição de tortura, numa pedagogia da dor, da destruição, do medo, ainda convoca uma decifração viva, silenciosa e secreta a toda violência perpetrada, aquém e além de uma posição meramente de corpo-objeto torturado. O corpo aqui quase jaz no aqui-já enquanto objeto, é coisa passiva obrigado a se apossar de uma verdade que é pura atividade de violência – mas tem a potência de resistir. A linguagem dessa verdade são as relações de forças configuradas sob o signo de coisas, objetos, um poder da/na linguagem, no caso, de um poder e violência sobre o corpo. Nesse poder e violência, do corpo, se quer a sua aceitação em ser pelo nome, a confissão do corpo de sua própria verdade, sua verdade individual, verdade de um sujeito... Quem a quer – tanto a verdade quanto a violência? Os guardiões da lei, o déspota, o sacerdote, professores(?)... Todos aqueles que têm a necessidade da *tristeza* nos corpos, tristeza que é mesmo a produção de um afeto enquanto envolve a diminuição da potencia de agir do corpo. “Quem és?”, “O que pensas?”, “Qual tua opinião?”, “Por que?”, “O que isso significa?”... Essas entre outras infinitas variações de *razões* querem e desejam um corpo triste, um corpo que queira *ser* e deseje ser um *é*, um corpo que não se canse de ser diante de toda referenciação a uma dor que obriga a ser. Essa triste violência em dor quer do corpo um papel passivo, ou seja, uma dinâmica unilateral de oferecer respostas às perguntas “quem?”, “qual tua opinião pessoal?”... – razões pequenas, não potentes e curiosas, mas passivas... “O que é?”, “Quem?” in-formam o corpo para os valores estabelecidos. Implicam o corpo em dobras do mesmo em torno da verdade, de um ideal, de um princípio organizador das instâncias do diverso material. Implicam e provêm o corpo de uma moral transcendental, lugar de toda ordem imune a qualquer crítica exterior à triste verdade que diz de todas as coisas e ao valor que ela estabelece para o corpo com e para o mundo. Diante das perguntas “o que é?” e “quem?” que querem obrigar a uma moral cabe ao corpo fazer o

prolongamento ético delas operando, assim, uma política de resistência: “o que é isto para mim?”. E, por deslocamento quando na tortura para marcar e fazer confessar a verdade do texto pelo seu corpo: o que é este texto, **para mim**, que o leio? (Resposta: é o texto que eu deveria ter escrito.) Faz-se necessário – e talvez urgente – reivindicar abertamente em favor de **certa** subjetividade: a subjetividade do não sujeito oposta ao mesmo tempo à subjetividade do sujeito (impressionismo) e à não-subjetividade do sujeito (objetivismo). Pode-se conceber essa revisão sob duas formas: primeiro reivindicar em favor do **para mim** que está em todos “O que é?”, pedir e proteger a intrusão do valor no discurso do saber. A seguir, atacar o **quem**, o sujeito da interpretação; ainda aqui Nietzsche: “Não se tem direito de perguntar **quem afinal** interpreta? É a própria interpretação, forma da vontade de poder, que existe (não como um “ser”, mas como um processo, um devir) como paixão...”; “Não há sujeito, mas uma atividade, uma invenção criadora, nem ‘causas’ nem ‘efeitos’”⁴³.

“O que é?”, “quem?” são perguntas morais que querem um corpo quieto, estático, querem uma confissão de culpa pela verdade, querem fazer um corpo (cor)responder à resposta esperada – “é isso e ponto!”. Eis a verdade. Contudo, o corpo com a literatura pode produzir com palavras uma experiência de ressonância com essas forças que querem a verdade como poder, um campo ético potente de invenção criadora de repensar sentidos (significados) dados e im-postos ao corpo por signos em superposição e em hiperexposição pelas perguntas “o que é?” e “quem?”. Ao corpo cabe abrir a perspectiva de um pensamento novo, próprio, autônomo na lógica dos discursos de opiniões (generalizadas) que são aqueles que *entrementes* (i)mobilizam o pensamento fresco do aqui-já, assim como a experiência de um silêncio, enquanto dura a flagelação pelas opiniões dadas a saber a um “saber” por opiniões em torno da verdade. A extensão do prolongamento ético da pergunta “o que é?” e “quem?” traz à tona uma ideia de mundo que é a ideia de um corpo numa relação singular com o mundo, relação essa de forças – o mundo perspectivado como forças em variação e cada qual querendo sua potência enquanto em tal relação. A ética está em colocar as forças em relação, ou seja, dada uma relação, que forças estão em jogo estabelecendo um funcionamento de relações? Como determinadas relações implicam o corpo

numa amarr-ação de existência mais potente que outras? Que corpo? (já uma relação de movimento e repouso de forças constituindo graus de potência). O prolongamento da pergunta moral torna-se, assim, (um)a ética do corpo que possibilita produzir uma relação diferente com o pensamento, ou melhor, a diferença no pensamento, a diferença como acontecimento do pensamento. Essa ética faz derrapar os discursos acostumados, suas lógicas e opiniões – pensamento paradoxo. Então, um corpo ético é um corpo inquieto, perturbador, que angustia, pois o quieto, o impassível, o sem angústias repousa na moral. Se o mundo são relações de forças, o corpo “é”, ou melhor, segue sendo o modo de relação que estabelece com variadas forças em constante movimento; um corpo ético produz-se num modo de corpo que ao compor determinadas relações com forças do mundo em movimento constitui um determinado modo de existir, fazer dos afetos na relação de um comum – que se refere aos corpos – um uso para o conhecimento de si e do mundo. Desse modo, o corpo na ética conjuga afetividade e conhecimento. Ainda, essa relação constituída eticamente converte o corpo de uma passividade em uma ação ativa, o padecer em ação, a tristeza em alegria, a dor em amor... A ética vem do prolongamento da pergunta antes moral: “ao me constituir desse modo, o que isso implica?” “Que modos de existência?”,... Corpo poético. A realidade do corpo será a que se constitui nas relações, a ética, o sentido das implicações existências de tal composição de relações. A ética é o corpo inquieto dessa relação e o corpo inquieto também (um)a política de relação com a vida. Nessa ética o corpo é total positividade de ser. Poder existir é potência. Poder existir eticamente é potência infinita de ser e de pensar infinitos. A inquietação do corpo é a inquietação da existência e do pensamento infinitos – de uma mente finita de um corpo como ideia dele aqui-já inquieto – um corpo que passa a pensar aquilo que talvez seja mais importante deixar de saber para poder saber diferentemente na diferença – ética e política da ignorância inquieta. Essa ética constitui-se no dar-se do corpo ao derrapar no “que é?” e no “quem?”. Começa do lado de uma criação inquietante e infinita de modos de um sempre novo de si como corpo, do mundo e do pensamento que “lhes” cor-responde eticamente, singularmente, e não da ex-posição do mesmo que (i)mobiliza o pensamento. Eticamente, essa relação com o

pensamento – dada a produção pela inquietude –, então, não é estática, mas dinâmica com todo movimento do que há e pode haver imanente ao mundo. Não mais “o que?” e “quem?”, mas “que?”. Derrapagem da interrogação que possibilita encarar o mundo não como verdade, mas como valor. Com a literatura, o corpo *quando se coloca diante da obra literária, o poeticista, o corpo poético, não se pergunta: quem quer dizer isto? Donde vem isto? A quem se liga isto? Mas, mais simplesmente e mais dificilmente: como é que isto se fez*⁴⁴? Fazer derrapar a(s) pergunta(s) que quer(em) a verdade, fazer desviar o código, é o esforço de um corpo com as forças da pergunta “que?”, uma relação ética, questão dinâmica com a matéria do mundo, esforço de um corpo que encar(n)a constituindo-se potência, assume o mundo como um movimento de forças reais de uma determinada perspectiva. O valor é a vida. A fuga ativa. Fazer fugir de um modelo e de um sistema do “que é” e do “quem”. Fuga em silêncio pela e como extensão, pelo e com o prolongamento ético da pergunta...

Corpo e silêncio: há aqui-já uma relação prática imanente com toda palavra indigna que quer dizer algo do dia das coisas. O silêncio talvez aponte todo o indigno da palavra enquanto cala até mesmo a indignidade do próprio silêncio. O silêncio não é o “outro dia” de uma palavra qualquer, mas *o silêncio é a profunda noite secreta do mundo*⁴⁵. *O silêncio é sem identidade, suporta o sem-nome sem encontrar nisto um nome para si. [...] O silêncio não é a palavra secreta – pelo contrário, a sua palavra cala perfeitamente o próprio silêncio*⁴⁶. Compreendamos essa relação do corpo e o silêncio como fundamentalmente ética com a linguagem e uma prática política do/no aqui-já do corpo – como um corpo pode experimentar(-se) com outros corpos e como uma mente, ideia desse corpo, tem a ideia dessa relação ética do corpo com a linguagem, com “a profunda noite secreta do mundo”. O corpo como essa experiência ética do tramar de forças no noturno profundo e secreto de todo dia e que passa a constituir nele, corpo no aqui-já, um lugar. Corpo como (a)ventura de uma instância do aqui-já. (A)ventura humana... Aqui-já é (a)ventura de um corpo afirmando toda potência reveladora de uma descoberta em experiência de amor e/ou dor possível, inevitável, mas por isso múltipla e vital para *uma* vida. O corpo que ama essa experiência de toda ventura, um corpo de desejo,

desejo esse que determina o corpo a ações múltiplas e vitais para perseverar em seu ser. Um apetite de corpo e mente pelo mundo, em ser mundo. O corpo com a literatura dispara esse apetite quando se produz-outro num espaço de ressonância que se abre, quando o plano das coisas, das formas, do nome, de um rosto querido ao reconhecimento de uma identidade e/ou verdade em seu silêncio se desfazem para se fazer(em) outro(s) corpo(s) por rupturas e desmanchamentos por relações de puros movimentos e repousos com tudo que é desejo pelos/com os encontros. Íntimo e concretamente, nos encontros, o corpo alegra-se quando um bom encontro e entristece-se quando um mau encontro. No aqui-já de todo encontro, no corpo a corpo, vive-se um pouco mais e morre-se um pouco mais. Viver e morrer no aqui-já é experiência de um corpo em sua potência em produzir-se ativamente no prazer que o anima e alimenta, como também a experiência da precariedade pela dor que o faz sofrer e se destruir. A literatura, então, como um espaço para essa experiência, um exercício de constituir um corpo de uma aprendizagem de *como achar nesse corpo a corpo com tudo do mundo um diamante diminuto mas que seja feérico, tão feérico como se imaginava que deveriam ser os prazeres. Mesmo que não os ache agora, ele corpo, sabe que, sua exigência se havia tornado infatigável. Ia perder ou ganhar? Nunca se sabe de antemão o que pode um corpo num encontro... Mas continuaria seu corpo a corpo com a vida. Nem seria sua própria vida, mas com a vida. Alguma coisa se desencadeara nela, enfim⁴⁷, alguma coisa que convoca o corpo com todas as coisas. E assim compreende-se que se deve seguir em seus mínimos movimentos alguma coisa que fascina e que o corpo percebe, compreende, alegra-se, ama, age, deseje, com tudo o que se desencadeia – uma vida, um existir de tal modo como nunca existiu assim. O desencadeamento de alguma coisa com o corpo a corpo continuado é uma partida experimental de cada corpo. Cada corpo na sua completa solidão, mas com toda matéria do mundo – daí talvez uma ideia de solidão povoada e de intransferibilidade de uma experiência de partida por um desencadeamento feérico corpo a corpo de uma vida. Cada corpo a corpo faz uma experiência de partida que não tem ponto de chegada fixo, mas que compreende um pensamento e uma extensão de uma natureza de que nunca saiu. O desencadear alguma coisa é essa partida para “onde” o corpo sempre*

esteve. A mente desse corpo, nessa experiência, é a ideia desse corpo de partida, o pensamento dessa experiência infinita em suas relações corpo a corpo, finitas, de onde aqui-já sempre se parte.

, ...

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me dê. Vós? É uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos.

Clarisse Lispector

Certa vez, aconteceu... Sim, onde foi? Sim, na verdade, onde não foi? Eu sou um jovem e tenho planos para ser escritor. De início, quero começar escrevendo alguma coisa a respeito de uma relação que possa haver entre corpo, literatura, palavras de modo a pensar a Educação. Quero com isso me tornar um escritor até o início da Primavera, que calha exatamente na Páscoa. Uma Primavera especial. Jovem e já casado, mas ainda insistindo em ser escritor. É que pretendo sustentar minha esposa com os livros que vier escrever. Mas, eu tenho um único e grande problema nessa tarefa de me tornar escritor: eu simplesmente não encontro um único assunto sobre o qual escrever, apenas ocorre-me sempre uma única frase e nada mais: ***“o que o homem pode inventar: havia uma donzela sentada em uma gaiola”***. Eu não consigo mais do que isso, é como se eu tivesse nascido tarde demais, como se todos os outros escritores já tivessem dado conta de escrever tudo sobre todos os assuntos do mundo e não me resta mais nenhum. Eu penso e procuro por assuntos sobre os quais escrever, mas não acho nada. Penso como tinha

sido muito mais fácil àquelas pessoas que nasceram antes de mim, por exemplo, há cem anos atrás, e que encontraram assuntos e coisas sobre as quais escrever. Mas, hoje em dia, como poderia eu, jovem poeta aspirante a escritor, trazer palavras novas para a vida se tudo já havia sido e foi escrito e reescrito? Conto-vos um pouco de meu esforço. Eu estudava e revisava tudo com grande esforço em meio a livros e muitos escritos à mão, o tempo todo e todos os assuntos, e isso me desgastava tanto que me fazia muitas vezes passar mal, e me deixava constantemente acamado. Eu não podia fazer nada. As palavras há muito se perderam em minha garganta e não me saíam, todo alfabeto fora engolido atrás de meus olhos e afogados em versos à minha volta no fundo de meu coração e esquecido para sempre em um de meus ouvidos. Tal estado deixava-me gravemente enfermo e nenhum médico poderia ajudar-me agora nessa situação. No entanto, as pessoas me diziam que havia uma velhinha muito sábia, tão sábia como um médico. Além disso, comentavam que ela tinha negócios muito estranhos, andava de carruagem e tinha uma casa só para ela. Eu, no desejo de ser escritor, decidi visitá-la. Peguei uma bolsa, guardei nela um caderno de notas, coloquei o meu chapéu e saí. Tinha para mim que caminharia um quilômetro para escrever melhor, e muitos quilômetros em direção ao campo. Cheguei, então, ao sítio onde a sábia senhora morava. Havia um portão que se abria para que os viajantes passassem. O portão estava totalmente aberto e o dia muito bonito. Mas, eu não via a velha sábia em lugar algum. Pensei que talvez ela se encontrasse no jardim e, então, entrei e caminhei bem devagarzinho à procura dela. Eu, então, deparei-

me com a pequena casinha. Era vermelha, com telhado de palha e sem uma única flor nas janelas. Eu ao ver a casa pensei que ela não era nada daquilo que tinha imaginado. Eu percebi logo que a velha senhora cultivava batatas e que tinha, também, uma colônia de abelhas. Eu pensei que aquilo era muito útil, mas também não tão útil, já que a velha senhora não se encontrava em lugar algum. Então, eu segui caminhando pela plantação de batatas e fui um pouco além, de forma a poder ver tudo à distância. À medida que o tempo passava, eu achava aquilo tudo muito chato e carente de poesia e associava a essa sensação à minha mente. Porém, tinha a sensação de que tudo aquilo poderia ser, talvez, interessante e me ajudar de alguma forma; talvez uma boa ideia. De repente, ouvi uma voz de mulher dizendo que escrevesse isso para que eu não esquecesse, pois um pensamento é sempre um bom começo. E essa foi a forma como fui apresentado à senhora sábia. Eu voltei-me para ela, pedi licença e disse que tinha muito ouvido falar dela. Ouvira dizer que ela era mais sábia que um médico, que ela era... Ela logo respondeu que era bem possível, mas ela não tinha dúvida alguma de como eu tinha vindo parar ali. Eu estava muito surpreso e só consegui perguntar se era verdade que ela sabia realmente o motivo de minha presença ali. Ela logo explicou a mim que sabia o motivo: que eu não conseguia pensar em nada para escrever, ainda. E que meu sonho, pelo que ela sabia, era o de se escritor até a próxima Primavera, até a Páscoa. Eu sentia como se a sábia senhora me olhasse diretamente através de mim. Mas, mesmo assim, eu perguntava se ela estava ciente de como era difícil ser escritor nos dias de hoje. Eu comecei a expor à velha senhora meu problema.

Disse a ela que tudo já havia sido escrito, e que as coisas não eram mais como nos velhos tempos. A velha senhora respondeu-me que nos velhos tempos, sábios como ela eram queimados na fogueira, feiticeiras e escritores eram miseráveis, famintos e vestiam trapos! Afirmou que os tempos de hoje eram muito melhores e que as coisas nunca foram tão boas, e que eu, jovem, não conseguia ver isso. Ela ainda disse achar que eu não havia lido o Pai Nosso suficientemente. Eu acompanhara a fala da sábia senhora atentamente, e achava que ela ia muito bem, mas estranhei muito quando ela se referiu ao Pai Nosso. Diante disso, a velha senhora ria-se e logo me chamou para que a seguisse em seus passos. Caminhávamos juntos enquanto ela me dizia que ainda havia muito a ser escrito, que tudo o que estava no solo iria crescer e que bastasse eu regar. No entanto, havia algo que eu deveria ser capaz: captar os raios solares em minhas mãos. Eu, surpreso, achei aquilo uma boa ideia, mas eu não tinha a menor ideia de como fazê-lo. A sábia senhora me deu os seus óculos e seu aparelho auditivo. E que eu rezasse para o Senhor e, ainda, que parasse de pensar em mim. Eu achei que essa última tarefa me pareceria bem difícil. Foi, então, que a sábia senhora me deu uma batata enorme nas mãos, além dos óculos e o aparelho auditivo que a sábia senhora trazia consigo. Eu pus os óculos e o aparelho auditivo e, de repente, eu ouvi a melodia mais doce, como se aquela batata contasse toda a história de sua família. Eu, mantendo os meus olhos fechados, pude ver uma tempestade de palavras e imagens que nunca vira antes, do quanto fora difícil para as batatas a primeira vez que elas foram para a Europa, de como as pessoas não tinham

simpatia alguma por elas, não sabiam nem como plantá-las. As pessoas simplesmente cavavam um buraco bem fundo no chão e colocavam nele o saco inteiro. Bem mais tarde, muito tempo depois é que apenas um homem entendera o processo de plantio, e as suas plantas cresceram por todo o chão. Foi quando ele descansou a esperar que as plantas crescessem tão alto como uma árvore para que ela pudesse ser sacudida e seus frutos caíssem dos galhos. Ninguém, ninguém mesmo parecia ter consciência da benção que crescia debaixo da superfície, conhecida como batatas. Eu achei fantástica e muito incrível toda aquela história. A sábia senhora colocou a enorme batata num cesto e me guiou para um outro local onde haviam vários abrunheiros, um tipo de rosácea do mesmo gênero da Ameixeira de nome científico *Prunus spinosa*. Assim que cheguei junto a um deles, a árvore começou a dizer a mim que as batatas nasciam daquele lugar em que estavam para o Sul, enquanto que eles, abrunheiros, nasciam no mesmo lugar, mas para o Norte. Dizia que foram descobertos há muitos séculos por guerreiros nórdicos numa de suas excursões pelos mares e terras distantes. Depois seguiram para o ocidente por brumas e tempestades e eles atingiram uma terra desconhecida toda coberta de neve e gelo. Ali, quando procuravam por alimentos, esses guerreiros se depararam com uma espécie de amoreira, árvore da família das Moráceas e que têm folhas das quais os bichos-da-seda se nutrem, e que dava frutos azuis-escuros, como a cor das uvas maduras. Até que as primeiras nevascas caíssem, aquelas amoras mantinham-se ácidas, mas logo se tornavam doces e muito saborosas. Chamaram o fruto de “abrunho” e as árvores de “abrunheiros”, e as

trouxeram para ali. Esse foi o relato da árvore para mim. Eu mal acabara de dizer ter achado a história fantástica e logo a sábia senhora conduziu-me para uma colméia. Disse a mim como a vida era organizada, de como todas as abelhas sabiam exatamente o que fazer. Algumas pegavam o pólen e o levavam para suas colméias para dele produzirem o mel, enquanto outras abelhas permaneciam em casa para se certificarem de que a rainha não iria fugir. Após essa observação, a sábia senhora bateu nas minhas costas e me convidou a observar viajantes que passavam pela estrada. Eu comentei sobre a enorme quantidade de pessoas que passavam por ali, cada qual com sua própria história a ser contada, mas eu dizia não ter tempo de escutar uma a uma daquelas pessoas, e que achava melhor ter de ir embora. Pedi, ainda, um último conselho. Foi, então, que a sábia senhora me disse ter-me trazido para ali, não para escutar a história de cada uma daquelas pessoas, mas que eu entrasse no meio delas e escutasse o que elas estivessem dizendo e compreendê-las com meu coração. Assim, eu veria que cada uma daquelas pessoas teria uma porção de ideias interessantes sobre as quais valeria muito a pena escrever. Bastava apenas que eu mergulhasse na cidade e me perdesse na multidão estável mantendo meus olhos e ouvidos abertos, assim como meu coração. Após seu conselho, a sábia senhora pediu-me de volta seus óculos e seu aparelho auditivo. Eu já havia me esquecido deles, e após devolvê-los, não conseguia ver mais nada. A senhora afirmou que dessa forma eu nunca me tornaria um escritor antes da Primavera de qualquer ano, nem antes e nem depois da Primavera ter acabado. Eu, preocupado, perguntei, então, como viveria

de minha poesia e literatura. A sábia senhora respondeu-me, aliviada, que se essa era única preocupação minha, que então isso seria muito fácil de se resolver; podia-se arranjar uma solução. Disse que nem era preciso aguardar até que a Páscoa chegasse, que isso podia se dar, até mesmo, na época do Carnaval. Ela me disse que comprasse algumas máscaras e que fosse assustar os poetas, fazer-lhes caretas. Recomendou, ainda, que mesmo não compreendendo o que os poetas dissessem que eu não me impressionasse, mas que criticasse e arrasasse com todos eles. A velha senhora garantiu-me que tal atitude renderia-me polpudos honorários, capazes de fazer-me sustentar minha família. Ela, então, desejou a mim boa sorte.

Eu pensei, então, sobre o que a sábia senhora havia acabado de me dizer e achei a ideia interessante, porém, não muito divertida. Nunca tinha me ocorrido tal ideia. Pelo menos era um começo, eu pensei. Essa solução não era bem a que eu esperava daquele encontro, contudo, eu sabia que o final nunca fora meu forte.

Eu, ainda jovem rapaz, assim o fiz. Segui o conselho da velha sábia, tornando-se durante um longo tempo de minha juventude um feroz crítico literário. Já que eu não era capaz de escrever como queria, contentei-me em destruir a reputação literária alheia, daqueles que eram capazes de escrever. E foram, não os poetas, mas os que escreviam sobre educação, psicologia, escola, infância, ciência, tecnologia os que mais sofreram com minhas críticas ácidas, ferinas e mordazes durante muito tempo – não ganhei nada, tampouco polpudos honorários... Hoje, talvez por amadurecimento ou não, mas certa-mente pelos afetos que se

fizeram em meu corpo, o pensamento mudou da perspectiva tão-somente crítica. Não totalmente, ainda escorrego num ponto ou outro, sempre num primeiro embate “de causa” a ser defendida. Contudo, esses temas ainda permanecem muito caros a mim. Penso que meus afetos compõem um corpo mestiço – Psicologia e Filosofia. Ouvi a sugestão da velha senhora para ser escritor “fácil”, pela crítica aos que escrevem. Meu corpo mestiço não quer perder a Psicologia e nem a Filosofia, por isso mobilizo meu ser-ouvido e com ele trabalhar tanto o plano da crítica quanto o da clínica. Com meu ser-ouvido, nas relações, nos encontros, nas afecções operar uma prática nas relações como também no plano do discurso, da palavra – uma clínica e uma crítica, simultaneamente.

Sabemos que foi assim que tudo se deu, porque a sábia senhora nos contou e pode ainda nos contar, a menos que ela tenha inventado tudo isso, ou não. Quem sabe?

, ...

Deixei o sítio daquela velha senhora e voltei correndo diretamente para minha casa e lá me afundei numa cadeira de minha biblioteca diante de minhas estantes cheias de livros. Minha cabeça estava a mil, meu corpo não tinha mais lugar em mim depois do meu encontro com aquela velha senhora, Pensei no ocorrido naquele encontro, em tudo o que aquela velha senhora me dissera. Coisas inusitadas para mim até então, do tipo como ler o Pai Nosso, tomar os raios solares em minhas mãos, a experiência de ter ouvido a estória daquela enorme batata e daquela árvore, ouvir sobre as abelhas e ver

toda aquela gente na cidade... A minha única frase, “o que o homem pode inventar: havia uma donzela sentada em uma gaiola” começava a ser mais rara em minha cabeça. Teria eu imaginado tudo isso? A experiência corporal e mental que tivera com aquela velha senhora em seu sítio fora algo que nunca acontecera, por exemplo, dentro de minha biblioteca. Caiu-me uma passagem de um escritor e acho que vem bem a calhar. Tomei nota em meu caderno: [...] *procurava o insólito que não/ sendo acontecimento mudo ou ruído, sendo/ sítio, obriga a caminhar. Se o que procuro/ chegasse à minha cadeira,/ para que me serviriam os sapatos? Mas é já/ um conhecimento clássico: acontecimentos novos/ existem em espaços novos, e não em antigos./ Não deixes que a tua cadeira confortável prejudique/ a tua curiosidade*⁴⁸. Depois de tomar nota em meu caderno desse trecho, uma certeza afinal: deixar a minha confortável cadeira, colocar meus sapatos e pôr-me a caminho lá fora.

, ...

Hoje, por acaso o sol apareceu forte desde cedo. O céu é visível em um azul de tom leve com grandes nuvens brancas e várias outras carregadas de cinza. Mas faz verão no meu hemisfério e qualquer dia de verão promete diariamente chuva lá de cima. Lembrei-me de ontem e da visita àquela velha senhora e tudo o que acontecera naquele inusitado encontro. Mantive a promessa e o desejo de pôr em movimento o meu corpo. Mas, dirigir-me para aonde? Com que objetivo? Fazer o que? Ver? Ouvir? O que irei ou quero encontrar? Ahr, perguntas... Nisso senti o corpo pesado e com isso mais perto e mais profunda minha melancolia. É que sou alguém que busca desesperadamente muita coisa

para entender os meus dias. Percebo, mas ainda não compreendo, que não bastam acontecimentos comuns, múltiplas teorias para explicar isso que sinto pulsar nos meus dias. Vivo cercado de livros de várias áreas do conhecimento. É que sou alguém curioso em relação a muita coisa, talvez possa dizer, com mistérios de como compreender a vida e de como nós de algum modo participamos do que está em todo lugar e por todos os lados. Como participamos disso que é absoluta e infinitamente grande? Que parte temos nisso? Li muita coisa que para mim eram indícios de mistérios. Os mistérios do corpo, da mente e do pensamento disso que pulsa... Fui atrás de indícios de respostas nas ciências humanas. Primeiro na Psicologia e depois na Filosofia. Ainda acredito que nessas áreas de Humanidades existam estudos de uma íntima e profunda relação com alguns elementos desse mistério, talvez até em relação aos mistérios que experienciei no encontro com a velha senhora. A Psicologia pode ajudar no sentido de ser uma área que se dedica supostamente a estudar a alma humana, a mente humana. Ela possibilitou-me estudar pensadores que se dedicaram a pesquisar a psique em várias vertentes teóricas e uma dimensão denominada inconsciente, dimensão essa que interfere diretamente na consciência de todos nós. A consciência, tal qual a conhecemos, não é soberana nos seres humanos e isso hoje eu sei através de meus estudos de Psicologia. Sim, existem forças enormes e infinitas concorrendo diretamente na atividade disso que se chama de consciência. E foi esse primeiro estudo na área de Psicologia que me permitiu ter um contato mais estreito com outras áreas como Sociologia, Filosofia, Literatura, Linguagem. Fundamentalmente, na Psicologia pude

estudar muito alguns dos pensadores que se dedicavam ao estudo dessa dimensão inconsciente do homem e, sobretudo, começar a exercitar uma aprendizagem de uma atenção extremamente necessária para perceber essa força que concorre com a consciência. Talvez possa chamar esse aprendizado de um aprendizado do corpo-ouvido cuja ação e potência é ouvir e ser-ouvido – o que quer que se compreenda quando se ouve essa ação: ser-ouvido. Já estudar Filosofia foi uma consequência dos estudos de Psicologia. Interessava-me, agora estudar e aprofundar o pensamento e sua história, as ideias. Com esses conhecimentos é que pensava os meus dias e passei dedicar-me a uma área que acredito ser de fundamental importância, um verdadeiro e potente campo para viver essa intimidade pulsante dos mistérios que é a vida – a educação. Por quê? Arrisco-me a dizer que a educação tem uma potência especial e que ela seja uma expressão de qualidades infinitas relativa a algo absolutamente infinito e grandioso que é a Vida. Que potência? Ah, talvez deva ser pensada como uma expressão infinita de extensão e de pensamento do que se exprime absolutamente. Como chamar isso? Natureza? Deus? Vida com letra maiúscula? A Vida “maiúscula” tem a ver com potência que se exprime ininterruptamente em tudo. Essa potência da vida que atravessa o corpo, sinto-a pulsar como uma arte permanente. Isso faz pensar na infinidade de múltiplas forças atravessam a vida. Pensar esse pensamento diz algo ao meu corpo, algo que percebo, mas não compreendo; percebo a natureza exprimindo-se melodicamente em tudo e sinto que meu corpo e mente fazem parte sem nenhuma separação disso que se exprime. Talvez, com alguns livros de

Psicologia, Filosofia, Literatura, Medicina, Artes, enfim, livros, eu possa começar a compreender melhor essa relação entre toda essa natureza produtiva e nós, reles mortais. Contudo, após a minha experiência com a velha senhora eu acredito que o que desejo compreender das minhas indagações e atravessamentos não se reduza e se restrinja a questões da Psicologia, Filosofia, Sociologia, Linguística etc. Trata-se mesmo de me pôr em movimento e ser-ouvido. Preciso escrever esses pensamentos antes que se percam... Quem sabe um livro, um escrito, um pequeno excerto me ajude a formular uma compreensão desse pensamento? Quem sabe? Quem disse ou pensou algo semelhante? Alguém já deve ter escrito isso. Recorro à estante de minha biblioteca e pego um livro escolhido a dedo pelo título e pelo autor. Pelo título porque tenho como desejo, como já o disse, de tornar-me um escritor, mas a minha dificuldade nisso é que quero escrever algo que ninguém nunca escreveu. Meu sofrimento de tornar-me escritor está e resume-se agora nisso: não consigo escrever porque tudo já foi escrito. Mas, votemos ao livro. O livro que pego se intitula "Cinco Prefácios para Cinco Livros Não Escritos". Folheio as páginas e repentinamente paro no início de um dos capítulos de prefácios. Leio inúmeras vezes uma passagem e depois tomo nota por perceber algo grande nessa leitura:

*Quando se fala de humanidade, a noção fundamental é a de que algo que **separa** e distingue o homem da natureza. Mas uma tal separação não existe na realidade: as qualidades "naturais" e as propriamente chamadas "humanas" cresceram conjuntamente. O ser humano, em suas mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza, carregando consigo seu inquietante duplo caráter. As capacidades terríveis do homem, consideradas*

*desumanas, talvez constituam o solo frutífero de onde pode brotar toda humanidade, em ímpetos, feitos e obras*⁴⁹.

De súbito, após ler mais algumas vezes o que acabara de tomar nota no papel, uma alegria fez-me tremer o corpo e dissipar algo como uma tristeza anterior que naquele momento pude percebê-la menor. A alegria provinha de que algo modificava em meu corpo à medida que ele se afetava com esses pensamentos sobre a natureza e o homem. A tristeza, agora, era a de não ter percebido tal dimensão de meu corpo com a vida até então. O sentimento era de que acordara um pouco tarde como alguém que acorda tarde para uma festa que já acontece há muito. Mas, imediatamente ocorre-me uma forte certeza: a natureza tem uma potência absolutamente infinita. Isso! Tudo é vida e ela se exprime e pulsa em infinitas qualidades. A natureza é uma arte e essa afirmação que faço permite-me, de um modo que desconheço, perceber meu corpo diferente. Por acaso, com esses pensamentos, não sinto nem de longe a melancolia de meu corpo. Não sei como explicar isso, mas de algum modo essa sensação é boa. Tenho muito interesse em saber, mas preferiria mesmo é compreender melhor o que se passara com meu corpo há instantes e ainda naquele outro dia com aquela velha senhora em seu sítio. Falar que a natureza é uma arte fez com que sentisse meu corpo mais vivo e sentia-me como que participando ativamente da vida de um certo modo e à altura dessa arte. Veio-me do corpo, nesse momento, um pensamento de que eu, de um modo ou outro, tinha uma nobreza especial nisso tudo. Quero compreender e escrever tudo isso. Agora, uma certa complexidade me toma e sinto que torna-se indispensável excusar-me de me manter imóvel e, assim, dirigir-me a

todo sítio de corpo e mente em busca de compreender tal sensação gerada pelas interrogações. Para tal, mais que ver com olhos comuns, quero dar preferência aos passos do corpo inteiro, pois começo a perceber que para um corpo é indispensável conhecer suas ações, sua potência, o tamanho do mundo pelos movimentos que nele faz e efeitos que ele produz. Isso por que sinto que, no fundo, o tamanho do mundo é mais importante do que qualquer número que possa ter ou ser calculado? Como um corpo pode existir e pensar esse valor fora dos cálculos de tão-somente espaços e tempos? Por exemplo, meu corpo... Será que sou a medida dos meus dias hodiernos? Há algo mais profundo do que o que vejo ou possa ver com os meus olhos do mundo? Será que o que vejo é o que todos veem? Será que os outros veem como eu vejo? Tudo o que se passa numa dada situação é o que se vê? Ah, perguntas... Será que elas desejam uma referência certa de um espaço e de um tempo de uma duração? Uma origem? Um fundamento? Com essas primeiras perguntas meu corpo logo se abalou numa expressão sem igual. Sim, as perguntas eram compostas de palavras simples, mas um silêncio inaudito preencheu e ameaçava explodir meu corpo por causa daquelas primeiras e simples interrogações. No instante dessas perguntas, para meu corpo não importava mais o espaço e o tempo comum. Não se tratava também de responder a essas interrogações através de um simples esforço de memória, recorrer aos hábitos que enchem a cabeça e imobilizam o corpo. Nesses primeiros passos de meu corpo com esse conjunto de questões mais anda a cabeça do que os pés. Mas, ainda sim, as coisas da natureza que os olhos miram e veem começam a surgir de

modo estranho ao meu corpo até então. Algo como, por exemplo, a chuva que caía ainda outro dia arrefecia o calor do chão e também molhava os mais desprevenidos que expunham seus corpos sem abrigo do céu carregado. Mas, a estranheza foi que a chuva constituiu naquele exato instante uma elegante singularidade do dia. Algo se passava com meu corpo junto com a chuva do dia naquele momento. Tudo que era meu corpo chovia com a chuva. Senti rapidamente que talvez fosse a chuva também um corpo, o corpo daquele instante e que naquele momento o dia se expressava sendo chuva. Ocorreu-me pensar para além daquele acontecimento da chuva e expandi-lo para a organização do universo. Pensei também rapidamente escrever isso para não perder o pensamento que se instalava no meu corpo seco de chuva. Pensei também: tudo o que acontece é passível de ser escrito? Ah... Talvez o que se possa escrever, ainda que tudo tenha sido escrito, é algo de um acontecimento naquilo que à vista comum não passe de fatos encadeados. Com essa digressão meus pés interrompem os passos do meu corpo antes propostos, e o peso dele, agora, depois de muito pensar, faz-se mais presente. Surge repentinamente um profundo cansaço que fez meu corpo esquecer o que aquele lapso de tempo possibilitou a minha mente pensar, pensar como fato dela ter tido uma ideia daquela experiência de meu corpo. Eu, nesse esforço em entender tudo isso que me assola o pensamento, fico cansado e triste, torno a ver agora o mundo como até então o sabia, como depois de uma primeira vez, cansado ou não: um conjunto feito de metades: direita e esquerda, em cima e embaixo, frente e trás. Percebo-me inteiramente e

nitidamente assim, pelas metades. Ou à direita, ou à esquerda, ou em cima, ou embaixo, ou à frente, ou atrás. Vejo o mundo assim quando meu corpo pára: numa moldura de extensão que vai até onde minha vista cansada alcança. O mundo tem a altura do meu corpo cansado, uma altura que vai da sola de meus sapatos até as nuvens cinzentas e carregadas que hoje habitam o dia. Uma medida de mundo mais exata da altura do meu corpo: dos meus sapatos até minha cabeça que hoje não tem chapéu. Ah, tem o tempo também: antes e depois... De corpo cansado e triste, é assim que vejo o mundo: enquadrado num espaço que vai dos pés à cabeça e numa perspectiva temporal que é de um antes e um depois. Espaço e tempo de meu corpo cansado e acostumado a formas que num grosso e encorpado conjunto chamo de mundo. Vejo que essas não são medidas só minhas. Conversei com inúmeras pessoas, humanas, demasiado humanas, li em vários de seus livros de conhecimentos seguros e até então não vi discordâncias de que essa é a forma, a medida e a orientação que temos de nós e do mundo. Somos indivíduos que estão em relações objetivas com as coisas em seus estados materiais estáveis em medidas percebidas, pensadas, sentidas fisicamente etc. antes e depois. Mas, por mais que essas informações objetivas me digam do mundo e de minha relação com ele, sinto que há algo mais. Esse algo sinto, mas não compreendo, está à vista e dá-se a escutar e, embora esteja aí e fale, não vejo e não ouço. E se o mundo, a vida for mais do que vemos e ouvimos, mais além do que primariamente aprendemos pelas letras dos inúmeros livros que descrevem o mundo pelo conjunto de metades e suas variações e que fazem meu corpo pesar? E se o mundo

não for meramente um nome, um substantivo gramatical, mas substantivo como uma substância infinita? E se a linguagem que tenta dizer do mundo e o que é o mundo for no fundo um profundo silêncio de toda palavra? Por acaso, agora penso que possa haver um livro ou linguagem que estejam tão próximos do sentimento que meu corpo experimenta, livro ou linguagem que descrevam a beleza disso que talvez seja ver o mundo pela perspectiva da eternidade, mesmo a beleza inefável de um dia quando ele simples e naturalmente chove. Por acaso ocorre-me um pensamento, uma ocorrência passageira, de que o dia não é promessa, mas algo que se exprime necessária e absolutamente nele ao modo de um dia de chuva. Serei também eu um corpo que possa expressar qualidades de tal natureza? Evidente que podemos acreditar nisso ou não. Mais que qualquer questão de imaginação ou de fé, quero compreender isso que se passa com meu corpo nessas reflexões. Poderíamos, então, quem sabe, compreender tudo como algo absolutamente infinito que se exprime? Como chamar tudo isso? Natureza? Vida? Deus? Então, eu nisso que se exprime sou uma maneira de ser divino? Faço parte da natureza? Participo de uma vida maiúscula? Essas perguntas fazem com que meus olhos agora queiram olhar para todos os lados, inclusive para cima. Meus ouvidos se aguçam, todo meu corpo deseja participar a seu modo de uma sensação forte sentida como grande demais. O mundo passou rapidamente a acontecer, por um brevíssimo instante, por todos os lados, mas eis que então todo aquele acontecimento grande de natureza reduziu-se novamente ao conjunto humano feito de metades e suas variações e também a um antes e depois. O céu hoje é cinza e

carregado. Chove no dia de hoje. Ontem, como hoje, nuvens, chuva... Antes e depois os mesmos elementos criando a mesma atmosfera. Penso se minha melancolia é a mesma hoje... Comecei a pensar se esses elementos de hoje, nuvem e chuva, são de fato os mesmos de ontem. É verão de muita chuva hoje aqui no hemisfério como foi nessa mesma época ano passado. Antes e depois. As nuvens e a chuva vindas de cima... Comecei novamente a pensar segundo o conjunto das metades e tirei dele um pensamento: de que o cotidiano avança e esse antes e depois que vemos em elementos comuns dá a impressão de, mesmo passando, os dias serem imóveis.

, ...

Hoje as nuvens ainda cobrem o céu, mas menos. O sol escaldante faz verão com muita chuva em meu hemisfério. O cinza do dia de hoje ressoa com a melancolia diária do meu corpo que voltou ao antes e depois e à medida exata entre a sola de meu sapato até a minha cabeça que permanece sem chapéu. O meu corpo nessa sua atual e sua justa medida, pesa. Isso faz com que eu sinta uma familiaridade estranha com a matéria do mundo. A melancolia de meu corpo, entenda-se, é a medida de peso do conhecimento mais íntimo que até hoje o meu corpo tem do e com o mundo. Talvez seja mesmo a tristeza do meu corpo. Lembro-me de uma fala de um poeta a respeito da melancolia (não sei João Cabral de Melo Neto...), mas, que dizia que melancolia não se trata, se escreve. Mas, volto à minha... O peso (outra medida de referência) do meu e de qualquer corpo talvez seja o vivido e o conhecido deles segundo a medida que vai dos sapatos (quando se usa) até a cabeça (com ou sem

chapéu) num tempo de duração antes e depois. Tudo pesa. A terra pesa, a matéria do mundo pesa e qualquer movimento nesse estado de corpo, qualquer pequeno passo nessa medida, pesa. A medida do mundo, a mais comumente conhecida pelo conjunto de metades, tranquiliza-me brevemente, mas a melancolia persiste. Mas, dentro dessa referência de medidas eis que vejo que tudo volta a mudar, a se transformar, ainda que entre um antes e um depois. Há uma impermanência (e percebo-a) constante nisso que se nomeia e se dimensiona pelo conjunto de metades dito como mundo e que qualquer melancolia não suporta. Comecei a rir por um momento mas logo retomei a seriedade e ao peso de antes. Segui com o pensamento: Qualquer conhecimento supostamente seguro dessa brevidade de tudo é possível segundo a métrica do conjunto das metades somada à uma variação de um antes e um depois. Mas, enquanto a brevidade reduz-se numa variação de um antes e um depois de coisas que têm nomes gerais para corpos singulares, sei que sempre ainda posso encontrar palavras que podem ser escritas, nomear as coisas e seus estados. Todo o acontecido pode ser escrito e mais tarde ser lido e se dizer – “isso já sei, é verdade e foi assim mesmo e só o que aconteceu certa vez. Onde foi? Algures. Quando foi? Entre um antes e depois”. Agora, qualquer compreensão ou conhecimento mais profundo da brevidade que vislumbro em meu corpo, até mesmo aquela experiência com a velha senhora, requer outras medidas. Mais ainda, medidas específicas de valor do caso no seu contexto, medidas, então, que seus valores mudam caso a caso. Como, então, aprender essas medidas de novos valores? Penso que aprender essa capacidade requer uma

aprendizagem diferente do que comumente se denomina aprendizagem. Essa aprendizagem do valor como medida que quero pensar é longa. Para dizer uma verdade, sinto que ela nunca acaba e, fazendo esses questionamentos, me ocorre que ela depende do que pode cada corpo. A medida, então, é o corpo? Qual a medida de um corpo? Algo me diz que vai além do que se tem como valor de medida do que está entre uma sola de sapatos e uma cabeça que use ou não chapéus. Então, que medida se pode atribuir ao corpo? Corpo como potência – medida não-métrica... Sim, o corpo pode agir e pensar de vários modos... Então, está aí! Um poder agir e pensar pode ser uma medida de cada corpo, e cada singular medida é a medida da potência que tem cada corpo. E essa potência varia infinitamente no corpo e varia de corpo para corpo. Por acaso, então, cada corpo tem um valor que pode ser atribuído pela potência que pode? Qual a potência de cada corpo? Qual a potência de um corpo? A potência de pensar tem relação com a aptidão de um corpo naquilo que ele pode? Então, foi ao considerar essas interrogações que percebi meu corpo e minha mente mais leves e uma alegria me tomar repentinamente. Isso me fez admirar o mundo agora diferentemente, um mundo como uma realidade plena, inteira e cheia de potência. As coisas exprimindo uma potência infinita... A vida... Quanta coisa existe, então, no mundo como expressão de vida a seu modo, quanta potência... Percebi-me uma potência participando ativamente de algo grande. Compreendi por um instante, então, que tudo produz uma relação inesgotável e infinita, um instante. Que medida pode ter tudo isso? Repentinamente começo a pensar que uma simples relação de um corpo

com alguns outros corpos... O que pode essa relação? Então, não sei se pela melancolia, ou não, mas ocorreu-me estender a pergunta relativa a um corpo que seja mais além do que, por exemplo, a medida dada de um ser que tem um nome, seja reconhecido como um sujeito individual, tenha sentimentos íntimos, calce sapatos e use esporadicamente chapéus... Não soube responder. Mas, deixei a pergunta e percebi que agora ainda está cinza e chove, daqui a pouco o céu está, quem sabe, azul, mas mais tarde com certeza estará escuro... É simples assim. É simples assim ou acredito nisso por força do hábito e da imaginação? Neste instante sinto que meu corpo, com toda sua melancolia mais perceptível, ou não, é um punhado de instantes feitos corpo a corpo; olhares que se cruzaram, variadas refeições frugais ou não feitas, múltiplas conversas, muitas leituras, caminhadas por múltiplos sítios, viagens feitas, flores cheiradas, incontáveis encontros que a seu modo são como amores possíveis, medos, esperanças, dores, paixões, tristezas, alegrias, prazeres... Começo a formular algumas perguntas: Meu corpo é, então, uma brevidade finita insuportável de tudo feito de encontros? Descobrirá a cura para as possíveis tristezas por incompreensão das causas nas relações com as coisas do mundo? Talvez minha melancolia seja uma tristeza mesmo do corpo, uma incompreensão grande do que em mim se fez corpo com o mundo até hoje, mera imaginação, padecimento, mera figura feita de acasos incompreendidos. Volto o olhar como que num impulso para cima, para o céu esquecendo os sapatos. Nesse olhar que agora o meu corpo faz ao céu, os olhos querem ver, além das nuvens carregadas, uma resposta a esse enigma que é a

Vida, o poder participante do meu corpo nela. O corpo que agora olha para cima quer ver, ouvir, enfim, perceber indícios, quem sabe, de um elemento divino no céu, ou melhor, acima dos olhos, indício esse que só por imaginação, se passa e se restringe ao lá em cima e, não em toda parte que não se vê, se ouve, se compreende; porque essa ação do corpo tira os pés do chão e divide em mais uma metade o conjunto de metades além do antes e o depois. Agora também, mais duas metades e suas metades: este mundo e outro mundo, o mundo terreno e o mundo divino, o céu e terra... Mas essa ação do corpo, de olhar para cima e buscar indícios quaisquer de elementos divinos não durou muito. Meu corpo sente que esse olhar para cima não (cor) responde. Aliás, esse olhar fez sentir meu corpo fraco e logo percebi que se olhasse para cima um pouco mais não só não me lembraria mais dos pés mas, mais grave, esqueceria todo corpo. Por acaso, o meu corpo sentiu que o divino não é coisa que se reduza a indícios de superfície, no caso, acima da cabeça e visível a olhos que miram para cima. Rapidamente regresso às dimensões mais baixas. O corpo assume seu tamanho de antes e depois, sente os pés novamente nos sapatos, e a cabeça que não leva chapéu, retoma a inclinação de quem olha para frente. O corpo regressa, assim, ao mundo e, diante dele, estão as coisas com antes: em cima, embaixo, à frente, atrás, à direita e à esquerda. Assim como antes, também depois, mas diferentes de algum modo. Uma decisão, por acaso, sentida sábia nesse regresso: pôr-me a andar, apesar da melancolia, apesar de não saber a distância, ainda sem saber quantos passos, em que direção... Pôr a andar o corpo apesar das nuvens carregadas agora num céu que aguarda o

crepúsculo do dia. Essa decisão de pôr-me em movimento atravessa meu corpo e faz-me lembrar da importância dos encontros, e que só encontrei algo porque me pus a andar variadas distâncias. Por ter ocorrido encontros, lembrei-me de amores, tristezas e muito mais. Oh, Deus! É claro, o encontro com a velha senhora, a batata, aquela árvore, as abelhas, as pessoas ao longe... Lembrar-me desse especial encontro deixou-me viver o corpo não só menos melancólico, menos triste, mas com uma alegria que me tomou o corpo e a mente, alegria essa que nunca sentira antes nem mesmo em intensidade. Senti nesse instante de alegria inefável que todo céu e toda terra estava em relação, tudo tinha relação com tudo. Mais: tudo naquela hora olhava para mim. Foi como se Deus estivesse a me falar aos ouvidos e nisso pude me compreender eterno em algo absolutamente infinito. Nesse momento me lembrei de uma pergunta feita a um dos pensadores da Psicologia que ainda estudo profundamente. Perguntaram-lhe: "Você acredita em Deus?". Ao que ele respondeu: "Eu não acredito, eu sei!". Pode-se dizer mesmo que tive um grande e incomensurável amor a Deus enquanto o imaginava presente, e nessa compreensão de minha mente de "saber Deus", um amor intelectual Dele, enquanto compreendia que Ele e minha mente são eternos. Contudo, essa experiência foi muito rápida, passageira e logo desapareceu. Mas sentia que mesmo perdendo essa sensação, ainda que não me solucionasse imediatamente nada em nível de compreensão para o que precisava – escrever sobre corpo e literatura, uma suposta tese –, nenhuma questão, nenhuma escrita. Nada além da frase que só me saía e sabia escrever – "O que o homem pode inventar: havia uma donzela

sentada em uma gaiola"... Ainda sim, uma multiplicidade de interrogações me atravessava e um desejo enorme de compreender toda variação afetiva de meu corpo que ia de uma profunda melancolia a um amor imenso e incomunicável. Mas, após passar por essa experiência singular de amor percebi-me existindo e pensando mais que aquele que há pouco deixara de caminhar, usava sapatos, mantinha a cabeça sem chapéu e que num momento inclinara para deitar os olhos ao céu para ver mais que nuvens e ouvir mais que uma possível chuva. Decidi-me, então, pôr-me em movimento para ver e ouvir, quem sabe, perceber, quem sabe, mais ainda, compreender clara e distintamente o que se passara comigo e com o que encontraria à frente pelo caminho.

, ...

Agora, tento explicar e ao mesmo tempo compreender um pouco melhor, mas não muita coisa, porque decidi pôr-me em marcha e avançar: É porque depois dessa experiência de amor que se passou comigo sinto em meu corpo que há algum valor em tudo que é mortal. Acredito que isso tenha muito a ver principalmente com o que se passou naquele encontro com a velha senhora. Quando senti aquele amor por Deus, senti meu corpo temporal e temporário, como aquele amor. Senti que enquanto viver, enquanto meu corpo existir, poderei compreender e sentir esse amor. Pela compreensão que minha mente teve desse amor, o amor intelectual de Deus, pude compreender com uma clareza de uma pura luz algo da eternidade que não perderia mesmo que meu corpo não

mais... Passei a indagar: se a morte, como se diz, é a única certeza que podemos ter, o intervalo que há entre tudo o que pulsa no mundo em meu corpo e mente até que definitivamente confirme essa sentença chamada morte, eu chamo de Vida. Se a morte é certa, então, o intervalo pulsante em tudo até que a morte derradeira sobrevenha é Vida, minha Vida. Meu pulso nesse intervalo é Vida a meu modo. Assim, depois dessas indagações e experiências, quero a potência de meu intervalo pulsando ao máximo até a sentença final. Ou melhor, prefiro dizer, até que o que pulsa nesse intervalo... Sinto que há algum mistério nisto, e quero esforçar-me de corpo inteiro para compreendê-lo quanto mais, converter meu tempo intervalar em meu tempo de minha vida como uma unidade dotada de sentido ao meu modo. Mas, de início, sentir e imaginar tudo isso já é muito. Então, é mesmo por esse meu intervalo o porquê, agora, me ponho em marcha – por desejar escrever esforçando-me em compreender a tensão que animou e pode animar essa minha experiência, esse modo estranho de sentir a Vida. Partir e escrever por necessidade de compreender isso que me passou e compartilhá-lo, mesmo não seguro do que se passou e mesmo se foi pessoal. Ponho-me a caminho e escrevo por uma experiência de possibilidade de vida, principalmente depois do encontro com aquela velha senhora, experiência essa que sinto como um pulsar com a Vida.

, ...

Fiquei dias seguidos sem sair de casa por causa da chuva que retornou forte aos dias. Durante esse período fiquei grande parte do tempo confinado em minha biblioteca dedicando-me a ler, estudar e escrever sobre o tema de que me ocupo – Corpo e Literatura. O que lia? Muita literatura e filosofia, enfim, estava à procura de livros e autores que me auxiliassem na compreensão de minha experiência e questionamentos. Quero agora narrar o que vem a seguir ao modo de uma sucessão de fatos, ainda que misteriosos. Quero relatar esses fatos já atravessado por algumas leituras literárias de modo a dar uma medida de sentido para mim mesmo de minha experiência com aquela velha senhora, das leituras e estudos que tenho feito e daquela minha experiência com Deus e da eternidade. Desejo com isso que essas minhas experiências se convertam numa organização narrativa de fatos num meu singular tempo humano de corpo e pensamento. *Quero acrescentar, à guisa de informações sobre o jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento*⁵⁰. Agora-já resolvo sair à rua a convite de um amigo para um encontro para um café. É que hoje o dia estiou depois de muitos dias de chuva forte. Hoje faz um calor forte úmido e sair coaduna com meu desejo de pôr-me a caminho. Vou ao centro da cidade onde muitas outras pessoas se reúnem em vários sítios para também tomarem café, conversarem e, quem sabe, respirarem fora de suas casas um ar quente e úmido deixado na atmosfera da cidade pelas chuvas. Sento-me com meu amigo em uma esplanada onde nunca o fizera. Tomamos algumas xícaras de café enquanto conversamos sobre assuntos variados, mas que envolvem

escolhas e destinos de vida de pessoas encontradas durante nossos intervalos pulsantes. No fundo, o nosso assunto é sobre encontros, destinos traçados e felicidade. Meu amigo que normalmente pouco fala, hoje conta muitos casos e situações de pessoas em relação a valores que atribuem às suas vidas. Ele fala de muitos casos e dá vários exemplos e buscava explicações para algumas questões de alguns destinos, e eu sinto que inclusive dele mesmo. Vida, exemplos, valores, explicações... *Os exemplos são dados pelo homem que age;/ um exemplo verbalizado, mesmo que exaltante,/ é sempre uma covardia. Nenhum homem forte/ mostra a sua força expondo uma longa/ teoria no quadro e nem à mesa. A vida é notável e minuciosa,/ mas não admite explicações*⁵¹. Afinal, esse assunto talvez tenha surgido por causa da época. É Natal e fim de ano. Estamos horas a conversar em uma mesa colocada num espaço de passagem onde também as pessoas da cidade transitam para o centro e têm acesso a algumas galerias que compõem a arquitetura da cidade. O ar em torno de nossa mesa está impregnado de cheiro de bebida e de tabaco vindo das mesas ao nosso redor. As pessoas se revezam nas varias mesas dispostas enquanto outras pessoas transitam no corredor de passagem para transeuntes entre as filas das mesas. Enquanto conversamos somos abordados em nossa mesa por algumas pessoas. Primeiro, uma criança corpulenta trajando uma bermuda comprida estampada e camiseta regata usando chinelos de dedo e com um vídeo-game nas mãos. Com uma voz lenta e de tom mesmo infantil pede atenção. Olho para cima de modo a visualizar seu rosto e ouvir seu reclame. Pede-me que lhe dê R\$ 1, 70 para que compre um joguinho eletrônico. Acho isso estranho e até mesmo inusitado. Nego ajuda em atender o seu pedido e logo ele sai

tomando rumo para a mesa ao lado. Um turbilhão de pensamentos me toma a cabeça. Penso na infância das crianças de hoje e qual o sentido da existência dessa infância exposta pelo corpo dessa criança. *O mundo compõe-se. Os pobres bebem/ em maior quantidade, mas bebidas bem mais baratas./ Na cidade, entretanto, as infâncias são rectangulares,/ do tamanho do quarto: ninguém sai à rua com menos de quinze anos/ e sem arma./ É certo que as infâncias rectangulares crescem, nos ossos,/ exactamente como as outras, mas o corpo e a existência/ são elementos vastos, superfícies extensas*⁵². Passam-se alguns minutos e vem até nossa mesa um jovem homem de estatura baixa, também trajando bermuda, camiseta regata e usando um chapéu preto de feltro e portando em suas mãos vários papéis dobrados em forma de sanfona. Então, junto a meu lado, pede licença e inicia uma conversa em nossa mesa. Meu amigo logo faz uma cara de desaprovação e de insatisfação – expressa impaciência com a situação que se desenrola. Eu olho para ele e, com um gesto silencioso expresso em meu rosto, peço ao meu amigo que tenha paciência. Ele logo entende meu gesto, acende um cigarro e bebe mais um café que acaba de ser servido em nossa mesa. Nisso, dirijo minha atenção ao homem que me conta sua história. Esse homem me conta que se chama Danilo Prado, que é poeta e escritor. Diz escrever algumas coisas como pequenos romances, roteiros de peças de teatro, de novelas e versos, mas que não encontrou ainda um canal de divulgação forte que possa fazê-lo (re)conhecido. Diz que se casou cedo e que também por motivo de sobrevivência e de sustento trabalha consertando fogões e tanquinhos de lavar roupas. Mas, fundamental é que me diz que sempre escreve nas horas vagas que tem e aí sai às ruas divulgando e vendendo o que escreve, o que ajuda minimamente, ele diz, no seu sustento.

Oferece-me, então, algo de seu trabalho de escritor. Coloca dois exemplares repletos de pequenos versos dispostos e confeccionados em folhas de tamanho A4 dobradas em formato de sanfona. O alto da “capa” e também primeira página traz o título, dois poemas, uma ilustração impressa e o nome do poeta ao pé da “capa” da obra. O título é em vermelho e em letras garrafais: SER POETA. Uma ilustração impressa em cores separa dois pequenos versos. Um primeiro intitulado “Sonho” e um segundo intitulado “Ser amigo”. A ilustração que os separa é de uma silhueta de um casal se beijando num gramado baixo tendo como fundo um enorme e amarelo Sol que cria uma cor laranja-avermelhado no céu repleto de estrelas vermelhas e brancas. Danilo Prado diz que o que hoje traz e divulga tem para ele normalmente um custo de R\$ 1,00 por folha e que vende cada trabalho por R\$ 1,50. Ouço sua história e digo a ele estas palavras: “O senhor me tocou num ponto que me é caro – escrever. Seja lá o que lhe aconteça na vida e em suas misteriosas voltas, prometa-me uma coisa: nunca deixe de escrever”. Concluo que admiro os escritores e que escrever é uma arte fundamental para se entender e lidar com as nossas mais íntimas questões. Ele sorri e passa a dar mais explicações e detalhes em perseverar em ser escritor apesar das circunstâncias. Diz que apresentou seu trabalho para algumas pessoas e que essas fizeram-lhe críticas e deram sugestões do tipo: “eu deveria ter posto um endereço de contato, um e-mail, um número de telefone caso as pessoas se interessassem em me contatar”... Há um breve hiato em nossa conversa e nisso saco uma pequena bolsa de minhas calças em que guardo meu dinheiro. Pago pouca coisa a mais do que o valor que

ele dá ao seu trabalho. Talvez pela pequena quantia a mais paga, quero com isso ajudá-lo de algum modo. Talvez pago mais para alegrá-lo, dizer que aprovo o que faz – escrever –, mas que lamento o seu destino de ser escritor no eterno deste hoje que nos faz encontrar. Talvez... Quando pago ele ainda chama minha a atenção e diz: “Olha, aqui tem algumas coisas que escrevi e que acho muito interessantes. Por exemplo, um verso que se chama ‘Quem Sou?’”. *Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? Quero antes afiançar que esse escritor e poeta, meu amigo, eu e todas as pessoas que via e ouvia os casos não se conhecem senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelado no chão É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto*⁵³. Imediatamente começo a procurar tal verso tocado pelo título. Reviro a folha várias vezes e não encontro o verso. Vejo em minha frente o outro exemplar meio aberto e virado com a face para tal verso. Digo que eu prefiro aquele exemplar por ele conter o verso anunciado. Danilo, então, me diz que todos os exemplares são iguais, abre o que tenho em mãos e me aponta o lugar em que está escrito. Alegro-me e olho rapidamente os demais versos. Danilo aproveita o meu interesse e diz de outros versos que gosta. Ele diz: “tem também um chamado ‘Mistério’ e esse outro aqui chamado ‘Felicidade’”. Guardo o papel sanfonado em meu bolso da camisa tomando o cuidado de não amassá-lo. Agradeço muito pelo encontro e ele retribui. Danilo Prado, escritor e poeta que trabalha consertando fogões e tanquinho, então, segue para outra mesa. Muita coisa aparece e desaparece no curso do mundo. *E os*

*poetas desapareceram./ De facto, o que alguém quis dizer,/ e tinha razão, foi que a poesia limpa e belíssima é inaceitável/ depois do que os homens fizeram a outros homens/ no século xx. É um facto, as palavras/ delicadas são inaceitáveis. Mas não esquecer o resto./ Apesar de tudo, bater dói mais do que dizer que se vai bater*⁵⁴. Eu me desculpo com meu amigo pelo tempo demorado que durou o papo com Danilo. Digo que me senti tocado e que pessoas assim me interessavam. Ele acena com a cabeça e logo retomamos nossa conversa em outro ponto, mas seguindo a tônica – vida, sentido, explicações... Eis que não demora e chega junto à nossa mesa uma senhora de cor morena, com cabelos sujos e mal arrumados, trajando saia, uma blusa curta estampada e calçando somente um pé com chinelo de dedo estando o outro no chão descalço. Pede- nos uma ajuda para comprar um par de chinelos, já apontando para o seu pé sujo e sem o outro par de chinelo descalço no chão. Sentindo logo nossa negativa, a senhora meio descalça, ou calçada num pé só, vai-se embora. Eu e meu amigo levantamos da mesa, pagamos a conta, andamos ainda um pouco pelo centro da cidade e depois cada um seguiu para seu sítio de moradia. Quando chego à casa o céu já se mostra escuro por anunciar a noite que chega rápido, mas também pelo tempo que traz nuvens pesadas prometendo mais chuva. A estiagem de hoje parece não durar muito mais. Mas isso não me muda em nada a alegria que senti nessa tarde com meu amigo, mesmo sem saber nem compreender o motivo da alegria. Encontro minha esposa e lhe relato o que me aconteceu durante o encontro com meu amigo para um café. Contei a ela a respeito do menino com um vídeo-game pequeno nas mãos, da mulher de um chinelo só e, principalmente, do escritor e poeta Danilo Prado, sem esquecer de

mostrar-lhe a folha de verso e anverso repleta de letras miúdas dobrada em formato de sanfona que eu trazia nas mãos. Sentei-me num sofá, coloquei meus óculos e fui logo procurar e ler o verso intitulado “Quem sou?” Reproduzo-o em meu caderno de minhas notas de pesquisa. *Quem sou?/ Quer saber quem sou?/ Procura-me./ Quer me procurar?/ Quer saber como me procurar?/ Olhe para você mesmo e veja porque/ você respira, porque chora, porque sente dor,/ porque se emociona, porque sorri, porque se/ entristesse (sic), veja o que vive em sua volta, o canto/ dos pássaros, o infinito mar, o sol ao nascer/ e ao entardecer, a lua, as estrelas./ Sabe quem sou?/ Sou o arquiteto do universo,/ semelhante a sua imagem, sou o criador de tudo/ e de todos, porque estou dentro de você./ Procura-me⁵⁵!* Depois de ler e tomar nota penso no título do verso – “Quem sou?”. Isso me faz pensar que a pergunta é gramaticalmente simples, mas de resposta impossível. Também ocorre-me que essa não é uma boa pergunta por vários motivos, entre eles, dar uma resposta em tom de verdade e estabilidade... A quem? A um sujeito? A alguém que fala em primeira pessoa? A uma estabilidade de fatos, memórias, um antes e depois? Não nego que a interrogação de “quem sou?” não me atraía. Mas, *não encontro uma resposta quando me pergunto quem sou. Um pouco de mim eu sei: sou aquele que tem a própria vida e também a tua, eu bebo a tua vida. Mas isso não responde quem sou eu⁵⁶!* Passo a procurar, então, agora os versos “Mistério” e “Felicidade” que Danilo apontara como interessantes. Ei-los: *MISTÉRIO/ Falar de você é como se tentasse buscar/ uma resposta para o sentido da vida./ Falar de você é como se quisesse buscar/ descobrir os mistérios das galáxias./ Falar de você é algo tão impossível,/ assim como é impossível conhecer os mistérios do/ universo. Pois você é algo inexplicável e estar com/ você é estar em sintonia com a vida, seu sorriso, seu/ olhar, seu expressar, seu falar, até mesmo seu/ andar, tudo me*

*fascina./ Não quero pensar, falar e/ nem imaginar como seria viver sem você porque/ você é a própria sensação do amor e se é assim que/ eu sinto, sinto também que te amo e se respirar ao/ seu lado é viver, eu vivo porque estou ao seu lado*⁵⁷. Reli algumas vezes e logo passei para o outro verso: *FELICIDADE/ Ser feliz não é simplesmente criar um mundo/ próprio./ Ser feliz não é simplesmente projetar um ideal/ de felicidade./ Ser feliz não é desejar./ Ser feliz é apreciar a vida, respeitar o ar que/ respiramos, respeitar o amor porque a felicidade está na/ sensibilidade, no que respeitamos e valorizamos tudo que/ nos cercam (sic)./ A felicidade está no que olhamos, é só/ apreciarmos o sol, as flores, as estrelas, a lua, em fim (sic) o/ infinito. E você quer ser feliz?/ Então feche os olhos e sinta que você está aqui,/ que você é presente e futuro, você é o hoje e o amanhã,/ desperte-se e seja feliz, só depende de você*⁵⁸! Senti que não me cabia julgar a qualidade daqueles versos, apontar os erros gramaticais que continham, enfim, criticar o poeta. Isso não. Lembrei-me da sugestão da velha senhora para que eu resolvesse fácil-mente naquela altura minha dificuldade em ser escritor – comprar máscaras e assustar os poetas fazendo-lhes caretas, que não me impressionasse com eles, mas que criticasse e arrasasse com todos eles. Não é isso que desejo. Ao contrário, a sugestão dada pela velha senhora soa-me, agora mais que nunca, sem sentido, inútil e potentemente pequena. Não. Algo me tocou profundo no corpo naquele dia. O encontro com meu amigo, aquela esplanada cheia de mesas, aquela criança, Danilo Prado, a mulher meio descalça... Os versos que acabara de ler costuravam um sentido obscuro daquele dia. O acontecimento desse dia se inscreveu de certo modo em mim porque talvez meu corpo experimentava algo diferente da realidade de antes de certo modo. Quem sou? Mistério. Felicidade. Retomo a memória e a sensação de corpo e mente da experiência desse dia. Penso que, mais

que responder, desejo mesmo é compreender um sentido de tudo isso, dar voz, escrever e me deixar levar por essa história toda, *terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus. Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro o que me impressiona*⁵⁹. Retomo mentalmente o dia, o fato daquele encontro para um café com um amigo numa esplanada repleta de pessoas, a criança querendo dinheiro para um vídeo-game, o poeta Danilo Prado, a mulher calçando um só chinelo... Cada um ali a seu modo... Tomando o dia como fatos que se sucedem, posso pobrementemente me perguntar “quem sou eu no meio disso tudo?”, “que mistério há nisso, pessoas sentadas ou passando ou...?” “que sussurros há nisso que me arrebatam?” “que felicidade posso dizer que há nisso?” Se olho o mundo ao longe, à distância e percebo-o pelo conjunto de metades e de um antes e depois, Assim, o mundo é um conjunto de fatos situados ao longe. Ao longe perdemos os pequenos gestos sutis possíveis tão-somente em um corpo a corpo com as coisas do mundo, incluindo as pessoas, e ficamos apenas nos grandes movimentos de superfície rasa de acasos com uma multidão indiferenciada tanto de pessoas como de coisas do mundo – ao longe e estáticos. Mas, *devemos perceber o que significa os pequenos gestos/ terem sido substituídos/ pelos grandes movimentos./ Na cidade já não há pormenores,/ verifica-o. As pessoas cruzam-se/ sempre em momentos de partida ou de chegada./ Ninguém fica. Não há estados intermediários./ Do coração dos homens o que as mulheres conhecem/ são electrocardiogramas saudáveis. E vice-versa*⁶⁰. Pela substituição dos pequenos gestos pelos grandes movimentos ao longe, as pessoas terão cada uma um nome, terão funções, serão psicologicamente mais tristes ou mais alegres etc. Enfim, ao longe a pergunta “quem sou?” tem supostas respostas, mesmo sendo inúteis tal qual a pergunta. Ao

longe não há nem pode haver mistério em mim, em qualquer pessoa ou em qualquer situação, mesmo "lá". E todos estarão ou serão felizes ou infelizes de alguma forma, mas talvez não completamente por aquilo que supostamente sejam mas, talvez, por aquilo que desejam ainda ter do mundo como acúmulo de coisas concretas ou não para serem felizes. Por exemplo, veja-se o dia de hoje durante um café numa esplanada repleta: Aquela criança, com o vídeo-game em mãos queria dinheiro para comprar outro joguinho eletrônico. Vista ao longe é talvez uma criança que só queira brincar, afinal é criança e seu desejo aquela hora, talvez a maior felicidade que possa atingir está em brincar com o que há de mais moderno e na moda. Olhar ao longe conforta e aplaca o desassossego e o sussurro dos fatos. Diz-se: *Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável*⁶¹. Vista ao longe dentro do conjunto de metades e de um antes e um depois, podemos mesmo comparar a infância dessa criança com a infância de outras crianças de mesma idade tão modernas quanto essa e que nos são até mesmo familiares. *Há crianças, por exemplo, que gostam de bater/ com uma vara afiada no dorso de cabras/ ou de outros animais de grande porte./ A infância, não fora crueldade dos meninos,/ seria luminosa. Mas vista de cima continua/ fantástica. Aprende-se inglês cada vez mais cedo*⁶². Olhemos o escritor e o poeta sob a perspectiva do conjunto de metades e num antes e depois ao longe. Vemos somente homens e os *homens estão desolados e com insónias./ Tomam comprimidos e dizem/ versos belíssimos, mas esquecem-se de regar/ as plantas. Todos os seres vivos morrerão/ se passares dia e noite a recitar versos,/ a corrigir pequenos problemas de dicção,/ a organizar, por fora, a História da beleza./ É feio e ficou, eis o Homem*⁶³. E olhemos a mulher mal vestida, de cabelos mal

arrumados e de um pé com chinelo e o outro pé descalço que pede dinheiro, entre pessoas e também ao longe. Dizemos *pelo menos: organizámo-nos. Mas há ainda uma pergunta:/ onde são enterradas as pessoas que vivem/ na rua? Será que há um terreno/ guardado para os casos complicados?/ Pergunta ingênua, quase obscena:/ os sem-bilhete-de-identidade serão, afinal cremados/ por motivos óbvios de poupança de território?/ (Os terrenos do centro da cidade merecem,/ sempre assim se pensou, animais com nome. E tal é justíssimo.)*⁶⁴. Ao longe e também dentro de casa não posso e não podemos sequer ir muito à frente ao perguntar “quem sou?” ou “quem somos?”. Por motivos talvez óbvios também não pode haver mistérios. Mas, e a felicidade? Ao longe, como dentro de casa, no conforto de uma bela poltrona, talvez possamos no nosso modo de corpo moderno e acostumado a toda tecnologia ao longe dizermos, mesmo desejando coisas físicas e abstratas que supostamente nos faltam para a felicidade, dizer sim, que somos felizes – ao longe e sossegados em casa. *Somos muito felizes. Nas análises, a urina/ nada acusa, e o sangue não é tirado à força com uma espada/ como acontecia nas batalhas de séculos anteriores;/ o sangue agora sai através de uma finíssima agulha/ trazida por uma enfermeira obesa./ O Estado preocupa-se com a tua saúde/ e, progresso enorme, manda as boas-festas pela televisão*⁶⁵. Ao longe e sossegados em casa, da natureza, da vida, da cidade, das coisas, dos homens, poetas, escritores, ou não, de supostos encontros, de estórias, da literatura, da educação, de escolas, de teses e dissertações etc., enfim, de tudo, podemos zombar, criticar, assustar através de máscaras e caretas. *E há depois as palavras. A relação entre os homens/ está gramaticamente outra. Tolerância,/ respeito, leis serenas: a cidade vista de cima/ parece um lago, tão calma que está./ É tão perfeita que não se percebe como é que os animais/ da floresta não se mudam todos para cá*⁶⁶. Como disse, desejo me tornar

escritor. Contudo, sinto agora, depois dessa longa conversa, que o ato de escrever pode ser mais potente do que simples e tão-somente alguém querer atingir um objetivo do tipo tornar-se escritor e escrever livros ou seja lá o que for. Não imagino se terei êxito ou não, se o que escrevo ou escreverei é bom ou não. Por que escrevo? Sinto que para criar um mundo, um sentido de meu mundo na experiência de meu corpo a corpo com algo que, como já o disse, se exprime absoluta e infinitamente. O que leio ou escrevo é a tentativa decepcionante de compreender essa aventura infinita e impossível de meu corpo e mente finitos de fazer e dar sentido a essa experiência impossível. Daí porque escrevo. Sem fim, mas numa ação direta de meu corpo com a palavra de (re)ler e (re)escrever, assim, repetida e indefinidamente, o que li e escrevi, o que outros lêem e escrevem, o que outros leram e escreveram de forma a compreender, por amor, isso absolutamente e infinitamente grande que dou realidade a meu modo em meu corpo. Por que quero escrever? Porque *transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer "realidade". O que narrei será meloso? Tem tendência mas então agora mesmo seco e endureço tudo. E pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: agüenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão. É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional*⁶⁷.

, ...

E agora? Como seguir com isso tudo? Sim, Spinoza pode me ajudar. Vou à minha biblioteca na recolha de livros e mais livros... Sim, Spinoza, mas quantos mais? Poesias, contos, escritos, dissertações, teses... Ah, sim, Spinoza. Sei que ele não é o meu tema, mas um potente interlocutor que me faz pensar meu tema – Literatura e Corpo. Sim, Spinoza tem de vir, e que venha forte! Crítica e clínica, corpo ser-ouvido. Sim, começo com um grande Sim. Começo mesmo com Spinoza e tudo mais que me vier. Escrita polissêmica, sintagmática? Quero lançar-me a algo que ainda não conheço, mas desejo. Sim, começo com Spinoza e vou ver o que vai dar. Escrevo agora como um exercício de aprendizagem. Sim, escrita como um exercício técnico e de novas pulsões. Nesse movimento de escrita experimentar pensar os conectores do próprio texto e suas dificuldades. Sim, escrever! Spinoza será como que meu guia, meu corpo. Serei com Spinoza. Meu corpo, meu guia. E escrever e escrever textos atravessados de textos, atravessamentos. Sim, talvez escrever uma compatibilidade selvagem ou uma incompatibilidade compatível. Sim, pois assim é o mundo, a Vida. Sinto-a assim. Um desejo ou oração: “Oh, Deus. Que eu escreva tendo a mim mesmo como guia, que a escrita seja meu rastro de bons e frutíferos afetos, que todos os encontros despertem em mim o desejo, o amor, que eu não padeça diante do que me convida e encontre, que tudo que leia me redirecione a uma ideia dos encontros que fiz e faço com meu corpo, e que tudo que escreva ou dê a ler seja lido a partir de uma pergunta do leitor que se deixa invadir pelo que lê e possa ler, e que ao final tudo isso remeta a algo absolutamente grande e sem palavras para cada um de

nós – um contemplativo silêncio de tudo. Sim e Amém!”. Sim, preciso escrever, cabe a mim o esforço. Então, saco uma folha branca e começo...

, ...

O QUE UM ENCONTRO COM UM “ABENÇOADO” PODE AJUDAR NISSO QUE DESEJO?

Como efetivamente o pensamento de Spinoza, pode ajudar a pensar uma relação viva entre *Corpo e Literatura*? As obras e textos de Spinoza, principalmente a sua *Ética*, visam ao exercício livre do corpo, da mente e da razão, uma *Ética* que estabelece um olhar sobre as paixões e ações do corpo, afirma a necessidade do mundo – tudo o que existe é necessário por si ou pela sua causa –, recusa o livre-arbítrio da vontade, qualquer finalidade, recusa qualquer transcendência. Que pode esse pensamento ajudar a pensar uma *Ética* que fundamentalmente possa ser um modo-de-conhecer potente de existir e de pensar? Assim, um modo-de-conhecer que implica em produzir um corpo/mente, uma criação cognitiva de si e de mundo em que esse modo-de-conhecer ligue o Ser Essencial das coisas com o nosso próprio Ser Essencial numa produção *Ética*. Esse modo-de-conhecer, então, passa operar uma cognição aquém e além de um mero enriquecimento de saber em termos conteudistas, mas uma cognição que se torna um conhecer mais potente e que empresta a tudo do mundo uma expressão-produção ética de vida. Um desejo: acompanhar, então, esses elementos fundamentais pensados por Spinoza para com eles seguir pensar *Corpo e Literatura* como uma ressonância e principalmente como um disparador na constituição de um modo-de-conhecer que potencialize um modo mais potente de existir e de pensar, enfim, um modo-de-conhecer ético-estético da/de/com a vida.

Baruch (ou Benedictus, correspondente latino – “abençoado”) Spinoza (1632 – 1677) pensou uma *Ética* que em sua ontologia tem como elementos fundamentais o que ele vem a chamar de *substância*, *atributos* e *modos*. Toda compreensão de sua perspectiva de pensamento teórico-prático de uma *Ética* depende do entendimento desses elementos básicos levantados por ele.

Spinoza já em sua Primeira Proposição de sua *Ética* declara que *uma substância é, por natureza, primeira, relativamente às suas afecções*⁶⁸. Como compreender tal declaração? Spinoza fundamentalmente concebe a Substância como o incondicionado, o absoluto, o que não depende de mais nada para existir, ou seja, nos termos de Spinoza, ela, a Substância, é *causa*

sui (causa de si). E *por causa de si compreende aquilo que cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente*⁶⁹. Ainda falando do que resulta da definição de Substância, *à natureza de uma Substância pertence o existir*⁷⁰. Disso, então, compreendamos que *uma Substância não pode ser produzida por outra coisa. Ela será, portanto, causa de si mesma, isto é, a sua essência necessariamente envolve a existência, ou seja, à sua natureza pertence o existir*⁷¹. A substância, portanto, é absoluta é *necessariamente infinita*, pois *como, na verdade, ser finito é parcialmente, uma negação e ser infinito, uma afirmação absoluta da existência de uma natureza, segue-se, portanto, que toda substância deve ser infinita*⁷². Tal noção de substância, diz Spinoza, só pode ser aplicada a Deus, ao ser que existe por si próprio, a um ser absolutamente infinito e constituído de infinitos atributos. *Por Deus, diz Spinoza, compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita*⁷³. É preciso, pois, explicitarmos o que Spinoza compreende por *atributo*. Ele diz em sua *Ética* que *por atributo compreendo aquilo que, de uma Substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência*⁷⁴. Ora, se pela definição 6 da *Ética*, Deus é um ser que existe por si próprio e é constituído por infinitos atributos, então, os atributos são aquilo que percebemos da Substância, já que ela mesma não nos é possível conhecer. Devido à limitação de nossa possibilidade de conhecer e perceber o absolutamente infinito, ou seja, a Substância, a Natureza, Deus, então, nosso entendimento percebe a Substância, a Natureza, Deus a não ser nos seus atributos, em especial dois, a saber, a extensão e o pensamento. Os atributos são infinitamente infinitos, assemelham-se à Substância mas não se confundem com ela. Os atributos são expressões infinitas e cada qual distinta de uma única e mesma Substância. Cada atributo expressa a essência da Substância, Natureza, Deus na sua totalidade e não parte da Substância, Natureza, Deus. Como foi dito anteriormente, cada atributo é infinito em si, não absolutamente infinito – esse só a Substância –, mas infinitamente infinitos. Extensão e pensamento são infinitos, ou seja, a extensão não tem limites, assim como o pensamento. Ou, dito de outra maneira, o limite de ambos é infinito. Diz-se também que cada

atributo é infinito em seu gênero, o que se compreende que extensão não é pensamento e pensamento não é extensão. Pode-se dizer que se os atributos da Substância são infinitamente infinitos, então, essa infinidade infinita de atributos são atributos do absolutamente infinito, ou seja, Substância, Natureza, Deus. *Fica claro, assim, que, ainda que dois atributos sejam concebidos como realmente distintos, isto é, um sem a mediação do outro, disso não podemos, entretanto, concluir que eles constituam dois entes diferentes, ou seja, duas substâncias diferentes. Pois é da natureza da substância que cada um dos seus atributos seja concebido por si mesmo, já que todos os atributos que ela tem sempre existiram, simultaneamente, nela, e nenhum pôde ter sido produzido por outro, mas cada um deles exprime a realidade, ou seja, o ser da substância*⁷⁵. Na *Ética* de Spinoza há, ainda, a maneira de se compreender as coisas singulares, ou seja, aquilo que não é absolutamente infinito, aquilo que não é causa de si, mas aquilo que é causado ou produzido por outra coisa. É o que Spinoza compreende por *modo*. Ele diz: *por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido*⁷⁶. A Substância *sive* Natureza é causa de si própria, mas pela definição acima, um *modo* é em outra coisa, ou seja, o modo não é causa de si próprio mas está em outra coisa. Os *modos* podem ser compreendidos também como afecções do atributo de Deus. Como diz Spinoza, *a coisa extensa e a coisa pensante ou são atributos de Deus ou são afecções dos atributos de Deus*⁷⁷. O fundamental dessa compreensão de Spinoza é que *modo* será sempre um modo de ser de alguma coisa, uma maneira de ser da Substância, uma modificação da Substância. Ademais, a identidade do *modo*, assim, tem de ser compreendida dependente *conceitualmente e realmente* da Substância. Quando na definição 5 da parte I da *Ética* Spinoza diz que os modos são *afecções* da Substância, entendamos, pois, *afecções* como *modo* e também como *alterações do modo*. Isso quer dizer que tanto realmente e conceitualmente as *afecções* “são em outra coisa”. Ou seja, *afecções* referem-se a um *modo*, a uma coisa particular, às afecções da substância. Nas palavras de Spinoza, *as coisas particulares nada mais são do que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada*⁷⁸. As

afecções também referem-se ao corpo e à mente, às suas *afecções*, o que Spinoza chamará de *afeto* e *imaginação*, respectivamente ao corpo e à mente.

Resumidamente e numa palavra, os *modos* são *afecções* da substância, efeitos imanentes e, também, são as *afecções das afecções* da substância. Ontológica e logicamente o modo depende da realidade e do conceito de Substância que é causa dele. O modo não é causa de si mesmo nem de seu conceito, mas efeitos de uma causa que não está contida neles mesmos, ou seja, são efeitos sem causa.

Os modos não tendo seu conceito e sua causa em si próprios, dependem do conceito e causa da Substância, Natureza, Deus. A substância tem nos modos sua expressão pelas suas *afecções*. A substância possui os modos, esses enquanto *afecções* dela e, assim, ontologicamente a identidade dos modos depende direta e necessariamente da identidade da substância. *Afetos* e *imaginações* são *afecções das afecções da substância*, dependem igualmente da realidade e do conceito de substância (sua causa distante) e do conceito de modo que é uma maneira de se produzir uma existência corpo a corpo próximo com tudo do mundo. Assim, *modos* – corpo e mente – são *afecções da substância* e *afecções dos modos* – afetos e imaginações – dependentes da realidade e conceito da substância enquanto uma causa distante e de uma causa próxima que é o corpo a corpo com o mundo. Compreendamos, assim, que a substância é causa do modo – corpo e mente – e que este causa afetos e imaginações na relação com outros corpos causando outras e outras *afecções* indefinida e sucessivamente. Assim se passa com o mundo, assim acontece o dinamismo do mundo. Como diz Spinoza, *de uma causa dada e determinada segue-se necessariamente um efeito; e, inversamente, se não existe nenhuma causa determinada, é impossível que se siga um efeito*⁷⁹. Um corpo enquanto modo é um efeito da substância e dele sempre serão produzidos indefinidamente outros efeitos. Pois, *não existe nada de cuja natureza não se siga algum efeito*⁸⁰ e, pela demonstração dessa proposição, *tudo o que existe exprime a natureza de Deus, ou seja, exprime a sua essência de uma maneira definida e determinada, isto é, tudo o que existe exprime, de maneira definida e determinada, a potência de Deus, a qual é causa de todas as coisas e, portanto (pela prop. 16), de tudo o que existe deve*

seguir-se algum efeito. Assim, tudo é Deus, tudo o que se segue como efeito é *efeito* de Deus e o corpo é, enquanto efeito, parte do “tudo”, uma maneira, modo de ser divino.

Compreendamos a dimensão e a implicação do existir e do pensar o real, a Vida a partir do que Spinoza elabora em sua filosofia. Um corpo como modo, enquanto efeito da Substância, Natureza, Deus (incluo aqui a Vida), um corpo/mente enquanto um modo-de-existir e modo-de-pensar – corpo como um modo de ser divino – tem no existir e no pensar a potência de se perceber existencial e cognitivamente como eterno e infinito *em* (univocidade e imanência) Substância, Natureza, Deus, Vida. Constituir-se como corpo, então, passa por produzir-se uma existência que compreende que tudo se liga com tudo. E, uma vez que se compreenda de modo *adequado* as relações, alcança-se uma cognição inventiva que compreende que nada se separa de nada e que o corpo é um modo de infinitas qualidades, produz, tece, articula, cria todo um mundo. Cada corpo em sua potência é uma *parte* da Natureza por *esforço* de perseverar em seu existir *em* que existe por si absoluta e infinitamente – Natureza, Substância, Deus, Vida. A mente de um corpo que se produza e compreenda tudo assim tem um conhecimento adequado de que *cada ideia de cada corpo ou coisa singular existente em ato envolve necessariamente a essência eterna e infinita de Deus*⁸¹. Assim, pela Demonstração que segue essa proposição Spinoza diz que *a ideia de uma coisa singular existente em ato envolve necessariamente tanto a essência quanto a existência dessa coisa. Ora, as coisas singulares não podem ser concebidas sem Deus; mas, por terem Deus como causa, enquanto ele é considerado segundo o atributo do qual essas coisas são modos, suas idéias devem envolver necessariamente o conceito desse atributo, isto é, a essência eterna e infinita de Deus*⁸². Assim, existir e pensar de um corpo na Vida constitui uma tarefa ética de fundamental importância, existir e pensar *uma vida* imanente à Vida. Spinoza compreende a existência um sentido bem forte que esse conceito possa ter. Diz Spinoza, *por existência compreendo, aqui, não a duração, isto é, não a existência enquanto concebida abstratamente e como uma certa espécie de quantidade. Falo, na verdade, dessa natureza da existência que é conferida às coisas singulares porque da necessidade eterna da Natureza de Deus seguem-se infinitas*

*coisas, de infinitas maneiras. Falo, repito, dessa existência das coisas singulares, enquanto elas existem em Deus. Pois, embora cada uma seja determinada, por outra coisa singular, a existir de uma maneira definida, a força pela qual cada uma persevera no existir segue-se da natureza de Deus*⁸³. Assim, o conhecer faz ligar uma compreensão de que um corpo a corpo com o mundo desperta um existir e pensar potentes, no sentido de que o que se encontra numa existência no mundo, na vida, é o que *um corpo* “incorpora” ou “encarna”. Uma ligação superior de conhecimento do/de mundo, da vida, além e aquém de um saber em termos de conteúdo, mas um conhecimento que empresta ao corpo e a todas as coisas do mundo, vida e um brilho *essencial*. *Tudo começa, pois, para o indivíduo, com um “eu sinto” e não com um “eu penso”, com um “eu sou afetado”, com uma paixão.*⁸⁴

Nessa relação, tudo vem a ser para o corpo mais do que mero acaso ou mera exterioridade. Um corpo a corpo nessas condições é necessariamente um acontecimento de nascimento sempre novo. O corpo realiza no/com o mundo um novo e eterno nascimento. A ideia da mente desse corpo é a ideia de não mais Ser isolado, um sujeito, um objeto etc., mas um membro, uma parte que existe e pensa, uma vida que se atualiza e que abarca uma compreensão da progressão absolutamente infinita da Vida. Ou se compreende o existir e o pensar de um corpo na Vida nessa ontologia ou, do contrário, todo existir e pensar do corpo será *inadequado*. Assim, produzir uma vida nessa ontologia passa a ser produzir um modo-de-conhecer que compreende ser passível de conhecer ativamente tudo o que é – a Natureza em seu exuberante absoluto e infinito dinamismo. É a total absoluta e infinita exuberância que se exprime, que é expressa por infinitas qualidades e que essas existem também finitamente como um modo. Como expressões dessas qualidades é que um corpo produz uma *Ética* ao constituir existência e pensamento, existir e pensar de um corpo *numa* vida. Nesse modo-de-conhecer situarmo-nos no mundo na qualidade de criadores, ou seja, o mundo é o que compomos – existência e pensamento. O mundo é a inseparabilidade de tudo e também do que se compõe no corpo a corpo que se faz mundo, é mundo.

Seja o que se constitua no corpo a corpo como um modo-de-conhecer, o corpo produz existência e pensamento aquém e além de uma mera repetição do acaso das coisas, mas produz um sentido de realização de mundo por criação. Essa criação aberta pelo modo-de-conhecer possibilita produzir uma existência e um pensamento infinitos. Toda realidade adquire uma compreensão de que tudo faz corpo, tudo conecta com o mundo inteiro. Desse modo, não mais faz sentido falar de um sujeito, indivíduo, eu isolados, mas de pensar um modo-de-existir e modo-de-pensar que implique todo o nexo de relações revelado nessa compreensão cognitiva de Ser no mundo como uma grande produção ininterrupta com as forças presentes no mundo. Tal compreensão é mesmo a Vida ela mesma que tudo abrange e tudo inclui ultrapassando qualquer pessoalidade que se possa atribuir a um indivíduo ou sujeito em particular. Esse modo de produção de existência e de pensamento – o que é o mesmo em dois atributos diferentes – possibilita uma ética que é também um valor de transformação de si e do mundo pela criação. A vida produzida como corpo no Real, na Vida, é constante transformação do que é produzido pela criação. O valor da criação de um corpo é valor da potência de transformar a vida real enquanto a produz. Concomitante à criação de mundo, há a cognição que se realiza no acontecer-do-mundo de uma vida que se cria. A cognição é, nesse caso, a compreensão do mundo que cria, é a compreensão da mente do corpo que acontece no acontecimento da criação. Essa compreensão é mesmo um conhecimento que não é uma produção primeira da mente, mas um conhecimento que é um puro padecer do corpo. Nesse padecer do corpo o pensamento se modifica justo pelas relações que no corpo a corpo se estabelecem e a mente se modifica pela “nova” ideia do corpo modificado pelo padecimento em sua relação com outros corpos. *Para compreender melhor isto, cabe assinalar que o entender (ainda que a palavra soe a outra coisa) é um puro e simples padecer, quer dizer, que nossa alma é modificada de forma que recebe outros modos de pensar que não tinha anteriormente. Pois, assim como alguém por haver atuado em todo objeto, recebe formas ou modo de pensamento similares a ele, assim está claro também que este adquire da forma ou qualidade do objeto um sentimento totalmente distinto a daquele outro que não tinha tantas causas e que, portanto,*

*havia sido movido a afirmar ou negar por uma ação mais ligeira, já que percebeu em si mesmo menos ou menores acréscimos*⁸⁵. A vida criada com o mundo é a vida compreendida na mais profunda superfície do corpo, não mais uma compreensão de/do “dentro” ou “fora”, mas uma vida estendida ampla e infinitamente atualizada indefinidamente em sua potência de existir num si e num mundo. Cabe ao corpo produzir eticamente essa vida e dar-se, enfim, a ela. *O prazer é abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que se estava encarniçadamente prendendo. E de súbito o sobressalto: ah, abri as mãos e o coração, e não estou perdendo nada! E o susto: acorde, pois há o perigo do coração estar livre! Até que se percebe que nesse espriar-se está o prazer muito perigoso de ser. Mas vem uma segurança estranha: sempre ter-se-á o que gastar. Não ter pois avareza com esse vazio-pleno: gastá-lo*⁸⁶. Que o corpo, então, não se poupe de viver esse perigo estranho, a máxima intimidade com o absolutamente infinito, de gastar-se sem avareza nesse risco.

Produzir esse modo-de-conhecer é constituir-se num modo ético, um si, pois toda perspectiva de um sujeito, indivíduo e de um eu modernos é dissolvida na sua forma dura e esse modo-de-conhecer passa a permitir compor um modo de subjetivação de um si insubordinado às formas constituídas e limitadas de sujeito, indivíduo e de eu transcendentais e/ou criadores a partir de si enquanto perspectiva privilegiada. Na *Ética* o si é um modo que absorve e que é absorvido pelo dinamismo do real. O si passa a ser o modo de um corpo viver todos os *afetos* sem avareza, o vazio-pleno da vida. Compreendendo junto a Spinoza, os afetos são o que inevitavelmente o corpo haure de um encontro, de uma afecção sofrida. O corpo em suas afecções interage, sofre indefinidas afecções e impressões. Os afetos são as reações (efeitos) no corpo das afecções sofridas. Afeto é interpretação. Assim, o que impulsiona, move, constitui o *leitmotiv* do corpo são os afetos. O corpo são afetos que mesmo a razão ela mesma se vê impossibilitada de modificá-los, ao contrário, a razão não é livre dos afetos do corpo. Então, o modo-de-conhecer do corpo passa pela compreensão dos afetos que o movem e, dessa maneira, ele passa a uma razão afetiva. É o que Nietzsche disse algures, numa carta: *fazer do conhecimento o mais potente dos afetos*. Compreender as relações corpo a corpo, as afecções do corpo, as paixões do corpo, conquistar o

entendimento de seus afetos é o que um corpo pode conquistar nas suas relações por afecções. Quando a razão do corpo é uma razão afetiva, então, o corpo entra numa cognição de si e do mundo nas suas relações, num modo-de-conhecer *ad hoc* ele passa a conhecer essas relações. O peso não se encontra no ser, mas nas relações, são elas é que dizem do ser. Cada si constitui-se numa determinada relação com infindáveis afecções, mas cada si *junto com* outros. O corpo é essa provisoriedade dados os múltiplos afetos constituídos na solidão pela ininterrupção das afecções *junto com* outros corpos numa mesma matéria imanente, *Substância, Natureza – Vida*. E constituir-se de afetos na solidão, nisso que impulsiona o corpo, move-o no mundo, na substância do mundo. E *o que nos salva da solidão é a solidão de cada um dos outros. Às vezes, quando duas pessoas estão juntas, apesar de falarem, o que elas comunicam silenciosamente uma à outra é o sentimento de solidão*⁸⁷. Nisso que é a solidão de cada corpo repleto de múltiplos afetos, então, qual *a sabedoria? Sofrer dignamente a humilhação que nos afligem nossos buracos*⁸⁸. O corpo na sua movência *numa* vida constitui-se num si afetivo pelas afecções, constitui-se num corpo que é um esforço em perseverar em seu ser, corpo/mente que pelo desejo age e pensa a potência de um si e mundo, potência de existir e potência de pensar. O corpo do si não é o corpo de um indivíduo, de um sujeito ou de um eu como preconiza a tradição do pensamento moderno. Assim, também o mundo não mais será um estado de coisas permanente, objetivo e objeto de conhecimento de uma única verdade transcendental. O corpo de um si é corpo/mente, um corpo de afetos que constitui-se num movimento ético corpo a corpo imanente às afecções da vida. Então, uma ética da vida, sem qualquer transcendência – a vida é a imanência ela mesma. Se a ética é o produzir afetivo imanente à vida, então, também o lugar da moral e da verdade que lhe serve não mais faz sentido a esse corpo ético. O sentido da ética está no valor criado, na potência de criar valores *ad hoc*, o valor da criação do corpo é um valor que afirme a vida em toda sua potência.

O mundo do corpo é a ética do corpo e vice-versa. Mais que tão-somente padecimento, ética é o efeito do puro agir de um corpo nas suas ações com/no real. *Porque tudo o que ocorreu no mundo é efeito/ de ações do*

*corpo e de coisas materiais,/ mas também é efeito das sensações incommunicáveis:/ o grande general e o grande poeta só avançam/ depois de receberem a mensagem que a natureza dá e de imediato retira/ para que dela nem um vestígio fique./ Nem as grandes obras de engenharia desprezam/ a intuição*⁸⁹. Sim, intuição do corpo/mente numa mais profunda produção ética como compreensão do seu puro agir nesse absolutamente infinito.

Mais do que um conceito, mas uma evidência inequívoca de uma natureza universal que tem a potência de existir absolutamente infinita em si própria, o corpo é um modo dessa natureza, um testemunho vivo disso que subsiste por si e em si próprio. O corpo como um modo dessa natureza faz mundo. E o mundo desse corpo como modo é um conceito, uma compreensão (ou não) disso que é uma potência e diversidade absolutamente infinita de vida que produz. O mundo como conceito é uma compreensão corpóreo-mental dessa grande diversidade posta inteligivelmente numa possível totalidade ordenada, esquemática, concreta e significativa ficcionada para que o corpo compreenda, no seu modo de existir e de pensar, o seu ser como parte nisso que é absolutamente infinito – a natureza, a vida. A ética torna-se, assim, uma produção singular do corpo segundo a melhor maneira de viver aquém e além dessas ordenações, esquematismos e totalizações de um mundo estável. A ética é a positiv-ação do corpo num agir produzindo ações em composição com os corpos do/no mundo e, com isso, reforça o seu esforço em perseverar em seu ser num sentimento de correspondência infinita e ininterrupta com todos os corpos – com a vida que se reproduz e existe.

Assim, a ética é uma composição existencial do corpo considerando a sua potência de agir na Vida, corpo que haure a cada instante o seu existir pela força de sua potência de vida na vida. Corpo – um modo de vida na Vida em todas as suas qualidades em extensão e em pensamento. Para o corpo produzir esse existir ético ele encontra na razão uma força para tornar-se ativo e capaz de conceber afetos que aumentam sua potência de existir e de pensar. A razão que aqui se trata não mais é a que se caracteriza pela mera receptividade de um objeto por um sujeito e que com isso esse conhece(ria) por um estatuto de uma verdade. O conhecer que a produção ética ela mesma gera é mesmo o puro agir do corpo, fundamentalmente uma capacidade de

produzir efeitos e afetos com a Vida absolutamente infinita. Para tal, ao corpo é *indispensável tornar conhecidas as acções terrestres/ com o comprimento do mundo e a altura do céu,/ mas é importante também falar do que não é assim/ tão longo ou alto*⁹⁰.

O corpo como um modo, uma diferença produzida pela singularização de suas ações constituindo uma ética que ultrapassa o comprimento do mundo e a altura do céu dados por esquematismos e ordenações ficcionais de um mundo. Daí, uma ética de uma vida se compõe com a Vida em toda sua extensão e pensamento. Pois, o que a Vida sussurra ao corpo talvez seja um desejo grandioso, algo como: *esperamos, pois, [...] que cresças e que crescendo/ vás directo à realidade/ e não pares. Porque não basta/ encostares-te aos acontecimentos,/ o que pensamos para ti é bem mais profundo,/ não basta conheceres sete teorias,/ terás que subir a sete altas montanhas./E atravessar ainda os continentes/ como se a terra fosse uma extensão temporal/ capaz de medir os teus dias*⁹¹. Esse é o corpo que deseja o mundo em sua potência. Podemos-lo entender melhor na definição de *modo* em Spinoza quando ele diz: *as coisas particulares nada mais são que as afecções de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada*⁹². Assim, corpo é um modo, corpo é afecção da substância. Se, pelo corolário da proposição acima, os modos são afecções dos atributos de Deus, então, os corpos determinam-se na extensão um dos infinitos atributos de Deus, atributo da substância única infinita. O corpo é um modo de ser modificado da substância, é um modo de ser de alguma coisa, uma afecção da substância única absolutamente infinita. Para ser, como particular, singular, o corpo como modo depende de outra coisa para ser concebido. O corpo na vida absolutamente infinita – corpo como modo da afecção da substância, corpo como efeito sem causa, corpo como efeito de afecções.

Mas, que são afecções, essas outras coisas que definem os modos, o corpo? Os modos sendo afecções da substância são as coisas particulares, são as afecções dos atributos de Deus, o modo como eles se exprimem de maneira definida e determinada⁹³. Mas, os modos ou corpos também são as afecções do corpo, ou seja, quando um corpo é *afetado de uma maneira que*

*envolve a natureza de algum corpo exterior*⁹⁴ e essas afecções produzem, na mente, imagens dessas afecções. Essas *imagens das coisas são afecções do corpo humano, cujas ideias representam os corpos exteriores como presentes em nós, isto é, cujas ideias envolvem a natureza de nosso corpo e, ao mesmo tempo, a natureza presente de um corpo exterior. Assim, se a natureza de um corpo exterior é semelhante à de nosso corpo, então, a ideia do corpo exterior que imaginamos envolverá uma afecção de nosso corpo semelhante à do corpo exterior*⁹⁵. O que Spinoza traz como entendimento de modo aqui é especificamente modo como afecção do corpo e da mente, da coisa particular no âmbito da imaginação. Compreendamos dessa colocação que afecção não se restringe ao corpo isoladamente, mas que afecção concerne igualmente à mente. Como corpo deve ser entendido numa configuração psicofísica – corpo/mente –, então, afecção é concernente ao estado do conjunto corpo e mente. Quando se compreende simultaneamente uma afecção corporal e uma modificação mental tomamos o conceito de afeto. O afeto concerne primeiramente à complexidade que é o corpo enquanto pode ser modificado em virtude de sua natureza e de suas partes na sua existência como um modo finito da extensão posto a um número grande de maneiras em/para relações com outros corpos tanto em sua totalidade como em nível de suas partes. A afecção é o estado de um corpo enquanto sofre a ação de um ou mais corpos, a indicação da natureza do corpo que se modifica na mistura de corpos. Resumidamente podemos dizer que afecções são misturas de corpos. O afeto é a transição (vi)vida do corpo enquanto produzida nas afecções. A incessante produção e variação da Vida são infinitas e essa variação ou variações do corpo na Vida são percebidas como a força de existir do corpo ou a potência de agir do corpo. Mais que uma compreensão meramente intelectual, o corpo percebe nele essa força, toda a variação contínua da força de existir com a Vida num modo de vida.

Assim, o corpo se produz em variação no agir na mistura com outros corpos, com tudo do mundo e nisso podemos falar que ele, corpo, ao se produzir nos encontros, trabalha no sentido da Vida que é mesmo potência porque variação e variação porque potência. A Vida é um devir e, *uma* vida do corpo, é a existência num modo que se configura como devir. O conhecimento

do corpo de uma vida se produz numa aprendizagem de uma *razão* que não se dá em uma única linha reta e homogênea, mas num aqui e ali presentes a todo instante; não numa, mas nas múltiplas linhas de potência de existir e de pensar na mais profunda superfície que é a “pele” de todo corpo ou todo corpo como “pele”. A potência do corpo é o instante em/de múltiplas e infinitas linhas “à flor da pele” roçando o mundo e produzindo vida. Conhecer, conceber e discriminar essa potência das linhas do corpo não é uma aprendizagem fácil e passível de ser terminada num tempo dentro e entre um antes e depois, numa cronologia, num tempo de duração. Nunca se sabe como alguém ou como um corpo aprende, onde um corpo aprende, que progressos um corpo pode fazer nos encontros... Mas, conhecer coloca uma necessidade do corpo em lançar-se a uma aprendizagem de uma razão, quando nos encontros, para o que lhe convém ou não, saber como compõe e aí compor as relações com o todo do mundo. Aprendizagem do corpo passa por compreender as conveniências e inconveniências nos/dos encontros, o que pode aumentar a potência do corpo de ser afetado. Num aforismo: A Vida que se exprime num corpo e/em aprendizagem – o *Devir: uma agonia sem desenlace*⁹⁶. Nos encontros, na mistura dos corpos, ser racional é existir e pensar num modo de vida mais alegre a agonia do devir Vida.

Vida tem uma relação intrínseca e necessária com as afecções e afetos do corpo. Compreender essa relação é, pois, uma aprendizagem de vários gêneros ou tipos de conhecimento do corpo com a Vida. Uma ética afetiva do corpo é, pois, produzir uma certa conciliação dos múltiplos impulsos, pulsões que o atravessam e ele faz atravessar pelas afecções. Essa certa conciliação dos impulsos passa por uma aprendizagem aberta e infinita com tudo do mundo. Isso é o que pode-se chamar de uma aprendizagem do conhecimento e esse conhecer, na sua processualidade infindável, (é) a aprendizagem. Permitam-me extrair letra por letra, em quase sua integralidade, o prefácio que Spinoza faz na Parte III de sua *Ética* que fala de afetos, modo de vida, homem, natureza, razão, livre-arbítrio, corpo... *Os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela. Ou melhor, parecem conceber o homem na natureza como um*

império num império. Pois acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio. Além disso, atribuem a causa da impotência e da inconstância não à potência comum da natureza, mas a não sei qual defeito da natureza humana, a qual, assim, deploram, ridicularizam, desprezam ou, mais frequentemente, abominam. E aquele que, mais eloquente ou argutamente, for capaz de recriminar a impotência da mente humana será tido como divino. Não tem faltado, certamente, homens eminentes (a cujo trabalho e engenho muito devemos), que têm escrito muitas e excelentes coisas sobre o correto modo de vida e dado, aos mortais, conselhos plenos de prudência. Mas ninguém, que eu saiba, determinou a natureza e a força dos afetos nem, por outro lado, que poder tem a mente para regulá-los. [...] Quero, agora, voltar àqueles que, em vez de compreender, preferem abominar ou ridicularizar os afetos e as ações dos homens. A esses parecerá, sem dúvida, surpreendente que eu me disponha a tratar dos defeitos e das tolices dos homens segundo o método geométrico, e que queira demonstrar, por um procedimento exato, aquilo que eles não param de proclamar como algo que, além de vão, absurdo e horrendo, opõe-se à razão. Mas eis aqui o meu raciocínio. Nada se produz na natureza que se possa atribuir um defeito próprio dela, pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma em toda parte, sua virtude e potência de agir. Isto é, as leis e as regras da natureza, de acordo com as quais todas as coisas produzem e mudam de forma, são sempre as mesmas em toda parte. Consequentemente, não deve, igualmente, haver mais do que uma só e mesma maneira de compreender a natureza das coisas, quaisquer que sejam elas: por meio das leis e regras universais da natureza. É por isso que os afetos do ódio, da ira, da inveja, etc., considerados em si mesmos, seguem-se da mesma necessidade e da mesma virtude da natureza das quais se seguem as outras coisas singulares. Eles admitem, pois, causas precisas, tão dignas de nosso conhecimento quanto as propriedades de todas as outras coisas cuja mera contemplação nos causa prazer. Tratarei, assim, da natureza e da virtude dos afetos, bem como da potência da mente sobre eles, por meio do mesmo método pelo qual tratei, nas partes anteriores, de Deus e da mente. E

*considerarei a ações e os apetites humanos exatamente como se fosse uma questão de linhas, de superfície ou de corpos*⁹⁷.

A natureza, o universo, a vida e tudo que dele faz parte, são um todo, por isso, perfeitos. O real é o todo que se exprime em tudo, o corpo existe em devir com a vida, com o real. No que se toma concebido como perfeito não pode haver qualquer atribuição judicativa de defeitos, falhas, adjetivos como feiúra, beleza, confusão, perturbação etc., porque a natureza, o universo, a vida, o real é um todo e as atribuições judicativas só são possíveis se o que é concebido como “tudo” fosse encarado por/numa exterioridade. Tais juízos, caso proferidos, na imanência disso que é “todo”, só podem advir dos afetos do corpo nisso e com isso que é “todo”. No fundo, juízos de um corpo que não se compreende como *uma* vida no todo que se exprime – a Vida. Um corpo que não compreende, não aceita suas relações e não ama a Vida nas relações, mas vive ao acaso dos encontros, imaginando expectativas e desejos nas/das relações, de suas afecções. O corpo não compreende que seu existir na vida é devir, que existe em função do “merecimento” de seu poder de afetar e de ser afetado. Ao corpo cabe o que lhe coube em encontros. Numa vida de um corpo não há o que se lamentar, rir, deplorar, desprezar, ridicularizar, porque não lhe falta nada, mas se realiza e se produz naquilo que é/foi mais perfeito e expresso pelos encontros, por suas afecções. Enfim, nada a abominar no corpo, na natureza, na vida, mas amar tudo assim como é em sua perfeição. De um corpo no mundo só se pode dizer: “eis um corpo!” e render-se à evidência atual de uma vida de encontros. Vida boa? Má? Confusa? Perturbada? Risível?... Não, pôr-se e render-se a amar essa evidência que em toda sua perfeição de “eis(-me) aqui, um corpo!” evidencia encarnado um modo de aprendizagem com o mundo, uma conciliação íntima e intransferível do que é amar toda a vida e constituir uma perfeita realização de Vida numa vida de encontros. Diante de um “eis aqui *um* corpo!” requer render-se ao amor pela/na Vida ela mesma. Eis um corpo que fez *uma* vida que não é de mais ninguém. Eis um corpo que se fez a seu modo uma relação com tudo o que há. Eis aqui um corpo que pôde e ainda pode. Eis aqui neste instante *uma* vida que é a potência intransferível de um corpo que exprime a seu modo a Vida ... *(Sim, tu deves reder-te à vida,/ “ou logo à morte”, não há uma/ terceira opção. E se te*

rendes ao facto/ de estares vivo, avança. És feito/ para ir de um ponto a outro, como uma linha. Com todas as tuas infinitas linhas de tua mais profunda superfície./ Obedeces àquilo de que és feito. No meio/ de um percurso e outro não se está no início/ nem no final. E tal basta como definição)⁹⁸. Eis aqui um corpo de algo muito grande, absoluto e infinitamente grande (que se chame, como se queira, de Natureza, Substância, Deus, Absoluto, Vida...) e que o corpo seja um modo dessa grandeza e, por ser corpo, rendamo-nos ao que se mostra – um corpo absolutamente dessa grandeza e potência. Eis aqui um corpo tão perfeito quanto esse possa ser em função das afecções que tem – nada lhe falta. Eis um corpo tão perfeito por estar em seu poder por ter sido afetado e ter sido capaz de afetar, de afetar e de ser afetado, um corpo que teve sempre as afecções e os afetos que mereceu. Eis aqui um corpo – resta-nos diante dele compreendermos pelo conhecimento. **O que significa conhecer.** – *Non ridere, non lugere, nenque detestari, sed intelligere!* [Não rir, não lamentar nem detestar, mas compreender!] disse Spinoza, da maneira simples e sublime que é a sua. No entanto, que é **intelligere**, em última instância senão a forma na qual justamente aquelas três coisas tornaram-se de uma vez sensíveis para nós? Um resultado dos diferentes e contraditórios impulsos de querer zombar, lamentar, maldizer? Antes que seja possível um conhecer, cada um desses impulsos tem de apresentar sua visão unilateral da coisa ou evento; depois vem o combate entre essas unilateralidades, dele surgindo aqui e ali um meio-termo, uma tranquilização, uma justificação para os três lados, uma espécie de justiça e de contrato: pois é devido à justiça e ao contrato que esses três impulsos podem afirmar na existência e conservar mutuamente a sua razão. A nós chega à consciência apenas as últimas cenas de conciliação e ajuste de contas desse longo processo, e por isso achamos que **intelligere** é algo conciliatório, justo, bom, essencialmente contrário aos impulsos; enquanto é apenas **uma certa relação dos impulsos entre si**. Por longo período o pensamento consciente foi tido como o pensamento em absoluto: apenas agora começa a raiar para nós a verdade de que a atividade de nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós; mas eu penso que tais impulsos que lutam entre si sabem muito bem fazer-se sentidos e fazer mal **uns aos outros**: – a violenta e súbita

*exaustão que atinge todos os pensadores talvez tenha aí a sua origem (é a exaustão do campo de batalha). Sim, pode haver no nosso interior em luta muito heroísmo oculto, mas certamente nada de divino, nada repousando eternamente em si, como queria Spinoza. O pensar **consciente**, em particular o do filósofo, é a espécie menos vigorosa de pensamento e, por isso, também aquela relativamente mais suave e tranquila: daí que justamente o filósofo pode se enganar mais facilmente sobre a natureza do conhecer⁹⁹. Que implicações há de se encarar o real como esse todo? Primeiramente, nada, ninguém, qualquer coisa está fora. Todo e qualquer corpo a seu modo participa desse todo, é parte do todo que se faz em relação. Assim, rompe-se com a perspectiva de se olhar e julgar o mundo de fora, ver o mundo como uma exterioridade composta de objetos e estados de coisas. Também rompe-se com a perspectiva de ver o mundo e julgá-lo a partir de uma vida interior, da perspectiva de um sujeito psicológico alijado das relações por se colocar fora fechado, uma ipseidade. Essas implicações também influenciam o aspecto relativo ao conhecimento. O rompimento de se olhar o mundo como objeto e como estado de coisas possibilita superar um conhecimento do tipo de um materialismo teórico. O rompimento da perspectiva eminentemente psicológica possibilita superar um conhecimento do mundo a partir de meros pensamentos que se produzem por um idealismo abstrato. Existindo uma só substância no mundo, então, tudo no mundo é expressão da Substância e o mundo físico é tudo o que existe. Ou seja, o mundo é um sistema de relações imanentes num campo natural sem nenhuma e qualquer transcendência que se vinculam por leis em que todas as partes se relacionam entre si.*

O homem, como corpo, é uma parte entre partes, é a realidade dos afetos que se mostram num “eis aqui um corpo”. A realidade do corpo é a realidade dos afetos, uma realidade articulada pela perspectiva do desejo. Desejo, entendamos, como a potência do corpo de afirmar a vida e produzir efeitos, enfim, desejo como potência para agir. A vida de um corpo, *uma* vida do corpo é a presença no efeito da sua potência de agir afirmando a Vida. O homem com outros homens, um corpo com outros corpos, o homem com outros corpos quaisquer são nessa única substância *ou* natureza, mas o que os diferencia ou singulariza são as diferentes potências ou níveis de força para

agir e perseverar em seu ser. Dessa maneira, o homem, assim como tudo, participa de uma única natureza. É uma e somente uma natureza para todos os corpos, uma só substância para todos os atributos, um plano comum para tudo – imanência e univocidade da Vida. Disso pode-se compreender a afirmação de Spinoza de que *o homem na natureza não é um império num império* e afirmar isso também implica em se opor a qualquer concepção de homem como sujeito, em afirmar uma autonomia do livre-arbítrio, da vontade, uma teleologia das ações e também qualquer normatividade de alcance moral sobre o homem. O homem como corpo é uma experiência afetiva de vida atualizada em relações com outros corpos, um corpo que busca e compreende a causa dos seus afetos. O corpo é essa experiência *racional* dos afetos constituída nos/dos encontros – eis aqui um corpo presente nos efeitos atualizados dos acontecimentos de suas relações. Eis aqui um corpo que não supôs qualquer vontade ou decisão “pessoal”, de um sujeito que precedeu “o que tornou-se” como corpo. Eis aqui um corpo que suas ações foram ocorrências que não supuseram qualquer finalidade daquilo que foram encontros. Eis aqui um corpo que não supôs qualquer forma de dever que direcionasse ou normatizasse por ditames exteriores as ações de suas relações. Eis aqui um corpo em toda sua faticidade com a Vida em seus encontros... Diante de um “eis aqui um corpo” resta-nos compreender.

Mormente o homem principia(-se) por imaginar-se com uma vontade livre em suas ações, como um sujeito autônomo que toma suas ações como meio para atingir um fim. Sim, um devir, mas uma forma-outra por teleologia – devir das e de formas –, um sujeito moral determinado e que determina normas, enfim, *um império num império*. Esse corpo-homem vive no acaso dos encontros, imagina que todas as coisas gravitam em torno de si e que a natureza é um apêndice objetivo de si mesmo. Esse corpo-homem imagina que ele e todas as coisas dependem exclusivamente dos choques e entrechoques meramente de partes exteriores que compõem o mundo (ele mesmo um corpo-homem-parte). A imaginação é, assim, um grau de conhecimento que diz meramente dos efeitos dos encontros, de ações extrínsecas ao corpo, de partes extrínsecas sobre partes extrínsecas. O corpo vive pelos efeitos confusos do que se passa em suas relações. A *imaginação* enquanto um

gênero de conhecimento, forma ideias sem vínculos dos nexos dos encontros, ou seja, não compreende a causa de suas afecções e dos seus afetos. O corpo pela *imaginação* quer dirimir essa confusão por incompreensão das causas de seus afetos que apenas são marcas fugidias das afecções, marcas de presenças aleatórias e fortuitas de efeitos extrínsecos sobre o corpo. O que quer dizer que essas afecções não se explicam pela essência do corpo e mesmo também pela sua potência, ou seja, dar a entender o que pode (um) corpo em suas afecções, isso porque *se o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de algum corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente, até que o corpo seja afetado de um afeto que exclua a existência ou a presença desse corpo*¹⁰⁰. A consideração de permanência das coisas extrínsecas, exteriores ao corpo sem que delas o corpo tenha ideia do que lhe sucede, ou seja, o efeito de um corpo sobre o nosso, essa ordem de permanência extrínseca das coisas será feita por um trabalho mnemônico e também do hábito. Os efeitos de permanência suposta-mente segura da cadeia dos efeitos serão estabelecidos pela memória e pelo hábito, pelos rastros das recordações do corpo do(s) efeito(s) sofrido(s) pelas afecções anteriormente por ele. A memória será, então, o registro das marcas dos efeitos mais ou menos regulares, mas de qualquer modo, equivocados e que configurará hábitos que regularão as novas e decorrentes ações diante dos efeitos das afecções aleatórias. É o que Spinoza efetivamente compreende por *imaginação*, ou seja, o estabelecimento de semelhanças àquilo que ocorre extrinsecamente ao corpo. Para Spinoza, a *imaginação* é o primeiro gênero de conhecimento, um gênero que produz abstrações, ficções, equívocos pelas e com as marcas das ações extrínsecas do corpo com outros corpos. Compreender as afecções é compreender as causas dos afetos e essa compreensão torna-se, assim, fundamental para o ultrapassamento de um conhecimento pela *imaginação* que coloca o corpo fadado ao padecimento ou paixão e não à ação.

Corpo, afecções, afetos, ação, paixão, conhecimento, potência, desejo, implicam-se. Spinoza diz sobre afecções e afetos em relação ao corpo: *por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é*

*aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções*¹⁰¹ e na *Explicação* dessa mesma definição acrescenta: *assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão*¹⁰². É necessário que se pense o gênero de conhecimento da imaginação na esteira de sua potência para/com outros gêneros de conhecimento que Spinoza concebe. Ou seja, pensar a relação do corpo com o conhecimento do mundo num ultrapassamento que vá além do padecimento e das paixões sofridas nas afecções no mundo subtraindo ou substituindo dele, corpo, uma ação ou pensamento mais potente nas/com suas relações com outros corpos. Com isso poderemos pensar o corpo estritamente ligado à afetividade pelo conhecimento e, assim, sustentar que o conhecimento é o mais potente dos afetos.

Para tal é preciso que consideremos que, para Spinoza, o modo, o corpo, é tanto as afecções da substância – corpo e mente – como também as afecções dos corpos singulares, ou seja, da *imaginação* e do afeto. No último caso, a *imaginação* e o afeto são afecções das coisas singulares, ou seja, as afecções das afecções da substância. Como afecções da substância, o conceito de modo depende da substância tanto quanto da realidade dela. Já o modo na perspectiva da afecção da substância depende de outra coisa, no caso, das afecções das afecções. O corpo para Spinoza, então, é uma intrincada construção e participação por múltiplas e variadas interafecções numa ontologia que envolve substância, atributos e modos e que tem na imanência nessa tríade o princípio de explicação para a compreensão de sua estrutura. Compreendê-la é, pois, fundamental para se pensar a ordem e conexão das coisas e das ideias do Real, da natureza, de Deus e o lugar do corpo pela e na conexão desses instantes. Compreender o corpo nessa tríade é o que se estabelece e se fundamenta como *Ética*.

Fundamentalmente, para o entendimento do que se quer, é saber que o corpo é um modo de ser divino. Falar de modo ou de corpo é falar da substância, de sua causa, causa essa que deve ser compreendida pela razão. O corpo como modo é mesmo outra coisa que tem sua causa primeira na substância. O corpo como afecção da substância é, assim, um existente e, enquanto existente, dele surgirá necessariamente algum efeito. Como um

modo existente na natureza, então, *não existe nada de cuja natureza não se siga algum efeito*¹⁰³. Um modo corpo, enquanto afecção da substância, exprime a seu modo a natureza da substância e sua potência, no caso da substância, a potência de sua essência que é existir necessária, absoluta e infinitamente. No caso dos modos, essa existência modal afirmará em sua existência que *tudo o que existe exprime a natureza de Deus, ou seja, exprime a sua essência de uma maneira definida e determinada, isto é, tudo o que existe exprime, de maneira definida e determinada, a potência de Deus, a qual é causa de todas as coisas e, portanto, de tudo o que existe deve seguir-se algum efeito*¹⁰⁴. Spinoza afirma um só mundo já que existe uma única substância absolutamente infinita e de infinitos atributos, sendo que o pensamento e a extensão são apenas dois desses infinitos atributos de um só e mesmo mundo. *Tudo o que pode ser concebido por um intelecto infinito como constituindo a essência de uma substância pertence a uma única substância apenas e, conseqüentemente, a substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob outro. Assim, também um modo de extensão e a ideia desse modo são uma só e a mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras*¹⁰⁵.

Isso quer dizer que o corpo e a mente são dois aspectos de um mesmo indivíduo, mas o corpo não funda a mente e nem a mente o corpo. Corpo e mente são duas partes distintas do indivíduo, mas a mente não se comunica ou determina o corpo e vice-versa, mas a influência se passa naquilo que se pode chamar de paralelismo psicofísico. Em Spinoza, esse paralelismo entre corpo e mente não significa e nem quer dizer que haja substâncias paralelas, mas corpo e mente, por serem a mesma substância dita em dois atributos, o que se passa num atributo vai ocorrer também no outro, não por simples passagem ou comunicação de um para o outro, mas sendo os atributos, atributos de uma única substância, então, a modificação de um atributo é a modificação da substância implicada nos outros atributos da substância. Assim, a substância única e absolutamente infinita tudo abrange e abarca. Como é única e de infinitos atributos, especificamente em seus dois, pensamento e extensão, a substância não é meramente pensante, mas é também extensa. Disso, da imanência da substância única absolutamente infinita, então, um só mundo.

Spinoza ao apresentar o paralelismo dos atributos nos faz entender que tudo o que sensivelmente se apresenta ao corpo remete tanto ao atributo extensão e, paralelamente, ao atributo pensamento da substância. Spinoza rompe, assim, qualquer dualismo que possa existir entre Deus e mundo, corpo e mundo, corpo e vida, já que mente e corpo, pensamento e extensão estão atrelados com a substância única absolutamente infinita. Como afirma Spinoza, *a substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob outro. Assim, também um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e a mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras*¹⁰⁶.

Uma só substância, um só mundo, imanência. Os modos, e o corpo também como modo, são as afecções da substância, assim, dependem lógica e ontologicamente da substância que é a causa deles. Mas, os modos e o corpo são também aquilo que dependem de outra coisa para serem e para serem concebidos, ou seja, efeitos de causas extrínsecas ou exteriores. Na concepção de Spinoza, são afetos ou *imaginações*. Então, modos, corpos são modificações da substância, uma maneira de *ser* da Substância. E se por Substância entende-se *o que é em si e se concebe por si mesmo, um conceito que não necessita do conceito de outra coisa*, então, a Substância só necessita dela mesma para existir, somente ela, nada externo a ela. Os modos, os corpos *sendo* afecções da Substância têm sua causa nela. Modos ou corpos como modos são maneiras de ser nessa *causa sui* que é única, um mundo. Os corpos, então, são afecções na imanência do que é e existe em si mesma, a substância. Os corpos são, também, afecções das afecções, ou seja, são tanto conceitos do modo – o que é em outra coisa –, sua causa próxima, como também conceitos da causa distante – a substância – que é *causa sui*. Assim, modos e corpos como modos, enquanto afecções das afecções, dependem da substância que é causa primeira deles.

A substância absolutamente infinita sendo causa de si mesma, causa necessariamente as afecções e essas irão causar outras sucessiva e infinitamente. *Não existe nada de cuja natureza não siga nenhum efeito*¹⁰⁷. Os corpos como um modo existente como afecção de uma causa que existe em si mesma – a substância *sive* natureza, Deus, Vida etc. – exprimirão a essência

da natureza dessa potência de existir. *Tudo o que existe exprime a natureza de Deus, ou seja, exprime a sua essência de uma maneira definida e determinada, isto é, tudo o que existe exprime, de maneira definida e determinada, a potência de Deus, a qual é causa de todas as coisas e, portanto, de tudo o que existe deve seguir-se algum efeito*¹⁰⁸. Os corpos, enquanto afecções da substância, *participam* dela – substância –, *têm parte* nela nas qualidades da extensão e do pensamento, então, também de Deus. Mas, os corpos como afecções das afecções de Deus são também afecções do corpo e da mente, ou seja, de seus afetos e *imaginações*. Afetos e *imaginações* dependem de suas causas próximas, ou seja, de outros modos, de outros corpos. Afetos e *imaginações* do corpo serão em outra coisa, naquilo ou com aquilo posto corpo a corpo nos múltiplos encontros. Os corpos como afecções da substância única e absolutamente infinita são afetos e *imaginações com* outras coisas, ou melhor, *em* outras coisas. Ser *em* outras coisas implica imanência nisso que é único – a substância. O corpo tem como sua causa distante e depende daquilo que é imanente a tudo – a substância. Como diz Spinoza, *por corpo compreendo um modo que exprime de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa*¹⁰⁹. Sendo assim o corpo uma maneira de ser modificada da substância, uma modificação, um modo de ser, então, saber a respeito da substância é fundamental para se saber e compreender o que *pode* ser o corpo como afecção, maneira de ser, modo, modificação, efeito imanente da substância única absolutamente infinita *sive* natureza *sive* Deus. Corpo como efeito da substância *causa sui*, ou seja, corpo como efeito de algo que é em si mesmo já que *uma substância não pode ser produzida por outra coisa. Ela será, portanto, causa de si mesma, isto é, a sua essência necessariamente envolve a existência, ou seja, à sua natureza pertence o existir*¹¹⁰. Uma substância, única, absolutamente infinita e de infinitos atributos e, à *natureza* dessa *uma substância* pertence o existir. O corpo como afecção da substância – que à sua natureza pertence o existir – também existe enquanto uma modificação dessa natureza de existir. Contudo, como o corpo é em outra coisa como causa próxima, ou é dependente desta outra coisa para ser concebido já que ele não é substância, conhecer o corpo passa por conhecê-lo adequadamente, ou melhor, o conhecimento é tanto mais

adequado quando se conhece a causa dos efeitos. Falar que *da natureza da substância pertence o existir* é falar que a existência é real e não mera abstração. O existir da substância está na expressão dos atributos, expressão enquanto qualidades do existir na atualização dos atributos pertencentes ao existir ou à natureza da substância. Dito de outro modo e numa palavra: só Deus é absolutamente livre e existe pela simples necessidade de sua natureza, pois sua realidade é a natureza infinita que se auto exprime e que corresponde à uma (Sua) natureza auto-produtora. Essa natureza, Sua realidade infinita se exprime a nós sob dois atributos – extensão e pensamento. O corpo existe por ser modo, uma modificação do existir do Real, da substância. O corpo é, assim, uma modificação da expressão qualificada do existir da substância absolutamente infinita. Ou seja, o corpo existe como modificação, como modo do atributo extensão e como modo do atributo pensamento de uma mesma e única substância, de um único existir como potência absolutamente infinita.

Existir absolutamente é, pois, uma absoluta e infinita potência, uma total potência de causar a si mesmo sem que nada lhe impeça ou coaja de fora. Existir é potência que se causa a si mesma, produz efeitos *ad infinitum*, potência e capacidade para auto-realizar-se, de existir realmente enquanto efeito de si mesmo. Um corpo existente será, pois, efeito desse e nesse existir, uma modificação no mundo desse existir, será um modo existente de existir de determinado modo. O corpo existe como necessidade, ou seja, coagido enquanto determinado por uma outra coisa a existir e a agir, já que ele não é substância e, portanto, não tem o poder de se auto-produzir. O existir como potência infinita – Deus – tem o poder infinito de compreender pelo atributo pensamento a existência modal, extensiva de qualquer modo de existência, de um corpo ou de qualquer coisa existir como um modo. Ser enquanto substância e existir livre e absolutamente, só Deus. Ser como modo da substância, desse existir absolutamente, é existir e pensar nessa potência como força de ser num modo de existir do e *no* existir absolutamente infinito. É perseverar no seu ser a seu modo, como maneira de ser de uma potência infinita, é existir perseverando no ser. Existir é a essência mesmo de Deus, pois *a potência de Deus é a própria essência*¹¹¹. Existir é também a essência atual de todas as coisas, ou seja, *cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar*

*em seu ser*¹¹² e o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual¹¹³. Esse esforço em que cada coisa persevera em seu ser é infinito e temporalmente indefinido, ou seja, o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser não envolve tempo finito, mas um tempo indefinido¹¹⁴. Uma potência absolutamente infinita de existir implica e explica um existir enquanto extensão e um pensamento desse existir, pois nada existe que não no existir absolutamente infinito em todo os seus infinitos atributos. Enquanto modo implicado e explicado nessa potência absolutamente infinita, o corpo tem, assim, algo e tudo em comum com todas as coisas da natureza. Conceber-se como corpo numa existência nessa potência absoluta e infinita de existir passa pelo conhecer sua existência *necessária* – determinada por coação por outras coisas comuns ao todo da natureza – enquanto compreensão adequada do *ser parte* dessa potência.

O mundo é, pois, uma expressão modal que tem como sua gênese as relações produzidas e vividas por singularidades modais que se relacionam. O mundo é uma expressão como modo, uma expressão direta, sem mediação, das relações entre corpos naquilo como existem e enquanto (como) um determinado modo de existir. O mundo tem sua gênese nas relações vividas no existir de uma única substância de mundo. O mundo são as relações afetivas vividas como existência e pensamento nessa única matéria de mundo – a Substância. O existir do corpo em *um* mundo é a expressão finita de existência de seu corpo e mente *nisso* que se exprime existindo absoluta e infinitamente. Uma existência do corpo é a perseveração em ser de um modo que afirme o mundo por esforço por e em perseverar em seu ser enquanto *parte* nas e das relações, realizar na sua finitude enquanto corpo, por esforço e na imanência, um existir como potência de *uma vida*. O corpo de *uma vida* não envolve nenhuma transcendência. Para o corpo de *uma vida*, a *imanência não se reporta a um Algo como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência não é mais imanência a nenhuma outra coisa que não seja ela mesma que se pode falar de um plano de imanência. Assim como o campo transcendental não se define pela consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito ou um Objeto capazes de o conter*¹¹⁵. Poder conceber e pensar o mundo como

relações afetivas é poder pensar, tanto o corpo como o mundo, como produção intensiva e intempestiva, ou seja, o corpo ele mesmo na intensividade de sua potência de existir e de pensar poder produzir relações extemporâneas num corpo a corpo com aquilo que se atualiza como mundo num tempo de *duração*. O existir de um corpo intensivamente e intempestivamente passa a ser existir *numa* vida como modo necessariamente dependente lógica e ontologicamente de um existir absolutamente infinito em todos os seus atributos. Falar de corpo e mundo como relações afetivas é pensar uma existência e pensamento de corpo e de mundo como afecções de um existir absolutamente infinito, é falar de uma existência de modos de existir por afecções com outros modos de existir, existir em outra coisa imanente num mundo e vida que são corpo a corpo com outras coisas. A existência do corpo como modo de existir nas afecções das afecções da substância, como corpo e mente, é em outra coisa. O corpo aqui existe como afeto (corpo) e imaginação (mente) num modo finito e extensivo – corpo como existência de um existir infinito concebido como extensão. Ainda, o corpo como modo, afecção da substância, depende do que existe absolutamente – a substância – como conceito e realidade para existir.

A potência absolutamente infinita é a essência da substância e, existir, é também a essência de cada coisa. Tanto o corpo como a mente são modos finitos da substância infinita, são dois modos de uma e mesma realidade que se concebe de modos diferentes. Então, de uma potência absolutamente infinita de existir tanto o corpo é um modo desse existir que se expressa infinitamente pelo atributo extensão, como a mente é um modo de pensar infinito que se expressa pelo atributo pensamento. Então, um existir numa potência absolutamente infinita com expressão em dois modos distintos – corpo e mente – em seus atributos infinitos – extensão e pensamento. Como existência de um existir absolutamente infinito, nas suas relações afetivas, ou seja, enquanto existência *em* e com outras coisas, o corpo e a mente existem como afetos e imaginações, sendo que na existência não há privilégio ou superioridade alguma em relação a qualquer atributo em si mesmo. Tanto *corpo como mente*, extensão e pensamento são expressões iguais, unívocas e formais do ser absolutamente infinito e de suas infinitas qualidades que o qualificam – extensão e pensamento. Assim, corpo e mente – afetos e

imaginações – de um modo em suas afecções, em seus efeitos imanentes e dependentes de Deus sem o qual não podem existir assim como de seu conceito de absoluto e perfeitíssimo que concebe os modos como verdadeiros. Se à natureza de uma substância pertence existir, os modos existentes são maneiras do que se exprime em si mesma e se concebe por si mesma, a substância – afirmação absoluta de ser. Nesse modo, o corpo e a mente participam, têm parte, “são” na mesma substância única absolutamente infinita. Assim, extensão e pensamento constituem o absolutamente infinito em suas qualidades e o corpo e a mente são um modo existente, em suas afecções, inseridos na imanência do mundo, num único e substancial mundo. O corpo, assim como o mundo, são suas relações que lhe atravessa, todo acaso afirmativo de tudo, todo movimento da vida que quer existir em potência. Nesse sentido, a mente conhece o que o corpo é, o que ele relaciona, o que ele compõe. Conhecimento é corpo, a mente de um corpo em suas relações. Conhecimento passa pelo corpo, conhecimento é com o corpo com outros corpos em seus modos. Numa palavra, conhecimento é sempre modal, constitui-se e é constituído pela força e esforço de perseverar no ser, cada modo a seu modo com seu grau de potência. Enfim, conhecimento é modal pelo *conatus* do corpo.

O conhecimento modal, do corpo, é o conhecimento dos afetos pelas afecções, o conhecimento de seus acasos a seu favor, àquilo que melhor lhe convém para *uma vida*, para ser uma singularidade, ser num acontecimento em meio a todo acaso. *As singularidades ou os acontecimentos constitutivos de uma vida coexistem com os acidentes d'a vida correspondente, mas não se agrupam nem se dividem da mesma maneira. Eles se comunicam entre si de uma maneira diferente da dos indivíduos. Parece mesmo que uma vida singular pode passar sem qualquer individualidade ou sem qualquer outro concomitante que a individualize*¹¹⁶.

Da vida, de sua necessidade, segue-se uma infinidade de maneiras. *Uma vida* é também um modo, mas uma vida *ética* como *parte* de uma unidade e consistência em relação à imanência do que é *causa sui* – substância, natureza, Deus, Vida etc. – cuja natureza é existir e esse existir causa todas as causas, inclusive *uma vida*. *Uma vida* é, pois, um efeito imanente na Vida, ou

seja, um modo de uma vida *participante* da Vida enquanto *causa sui*. Enquanto causa de si, a Vida envolve a existência de *uma* vida na eternidade. Spinoza diz em sua *Ética*: *por eternidade compreendo a própria existência, enquanto concebida como se seguindo, necessariamente, apenas da definição de uma coisa eterna*¹¹⁷. Assim, *uma* vida ética não é se esforçar para adequar comportamentos e seus valores pessoais aos valores e preceitos esperados para uma vida societária justa, equânime, verdadeira etc. segundo os ditames de uma perspectiva de uma consciência moral e histórica. *Uma* vida ética constitui-se no esforço de um corpo de perseverar em seu ser e, assim, constitui-se num modo de ser divino no tempo da eternidade, sem a medida do tempo da duração. Assim, *um* corpo, *uma* vida existindo na potência de sua natureza eterna em seu ser ao se introduzir nesse valor da Vida como *causa sui – ético –*, com isso participa dos/nos desvelamentos da potência absoluta e infinita da Natureza, de Deus, da Vida etc. dentro da esfera do tempo da duração. *Uma* vida, *com efeito, uma tal existência é, assim como a essência da coisa, concebida como uma verdade eterna e não pode, por isso, ser explicada pela duração ou pelo tempo, mesmo que se conceba uma duração sem princípio nem fim*¹¹⁸. O modo de ser divino de um corpo constituindo *uma* vida é uma maneira *necessária* e não acidental, já que *da necessidade da natureza divina devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras (isto é, tudo o que pode ser abrangido sob um intelecto divino)*¹¹⁹. Tal necessidade é o mundo como concebido, a vida como ela é necessariamente já que *as coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas*¹²⁰. O corpo como existência de *uma* vida que em si mesma é existir na eternidade, um existir na necessidade mesma no que não tem início nem fim. Enfim, ***uma*** vida que *está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos e singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão*

*do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata*¹²¹.

*Uma vida num modo existente afirma o ser em sua potência. Uma vida constituída num modo existente de vida como diferença, singularidade, acontecimento dirá que o ser nunca é indeterminado; ele traz consigo, imediatamente, todo frescor e materialidade da realidade*¹²². Uma vida de um corpo no esforço de perseverar no seu ser, afirmá-lo numa vida, afirma(-se) imanente à Vontade de Potência da Vida enquanto *causa sui*. Ou seja, o esforço de ser de um corpo numa vida individual e singular corresponde à vontade de potência da Vida ela mesma. Corresponder à Vida exige um conhecimento de tal ou qual modo de existência, ou seja, um conhecimento modal que é mesmo e necessariamente conhecer os afetos. Uma vida é a experiência do corpo de determinar-se num modo que existe e persevera no/pelo que é comum a si como corpo e afetos. Uma vida é, pois, uma experiência por experimentação dos afetos. Em uma palavra, uma vida é uma experiência *Ética* e *Estética* do corpo em afirmar a Vida como vontade de potência em uma vida ativa em seu modo de compreender seus afetos, as relações necessárias do corpo com/no corpo a corpo com o mundo, o que quer cada afecção com afecções, suas relações.

O sentido de uma vida quer dizer que o sentido consiste precisamente numa relação de forças, segundo a qual algumas **agem** e outras **reagem** num conjunto complexo e hierarquizado. Qualquer que seja a complexidade de um fenômeno, distinguimos bem forças activas, primárias, de conquista e subjugação, e forças reactivas, secundárias, de adaptação e regulação. Essa distinção não é só quantitativa, mas qualitativa e topológica. Porque a essência da força é estar em relação com outras forças: e nesta relação, ela recebe a sua essência e qualidade¹²³. Nessa perspectiva, tem-se que as qualidades das forças em relação têm sua ontologia na vontade de poder de afirmar a vida em toda sua potência. O corpo já é complexo pela/na complexidade das forças que se dão em relação e que ele põe em relação constituindo um modo de existência. Nas afecções das forças do corpo com as forças substanciais do mundo, a qualidade desse jogo de forças posto caso a caso comporá uma relação de ação e reação, composição e decomposição, conquista e

subjugação etc. enquanto existir e perdurar o jogo da relação. Ativas e reativas são as qualidades das forças em relação e, afirmativas ou negativas, as qualidades da vontade de poder, ou seja, afirmam ou não a Vida. Um modo em sua existência existe nas ações e reações, é em outra coisa e com outra coisa, mas sempre em relação. Contudo, nesse jogo, as relações podem se compor em *uma* vida ativa e, assim, afirmar a Vida em sua absoluta e infinita existência e pujança. Se uma relação afirma ou não a potência da Vida cabe à interpretação da Vontade de Potência. A vontade de potência quer uma vontade das forças em relação e *a relação da força com a força chama-se Vontade*¹²⁴. E essa relação é uma relação de afecções de uma substância absolutamente infinita, uma relação de afecções das afecções, as forças da substância, de Deus, da Vida encarnada em modos em relações necessárias.

Pensando com Spinoza, a Vida absolutamente infinita compreende infinitos atributos e, o indivíduo como um modo dos atributos extensão e pensamento, pelo corpo e mente, existe e (pode) compreende(r) a vida absolutamente infinita. O que se passa nas relações do corpo passa-se na mente já que corpo e mente são modos do atributo extensão e pensamento da Vida absoluta e infinita. O corpo que existe numa relação ativa com as forças que existem e estão em determinada relação posta por ele, esse corpo ativo afirma uma vida ativa também em pensamento tendo em vista que sua mente será a ideia desse corpo ativo. Sendo o corpo a relação das forças, a mente é a ideia dessa relação, ou a ideia do corpo dessa relação de/com forças. Assim, os modos de vida engendram relações das forças de Vida. E, um modo afirmativo *numa* vida e os pensamentos dessa afirmação, ou melhor, as ideias dessa relação imanente e afirmativa na Vida, constituirão igualmente uma mente afirmativa de *uma* vida. Pode-se dizer que *os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos criam maneiras de viver. A vida **activa** o pensamento e o pensamento, por seu lado, **afirma** a vida*¹²⁵.

Tomar a Vida como Vontade de Potência, como atividade (auto)criadora é defini-la e tomá-la como algo que quer a expansão de suas forças, intensificar sua potência em tudo, gerar mais vida. *Vida, a forma do ser que nos é mais conhecida, é especificamente vontade de acumular força: todos os processos da vida têm aí a sua alavanca; nenhuma coisa quer conservar-se,*

*tudo deve ser adicionado e acumulado*¹²⁶. Uma vida de um corpo em perseverar em seu ser não é, pois, uma insistência em meramente lutar pela vida, mas perseverar afirmando(-se) (n)a potência como atividade da Vida como Vontade de Potência. Aquilo que é absolutamente infinito e *causa sui* e que tem como essência existir por si e em si e tem infinitos atributos é, assim, a Vida como Vontade de Potência. O corpo perspectivado enquanto afecção da Vida absolutamente infinita compreende-se imanente nessa dimensão absolutamente infinita e, como modo da Vida, seu corpo e mente tem a potência de compreender sua relação de corpo de *uma* vida enquanto afirma a Vida como Vontade de Potência. O corpo pode existir e pensar numa perspectiva infinita enquanto constitui-se como um modo – corpo e mente – dos dois modos dos atributos infinitos da Vida – extensão e pensamento. Assim, o corpo pode existir e pensar perspectivando as forças que podem *potentizar* mais *uma* vida que constitui no fluxo de sua potência. Ao corpo como modo cabe inverter e revalorar as “perspectivas e valorações costumeiras” e compreender as forças de suas afecções e afetos, assim, *ver diferente, querer ver assim diferente, é uma grande disciplina e preparação do intelecto para sua futura “objetividade” – a qual não é entendida como “observação desinteressada” (um absurdo sem sentido), mas como faculdade de ter seu pró e seu contra sob controle e deles poder dispor: de modo a saber utilizar em prol do conhecimento a diversidade de perspectivas e interpretações afetivas. [...] Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um “conhecer” perspectivo; e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso “conceito” dela, nossa “objetividade”*¹²⁷. A mente humana compreende o mundo naquilo que é enquanto ideia de um corpo de afecções e afetos que é nada mais nada menos de como se vê e deixa-se ver nas perspectivas que assume em relação à perspectiva das forças. Ao conceber-se o corpo de *uma* vida colocado e perspectivado pelas/nas forças e seus afetos, *penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele pode-se ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações*¹²⁸.

Assim, o corpo como um modo existente que existe e pensa ativamente por compreender a força das múltiplas afecções e seus afetos, afirma a Vida em *uma* vida segundo a vontade de potência. Um corpo afirmativo porque ativo, porque consegue em seu existir impor-se e vincular-se com seu poder no caso a caso de/em suas afecções. Nesse sentido, a potência de um corpo é tanto maior e necessariamente assume a forma de uma ação quando compreende e sabe usar em prol de um conhecimento de si e para si a diversidade de perspectivas e interpretações afetivas. Isso é (um)a aprendizagem do corpo em compreender o que se passa com ele em suas afecções – poder de afetar e poder de ser afetado. O corpo é, assim, como existência de uma *grande razão* afirmativa de vida como vontade de potência, um corpo ativo e afirmativo que afeta e deixa-se afetar ao modo de criança. Como diz o Zaratustra de Nietzsche: *“corpo sou eu e alma” – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como crianças? Mas o desperto, o sabedor, diz: corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão. “Eu”, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não podes crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu. O que o sentido sente, o que o espírito conhece, jamais tem fim em si mesmo. Mas sentido e espírito querem te convencer de que são o fim de todas as coisas: tão vaidoso são eles. Instrumentos e brinquedos são sentidos e espírito: por trás deles está o Si-mesmo. O Si-mesmo também procura com os olhos do sentido, também escuta com os ouvidos do espírito. O Si-mesmo sempre escuta e procura: compara, submete, conquista, destrói. Domina e é também o dominador do Eu. Por trás dos teus pensamento e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele. Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo necessita justamente de tua melhor sabedoria¹²⁹?*

Continuar, submeter, conquistar e destruir são ações do corpo nas relações com as forças. Favorecer ou não alguns encontros depende do corpo agir ou reagir à vida, àquilo que ela solicita exteriormente ou extrinsecamente a um modo existente em suas relações. Conhecer é, então, criar os favorecimentos a *uma* vida que se afirme e afirme igualmente a vontade de potência da Vida ela mesma. O grande acaso extrínseco ao corpo pode ser transformado em favor da vida e do corpo enquanto grande razão, uma “razão cozinheira” que produz o alimento do corpo para uma vida ativa e afirmativa. Corpo afirmativo no existir, pensar e agir que como Zaratustra de Nietzsche que (se) diz: *o sem-deus: chego a cozinhar todo acaso em **minha** panela. E somente quando ele está bem cozido eu lhe dou boas-vindas, como **meu** alimento. E, em verdade, mais de um acaso me chegou imperiosamente: mas ainda mais imperiosamente lhe falei minha **vontade** – e logo estava ele de joelhos a suplicar – a suplicar abrigo e coração junto a mim, e a dizer lisonjeiramente: “Vê, Zaratustra, somente o amigo procura amigo!”³⁰.*

O corpo “cozinheiro” de *grande razão* insere *uma* vida que se compreende porque compreende seus encontros, aceita e aprova todo acaso, todo movimento, o devir absolutamente infinito da Vida, sua eternidade. O corpo tomado como grande razão é mais visceral e menos “cabeça”, é sabedoria primária e surpreendente. O corpo, nesse modo, aproxima-se mais dos animais e de seus instintos. – “Ó Zaratustra”, disseram os animais, “para os que pensam como nós, as próprias coisas dançam: vêm, dão-se as mãos, riem, fogem – e retornam. Tudo vem, tudo retorna; rola eternamente a roda do ser. Tudo morre, tudo volta a florescer, corre eternamente o ano do ser. Tudo se rompe, tudo é novamente ajeitado; eternamente constrói-se a mesma casa do ser. Tudo se despede, tudo volta a se saudar; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser. Em cada instante começa o ser; em redor de todo Aqui rola a esfera Ali. O centro está em toda parte. Curva é a linha da eternidade.”³¹. A *grande razão* é o corpo, um modo da substância, de Deus, da natureza absolutamente infinita; corpo finito enquanto modo de Deus, do ser e, por isso, implicado na imanência, compreendido na univocidade da substância única – corpo como um modo formal – imanente e unívoco – de ser divino.

O corpo como a *grande razão* é sábio quando aceita a necessidade do mundo e essa sabedoria é a de inserir-se produtivamente no mundo no sentido de criar um mundo no acaso da necessidade. É sábio quando produz corpo a corpo seus afetos, quando passa a compreender aquilo que (lhe) é mais adequado para sua razão e, assim, produz-se potentemente um si enquanto corpo e um mundo. Para tal sabedoria é preciso ser ativo no sentido de afetar e deixar-se afetar e, nisso, nessa produção de afetação nos/em encontros, poder expressar-se pelas causas produzidas em sua em sua *grande razão*, ou seja, o corpo. A produção de um corpo, de uma maneira do ser, uma afecção do ser, para um corpo quanto maiores as afecções e sua compreensão delas de modo adequado em suas ideias, então, maior a sua aptidão mental, já que perceber um grande e maior número de coisas, mais a *grande razão* depende dela mesma para compreender a necessidade natural de todas as coisas e também a agir, ou seja, existir. Numa palavra, a aptidão do corpo de/para grandes afecções compreendidas na necessidade natural tem também uma mente que compreende essa necessidade de agir e existir constituindo(-se) immanentemente uma parte da potência absolutamente infinita de ser. Palavras de Spinoza: *em geral, quanto mais um corpo é capaz, em comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas. E quanto mais as ações de um corpo dependem apenas dele próprio, e quanto menos outros corpos cooperam com ele no agir, tanto mais sua mente é capaz de compreender distintamente*¹³².

Assim, o corpo é um modo de ser na necessidade de outras coisas, precisa de outros corpos para existir. O corpo na necessária determinação tem seus limites, mas também nesses mesmos limites há toda uma abertura que lhe implica uma pertença coletiva, uma participação que na força de existir de um corpo singular, esse pode acolher as determinações extrínsecas e compreendê-las distintamente em suas ações. O corpo pode compreender as determinações e compreender-se nelas por/nas suas ações, já que nelas estão implicadas suas causas próximas. Compreensão essa que implica diretamente em agir, existir nas ações, produzir efeitos, ser causa adequada de suas ações,

fazer de sua determinação uma ação de existir. *Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial*¹³³. Agir, existir, perseverar em seu próprio ser – *conatus* – corpo que quanto maior em seu esforço mais o possibilita ser por si mesmo, ser autodependente nos/dos/em encontros e, assim, querer, desejar tornar-se mais forte, crescer num processo ativo de/em afirmar a vontade de potência da Vida em sua vida, a intensidade da Vida ela mesma em *uma* vida.

O fato de o corpo estar com outras coisas não o impede de uma positividade *em* ser. Ao contrário, é por ele existir mantendo relações específicas com outras coisas que ele pode se determinar essencialmente pela perspectiva específica que assume em cada caso nas suas relações. Essa positividade é ainda o que o perspectivar do corpo possibilita quando aquilo que, conforme o caso, ele corpo, se relaciona extrinsecamente de modo objetivo não concorre e não concorda com o que o compreende e implica como modo. Assim, o agir do corpo concorre numa ação e num esforço com as coisas de modo a perseverar em seu ser, e seu agir depende de perspectivar a si e o mundo de modo a chegar racionalmente a um entendimento modificado das coisas e, assim, compreender-se numa grande ontologia. Todo esse esforço implica o corpo – *grande razão* – conhecimento, ontologia, expressão-produção de si e de mundo, numa palavra, *Ética*. Quer consideremos a Vida nessa perspectiva, isso possibilita uma ontologia numa *Ética* e um conhecimento compreendido numa *Gaia Ciência* concomitantemente expressas e produzidas pelo corpo. Isso implica ao final em *após uma tal interrogação de si mesmo, experimentação consigo mesmo, que aprendemos a olhar mais sutilmente para todo filosofar que houve até agora; advínhamos melhor os involuntários desvios, vias paralelas, pontos de repouso, pontos **solares** do pensamento, aos quais os pensadores que sofrem são levados e aliciados justamente por sofrerem; sabemos agora para onde o **corpo** doente, com sua necessidade, inconscientemente empurra, impele, atrai o espírito –*

*para sol, sossego, brandura, bálsamo em todo e qualquer sentido. Toda filosofia que põe a paz acima da guerra, toda ética que apreende negativamente o conceito de felicidade, toda metafísica e física que conhece um **finale**, um estado final de qualquer espécie, todo anseio predominantemente estético ou religioso por um Além, Ao-lado, Acima, Fora, permitem perguntar se não foi a doença que inspirou o filósofo. O inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto de objetividade, da ideia, da pura espiritualidade, vai tão longe que assusta – e frequentemente me perguntei se até hoje a filosofia, de modo geral, não teria sido apenas uma interpretação do corpo e uma **má-compreensão** do corpo. Por trás dos supremos juízos de valor que até hoje guiaram a história do pensamento se escondem más-compreensões da constituição física, seja de indivíduos, seja classes ou raças inteiras. Podemos ver todas as ousadas insânias da metafísica, em particular suas respostas à questão do **valor** da existência, antes de tudo como sintomas de determinados corpos; e, se tais afirmações ou negações do mundo em peso, tomadas cientificamente, não têm o menor grão de importância, fornecem indicações tanto mais preciosas para o historiador e psicólogo, enquanto sintomas do corpo, como afirmei, do seu êxito ou fracasso, de sua plenitude, potência, soberania na história, ou então de suas inibições, fadigas, pobreza, de seu pensamento do fim, sua vontade de fim. Eu espero ainda que um **médico** filosófico, no sentido excepcional do termo – alguém que persiga o problema da saúde geral de um povo, uma época, de uma raça, da humanidade –, tenha futuramente a coragem de levar ao cúmulo a minha suspeita e de arriscar a seguinte afirmação: em todo filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a “verdade”, mas algo diferente, como saúde, futuro, poder, crescimento, vida¹³⁴...*

, ...

Encerrei o esboço desses primeiros pensamentos e... Que será disso tudo? Spinoza, sim. Com sua Ética tenho uma potência para pensar o Corpo: uma determinada relação com uma infinidade de partes

extrínsecas umas às outras e que pertencem a ele, a um Corpo, sob determinadas relações características e que constituem uma essência singular de Corpo. Penso um Corpo-Escola... Quantos conjuntos infinitos de partes... São múltiplos conjuntos infinitos de partes que torna-se difícil dar conta de tudo o que afeta um corpo, por exemplo, um Corpo-Escola. E os afetos, quão difícil deve ser interpretar efeitos das relações... Existir é, assim, complexo e nunca simples. Às vezes percebe-se o que se passa com as partes do corpo e suas relações com outros corpos que seguem relacionando com ele. Efeitos e mais efeitos – o corpo é efeito de im-posições múltiplas e de uma infinidade de sensações de toda parte. Imprevisibilidade nos encontros... Sim, podemos dizer que um corpo é uma individualidade e, o que é individual é a relação que um corpo estabelece com partes. Se há um problema para o corpo chamemo-lo de conexões. A questão da potência é mais conexão ou menos conexão com as partes... Aqui também se põe a questão da liberdade. Liberdade como uma experiência. Uma experiência que se liga a uma consciência ao nos libertarmos ao máximo de constrangimentos externos. Conectar, conexões produzindo uma experiência de liberdade... Conectar, conexões, conhecimento – autodeterminação no/pelo conhecimento... Mas, isso me faz pensar numa relação entre Corpo, Afeto, Teoria do Conhecimento, enfim, as múltiplas e infinitas relações de um corpo, suas possíveis conexões em encontros configurando uma Ética... Quiçá, também ser possível pensar essa relação Ética com Spinoza segundo uma tríade imanente – Vida/Educação/Escola... Quem sabe?!

Compreendamos o que se seguirá falando de *Corpo e Literatura*, mas sem antes fazermos algumas considerações. Primeiramente é preciso que consideremos que muitos escritos que versam sobre educação são produzidos em escola e/ou para a escola. Nesses escritos, tacitamente a escola é tomada como atributo da educação, um atributo atribuído – *a educação é escola*. O contrário – *a escola é educação* – é também um atributo enquanto uma qualidade de educação escolar, mas nesse sentido fala mais de uma *condição modal* de educação produzida pela escola e, enquanto um modo, é constituída por um conjunto de partes extensivas, partes que compõem um corpo – por exemplo, uma escola de partes possíveis e passíveis de constituir um modo de Corpo-Escola. Assim, um Corpo-Escola, como outro corpo qualquer, deve ser definido pelo conjunto das relações que o compõe, ou seja, pelo poder de ser afetado por uma infinidade de outros corpos de múltiplas e infinitas maneiras. A maneira como o Corpo, no caso o Corpo-Escola, interpreta os efeitos de uma relação entre partes, a isso chamamos *afetos*. Tal interpretação, contudo, não se limita e se reduz a uma compreensão intelectual, mas mais fundamentalmente, à interpretação da passagem de um grau de existência mais perfeito a outro. Esse grau maior e/ou menor de passagem diz respeito a se compreender um número cada vez maior das relações, das afecções. Se um corpo pode afetar e ser afetado de inúmeras e infinitas maneiras – daí a sua potência –, um Corpo-Escola, assim como qualquer outro corpo, não é capaz dos mesmos afetos em relação a outros corpos. Nenhum corpo é igual ao outro por conta das relações *ao seu modo* com outros corpos. Pensando na escola, nenhuma escola será igual à outra, pois os afetos de cada uma são distintos. A Educação pensada como a produção de um modo será o que um Corpo-Escola produz, percebe e descreve do que existe em si mesma nas suas relações e que é concebida por si mesma – Vida. A Educação de um Corpo-Escola constitui qualidades infinitas, tanto um universo infinito material, corporal quanto um universo infinito de pensamento – espaços, tempos currículos, disciplinas, parâmetros legais etc., que têm na *Escola* um modo ativo de constituir em movimento de relações com outros corpos esses universos infinitos materiais extensivos e mentais. *Educação* será o que o

pensamento de um Corpo-Escola produz compreendendo em seu corpo e mente a Vida em toda sua potência de existir em si mesma e de ser concebida em si mesma em nível de extensão e de pensamento infinitos. A Educação é uma produção infinita da Vida, do que absoluta e infinitamente se expressa e que tem na Escola uma expressão finita do que expressa infinitamente pela extensão e pelo pensamento. É com a ideia de se compreender *Escola* como Corpo que visamos a pensar a potência de um conceito de *Escola*, como ela enquanto um modo finito – pois é limitada por outros corpos e outras ideias – pode existir e pensar a Vida em Educação como qualidades infinitas da Vida em extensão e pensamento. Assim, dizer que uma Escola se insere na Vida, que pensa a Vida, que se constitui existencialmente na Vida, só pode ser compreendida a partir de sua relação enquanto um modo-expressão-produção da/na Vida. A Escola como um modo é expressão e produção material e de pensamento e essas são uma expressão qualitativa da Vida. Essa existência modal da Escola diz que ela é efeito de outros corpos, de afecções que a compõem enquanto um corpo como conjunto de relação de partes que pertencem a seu corpo como também com os outros corpos, por exemplo, com outras escolas em seus múltiplos modos de ser corpo e mente. Mais especificamente, a Escola passa a ser perspectivada como um modo existente ativo de ser de um atributo atribuidor *Educação* qualificado de *Vida*. Isso implica pensar *Escola* e *Educação* como expressões e como produções imanentes e unívocas a uma só *Vida*.

A questão absoluta e necessária é a de como pensar uma expressão-produção de vida, ou seja, uma ação de exprimir *Vida* em que a educação seja uma qualificação de Vida e a Escola um modo dessa qualidade expressivo-produtiva como Educação. Uma questão: como uma produção-expressão gnosiológica de *uma* vida de *uma* Escola é ao mesmo tempo também uma expressão-produção ontológica de Vida? Como uma Escola pode existir e pensar enquanto uma expressão-produção inventiva, mas finita, da existência imanente ao que se exprime-expressa absoluta e infinitamente? Nessa expressão-produção, que é uma produção gnosiológica em Educação de um Corpo-Escola imanente à Vida? Nesse sentido, ter-se-á que pensar um modo em Educação na imanência a Vida ela mesma. Dizer de uma Escola, de

educação escolar, é passar a dizer expressiva e produtivamente de um modo de escola que existe e pensa, expressa e produz uma ação a seu modo como maneira de ser de Vida enquanto expressão da Educação que um Corpo-Escola constitui. Tal modo de se constituir nessa imanência possibilita pensar Educação e Escola não só pelo que tão-somente sustenta uma imagem dogmática ou mito de que *a educação é escola*, mas mais fundamentalmente e que nos interessa diretamente, o que escapa ou quer escapar dessa imagem dogmática ou mito da Educação e Escola deduzidos, utilizados, postos como necessários e suficientes como objetivos e/ou fins previstos em/por métodos e técnicas a partir de modelos de/para um (re)conhecimento tradicional, transcendental e ideal para a vida. A Educação como expressão e produção da Vida que se expressa absoluta e infinitamente e Escola como uma maneira de ser da Vida, como expressão de qualidades dessa, possibilita que pensemos um Corpo-Escola como uma produção-expressão tanto de existir e de pensar a/na potência do que é e pode ser única e em si mesma – a Vida.

Passemos a pensar, então, uma tríade que relaciona *Vida, Educação e Escola*. Nessa tríade, Vida compreendida como o que se concebe e origina a si mesma possuindo todos os atributos assim com também todos os modos ou as maneiras de ser da Vida. A Vida absolutamente infinita procede por expressão por qualidades infinitas e que, mesmo distintas, têm um mesmo valor. Ou seja, uma qualidade que qualifique a Vida não vale mais que outras já que as qualidades são qualificadoras de uma e mesma coisa, e que têm nos seus modos seus produtos. Esses devem ser compreendidos como maneiras de ser da Vida e estando ligados aos atributos, ou seja, existem nos infinitos atributos da Vida.

Compreendamos, pois, a Educação, então, como uma produção-expressão de um corpo e mente de *uma* vida de uma Escola. Assim, a Escola pode ser compreendida como um corpo, como um modo finito, uma expressão da Vida. Assim, a Escola – um corpo de duas expressões atributivas da Vida absolutamente infinita – Escola como Corpo, um modo de ser finito da Vida em dois de seus infinitos atributos – extensão e pensamento. Podemos dizer que a Educação seja os afetos maduros, as interpretações de/das conexões experimentadas por *um* Corpo-Escola na sua relação com a vida que o

atravessa. A Escola compreendida como um modo – corpo e mente –, então, é uma afecção da Vida e, por isso, se diz que a sua existência depende da realidade e do conceito de Vida. A Escola perspectivada como *Corpo* se produz corpo a corpo com outros corpos finitos, ou seja, Escola como afecções das afecções. Então, a Escola como um modo de Corpo depende tanto da realidade e do conceito de modo que tem uma *causa próxima* – o efeito produzido corpo a corpo com outros corpos – e uma *causa distante* – a Vida que *complica*, no sentido de compreender todas as coisas que existem em si. A fim de compreender o Corpo-Escola como modo, temos que perspectivá-lo dependente da causa que o envolve – como afecção da Vida e como corpo a corpo com outros corpos, afecções das afecções da vida. Podemos ousar dizer que pensar o Corpo como expressão de algo que se exprime absoluta e infinitamente, tanto *explica* a Vida, como essa *complica* todos os corpos por compreender em si tudo, todas as coisas, todos os seus atributos e maneiras de ser por ser absolutamente infinita, existir e ser causa de si mesma não exigindo conceito algum de outra coisa. E aqui nisso compreendamos o que possa fazer pensar Escola como Corpo. É importante e fundamental que compreendamos que a *causa sui*, causa e compreende todas as coisas, é causa de tudo, e que isso basta para se compreender como o Corpo e todas as coisas explicam e complicam a Vida num dinamismo potente e ininterrupto.

A proposta é, então, de uma leitura pela tríade expressiva e produtiva *Vida/Educação/Escola* em que Vida em sua *essência* é exprimir-se absolutamente e infinitamente em toda sua potência produzindo todos os infinitos modos de vida. Com isso, pode-se afirmar um duplo aspecto dessa expressão – um constitutivo de Vida e outro produtivo de vida – que devem ser tomados concomitantes e imanentes. Compreendamos *expressão* como explicitação da causação de algo de potência absolutamente infinita – Vida. Assim, *expressão* tem o sentido da composição necessária de/das relações seguindo e produzindo uma ontologia de tudo. Então, a *expressão* é única – segundo a composição das relações. A *expressão* também é unívoca, ou seja, uma só voz daquilo que é expressão – Vida. A Vida procede por expressão – a Vida expressa, a Educação expressa, a Escola expressa, o Corpo expressa... Tudo é Vida. Tudo é expressão de Vida. Vida exprime tudo e tudo expressa

Vida por produções. Podemos dizer de *expressão* no sentido da composição das relações e da univocidade do que se exprime pela expressão. A imanência é a expressão e a expressão é imanente naquilo que se exprime e do que é exprimido na expressão. Ou seja, na expressão só há imanência e, assim, não há nem pode haver transcendência alguma. A expressão *como* imanência é o/um conjunto infinito de relações, um plano único de mil planos, n planos como condição de possibilidade de *uma vida* no que é expressão da Vida absolutamente infinita cuja matéria é uma intensidade pura, pura potência vital.

Vida, Educação, Escola pensadas numa ontologia sem princípios, sem abstrações, sem modelos, sem moral. E é muito frequente que se pense a escola relacionado-a e/ou relacionada a princípios abstratos, modelos e princípios morais. É com esses e muitos outros princípios que comumente a escola existe, subsiste, pensa-se e pensa a Vida. Mormente se faz pensar e se pensa a escola sobre formas, repertórios, códigos que paralisam-na na/pela forma que se acredita existir e fazer existir na forma de escola, na escola pela forma, justo por não compreendê-la como uma relação ontológica processual imanente à Vida. Essa paralisia é um existir acreditado e imaginado pela(s) forma(s). Porém, essa(s) forma(s) de existência ou existência na(s) forma(s), faz com que a escola se organize também em torno de formas de repertórios do ensinar, aprender e conhecer (as) formas determinadas e estabelecidas. Passa, assim, a produzir corpos tristes nessa(s) forma(s) e maneira(s) de existir, pensar, sentir e agir. Formas de corpos que padecem por incompreensão de suas causas, e assim, a escola segue existindo e pensando a Vida imaginando que essas formas são as únicas e exclusivas formas existentes que podem ser produzidas e possíveis no existir. Vejamos, por exemplo, os livros da/para a escola e a relação dela com eles. A escola diz, faz dizer e produz por eles as formas que determinam uma educação pela tristeza, pelo padecimento etc. Através dos livros e dos muitos métodos adotados, toda uma educação de princípios enquanto atributo-qualidade atribuível tanto de vida quanto de gênese de um modo escola, pensa e ensina uma relação principiada por um saber e poder através do que seja modelar, moralizante, teleológico, individualista. E aí é que a relação potência/poder num sentido mais amplo e potente – potência de existir e de pensar, poder de afetar e ser

afetada – desse atributo Educação e vida passa a despotencializar, entristecer, padecer os corpos, educação e vida. Ou seja, *num primeiro e grande princípio, limitamo-nos a produzir grandes dualismos estéreis. [...] Mas de pouco serve verdadeiramente invocar a riqueza concreta do sensível se é para fazer disso um princípio abstracto. De facto, o primeiro princípio é sempre uma máscara, uma simples imagem, na verdade ela não existe, as coisas só começam a mexer e a animar-se ao nível do segundo, terceiro, quarto princípio, e já nem sequer são princípios. As coisas só começam a viver no meio*¹³⁵.

Disso podemos pensar que métodos, fins, moral etc., não podem ter lugar numa ontologia expressão-produção da Vida. *A vida não é uma idéia, uma questão de teoria. A vida é uma maneira de ser, um modo eterno em todos os seus atributos*¹³⁶. A essência da vida envolve a existência. A vida só pode vir da Vida. Dizer da Educação como uma gênese produtiva de vida tem o sentido de pensarmos a produção do Corpo/Mente, no caso aqui de um Corpo-Escola, sob duas qualidades de uma expressão absolutamente infinita – extensão e pensamento. Educação como gênese produtiva de um Corpo-Escola distingue *uma* vida em extensão e pensamento. Educação é *uma* vida qualificada em qualidades infinitas de extensão e pensamento por um modo finito Corpo/Mente. Ou seja, uma Escola, nesse sentido, é compreendida como produtiva de *uma* vida como Educação e, assim, um Corpo como uma maneira de ser da Vida. A Vida envolve Educação e Escola, compreende-as *essencialmente* ao exprimir a existência de todos os seus modos de ser. Um Corpo-Escola em relação à Vida é uma existência modal cuja Vida implica a Escola e a Educação. Na gênese produtiva, um Corpo-Escola complica o Corpo na Vida enquanto produção de *uma* vida. Vida e Corpo envolvem-se, implicam-se e complicam-se necessariamente. Pode-se assim dizer que a Escola produz uma Educação, ou seja, *uma* produção de vida que se exprime como Educação. E em um Corpo-Escola há *uma* vida como o expresso de uma essência da Vida que se exprime em seus infinitos atributos. Nisso, há uma passagem da expressão da Vida nos atributos extensão e pensamento para *uma* expressão dessas infinitas qualidades da Vida ela mesma numa existência de corpo/mente de um Corpo-Escola. *Uma* Escola existe constituindo-se por um conjunto de partes extensivas que estão em relação. Tudo é relação e

materializa-se em relações. A existência de uma Escola como um modo finito, então, compõe-se de relações com partes extrínsecas que condicionarão sua existência. Existir como Corpo-Escola, assim como qualquer outro modo, consistirá em compor relações, o que é o mesmo que dizer que a existência de uma Escola é uma composição, *coextensão de estar em e ser concebido por meio de, acontece que uma coisa faz parte de outra se, e somente se, ela é causada por essa outra. A relação entre o em e a causalidade é manifestada na visão de Espinoza de que os modos – isto é, as coisas que estão em Deus – são causados por Deus.*¹³⁷ Essa composição com outros corpos extrinsecamente a ela constituirá seu Corpo-Escola. Mais: constituirá a “mente” desse Corpo-Escola, sendo essa “mente” a ideia desse Corpo-Escola e o pensamento relativo ao corpo dessa escola, desse corpo que é produzido nas relações. Escola como Corpo, como modo é, então, um poder de ser afetada em/nas relações. A existência de partes extensivas implica em relações das partes segundo *leis do movimento e do repouso*, o que, no caso, expressará a essência da Escola. Ou seja, a Escola se constitui em relações extrínsecas com outros corpos. A essência da Escola, essência de modo, é uma capacidade, uma potência, a maneira que a Escola se atualiza nas/em relações. Dessa maneira, o modo de atualização é a sua essência. Assim, uma Escola perspectivada como Corpo compõe-se *atualmente* de um grande número de partes extensivas que se relacionam e correspondem ao seu grau de potência de existir e de pensar, enquanto existência num modo Escola – Corpo-Escola. A essência ou potência de *uma* vida é, assim, uma causalidade adequada de seus efeitos, entendimento de suas relações extrínsecas. A potência de um Corpo-Escola é *a potência de um efeito [e que] é definida pela potência de sua causa, à medida que sua essência é explicada ou definida pela essência de sua causa.*¹³⁸

A Escola, então, perspectivada enquanto um modo existente – *são partes* ou *tem parte* de e na Vida. A Escola *participa* da Vida, é parte *participadora* da Vida compondo-se por um número de partes, partes extensivas, e sua existência depende dessas partes e de sua co-existência em relação – Corpo-Escola existente quando possui *atualmente* um grande número de partes (extensivas) que correspondem à sua essência ou grau de

potência –, um corpo composto ao infinito. Vida e Escola em expressão e produção, mundo e si, corpo e vida implicados. E a Escola como maneira de ser da Vida enquanto gênese expressiva como Educação, com-põe variações contínuas da Vida *sendo* ao modo de *uma* vida, uma maneira de existir, de ser corpo. Existe e produz existência enquanto afeta e deixa-se afetar com tudo...

Como modo, a Escola é constituição de relações, são elas que sustentam e garantem sua existência. Então, cada Escola como corpo/mente é um *expresso* dos atributos extensão e pensamento que são uma qualidade qualificada da Vida que se exprime. Uma Escola enquanto modo existente se distinguirá de outra Escola e de outros corpos extrinsecamente pelas relações que passam a compor sua essência e sua existência enquanto Escola. A essência de uma Escola é o *expresso* em uma determinada relação com (o infinito de suas) partes extensivas, partes essas que constituirão um modo de Escola *essencialmente* com um *grau de potência* de existir e de pensar relativo à relação das partes que a compõe, que estão e que ela põe em relação. Compreendamos que a *essência* de uma Escola é um grau de potência que se exprime a partir de relações características, então, essa essência de Escola, seu grau de potência, corresponderá à maneira de afetar e de ser afetada presente em seu modo de existir como corpo. A escola como *corpo* com um grau de potência, um poder de ser afetado pelas afecções infinitas e variáveis que preenchem esse poder *essencial*. Uma Escola como Corpo diz de movimentos que determinam uma infinidade de partes a entrarem em relação e também que essas partes se afetam infinitamente de muitas maneiras. Disso, compreenda-se que a Escola não é uma essência, não há um *ser-da-escola*, mas antes agenciamentos escolares, composição imanente com o extrínseco em outras partes. A Escola como *corpo* existe como relação, como composição de relações características que são indissociáveis de um poder de afetar e ser afetada. Há, nessa perspectiva, uma relação direta e intrínseca entre potência e poder-potência de existir e poder de ser afetada. A absoluta e infinita potência da Vida tem na Escola uma de suas infinitas afecções. A Escola é um modo de afecção da Vida. Numa palavra: uma Escola é um modo de existência, age e produz pensamentos segundo uma certa maneira de afetar a vida. *Daí a força da questão de Espinosa: o que é que pode um corpo? De que*

afectos é capaz? Os afectos são devires: ora nos enfraquecem na medida em que diminuem a nossa potência de agir, e decompõem as nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes na medida em que aumentam a nossa potência e nos fazem entrar num indivíduo mais vasto ou superior (alegria). Espinosa não cessa de se espantar com o corpo. Os corpos não se definem pelo seu gênero ou pela ou pela sua espécie, pelos seus órgãos e pelas suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afectos de que são capazes, tanto em paixão como em acção¹³⁹.

A Escola constitui-se como Corpo enquanto um modo de existência em movimentos entre duas linhas: numa linha de afecções, nos quiasmas das múltiplas linhas de movimentos e repousos, dos encontros *entre* vetores que faz disparar uma possível compreensão pelo conhecimento das causas do *que é uma escola nas relações(?)* – relações de movimento e repouso, velocidade e lentidão, uma *cinética* de Corpo-Escola. Noutra linha, efeito de corpos sobre outros, afetos, aumento ou diminuição da capacidade de agir, potência de agir, bom ou mau encontro corpo-a-corpo, afetar e deixar-se afetar, *dinâmica*, intensidade, energia. Nessa cinética e dinâmica do Corpo-Escola está a capacidade da Escola e o seu caráter de sempre provisoriade ou “precariedade”, pois essa capacidade é a potência da Escola se atualizar como uma maneira de ser – agir e pensar ativo ou passivo – Vida, uma existência como expressão e produção da/em Educação.

Escola significa, assim, ser uma afecção da Vida produzindo *uma* Educação nas relações de um corpo muito especial – um Corpo-Escola. Mas, o que significa compreender Escola uma afecção da Vida? Primeiramente, Escola como um corpo não tem a potência de se causar, ao contrário da Vida que é uma onipotência absoluta e infinitamente ativa. Ademais, a Escola, nessa perspectiva, depende da Vida tanto para ser, quanto para ser concebida. A Escola compreendida como corpo é limitada em sua existência por ser caracterizada como corpo finito num infinito excesso da Vida. Assim, compreender Escola como Corpo é compreendê-la, assim como todos os corpos, como efeito de uma causa extrínseca a si mesma. Mas, tal efeito acarreta e lhe impõe um limite existencial, ou seja, existe enquanto durarem determinadas relações e, assim como todos os corpos, caracterizar-se-á pelo

movimento estabelecido com outros corpos – relações de movimento e repouso pertinentes a determinado modo de estabelecer relações. Assim, *todos os corpos estão ou em movimento ou em repouso. Todo corpo se move ora mais lentamente, ora mais velozmente. Os corpos se distinguem entre si pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão, e não pela substância*¹⁴⁰. Então, a Escola não é Vida, ou seja, aquilo que existe em si mesmo e é concebido por si mesmo, mas são modificações, variações imanentes ao que existe como causa de si mesmo. A Escola é uma infinidade de maneiras que se seguem necessariamente do que se causa a si mesma e se concebe por si mesma. Como um Corpo, é uma maneira, uma afecção, uma modificação entre uma infinidade de outras que só pode ser compreendida a partir de sua relação com a Vida que é causa de si mesma, como também compreendida a partir da relação com outros corpos que também são maneiras de ser em relações com outros corpos. Assim, a Escola como um modo, como Corpo, será existencialmente e conceitualmente dependente de maneira dupla, nomeadamente, pela determinação causal pela Vida que é causa de si mesma, e pelo nexos de/das relações com outros corpos também finitos como ela, Escola. É o que Spinoza compreende por modo, a saber, *as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa por meio do qual é também concebido*¹⁴¹ e também por corpo, *um modo que exprime de uma maneira definida e determinada a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa*¹⁴².

Nessas linhas a Escola necessariamente se produz existencialmente com outros corpos. A Escola, então, caracteriza-se por diferentes níveis de força ou potência nessa relação com outros corpos que a constitui. Nas relações ou, mais profundo, fundamental e necessariamente, em seu *desejo* compreendido como potência de sua atualização modal de/em Corpo-Escola, ela pode se afirmar em sua força ou potência existencial – potência de agir e potência de pensar. O *desejo* da Escola é a própria potência de afirmar a Vida e sua vida, produzir efeitos pela potência de agir em função de suas afecções. Sim, *desejo* compreendido como potência, e não como desejo “pessoal” ou mesmo de algo, de alguma coisa, mas *desejo* como a própria potência de afirmar a vida e produzir efeitos... Um Corpo-Escola pelo desejo, pela potência

de agir e afirmar a vida, coloca-se, assim, no âmbito das forças, das relações e modificações *de* corpo nos encontros segundo seu modo de existência. Desejar, agir afirmando a Vida em sua potência, cabe ao *esforço* (*conatus*) que um Corpo-Escola tem que fazer para perseverar na sua existência como Escola, perseverar no seu ser como um modo Escola, um Corpo-Escola. Nesse movimento a Escola pode despertar no sentido de compreender as causas do que lhe ocorre quando nos encontros com outros corpos e, assim, não permanecer passiva frente ao que lhe ocorre, mas penetrar profundamente num *esforço* de conhecimento nas/das suas relações e poder assim produzir *uma* vida como Educação.

Uma vida de uma Escola envolve a compreensão da natureza de seu corpo, já que ele pode ser afetado de múltiplas maneiras. Com efeito, *uma* vida envolve uma relação tanto da natureza do seu próprio corpo quanto dos corpos exteriores. Compreender as razões de *uma* vida de uma Escola significa compreender sua atividade singular, ou seja, suas ações que ela realiza – pedagogia, ensino, aprendizagem etc. – em/com outros corpos para perseverar e manter-se na existência, afirmando o seu ser, a sua necessidade do ser enquanto potência da Vida em *uma* vida. Compreender as razões de *uma* vida significa, para uma Escola, compreender a ordem das causas das ações de suas relações de afetar e de ser afetada, ou seja, de seus *afetos*, sabê-los maduros. Nisso perguntar-se: as ações diminuem ou aumentam a potência de existir e de pensar da Escola? O seu Corpo é *causa adequada* ou *causa inadequada* de suas ações? O seu Corpo *age* ou *padece* nas suas relações com outros corpos? Aqui são necessárias algumas definições para a compreensão do que diz em relação a “compreender as razões de *uma* vida”.

1. *Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só.* 2. *Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial.* 3. *Por*

*afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. **Explicação.** Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão¹⁴³.*

A dimensão de *uma* existência, de *uma* vida, de ser *em* Vida de uma Escola implica em compreender as conveniências e as desconveniências dos/de encontros para ela, do que a compõe e do que a decompõe nas/em suas relações. E *quando um corpo “encontra” outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes. Eis o que é prodigioso tanto no corpo como no espírito [pensamento]: esses conjuntos de partes vivas que compõem e decompõem segundo leis complexas¹⁴⁴.* O encontro da Escola com outros corpos possibilita, então, uma experiência tanto ontológica – compreender a sua existência e suas relações segundo a ordem da Vida – como também e concomitantemente, uma experiência gnosiológica – compreender-se a si, os outros corpos, as outras infinitudes de coisas existentes e seus efeitos segundo a ordem das suas causas. *A ordem das causas é então uma ordem de composição e de decomposição de relações que afeta infinitamente toda natureza. Mas nós, como seres conscientes, recolhemos apenas os **efeitos** dessas composições e decomposições: sentimos **alegria** quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, quando uma ideia se encontra com nossa alma [mente] e com ela se compõe; inversamente, sentimos **tristeza** quando um corpo ou uma ideia ameaçam a nossa própria coerência. Encontramo-nos numa tal situação que recolhemos apenas “o que acontece” ao nosso corpo, “o que acontece” à nossa alma [mente], quer dizer, o efeito de um corpo sobre o nosso, o efeito de uma ideia sobre a nossa. Mas o que é nosso corpo sob sua própria relação, e nossa alma [mente] sob sua própria relação, e os outros corpos e as outras almas [mentes] ou ideias sob suas relações respectivas, e as regras segundo as quais todas essas relações se compõem e decompõem – nada sabemos disso tudo na ordem de nosso conhecimento e de nossa consciência. Em suma, as condições em que conhecemos as coisas e tomamos consciência de*

*nós mesmos, condenam-nos a ter apenas ideias inadequadas, confusas e mutiladas, efeitos de suas próprias causas*¹⁴⁵. Assim, compreender as razões de *uma* vida implica superar o mero padecimento e concomitantemente a tristeza da Escola na relação fortuita e caso a caso com as coisas em seus encontros. Por nada saber pelo conhecimento das causas e por uma consciência o que se passa nos encontros – *o que pode um corpo, uma Escola?* –, a Escola tem em seu agir e pensar a condição ontológica e gnosiológica de ultrapassamento de sua condição dada pelo seu padecimento e tristeza e da sua condição de mente confusa, mutilada e inconsciente pelo desconhecimento das causas que a envolvem. Numa palavra, tomada numa perspectiva afirmativa o “nada saber e não ter consciência” do que compõem ou não, convém ou não à Escola, é afirmar sua potência de agir sempre além das condições de padecimento e de tristeza e de pensar sempre além das suas condições de consciência atuais. Mas, em geral, para uma Escola em *uma* vida, *quanto mais um corpo é capaz, em comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, ou de padecer simultaneamente de um número maior de coisas, tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas. E quanto mais as ações de um corpo dependem apenas dele próprio, e quanto menos outros corpos cooperam com ele no agir, tanto mais sua mente é capaz de compreender distintamente. É por esses critérios que podemos reconhecer a superioridade de uma mente sobre as outras, bem como compreender que não temos de nosso corpo senão um conhecimento muito confuso, além de muitas outras coisas, as quais deduzirei, a seguir, do que acabo de expor*¹⁴⁶. E aqui talvez se tenha um grande grau de potência do Corpo quando se constitui com a Escola uma determinada relação produzindo *uma* Educação – uma aprendizagem prática corpo-a-corpo de uma liberdade por vir – uma compreensão de suas afecções interpretadas e tornadas afetos maduros. Os corpos nessa aprendizagem constituem uma Educação em/de *uma* vida como seres de desejo e de relações de afetos.

O existir, viver e ser de uma Escola inicia-se coletivamente em meio a paixões, padecimentos e tristezas. A esse início deve seguir, no esforço da Escola em perseverar em ser, em suas ações e pela compreensão dos efeitos

no interior das relações inicialmente passivas e tristes, um fortalecimento das paixões mais fortes e o enfraquecimento das paixões mais fracas de modo que o conhecimento e compreensão das causas se dêem pela razão, pelo conhecimento. Esse, contudo, só será mais forte e superior a qualquer paixão à medida que a sua mente compreender que conhecer e pensar têm na razão ela mesma um afeto com grande força – a razão como o mais forte e potente dos afetos. Isso porque a Escola, ao existir, viver e ser pelo/no padecimento pode lançar-se à ação, sair da imaginação e chegar à razão de suas causas reais em *uma* vida na Vida.

A Escola poder interpretar e perspectivar os afetos segundo esse salto ontológico-gnosiológico significa produzir e expressar uma *Ética* – uma potência de agir e pensar, potência essa enquanto expressão-produção de um modo de existir, viver e ser *uma* vida. Também esse salto ontológico-gnosiológico significa uma potência axiológica enquanto expressão-produção de valores, e de uma potência epistemológica como expressão-produção de conhecimento, de *uma* razão que primordialmente compreende as relações, assim, uma outra-razão, um poder maior em alcance de ação e mente do seu existir e viver enquanto corpo de *uma* vida, um modo de ser Escola no absolutamente infinito e necessário da Vida. É a Vida implicada e complicada numa *Ética* em Educação de uma Escola expressão de *uma* vida, em que existir, viver e ser sejam uma expressão e produção de ações, pensamentos, valores, conhecimento etc. na renúncia de toda e qualquer categoria que estabeleça qualquer transcendência ou de relações que remetam a quaisquer valores morais ou absolutos, a qualquer ideia de verdade, de significado único para as suas experiências, relações e de quaisquer responsabilidades que possam preexistir às suas relações. A *Ética* de *uma* vida é tão-somente a implicação do ato de existir nas relações. Numa palavra, *uma* vida de uma Escola é uma *Ética* ao que é imanente, rente à vida, habita a potência do seu excesso – a Vida, sem qualquer idealismo e/ou transcendência.

Compreendamos o que permite constituir uma passagem entre ontologia e *Ética*, uma ontologia que não vise a uma fundação, buscar um fundamento, mas uma ontologia que nos gera, assim como uma Escola. ***Ética é a maneira que não nos acontece nem nos funda, mas nos gera. E***

os serem gerados pela própria maneira é a única felicidade verdadeiramente possível para os homens¹⁴⁷. A Ética passa a ser, então, um problema de fronteira, uma fronteira que se passa *entre* o Corpo e o Real. Então, começar pela bordas, corpo a corpo, produzir gradativa-mente (um) conhecimento. Como pensar uma Ética da Escola imanente à Vida nessa ontologia ger-ativa de si e do mundo, a Escola como um modo, um corpo/mente ético imanente à Vida? Como pensá-la – a Ética – por exemplo, com a Literatura, ou a palavra em estado de arte? Como pensar o Corpo a Escola, Palavra, Literatura numa relação que possa operar uma produção de si e do mundo, que faça passar uma potência cada vez maior de vida, produzir um si e mundo imanente ao Corpo, à Vida, à Linguagem, ao sentido que se produz na superfície da pele com o mundo? Como pensar uma ontologia Ética do Corpo com a Literatura na Escola? Como disse Paul Valéry algures, *o mais profundo é a pele e nessa superfície profunda o interior e o exterior, o profundo e o alto, não têm valor biológico a não ser por essa superfície topológica de contato*¹⁴⁸. Tudo é corpo e tudo é corporal, tudo é mistura de corpos e, no corpo *ético*, essa mistura é penetração e encaixamento. Essa produção singular do corpo produzir *uma* vida que se faz corpo a corpo com o mundo não está na profundidade dos corpos como causas, mas na superfície do acontecimento de uma mistura potente do corpo e, assim, como quase-causa. O Corpo ético é um corpo e um pensamento que se produz numa mistura potente de/para *uma* vida afirmativa que possibilita uma criação permanente e ininterrupta pela potência infinita de existir e de pensar. O Corpo é uma ontologia que se expressa e se produz num plano de imanência – a Vida ela mesma a imanência – com outros corpos, uma relação com tudo do mundo, aos discursos, à língua, à linguagem etc. O Corpo ético é o que se produz nessa imanência e, a mente desse Corpo, é a ideia desse corpo na sua constituição (ética) de vida. O pensamento será o plano do pensar o sentido das relações ininterruptas, o que jorra de um excesso fabuloso, o que a mente compreende, a ideia do corpo correspondente ao que se constitui com outros corpos (ética) e que é atualizado por um modo corpo – *uma* vida. Esse processo é aprendizagem. Aprendizagem é Ética e Ética é aprendizagem. A condição de tal aprendizagem ética, por exemplo, de um Corpo-Escola implica em uma *inscrição* – pensar e haurir sentidos que se dão

nas relações em meio a todo(s) o(s) valor(es) que é(são) instituído(s) como possibilidade(s) real(is) na/de vida – que expressa e produz afetividades cada vez mais expandidas por relações e seus sentidos *ad hoc*. A Ética da Escola de *uma* vida *acontece* nas composições. É a potência afetiva de uma Escola de *uma* vida imanente à Vida ela mesma, tão-somente ela, que diz das intensidades de *uma vida* e seu sentido. A Ética de *uma* vida é que produz acontecimentos expressos e produzidos da/na/pela potência da Vida. Vida aquém e além das formas e domínios de uma racionalidade (moderna), de qualquer tradição de formas morais repetitivas que só fazem julgar o real, o mundo, a vida e imperam em defender-nos e fazer padecer a vida do corpo nas dores do mundo e da vida impregnando-nos de tristeza. A inscrição da Escola no(s) acontecimento(s) possibilita, então, uma Ética no sentido permitir a ela se *inscrever na superfície das coisas (superfície que se encontra já no espaço interior) uma expressão qualquer; é obrigado a fazer um esforço para conseguir pesar o bastante sobre o conjunto do mundo que lhe opõe uma resistência. Porque há sempre uma resistência global do mundo que se manifesta, mesmo nos casos mais favoráveis à expressão da força: toda passagem à expressão modifica e perturba a ordem do mundo num instante dado, porque é uma manifestação de “potência”. Quando a força se exprime, é a força inteira do mundo que encontra: a força singular tem de vencer a força do mundo para se expressar*¹⁴⁹.

Então, qual a potência de um Corpo-Escola como Corpo, ou seja, como uma maneira de ser da Vida, como expressão como Educação? Nisso pode-se *entender* como uma Escola pode se constituir como um modo existente de *uma* vida da Vida absolutamente infinita e sendo produzida e expressa como Educação. Uma produção e expressão – *uma* maneira de existir e de pensar tal que potencialize ao máximo a si em todas as suas relações com outros modos da Vida – Escola: entre corpos, corpo com outros corpos, expressão de *uma* vida que depende das linhas que constituam seu corpo. Daí pensar uma Escola como corpo e mente que não se distinguem, como um modo de vida com uma potência de agir e de pensar a Vida no infinito da Educação. É a Escola passar a pensar-se em suas relações-corpo e seu corpo-relações com outros corpos, inclusive e fundamentalmente, dentro de si. E nisso compreender que *cada*

*indivíduo, alma [mente] e corpo, possui uma infinidade de partes que lhe pertencem mediante uma relação mais ou menos composta. [...] Todos os indivíduos estão na Natureza como que num plano de consistência de que formam a figura completa, variável em cada momento. Afectam-se uns aos outros, pois, a relação que constitui cada um deles constitui um grau de potência, um poder de ser afectado. Tudo é encontro no universo, bom ou mau encontro*¹⁵⁰.

O ato de existir como Escola, como Corpo expressão – possibilidade imanente – de *uma* vida, inexoravelmente é um constituir-se coletivo. Ou seja, a Escola está sempre inserida e em relação corpo a corpo com outros corpos em movimentos e em velocidades distintas e singulares, compondo-se e decompondo-se com eles – *pars construens pars destruens* – construção e destruição produzindo uma permanente modificação de sua essência atual – maior ou menor potência – que se manifestará no seu agir e pensar. A Escola como Corpo é, assim, *o corpo que pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor*¹⁵¹. Essa aptidão da Escola em ser afetada por outros corpos e poder incrementar sua potência de ação nos permite dizer que o existir, o viver e o ser de um corpo, de uma Escola se equivalem. Essa aptidão do corpo é a sua virtude, ou seja, *agir absolutamente por virtude nada mais é, em nós do que agir, viver, conservar o seu ser (estas três coisas têm o mesmo significado), sob a condução da razão, e isso de acordo com o princípio de buscar o que é útil para si próprio*¹⁵². Virtude, então, como potência de efetuar coisas, haurir conhecimento de seus encontros, ter como que um certo êxito nos encontros, um êxito das ações que emanam do próprio poder de um corpo nos encontros com outros corpos.

Também o ato de existir de uma Escola tem a ver com ser determinada por uma necessidade – a Escola *não poder não ser* –, contudo, não é ser determinada num sentido de fatalismo, mas é ser necessariamente capaz a ações impulsionadas por causas intrínsecas. A necessidade de um corpo implica todas as *partes* da Vida, a Vida como um único princípio imanente no qual os corpos têm cada qual a sua necessidade de conceber e de ser concebido numa relação necessária. O ato de existir de uma Escola é também

uma necessidade no sentido da impossibilidade de existir desatada da Vida, mesmo quando existe de modo passivo, sujeita às afecções fortuitas. Também disso é preciso compreender que não há qualquer acaso na natureza das coisas. Se tudo é Vida, a Vida se causa e é causa de todas as coisas e de tudo que é, é em Vida, Natureza, Deus... Spinoza diz *que Deus é causa de si mesmo, também deve se dizer que é causa de todas as coisas*¹⁵³ e que *as coisas particulares nada mais são do que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada*¹⁵⁴. Então, não pode haver nada contingente e nem se falar em liberdade, mas apenas de necessidade – *não poder não ser*. Todas as coisas particulares, os modos, uma Escola, têm uma relação intrínseca com um único princípio – Vida, Deus, Natureza – do qual têm a necessidade. Assim cada corpo está necessariamente em relação a outros corpos e, tudo que existe, existe necessariamente ligado ontológica e necessariamente pela causa distante – Deus, Substância – que somente ela é e pode ser causa de tudo e de si mesma sem constrangimentos externos – *Deus, Natureza, Vida...*

Nesse sentido, ao se falar de determinação, necessidade e ausência de liberdade, do livre-arbítrio da vontade e de qualquer finalidade do modo finito, de uma Escola, então, como constituir uma aprendizagem de um modo de Corpo que exista na potência absolutamente infinita do Real, do mundo, da Vida em sua necessidade e contingência? Existir, viver e ser apesar da determinação, da necessidade, da contingência, da ausência de liberdade do livre-arbítrio e da vontade de um corpo *não se encontra, portanto, na distância entre mim e mim mesmo – distância que, usando a razão e vontade, eu procuraria preencher com algo que não sou eu mesmo, isto é, com o objeto de uma escolha ou com um fim –; ao contrário, ela é a proximidade máxima de mim comigo mesmo, a identidade do que sou e do que posso*¹⁵⁵. A potência de perseverar de uma Escola, por exemplo, é a força de seu existir, viver e ser afirmando-se e compreendendo-se em/nos efeitos das ações com outros corpos, efeitos esses imanentes à Vida. Existir, viver e ser de uma Escola são modos singulares em ser que exprimem a potência absoluta e infinita da Vida que se exprime. Existir enquanto Escola compreende constituir-se segundo encontros que produzem efeitos necessários e, conseqüentemente,

determinadas formas, ou modos *atuais* de Escola produzindo sua singular contingência. Existir, então, coloca uma condição vital, especificamente, de que modo determinadas relações se estruturam e explicitam modos de existir singulares de Escola sob as mesmas condições imanentes ao mundo, à Vida. Existir nessa condição é uma ação da Escola com outros corpos, o que une corpos e os multiplica infinitamente, e essa ação que a Escola realiza, esse esforço, possibilita manter-se na existência enquanto durem as relações. Assim, construções e desconstruções coletivas da Escola passam a operar um existir, viver e ser sempre novos na absoluta contingência por singularidades coletivas. Nessa ação perpétua e ininterrupta da Escola se afirma uma condição de que *cada um é necessário, é um pedaço de destino, pertence ao todo, está no todo – não há nada que possa julgar, medir, comparar, condenar nosso ser, pois isto significaria julgar, medir, comparar, condenar o todo... Mas não existe nada fora do todo*¹⁵⁶!

A Vida é o absoluto infinito e, a Escola ao se produzir nas suas articulações nas relações, faz implicar a absoluta necessidade na sua singular contingência de corpo numa produção de um si e de um mundo operada por relações produtivas e expressivas, produz existência segundo um único critério: produzir *uma* qualidade de existência que afirme as razões da Vida em *uma* vida, modo pelo qual a Vida é produtiva, implicada e complicada em sua grandeza absoluta e infinita. A Escola perspectiva a vida do modo como existe, vive e é, como causa que efetua algo da Vida e como efeito de relações e interconexões mundanas de *uma* vida de outros corpos. A existência da Escola ou *a existência dos modos* [de uma Escola] *é um sistema de afirmações variáveis, e a essência dos modos, um sistema de positivities múltiplas*¹⁵⁷. Existir, viver e ser de uma Escola em *uma* vida com outros corpos não significa uma barreira ou limite, pois, *a essência do modo* [de uma Escola] *é um grau de potência. Este grau em si mesmo não significa um limite ou uma barreira, uma oposição com os demais graus, mas uma distinção positiva intrínseca tal que todas as essências ou graus convêm juntos e formam um conjunto infinito em virtude da sua causa comum. Quanto ao modo existente, é certo que ele é determinado a existir e a agir, que se opõe a outros modos, e passa por perfeições maiores ou menores*¹⁵⁸.

Assim, o agir e pensar éticos de uma Escola implicam existir, viver e perseverar em ser na imanência Vida ou, dito de outra forma, implicam em que a Escola se constitua na Vida em suas relações corpo a corpo como um modo que passa a expressar e produzir atravessamentos em seus encontros e relações e, assim, constituir uma sempre nova maneira de existir, de viver em variação – *uma* vida. Tal é a Ética de um Corpo-Escola: nada mais do que uma afirmação da potência de ser orientada pela/na imanência da Vida, uma Escola corpo a corpo com o mundo de tal modo a produzir uma composição numa ação consistente e responsável do com-viver. A Ética é a processualidade, o compreender caso a caso, em suas ações, o que convém e/ou desconvém, compõe e/ou decompõe as relações com/na a Vida. Ética do pensar, do sentir e existir com as forças da Vida, afirmá-las em sua máxima potência contra as forças da morte. *Não há nada em que o homem livre pense menos que na morte, e sua sabedoria não consiste na meditação da morte, mas da vida*¹⁵⁹. Ética em Educação passa pela Escola produzir-se e expressar-se ao modo de um corpo que afirma a Vida, Escola que é quando sua existência (ou o existir) e o pensamento estão em função e fluxo com a Vida e, nessa condição modal, a Escola orienta-se na/pela imanência do real de tal modo a expressar e produzir ações. As ações são, pois, orientadas justo pela condição modal da Escola como expressão de *uma* vida da Vida absolutamente infinita, Escola orientada pelas ações, pelos movimentos e velocidades dos fluxos da vida enquanto expressão, tanto em suas causas – não parar de causar com suas ações – como também pelos destinos e/ou direcionamentos que ela, Escola, nessa condição, recebe e (re)coloca dos sofrimentos, padecimentos, paixões, tristezas, afecções etc. nos/dos encontros convertendo-os em alegria e num profundo *amor* pela Vida. Então, a Escola enquanto modo de expressão da Vida, como uma expressão-produção do ser em *uma* vida, existe, age e pensa num imenso ato sensível e complexo capaz de compreender sua condição enquanto Corpo-Escola e também toda multiplicidade dos outros infinitos modos existentes com a absoluta necessidade de tudo da Vida e suas potências. É a Escola na existência do mundo, uma relação com o mundo, com o Real , com a Vida como Escola que se expressa como/em Educação.

Dessa maneira, a condição Ética necessária de existir de uma Escola de *uma* vida passa pelos fluxos e matérias que constituem todos os outros modos de vida. O pensar, o sentir e o agir da Escola orientam-se inteiramente imanentes a tudo que se exprime. A Ética de uma Escola faz implicar uma autoconstituição de si e de mundo enquanto se produzem necessariamente numa singular contingência pelos caminhos que ela trilha, caminhos esses produzidos nos/pelos encontros. Como na epígrafe pessoana do início do texto, *ir de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do corpo ou do destino, debruçar-se sobre as ruas e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são*. Produzir-se num ou outro modo é expressão também de Escola e depende do que ela pode nos encontros, mas Escola que sempre existe, age e pensa como uma expressão da Vida imanente. Assim, a Escola como matéria de coisa com coisa, corpo com corpo que compõe uma Escola do mundo, da Vida, de *uma* vida.

Essa implicação Ética de *uma* vida no mundo como expressão da Vida inaugura a possibilidade de ações inteiramente novas a cada encontro em uma Escola, ações sempre novas e éticas. A implicação Ética é, assim, produtiva, necessária, caso a caso, inovadora, singular e coletiva – é da Escola com outros corpos em relação. Essa condição ética de *uma* vida da Escola passa a estabelecer o existir, o viver e suas ações segundo o modo de sua afetividade, afetividade essa como expressão da potência do mundo, da vida na Escola, expressão de seu grau de potência. E esse modo de existir em potência como Escola é existir como força de ser e perseverar em seu ser, o que é a essência de todos os corpos. Existir, então, como uma Escola Ética é produzir existência, agir e produzir ações, causar efeitos que causarão efeitos sucessivos *ad infinitum*. *Não existe nada de cuja natureza não se siga algum efeito*¹⁶⁰. O esforço de existir, de perseverar em seu ser. Assim, *cada coisa esforça-se, tanto quanto em si, por perseverar em seu ser*¹⁶¹ e esse esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser *não envolve nenhum tempo finito, mas um tempo indefinido*¹⁶². Isso implica em afirmar que o tempo do Real, do mundo, de *uma* vida, elimina o tempo cronológico, o tempo sequencial, o tempo medida e apreende e compreende o tempo intensivo, o tempo do acontecimento-vida, o tempo-vida. Aqui pode-se pensar o

regime de tempo integral de uma Escola – tempo integral por regime de decreto de lei ou Escola integral e integrada com tudo o tempo todo?

Perspectivarmos a Escola como Corpo segundo uma relação Ética implica, como já dito, em compreendemos e pensamos a Educação como um expresso da Escola que é expressão de uma Vida absolutamente infinita que se exprime. É partir da compreensão da Escola como Corpo o que nos permite pensar a Escola numa expressão da Vida e como produção de vida como Educação. É também o que nos permite deslocar a pergunta *O que é Escola?* e perguntar: *Que Escola?* E essa pergunta *Que Escola?* é mais importante, pois difere e permite deslocar da pergunta *O que é Escola?* e, estabelecer essa nuance por deslocamento. É o que possibilita pensar a Escola diferentemente, além e aquém de meras críticas que estabelecem a diferença a partir daquilo que é reconhecimento ou não do que de antemão já se espera ou se pode esperar de uma Escola enquanto forma, repertório de ensinar, de aprender, de conhecer etc., formas essas que passam a tomar e assumir todo fazer da Escola parecer que essas são as únicas coisas existentes e possíveis de serem expressão e produzir vida. Quando a Escola é perspectivada pelas formas, o devir é devir de formas, uma forma substitui outra. Quando a Escola é perspectivada na imanência, o devir é intensidade e o intempestivo da potência. Perguntar por *Que Escola?* desloca a posição meramente crítica para a imanência da Vida em suas relações e para uma condição modal que expressa e produz uma existência singular e Ética de Escola em Educação. Assim, as *práticas* educativas na Escola podem entrar num modo de existir potente possível de ser pensados segundo ações aquém e além de serem tomadas por meras críticas. Ética em vez de moral, pois *a crítica implica em novos conceitos (da coisa criticada), tanto quanto a criação mais positiva. Os conceitos devem ter contornos irregulares, moldados sobre sua matéria viva. Que é desinteressante por natureza? Os conceitos inconsistentes, o que Nietzsche chamava de os “informes e fluidos borrões de conceitos” – ou, então, ao contrário, os conceitos por demais regulares, petrificados, reduzidos a uma ossatura? Os conceitos mais universais, os que são apresentados como formas ou valores eternos são, desse ponto de vista, os mais esqueléticos, os menos interessantes. Não fazemos nada de positivo, mas também nada no*

*domínio da crítica ou da história, quando nos contentamos em agitar velhos conceitos estereotipados como esqueletos destinados a intimidar toda criação*¹⁶³.

Indo mais além, a pergunta *Que Escola?* produz-se nas relações nas quais a potência absolutamente infinita da existência da Vida tem expressão em modos de Escola, de Corpo em *uma* vida. Assim, a Vida não se suprime ou é redutível na mesmidade de um uno transcendental, ideal, mas torna-se expressão singular e formal, ou seja, imanente e unívoca, uma só voz ao Real, à Vida em seus infinitos modos. Assim, Escola, Corpo em tantos e infinitos modos terão de ser pensados nesse formal – na imanência e numa única e mesma voz – na infinita multiplicidade de afecções *Vida, Educação e Escola*. É justo a imanência da Vida que, assim, possibilita o exame das relações entre multiplicidade e unidade, expressão e produção, necessidade, contingência causalidade, quantidade, qualidade, necessidade e contingência do Corpo, da Escola em suas ações etc.

Como já foi dito, nessa expressão-produção formal, unívoca e imanente de Escola reside uma *ontologia*, uma *axiologia* e uma *epistemologia*. Da ontologia dir-se-á ao menos dois pontos fundamentais para uma Ética: 1. uma *genealogia* que é a constituição lógica da Vida e de *uma* vida. 2. uma *gênese* que é a produção física pelas ações da escola. Essa ontologia é ética enquanto expressão da Vida, enquanto envolve um aspecto gnosiológico na medida em que Ética diz respeito à produção de *uma* vida na Vida que se expressa absoluta e infinitamente. Em relação ao aspecto axiológico, de valores, esse modo de expressão-produção diz de um mundo, de um Real, de *uma* vida não mais como valor de verdade, mas de verdade como valor, ou de valor enquanto sentido do que aqui e agora, na pura imanência, uma dada relação tem. O único e verdadeiro critério de valor está no caso a caso das ações das/nas relações da Escola. As suas ações são a fonte e o sentido de toda expressão-produção de valores – sua Ética. Num sentido ontológico e gnosiológico Ético de existir de uma Escola não mais se pergunta em relação aos valores *o que é que isso vale como valor de verdade?*, mas permite perguntar mais potentemente *qual modo de existência tais ou quais valores implicam?* em Educação e em uma vida.

É a imanência da Vida que possibilita uma Escola examinar as suas relações perspectivadas numa Ética, é essa imanência que faz o Corpo-Escola produzir uma aprendizagem necessária: considerar a matéria do mundo como signos e como emissores de signos a serem decifrados. Aprendizagem de uma Escola como Educação é o movimento de tornar-se sensível aos signos emitidos pela Vida que se exprime e que atravessam o corpo produzindo um agir e pensar. Pensar não é natural, não é simples e, em Educação, na Escola, passa a ser um modo de constituir-se composto num modo de vida complexo. *Aprender é tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro, (...) é uma tarefa infinita*¹⁶⁴. Aprender é, como Educação, operar uma dada relação da Escola na decifração dos signos e produzir conceitos nessa experiência de aprendizagem, é compor da/na/pelas relações e tão-somente nelas. Desse modo, não há conceitos *a priori*, todo conceito é cifrado, *todo conceito tem um contorno irregular, definido pelas cifras de seus componentes. (...) O conceito é uma questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário. É apenas sob essa condição que pode sair do caos mental, que não cessa de espreitá-lo, de aderir a ele, para reabsorvê-lo*¹⁶⁵. Conceitos são produções caso a caso nas relações, o sentido do conceito está em compor e nas composições, nas relações que ele passa a estabelecer, configurando-se, assim, como problema. Assim, a Escola produzindo-se, produz pensamento e sua relação com o pensamento, com a aprendizagem. Nessa maneira de produzir pensamento não há e nem pode haver um sujeito ou teoria que conhece ou pensa um problema ou um objeto a ser conhecido anteriores àquilo que se institui como uma prática das/nas/pelas relações. Pensar não é o que se tem para resolver, não é mera resolução de problemas ou mesmo o que resulta de defeituoso e/ou duvidoso. Pensar é experiência e experimentação empírica de relações aquém e além de quaisquer funções atuais pré-dadas, do vivido que se efetuam formas instituídas e seus códigos. Pensar, nesse modo de experiência afetivo-relacional é sempre inaugural, fresco, original, coletivo, produz-se na invenção de problemas nas/pelas ligações com as paixões e afetos até então invisíveis. Pensar um conceito, nesse modo, *não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes,*

mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes. No caso do conceito de Outrem, como expressão de um mundo possível num campo perceptivo, somos levados a considerar de uma nova maneira os componentes desse campo por si mesmo: outrem não mais sendo nem um sujeito de campo, nem objeto no campo, vai ser a condição de toda percepção, para os outros e para nós. É a condição sob a qual passamos de um mundo a outro. Outrem faz o mundo passar, e o sob a qual se redistribuem, não somente o objeto e o sujeito, mas a figura e o fundo, as margens e o centro, o móvel e o ponto de referência, o transitivo e o substancial, o comprimento e a profundidade... Outrem é sempre percebido como um outro, mas em seu conceito, ele é a condição de toda percepção, para os outros e para nós. É a condição que passamos de um mundo a outro. Outrem faz o mundo passar, e o “eu” nada designa senão um mundo passado¹⁶⁶.

Constituir-se assim em relação à aprendizagem é possível a uma Escola existir, produzir existência antes (ou depois) da teoria, já que teoria e prática se co-engendram, ou seja, não há prevalência de um sujeito observador, teórico e/ou objeto observado a conhecer, mas tudo se passa na ação do *acontecimento*. Essa expressão-produção co-engendada de teoria-prática possibilita a Escola compor ou constituir pensamentos, conceitos que são práticas empíricas e imanentes hauridas naquilo que acontece, ela é que problematiza e produz conceitos, o que vai configurar em um *estilo* particular de Escola e aprendizagem – uma conquista pela expressão singular nas/pelas produções agindo com a vida – e que se transforma e se constitui à medida em que se dão os encontros, os atravessamentos, as afecções da Escola. *Estilo não é sobreposição de uma cifra e de um gosto, mas escolha de um sistema de coordenadas essenciais para expressar nossa relação com o mundo¹⁶⁷*. Dessa maneira, o conhecimento, a Escola e a Educação tornam-se uma expressão-produção efeito de infinitas ligações de múltiplas coisas operadas por *sínteses disjuntivas* anteriores, irreduzíveis, aquém e além de qualquer reconhecimento, reconhecimento, identificação, predicação, codificação. Expressão-produção capaz de afirmar potentemente o que provoca a agir e a pensar por afetação infinita e que faz passar de um plano a outro – da imaginação à razão,

do padecimento à ação, da tristeza à alegria etc. – justo pela seleção daquilo que se estabelece e se produz por ações nas ligações e composições.

Aprendizagem é estabelecer, compor ligações. E essa aprendizagem cujo princípio é a seleção de ligações, encontros, afecções, produz e expressa o *estilo*, uma invenção de possibilidade de vida, de se colocar na vida ou diante dela de modo ético em oposição a uma moral. *A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentos (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. Dizemos isto, fazemos aquilo: que modo de existência isso implica¹⁶⁸?* Perguntar pela implicação que o estilo tem para o Corpo-Escola de *uma* vida que se coloca e se produz na existência de modo ético é perguntar na composição da/na/pela seleção, que vida ela produz – afirmativa? reativa? (Nietzsche), alegre? Triste? (Spinoza), afirma ou nega uma ética?, afirma ou nega uma moral?

Essa maneira, de existir, de viver, de agir torna-se uma aprendizagem permanente da Escola, ou a aprendizagem de existir, viver e agir da Escola é (um) modo ou (um)a condição do *tornar-se*, de um existir, viver e agir éticos. A existência da Escola de *uma* vida é aprendizagem de uma ontologia e de uma gnosiologia de si e do mundo nas relações. A aprendizagem da Escola é uma existência que se compreende enquanto afecção da Vida (causa distante) e como efeito das relações com outros corpos – afecção da afecção da Vida (causa próxima). A expressão e a produção de uma Escola são indissociáveis nesse modo de existência, e a aprendizagem é a compreensão de como a Escola (cor) responde às afecções da Vida que se exprime, como também aos efeitos dos seus encontros orientando-se tão-somente tanto pelas causas como também pelos direcionamentos daquilo que se passa nas afecções. Existência e aprendizagem ética da Escola passa fundamentalmente pelo diagnosticar os devires do presente em cada ação nas relações e encontros que ela faz e, *diagnosticar os devires, em cada presente que passa, é o que Nietzsche atribuía ao filósofo como médico, “médico da civilização” ou inventor*

*de novos modos de existência imanentes. A filosofia eterna, mas também a história da filosofia, cedeu lugar a um devir-filosófico*¹⁶⁹.

Nesse modo de se colocar existindo com a Vida, a aprendizagem, as ações, todo esforço da Escola em perseverar em seu ser será para afirmar a possibilidade de uma Escola *em* Vida, uma possibilidade de *uma* vida e fidelidade a ela no que tange e se passa com ela, *um* mundo imanente à Vida. A experiência de uma Escola e uma Escola da experiência seria, então, uma relação que se constitui com o conhecimento, mas uma experiência do Corpo-Escola que não se resolve em definitivo, posto que se passa aberta e *ad infinitum* enquanto durarem as relações em que ela afeta e deixa-se afetar em máximas fronteiras. A Ética da Escola na relação de imanência à Vida desloca o peso e a centralidade de uma Educação e Escola que poderiam ter um sujeito ao modo moderno conhecedor privilegiado como o condutor e o conduzido da aprendizagem e do conhecimento. Essa imanência Ética da Escola que se constitui nas relações com o conhecimento opera um deslocamento do estatuto da própria aprendizagem concebida tradicionalmente como uma relação entre aquele que ensina e aquele que aprende, entre aquele que conhece e aquele tem de aprender algo do que é para ser e deve ser (re)conhecido numa Escola concebida como forma. A aprendizagem perspectivada segundo uma Ética produzida por uma Escola passa pelo modo dela agir concebendo e realizando, ou seja, a produção de *uma* vida e expressão da Vida, simultâneas. Somente nos encontros há aprendizagem e, *aprender é a verdadeira estrutura transcendental que une, sem mediatizá-las, a diferença à diferença, a dessemelhança à dessemelhança, e que introduz o tempo no pensamento, mas como forma pura do tempo vazio em geral e não como tal passado mítico, tal antigo presente mítico*¹⁷⁰. É nos encontros que a aprendizagem ensina e se aprende a saber viver afirmativamente, a existir e a viver saindo do padecimento, das meras paixões e imaginações e a ter prazer, a ter alegria no aprender a agir nas relações compreendendo suas causas, pois, a alegria nos torna inteligentes, mas a tristeza não. Essa aprendizagem Ética da Escola possibilita fazer do conhecimento o mais forte e potente dos afetos que um Corpo-Escola pode ter e haurir em e para *uma* vida, o que opera em colocar todo saber que se produz sempre e novamente em experiência.

Essa existência ética de uma Escola em Educação é uma experiência de saber, *é o saber que nada mais é do que uma figura empírica, simples resultado que cai e torna a cair na experiência*¹⁷¹.

A Ética e a aprendizagem da Escola de *uma* vida estão, assim, em *adoptar a atitude equivalente assim a desposar a forma das forças do outro; ou mais simplesmente, a fazer sua outra forma de forças*¹⁷². Aprendizagem, então, passa a ser compreender o que se passa corpo com corpo e no corpo a corpo, vida com vida, interpretar encontros, produzir *uma* existência na existência. A Ética é o operar essa aprendizagem infinita num modo afirmativo de/da vida, como também de sua produção e expressão fazendo deslocar por ações e a pensar o que mormente se institui como formas, códigos reativos e defensivos que servem à sobrevivência e ao padecimento da vida (moral), à mera sobrevivência no mundo e do mundo, ao (sobre)viver do Corpo-Escola alheio e destacado, aliado do mundo. Aprendizagem Ética de uma Escola como Educação produz uma existência de maneira que a afirmação expressiva de Vida e produtiva de *uma* vida opera uma resistência a tudo o que no mundo insiste em fazer permanecer como instituído enquanto significado e valor de verdades transcendentais. Pois, assim, um Corpo-Escola Ético como Educação pode resistir. Resistir é existir de modo ético: uma existência que pode e tem potência nos encontros, uma experiência sem saídas nem entradas, só entre, na invenção de um modo de se inventar o/no próprio caminho – travessias. Essa existência potencializa, assim, um modo de existir, de viver e ser enquanto expressão-produção que difere do que uma tradição enseja mostrar e impor como valor de verdade estabelecido e a estabelecer como trajetos, direções, impedindo experiências extemporâneas mais compreensivas e mais afirmativas da Vida. A potência da aprendizagem Ética da Escola de *uma* vida, afirmando um modo de existir e de pensar mais potente ante um mundo repleto de valores instituídos, acontece enquanto nas suas singulares relações no mundo. Assim, a Escola se afirma como um Corpo-Escola potente exprimindo a Vida e sua potência e, *se me exprimo de uma maneira ou de outra, enfrento um mundo maciço – o exterior, a superfície do mundo onde fica o conjunto do “entre”: a minha expressão requer um esforço, uma força particular que deverá quebrar o peso desse ecrã; a natureza desse esforço, a sua qualidade e a sua*

quantidade de energia dependem diretamente da força do mundo. Que o mundo pese sobre mim através de tal obstáculo, de tal força particular (de um outro homem, de um grupo, de uma lei, do Estado, de qualquer instância ou contexto que seja), pouco importa agora: é sempre enquanto bloco maciço que apreendo a força do outro que nela concentra, para mim, a força do mundo. No instante seguinte, é certo, a força do mundo fragmentar-se-á, e eu enfrentarei múltiplas forças do mundo ao mesmo tempo: há em cada força do mundo outras forças do mundo, porque há mundos incluídos em outros mundos (e expressões incluídas em outras expressões). Mas no momento em que a minha força se exterioriza, é, de qualquer maneira, uma só força do mundo, uma e maciça, que ela encontra e que pesa sobre ela¹⁷³.

A maneira de uma Escola constituir-se existencialmente nas forças do mundo em *uma* vida enquanto expressão da Vida absolutamente infinita possibilita que o seu existir e suas as ações sejam tanto mais potentes na medida em que ela faz com que todos os afetos passivos cessem pela capacidade de compreendê-los pela razão, mas uma racionalidade-outra. É a compreensão adequada de suas relações que possibilita à Escola de *uma* vida uma Ética das relações segundo a ordem comum da Vida como expressão absoluta e infinita de produzir Vida. A Escola de *uma* vida, pela potência de sua mente, de seu entendimento e pelo conhecimento das relações que ela estabelece, pode colocar e confrontar sua natureza finita enquanto Escola na imanência da Vida absolutamente infinita. Nessa colocação e confronto, enquanto potência de entendimento da vida, a Escola conhece(-se) sob as relações *entre* modos que também são expressões da Vida. Conhecer(-se) nessa imanência é uma aprendizagem Ética que produz pelo conhecimento ele mesmo **a felicidade suprema** que *consiste no conhecer, na atividade de um bem treinado entendimento que procura e inventa¹⁷⁴*, entendimento do mais alto gênero de produção e expressão de conhecimento e beleza que a Escola tem da Vida. Tal gênero de entendimento coloca a aprendizagem como um modo de se constituir e *fazer do conhecimento o mais potente dos afetos*. A aprendizagem, assim, se indissocia das relações e dos afetos da Escola, de seu corpo em conhecer. A aprendizagem é, assim, ela mesma o movimento

ético da Escola, do corpo, em produzir(-se) e expressa(-se) pelo mais potente dos afetos – o conhecimento.

Contudo e em tudo isso, é necessário perguntarmo-nos: que saber da Vida se expressa quando o conhecer de uma Escola em Educação é um produzir com a afetividade nos encontros? Que existência *compreende* uma aprendizagem de uma Escola em Educação ao modo da/na/pela afetividade nos encontros? Tais questões *implicam* e afirmam tanto a expressão da Vida como a produção e a gênese de modos de conhecer da Escola de *uma* vida. Tanto a expressão quanto a gênese desse conhecimento implicam necessariamente a gênese da Vida e a gênese de seus infinitos modos de ser Escola. A implicação é necessariamente um problema prático da gênese de *uma* vida da Escola. Essa prática é a Ética, um conhecimento que possibilita *explicar* a Vida pela expressão da cada modo de vida da Escola e ao mesmo tempo *complicar uma* vida da Escola na Vida que compreende cada *uma* vida em si. Essa *implicação* da aprendizagem Ética é e torna-se um problema prático do conhecimento da Escola em *uma* vida – enquanto seu existir por ações afirmativas *explica* a Vida, e quando sua *uma* vida passa a conhecer adequadamente suas relações com outros corpos; e quando *complica* sua vida com tudo e *em* toda Vida. Essa relação de *explicação* e *complicação* que a Escola tem *em* Vida apresenta um ponto comum que é a Ética. E essa Ética temos que pensá-la profunda, necessária e fundamentalmente ligada a uma ontologia e a uma teoria do conhecimento segundo *gêneros de conhecimento* que o intelecto do Corpo-Escola pode produzir a partir de suas relações e, assim, nela, ter *uma* vida que se *explica* e se *complica* na Vida. Essa capacidade da Escola de conhecimento é a potência mesma de se pensar *uma* vida pela inteligência, em sua inteligência e *do caminho pelo qual ela* [inteligência] *se dirige, de modo ótimo, ao verdadeiro conhecimento das coisas*¹⁷⁵. Esse conhecimento pela inteligência significa que todo inteligir é em relação às ações da Escola, do corpo, inteligir a partir de suas causas nas relações. Às relações da Escola, ligam-se determinados modos de existir e de conhecer, e a Ética possibilita à Escola compreender-se como causa que efetua algo e o seu existir como uma interconexão de relações mundanas, efeitos de/com outros corpos. O valor de um conhecimento da Escola

produzido pela razão tem um significado eminentemente ético na medida em que pode conhecer o que é comum, adequado e verdadeiro. Conhecer verdadeiramente significa conhecer pelas causas verdadeiras, o que é comum ao mundo dos corpos e que se segue como necessidade da Vida. Produzir inteligência, conhecer, pensar, enfim, conhecer racionalmente, não é um evento espontâneo que surja do nada na mente, mas uma operação do intelecto em Vida e em *uma* vida. A inteligência tem maneiras de perceber as coisas e a Vida. O conhecimento percebido e compreendido como o mais potente dos afetos só é inteligido pela Escola de *uma* vida, muitas vezes, após uma (longa) relação vã, fútil e temerosa com o que (se) passa(va) na vida ordinária. É quando ela descobre a potência da mente na/pela inteligência que ela pode operar. É o momento quando o Corpo-Escola quiçá diz: *depois que a experiência me ensinou que tudo o que acontece na vida ordinária é vão e fútil, e vi que tudo que era para mim objeto ou causa de medo não tinha nada de bom nem de mau, a não ser na medida em que nos comove o ânimo, decidi, finalmente, indagar se existia algo que fosse um bem verdadeiro, capaz de comunicar-se, e que, rejeitados todos os outros, fosse o único a afetar a alma (animus); algo que, uma vez descoberto e adquirido, me desse para sempre o gozo de contínua e suprema felicidade*¹⁷⁶.

Os modos de conhecer de uma Escola são os modos de existência dela, são maneiras de viver e, assim, se relacionar com a vida. De fato, *a considerá-los com atenção, estes modos podem, em suma, reduzir-se a quatro: I. Há uma percepção que temos pelo ouvir ou por algum outro sinal que se designa convencionalmente. II. Há uma percepção que se adquire por experiência vaga, isto é, de uma experiência que não é determinada pela inteligência e que assim é chamada porque um fato ocorre de certo modo e não temos nenhuma outra experiência que a ele se oponha e por isso ele permanece firme. III. Há uma percepção em que a essência de uma coisa se conclui de outra, mas não adequadamente; o que se dá quando de algum efeito deduzimos sua causa, ou quando se conclui a partir de algo universal, que vem sempre acompanhado de alguma outra propriedade. IV. Finalmente, há uma percepção em que alguma coisa é percebida só pela sua essência ou pelo conhecimento de sua causa próxima*¹⁷⁷. Para uma compreensão dos modos de existir correspondentes aos

modos de percepção e de conhecimento associados a uma Ética de *uma* vida, esses quatro modos devem ser perspectivados em relação às três dimensões que constituem os corpos e, assim, também um Corpo-Escola – as coisas, a individualidade – e podem ser deduzidos a partir de três afetos fundamentais: Desejo – potência de agir ela mesma, Alegria e Tristeza. *O desejo é o apetite [apetite – um esforço referido simultaneamente à mente e ao corpo] juntamente com a consciência que dele se tem*¹⁷⁸. Da Alegria e da Tristeza podemos falar *que a mente pode padecer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição maior, ora a uma menor, paixões essas que nos explicam os afetos da alegria e da tristeza. Assim, por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor e melancolia*¹⁷⁹. Então, há que se considerar uma teoria do conhecimento em seus graus segundo uma teoria das afecções e, assim, concomitantemente, uma Ética como uma teoria das afecções e conhecimento.

Considerando as dimensões da individualidade, por exemplo, de uma Escola, tem-se uma primeira dimensão que é a de ter infinitas partes extensivas, um conjunto infinito delas ou exteriores uma às outras. Uma segunda dimensão é que os conjuntos infinitos de partes exteriores pertencem a uma determinada Escola sob determinadas características – movimento e repouso, velocidade e lentidão. Uma terceira dimensão da individualidade é a de que essas determinadas relações características expressam uma essência singular, ou seja, um determinado grau de potência da Escola. Então, como pensarmos uma Escola num paralelismo entre os modos de percepção que podem ser explicados e entendidos pelo Desejo, Alegria e Tristeza e as três dimensões de indivíduo?

Um primeiro gênero de conhecimento implica um conjunto de afecções que se dão pelo padecimento da Escola, por afecções passivas, afetos-paixões derivados de ideias inadequadas nas/pelas relações de afecções dela produzindo um afeto de tristeza. Isso se explica pela dimensão tripartite da individualidade, ou seja, enquanto a Escola tem partes extensivas e, uma vez

que essas partes são exteriores uma às outras, então, nesse caso, a Escola é determinada de fora. As partes extensivas da Escola permanecem constantemente e ininterruptamente mudando de relações e compondo-as ao infinito. Com isso, as partes nunca param de variar e o corpo sofre dessa/essa variação infinita. Essa é a origem das ideias inadequadas, por exemplo, de um Corpo-Escola. Ou seja, se a Escola é composta por um conjunto infinito de partes extensivas exteriores umas às outras, a percepção da Escola dela mesma, suas relações com outros corpos exteriores e todas as partes, não param de se afetar e perceber fortuitamente, pelos encontros de múltiplos acasos com coisas sensíveis e por signos das coisas em múltiplas e infinitas mudanças e composições. O conhecer da Escola aqui produzido é fundamentalmente por padecimento, paixões e afetos de tristeza por meros e fortuitos encontros de partes e de corpos. Assim, esse *primeiro gênero de conhecimento* é o conhecimento dos efeitos de/dos encontros, dos efeitos das meras interações fortuitas de partes extrínsecas aos corpos. Nesse gênero de conhecimento a Escola encontra tanto na *memória*, no *hábito* e na *imaginação* uma maneira e uma base de se assegurar como presente e estável em meio aos meros e múltiplos acasos. As três maneiras são distintas, mas maneiras muito próximas da Escola lidar com uma existência envolvida em paixões, tristezas, marcadamente pelo mero padecimento dela. Por exemplo, na imaginação, a Escola passa a considerar presente corpos levando em conta o resultado dos efeitos desses nela anteriormente. O que se passa na imaginação da Escola é o mesmo quando *o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de algum corpo exterior, e a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente, até que o corpo seja afetado de um afeto que lhe exclua a existência ou a presença desse corpo*¹⁸⁰. A imaginação, pertencendo a esse *primeiro gênero de conhecimento*, não deve ser entendida como erro, mas como “uma ausência de saber”. A memória é uma maneira da mente organizar todas as coisas, todas as afecções exteriores sofridas pela Escola segundo numa possível ordem de/das sua(s) afecção(ções). Como na Escola, assim, *se o corpo humano foi, uma vez, afetado, simultaneamente, por dois ou mais corpos, sempre que, mais tarde, a mente imaginar um desses corpos,*

*imediatamente se recordará também dos outros*¹⁸¹. Ainda é preciso acrescentar a esse *primeiro gênero de conhecimento* “o ouvir dizer”, “o ter lido” etc. associado à memória, quando essa recorda, por exemplo, de palavras ouvidas ou lidas e daí passa a produzir ideias por imaginar coisas. A percepção da Escola, aqui, é pelos meros efeitos de choques de encontros de partes. Uma questão fundamental que se coloca é essa: dada a dimensão da Escola de ter uma infinidade de partes extensivas extrínsecas umas às outras, não estaria ela condenada em sua existência a viver tão-somente dos encontros fortuitos do acaso dos encontros de partes? A Escola nessa e por essa sua dimensão não estaria condenada a ter somente ideias inadequadas, padecer nas partes externas, ter apenas afetos passivos, sofrer paixões e existir de modo triste? Como uma Escola suporta uma existência que somente (sobre)vive de efeitos, ignorando e não compreendendo as causas de suas relações? Para respondermos a essas indagações de ressonâncias ontológicas teremos que seguir e pensar as outras dimensões da individualidade e os demais gêneros de conhecimento.

As partes extrínsecas de uma Escola são mesmo exteriores umas às outras, mas há que se dizer também que essas partes extrínsecas que estão determinadas a entrar em relação exteriormente, entram em determinada relação com a/uma Escola caracterizando-a por uma determinada relação de partes e, dessa maneira, caracterizando também outros corpos. Isso implica em dizer que as partes, além de serem extrínsecas, elas são também extrínsecas de maneira radical, estão em determinadas relações em determinados corpos. Isso leva a um *segundo gênero de conhecimento* que é justamente o conhecimento que se dá das determinadas relações que compõem, por exemplo, uma Escola e das relações que compõem outros corpos. A questão aqui não é mais os meros efeitos de encontros entre partes, mas fundamentalmente, como, de que maneira, as relações entre partes características de uma Escola e de outros corpos se compõem e/ou decompõem. Isso significa um avanço de percepção, de compreensão, de conhecimento, porque envolve compreender as causas das relações. Essa compreensão das relações das causas é uma *razão* das causas pelo fato da Escola ter noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas.

*Aqueles elementos que são comuns a todas as coisas, e que existem igualmente na parte e no todo, não podem ser concebidos senão adequadamente*¹⁸². A respeito da ideia adequada da mente em relação aos elementos comuns aos corpos numa dada relação pode-se dizer que *será adequada na mente, além disso, a ideia daquilo que o corpo humano e certos corpos exteriores pelos quais o corpo humano costuma ser afetado têm em comum e próprio, e que existe em cada parte assim como no todo de cada um desses corpos exteriores*¹⁸³. Assim também na Escola, a percepção dela de muitas coisas e a formação de noções comuns pela *razão* é uma conquista em nível do conhecimento que reflete positivamente nas relações do Corpo-Escola com outros corpos e, por causa disso, a potência de sua existência. Quer dizer que a Escola ao compreender as suas relações pelas causas delas sabe, ou pode saber, agora, compô-las diretamente com as relações dos demais corpos enquanto seus encontros. A Escola conquista um domínio das/nas relações que superam as relações de meros encontros extrínsecos. Não se pode esquecer que a mente passa a ter maior poder de pensar nesse gênero, que a mente também é diferente posto que ela é ideia das afecções da Escola que agora tem e passa a estabelecer uma outra relação com as partes que a compõem, assim como as partes dos outros corpos. Essa diferença de relação com/entre as partes por compreender as relações pelas causas e noções comuns aos corpos faz a Escola aumentar a potência de agir e de pensar. Ela agora pode ter noção do que a compõe e do que a decompõe. Quando a Escola, numa relação com um ou mais corpos compreende suas causas, ela age, e a ação é um efeito que resulta de uma ideia que a concebe claramente. A Escola por agir pela razão sempre se esforça para aumentar sua potência. Aumentar sua potência significa mudar suas paixões tristes, seu sofrimento meramente pelo acaso e substituí-las por ações que são alegrias. A Escola triste padece e sofre coisas. O corpo alegre faz coisas, age compreendendo as causas dos seus encontros. Pois, *não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto*¹⁸⁴. Na ação o conhecimento é mais completo e produz alegria, o existir e pensar são mais potentes. No padecimento a Escola limita-se ao mero acaso das coisas, das partes. Nessa relação de mero padecer o conhecimento, o existir e o pensar

são mais “pobres”, mas certa e seguramente, a Escola é mais triste e padece, pois num *primeiro gênero de conhecimento* seus modos de existência são condenados a tão-somente maus encontros e tristezas, modos de existência condenados à imaginação e ao padecimento. Compreender pela razão o que das/nas afecções nesse primeiro gênero a Escola padece possibilita que ela, Escola, produza modos de existência mais ativos, mais livres por não serem passivos e determinados exclusivamente pelo fortuito e acaso exteriores, mas com um máximo de paixões alegres. Em relação à delicada questão da liberdade, pensando com Spinoza, só Deus é e pode ser causa completa, geradora e originar todas as coisas sem que sofra qualquer ação externa, Ele é uma total potência ativa, age sem cessar absoluta e infinitamente. Contudo, essa aprendizagem que num *segundo gênero de conhecimento* faz subtrair a Escola de uma condição de ter apenas ideias inadequadas, possibilita a ela produzir uma condição de formar um conhecimento por ideias adequadas, superar as imaginações, percepções confusas etc. e, em lugar dessa condição, existir pela compreensão das causas, noções comuns. A Escola, em sua finitude com outras infinitas partes, poder fazer coisas, agir e não mais exclusivamente sofrer coisas. Com essa elevação de conhecimento que se dá num segundo gênero, a Escola finita pode, nas suas relações, pelo seu entendimento e maior poder, a seu modo, assemelhar-se a Deus.

Mas, há ainda um *terceiro gênero de conhecimento* possível a uma Escola a um Corpo, um conhecimento que vai além da compreensão das causas das relações e suas composições. Esse gênero possibilita conhecer as essências que as coisas dependem para existir. *Digo pertencer à essência de uma certa coisa aquilo que, se dado, a coisa é necessariamente posta e que, se retirado, a coisa é necessariamente retirada; em outras palavras, aquilo sem o qual a coisa não pode existir nem ser concebida e vice-versa, isto é, aquilo que sem a coisa não pode existir nem ser concebido*¹⁸⁵. Ora, se um conjunto de partes está em determinadas relações com um Corpo-Escola, essas relações de partes pertencem e caracterizam esse corpo, e elas o caracterizam porque exprimem a essência dele. Se algo for tirado do Corpo-Escola nessa relação de partes que o constitui, então, a Escola não mais existe concebida segundo a antiga relação, ou existe com (novas e/ou diferentes partes e relações) outra

essência. Esse grau de existência da Escola de conhecer a própria essência e dos demais corpos é um enorme grau de potência de existir e de pensar. Trata-se de conhecer e compreender a singularidade de seu Corpo-Escola e dos demais corpos, o grau de potência seu e dos demais corpos, ou seja, suas essências singulares. Esse *terceiro gênero de conhecimento* vai além, portanto, do conhecimento racional que procede pelo conhecimento das causas por noção comum a partir dos corpos e do poder deles de produzir afecções e causá-las em relação a outros corpos. Esse *terceiro gênero de conhecimento*, agora, produz não só uma alegria, que é produto da superação da paixão da Escola, mas é uma *felicidade* enorme que é gerada quando nesse terceiro gênero a Escola conhece. Esse conhecimento, e só esse conhecimento, pode fazer com que a Escola, em toda sua finitude, possa *contemplar* a sua unidade interior que a constitui como essência *com* todas as outras coisas e corpos em suas singulares essências. Se a Vida é causa de si mesma, exprime-se em tudo e sua essência é produzir-se em absoluta e infinita potência, então, a Escola, nesse *terceiro gênero de conhecimento*, por ser capaz de contemplar a sua essência e de todas as coisas, na contemplação de sua singular unidade de *uma* vida, contempla(-se) como uma Escola em Educação *na* imanência da Vida infinita e eterna...

, ...

O calor chegou de vez. É mesmo o calor de verão. O Sol brilha forte num céu sem nuvens. Nada de chuva. O calor faz expandir as pessoas em pequenos trajés e vozes em tons gritantes. Alegria de quem aprecia poucas e leves roupas e o Verão. Eu não me descuido da "minha Primavera" de escritor. Esse calor todo aqui no meu hemisfério diz que o Verão é simultâneo para todas as pessoas. O verão daqui diz que a natureza é toda simultânea do Inverno de lá. "Lá" como "cá", a Natureza em todo lado. Desejo a minha Primavera como acontecimento em pleno Verão. Isso aqui não é falar do tempo, mas de natureza em

Verão. Mas, agora volto a pensar no que acabei de escrever a pouco. O que digo é que escrever essa longa parte “teórica” após ler grossos compêndios e inúmeras páginas de filosofia deu-me uma alegria imensa. Não escrevi “de cima”, mas senti que mesmo que o argumento aparentemente difira, o tema é em natureza o mesmo. Importam-me, sim, as teorias, os argumentos e tudo mais, mas não deixo esfriar o sentimento, mesmo no Verão mais severo. Mas digo que não foi nada fácil e nem está fácil e simples de compreender tudo. Mas, o que é fácil? Lembro-me o que um grande professor e amigo uma vez disse: “Ou é difícil ou é nenhum!”. Sim, não esqueci que quero ser escritor e, para isso, ou melhor, por causa disso, começo por um ensaio de uma tese que verse sobre “Corpo e Literatura”. Como a Literatura, a palavra em estado de arte, pode ser compreendida nisso tudo? O que disso tudo ela pode ajudar a compreender? Puxa! Mais perguntas... Ao menos compreendo agora como não percebia muita coisa de meus encontros, meus encontros que me constituem e ao mundo, os fatos, os acontecimentos numa relação... Puxa! Como meus encontros podem ser pensados, compreendidos, ter noção deles,com aquela velha senhora, as batatas, as abelhas, meu café com meu amigo na esplanada, meu amigo, a criança com vídeo-game, o mecânico de fogões e tanquinhos poeta e escritor Danilo Prado, a mulher de um só pé de chinelo, Rudolf, Carl, Henri, Martin, Fernando, Octavio, Reiner, Manoel, Clarice, Gonçalo, Italo, Giorgio, Walter, Michel, Michael, Friedrich, Gilles, Hannah, Marcia, Marilena, Roland, Zygmunt, José, Jorge, Sônia, Judite, João, Marcelo, Cláudio, Andrea, colegas de estudo, estudos,

tese, escritas, leituras, escola etc. etc. etc... mas, sobretudo, ultimamente, Baruch. O que se passou em tantos encontros para que eu me singularizasse nesse modo que sou hoje? Ah, como padeci, sofri paixões, dores... Minha melancolia – a dor exclusivamente atribuída ao meu corpo em tanto padecer, imaginar... Quanta incompreensão, mas também quanto conhecimento, alegrias, amores... Felicidade? Ah... Inefável, ... Sim, não esqueci nem posso esquecer que tenho que continuar a pesquisa, mas ainda quero pensar alguma coisa do que acabei de escrever, quero mesmo compreender perguntando. Sim, há as dimensões da individualidade – meu corpo tem uma infinidade de conjunto de partes exteriores umas às outras, esse conjunto me pertence sob relações características e essas relações nada mais fazem do que expressar minha singularidade, minha essência em mim – e há também os gêneros de conhecimento. Tudo bem até aqui. Mas esses gêneros não implicam maneiras de viver? Não seriam, além de conhecimentos, mas fundamentalmente modos de existência? Então, também a maneira de viver tem relação com como se conhece. Ahm... Agora, se todos nós, corpos humanos, que temos todas as três dimensões ao mesmo tempo, temos os mesmos gêneros de conhecimento? Alternamo-nos entre um gênero e outro de conhecimento? Caso adquira um conhecimento pela razão, necessariamente subsumo totalmente e para sempre, por exemplo, meu padecimento? E pensando em um Corpo-Escola? Ah, questões!... Penso novamente nos encontros... Agora quero ainda seguir nessa parte tentando e articular como é possível, mesmo que superficial e rapidamente, pensar uma

escola como um corpo e os gêneros de conhecimento... Se conhecer implica um modo de existir, uma maneira de viver e, uma maneira de existir implica uma relação direta do conhecimento, então, pensemos a escola perspectivada como corpo. É o que agora desejo me aventurar a escrever...

, ...

Pensar a Escola como um corpo com tudo isso que até então pensei, com as dimensões do corpo, com gêneros de conhecimento... Nessas condições, a Escola como corpo não pode se definir de uma maneira isolada porque ela está inscrita imanente e no seio da Vida absolutamente infinita e, como corpo, como um modo em relação com outros corpos, é modificada por causas extrínsecas, em relação às outras coisas que concorrem com ela. Então, a potência de uma Escola está em agir considerando as diversas modificações que ela sofre em seus relacionamentos com outros modos que lhe são extrínsecos. O esforço (*conatus*) para perseverar em seu ser, considerando as múltiplas modificações que sofre, é sua essência atual e dela seguem-se consequências. Sigo uma *Demonstração: Da essência dada de uma coisa qualquer seguem-se necessariamente certas consequências. Além disso, as coisas não podem fazer senão aquilo que necessariamente se segue de sua natureza determinada. Por isso, a potência de uma coisa qualquer, ou seja, o esforço pelo qual, quer sozinha, quer em conjunto com outras, ela age ou se esforça por agir, isto é, a potência ou o esforço pelo qual ela se esforça por perseverar em seu ser, nada mais é do que sua essência dada ou atual*¹⁸⁶. O que isso implica? Ora, a potência de agir de uma Escola abarca tanto as ações quanto as paixões dela, além de necessariamente ter de considerar as implicações com relação a múltiplas causas exteriores. Retomemos a compreensão da Escola como um corpo, sua individualidade em suas três dimensões: Ela tem uma infinidade de partes extensivas, um imenso rol de conjuntos infinitos de partes exteriores umas às outras; esses conjuntos infinitos de partes exteriores pertencem a ela sob determinadas relações características; e essas relações expressam um grau de potência que constitui

sua essência, sua singularidade. Não só imaginemos, mas também compreendamos quantos conjuntos infinitos uma Escola relaciona sem parar, que esforço ela faz para perseverar em seu ser Escola em *uma* vida – alunos, cada qual com uma infinidade de conjuntos infinitos de partes, da mesma forma os professores, funcionários, pais de alunos e de professores, amigos comuns e incomuns de cada um, pessoal do Governo em todas as suas instâncias, visitantes, pesquisadores, passantes, curiosos, animais, cada uma das disciplinas, cada um dos seus espaços, livros, cadernos, materiais diversos, máquinas de todos os tipos, a rua, o bairro, a cidade, o Estado etc. etc... Enfim, cada corpo em suas dimensões de individualidade em relação singularizando um modo de Corpo-Escola em uma determinada potência de existir – agir e de pensar – que tem relação com os gêneros de conhecimento. Mas, como já é sabido, os corpos têm essas três dimensões simultaneamente, no nosso caso a Escola, mas nem toda Escola necessariamente existe em gêneros de conhecimentos mais complexos, muitas vezes não vão além do primeiro gênero de conhecimento – não é uma Escola inteligente, por viver da impotência de seu existir pela tristeza, pela opinião, pelo “ouvir dizer” ou do “ler alguma coisa sobre”, pelos meros acasos de encontros fortuitos, somente pelos signos, pela imaginação, pela memória, enfim, por viver sob afetos tristeza, escravidão, padecimento etc. e “agir” julgando a Vida e perpetuando a tristeza pela vida como existe como Escola.

A Vida absolutamente infinita de infinitos atributos tem de ser compreendida como *causa sui*, ou seja, como causa de si mesma, em que nenhuma e qualquer outra causa existe ou pode existir para a Vida. Isso “absolutamente infinito de infinitos atributos” pode-se chamar ou compreender-se como Natureza, Substância, Deus, Vida etc. Ela é uma unidade *substantiva* absolutamente infinita e indivisível uma vez que nada pode existir externo a ela. A Vida ela mesma se exprime como causa imanente de todo ser, uma *potentia* cujo efeito se realiza e implementa, ou seja, tudo é efeito que reside nessa imanência. A potência da causa imanente da Vida absolutamente infinita está em expressar Vida em infinitos modos. Assim, tudo o que existe, existe *em* Vida, tudo é Vida que se exprime e tudo é expressão de Vida de alguma maneira. Vida, Natureza, Substância, Deus... *Tudo o que existe, existe em*

Deus [Vida, Natureza, Substância...], e *sem Deus* [Vida, Natureza, Substância...] *nada pode existir nem ser concebido*¹⁸⁷. A essência da Vida consiste em atuar ou no produzir pura potência e toda existência implica imanência *nessa* essência. Assim, toda capacidade de existir de um corpo deve ser compreendida *nessa* essência absoluta e infinita potência e capacidade da Vida de existir. A infinitude dessa potência absoluta tem de produzir Vida infinita, efeitos infinitos. A Vida atua necessariamente e expressa-se de maneira infinita em seus efeitos. Quando se fala de uma expressão-produção de Vida, essa expressão implica tanto o que expressa a Vida como o que é produzido e expresso como *uma* vida. Ou seja, uma relação necessariamente imanente entre o que se exprime e produz em causa e efeito da Vida e/de *uma* vida. Isso é o que nos leva a pensar e compreender uma relação entre ontologia e conhecimento, ou seja, como *uma* vida de um corpo exprime Vida, como *uma* vida *necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra coisa a existir e a operar de certa e determinada maneira*¹⁸⁸ é expressão, *uma maneira* de ser Vida e como o conhecimento que essa *uma* vida produz é um modo de existir e compreender(-se) imanentemente *em* Vida. Ora, se a existência, *uma* vida de um corpo, existe em outra coisa, é determinada e coagida a existir e a operar de determinada maneira, então, é fundamentalmente pela (sua) *ação* diante do que o coage e determina que ele pode assumir a sua responsabilidade por todo seu existir e pela sua existência. Agir é não padecer, mas ser causa adequada nas relações, compreendê-las pelas suas causas. Isso é conhecimento que produz um existir responsável na/pela *ação* e não pelo padecimento. Isso é Ética, existir e compreender(-se) em suas *ações* e suas responsabilidades de/em todo agir.

Compreendamos um pouco mais, agora, o atributo. É pelo atributo e somente por ele que compreendemos a essência da Vida – existir e se produzir em sua máxima e absoluta potência – essência essa que inclui e implica necessariamente sua existência. Assim, o atributo é expressão, expressa concomitantemente a existência e o ser da Vida. Qualquer infinito atributo pertence à Vida, pois é expressão inseparável dela. Os atributos são maneiras de existir de uma e mesma Vida e cada qual expressa uma qualidade infinita e

múltipla de uma essência em si mesma – a Vida. Mas, a *definição* de atributo se compreende *aquilo que, de uma substância [Vida], o intelecto percebe como constituindo sua essência*¹⁸⁹. O atributo é mesmo a possibilidade imanente da Vida em todas as suas qualidades e que podemos compreender todas em dois atributos principais – extensão e pensamento. A Vida existe numa extensão infinita e pode ser compreendida e pensada infinitamente pelo pensamento. A Vida é reconhecível em seus atributos extensão e pensamento, atributos esses como modalidades, qualidades na qual a Vida se exprime e realiza sua produção. O corpo ou os modos são expressões desses atributos da Vida, ou seja, corpos e todos os modos são expressões das qualidades infinitas – extensão e pensamento – da Vida. Dito isso, então, compreendemos que substância/atributos/modos é uma ontologia que demonstra e define tudo partindo-se da Vida, a Vida em sua absoluta e infinita potência exprimindo-se em infinitas qualidades. Nisso temos uma *genealogia*, ou seja, a constituição lógica da Vida – Vida absolutamente infinita – infinitos atributos. Partindo-se dos atributos como expressões da Vida para o todo existente cada qual em seu modo, temos uma *gênese*, ou seja, a produção física dos modos como expressões das infinitas qualidades.

Compreendendo-se bem segundo essa genealogia e gênese, tem-se, que Vida se exprime absoluta e infinitamente. A Escola é uma expressão finita da expressão da Vida que numa gênese produtiva numa relação com o *comum* da Vida, com outros modos finitos, pode produzir afetos maduros com seus encontros – Educação. Agora, *implicando* e *complicando* tudo isso compreendemos que, da Vida à Escola, têm-se simultaneamente envolvidas a *genealogia* e a *gênese*, um movimento ontológico-ético da Vida. E, da Escola para a Vida, compreendemos essa *genealogia* e *gênese* implicadas num movimento de conhecimento ou gnosiologia da Escola como produção de si, como continuada produção da Vida numa vida. Compreendamos nisso que é genealogia-gênese da Vida e modos – corpo, Corpo-Escola etc. – uma inseparabilidade e uma irredutibilidade entre *ontologia* e *conhecimento*. A ontologia e o conhecimento são indiscerníveis um do outro, são implicados em si, indissociáveis um do outros. Podemos e devemos chamar essa indiscernibilidade – ontologia/conhecimento – de *Ética*. Assim, pensar Vida e

Escola é simultâneo e mesmo que pensar Substância e Modos. E a *Ética de um Corpo-Escola* será o (re)conhecimento da causalidade imanente de tudo – Vida –, inclusive dela mesma enquanto Escola, um modo-expressão de qualidades da Vida que produz uma gênese expressiva de espaço e pensamento afetivos maduros – Educação. O conhecer de um corpo, aqui um Corpo-Escola, é compreender em potência de existir e de pensar a sua diferença ontológica: Por um lado, o Corpo-Escola é finito, um conjunto infinito de partes extrínsecas que não param de se relacionar. O Corpo-Escola é um determinado conjunto infinito de partes que lhe pertence de uma determinada maneira e relação e que essa determinada relação não expressa senão sua singularidade, sua essência, seu grau de potência. De outro lado, a diferença ontológica está em ser a Vida indivisível, ela é uma só e mesma Vida e tudo enquanto expressão de *uma* vida é um singular *agenciamento* de conjunto infinito de partes de Vida. A *Ética do Corpo(-Escola)* é a produção de *uma* vida compreendida e que se compreende *em* Vida, uma existência que implica necessariamente produzir e compreender *uma* vida na finitude de sua existência enquanto relação de/com partes extrínsecas com outros corpos finitos com/na indivisibilidade da Vida absolutamente infinita. Então, como um Corpo-Escola pode existir nessa indiscernibilidade ontológica-gnosiológica de si e do mundo pelo conhecimento que produz na relação com os/seus conjuntos infinitos de partes extrínsecas, da vida? Como pode a absoluta e infinita Vida em sua indivisibilidade expressar-se na divisibilidade de um Corpo-Escola em sua expressão infinita de seus atributos extensão e pensamento em Educação? Um caminho para se pensar essas questões está na relação/produção particular/singular do conhecimento de *uma* Escola produzido por *um* Corpo-Escola.

, ...

Dizíamos que mesmo todos os corpos tendo simultaneamente as três dimensões da individualidade, necessariamente os gêneros de conhecimentos não se equivalem. Ou seja, cada corpo pode conhecer/existir segundo uma relação de um ou outro gênero de conhecimento. Temos que ter que o corpo

sendo finito, o seu conhecimento é sempre insuficiente, por ele se dar em determinados conjuntos de partes. Mas essa insuficiência não pode e não deve ser tomada como *insuficiência por falta*, mas como uma *potência de conhecer infinita*. E isso pode ser também pensado a um Corpo-Escola, às Escolas em seu conjunto. A/Na insuficiência de conceber um conhecimento mais potente, uma existência, uma ação e pensamento mais potentes, um Corpo-Escola pode viver tão-somente no padecer, tolerar, admitir, suportar sua existência sofrendo a ação das partes extrínsecas passivamente, ao acaso dos encontros. Sua existência será confusa dada a sua situação meramente passiva diante das coisas que acontecem não oferecendo resistência alguma. Esse Corpo-Escola será triste, viverá de imaginar e da memória dos rastros dos efeitos das coisas experimentadas passivamente, viverá segundo os efeitos produzidos pelos signos das coisas, pela opinião, pelo “ouvir dizer” e pelo “ler aquilo que escrevem” dizendo que afirmam verdades que devem ser apreendidas e acreditadas. Enfim, é um Corpo-Escola superficial, passivo padecerá pela dor de não existir enquanto não age, ou seja, enquanto padece nas/das relações que ela está implicada. A tristeza é pelo padecimento da atuação sem precedentes de um corpo extrínseco sobre o corpo da Escola, de um pensamento exterior ao pensamento produzido pela “mente” do Corpo-Escola. Enfim, tudo extrínseco atua sobre e diretamente sobre o Corpo-Escola sem que esse “aja” ativamente, e essa relação é sumamente desconveniente para sua existência – agir e pensar – pois a Escola so-mente sofre, padece, decompõe-se em suas relações com outros corpos. Seus afetos serão eminentemente de tristeza pelo padecer nas misturas confusas, e nessa maneira de ser, dos efeitos, no Corpo-Escola *tem-se sempre os órgãos e as funções que correspondem aos afectos de que se capaz*¹⁹⁰, no caso, paixões e afetos de tristeza.

O que se pode pensar ou que faz pensar de uma escola que vive somente no âmbito de relações e de encontros fortuitos, ocasionais? Que conhecimento acontece quando esse é o (a) caso? Possivelmente será uma escola que vive(rá) do acaso dos encontros, choques corpo-a-corpo de suas infinitas extensões – espaços, tempos, currículos, horários, leis e regimentos, das avaliações impetradas, da pedagogia da pergunta, da essência, do ser, do

educar “para” e “sobre”, do “é”, enfim, uma escola que conhece pelos efeitos e dos efeitos que constituem uma mistura e expressam um conhecimento que varia(rá) de acordo com o aleatório. Ou seja, um conhecimento não pelas causas, mas pelos efeitos, conhecimento passivo, inadequado. *Sofrer efeitos tão-somente acarreta(rá) o risco dessa escola fazer desse possível conhecimento pela sensibilidade aos signos uma crença, ou seja, passar a confundir os objetos com os signos e, assim, passar a estabelecer uma crença ou um conhecimento pautado no objetivismo e, ao fim, passar a estabelecer os encontros corpo-a-corpo ao modo re-cognitvista. Cada signo tem duas metades: designa um objeto e significa alguma coisa diferente. O lado objetivo é o lado do prazer, do gozo imediato e da prática: enveredando por este caminho, já sacrificamos o lado da “verdade”. Reconhecemos as coisas sem jamais as conhecermos. Confundimos o significado do signo com o ser ou o objeto que ele designa. Passamos ao largo dos mais belos encontros, nos esquivando dos imperativos que deles emanam: ao aprofundamento dos encontros, preferimos a facilidade das recognições, e assim que experimentamos o prazer de uma impressão, como o esplendor de um signo, só sabemos dizer “ora, ora, ora”, o que vem a dar no mesmo que “bravo! bravo! bravo!”, impressões que manifestam nossa homenagem ao objeto¹⁹¹.*

Nesse modo, a sensibilidade aos signos passível de se constituir em um entendimento de causas será substituída pela percepção capaz de apreender, de captar o objeto sensível. O conhecimento da conveniência ou desconveniência, do bom ou mau encontro cede lugar à inteligência para aprender e apreender as significações objetivas e a um tipo de memória, para lembrar das coisas também objetivas e objetivadas. A memória nesse caso operaria uma função “impotentizadora”, ou seja, *quando a mente imagina aquelas coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, ela se esforça, tanto quanto pode, por se recordar de coisas que excluem a existência das primeiras¹⁹²* das coisas que ameaçam o seu corpo. A prevalência de um conhecimento de um Corpo-Escola calcado fundamentalmente na imaginação-memória, por exemplo, imperariam o fracasso e a decepção por não se achar o sentido nos objetos e a verdade nas e pelas interpretações dos dados extraídos dos objetos e das formas. Decepção, mas ainda assim, *a decepção é*

*um momento fundamental da busca ou do aprendizado: em cada campo de signos ficamos decepcionados quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos. E a decepção é pluralista, variável segundo cada linha. Poucas são as coisas não decepcionantes à primeira vez que as vemos, porque a primeira vez é a vez da inexperiência, ainda não somos capazes de distinguir o signo e o objeto: o objeto se interpõe e confunde os signos*¹⁹³. Dessa forma, o conhecimento afetivo faz-se por uma experiência quase-bruta, matéria afetiva da ordem do mero encontro de acasos que pode “impotentizar” as relações de pura mistura dos efeitos-signos pela mistura pura con-figurada em objetos, organizações de formas, formações objetivas e subjetivas. Dessa maneira a escola pode afirmar-se e perseverar potentemente nas relações de pura mistura, na implicação da presença dos corpos que a afetam na passagem de um estado afetivo a outro. Na variação de estados afetivos, na variação contínua da sua potência de agir (maior ou menor, alegria ou tristeza) preenchida de maneiras variáveis necessariamente sob ação de outros modos exteriores é que um Corpo-Escola existe, age e pensa. E nessas relações de pura mistura não há qualquer falta ou privação, ou seja, numa relação não falta absolutamente nada, mas há que se extrair as conseqüências e os efeitos das forças e potências da pura mistura em jogo.

Contudo, uma escola que a seu modo passe a tomar os objetos pelos signos, passa a submeter-se ao plano das formas e das representações, passa a submeter o conhecimento ao que é objetivo, subjetivo, representativo e, ainda, à lei da falta. É aí que a escola pode passar a viver da(s) tristeza(s) objetiva(s), viver de sombras, do que falta a ela para que se torne um Corpo-Escola alegre a partir de um preenchimento objetivo que aplaque a privação ou a falta. Corpos-Escola, assim, nesse modo, *são os que podem assentar seu Poder na tristeza e na aflição, na diminuição da potência dos outros, no assombreamento do mundo: fingem que a tristeza é uma promessa de alegria e já uma alegria por si mesma. Instauram o culto da tristeza, da servidão ou da impotência, da morte. Não para de emitir e impor signos de tristeza, que apresentam como ideais e alegria às almas que eles mesmos tornam enfermos*¹⁹⁴.

A Escola pode, assim, produzir uma pedagogia da decepção, ou seja, ficar circulando e variando seus valores pedagógicos segundo *efeitos* dos (a)casos, ter um *sentimento* ou variação de potência de agir segundo as decepções objetivas, quando os objetos se intervêm como medianeiros e passam a confundir os signos, impossibilitando a escola de experimentá-los livremente. A questão para a Escola talvez seja a de como tornar-se sensível aos signos sem que caia na decepção em relação ao objeto e sem que compense e remedie essa decepção subjetivamente pois, *o sentido do signo é sem dúvida mais profundo que o sujeito que o interpreta, mas se liga a esse sujeito, se encarna pela metade em uma série de associações subjetivas. Passamos de um ao outro, saltamos de um para o outro, preenchemos a decepção do objeto com uma compensação do sujeito*¹⁹⁵.

Como a Escola pode abandonar o sentimento de tristeza? Como deixar de ser um Corpo-Escola doído e triste pela imaginação do signo? Como não ser reduzido em sua potência por se explicar tão-somente por coisas ou causas exteriores? Enfim, como uma escola pode fazer passar a pura mistura dos encontros? Essa triste situação de acasos da Escola – estar pré-destinada e condenada inicialmente (assim como todos os corpos) a existir por paixões e ideias inadequadas. Mas é justamente por uma de suas dimensões – a de ter partes extensivas e extrínsecas umas às outras – que uma Escola pode, partindo de sua “superfície”, produzir uma existência mais potente, alegre, do que a de um mero corpo que padece. Como? Pelo entendimento, pela razão, pela capacidade de conhecer as relações do seu corpo, as causas no caso a caso das relações *em* um todo infinito que se passa na extensão. Esse é o *segundo gênero de conhecimento*, conhecimento das causas adequadas das relações, conhecimento esse que possibilita ao corpo, também um Corpo-Escola, inserir-se e acessar imanentemente o infinito. Esse conhecimento possibilita conhecer e inserir-se num infinito pelas/em relações com o conjunto infinito de partes e que são partes de um infinito conjunto de partes expressões da Vida. Compreender determinadas relações pela sua causa significa compreender e apreender determinadas relações diferenciadas, singulares a uma experiência de uma Escola, dentro de algo apreensível de infinitos modos e maneiras – a Vida. *Uma vida é uma existência apreensível compreendida e*

diferenciada em relações singulares que compreendem diferentes maneiras de ser *em* Vida.

Esse é um entendimento que passa pelo compreender as causas de suas relações. É, fundamentalmente, uma compreensão pela razão, uma razão que *um* Corpo-Escola constitui e opera no sentido de produzir-se sendo sensível aos signos. Ou seja, quando esses signos passam a tomar, no Corpo-Escola, a forma de um afeto que tem maior perfeição, porque diferente – um acréscimo de existir na medida em que ele exprime um interrompimento do mero padecer, de sua impotência pelo padecer nas relações. A perspectiva da existência da Escola muda no sentido da mudança e reorientação de seu *esforço* não mais em perseverar e existir na tristeza e padecimento, mas agora, na *alegria* que favorece uma oposição aos afetos tristes fazendo recuar sua impotência nas/em suas relações. Assim, operando e produzindo-se num *segundo gênero de conhecimento* o Corpo-Escola agora, nas relações extrínsecas com múltiplos signos de um estado de coisas, uma Escola passa a ter uma ideia das suas afecções, ideia dos efeitos-vestígios do corpo-a-corpo das/nas relações. Há nisso um gênero de conhecimento superior ao anterior na medida em que a Escola constata as conveniências e desconveniências de outros corpos – conjuntos infinitos de corpos – para si mesma. O conhecimento pelos afetos de tristeza, paixão, padecimento, que antes diminuía ou estagnavam a potência da Escola na sua expressão nos/pelos signos – *conhecimento do primeiro gênero* –, agora é reprimido pela compreensão das causas dos encontros com as partes extrínsecas. A Escola passa a entender as conveniências ou não de algumas relações, mesmo que seja um encontro casual, fortuito, ocasional, local, temporal, parcial etc. Antes, pode-se dizer que o conhecimento no corpo-a-corpo, havendo conveniência ou desconveniência, ou seja, bom ou mau encontro, a Escola não sabia nos encontros, as causas. Antes a Escola existia padecendo triste-mente nos meros efeitos de seus encontros, existia segundo meras sombras sempre da e na borda dos corpos e seus bordões de verdade moral com que extrinsecamente ela se relacionava. Nessa relação triste de padecimento efeitos remeterão sempre a efeitos e signos remeterão sempre aos signos. *Os efeitos ou signos são sombras que se movem na superfície dos corpos, sempre entre dois corpos. A sombra está*

sempre na borda. É sempre um corpo que faz sombra a um outro corpo. Por isso conhecemos os corpos pela sombra que fazem sobre nós, e é por nossa sombra que nos conhecemos, a nós mesmos e ao nosso corpo. Os signos são efeitos de luz num espaço preenchido por coisas que vão se chocando ao acaso. [...] O claro-escuro é ele mesmo um efeito de esclarecimento ou de assombreamento da sombra: as variações de potência ou signos vetoriais constituem os graus de claro-escuro, já que o aumento de potência é um esclarecimento, a diminuição de potência, um assombreamento¹⁹⁶. Constituir-se nos afetos – ideias das afecções do corpo – implica necessária e simultaneamente uma condição do corpo e da mente. E, da vida afetiva, distingue-se e caracteriza-se fundamentalmente pela consciência das emoções produzidas nas relações corpo a corpo. Assim, a mente, quer enquanto tem ideias claras e distintas, quer enquanto tem ideias confusas, esforçar-se por perseverar em seu ser por uma duração indefinida, e está consciente desse seu esforço¹⁹⁷. A demonstração dessa proposição aprofunda e possibilita compreender melhor o aspecto da consciência do esforço do corpo em suas afecções. A essência da mente é constituída de ideias adequadas e de ideias inadequadas. Ela se esforça, pois, por perseverar em seu ser, quer enquanto tem as últimas, quer enquanto tem as primeiras, o que ocorre por uma duração indefinida. Ora, como a mente, por meio das ideias das afecções do corpo, está necessariamente consciente de si mesma, ela está consciente, portanto, do seu esforço¹⁹⁸.

A “mente” de um Corpo-Escola, assim, apreende as estruturas dos corpos, a Escola passa a conhecer de modo adequado as leis das relações, as causalidades das/nas composições, conhecer adequadamente as conveniências e as desconveniências e a ter consciência do esforço que faz em suas relações. Isso implica diretamente uma consciência dos afetos produzidos nas relações do próprio Corpo-Escola. Assim, esse gênero de conhecimento que implica em conhecer pelas causas possibilita a Escola sair das ideias inadequadas causa(dor)ras de afetos passivos, tristezas, e conhecer por *conceitos*, constituir o *entendimento do conceito*. A Escola é, então, levada a entender as conveniências e as desconveniências nos e em seus modos existentes caso a caso nos encontros, passa a uma compreensão pelos

conceitos de objetos e, se a tem, a Escola passa a compreender e a deduzir propriedades de si e dos objetos. Esse conhecimento pelos conceitos possibilita a Escola compreender suas relações pela causa, permite compreender-se relacionando as propriedades convenientes ou inconvenientes para si, para seu corpo, a partir do interior de si mesma, das coisas ou dos objetos. Esse gênero de conhecimento é característico do *saber*, e no saber o pensamento produz ou dá esclarecimento a respeito de algo que está *fora* do pensamento, o que ele quer entender por estar *fora* daquilo que entende ou pode pensar. O saber pelo pensamento visa ao que ele mesmo não é – algo ainda não pensado. Contudo, o que o pensamento pensa, se *(in)forma* das coisas exteriores, é a *essência* das coisas exteriores – *aquilo sem o qual a coisa não pode existir nem ser concebida e vice-versa, isto é, aquilo sem que a coisa não pode existir e nem ser concebido*¹⁹⁹. Assim, pelo *saber*, o Corpo-Escola discerne as coisas do mundo e as compreende e, por compreendê-las pelas causas de suas relações, o Corpo-Escola forma ideias sobre sua existência e sua atuação, ora conveniente ora não, sobre si e sobre as demais coisas, corpos etc. E o agir, o existir do Corpo-Escola passam a fazer-se ativamente por ir e seguir compreendendo sua essência e das demais coisas, e não mais pelos meros e fortuitos efeitos sem causa exteriores e passivos sobre si. Assim, um corpo-escola ao conhecer do interior as propriedades comuns ao seu corpo, ao compreender as relações por suas essências pode assumir a sua posse da potência de agir dentro dos seus limites, sai da paixão para a ação, dos *efeitos* sombrios das inadequações para as causas claras, distintas, luminosas, à luz das coisas, da adequação. Esse gênero de conhecimento possibilita um Corpo-Escola apreender suas relações corpo-a-corpo não mais entregues ao fortuito, ao acaso, à sombra do compreensível, mas a partir daquilo que o possibilita compreender as conveniências e/ou inconveniências entre as coisas, ou seja, deduzir propriedades, o que é próprio (apropriado) ao seu corpo e aos corpos exteriores.

Mas, ainda há um *terceiro gênero de conhecimento* em que um corpo, uma escola, pode chegar além da razão, além do entendimento e compreensão das relações dos conjuntos infinitos de partes consigo mesmo. Esse terceiro gênero de conhecimento é uma *intuição*, é a capacidade de um

corpo possuir uma ideia adequada de sua essência e da essência de cada coisa em particular. Assim, nesse gênero, um conhecimento não mais partindo de signos, afetos passivos e afetos de tristeza – *primeiro gênero* –, nem conceitos por noções comuns – *segundo gênero*. Mas agora um conhecimento das essências ou singularidades de si e das coisas, conhecimento esse que possibilitará, por exemplo, uma escola existir tão plenamente ou tão intensamente que terá conquistado a eternidade no próprio tempo. Ou seja, para um corpo ou, no caso, um Corpo-Escola, existirá um eterno acontecer e ele é/será um membro que existe em uma profunda e infinita *felicidade* nesse eterno acontecer. Nesse grau de existência não há mais *o que saber*, mas *contemplação*. Essa eternidade não diz nem futuro nem passado, mas uma dimensão *intensiva* do agora e do sempre, de um tempo que não é duração. Nesse *terceiro gênero de conhecimento*, não mais um conhecimento por sombras, cores do i-luminar, esclarecimento pelo pensamento, mas um conhecimento *em contemplar puras figuras de luz produzidas pelo Luminoso substancial* [Luminoso vivo] (*e não mais figuras geométricas reveladas pela luz*)²⁰⁰, um modo *essencial* de conhecer-viver na eternidade todos os seus afetos e suas afecções, a positividade e a intensidade múltiplas num só golpe. Para um corpo que conhece nesse gênero de conhecimento nele brilha a mais elevada luz, mas *em contemplação* por atingir esse grau de existência, o corpo “apercebe” que não se trata efetivamente de sua luz particular, sua própria luz, mas sim da luz geral da Vida, de todas as coisas. Esse é um conhecimento que efetivamente leva o corpo a *uma* vida, vida “essa” completamente além de si mesmo, de qualquer denominação pessoal, de um sujeito ou indivíduo particular, eu psicológico etc. Quando uma mente atinge esse grau no/pelo pensamento nesse gênero de conhecimento, o pensamento olha para a essência imanente a ela, ou seja, o pensamento olha a essência que é *substância da sua substância*. Nesse grau de pensamento, de conhecimento, então, não mais se pode falar de *saber*, pois o saber é um pensamento que pensa o extrínseco, o exterior do que seu pensamento não pensou por estar *fora* dele. Agora, o pensamento *olha*, contempla uma *substância* que é parte de si mesmo, não mais se dirige para algo extrínseco para sabê-lo, mas nesse instante olha para si mesmo contemplando-se e contemplado em tudo. O

pensamento mira um rosto sem forma de rosto – a face de Deus?... Ora, se o pensamento agora é imanente à substância que é sua essência, então, não mais podemos falar de *saber*, mas de um *não-saber*. Pelo saber há o que se entender, compreender, conhecer pelo pensamento. No *não-saber* não há o que *compreender*, mas apenas *contemplar as partes intensivas* da Vida – essências –, a Vida em sua intensidade e presença sem ter que compreendê-la por algo exterior – partes extrínsecas – ainda ao corpo e passíveis de conhecimento, de pensamento, de *saber*. Assim, *uma vida contempla a Vida* nela mesma, e ela mesma na máxima e extrema *felicidade* que se pode ter pelo conhecimento – a *beatitude* de *uma* vida. Nessa experiência não pode haver palavras que descrevam “fatos”, “constatações”, “explicações” etc. dessa experiência. Essa experiência de existir e de pensar, *a novidade que buscamos, na realidade não podemos encontrá-la nas palavras. O divino não é revelado pelas palavras. A palavra é revelada apenas pela visão. Visão-profecia. Ei-nos exatamente no lugar divino*²⁰¹.

Assim, podemos pensar a relação entre conhecimento e existência – pensamento e pensamento do *fora*; aprendizagem como um desaprender o que se sabe, o conceito de “além-do-homem”, de corpo-sem-órgãos, cuidado de si, “tornar-se aquilo que se é”, saber e não-saber etc. perspectivado em uma potência infinita nessa Ética que implica ontologia e gnosiologia de uma vida na Vida absolutamente infinita em sua potência. *A ontologia é uma rede, ela mesma um conjunto de vozes que se remetem, um mundo de ressonâncias profundíssimas –, mas todo esse movimento desloca-se e organiza-se em um momento de máxima lucidez, de máxima concentração de forças – o reconhecimento da divindade, a ideia, o identificar-se com ela como sujeito ontológico por excelência. O antagonismo da vida e da morte resolve-se a favor da vida. A minha vida é o conhecimento de ti – meus olhos te viram. Eu sou. O homem é. O fundo não se modifica. É sempre dominado pelas forças da destruição e da morte. Mas o homem de uma vida se reorganiza para resistir-lhes, resistir a esse morbo. A criação é ir além da morte. **A criação é o conteúdo da visão de Deus.** A criação é o sentido da vida*²⁰². A Ética torna-se, assim, a *razão máxima* empreendida de um corpo em *uma* vida. O pensamento de *uma* vida é o que se efetua como ideia do corpo de *uma* vida em sua

experiência Ética. A Ética tornada o percurso ontológico e gnosiológico de *uma* vida. A ignorância de um corpo, de uma vida, é o produto da desproporção entre o padecer e poder agir, imaginar e poder contemplar, entre a impotência e uma potência enorme de existir. Contudo, essa ignorância não está na impotência do corpo ele mesmo, mas fundamentalmente na maneira de conceber o conhecimento, de existir no mundo, a relação cognitiva que mantém com a Vida. Podemos dizer da relação entre conhecimento e existência, pensamento e existir, baseando-nos segundo todos esses argumentos que *a ignorância humana é produto da desproporção entre saber humano e saber divino. O homem é conhecimento, Deus é sabedoria. O homem é inteligência, Deus é fundamento*²⁰³.

Esse *terceiro gênero de conhecimento* nos faz compreender a afirmação de que *o conhecimento é o maior e o mais importante e potente dos afetos* e a importância do corpo para esse conhecimento e a importância de, nele, o corpo conceber *uma* vida. Assim, *um* conhecimento que, fundamentalmente, deve ser produzido, realizado e experimentado *numa* vida. Assim, *quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna*²⁰⁴, pois, *quem tem um corpo capaz de fazer muitas coisas é menos tomado pelos afetos que são maus, isto é, pelos afetos que são contrários à nossa natureza. Por isso, ele tem o poder de ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto e, conseqüentemente, de fazer com que todas as afecções do corpo refiram-se à ideia de Deus; o que fará com que ele seja afetado de um amor para com Deus que deve ocupar, ou seja, constituir, a maior parte da mente. E tem, portanto, uma mente cuja maior parte é eterna*²⁰⁵. Então, o conhecimento nunca se produz à revelia do corpo. Ao contrário, corpo, conhecimento e existência são intrincados e indissociáveis. Quanto mais um corpo é capaz de afetar e deixar-se afetar de muitas coisas também tanto mais apta será sua mente. E *como os corpos humanos são capazes de muitas coisas, não há dúvida de que podem ser de uma natureza tal que estejam referidos a mentes que tenham um grande conhecimento de si mesmas e de Deus, e cuja maior parte, ou seja, cuja parte principal é eterna, e que, por isso, dificilmente temem a morte. Entretanto, para que se compreenda isso mais claramente, deve-se, aqui, observar que nós vivemos numa variação contínua*

e que, conforme mudamos para melhor ou para pior, dizemos que somos respectivamente, felizes ou infelizes. Assim, diz-se que é infeliz quem morre quando ainda é bebê ou criança. Contrariamente, considera-se uma felicidade podermos percorrer, com uma mente sã num corpo são, toda a trajetória da vida. E, de fato, aquele que, tal como um bebê ou uma criança, tem um corpo capaz de pouquíssimas coisas e é extremamente dependente das causas exteriores, tem uma mente que, considerada em si mesma, quase não possui consciência de si, nem de Deus, nem das coisas. Em troca, aquele que tem um corpo capaz de muitas coisas, tem uma mente que, considerada em si mesma, possui uma grande consciência de si, de Deus e das coisas. Assim, esforçamo-nos, nesta vida, sobretudo, para que o corpo de nossa infância se transforme, tanto quanto o permite a sua natureza e tanto quanto lhe seja conveniente em outro corpo, que seja capaz de muitas coisas e que esteja referido a uma mente que tenha extrema consciência de si mesma, de Deus e das coisas; de tal maneira que tudo aquilo que esteja referido à sua memória ou à sua imaginação não tenha, em comparação com o seu intelecto, quase nenhuma importância.²⁰⁶

Então, como um Corpo-Escola consegue assumir a posse da sua potência de agir? Como ela pode operar para ter afecções – sofrer ações de outros corpos – ativas? Como deixar de *padecer* e existir por/nas ações? Como uma produção de uma Escola pode devir ativa e racional (produzir noções comuns, conceitos), buscar a causa dos afetos na imanência das relações? Como uma Escola pode sair dos efeitos às causas, da impotência, e pensar no limite da essência de sua própria potência? Numa palavra: Como “*aclarar*” o que já – *inconscientemente* – era pensado em nossas afecções confusas: *eleva* à categoria de ideias claras as emoções vagas; *não* somar novas realidades, mas *sim* modificar nosso modo de perceber e conceber a única realidade e o sentido mesmo do termo “*realidade*”.²⁰⁷

Esse *como?* ético-epistemológico implica ou se *ex-plica* na/pela *alegria* possível de ser extraída pela sensibilidade e atenção da Escola em relação a alguns signos das afecções passionais de seu corpo. “Ali”, no meio de suas relações com conjuntos infinitos de partes, nalgum mínimo encontro *sombrio*, efetuado sem noção de causa, no (a)caso de encontros, a Escola pode

sensibilizar-se inicialmente e passar pouco a pouco a selecionar, desse corpo-a-corpo passional e das ideias que eles dependem (ideias inadequadas), uma “alegriazinha”, um aumento de potência, pequenos “golfos de alegria” que se liberem do mero padecimento e tão-somente da paixão. Assim, *no encontro ao acaso entre corpos podemos selecionar a idéia de certos corpos que convêm com o nosso e que nos dão alegria, isto é, aumentam nossa potência. E só quando nossa potência aumentou suficientemente, a um ponto sem dúvida variável para cada um, entramos na posse dessa potência e nos tornamos capazes de formar um conceito, começando pelo menos universal (conveniência de nosso corpo com algum outro), mesmo se na seqüência devemos atingir conceitos cada vez mais amplos segundo a ordem de composição das relações*²⁰⁸.

De início, a Escola pode separar(-se) pouco a pouco (d) o que não se incorpora pela sua paixão. A paixão é a passividade, o sofrimento dos efeitos sem saber-se das causas, as paixões produzem ideias inadequadas etc. Mas, é a paixão o trampolim para conhecer as causas, para se ter ideias adequadas, assumir a potência de agir. Por mais paradoxal que seja, para que um Corpo-Escola *devenha* racional e ativo, a questão não está na sua vitória sobre as paixões, mas efetivamente na vitória de suas paixões. E nessa relação *apaixonada* talvez se possa pensar num momento privilegiado de e para a invenção. Um Corpo-Escola num pensamento como esse que se apresenta como positividade absoluta, ou seja, se não há falta, se se é tão perfeito quanto se pode ser pela potência e força que se tem, então, na medida em que um Corpo-Escola visa a determinadas ações numa relação, essas podem ser compostas por estratégias inventivas pautadas pelo desejo, força e potência da positividade do que está em relação.

Assim, uma aprendizagem com e pelas alegrias passivas iniciais do corpo-a-corpo, aprendizagem do Corpo-Escola nas sombras corpóreas, experiências na pura mistura; ex-trair *alegrias passivas* de um material-linguagem afetivo, *esforço* para selecionar e organizar bons encontros, enfim, encontros que convenham com uma *razão* mais *afetiva* num impulso que a faça deslocar da tão-somente variação contínua da linearidade dos efeitos sem causa sabida. Daí, de *alegrias passivas* a Escola pode adquirir pouco a pouco

a potência de agir, ou seja, uma *razão-conceito* de corpos que se assemelhem compositivamente numa relação conveniente próxima e direta a seu Corpo-Escola e daquilo que também lhe convenha de um modo de vida mais geral, além de seus pontos de vista. Para a Escola, tais noções passam a estabelecer *alegrias ativas* substitutas às *paixões alegres dos efeitos*, da imaginação nas sombras. A Escola, de posse desses sentimentos ativos, então, pode formar seus conceitos e converter os seus sentimentos (afetos) em ações. Assim, uma Escola-ação, livre, forte, racional, de posse de sua potência de agir, de afecções ativas e de ideias adequadas; um Corpo-Escola (que) conhecendo a (sua) causa possui sua própria luz ou luz própria, pode passar a es-clarecer, i-luminar, e-lucidar, com-preender, com-pensar (pensar *com*) tornar o que eram corpos de sombras ou sombras de corpos, transparências reveladas em sua íntima *fabrica* (estrutura).

Trata-se aqui, nessas linhas, de pensar uma expressão-produção afirmativa ontológica de Vida, de Educação e de Escola. Pensar uma prática *Ética* inventiva de conhecimento, uma produção-expressão por uma potência dada pela/na *razão* de si e do mundo, uma produção-expressão de escola, de educação e de vida numa identidade imanente do que é expresso – Vida. Mais do que se dizer (da) *expressão da vida*, é se poder falar que a *Vida é expressiva*, tudo é vida. É a Vida que faz com que tudo subsista (exista), sempre, em todos os lugares. Assim, uma Escola que opere essa expressão-produção ontológica e gnosiológica é uma Escola *Ética*, a Escola de *uma* vida e, no fundo, uma “Escola Feliz, Feliz Escola”²⁰⁹. Dessa Escola *Ética*, da Escola de *uma* vida, *interrogamo-nos se a Ética* que uma escola opera *deveria ser lida em termos de pensamento ou em termos de potência (por exemplo, os atributos são potências ou conceitos?)*. A Educação de uma escola é uma qualidade de Vida, uma Vida qualificada ou um mero conceito abstrato? *Na verdade, há apenas um termo, a Vida, que compreende o pensamento, se bem que, inversamente, ela só é compreendida pelo pensamento. Não quer isso dizer que a vida esteja no pensamento. Mas só o pensador tem uma vida poderosa e sem culpabilidade nem ódio, somente a vida explica o pensador*²¹⁰.

Uma Escola que se compreenda nesse pensamento expressivo-produtivo de Vida, que esteja compreendida num conhecer-viver, conhece e

vive segundo uma Educação que distingue *uma* vida ela mesma qualificada, conhece-vive segundo uma Educação qualificada de Vida. Uma Escola poderosa de Vida é atribuidora de uma Educação que expressa e produz um potente afeto de agir e pensar, um conhecimento alegre e feliz da produtividade de si e do mundo afirmando uma expressão-produção de conhecimento de que a *Vida é expressiva*, imanentemente *Substantiva*.

, ...

Interrompo a escrita por não mais conseguir escrever depois desse conjunto de mais que argumentos. Não, escrever agora, só depois. Não sei mais quando, não sei mais o que, não sei se posso agora ou mais tarde. Mas ainda há o meu compromisso em escrever minha tese – Literatura e Corpo. Não se tem noção de como foi difícil escrever isso e como vai ser mais difícil escrever o meu tema. Depois do que aqui argumentei, não há chuva, não há dia, não há noite, não há céu com ou sem nuvens, não há chão, não há biblioteca, sofá, não há conforto qualquer, não há qualquer assunto... Nada que possa me confortar ou apaziguar, atrapalhar ou perturbar um existir de agora com essas palavras que tomam uma intensidade imensa. Uma experiência, mesmo agora: a de como meus pensamentos adquirem uma potência e me fazem experimentar que não há diferença entre mim e aquilo que escrevo – só para dar um exemplo, Mesmo a palavra exemplo, o próprio exemplo não condiz com esse agora. Ressoo com as palavras, com a escrita, com poemas, com a chuva, com a noite, com o céu, o chão, com... Ressoo com outro de mim mesmo com as palavras que escrevo que é a Vida absoluta e infinita, palavras que leio e não me lamento que, ao final, não serão minhas, não me pertencem porque não podem ser de ninguém,

pertencer a ninguém. Sim, existir como menos Vida é quando queremos para si alguma coisa, quando reivindicamos alguma coisa, mesmo que sejam palavras. Não posso querer palavra alguma se quero e desejo seguir nelas e com elas. Elas querem e merecem espaço, não eu. A minha maior generosidade para com elas é eu me calar e deixá-las passar, em silêncio, até que as palavras que se ouvem ou possam se ouvir cheguem ao silêncio, o calar de qualquer palavra, o silêncio mais exato de toda palavra, quando falar e ouvir se calam e extinguem, e devêm visão...

, ...

Chove torrencialmente e é noite, a natureza bem sabe. Estou longe da Primavera de fato. É verão aqui de fato. Mas, preciso da chuva, do Sol, da noite, do dia, do céu com nuvens ou sem elas... A Primavera agora, é poder deixar-me afetar por palavras generosas de um ser-ouvido, ser-ouvido por/de palavras que devenham visão, ou melhor, uma visão do sussurro das palavras de um Verão de fato. Escrever é o efeito desse sussurro de um agora que chove torrencial e faz noite... Tenho que escrever, mas é difícil continuar. Vem-me: "ou é difícil ou é nenhum!". Ah, Corpo e Literatura, não esqueci nem posso esquecer. Nem o Corpo-Escola... Retomo a escuta de uma Escola, a "Literatura e Corpo – ressonâncias" para escutar em seu corpo seus sussurros, para que o ouvido devenha a seu modo visão, quiçá sob a perspectiva da eternidade ...

, ...

CORPO E LITERATURA – RESSONÂNCIAS DE VIDA E EDUCAÇÃO

Do Corpo já se tem que ele individualiza um conjunto de infinitas partes que se relacionam extrinsecamente e que se definem por uma certa relação que lhe pertence, pertencem-lhe sob determinadas relações características. Podemos também pensar a Literatura dessa maneira? Digamos que sim. A Literatura pode ser perspectivada como um *corpo* enquanto individualiza uma infinidade de palavras em uma certa relação que lhe pertencem sob relações características. E essas relações características expressam um certo grau de potência da Palavra. Assim, o corpo da Literatura numa certa relação com a Palavra. Se a Vida se exprime absoluta e infinita em toda sua potência e o corpo é um modo de expressão da Vida, a Literatura perspectivada como corpo torna-se uma expressão da Vida com a Palavra. Podemos dizer que uma determinada relação com a Palavra produz um corpo de palavras que tem um modo em livros ou não: Romance, Poesia, Cordel, Oral, Auto-Ajuda, Palavra Falada, Escritos Científicos etc. Mas, disso, então, podemos dizer que nem toda relação com a Palavra é Literatura, ou melhor, a Literatura é uma determinada relação com a Palavra. Então, que determinada relação com a Palavra configura a Literatura? Mas, também o Corpo é uma expressão da Vida e relaciona-se com a Palavra que também é expressão de Vida. Mas, como uma determinada relação com a Palavra pode tornar-se expressão de *uma vida*? Que é *uma vida* em Palavras? Que são Palavras de *uma vida*?

Podemos começar por uma experiência comum do Corpo com a Palavra, do corpo e palavra com o Pensamento. Ora, a experiência hodierna do corpo com a palavra *grosso modo* é a de comunicação – comunicar uma ideia sobre algo, sobre alguma coisa, sobre nós mesmos. Enfim, a palavra quer comunicar uma ideia, tem uma *função* comunicativa ou expressiva de alguém sobre alguma coisa. A questão que se põe passa a ser: que experiência de pensamento pode essa experiência com as palavras quando se reduz à comunicação e à expressividade de fatos – pessoais, de coisas, enfim, do que passa nas relações com o mundo? Dando agora um salto: que implicações temos quando essa relação com as palavras vige fundamentalmente nos

Corpos-Escolas, quando essa relação com as palavras são expressões da Vida produzindo Educação? Que implicações temos quando a Educação como uma produção de Vida tem na Escola uma relação com a palavra mera-mente de comunicação? Que modo de existência um corpo/mente produz numa experiência mera-mente comunicativa da palavra, por exemplo, a Escola? Um outro salto: que relação pode ter a palavra com os gêneros de conhecimento – *imaginação*, opinião, “ouvir dizer”, “ter lido em algum lugar”, ideias inadequadas; *conhecimento pelas causas*, ideias adequadas, conceitos, saber; *conhecimento da essência*, visão por contemplação da Vida? Que relação pode ter a palavra com o mero padecer, com as paixões; com a ação, com a alegria, com o amor; com a felicidade extrema, beatitude? Que relação pode ter a palavra com a existência de *uma vida em Vida*? Que relação pode ter a palavra com o conhecimento e a Ética de *um* corpo de *uma vida*? Colocando a Literatura em jogo como um Corpo-Palavra, então, que relação pode ter a Literatura – uma determinada relação com a Palavra, uma relação característica com a palavra que constitui uma essência particular com elas – com o existir, com a existência de *uma vida*?

Agora um outro e grande salto: um Corpo, uma Escola... Um Corpo-Escola como expressão de Vida *em relação* com um modo de Palavra, Corpo-Palavra, Literatura, uma relação ontológica e gnosiológica – uma *Ética*. Um Corpo-Escola que constitui *uma vida* será nomeadamente um Corpo-Poético, o corpo de *uma vida* com a palavra viva que expressa Vida e produz Vida. Vida como intensidade, Vida como pura potência. E a existência de *uma vida* empreende um *esforço* em perseverar em ser pela potência que produz nas relações que constitui e, *nessa vida* vive e com-vive. Essa existência de *uma vida* do Corpo-Poético se produz nas relações corpo a corpo com a Palavra – oral, lida, escrita... E essa existência tem, na Literatura, uma potência particular dado seu regime de relação que estabelece com ela. *Uma vida* “é” a potência do instante ininterrupto das relações que uma existência faz pulsar *na/em* intensidade com tudo que expressa Vida. Constituir *uma vida* passa por estabelecer determinadas relações com a intensidade da Vida. *Uma vida* tem a ver com a potência que se disponibiliza a cada instante nas relações com tudo que existe e expressa uma determinada potência pela sua singular relação *em*

Vida. Assim, algumas questões que se colocam são: Como existirmos a cada instante à altura da potência da Vida? Como disponibilizarmos e constituirmos uma existência pela ação, uma potência de existir afirmativa da Vida? Que existência pode um Corpo com Literatura? Que existência pode um Corpo com um Corpo-Palavra? Que potência de existir um Corpo pode haurir, disponibilizar e, assim, poder constituir *uma* vida tendo como o Corpo-Palavra – Literatura – uma determinada relação *em/com* a palavra oral, escrita, lida em silêncio e solidão? Leituras da Vida? Quando uma relação do corpo *com/em* Literatura pode ser uma determinada e potente relação para que uma existência afirme a possibilidade de *uma* vida? Talvez uma tese que traga mais implicação e potência: – Quando uma relação do corpo *com* a Literatura afirma não só a possibilidade de um corpo, uma vida “pessoal”, mas a Vida em absoluta e infinita potência. Vida como possibilidade *na/em* Literatura – enquanto *uma* vida produz uma possibilidade de Vida pela Palavra, com a Palavra, mesmo que se saiba que é *uma* possibilidade e não *toda a Vida*. Mas, é por saber disso e por causa disso que essa relação é potente e vale a pena o esforço. É a impotência de toda palavra em abarcar a Vida que a palavra tem potência, que um corpo *com/em* um Corpo-Palavra pode encontrar uma possibilidade e produzir uma possibilidade de Vida e *uma* vida. É por esse “im poder” de toda palavra que numa determinada relação com as palavras – Literatura – um corpo encontra toda potência que pode ter (com) a palavra e, nessa potência, *uma* vida é possível. E existir assim implica possibilidades de vida, de a Vida afirmar sua potência na possibilidade de *uma* vida.

A Vida como potência. A Vida como Arte. O Corpo-Palavra da Literatura – uma potência da Vida *na/em relação* com a Palavra. O Corpo-Palavra como a Palavra em estado de Arte. O Corpo-Poético, *uma* vida em intenso estado de Arte na relação *em* Vida, um Corpo Ético com a Palavra em estado de Arte – a Literatura. *Uma* vida com a Literatura possibilitando uma existência, *uma* possibilidade-outra de vida, *uma* vida como possibilidade naquilo talvez antes impossível. Fazer de uma mesma substância – Vida – *uma* vida como jamais foi vivida. Fazermos-nos outros de nós mesmos daquilo que fizeram e fazem de nós, produzir uma existência que implique pensá-la e vivê-la não somente em relações casuais, imaginadas, segundo opiniões, meras paixões, padecimento,

porque, entre as possibilidades que se abrem para e com a literatura agir na história, esta é a mais sua, talvez a única a não ser ilusória: compreender para que tipo de homem ele, história com seu labor múltiplo, contraditório (não será isso também uma vida?), está preparando o campo de batalha, e ditar-lhe a sensibilidade, o impulso moral, o peso da palavra, a maneira como ele, homem, deverá olhar à sua volta no mundo e ser a forma dessa sensibilidade ditada, a moral im-posta, a palavra vazia e da mera comunicação de sua pessoal opinião, ver estado de coisas imóveis, inanimadas e exteriores a si etc.; aquelas coisas, enfim, que somente a poesia – e não, por exemplo, a filosofia ou a política – pode ensinar²¹¹. Ou com um mero saber sobre as coisas (mero aqui num tom de frase que não releva a importância do saber, porque saber das/as coisas já é muita coisa, mas que eleve o conhecimento do mero saber), das causas das coisas, seus conceitos; mas trata-se de existir com a potência que somos nas relações. Pois, a Literatura pode também ensinar e, a literatura tem de voltar-se para aqueles homens da opinião, da mera imaginação, paixão e padecimento, tem de ensinar-lhes enquanto deles aprende, servir-lhes, e pode servir apenas numa coisa: ajudando-os a ser cada vez mais inteligentes, sensíveis, moralmente fortes (um caminho senão já Ético?). As coisas que a literatura pode buscar e ensinar são poucas, mas insubstituíveis: a maneira de olhar o próximo e a si próprio, de relacionar fatos pessoais e fatos gerais, atribuir valor a pequenas coisas ou a grandes, de considerar os próprios limites e vícios e os dos outros, de encontrar as proporções da vida e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, o modo de pensar ou de não pensar nela; a literatura pode ensinar a dureza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor e muitas outras coisas assim necessárias e difíceis. O resto, que se vá aprender em outro lugar, da ciência, da história, da vida, como nós todos temos de ir aprender continuamente²¹².

É uma determinada e necessária relação com a Vida que uma vida é ou não Ética. Ética como uma determinada e necessária relação que aderimos *uma vida em Vida*. E essas determinadas e necessárias relações que em um corpo se dão num conjunto infinito do vivido passam a pertencer e a configurar *uma vida* por determinadas e específicas relações de existir que essa estabelece. Um possível exemplo: Um escritor “é” alguém que se adere à Vida

numa determinada relação com as palavras e, sem dúvida, o escritor inspira-se no vivido, parte do seu eu, das suas observações e emoções, dos seus estados afetivos, mesmo porque é um corpo, uma individualidade composta de um conjunto infinito de partes em relação, vive numa referência tempo-espacial histórico etc. Mas, essa inspiração no vivido é justo para ultrapassá-lo, para ultrapassar uma relação *inadequada* com a vida e encontrar uma outra relação, uma outra maneira de se constituir naquilo que, por exemplo, a opinião, a mera imaginação, uma moral, uma forma de sensibilidade universal etc. dizem, fazem dizer, escrever, ler, olhar, pensar, sentir e agir como realidade. A aderência à Vida é um tema vital, torna-se uma experiência Ética de *uma* vida. A aderência à Vida inspirada no vivido é uma aderência a todo momento ao conjunto de partes, mas “quem” adere não é um “pessoal” deste ou daquele escritor, não é falar ou enxergar de um sentido novo de uma palavra inspirado no vivido, mas justo pela aderência à Vida. A palavra passa a ter a potência do corpo do escritor enquanto dá à Vida um novo sentido aquém e além do que possa ser detido em qualquer sentido. A palavra opera no sentido da criação de um novo sentido de realidade e não da exposição de um significado que a realidade tem. Assim, a palavra está do lado da criação porque cria mundos, *ela cria realidade, cria vida, por meio da linguagem, sendo essa criação o único critério da verdade poética, a marca de água da verdadeira poiesis. Mas criar realidade, criar vida, não significa exprimir o vivido ou poetizar o real, muito menos explicá-los. Pelo contrário, significa conseguir dizer, conseguir mostrar num dizer, o inexplicável da vida e do mundo (e do mundo vivido), atingir palavras exatas o obscuro “centro das coisas”²¹³. A palavra da aderência do escritor à Vida é aquém e além de um pessoal, de uma vida interior, e aquém e além de qualquer confiança num reconhecimento de certezas exteriores. Partindo das “aderências” das relações, a palavra do escritor não reconhece e não é de reconhecimento, mas de criação de um novo sentido em aderência à Vida. A palavra do escritor cessa de dizer “um particular”, “um interior”, “um existir particular” e passa a expressar e produzir pela potência da palavra *um corpo de visão* aderido à Vida. *Nisso consiste a visão poética, o olhar visionário do poeta: em ver “através” da realidade, em distanciar-se do senso comum do real por fidelidade à própria realidade. Mas esse olhar espacial, essa forma de**

*visão que a poesia é, só é possível nas palavras e como um olhar delas ou um efeito delas, como um efeito da linguagem poética. A poesia é fundamentalmente linguagem, um certo jogo de linguagem, ou, melhor, uma linguagem nova criada por cada poeta na linguagem dada. Toda criação literária, e a criação poética em particular, inventa, de cada vez, uma língua na linguagem, uma língua contra a linguagem, contra os limites e as impossibilidades da linguagem. Uma neo-língua exclusiva, fazendo violência à língua comum: não há uma literatura, não há poesia, ou uma palavra sem esta violência. A poesia é pois como toda a literatura uma prática revolucionária, e uma prática com duas faces, uma revolução biface: sempre a criação de um novo sentir e de um novo dizer possíveis, a criação de novas possibilidades de dizer para novas possibilidades de ver*²¹⁴. A palavra do escritor tem a qualidade e potência do intensivo do corpo e do intempestivo da Vida, a *visão* do corpo instalado em Vida. A palavra do escritor “produz”, “faz” olhos para verem além de mero olhar de cognição sensível. A palavra é, assim, germe e potência da *visão* para uma revelação cosmológica e ontológica – da Vida como pura vontade de potência. “*Toda grande poesia é uma grande cosmologia*”: o *contrário de esteticismo*²¹⁵.

, ...

E a Palavra na Educação? Deixemos nosso *imaginário* – o mundo da nossa produção de pensamento sem nenhum juízo sobre seu conteúdo quanto a ser verídico ou fantasioso – relacionar-se com três acontecimentos ou situações que podem ser dar (em múltiplas variantes e ocorrências) num espaço de Educação – Escola – que (res)guarda uma tradição de pensamento, uma teoria e prática com as palavras que é da ordem da significação e significado. É, mas pode não ser...

(Primeiro Acontecimento ou situação):

Lembrou-se de uma conversa que tivera com Ulisses e na qual ele divagava como que distraído:

- *Deus não é inteligente, compreende, porque Ele é a Inteligência, Ele é o espermatozóide e óvulo do cosmos que nos inclui. Mas eu queria saber porque você, em vez de chamar Deus, como todo mundo, chama o Deus?*

- *Porque Deus é um substantivo.*

- *É a professora primária que está falando.*

- *Não, Ele é substantivo como substância. Não existe um único adjetivo para o Deus.*

“Vós sois deuses”. Mas éramos deuses com adjetivos²¹⁶.

(Segundo Acontecimento ou situação):

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem²¹⁷.

(Terceiro Acontecimento ou situação – talvez um *Exercício Escolar*):

1. *Por que o autor menciona a data desse episódio?*
2. *Em que lugar justifica o “sonho” e o “tédio”?*
3. *Em que a filosofia evocada pelo autor poderia ser “culpada”?*
4. *Explique a metáfora “um tecido”.*
5. *Cite algumas filosofias às quais pode opor-se o “preferencialismo”.*
6. *Sentido das palavras “revolução”, “sistema”, imaginário”, “inclinação”.*
7. *Por que o autor sublinha certas palavras ou certas expressões?*
8. *Caracterize o estilo do autor²¹⁸.*

, ...

Como pensar uma relação da Palavra em uma potência com a Vida – Literatura – num espaço determinado para a educação – Escola – em que o que se almeja é instruir e acostumar o olhar, o escutar, o pensar, o sentir, o agir através das palavras-modelo para ler, escrever, falar e pensar? Instruir por palavras “acostumadas”, com sentidos e significados dados e produzidos segundo uma máquina de referenciação paradigmática de educação. – Educar é instruir e dar a conhecer conteúdos? Como um Corpo-Escola pode sair de uma relação paradigmática de Educação – um modelo, um ponto de vista fechado etc. – e produzir uma relação sintagmática – juntar, unir elementos das múltiplas conexões nas afecções etc. – com palavras em estado de arte – Literatura? “O conhecimento como o mais forte e potente dos afetos” não teria numa sabedoria sintagmática com as palavras – *uma* sabedoria como potência e sintagma maior – de um Corpo-Escola como um corpo de grande elaboração sintagmática de seus encontros, afecções?

Nos três supostos acontecimentos ou situações exemplificados mais acima, o Real com o corpo é atravessado por *olhares* – um visível ainda que ausente de marcas orientadoras, mas com condições de inteligibilidade. E, a palavra, nesses acontecimentos ou situações, incorpora o sentido que cada corpo estabelece em suas relações com o Real. Compreendamos o Real não só como o que existe exteriormente como estado de coisas, uma “atualidade”, uma face externa a/de nós mesmos, mas também isso: uma “virtualidade” de infinitos atravessamentos. A palavra – escrita, falada, lida etc. – é um modo de um corpo olhar e ouvir, pensar, sentir e agir, enfim, existir no Real. *A palavra cria mundos, é ativa e ativadora. Com a palavra criamos o passado, o presente, o futuro. A palavra tem o poder de “arrumar”, “organizar” nossa percepção e expressá-la. A palavra dá forma à realidade. Dá realidade à realidade*²¹⁹. A Educação, pela Pedagogia, entre outras diversas formas de olhares – ciência, arte, filosofia, história, sociologia etc. –, também olha o Real e o corpo por perspectivas – das relações pedagógicas de corpo e palavras com o Real que também criam e (re)produzem mundos e realidades. Contudo, mor-mente a palavra – falada, escrita, lida, pensada – da escola, ou o *olhar em palavras* da Pedagogia na Educação, não é apresentada, trabalhada em seu “estado de arte” – a palavra imprevista, emocionante, encantadora, *polissêmica*

do Real etc. –, mas em cortes metodológicos e analíticos. Enfim, palavra amputada da Vida e que desconsidera as diferenças e sentidos de *uma* vida – *uma* existência – de *um* corpo nas afecções, paixões, afetos e atravessamentos *em* Vida. Vida e tudo que existe são meras palavras, “signos de”, conceitos etc. que são assumidos numa forma de Educação pela Escola a partir de uma compreensão produzida por uma certa inteligibilidade ordenadora de uma infinita multiplicidade significativa – dada a ler, escrever, falar, pensar etc. – dentro de um esquema cultural e universal de pensamento do que é Vida, esquematizando todas as coisas que existem. Esse cultural e universal apresentado e dado a ler, escrever, falar, pensar diz e afirma que o corpo, o mundo, a Vida, Deus, a educação, a realidade etc. “*é isto!*”. Essa inteligibilidade da/pela palavra dada a ler, escrever, falar, pensar da educação escolar passa a criar uma arquitetura da referenciação institucional e “disciplinar” de uma/para uma certa realidade adequada da/pela palavra de conhecimento sobre o mundo que refaz um discurso sempre mesmo sobre a Vida e tudo que se exprime: os corpos, suas paixões, afetos etc. A palavra da Escola – lida, escrita, falada, pensada – se produz e serve a uma máquina de construir e de explicar. A escola passa a ser uma máquina de produção de palavras que fazem funcionar e articular todo maquinismo explicativo do Real. Por exemplo, aprende-se na escola: “O que é o corpo de um homem?” Ah, é um corpo biológico, é um indivíduo racional, um sujeito psicológico, tem uma vida e consciência racional... “*é isto!*”. “O que é o Real ou realidade?” Ah, é a palavra da história, a palavra do que sabemos como tradição, é a palavra do que não é irreal ou o fantasioso ou o fictício, é a palavra do ocidente, é a palavra que justifica e interpreta cientificamente... “*é isto!*”. E a “literatura”? *É historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização européia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje*²²⁰. E é nessa arquitetura de referenciação, na palavra como engrenagem de uma máquina de explicar e construir significados que uma vida se articula, faz funcionar num Real empobrecido. Aí um corpo padece nesse empobrecimento. Como existir nessas paixões, dores, tristezas, alegrias, amores, enfim, nesses afetos de um corpo de *uma* vida nessa arquitetura?

Para pensarmos o “é isto!” do corpo, da realidade, do Real, da escola, da educação, da literatura, da palavra etc., as melhores interrogações de saída talvez sejam: Que é isso, mundo? Que é isso, realidade? Que é isso, corpo? Que é isso, humano? Que é isso, *uma* vida? Que é isso, palavra? Que é isso, literatura? Esse modo de interrogação tem implícito o interrogar *como?* e implica necessariamente o corpo, pois o *isto-corpo* decididamente é o que se põe imediatamente diante e na pergunta que sustenta uma tensão de existência. Mas, um corpo que vive na/da tensão de existir nessas formas de arquitetura da referenciação ainda sim pode constituir *uma* existência aquém e além delas. O corpo – o *isto* da existência, a inscrição na existência. *A primeira evidência é o corpo. E esta evidência impõe-se, pela sua universalidade, como a evidência de uma natureza fundamental, subsistente por si e em si própria – o corpo*²¹. Como então compreender dessa primeira evidência – o corpo – uma potência, um existir, *uma* vida que não se curve ou sujeite às exigências dessa arquitetura de referenciação pela palavra que constitui e explica por formas “é isto!”? Se a Educação é uma dimensão compreensiva do Real, como ampliar, pela educação dada a ler, escrever, falar, pensar essa primeira evidência – o corpo – produzindo *uma* vida aquém e além do que se (im)põe como Real, realidade, vida etc. pela palavra produzida em conceitos de mundo, realidade, homem etc. dados a ler, escrever, falar e pensar pelos limites e limiares de corpo como sujeito, indivíduo, consciência, civilização etc.? Como essa primeira evidência – o corpo – pode existir aquém e além de uma educação de fronteiras demarcadas pelas palavras “signos de”, pelos significados e constituir-se numa *Educação atribuída de Vida* em sua infinita extensão e infinito pensamento numa Escola como uma maneira de ser *em* Vida? Como ser uma primeira evidência – corpo – que existe agindo e perseverando em seu ser aquém e além de fronteiras demarcadas e se constituir, assim, em espaços e pensamentos de *uma* vida com seus afetos? Como o *isto-corpo* pode ter na/com a palavra dada a ler, escrever, falar e pensar – principalmente na educação na escola – um existir de outros mundos, outras realidades, de outras maneiras, outras vidas mais ricas, mais potentes no pensar, sentir e agir em Vida? Essas perguntas implicam em pensarmos o corpo – uma dada relação com infinitos conjuntos de partes que lhe pertencem

sob uma certa relação e essas expressando um grau de sua potência – com a Literatura – uma certa relação com palavras. Assim, o que pode haver de *ressonância* num Corpo *com* a Literatura? Que *ressonância* pode o *isto-corpo* com a palavra dada a ler, escrever, falar e pensar *em* Literatura? No fundo, *interrogamo-nos sobre o papel do corpo na leitura e na percepção do literário*²²². O Corpo *com* a Literatura faz emergir um corpo totalmente desconhecido – *isto-corpo* – porque um corpo tomado, atravessado, arrebatado pela palavra. A Literatura, na *ressonância* com o Corpo, opera a constituição de um corpo *na/em* experiência com as palavras, com as formas que as palavras traçam, fazem ouvir e ver o mundo. O *isto-corpo em/como* experiência de palavras e com palavras – Corpo-Poético. O Corpo *com* a Literatura. *No entanto, é ele* Corpo *que eu sinto reagir, ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para melhor e para pior*²²³.

A experiência literária – Corpo-Literatura – é, assim, uma experiência de/com palavras de um corpo. Em tal experiência emerge um corpo totalmente outro – Corpo-Poético – aquém e além daquele que lê, escreve e fala na *ressonância* com o dado a ler, a escrever, a falar e a pensar. O Corpo *com* a Literatura faz operar uma experiência de existir e de pensar outros que implica numa existência-outra de si e do mundo. A palavra como uma matéria forte do humano é *grosso modo* quase sempre experimentada como meio de comunicação ou expressão de ideias, informações e de relação com o conhecimento segundo a ordem do *corpus* – conjunto de livros que devem ser lidos em cada cultura. Mas, a palavra *em* Literatura pode mais por uma relação singular que estabelece através de um *estado de arte da palavra*, através de uma potência tal de invenção e criação de realidades que possibilita ler, escrever, falar e pensar de um infinito de ideias e de múltiplos mundos que existem e se realizam pela imaginação e pensamento. É essa potência pela singular relação com a palavra que possibilita ao Corpo uma experiência de existir diferente-mente, na medida em que a Literatura cria mundos pela/na

potência e liberdade de invenção do pensamento pela/na palavra. O *isto-corpo* pode fazer a experiência de *uma* vida com a palavra, quando lê e vê essas possibilidades de mundos e existências no dado a ler, escrever, falar e pensar. Sim, a literatura. *Porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloqüente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano*²²⁴. Na experiência de existir diferentemente em Vida de um *isto-corpo* com a Literatura, em relação a uma perspectiva absoluta e infinita de Vida, *temos de começar a nos perguntar se haveria, e qual seria, um protagonista verdadeiro, um tipo de homem que ela, mesmo que implicitamente, pressuponha ou proponha*²²⁵.

É a vida do corpo e o corpo *com/na* a Vida enquanto parte que se produz em relações. *Uma* vida é estar numa determinada relação com a Vida. *Uma* vida é o que acontece a um corpo como efeito nas/das suas relações com o mundo. O *isto-corpo* no mundo é produto e produção de/dos efeitos nas relações com outros corpos. O *isto-corpo* é *produto* porque o mundo não cessa de afetar o corpo e o *isto-corpo* é *produção* porque não cessa de afetar o mundo. O Corpo-Poético é a produção-produto do *isto-corpo* no encontro *com* a Literatura. O deixar-se afetar e o afetar – produto-produção – do Corpo-Poético é um eterno começo que se inicia um dia com um dado a ler, a escrever, a falar e a pensar da Literatura, eterno começo porque nunca termina, mesmo que nada mais seja dado a ler, a escrever, a falar e a pensar.

O *começo-primeiro* pode ser o de um começo objetivo de leitura de um livro. Mas, mesmo um livro dado como objetivo de leitura, ainda sim, um encontro... Na remessa do dar a ler o *isto-corpo sofre* o livro. E num encontro sofrido um leitor tem como que uma confiança com o texto. Essa suposta confiança é do leitor, e não do autor. Confiança num encontro e no sofrimento primeiro... Mas, esse sofrer é necessário, pois só nessa maneira – *sofrimento* – o *isto-corpo* se abre ao encontro *objetivo* com o livro. Contudo a abertura não é do livro, mas abertura de um mundo que se abre ao mundo na leitura dada a ler, a escrever, a falar e a pensar. O *sofrimento* do *isto-corpo* é radicalmente a dor de livrar-se do que naturalmente é, de um mundo de antes da abertura do livro. Pois sim, o que se dá a ler não é o livro, mas o real do mundo. O que irrompe nessa abertura não é o/um escritor e/ou leitor clássicos, mas o *isto-corpo* “tornando-se outro” em outros mundos abertos numa potência infinita. E diante da abertura e desfazimento de si jaz um modo de corpo já agora diante de uma sempre novidade e primazia das coisas, justo pela abertura do livro. E agora-já, ao *isto-corpo*, a impossível interrupção do ler. Agora-já, o real do mundo diferente-mente ao *isto-corpo*. Corpo e mundo, agora, novidades disparadas pela leitura que se abriu – um encontro...

Talvez seja importante pensar se essa abertura do corpo para a novidade e primazia das coisas, aberta pela palavra *em* Literatura, aproxima o corpo de uma *condição de infância* pela potência que tem essa condição de estar no mundo numa inocente e ingênua concórdia na interconexão de tudo e com tudo que existe e que se abre a encontros e descobertas. *Condição de infância...* Mas, essa inocência e ingenuidade da *condição de infância* do corpo aberta pela palavra em Literatura de forma alguma pode ser tomada, entendida ou concebida como ignorância, mas como uma *condição de saber-se de uma certa maneira*. Daí talvez pensarmos a Educação e a Escola como um complexo relacional e, fundamentalmente, *uma certa relação* com a palavra (e não *uma relação certa*) que pode acontecer em qualquer disciplina, mas que tem na aula de Literatura um espaço privilegiado para o trabalho com a palavra, de assombramento do mundo pela/na palavra. Então, não só a literatura, mas todas as disciplinas de uma Escola remeteriam cada palavra a *estado de arte* no dar a ler, a escrever, a falar e a pensar. Poderia-se

perguntar: Mas todas as disciplinas seriam Literatura ou literárias? A Matemática, as Ciências, a História... A Educação pensada num complexo relacional com a palavra pode liberar a “dureza” dos pensamentos e das palavras das disciplinas mais “duras” alterando-lhes os paradigmas. Isso pode e deve se dar inclusive na própria “aula de literatura”. Nem mesmo uma aula de literatura sempre escapa ou faz escapar de uma relação pobre com a palavra. Então, uma aposta: *Uma Educação relacionada à palavra em estado de arte...*

Em um *Abecedário* produzido por Gilles Deleuze podemos ouvir e ver o que traz a letra E (Enfance): que o *papel do professor é este: comunicar e fazer com que as crianças apreciem um texto*. Essa colocação coaduna-se com o pensamento que diz *não dar (a ler) o que se deve ler, mas dar o que se deve ler*²²⁶. Essa a verdadeira remessa do professor. E o que comumente se tem na Educação, nas escolas? Mormente a exposição de textos técnicos, burocráticos, obrigatórios, da moda, modelos pedagogizantes. O professor tem o papel de um mero crítico decifrador de significados e sentidos, um papel de juiz rigoroso e autorizado que dá a ler o que se deve ler. Assim, a palavra, a literatura nas escolas acontece segundo boas, necessárias e verdadeiras regras do professor crítico e juiz decifrador de significados e sentidos. E nesse exercício cava-se um grande fosso entre o texto e aquele que dele se aproxima. Nisso não mais o prazer do/no texto, mas o que se obriga por teorias, leituras interpretativas dirigidas por especialistas, normalmente professores que sabem o que leem e o que supostamente se deve dar a ler. O remeter da leitura, a remessa da palavra pela/na Literatura perde o seu fundamento – a potência do assombrar, do deslumbramento. Essa perda de *fundamento* da Literatura acontece na escola quando *ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos*²²⁷. E o que eles falam? De um suposto conhecimento sobre aquilo que se deve ler, depois escrever, e ainda depois sempre falar por reconhecimento e reconhecimento da “primeira” à “última” palavra tida como canônica e criticamente julgada necessária a ser aprendida em suas formas, estruturas e contextos de significados. E nessa reconhecimento e

reconhecimento da palavra “crítica” perde-se a potência de outros mundos pela relação estabelecida com a palavra. Ao fim, o que se passa a ter é um mundo fixo de sentidos e significados de palavras “signos de coisas”. Assim, esse modo de relação com as palavras ou com a literatura põe um mundo constituído de estados de coisas *nomeadas* e *julgadas* significativas a serem aprendidas e dadas a ler e habitar como mundo. É a palavra reduzida tão-somente à forma de “signos de” para serem sabidos num modo de cognição e re-cognição. A literatura nesse modo é (re)conhecimento de especialistas para literatos (alunos) que se exigem e se querem prontos para um mundo pronto.

Mas, ainda nesse mesmo *Abecedário* ouve-se e vê-se que *a literatura e o ato de escrever têm a ver com a vida. [...] Escreve-se para a vida. É isso. Nós nos tornamos alguma coisa. Escrever é devir. É devir o que bem entender, menos escritor. É fazer tudo o que quiser, menos arquivo* – o domínio e o dominar das coisas ditas. Então, escrever, ler, falar e pensar não pertencem a um conhecimento como reconhecimento e nem à representação. Além disso, não diz (ou não deve dizer) de um sujeito, pois a vida é algo mais que pessoal, pois *na literatura, tudo o que traz algo da vida pessoal do escritor é por natureza desagradável. É lamentável, pois o impede de ver, sempre o remete para seu pequeno caso particular.* Então, no ler, escrever, falar, pensar etc., procura-se produzir um si, um impessoal cujo pensamento desse é abrir-se a um impensável, ao que faz pensar o exterior. E esse exterior, entenda-se, é uma dobra, é o interior estendido à condição do Fora, onde circulam *forças* e toda potência exterior da palavra e de mundo dados. A Literatura, assim, pode produzir o acontecimento de *uma* vida, o acontecimento de mundos pela/na palavra. A “primeira nova palavra” aprendida no gesto e na remessa do dar a ler transmite-nos a novos mundos. Mas, mover-nos nessa abertura de mundos pela “palavra segunda, terceira...”, produz *uma* vida quando habitamos e vivemos os mundos abertos. A palavra como acontecimento de mundos... Como se faz observar, *de facto, o acontecimento que fez nascer aquilo que em seu sentido estrito se entende por “literatura” só é da ordem da interiorização para um olhar de superfície; trata-se muito mais de uma passagem para o “exterior”: a linguagem escapa ao modo de ser do discurso – quer dizer à dinastia da representação, e a fala literária desenvolve-se a partir de si própria,*

formando uma rede da qual cada ponto distinto dos outros, a distância até dos mais vizinhos, é situado por referência a todos num espaço que ao mesmo tempo os aloja e os separa. A literatura não é a linguagem aproximando-se de si própria até ao ponto da manifestação ardente, é a linguagem pondo-se maximamente longe de si própria; e se, nessa posição “fora de si”, desvela o seu ser próprio, essa súbita claridade revela mais um afastamento que um retraimento, mais uma dispersão que um retorno dos signos sobre si próprios. O “sujeito” da literatura (o que fala nela e aquilo que ela fala) não seria tanto a linguagem na sua positividade como o vazio onde ela encontra o seu espaço quando se anuncia na nudez do “eu falo”²²⁸.

A literatura será, pois aquilo que deve ser pensado, ou seja, o Fora, a diferença, o pensamento, a linguagem além das categorizações discursivas, gramaticais e formais da representação, binarismos e identidades, supressão do privilégio de qualquer polaridade. A palavra e a *literatura estão antes do lado do informe, ou inacabamento*²²⁹. A língua do corpo passa a ser a língua literária, uma certa língua e não uma língua certa, pois essa última dá a ler, a escrever, a falar e a pensar uma existência certa, objetiva, orientada por cânones morais arranjados em palavras de ordem, por isso, discutível. Uma certa língua, ao contrário, permite fazer passar e fluir a Vida, permite vivê-la como certa ficção, produzir certos sentidos, arranjos, enredos – a vida como acontecimento, como beleza, como uma estética de existir. Aqui, *a beleza se define como aquilo que, no plano funcional, não tem fim prático, e também como o que, no plano estrutural, é organizado com o rigor de um cosmo. A ausência de finalidade externa é, de algum modo, compensada pela densidade das finalidades internas, ou seja, pelas relações entre as partes e os elementos da obra. Graças à arte, o ser humano pode atingir o absoluto*²³⁰. É uma vida como obra de arte na grande e absoluta e infinita criação – a Vida. E a língua literária do corpo pode dizer dessa obra de *uma vida* porque habita e vive a obra – *uma vida*, fala da arte pela sua liberdade de inventar e criar mundos inaugurais e abertos não embotados pelos limites do certo e do errado da língua supostamente dada como certa. *Uma certa língua literária do Corpo-Poético* permite passar tudo, o Real do mundo como experiência aberta.

Assim, a literatura é uma saúde, mas não uma saúde de um corpo-organismo, de uma potência fisiológica, mas uma saúde frágil e, *enquanto dura, dá até o fim o testemunho de uma nova visão à passagem da qual ela se abre*²³¹ pela fisiologia da potência operada com, por e enquanto um corpo sem órgãos produzido com/na palavra. Então, podemos nos perguntar se haveria um Corpo-Literatura de uma saúde de tal ordem. Nietzsche aponta afirmativamente quando declara uma possibilidade nos *Livros que Ensinam a Dançar – Há escritores que por apresentarem o impossível como possível e falarem do moral e do genial como se ambos fossem apenas um capricho, um gosto, provocam um sentimento de liberdade exuberante, como se o homem se colocasse na ponta dos pés e tivesse absolutamente que dançar por prazer interior*²³².

O livro *Mil Platôs*²³³ fala de três tipos de livros: o *livro-raiz* que é clássico, imagem do mundo (árvore), imagem da árvore-mundo (raiz), que diz do significante, da subjetividade (sujeito), do binarismo etc. Outro tipo de livro é o *sistema-radícula*, ou raiz fasciculada, livro da modernidade que abortou sua raiz principal ou que se destruiu sua extremidade e por isso há enxertos infindáveis e múltiplos de textos sobre textos que deflagram um grande crescimento por desenvolvimento. Ainda um terceiro tipo de livro que é o *rizoma* em que há bulbos, tubérculos, uma multiplicidade que rompe com a linearidade da raiz e permitem conectar com o diverso, com a multiplicidade indistinta. A perspectiva de se falar de uma potência do corpo com a palavra e a Literatura como *corpo sem órgãos do livro* estaria no livro-*rizoma*, quando no *“ultrapassamento” de certas tecnologias picturais ou “escriturais” na modernidade. [...] O corpo sem órgãos do livro refere-se a um aspecto frutivo da produção escrita, não é uma estrutura objetiva a ser tomada como modelo e nem uma invenção da modernidade. O corpo sem órgãos do livro é o próprio devir da escritura, e podemos encontrá-lo em diversos momentos da escrita*²³⁴. Então, um *livro-*rizoma** seria um *corpo sem órgãos do livro* e, assim, o *corpo-sem-órgãos-do-livro-*rizoma** é um *não-livro*, um *corpo-livro* sem porquês, um *corpo-livro* escrito de palavras de silêncio que coincidem e dão voz ao mistério, fazem ver e ouvir a Vida.

Em Educação são os livros-raízes e os livros-sistemas-radículas que imperam justo por reforçarem as linguagens, as formas e os modelos que se deve reconhecer como valor de verdade. Como se observa, *se a ciência, indubitavelmente, precisa da linguagem, ela não está, como a literatura, na linguagem: uma se ensina, quer dizer que se enuncia e se expõe; a outra se realiza mais do que se transmite (é apenas a sua história que se ensina). A ciência se fala, a literatura se escreve; uma é conduzida pela voz, a outra acompanha a mão; não é o mesmo corpo, e portanto o mesmo desejo, que está por trás de uma e de outra*²³⁵. Então, podemos nos perguntar: Qual seria um *livro-rizoma* da e para uma Educação enquanto *uma* poética infinita da/com Vida? Qual seria o *não-livro* de e para uma Educação na potência da palavra em estado de arte – Literatura? Qual a possibilidade ou potência de uma Educação por um livro-rizoma, por um não-livro? Que é educar no silêncio de toda palavra? Que modos de existência engendra um Corpo-Escola em tal Educação? Que corpo frágil de grande saúde se pode constituir por uma educação e aprendizagem que se dê por uma literatura do não-livro? Constituir tal educação e aprendizagem é, pois, uma poética, passa pela *poética* da relação do que classicamente se endereça ao mundo como valor, valor esse de medida de um valor-raiz particular, mas com/de pretensão universal. Contudo, *nenhuma operação global política, econômica ou de intervenção militar é capaz de começar a distinguir, minimamente, a menor solução para as contradições desse sistema errático que é o caos-mundo, se o imaginário da Relação não repercutir sobre as mentalidades e as sensibilidades das humanidades de hoje, para levá-las a verter o valor poético, isto é, para considerar-se, humanidades e não mais Humanidade, de uma maneira nova: como rizoma e não mais como raiz única*²³⁶.

Se pensarmos uma Educação que resista ao (im)posto, ao que se institui pela palavra dos livros-raízes e dos livros-sistemas-radículas, então, pensamos uma educação *com* a palavra como um lugar de uma micropolítica, de/das estratégias, dos não-modelos, da aprendizagem como invenção de problemas e criação de outras realidades e mundos, *uma* educação como um conjunto aberto *de* e *para* composições, de/da multiplicidade, de/da sub-versão, do gaguejar, de/do rumorar a linguagem das grandes e estabelecidas narrativas.

Enfim, *uma* educação com palavras, de uma Literatura que seja, não de formação, mas uma literatura **de-formação**. *Uma* educação com uma Literatura que lance a um movimento de aprendizagem ante-predicativa, ao que ainda não se conhece ou ao que se pode conhecer-ainda, pelo que transborda por atravessamentos que consistam numa invenção de um *povo que falta*²³⁷, uma invenção de *uma* educação que falta, *uma* escola que falta, *uma* vida que falta, *um* homem que falta. Numa palavra, uma invenção de uma atividade e conhecimento *em* Vida ainda não realizada, uma educação com a palavra *em* Literatura, sendo *povo, educação, vida, homem* mais que uma palavra ou palavras, educação que diz mais e outra coisa e que também esvazia os significados atribuídos a *povo, educação, escola, vida, homem*. *Uma* educação com a palavra *em* Literatura que se faz, se lê, se escreve, se diz e se pensa pela problematização do aluno-leitor, com o corpo e no corpo. E nessa educação com a palavra *em* Literatura, *nós damos a palavra ao corpo e queremos escutá-lo, mas às vezes, é o corpo quem toma a palavra (ou a palavra a que toma o corpo) para dizer, de uma forma intolerável, tanto os limites do que se pode dizer como os do que nós queremos (ou podemos) ouvir. Ninguém sabe o que pode um corpo*²³⁸.

Por e para *uma* Educação da palavra *em* Literatura, assim, descobrir e operar nos textos solenes, nas grandes narrativas da Educação da palavra comum significativa de coisas, nas palavras “signos de”, em seus conteúdos e discursos, a e uma abertura da palavra. Apossar-se dessas palavras e textos com o corpo e, *abrir o texto, propor o sistema de sua leitura, não é apenas pedir e mostrar que podemos interpretá-lo livremente; é principalmente, e muito mais radicalmente, levar a reconhecer que não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica; e ainda mais, o jogo não deve ser entendido como uma distração, mas como um trabalho – do qual, entretanto, se houvesse evaporado qualquer padecimento: ler é fazer o nosso corpo trabalhar*²³⁹. O que ressoa na experiência literária, seja como leitores ou escritores, é de fato a experiência de uma produção que nos liberta do que se deve ler e pensar da tradição da palavra e da palavra da tradição, da ordem de mundo dada por ela, dos nomes próprios, dos discursos pronunciados e que funcionam como proliferação da máquina explicativa da palavra. Ou seja, a

experiência literária possibilita ir além da palavra dada a ler, a escrever, a falar e a pensar enquanto experimenta-se aberturas nas séries que se abrem com a palavra. A palavra tomada do dado a ler e a pensar não é mais (como) a mesma palavra, mas uma experiência que suspende uma ordem dada e a dar (a ler e a pensar), que suspende a ordenação certa de mundo, uma experiência que pulveriza as definições e compreensões suposta-mente certas *sobre a Vida*. A palavra tomada pelo dado a ler e a pensar que passa a falar a língua literária e, *a língua literária deve, isto sim, manter-se o tempo todo atenta aos vulgares falados, e alimentar-se deles e renovar-se com eles, mas não deve se anular neles, nem imitá-los por brincadeira. O escritor deve poder dizer mais coisas das que os homens de seu tempo dizem normalmente: deve elaborar para si uma língua a mais complexa e funcional possível para a própria época: não fotografar com deleite os dialetos, que são, sim, repletos de sabor e vigor e sabedoria, mas também de ofensas toleradas, de limitações impostas, de hábitos que não sabemos nos livrar*²⁴⁰.

E há uma *Ética* nesse trabalho do corpo *com* o texto, *com* a palavra, *com* e na Literatura – a palavra em estado de arte. Uma *Ética* no pensar uma Educação-Outra *com* as palavras de corpos que constituem um Corpo-Escola. O homem e as palavras, as palavras e os problemas, o *homem e seus problemas* – *tema essencial de toda filosofia* – *não teria cabimento sem ela. Pois o homem é inseparável das palavras. Sem elas, é ininteligível. O homem é um ser de palavras. E o inverso: toda filosofia que se serve de palavras está condenada à servidão da história, porque as palavras nascem e morrem, como os homens. Assim, em um extremo, a realidade que as palavras não podem expressar; no outro, a realidade do homem que só pode expressar-se com palavras.*²⁴¹ Assim, o pensar *com* as palavras de um Corpo-Escola uma Educação autora, uma produção em Educação por gestos mínimos pela e com a palavra, uma Educação mais saudável, afirmativa, polissêmica, sintagmática, obra aberta, fabuladora e inventiva é uma *Ética*. *Ética* como autoria de uma Educação, Escola, Povo, Homem, Vida que faltam, mesmo nos mínimos gestos, mas que, assim como a palavra, estão *por fazer...*

QUESTÃO: Este projeto de escrita de uma tese visa a um possível acompanhamento de um Corpo-Escola em seus afetos – maneiras como o Corpo-Escola produz e interpreta os efeitos de sua relação com a Palavra – palavra em estado de arte. A Palavra-Literatura de uma Escola. Palavra-Arte que não se restringe a uma disciplina ou matéria de escola, por exemplo, aula de Literatura e/ou Português, ou mais uma matéria qualquer que seja de escola por disciplinas dadas pela mera transmissão de coisas a se (re)conhecerem. Quero acompanhar a Palavra em seus afetos, os afetos pelas palavras, que no fundo é a Palavra ela mesma, palavra de cada corpo, do corpo do corpo do corpo e, assim infinitamente, de um Corpo-Escola. A Palavra de um Corpo-Escola... A Palavra dos afetos, a Palavra dos atravessamentos, a Palavra dos encontros. A palavra que não é uma doutrina e não produz doutrina, mas uma gramática toda singular tecida da/na Palavra que artisticamente se compõe nos enfrentamentos das/nas/em suas relações corpo a corpo. A Palavra do exercício de aprender e entender os afetos. A Palavra que não é reativa, mas que aponta reações dos efeitos que circularam o Corpo. A Palavra, afinal, que diz o existir – agir e pensar, a potência – de um Corpo sempre imprevisível. A Palavra povoada em Vida. A Palavra Expressão-Produção de um Corpo – uma Ética, seu existir. Essa problematização temática de interesse para uma pesquisa fundamentalmente foi disparada e deriva por eu mesmo ter experimentado afetos com a palavra em estado de arte num encontro com uma escola durante acontecimentos de uma pesquisa de Mestrado que relacionava os temas Corpo, Espaço e Escola. Na ocasião, quando na

pesquisa de campo, fui atravessado por dois dispositivos que a Escola pesquisada na ocasião operava – a dança e a literatura – e que devido às circunstâncias temáticas e forças que atravessaram a pesquisa de Mestrado foram situados, citados, mas sem o aprofundamento possível pelas forças que tomaram a pesquisa naquela altura. Digo-vos um pouco do que se tratava na ocasião: Uma Escola a céu aberto. Explico o céu aberto: É que para as pessoas letradas, céu aberto é um céu azul cheio de Sol radiante e sem nuvens. Definição de céu para pessoas comuns letradas. Essa Escola de céu aberto, digo, vai mais que essa ou outra qualquer definição. Para se ter uma ideia, o céu dessa Escola diz-se aberto mesmo quando cinza, chuvoso, sem Sol e repleto de nuvens. Tomei-a como um Corpo-Escola. Ah, esse Corpo-Escola tinha o céu aberto e muito verde, muito verde mesmo. E esse verde era mais além que cor, o que diz que esse Corpo-Escola tinha ressonância com a Primavera de toda estação... Era também a cor, mas muito mais, além, mas aqui, digo, lá, onde (atualidade de um lugar) existia de um modo em dois lugares. Hoje isso me diz que dois lugares desse Corpo-Escola falavam de um Corpo grande demais para caber num sítio só. Isso é complexo demais para detalhar, mas dá a pensar não só desse Corpo-Escola, mas de todos os corpos, de tudo que é grande demais. Tem a ver com Ser-Tão... Então, um Corpo-Escola de céu aberto, muito verde e que tinha uma árvore como centro – uma Mangueira. Ela era a mestre, a professora, a pedagogia, a sala-de-aula... Para resumir: a Mangueira era tudo – o céu aberto, o verde, a Escola –, o centro. Sob, sobre, ao redor, à direita, à esquerda (se se pode falar de direita e esquerda de

algo que é centro, um infinito ponto, o redondo e o que arredonda uma Escola, um Corpo, um Corpo-Escola...). Esse Corpo-Escola vivia em torno da Mangueira, era a Mangueira, não se via e nem se dizia o contrário. Aliás, não se dizia nada quando na Mangueira – fazia-se. Fazia-se arte, trabalhos manuais, literatura, dança... Ah, a tônica era (e ainda é) a cultura africana – língua, literatura, dança, jogos, culinária... Mãe África em torno de uma Mangueira. Isso é só o que se via, se ouvia, se sentia, se pensava, se queria – se desejava(va). Mas, depois de longo tempo algumas pessoas passaram a reparar que aquele Corpo-Escola precisava mais, viam (menos do que aqueles que viam o que aquele Corpo-Escola fazia), diziam (muito mais que aqueles que naquele Corpo nada precisavam dizer, mas simplesmente faziam), e afirmavam que aquele Corpo-Escola precisava se mudar dali, pois ele crescera. Precisava um novo Corpo. Depois de muita discussão, negociações, conversas etc., o Município “deu uma nova roupagem” para esse Corpo-Escola. Para me fazer mais claro aos “eruditos”: A Prefeitura da cidade construiu uma nova escola, em outro sítio – não muito longe de “lá” onde o Corpo-Escola era atual. Um dia esse novo Corpo estava pronto. Tudo muito moderno, caro, pintadinho, cheiroso. Tudo de bom e do melhor. Chegou o dia da mudança, foi... Bem, foi esse tempo um pouco antes do “foi” para o “mudança de espaço de Escola” que estive presente e tentei acompanhar. Há muito o que dizer desse acontecimento. Podem lê-lo em várias pesquisas, ouvir de várias pessoas etc. Falo do céu, do muito verde e da árvore desse novo Corpo-Escola: O céu reduziu muito. Quando se olha para cima vê-se metal, é sempre

cinza em todas as horas e estações. O verde que antes era mais que cor, agora é cor – cor de meia parede. E a árvore?, pergunta-me você. Não há! Nenhuma quando na ocasião. Se posso resumir o que tentei acompanhar: Um Corpo-Escola que vivia em torno de uma grande Mangueira “um fazer com o pé no chão” e que o “céu era o limite”, muda-se para um outro espaço que tem o céu de metal cinza, o verde é tinta de meia parede e não há árvore. Ou seja, o Corpo-Escola tem um espaço que “cai do céu” e faz-lhe “perder os pés” (Digo-vos que também e principalmente a cabeça). Todo desafio, agora, desse Corpo-Escola é “encarnar-se” nesse novo corpo, compreender-se nas novas relações corpo a corpo com cada parte do novo corpo, arredondar cada esquina, fazer de cada cor mais que cor... Um pouco, pouco mesmo foi isso. Mas, para esse Corpo-Escola que me aproximei e me deixei afetar, a Literatura e a Dança são, ainda hoje, potência, convertem esse Corpo-Escola no que ela é sem que ele entenda porquê, constitui-se como força e potência pelas/nas suas relações com os múltiplos efeitos simultâneos de conjuntos infinitos de partes que o compõe. Esse interesse numa nova pesquisa agora trata do acompanhar os afetos do Corpo-Escola com a Literatura, com a Palavra e esse interesse reforça-se por um acontecimento. Eu me explico: uma vez fui assistir a uma palestra da professora que trabalha com Literatura africana. Tratava-se de uma palestra sobre Poesia Brasileira e Poesia Africana. Dizia a professora: a Poesia Africana é trabalhada e repleta de prefixo *DES*, o que é o *sem lugar, para fora*, e que em Angola a Literatura é muito armada, ou seja uma poesia de denúncia, ataque, política etc. Mas, o que mais me tocou

em sua exposição foi ouvir que a Palavra para o poeta africano é mais que palavra; a marca da Poesia Africana é o Corpo. É ele que entra escondido, clandestino pela letra e a entrada na letra com o Corpo se dá pela musicalidade, pela gíngua, pelo movimento. Assim, a Poesia (letra, Palavra) Africana é mais ouvida do que lida e, ainda mais, é para ser dançada. Aqui uma aproximação com Nietzsche, com os *livros que ensinam a dançar* e do filósofo dançarino. Na Poesia Africana tem-se, pois, uma experiência corporal-sinestésica com o texto. A Palavra e o Texto são fruição do Corpo e o Corpo frui com o Texto, com a Palavra. O Texto é Corpo e o Corpo é Texto. Desse modo, uma Literatura-Vida, Literatura-Corpo, mais que mera fruição passiva, psicológica, pessoal e deleite estético tão-somente. Seria esse um privilégio ou particularidade da Poesia Africana? Então, surgiu-me um questionamento: Que relação poderá existir entre Literatura e Corpo na Escola que mormente é um espaço/lugar *de* e *para* uma escrita-produção de verdade? Isso dado que as palavras dadas a ler, a escrever, a falar e a pensar numa escola comumente são palavras a ler, escrever, falar e pensar de uma verdade, é a palavra que tem o poder de fazer (-se) entender por toda parte, é "moeda" corrente dos agentes de Estado, da *mass media*, da conversação. É toda uma imagem de Educação e Escola que passa a ser construída e sustentada através do que fala e faz falar por um regime determinado da palavra sem fruição dela mesma e do corpo, sem imaginário, com a palavra acostumada, pobre e capturada num sistema epistemológico, instrumental, comunicativo, informativo e particularmente científico-tecnocrático. Palavra

determinada para resguardar uma estrutura de Educação, Escola e da própria palavra que sustenta e faz acreditar, pensar, sentir, querer, falar, escrever uma única realidade, um único mundo e suas verdades únicas de Educação, Escola e palavra. Para tal, encontra-se uma legião enorme e triste de “sacerdotes” guardiães da palavra certa para essa crença de mundo – professores, cientistas, padres, críticos, intelectuais e “artistas” da razão. *Na realidade, todas as ordenações inteligíveis criadas pelo homem, na medida em que pretendem actualizar certos valores ou fins últimos, procurando um sentido para a existência humana, dissimulam, afinal, uma atitude metafísica. Impõe-se, assim, à explicação e à compreensão, um sistema de referências exterior à própria forma de inteligibilidade. Neste sentido, a questão do **real** como um todo, e da **ciência** como forma de inteligibilidade desse todo encerra dificuldades internas a nível da explicação epistemológica*²⁴². Assim, a palavra ordenadora – de pôr ordem e dar ordem – de sistemas de real, de mundo etc. é a palavra regrada e (res)guardada – objeto, coisa guardada – segundo sistemas e regras que articulam uma cognição por (re)conhecimento e (re)cognição de um mundo já dado, mundo esse objetivamente *sujeito* a ser explicado ensinado e aprendido como formas prontas de real, de mundo através de epistemologias. E *as epistemologias são sistemas de regras que se coordenam com os diferentes sistemas engendrados dos olhares sobre o mundo, que, por sua vez, são engendrados de sistemas. Há, assim, uma circularidade viciosa nas formas de inteligibilidade do real que, mesmo nas revoluções científicas, não deixam de ser, ainda que momentaneamente, circulares. Ao ser sujeita a critérios de cientificidade duros, a experiência humana (não confundir experiência com empiricidade) – resultando da acção do pensamento que se desloca entre a intuição e o sistema – é perversamente deformada, pois, face à hegemonia dos aspectos racionais, os afectivos e morais são ignorados na configuração desse sistema*²⁴³. Então, uma

pergunta: *Como é possível um Corpo-Escola constituir um Corpo/Texto/De-formação – Corpo-Poético(?) – com textos e em contextos de palavras de/para formação?* A possibilidade talvez se produza quando um Corpo-Escola em seus encontros – afecções – faz deslocar um corpo da palavra dada a ler, escrever, falar e pensar de/para uma destinação à uma verdade moral para uma palavra que é expressão e produção Ética. Esse movimento do Corpo-Escola não é meramente tratar por oposição valores que se encerrem numa moral e/ou ética – o que no fundo seria a mesma coisa – opor a uma coisa e colocar outra no lugar mas, operar um existir Ético que se desloque de um existir Moral. Mas, *podemos escapar a esta alternativa e tentar manter ambos os termos, um criticando e controlando o outro, se virmos a natureza como uma **sobrenatureza**. Não opormo-nos a ela, criando uma antinatureza, mas segui-la porquanto ela é também sobrenatureza. Evidentemente, não no sentido teológico, que procura a existência do Sobrenatural, nomeadamente sob uma forma antropomórfica, finalizada e intencionalizada, mas no sentido do surrealista, cuja imaginação constrói um mundo onde a questão da existência muda de significado. Num tal mundo da sobrenatureza “surrealista”, o possível **existe** também, embora seja diferente do real. Este é o mundo de todos os possíveis e não apenas daquilo que cremos logicamente possível, porque acontece, por vezes, que um possível se realiza num real que a nossa análise lógica do possível não tinha, no entanto, deixado prever. A própria lógica não contém, nem o real nem o possível. Ela é um ponto de articulação do possível com o real, mas não o único. É apenas aquele que melhor conseguimos dominar e partilhar uns com os outros, criando assim uma intersubjectividade objectiva, se assim se pode dizer. Há outros, porém, que os artistas e exploradores do mundo dos sonhos e das alucinações tentam mostra²⁴⁴. Sim, com essas indagações desejo abordar possíveis relações entre Corpo e Literatura, Corpo e Palavra, segundo uma tríade imanente –*

Vida/Educação/Escola. Propor soluções? Criticar? Diagnosticar? Não! Mas, dar atenção à Palavra de um Corpo-Escola, Palavra que desloque a Educação e a existência de seu Corpo nela da questão da verdade e/ou do lugar da verdade. Sim, perspectivar a Palavra de um Corpo-Escola que pela Palavra produz variedade e multiplicidade aquém e além dele – um Corpo-Escola diferente – mas, Palavra que é multiplicidade do Real, do mundo. É com essa qualidade de Palavra, de existir com a Palavra que um Corpo-Escola pode existir potente em Educação e, nessa potência de existir, *a educação poderá, então, tentar libertar-se do dilema no qual a valorização científica da natureza a encerrou: ou ficar à escuta da natureza cuja linguagem e cujos discursos seriam precisamente aqueles que as ciências nos fazem ouvir, ou mudar a natureza com a ajuda de projectos mais ou menos inspirados, perseguindo, racionalmente ou não, fins vindos de um imaginário mais ou menos profético*²⁴⁵. Confesso que não foi nada fácil articular essa pesquisa durante quase dois anos. Mas, um encontro: o pensamento de Spinoza disparando todo um trabalho. E passei a descobri-lo em tudo que olhava, lia etc. e isso inclusive teve efeitos até mesmo em minha prática clínica profissional. E a Literatura? E ela com Spinoza? E Spinoza com ela? Ah, a Literatura, as palavras... Fizeram e fazem diferente meu reencontro com Lispector, Pessoa, Calvino, Rilke, entre outros. Também produziram nova e grande descoberta: Tavares. Também retomadas e novas compreensões em Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault, Agamben, Derrida, Barthes, Zumthor etc. Com esses e tantos outros, quantos forem, com minhas palavras, roubadas, digeridas – bem ou mal –, atravessadas, gaguejantes, mudas, sem palavras, desejo pesquisar Corpo e Literatura, Corpo e Palavra, seus

encontros e afecções. Ah, palavras... Sim, desejo acompanhar afetos, afetos de/com/em palavras, afetos – alegria e seu inverso, a tristeza – especialmente de um Corpo-Escola com a Palavra, com a Literatura. Uma *Bios-Vox-Gráphein* – Vida-Voz-Escrita – de um Corpo-Escola, um Corpo com as palavras em estado de arte, arte e afetos que interpelem, interroguem e possibilitem experimentar *uma* vida como Escola em dimensões-outras e pensamentos-outros em sua própria *Diferença* produzida pelo seu *conatus*, um esforço de perseverar em ser experimentado *com/em* diferentes corpos em estados e potências outras, *com/em* seus encontros, num exercício fundamentalmente com a Palavra. Sim, no fundo cartografar a experiência processual de existir de um Corpo-Escola *de/em* múltiplos mundos *da/com* Literatura *das/com* palavras em Educação numa única e só substância – Vida.

, ...

O tempo está quente. Faz sol, chove pouco. Ubiquidade da Natureza em Verão. Mas, meu desejo ainda é de Primavera. Ponho-me a caminho do que numa pesquisa se compreende por “campo”. Vou com alegria, nutrido com o que até então tenho pensado. Quero ser-ouvido da intensidade do Corpo-Escola. Ser-ouvido das intensidades de um corpo... Isso só tem sentido e faz sentido quando ser-ouvido de um corpo percebe no devir múltiplo a prenhez do que acontece por proliferação e expansão em afetos. Ser-ouvido é da ordem e potência das intensidades, dos afetos. Ser-ouvido não quer representar e

representações, identidades, códigos, conceitos, nomes, formas etc. que são a jaula (mais um sentido para “havia uma donzela sentada em uma gaiola”?) que captura a multiplicidade em hierarquias e homogeneizações. Ser-ouvido é verbo, entrega, afirmação do que se afirma no próprio valor de se afirmar. Ser-ouvido é Ética com as bordas, com os desvios, com os escapes, com vãos de tudo que é bordão. Sim, ponho-me a caminho em ser-ouvido de um Corpo-Escola em cada parte que faz sua, com o padecimento, sofrimento, tristezas, alegrias, quem sabe até na felicidade... Sim, ser-ouvido nos encontros de um Corpo-Escola e poder quiçá compreender e aperceber que *nossa vida preguiçosa se identificava com nossa obra: “toda minha vida... uma vocação.”*²⁴⁶ Sim, ponho-me a caminho de sapatos, uma bolsa com um caderno para anotações e sem chapéu, ao menos hoje. E para algo grande como a Vida, temos que estar à altura em nosso máximo (à nossa “pessoal” altura medida em potência de existir) de vida. Já sigo, mas sem antes umas palavras de desejo que podem talvez ser tomadas, ouvidas, sentidas como uma oração: *Toda pessoa que nos faz sofrer pode representar para nós uma divindade, da qual não passa de um reflexo fragmentário e a derradeira manifestação, divindade (ideia) cuja contemplação logo transforma em alegria a mágoa que sentíamos. A arte de viver consiste em sabermos nos servir de pessoas que nos atormentam como sendo degraus que nos permitam ter acesso à sua forma divina, e, assim, de povoar alegremente de deuses a nossa vida*²⁴⁷. Oh, Deus.

, ...

OTO-BIO-GRAFIAS – ESCRITA PARTINDO DE UMA ESCUTA DE PALAVRAS DE VIDA DE UM CORPO-ESCOLA

Aqui um começo já com um título de sentido corporal – ouvido (particípio passado do verbo *ouvir*), vida e escrita. Compreende-o? Num encontro: Ouvir a vida e escrever. Vida escrita de ouvido. Escrita de vidas ouvidas. Escrita de vidas ouvidas havidas num encontro. Ouvir e escrita de ávida vida a cada encontro. A Vida ávida havida e ouvida encontrada. Talvez tudo isso, sempre com o Corpo, sempre em encontros – sempre (n)uma oportunidade para se compreender e pensar de vez em sempre – eternidade. Ave Vida que encontro, que escuto e que escrevo!

,...

Desde que falo ou deseje falar de Oto-Bio-Grafia que não me entendam querer falar *sobre*, mas aproximação. Nada mais aquém e além do que o ouvido que se passa engendrado em sagrados encontros corpo-a-corpo *com* um Corpo-Escola. Ouvido é o consagrado de encontros. *Houve* corpo-a-corpo – gestos, olhares, toques, olfação, sabores... O que *houve* e avidamente acontece é participação submetida a encontros imprevisíveis, intensivos, intempestivos – encontros que fazem e ganham corpo numa existência necessária com aquilo que existe necessariamente, ou seja, Tudo! Assim, não há contingência, *a não ser pela deficiência de nosso conhecimento*²⁴⁸. A grafia, entendam, quer uma tentativa de aproximar o ouvido à mão, ou melhor, o ouvido ao feito, um

gesto respeitoso emprestado do ouvido à palavra grafada. Se quiserem, as linhas podem ser sonhadas como circunvoluções de um ouvido labiríntico das com-vivências corpo-a-corpo sempre em vertigens e procurando evitar as tonturas. Isso porque há diferença de se viver *labirinticamente* na tontura e na vertigem – *Na tontura, sentimos-nos a rodar e o mundo está parado. Na vertigem, quem roda é o mundo*²⁴⁹. Grafar, entendam, compreende deixar vertiginar as palavras, rodar o mundo circunvolucionando o ouvido e o ouvido circunvolucionando o mundo. Labirintizar o eterno terna-mente ligando o ouvido do corpo aos movimentos de fazer um texto. Talvez textura de ouvido, tactibilidade do ouvido, *Oto-bios-gráphein*. Trata-se de ouvido de vidas em rastros de grafias, conjunto de letras, ou melhor, quartos de Vozes participantes, ora apaixonadas, entregues à paixão mais profunda; ora plenas de imaginação, ora alegres, ora compreensíveis e claras das causas das alegrias componentes de seu existir, ora mesmo *beatificamente eternamente* felizes. Ora, ora; grafias para serem escutadas corpo-a-corpo, caso a caso, grafias de um ouvido de partícipes da Vida que (es)corre expressivamente povoada de encontros... Dessa grafia, ouve tu, suposto leitor amorosamente interessado, apenas com amor, o silêncio que cabe a um corpo, mesmo a um corpo ao *modo* de palavras. O que ouve é o corpo colocado participando com outro(s) corpo(s) na profunda superfície que permite aproximar a Voz e a Letra. A grafia, cada letra quarto de voz, cada palavra, frase, pontuação, deseja ser um rastro *ecoante*, aproximar-se ao máximo de um silêncio ouvido inexprimível no quarto da Voz que é a

letra, inexprimível nas palavras, nas frases, em cada ponto ou outra pontuação de vidas encontradas corpo-a-corpo. Sim, mesmo na impossibilidade de dizer em silêncio, um desejo, sim: o de adentrar chegando à porta dos quartos de Voz por esses rastros despallavrados que cabe mais um sagrado silêncio. Há quarto e quartos e mais quartos que exigem, esperam e recebem melhor o visitante no seu andar... Assim, *é o visitante quem arredonda o momento inquirido*²⁵⁰. E esses adentramentos, visitasões, secreta e sagrada-mente, ecoam ainda no corpo. Tornam-se afetos. E, assim, mudar o andar em cada encontro. O andar é mais que estético. É ético. Quase uma elegância *em Vida*. Sim, o ouvido faz parte. Sabe?, são os encontros corpo-a-corpo, paixões, alegrias, felicidade em cada modo de visitação de um encontro que fazemos, recebemos, ouvimos que mudam-nos o andar. Também eu recebo visitas. Recebo-as para encontros. Nunca sei o que vai dar do encontro. Desejo dizer só uma coisa mais: as melhores visitas e visitasões que faço têm relação com as que eu tive. Quero dizer, *todas as visitasões que tive na vida, elas vieram, sentaram-se e não disseram nada*²⁵¹. Um sagrado e eterno silêncio assentado elegantemente...

,...

Ora, ora, desejo oto-grafar invenções de vida, mas a verdade, não. Sim, oto-grafar variações de vidas que se debruça(ra)m querendo sentar-se e não dizer nada, eis uma verdade. Quantas variações de vida pode um só silêncio... E quantas vidas invariadas não silenciam... A Vida não se apreende e nem é apreensível por palavras. Muito ávida, a Vida (es)corre muda mesmo é pela despallavra – silêncio(?). Um *poético* de um poeta com/pela despallavra “diz”

num acontecimento com tudo da vida escorrente inapreensível por palavras: *Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra./ Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas./ Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidade de pássaros./ Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapo./ Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvore./ Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros./ Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas./ Daqui vem que todos os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas./ Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos./ Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos./ Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto²⁵². A palavra que represa a Vida expressa representando uma expressão dela, como atributo atribuído à Vida. Dessa forma, toda palavra não diz, não pode dizer, nem decifrar da Vida, quiçá informa e/ou comunica. Ora, elegância mesmo está no silêncio da palavra, elegância em aproximar do poder ser um atributo atribuidor, uma expressão de fluxo, uma ressonância da/com a multiplicidade e potência que constituem a Vida. Ouves? O silêncio? Já na e com a(s) palavra(s), desgarrados e impossibilitados de um silêncio dela(s), somos infiéis à Vida, vive-se nos limites, entraves, aporias etc. de cada *modo*, de certa maneira, e assim, há palavras, há nomes, há vidas ávidas da Vida, há Vida que existe e insiste em cada *modo* de vida... A palavra e sua tarefa... *Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis um ao outro: por mais que se diga o que se vê não se aloja jamais no que diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. Ora, o nome próprio, nesse jogo, não passa de um artifício: permite mostrar com o dedo, quer dizer, fazer passar sub-repticiamente do espaço onde se fala para o espaço onde se olha, isto é, ajustá-los comodamente um sobre o outro como se fossem adequados. Mas, se se quiser manter aberta a relação entre a linguagem e o visível, se se quiser falar não de encontro a, mas a partir de sua incompatibilidade, de maneira que se permaneça o mais próximo possível de uma e de outro, é preciso então pôr**

*de parte os nomes próprios e meter-se no infinito da tarefa*²⁵³. Que (essas) as palavras sejam aberturas a um ouvido, a *uma* de infinitas vidas, a uma grafia, palavras que se aproximem e sigam abandonadas de nomes, significâncias, significados, julgamentos, críticas etc. Se não há como deixá-las (as palavras de vida) em silêncio (já que supostamente tem-se aqui que escrever uma tese), que deixemo-las abertas (a vida e as palavras) e invadidas do silêncio que lhes cabe e sabe à eternidade, próximas talvez ao som de uma letra, letra como o quarto sagrado e imperscrutável da Voz. Assim, ao meu modo, dou-vos a Voz de vários e infinitos quartos que mesmo que somados não dão a Vida absoluta e infinitamente inteira que participamos... Adentremo-nos, sentemo-nos guardando o silêncio, silenciosa mente...

, ...

Sem me encaminhar em respostas, antes, desejo aproximar-me e os supostos leitores, de um desejo de caminhar um pouco mais com o título do presente escrito: escrever – *Corpo-com-Palavras* – que anelo ser considerado uma Tese. Insisto nesse escrito. Eis o título: **Corpo e Literatura: ressonâncias de vida e educação – a escola num modo de aprendizagem em ser divino com a palavra**. Aqui sigo eu com atravessamentos filosóficos quase-metafísicos, se os imaginam assim...

*Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa*²⁵⁴. Seguindo a referência presente ao final dessa definição, tem-se que *as coisas particulares nada mais são que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada*²⁵⁵. Sigamos a evidência da referida proposição: *Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido*²⁵⁶. E partindo dessa definição, *por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido*²⁵⁷.

O que desejo compreender por *Literatura* aqui é *uma qualidade de Palavra*, uma Palavra-Corpo viva, vivificante, de sentido, *alegre, afetiva, de amor*, vinculativa, de e da atenção a si, ao outro e ao mundo, Palavra divinamente humana e humanizadora. A palavra literária é a “comum”, mas proferida por um corpo in-comum (dentro do comum do mundo), palavra de um corpo que se artista corpo-a-corpo com a substância do mundo. A Palavra literária não é a literal, a comunicativa, a comunicadora de informações, ainda porque, meramente comunicar, não necessariamente implica em diálogo e/ou vínculo com a Palavra viva. A palavra literária pode nascer e se prestar, em elevadíssimo valor, quando na Literatura enquanto disciplina e instrução sobre o ler e com o ler, escrever, pensar a palavra segundo escritores, poetas e acadêmicos das letras. Ainda assim, uma aula de literatura pode não implicar na palavra viva ou, no que desejo lançar e apostar, na Palavra em estado de arte. A Literatura ou a Palavra em Estado de Arte, Palavra-Arte é a Palavra que se produz nos encontros, Palavra que produz encontros *vinculativos* que afirmam a *ressonância* a exemplo da expressão spinozista *Deus sive Natura*. Ou seja, Palavra que produz *ressonância*, o *entre*, o *sive*, de uma realidade viva imanente *entre* Deus e Natureza. Uma Palavra viva que seja de corpos incomuns em todo comum, Palavra tecida *Sub specie aeternitatis*. Sim, a palavra é limitada, assim como o homem o é enquanto modo, ou seja, enquanto é somente com outros corpos, uma coisa particular. Contudo, um corpo com a palavra, *o homem enquanto é uma coisa particular, não tem um propósito mais abrangente do que aquilo que sua essência limitada pode alcançar; porém, enquanto ele é uma parte e instrumento da Natureza inteira, esse fim do homem não pode ser o fim último da Natureza, porque esta é infinita e deve utilizar o homem como seu instrumento, do mesmo modo que a todo resto*²⁵⁸. Existir como modo é ser em outra coisa, com outra coisa, uma afecção da Substância, da Vida. Assim, o corpo é finito, uma coisa singular finita que existe enquanto existirem relações. Ou seja, o corpo tem uma existência determinada, determinada nas relações que estabelece. Sentimo-nos como corpo afetado por muitos modos e, uma existência enquanto homens, implica perceber-se numa *dupla lei – pelo menos o homem que utiliza bem o seu intelecto e chega ao conhecimento de Deus. Uma das leis tem como*

*causa a comunidade do homem com Deus; a outra, a comunidade do homem com os modos da Natureza*²⁵⁹. Aqui gostaria de pensar esse lugar de imanência que implica uma comunidade do corpo com Deus *assim como, ou seja, Natureza*, com suas infinitas, complexas e versáteis singularidades. Spinoza diz isso numa frase: Deus *sive* Natureza – uma imanência concebendo o Todo da existência perfeita, completa, sem faltar nada. O homem como um modo, como uma afecção da Substância única absolutamente infinita. Ele, como um corpo, mesmo que complexo, é finito. Assim, essa realidade *sive* Natureza, não pode ser experienciada ou mesmo conhecida em sua totalidade, justo pela finitude que o homem é como um *modo*. Contudo, ela, a Natureza, pode ser concebida, já que *a essência do homem é constituída por modificações definidas dos atributos de Deus*²⁶⁰ e por essa essência do homem. *Disso se segue que a mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus. E, assim, quando dizemos que a mente humana percebe isto ou aquilo não dizemos senão que Deus, não enquanto é infinito, mas enquanto é explicado por meio da natureza da mente humana, ou seja, enquanto constitui a essência da mente humana, tem esta ou aquela ideia*²⁶¹ e, portanto, a mente do homem tem a capacidade de compreender a essência de Deus – essência eterna e infinita de Deus (a existência de Deus e sua essência – potência pela qual Ele próprio existe e age e todas as coisas agem – são uma só e mesma coisa).

Bem, até agora meu desejo foi de aproximar-me ao máximo da justificativa do início do título da suposta Tese – **Corpo e Literatura** – ensejando dizer que, nestas condições que Spinoza inaugura e traz à vida, o Corpo adquire, ou mais categoricamente, o Corpo tem estatuto de *divino*. Numa palavra: o Corpo como afecção de Deus – causa imanente de todas as coisas – compreende-se como *expressão* de tudo que existe, nomeadamente, Deus *sive* Natura – Deus, *ou seja, Natureza*. Assim, *tudo que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido*²⁶². E, além disso, torna-se claro que a matéria – substância do mundo – pertence a Deus já que *a extensão é um atributo de Deus, ou seja, Deus é uma coisa extensa*²⁶³. Isso deixa claro que o que Spinoza afirma, sem qualquer sentido religioso que isso possa ter, é que Deus é o Todo do Universo. Deus não é tudo, mas tudo é

Deus. Isso: Se Deus é o Todo, tudo é Deus. O Corpo como uma parte desse Todo, como *modo*. O Corpo *participa* enquanto persevera em existir por meio de relações, encontros, corpos-a-corpos, enquanto tem afetos maiores e menores em acasos, tristezas, alegrias, felicidade... O Corpo é em outra coisa. Mas, na sua perseverança em existir, em seu esforço, na compreensão de suas relações, sua mente – como parte do intelecto infinito divino – é passível de confirmar e afirmar o grande e o mais potente dos afetos – o conhecimento – e, assim, confirmar a força e a potência de existir e de pensar de si (o que pode um corpo?) como um *modo de ser divino* com Tudo e *em* Tudo.

Agora, acho que cabe seguir aproximando do desenvolvimento do restante do título da suposta Tese, justo o que segue após os dois pontos: **Ressonâncias de Vida e Educação – a Escola num modo de aprendizagem em ser divino com a Palavra...** Ora, ora. *Ressonância* quer se aproximar da multiplicidade da Vida, dos seus encontros, desencontros, acasos, tristezas, alegrias, quiçá felicidade que *A* constituem. E que constituem também *um* Corpo *implicado* na Vida e que *complica* a Vida. Assim, *Ressonância* como o fluxo da Potência absolutamente infinita da Vida no Corpo, ou o Corpo que flui *em* Vida, a vida como Corpo. Ou seja, um *modo da/de* vida *em* Vida. Vida maiúscula?, podes perguntar e afirmar... Ainda implica Deus?! Sim, *entendemos, pois, por vida a força pela qual as coisas perseveram em seu ser, e, como essa força é distinta das próprias coisas, dizemos propriamente que as coisas têm vida. Mas como a força pela qual Deus persevera em seu ser nada mais é do que sua essência, falam bem aqueles que dizem que Deus é a vida*²⁶⁴. *Ressonância* como vibração única que atravessa a substância em seus infinitos atributos e que afeta irremediavelmente *um* Corpo, vibração essa que chega ao Corpo ainda que ele a mal interprete, pois uma mesma potência (divina) atravessa expressivamente todos os infinitos atributos e tem a produção dos modos na mesma ordem, ou seja, como expressões das infinitas expressões da Substância. Numa palavra: *Ressonância* como *uma* intensidade distinta implicada e complicada do Corpo ou de *um* Corpo e da Vida. Mas, desejo uma *Ressonância* de um Corpo muito complexo e muito especial: *um* *Corpo-Escola!* Sim, Escola como Corpo.

Educação como *afetos*, ou seja, efeitos que as infinitas relações de *um* Corpo-Escola *em Vida* vive, suas oscilações e variações da potência de existir nas/com suas relações, seu existir e pensar...

Quase-pergunta que me surge: pode ser a Educação também um esforço de um Corpo-Escola, um empenho pela coletividade, por captar as diferenças – diferenças de forças – que passam inadvertidas nas/às faculdades em seu exercício ordinário(?). Quase-pergunta...

Ora, ora, o restante do título – *a Escola num modo em ser divino com a palavra* – deseja uma *cartografia da Palavra* desse Corpo complexo muito especial – Corpo-Escola – *em Vida* como um *modo* de perseverar no que é Tudo, Deus *sive* Natureza, no Universo, mas como corpo que é em outra coisa, participe desse Todo. A Palavra como Voz da diferença, a Palavra das variações intensivas de um Corpo-Escola no ordinário das suas percepções sensíveis. Mas, essa *cartografia da Palavra* implica estar atento às duas *das leis* mais acima referidas: uma que *tem como causa a comunidade do homem* [ou desse Corpo-Escola] *com Deus*; [e] *a outra, a comunidade do homem* [ou desse Corpo-Escola] *com os modos da Natureza*²⁶⁵. Aqui gostaria de pensar esse lugar de imanência que implica uma comunidade desse Corpo-Escola com Deus *assim como, ou seja* Natureza, com suas infinitas, complexas e versáteis singularidades e variações afetivas – potência de existir e de pensar. Eis aqui o desafio da *cartografia da palavra*: justamente a atenção à Palavra desse Corpo-Escola na implicação quando nas suas relações afetivas encara o mundo material como o todo... Como um *modo em ser divino* esse Corpo é finito, limitado às relações que constitui, e aí a palavra também é limitada, não dá conta do infinitamente grande em seu Todo...

Mas, o corpo mesmo sendo em outra coisa é, antes de tudo, uma afecção de Deus. Então, escorrem-me umas palavras de ouvido-lido: *o que me move é a vocação divina da palavra, que não apenas nomeia mas que inventa e produz encantamento*²⁶⁶. Aqui, ao ser ouvido, o grande desafio de uma *cartografia da Palavra*... Mas insiste uma pergunta silenciosa: pode-se ouvir uma palavra de um corpo finito que dê conta do *absolutamente*

infinito?... Aqui posso compreender, talvez, a concepção do Silêncio de toda Palavra...

...Então, volto a um ponto: duas leis percebidas no corpo: uma, a sua comunidade com Deus; a outra a sua comunidade com os modos da Natureza... Sigo da volta e persevero escrevendo... *Dessas, uma é necessária e a outra não. Com efeito, no que tange à lei que nasce da comunidade com Deus, visto que o homem [e o Corpo-Escola] não pode abandonar Deus, mas deve estar sempre necessariamente unido a Ele, então tem e sempre deve ter ante os olhos as leis segundo as quais deve viver para Deus e com Ele. Em compensação, a lei que nasce da comunidade com os modos da Natureza [corpo-a-corpo com outros infinitos corpos exteriores] não é tão necessária, pois o homem [e o Corpo-Escola] pode[m] se separar dos homens [e de outros corpos].*

Portanto, já que estabelecemos uma tal comunidade entre Deus e o homem, poder-se-ia perguntar com razão como Deus pode fazer-se conhecer ao homem, se tal conhecimento ocorre ou poderia ocorrer pronunciando palavras, ou então se Deus se dá a conhecer imediatamente, sem usar outra coisa pela qual o faria.

Respondemos: jamais por palavras. Se assim o fosse, o homem já deveria ter conhecido o significado dessas palavras antes que lhe fossem pronunciadas. [...] E o que dizemos das palavras, podemos dizer também de todos os signos exteriores. Assim estimamos impossível que Deus possa fazer-se conhecer aos homens por meio de algum signo exterior.

*Por isso, concluímos finalmente que Deus, para fazer-se conhecer aos homens, não pode nem precisa usar palavras, nem milagres, nem nenhuma outra coisa criada, mas somente **a si mesmo**²⁶⁷.*

, ...

Reze aqui que todas as visitasões que tivermos de vidas durante essa escrita, que venham, sentem-se e não digam nada...

, ...

Desdormi cedo, como sempre. Hoje vou à natureza do campo de pesquisa, matéria de Tese. Ou melhor, vou hoje de partida cheio de desejo, numa escolha sem acaso, pesquisar um modo de natureza. Em verdade, um novo reencontro. Quero ir antes que seja tarde... No relógio, cedo é sempre tarde. Parto para um encontro com um Corpo-Escola. A partida me leva inteiro para esse Corpo-Escola da escolha para uma pesquisa e, assim, ter matéria para escrever uma suposta Tese. Quem escolheu quem? Eu escolhi o Corpo-Escola? O Corpo-Escola me escolheu? Ou melhor, *que escolhe quem escolhe?*... Vou ter com ele. Desejo ser ouvido com ele na presença. Mas, ouvido é ausência na presença. Recordo-me de minha tarefa: escrever; escrever uma suposta Tese sobre Corpo e Literatura, *com Corpo e Palavras em estado de arte*. Sim vou ter com elas – palavras, vozes que façam diferença no ordinário da Educação de um Corpo-Escola. Desejo um encontro com um Corpo-Escola *Poético*, um corpo com a palavra. Desejo, sim, estar à altura de uma poesia com a palavra. Sim, existir e pensar talvez uma vez com a palavra em desestado de nome, palavra assim como *Antes de Nascer o Mundo*²⁶⁸. Palavra em desestado, antes do nome. Desestado, certa ausência que o poeta ao seu modo com a palavra assume grande, faz grande. Desejo dizer: é que *o poeta se engrandece perante a ausência, como se a ausência fosse o seu altar, e ele ficasse maior que a palavra. No meu caso, não, a ausência me deixa submerso, sem acesso a mim*²⁶⁹. Vou ter com ela. Com a palavra. Com o Corpo-Escola, com Tudo... Parto. Verbo ir no presente de partir. Ou *modo* de nascer solitariamente povoado de

vida. Desejo de partida, ser e pensar ouvidos inteiros em toda parte, com toda parte. Sinto que essa partida inteira é um tal descaminho sozinho. A inteireza, de partida, está na solidão, com tudo, ela é o mundo inteiro sem qualquer amparo. A solidão de partida inteira descaminha no e o primeiro passo. A solidão aparece, mas nunca numa cena vazia... Ir, ir e... já vou na partida, sigo descaminhando passo a passo a apurar silêncio... (Ou Deus?)... Não sei. Não saber sabe a conhecer eternidade. Parto inteiro e descaminho-me silenciosamente. Adeus...

, ...

[...]

As coisas há muito já foram vividas

Há no ar espaços extintos

A forma gravada em vazio

Das vozes e dos gestos que outrora aqui estavam.

E as minhas mãos não podem prender nada.

Sophia de Mello Breyner Andresen²⁷⁰

É verão. As coisas se prometem quentes. Sigo para um encontro, um Corpo-Escola. O que se pode dizer desse encontro é, de certo modo, uma certa volta, um certo reencontro, mas ligeiramente diferente. Há dias, *ouvira dizer* que algo especial *com* a Palavra está a acontecer lá com esse Corpo-Escola. Bom indício de início. Desejo pesquisar a Palavra desse Corpo e desejo que ele me dê a palavra... Chego para o encontro. Sem chapéu, de pasta à tira-colo contendo um caderno,

máquina fotográfica e um gravador para eventualidades. O fluxo da rua da entrada da escola já dá indícios que o horário de aula se aproxima – carros, motos, viaturas escolares se acumulam buscando vaga. Da calçada miro o portão e o fluxo à entrada da escola. À porta, alunos, pais, animais – há sempre pessoas de idades e tamanhos distintos e animais, mais especificamente um número de dois ou três cães; há os que adentram o portão gradeado de acesso ao hall da escola, outros que guardam a rua. Os que adentram, descansam ao pé dos alunos. Há que se dizer: *“não tenhas medo do cão. Ele é mais bondoso que muitos desses”, disse apontando para a multidão*²⁷¹. Nota-se que há qualquer coisa animal, mas amiga do homem, presente e instalada reveladora de intercâmbios no Corpo da escola; traços, itinerários, uma certa consistência produzida ali em seu modo de ser com as vidas que compartilha, algo em comum que habita o corpo da escola e o afecciona, singularizando traços numa paisagem de diferenças ordinariamente inadvertidas.

Entro o portão gradeado e junto-me àqueles que aguardam a entrada – alunos, pais, cães... – após a abertura do portão interno para o interior da escola. O modo de eu estar *com* esse Corpo-Escola segue uma quase-rotina. Cumprimentar a todos e, se dada uma abertura, cumprimentar com aperto de mãos. Isso me diz do calor de presença do outro, sua saúde, coisas assim. Sim, cumprimentar a todos e juntar-me a eles sentando, antes da entrada efetiva ao sítio interno, num beiral baixo de um pequeno jardim junto à grade. Sentar-me, observar, puxar, quando possível, uma prosa ensejando verso. Tenho livre o acesso a entrar na escola antes mesmo que os alunos. Prefiro não. Prefiro sempre

aguardar a chegada dos alunos e professores – que normalmente entram diretamente para a sala dos professores – e tudo mais que ainda tenha que chegar. Mas, *embora a humanidade demore tempo a chegar/ a um sítio, devido a imprevistos espantosos/ e a obras no caminho, a natureza, essa,/ nunca se atrasa/ Sempre com a luz certa, a natureza prossegue*²⁷².

Dado o sinal ou a autorização formal para os alunos entrarem ao sítio interior da escola, vou junto. O percurso que faço desde a entrada é: cumprimentar os alunos, pais, funcionários que encontro no caminho para dentro da escola. Depois, ir à sala dos professores, cumprimentar os que lá estejam. A seguir, ir até à cozinha cumprimentar e desejar um bom dia às cozinheiras e ajudantes. Assim depois, ir ao pé da sala dos professores e imediações. E aguardo... Coloquei-me uma regra para estar presente ali antes mesmo da entrada: Escutar bem e ter olhos atentos. Sim, há o plano do visível e o plano do invisível num mesmo plano. Escutar bem e atenção flutuante dos olhos e todos os demais sentidos aos corpos intensos. Ouvido, olhos e um gosto: *Gosta[r] de ouvir histórias. [Sou] um/ ouvinte lento, ou seja: paciente. Eis o paradoxo:/ o homem que seja capaz de escutar cem histórias rápidas,/ umas a seguir às outras, não é um ouvinte rápido,/ mas sim um ouvinte lento, tranquilo./ Há, aliás, no escutar, que parece acto passivo/ e pacífico, uma estranha parte activa,/ que são os olhos. Escuta bem quem tem os olhos atentos*²⁷³. Mas não esquecer o olfato, sentir o que cheiram as “cem rápidas histórias” que os olhos atentam e não se desviam, não esquecer o paladar, o que sabem as histórias, estórias, os encontros e, não menos importante, o tato: tocar, trocar afetos, tocar-se e deixar-se tocar, sentir o que se ouve e olha com a pele, o mais profundamente. Mas a minha primeira regra: audição e visão como partícipes da arte do corpo para fazer audíveis e visíveis

um tal plano invisível, individuar intensidades ouvidas e miradas corpo-a-corpo e assim pensá-las na sua existência como consistência e intensidade, como sentido do corpo, do mundo... Pois, *como seriam as coisas e as pessoas antes que lhes tivéssemos dado o sentido de nossa esperança e visão humanas? Devia ser terrível. Chovia, as coisas se ensopavam sozinhas e secavam, e depois ardiam ao sol e se crestavam em poeira. Sem dar ao mundo o nosso sentido humano, como me assusto. Tenho medo da chuva, quando a separo da cidade e dos guarda-chuvas abertos, e dos campos se embebendo de água*²⁷⁴. Visível um corpo e audível sua voz (a voz aqui é corpo fugidio de representações *com* as palavras), tal sensibilidade bruta e brutal como condição de inteligibilidade, para uma razão, entendimento para fazer legíveis e audíveis diferenças ordinárias, surdas e cegas quando imaginadas. Sim, a mente é a ideia do corpo, pois *a ideia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior*²⁷⁵. A mente só tem consciência de si pelas e graças às afecções do corpo, dos traços deixados no corpo. Uma vida sobrenatural começa com uma paixão, quando o corpo é afetado... Passa-me algo: *refletindo um pouco, cheguei à ligeiramente assustadora certeza de que os pensamentos são tão sobrenaturais como uma história passada depois da morte. Simplesmente descobri de súbito que pensar não é natural. Depois refleti um pouco mais e descobri que não tenho um dia. É uma vida a vida. E que a vida é sobrenatural*²⁷⁶.

Ainda passa-me algo: o ouvido é um suporte da poesia da palavra, a poesia de um corpo *em* Vida ao seu modo com palavras e com voz fugidia, ouvido de um Corpo-Poético de natureza intensiva num modo de som e sentido audíveis inatural e intempestivamente. Corpos com

palavras... Extra-vazamento de com-posições dos corpos, ligação, composição com algo que vem de fora. A palavra *poética* das com-posições das afecções corpo-a-corpo, voz das relações, voz do caso-a-caso, voz-afeto que subtrai, escapa dos territórios duros, das distâncias aqui e ali... Acreditar no manifesto afetivo da voz de um corpo como o acolher o ouvido das manifestações das afecções múltiplas do corpo em um encontro de trocas por/pelas palavras. Palavras não como *meramente* signos, mas enquanto quartos da voz que permitam às palavras desvestirem seus corpos de suas roupagens, um sobretudo da comunicação e do significado e, em tal vez, colocarem-se nuas, (in)vestidas para e em uma dimensão *poética com a vida*. E crer no poder da Palavra. E *eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso²⁷⁷*. Esse é o som e sentido que desejo *encontrar*, de saída, entrando de corpo e alma. Portão adentro...

, ...

ADENTRO...

*Escuto mas não sei
Se o que oiço é silêncio*

Ou deus.

[...]

Sophia de Mello Breyner Andresen

Como um Corpo-Escola, quero dizer-te que o que ouves a cada encontro é uma estória, mas com outras estórias por dentro. O que ouves e podes ouvir sempre, mesmo no mais vasto silêncio são estórias dentro de estórias. A isso cá chamamos *Loas*. Loas em língua africana chamam-se *canções, cantigas*. Então o que podes e deves ouvir são canções, cantigas, estórias tecidas, vividas e contadas por um Corpo-Escola em seus encontros com alunos, professores, comunidade do bairro, com comunidades mais ao longe, canções de um Corpo-Escola em festividades, *com fazeres cotidianos, com...* Ouve as palavras de cada estória, mas compreende que são estórias dentro de outras estórias. Cá, trabalha-se muito com elementos da cultura africana na tentativa de com-por outras relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo fazendo educação. Um exercício de movimento *com* a cultura escolar de nossa época, mas um exercício que se aproxima da arte, da vida, de relações que produzem nos corpos movimentos-outras de acolhimento e singularização de uma diferença diferente a cada encontro. Numa palavra, que se aproxima do *poético*. Tal exercício é mesmo um combate cultural e político fundamental na cena de hoje e que a educação tem um papel fundamental. Mas *esses combates culturais ou políticos que todos já travamos e que continuamos a travar inserem-se dentro de um contexto mundial no qual se torna necessário, ao mesmo tempo em que travamos esse tipo de combate, verter o vapor poético, contribuir para mudar a mentalidade das humanidades, abandonar coisas do tipo “se você não é como eu, você é meu inimigo; se você não é como eu, eu estou autorizado a combatê-lo”*: parece-me ser uma das funções do poeta, e não apenas do poeta, mas do artista, contribuir para transformar esse estado de coisas. Não mais remeter apenas ao humanismo, à bondade, à tolerância, que são tão fugitivos, mas entrar nas mutações decisivas da pluralidade consentida como tal. Isso vai levar muito tempo, mas dentro da relação mundial, nos dias de hoje, essa é uma das tarefas mais evidentes da literatura, da poesia, da arte, ou seja, a de contribuir, pouco a pouco, para levar

as humanidades a admitirem “inconscientemente” que o outro não é o inimigo, que o diferente não me corrói, que se eu me transformo em contato com ele, isso não significa que me diluo nele, etc. No meu entendimento, trata-se de uma outra forma de combate, diferente do combates cotidianos, e o artista, penso eu, me parece ser um dos mais indicados para essa forma de combate. Porque o artista é aquele que aproxima o imaginário do mundo; ora as ideologias do mundo, as visões do mundo, as previsões, os castelos de areia começaram a entrar em falência; e é preciso, portanto, começar a fazer emergir esse imaginário. E aí não se trata mais de sonhar o mundo, mas sim de penetrar nele²⁷⁸. Voltando às Loas, cá neste Corpo-Escola se canta uma dessas Loas chamada *Loas a Surundunga*. *Loas*, tu já sabes o que significa – *canções, cantigas*. *Surundunga*, em linguagem *banto*, são crianças que cantam as ondas. Então, *crianças que cantam as Loas. Surundunga e as Loas*. Ora, podes perguntar: por que as crianças vão cantar as ondas que vêm falando de um lugar chamado África? Por que será que meninos *Surundungas* vão cantar as ondas? Por que será que alguém canta ou tem vontade de cantar as ondas? Isso, digo-te, tem a ver com uma travessia... Uma travessia de pessoas de uma terra para outra terra, uma travessia nada fácil, “andando” dentro de um navio sobre as *ondas*. E nessa travessia quando essas pessoas deixam para trás suas terras, elas deixam para trás suas raízes, suas histórias... E, para não deixarem para trás essas raízes e histórias, eles cantam as ondas para lembrar de onde vieram. Podes pensar em verter o vapor poético dessa ideia na relação de um Corpo-Escola com vidas, com a Vida? Essas *Loas* geralmente são muito grandes, mas ainda sim hoje te cantarei uma. Conhecerás uma estória, com outras estórias por dentro... E uma estória puxa a outra. Ouve as palavras dessas *Loas a Surundunga* – *Surundunga e as ondas: Essa a história uma, com outras histórias por dentro. No outro lado do sol o lugar chamado África. Grandes rios, pássaros e árvores grandes. O baobá. Terra de nomes-música: Angola, Congo e Benguela. Mas entre a música dos nomes cabinda, monjolo, Moçambique tanta gente, outro som veio mordendo. Foram as armas da fera, a escravidão e a guerra. Homens brancos homens negros brancos e negros. Os pássaros caíram nos rios, as árvores no fogo. A dor cortou os nomes, feriu as estrelas. Negros presos em navios atravessam o oceano: não há cantos, mas silêncios. Silêncios cantando nomes: Calanga, Zambi, Calunga. O baobá. Navios cruzam mares e os malungos, os negros irmãos de viagem, desceram em terras do Brasil. Foram vendidos nos*

mercados, o mais duro Valongo. Separados pais e filhos, batizados para outro deus. Mas no trabalho das minas, casas e plantações cantaram seus nomes-música sobre as ondas da escravidão: Zambi, Calunga, malungo, olelé²⁷⁹. Que esta canção te potencialize a ouvires estórias dentro de estórias. Que ela te sirva como um recurso produtor de um poético e apele para tua audição poética para um Corpo-Escola. Que seja uma canção que desejes ouvir em suas palavras uma potência, uma alegria, um bom afeto em toda travessia que fizeres pelas extensões e pensamentos que aqui se produzem, nos encontros e com relações que se desejam poéticas. Pois, ouve e compreende também deste Corpo-Escola que as ideias, todos sabemos, não nascem na cabeça das pessoas. Começam num qualquer lado, são fumos soltos, tresvairados, rodando à procura de uma devida mente²⁸⁰. E, se as estórias são com outras estórias por dentro, ouve uma diferença na repetição. Compreende-a. Inscreve-te com teu corpo para também constituíres tal diferença com o diferente. Todo teu corpo/mente é o que tens como procedimento que inscreve o máximo de diferença na repetição, [um] precursor sombrio [que] mostra uma repetição pela qual vai diferindo. Sendo a repetição da diferença uma potência poética da linguagem, o precursor sombrio é palavra poética por excelência que aparece quando se dá um corpo à ressonância, quando se compenetraram as séries. É o refrão da canção²⁸¹. Ouve, então, com todo teu corpo, uma canção em cada estória que ouvires. E em cada encontro que tiveres, ouve uma canção de encontros que convidam, cujo refrão é um sendo aqui-já de um Corpo-Escola com vidas, com a Vida...

, ...

Um sítio de escola des(ar)vorado que começa a semear palavras... Respira o ar, arvora-se...

, ...

Ouve *um* possível dia teu: os alunos entram e se aglomeram junto a uma escada e à rampa que fica ao lado das escadas de acesso ao andar que vai dar às salas de aula. Outros, de diferentes tamanhos e idades entram e saem de uma sala reservada a guardar instrumentos e aparatos musicais. É um entra e sai de alunos e professores com instrumentos – um órgão elétrico acondicionado numa mesa de madeira, um violão, clarinete, violino, pandeiro, uma zabumba e

um bongo. Tudo indica música. É qualquer muita coisa logo cedo. Hoje há o tal trabalho que envolve a Palavra – ao que parece, é palavra ao modo de ritmo. Esse trabalho com a Palavra nessa escola tem um nome: *Hora da Palavra Boa*. Os alunos e professores instrumentistas acomodam-se em cadeiras. Uma professora com nome de flor é a regente, organiza os demais instrumentistas e dá o tom. Começa a circular um recorte pequeno de papel com a letra da música que seguirá para que todos acompanhem a música com as vozes de todos os presentes. O grupo dos alunos presentes naquela hora na escola se organiza segundo tamanho, idade. Observação: há sempre aqueles mais desgarrados desse grupo de cantores organizados – professores com alguns de seus alunos ao redor e próximos a eles e muitos alunos, nomeadamente, os dos últimos anos, que ficam ao longe sentados nos bancos presentes no pátio interno conversando com colegas ou mesmo em pé encostados nas paredes. Ora conversando, ora falando alto. Pode-se tomá-los como não-participantes, mas pode-se pensá-los ou mesmo compreendê-los como *sofredores* da palavra, quero dizer, *sofrem por paixão* a palavra, no caso a palavra num modo de canção. São, no fundo e ao longe dos que cantam, “*apaixonados*” com a música... Começa a música. *Asa Branca* de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Essa música traz na letra uma ave – Asa-Branca ou Pomba-Asa-Branca – associada à sua presença e vida em campos, cerrados e bordas de florestas, além de estar presente também em centros urbanos. Nesta canção essa ave é cantada associada à sua resistência à seca presente e que assola a região nordeste do Brasil. Os alunos mais pequenos cantam com a regência e acompanhamento de duas professoras coordenadoras – *Garantia-Penhor* e *Valorosa Griote*. Ao final da apresentação, *Valorosa Griote* pede para a turma reunida se lembrar e falar de alto e bom tom e som a Palavra Boa do dia. Todos em uníssono dizem: **Alegria**. Ouviu? A Palavra Boa é *Alegria*, um grande e poderoso *afeto*. Ouve: *Se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente*²⁸². Ora, existir é agir, perseverar em seu ser é agir, produzir efeitos é agir, viver é agir, atualizar *uma vida* é agir... Compreendes que o corpo/mente padece de muitas mudanças, não compreendes? No agir, viver, perseverar em ser, ser causa adequada de suas ações, o corpo/mente *pode padecer grandes mudanças, passando de uma perfeição maior, ora uma menor, paixões essas que nos explicam os afetos da alegria e da tristeza. Assim, por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor.*

*Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor ou melancolia*²⁸³. Ouça, o corpos lutam para perseverarem em ser, por poder *sive* potência, para fazerem frente aos desafios e embates que se estabelecem em cada encontro *em* vida. Pois, sabes, há muitas forças em jogo querendo potência. Teu corpo não é diferente. Que pode teu corpo? Hoje a música canta palavras de resistência ao modo de ave. Compreendes que resistir é existir? Como existes e pensas em teus campos, cerrados e bordas de florestas em teu corpo? Como andam tuas paixões nesses sítios de teu corpo? Hoje ouves que andam alegres. A palavra boa de hoje é **Alegria** e se perseverares e compreenderes bem, pode ser a palavra em todos os teus dias. Ouve: Tu saís *alegre* desse encontro. Já próxima a hora do almoço vai-te embora no calor de verão, retomas teu caminho para casa entoando os versos finais da palavra ao modo de ritmo ouvida hoje logo cedo de teu corpo: ... *Hoje longe muitas légua/ Numa triste solidão/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim voltar pro meu sertão/ Quando o verde dos teus óio/ Se apanhar na prantação/ Eu te asseguro não chore não, viu/ Que eu vortarei, viu/ Meu coração*. Voltarás, estás ouvi(n)do?...

, ...

Volta. Procedes como de praxe: cumprimentas os presentes que encontras e, com lentos passos, “varres” com o corpo a extensão da escola. Passada d’olhos e escuta... Um convite para ires à sala da professora *Violeta Angangawala*. Um convite para assistires a uma aula de Literatura? Segues ao andar de cima em direção à sala. Uma professora que vai contigo, *Valorosa Griote*, carrega consigo uma mala, uma mala das antigas, de madeira e com travas de metal. Perfeita! Ainda, a mala é encapada artisticamente com panos coloridos deixando-a vistosa e atraente aos olhos e à imaginação quanto ao conteúdo que possa trazer. Entras na sala. Vês e ouves que estão a aprender sobre a África. Aprendem, ouvindo, também palavras de uma nova língua para eles: *Tshiluba* – uma língua falada na República Democrática do Congo. Lá, no Congo, não se fala Português. *Violeta Angangawala*, a professora, recebe a ti e a professora que acompanhas e apresenta-te à turma. Fá-lo de maneira especial: pede à turma que vos receba com uma saudação ou cumprimento em *Tshiluba*. Saudam: *Moyo weba! Violeta Angangawala* ensina a responder: *E moyo!* Queres saber o sentido dessa saudação? “*Que a vida esteja com você!*”. E a resposta à saudação: “*É vida!*”. *Valorosa Griote* coloca a mala delicadamente no

chão e dirige-se à turma; diz que aquela sala é muito especial para ela, porque foi com essa turma que ela fez sua pesquisa. É que hoje *Valorosa Griote* traz sua pesquisa de Doutorado e faz menção a ela para a turma, diz da importância de cada um daqueles alunos ali na pesquisa. Pergunta se eles se lembram que ela havia escrito uma estória de cada criança. Ouves que isso foi feito por uma razão: porque alguém lhe contou que esta turma havia feito alguns comentários, comentários de que nem todo mundo participava das coisas. E ouves que *Valorosa Griote* quer mostrar que eles participavam e participam. Inicia-se um assunto sobre alguma coisa que tem a ver com uma escolha de Rainha do Congado da escola... Ouves que só *A Que Guarda* foi Rainha²⁸⁴ dessa vez, mas que outras poderão ser depois. E que ser Rainha não significa que uma pessoa tenha sido sozinha ou seja sozinha. Um corpo é muito complexo, compreendes? E não existe sozinho. Por que *A Que Guarda* foi Rainha? Não sabes qual foi a decisão tomada dentro de sala de aula, mas *A Que Guarda*, uma das coisas que ela disse e que o *Aquele Que Tem A Graça De Deus* contou numa altura, é que ela reivindicava o direito de ser Rainha porque ela sabia de todas as histórias que aconteciam na escola e estava nela desde pequenininha. Vês *Valorosa Griote* mostrar uma foto que consta do livro da pesquisa – eles todos ali, na última página do grosso livro. Promete-lhes deixar o livro para verem depois. A foto: *A Famosa Pela Graça* e *Aquele Que Tem A Graça De Deus* passando a caixa de Congado para... para os meninos pequeninhos. Então, todos os que estão ali, vestidos com roupas especialmente confeccionadas, levando uma caixa que é tão importante desde que eles eram pequeninhos. E quando chega o momento de passar a caixa – compreende –, todos eles estão dentro dela, a caixa do Congado tem traços sutis de cada um dos alunos, pais, professores, familiares, todo um infinito comum... que de um modo ou de outro mais, ou menos sutil, está nela ela, porque todo mundo brinca ou brincou com aquela caixa, construiu aqueles bonecos e tudo o que lá há, visível e invisivelmente. Uma caixa inscrita de infinitas relações... E passam aquela caixa para os pequenos... Estão a passar um pouco das suas histórias, de seus encontros, não é? E esta sabedoria... Guardar traços de meninos que hoje crescem e perseveram em ser cada um a seu modo com a inscrição em seus corpos com essa caixa. Ou talvez ouça e compreenda assim: a caixa como um corpo. E esse corpo guarda afetos que amadureceram e se renovam por e com outros encontros que passam e passarão ainda por colegas, professores, familiares, amigos etc. ano após ano... Basta encontrar. A caixa bem guarda esses traços de infinitas afecções e afetos de um Corpo-Escola muito complexo e especial como um todo. Um corpo que encontra *com* essa caixa relaciona-se, deixa-se afecionar por ela, tem e carrega consigo tantas crianças, famílias, tradições, tem e carrega uma escola toda com seus afetos de infinitas passagens e em seus infinitos encontros que a

constituem. Afetar e deixar-se afetar com essa caixa é se constituir também agora com tudo que é essa escola hoje, além de ter de levar também consigo no corpo inscrições desse Corpo-Escola e sua Ideia de Corpo. Compreendes? Uma aprendizagem prossegue, é uma aprendizagem que nunca acaba... Ah sim, há outras pequeninas crianças que a esperam; aguardam para ter a caixa em mãos e também a aprendizagem que ela carrega, uma espécie de iniciação de corpo e alma – o passar de uma sabedoria, uma herança, de uma tradição... Assim, a caixa passa e deve passar adiante uma lição pela mão das crianças mais velhas para as crianças mais novas. Cada *mais velha criança* que passa a caixa tem em mãos não um objeto, mas um corpo que (res)guarda encontros num passado, uma herança com uma certa tradição, fundamentalmente traços de encontros com antepassados – a sua aprendizagem *com* a tradição da oralidade, da palavra que canta e diz de uma relação com algo que se tem como muito sagrado. Essa caixa *sabe* a importância desse passado e talvez por isso se ocupa com o que encontra hoje presente: *os antepassados ficavam órfãos da terra, os vivos deixam de ter lugar para eternizar as tradições. [E com isso] não era apenas um homem mas todo um mundo que desaparecia*²⁸⁵. Saber a importância dessa caixa não só para o Corpo-Escola, quer dizer, compreender que as relações, os encontros com ela tem a ver com produção e continuidade da vida, com o fazer aparecer, e não com o desaparecer, permitir aos vivos não serem órfãos, enfim, um lugar na terra para eternizar... Mas, o muito que constitui essa caixa é a herança afetiva *com* crianças de uma escola, os encontros delas proporcionado por um Corpo-Escola com uma cultura e tradição populares, nomeadamente afro-descendentes, que se reinventam enquanto produção *com* as diferentes vozes, palavras, narrativas, cantos, ritmos, gestos etc., enfim, *com* o corpo. Volto à caixa: ela guarda uma herança de encontros e afetos com sutil sabedoria que o corpo de uma *mais velha criança* conduz, faz ensinar e passar num encontro. Os corpos mais novos que ainda não conhecem recebem a caixa – todo um resultado de encontros de corpos que com-põem um Corpo-Escola guardado numa caixa... Encontrar e passar essa caixa são aprendizagens corpo-a-corpo. E ensinar aos mais pequeninos que são eles, com seus novos e pequeninos passos, que podem acolher uma sabedoria, um conhecimento passado e que aparece feito corpo-a-corpo. Sabedoria e conhecimento que agora são passados de mãos em mãos, para corpos/mentes ainda crianças, para que um *Corpo de escola* caminhe e, assim, ser possível fazer novos e mais potentes encontros em seus percursos, não deixar desaparecer o mundo... Uma caixa contendo afetos, palavras tácitas de memórias que fazem lembrar e dizer aos pequenininhos que sempre chegam *compondo* um Corpo-Escola. Se pusermos o ouvido nessa

caixa talvez ouçamos: Tu sabes de mim quando me encontras e, quando o fazes, sabes também que participas de algo que é um conhecimento muito antigo, feito de muitos encontros, por muitos, infinitos encontros... O que aqui tens em mãos faz-te comungar com um mundo que agora continua em ti, e isso implica que aprendes um tipo de amor, outro amor, logo muito cedo – de um mais velho para um mais novo. Sabes, *envelhecer é ser tomado pelo tempo, um modo de ser dono do corpo*²⁸⁶. Segue adiante!... Assim, segue. A coroação da *Que Guarda*, Rainha Conga, a coroação do *Aquele Que tem A Graça De Deus* e do *Que Vem* como Reis do Congo é o passado de uma história presente e viva e de uma tradição dessa escola, digno de um Corpo-Escola fazer festas e de ter Rei e Rainha. A *Marcella* ainda não foi Rainha e isso não significa que ela não poderá ser. Tudo bem? Fica assim complicado ao nível de sentimento ou ao nível da *imaginação* se não se compreende as causas. Pode-se imaginar assim: será que a *Marcella* não está feliz na escola, e que ela tem de ser Rainha de qualquer jeito? Eu concordo que não. Eu compreendo que ela reivindique também o direito mas, talvez ela não saiba falar, se expressar, organizar seus desejos, fica parecendo uma queixa, que ela não está feliz, quero dizer, triste, que esteja numa perfeição menor. Essa não é a verdade pelas causas... Todo mundo a recebeu na escola tão bem, não foi? A *Famosa Pela Graça*, tão importante, sempre participando de tudo e reivindicando as coisas, corpo-a-corpo com aquilo que deseja... E isso é bom. Porque é bom, por isso deseja-se. Veja essa situação de disputa aqui, no caso, de ser a Rainha: penso que um estado não-feliz de alguém possa ser um problema de fronteiras entre os corpos, fronteiras entre equívocos, aqui, por exemplo, corpos disputando um reinado – um corpo quer uma coisa de outro e vice-versa. Faz-se assim um corpo, mesmo de Rainha, e o reinado dura enquanto durarem as relações do corpo com as matérias que envolvam o corpo-reinado – a coroa e tudo mais. Compreendes? Essa turma está no coração. São palavras, *mas coração não tem palavras*²⁸⁷. Ainda não se contou isso que descobriste aos demais professores, mas tu ouves agora: É que os pequeninhos sabem reivindicar as coisas. É que quando mudaram para a escola, quando *Valorosa Griote* ainda era diretora, houve uma reivindicação desses alunos. Evocada, agora, tal lembrança, ouves um silêncio no sítio em que te encontras... Não? – pergunta *Valorosa Griote* que continua: eles reivindicavam naquela altura mais tempo para brincar! Lembram disso? “Ah é!”, ouves muitos se manifestam e vês acontecer um certo alvoroço... Compreendes? Querem mais brincar: evidências nada tardias de *conatus* em corpo de criança com-pondo um novo Corpo-Escola. Não é maravilhoso? Reivindicação de corpos, após três dias, querendo um movimento muito especial que produz alegria, aumento da potência de existir e de pensar da criança, um movimento que a

faz desejar e afirmar sua existência – o brincar. Compreende que o brincar aumenta a percepção do corpo da criança, constrói sua *ética* logo muito cedo, permite produzir um corpo que elabora caso a caso, em encontros lúdicos, os sentidos de seus encontros e o seu mundo singular. Assim podes compreender que *quanto mais um corpo é capaz, em comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas*²⁸⁸. Então, ouves dizer por *Valorosa Griote* que logo cedo essas crianças desde pequenas já sabiam reivindicar... Tu ouves *Valorosa Griote* falar uma coisa interessante: uma turma que reivindica tudo, persevera, deseja o bom. Junta, uma turma pode fazer muitas coisas. Ouve: um corpo nunca é sozinho. O que *Valorosa Griote* diz e que talvez seja importante um Corpo-Escola compreender é que *quanto mais as ações de um corpo dependem apenas dele próprio, e quanto menos outros corpos cooperam com ele no agir, tanto mais sua mente é capaz de compreender distintamente*²⁸⁹. Ouviste quanta coisa implicada e complicada num Corpo-Escola? É Vida... *E moyo...*

, ...

Trazer o ouvido de outras afecções de todo um Corpo-Escola que estão presentes e se inscrevem numa aula. Ora, sabes que *sentimos que um certo corpo é afetado de muitas maneiras*²⁹⁰, e que *não sentimos nem percebemos nenhuma outra coisa singular além dos corpos e dos modos de pensar*²⁹¹. Então, esse ouvido ainda fala de África, tradição. Mas também de um *sagrado*. Corpo-Escola *com* sagrado! Ouves a sutileza das palavras? Então ouve! Falo novamente da *Valorosa Griote* e de um encontro com alunos na aula da *Violeta Angangawala*. Ouve: *Valorosa Griote* num dado momento põe sua bolsa no chão depois de sacar algumas fotos e figuras cartonadas. Depois, a vês estender no meio da sala uma linda colcha de tom avermelhado. Ouves dizer inicialmente, mas sem completar a primeira frase: *“vou arrumar aqui com o símbolo da nossa... Não pensem que eu não guardo as coisas... Quem desenhou isto? E quem mandou esta carta para mim?”*. Vês que são desenhos e uma carta, uma carta escrita pela turma inteira assinada por *Aquele Que Tem A Graça De Deus* e pela *Famosa Pela Graça* convidando, na época, *Valorosa Griote*, para a coroação do Rei e da Rainha. *Valorosa Griote* continua a sacar coisas da mala que trouxe consigo. Não esquece: aquela mala antiga é carregada de memórias... Vês sacar dela, então, uma coisa muito

importante para a escola. A princípio panos. Mas logo ouves um aluno em voz mais forte dizer: “É o manto sagrado!”. E *Valorosa Griote* logo agarra a palavra fresca que sai e pergunta por que tal manto é sagrado, se ele não é de igreja alguma, mas é um manto que está com eles há muito tempo... Então ouve e compreende: os tais mantos, são capas que fazem parte das roupas do Rei e da Rainha. Ah, quando surgiu a coroa da Rainha ouves *A Que Guarda* dizer em tom mais forte de voz, cheio de surpresa e alegria: “Minha coroa!”. Nessa atmosfera de surpresa de *excitação* ou *contentamento* de corpo/alma, vês que *Valorosa Griote* meio que se atrapalha com as capas, troca a do Rei e da Rainha... “Não importa”, ouves dizer. “A capa pode ser do Rei ou da Rainha... porque é uma capa”. Mas, ouves que ela não se atreve a colocar, a pôr o chapéu, porque não é rei e nem rainha da escola, mas que com certeza deve ser muito bom colocar a capa, pois representa muita coisa – a história da escola, a união das pessoas da escola, a paz... No dia da festa da Coroação menino Rei e menina Rainha ganharam um presente. Lembra-se: é um cordão. Ouves *Valorosa Griote* perguntar a eles se estão usando os cordões naquele momento. Ela diz que é bom Rei e Rainha usarem... Observas que parece que há qualquer problema com um dos cordões, problema que *Valorosa Griote* promete resolver depois. Bem, então, vês *Valorosa Griote* distribuir imagens cartonadas para os alunos e convidá-los para sentarem-se na colcha estendida. Alguns não se interessam. Começam a ser feitas perguntas a respeito das imagens, do tipo – “o que vocês estão vendo”, “o que as pessoas estão fazendo”, “como estão seus rostos”, entre outras perguntas. Observas que as figuras trazem a imagem de uma canoa. Há mulheres, em algumas imagens, carregando bebês. Podes-se observar que têm algo muito peculiar tanto na roupa como no modo de carregarem as crianças – amarram singularmente um longo pano ao redor do corpo e carregam nas costas os bebês. Ouves *Valorosa Griote* contar que esse pano parece uma capa e que esse pano serve para muitas coisas, inclusive para orar. Ouves? Esse pano as mulheres tiram para dormir, esse pano serve para enfeitar, serve para carregar o bebê, dormir, orar etc. Esse pano tem um nome, esse pano que amarra o corpo das mulheres de Moçambique: *Capulana*. Esse pano é muito importante na vida dessas pessoas. Mas deixa-me voltar às imagens, especificamente uma de homens em um barco... *A Que Guarda* diz que são remadores, mas não são remadores de competição. Não, todos concordam alegando que remam juntos... Ouve essa justificativa e vê se não tem a ver com a potência de um corpo *com* outros corpos?! São remadores africanos e estão a fazer uma coisa muito importante juntos – matando a fome do clã deles. Já te conto. Então ouve: Diz uma estória que num país do Congo havia um clã que ficava próximo ao Rio Congo. Os pescadores sempre pescavam peixes, se sustentavam e as suas famílias com eles. Todos viviam e matavam sua fome com os peixes do Rio Congo. Aí um belo dia esses peixes desapareceram – pessoas

morreram de fome. As pessoas que restavam ficaram famintas, as mães já não tinham mais leite para amamentar seus filhos, as frutas também foram acabando e a aldeia... Foi verdade. Essa estória as pessoas começaram a acreditar... ela andou de boca em boca, de geração em geração... E a estória, continuando, é a seguinte: todo peixe do rio acabou, as pessoas não tinham mais como sobreviver, e aí elas começaram a ficar juntas e assentadas nos seus lugares de convivência debaixo das árvores; as mulheres amarradas com a *Capulana*, e a única coisa que elas tinham era o próprio leite. E o leite estava secando... Então, elas começaram a cantar uma canção muito conhecida e, quando elas começaram a cantar essa canção, os homens também começaram a acompanhar, e todo clã cantava a canção. E a partir do momento que todos começaram a cantar, então, os homens ficaram muito fortalecidos e tentaram mais uma vez pescar. Eles se prepararam todos, pegaram várias barcas, muitas barcas, muitas e, dentro delas eles cantavam a canção que as mulheres amamentavam os seus filhos. Perguntas: e pegaram os peixes? Esse é um momento bonito da estória... Não era uma canção qualquer, sabe porque? Eles pediam, eles cantavam juntos: *Rema, Rema, Rema, Rema. Traz o peixe de volta!*. E a primeira vez eles não conseguiram o peixe. A segunda vez conseguiram muito pouco, mas um pouco. Porque ele tinham vontade?, podes perguntar... No meio da canção eles puseram o nome de uma pessoa muito importante, avô de todo mundo daquele clã, que era *Benguela*. *Benguela* era um ancestral, um avô, era um sábio... Então, quando eles cantaram "*Benguelá*" e pediram *Benguela* ajuda, todos os peixes voltaram para o rio e eles puderam pescar. Podes perguntar: como aconteceu isso? Na música! Isso é algo que eu não sei te explicar. Eu só sei contar o que me contaram, e o que virou livro, e o que virou canção. E é vida! Palavras fortes falando de sentido de vida... Conhece essa canção? *Olé lé! Olé lé! Moliba makasi*. Sem precisar muita coisa, as crianças começaram suaves a cantar... O que significa *Benguelá oiá*? "Venha Benguela". O avô. O ancestral. E eles estão cantando *Benguelá aya Oya oya*. "Benguela, venha!, ajuda!". A gente está passando fome, precisamos nos alimentar... Mas não estavam só com fome de comer, mas também com fome de ajudar, fome de amor... Por isso a voz de *Benguelá* e do mais velho é sempre tão importante, porque ela conforta... Ouviste a estória? Foi de ouvido de um corpo que a encontrei. Aprendo com *Violeta Angangawala* que *Olélé* é uma palavra acontece muito nas canções e nos poemas também. *Olélé* é uma interjeição, uma intejeição de *alegria*. Começa-se uma canção com a expressão de *alegria*, muitas vezes começa-se e termina-se com *Olélé sive Alegria*. Aprendes que um estudioso de Literatura Africana, *Edimilson de Almeida Pereira*, tem um poema que fala de uma história muito triste, dos escravos vindos para o Brasil, mas a última palavrinha do poema dele é *Olélé*, ou seja, *Alegria*. Ouve esta história, agora, que *Valorosa Griote* conta. Podes ver e compreender a beleza

e a alegria de saber como os afetos se propagam por onde nunca se espera. Já que *não se pode de antemão saber como um corpo aprende, de que afetos ele é capaz*, então, ouve este ouvido que talvez sirva para ficarmos alegres e quiçá felizes dentro de um também mistério do corpo que é o de *nunca sabemos de antemão o que pode ensinar um encontro*. Então ouve: muitas vezes não damos muita importância para a canção de ninar, canção que nossas mães cantam para nós quando somos pequenininhos. Nossas mães cantaram e já hoje nem mais nos lembramos. Mas a canção é guardada, o carinho da mãe, o corpo da mãe, a atmosfera etc., isso tudo fica bem guardado e registrado conosco, compreendes? Traços e inscrições do e no corpo. Ouve só: *Valorosa Griote* conta que quando chegou na escola no dia da mudança para o espaço atual, essa canção, *Olélé Moliba makasi* já era muito cantada, e que às vezes as pessoas não sabiam muito bem o que ela era, significados etc. E as crianças iam cantando essa canção para as suas mães em casa... Será que essas mães compreendem, estão entendendo o que as crianças estão cantando? – podes perguntar. Mas, não demora muito e vem a resposta, num acontecimento! No dia da inauguração da escola havia uma mãe de uma criança da escola que estava sentadinha dentro da sala da Direção com a porta fechada. Quando *Valorosa Griote* entra, vê a mãe dando de mamar para o seu filhinho. E adivinha que canção ela cantava?! Foi uma grande emoção aquele encontro com esse gesto, com a canção. Isso implica em compreender que a estória estava passando de boca em boca outra vez. *Valorosa Griote* pergunta à mãe onde foi que ela ouviu essa canção. A mãe responde: *“Ah, foi meu filho que cantou para mim”*. Curiosa em saber mais, *Valorosa Griote* pergunta como a mãe ficou sabendo que aquela era uma música para ninar. O que a mãe respondeu: *“A gente não precisa saber, é só sentir a canção”*... É aí que se tem o que faz pensar: aprendemos que aquela mãe sabe mais da canção do que muitos de nós sabíamos ou podemos saber dela. E que às vezes há coisas que nós não precisamos ficar explicando, basta sentir. Sim, *tudo começa, pois, para o indivíduo, com um “eu sinto” e não com um “eu penso”, com um “eu sou afetado”, com uma paixão. Tudo começa quando uma essência se inscreve, se implica, se dobra, se envolve em uma sensação, se disfarça com o véu de uma imagem. As essências se mostram ocultando-se, o ser se revela como obscuridade*²⁹². Ouve: Sente e ausculta o que se mostra ocultado numa duração. É só tu sentires *uma canção* ou *uma estória*. Assim auscultas com todo teu corpo como a eternidade está embaraçada num instante...

Sabes que esta escola desenvolve um trabalho *com* a cultura afro-brasileira há muito. Ela é uma das primeiras escolas do Brasil a inserir em seu Corpo o estudo da etnia, das questões étnico-raciais, antes mesmo da lei que *obriga* todas as escolas a inserirem em seus contextos, *conteúdos* étnicos²⁹³. Esse Corpo-Escola, como também já o sabes, tem como tradição trabalhos com elementos da cultura africana antes mesmo de qualquer lei. Este Corpo-Escola antecede decretos, sabes? E podes ver essas inscrições em seu Corpo do trabalho com essa cultura. Veja as rodas, os jogos, os objetos, as roupas de suas festas... Ouve também as cantigas... Com esse trabalho o Corpo-Escola também aproxima-se mais do seu ser brasileiro, de sua singularidade, de seu grau de potência ou como esforço que o caracteriza, sua *virtude* e *potência* e, *por virtude e potência compreendo a mesma coisa, isto é, a virtude, enquanto referida ao homem, é sua própria essência ou natureza, à medida em que ele tem o poder de realizar coisas que podem ser compreendidas exclusivamente por meio das leis de sua natureza*²⁹⁴. A África lhe é útil e, o *primeiro e único fundamento da virtude ou do princípio correto de viver consiste em buscar aquilo que é útil para si*²⁹⁵. Esse Corpo-Escola também “ensina” a virtude a outros corpos, na medida em que os qualifica como cidadãos de nossa era contemporânea ou, se queres um nome, de nossa era globalizada. Mais que uma relação ou perspectiva econômica, essa era exige muito do Corpo, exige que ele passe a dialogar com a diversidade planetária, com tudo, compreendes? O contato com diferentes está a ser maior e, um Corpo-Escola que aprende *com* a África, está produzindo numa relação de *uma* diferença *com* o diferente. A questão da igualdade colocada sobre os ombros da escola hoje, assim, torna-se questionável. *Ela não consiste nem no ensino uniforme de crianças da república nem na disponibilidade dos produtos de baixo preço nas estantes de supermercados. A igualdade é fundamental e ausente, ela é atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas assumem o risco de **verificá-la**, de inventar as formas, individuais ou coletivas, de sua verificação. Essa lição, ela também, é mais do que atual*²⁹⁶. Quantas questões e lições a cultura africana trouxe e inseriu em nossa cultura... Somos corpos miscigenados, uma mistura. Esse Corpo-Escola ensina experiência de partilha, compartilha experiências dando atenção especial aos corpos – pessoas, ideias, objetos etc. – que na experiência de partilha produz *uma* Educação *com* tudo do mundo, *uma* Educação que *começa com uma espécie de partida, implica em abandonar hábitos, mudar de língua, partir do lugar onde se nasceu. Não existe educação se não houver o*

*“Levanta-te e vai”*²⁹⁷. Sabes bem, é uma questão de movimento e repouso. Na nossa era convém seguir os movimentos do mundo, é preciso romper, sair das estruturas ficcionais que imaginam a produção como a somente econômica, imaginação que produz mitos, profecias e ficções como verdades para “sociabilizar” e dizer do humano e suas “ações” através dessas imaginações e que na educação produzem pessimismo e condena muitas vezes a pedagogia a gravitar e sustentar essas ficções e ver-se imaginada por profecias salvacionistas – só quando a educação melhorar, falta educação etc. O Corpo de nossa era globalizada deve movimentar-se *com* essas imaginações, mas agir, ser expansivo, inscrever-se virtuosamente e potentemente na diversidade do mundo na produção de *um tempo por vir*, um tempo que se educa *aqui-já* na *diferença com* o diferente *sive* tudo. “Levanta-te e vai” *com* e além do que imagina o mundo hoje...

, ...

Vozes de mulheres-crianças em uníssono: “Dá licença dono da casa/ vamos entrar nessa Congada./ Um folguedo tão bonito/ nesta tarde ensolarada”. Às vezes seguem acordes de instrumentos – órgão, violão, flauta e muitas vozes... Pausa. Vozes de homens-crianças em uníssono: “Senhoras e senhores, hoje é um dia bem alegre. Hoje é o dia de coroar nosso Rei e nossa Rainha”. O Corpo-Escola *com* a África está mais voltado para a Congada com os alunos das séries iniciais. Essa “brincadeira” de contar a estória da santinha, de construir a Caixa de Congado e coroar Rei e Rainha começa neste Corpo-Escola há seis anos atrás na Educação Infantil e, até hoje, as crianças se lembram do que aconteceu lá. Essa festa, a eleição e a consequente coroação de Rei e Rainha envolve todo Corpo-Escola. Podes ver e ouvir o quanto é mobilizado nesses eventos. Ouve estes acontecimentos que aqui implicam todo Corpo-Escola – *uma* educação e como constituir-se num complexo infinito de forças que nos atravessam e, aprender a selecionar o que convém e o que desconvém, quais os afetos que potencializam e quais despontentizam, aprender o que somos e *com* que somos. Conto-te a origem dessa festa tão bonita que o Corpo-Escola apresenta todo ano. O que ouves foi o ouvido e o havido durante a coroação de um Rei e uma Rainha, numa festa de rememoração de coisa muito antiga, por aqui em 1500, 1600... Vês a comunidade, todos os professores, as crianças todas vestidas com roupas de chita coloridíssimas, vês os instrumentos, os músicos, o Corpo-Escola todo enfeitado? Essa festa continua uma estória que te conto agora: Dizem, contam e agora escrevo aqui. Vês que há *eternidade* quando se faz passar pelo oral e o escrito? *Eternidade* por um corpo-voz e por

um corpo-texto. Movimento: deixar ir e vir a narrativa. Oral e escrita. Sabes, o oral, a palavra na tradição africana não é algo que fica num segundo plano. A palavra, o oral, tem um poder transformador, é ação. Quando se fala troca-se energia, forças com o outro. A palavra oral é vital. Quando se conta, se fala, age-se *com* o outro. A palavra aqui não é mera ficção, mas faz circular conhecimentos ancestrais, conhecimentos não-compartimentados, como conhecimentos para aprender a decorar para depois serem avaliados, não é palavra dada a notas, aprovações, reprovações... Não, palavra aqui é conhecimento da vida, ciência da vida... Então, dizem, contam que há muito tempo atrás na fazenda de um senhor coronel foi encontrada uma santa nas águas. O senhor das terras foi até lá e, junto com o pessoal dele, trouxe a santinha e colocou-a numa igreja. No dia seguinte a santa tinha fugido da igreja e voltado para as águas, lá onde ela tinha sido encontrada. E o que aconteceu depois? Bom, o senhor coronel chamou o padre, e o padre junto com todo mundo da igreja e também junto com todos os senhores de terras e pessoas que trabalhavam para eles fizeram uma procissão e, com um andor muito bonito, buscaram a santa debaixo d'água, levaram-na para uma capela muito rica, cheia de ouro e de prata, colocaram-na num altar também cheio de brilhos, de ouro, e facharam-na à sete chaves. Mas, no dia seguinte, ao chegarem, viram que a santa tinha fugido novamente, voltado para as águas... Então, os negros, que eram escravos naquela época, resolveram também buscar a santa das águas. Foram cantando, assim, mais ou menos como essas crianças que podes ver aqui nesta escola, vestidos de panos coloridos, com tambores, com seus cantos de origem e, cantando e batucando, foram à beira do rio, buscaram a santa. Mas, desta vez eles colocam-na, não numa igreja de ouro e de prata, mas numa igrejinha de madeira. Sim, colocaram-na lá. E contam que lá, naquela igrejinha simples, de madeira, nunca mais a santa saiu. Essa santa, que recebeu o nome de Nossa Senhora do Rosário, ficou sendo a santa protetora do povo negro. Sabe?, o que esse Corpo-Escola faz aqui com a festa de Congado é uma rememoração disso que aconteceu há muitos anos atrás... Não. Não digas que não vale a pena estórias de Antigamente como essa num Corpo-Escola. Ovi-las, contá-las, escrevê-las *escusam de me vir dizer que o mundo, a que o texto faz apelo, não existe, porque isso é o que eu sei, desde o princípio. Porque os que falam confundem deliberadamente ou não, realidade e existência. Há muito real que não consegue existir, e há muitíssima existência que não tem (nem nunca teve) realidade alguma. A maior parte do que existe é **miséria alucinada***²⁹⁸. Essas e outras tantas estórias são sanadoras para uma violência pura que assistimos na escolarização ocidental, hegemônica. Conto-te de um modo de violência pura em escolas: *foi lendo as*

oficiais escrituras e dando conta dos nomes da viagem e do seu destino. Chamavam-se Torna-Viagem a esse percurso da Índia para Portugal. E chamavam Contra-Costa ao Oriente de África. Tudo fora nomeado como se o mundo fosse uma lua: de um só lado visível, de uma só face reconhecível. E os habitantes do mundo oculto nem o original nome de “gentios” mantinham. Designavam-se, agora, de “cafres”. A palavra fora roubada aos árabes. Era assim que estes chamavam aos africanos. Os cafres eram os infiéis. Não porque tivessem outra fé. Mas porque se acreditava não terem nenhuma²⁹⁹. Então, ouve cá e sente essas e outras estórias como palavras de conhecimento da/de vida. E compreende com elas que não só na educação, por exemplo, a história do negro passou em branco, e que para essa e muitas outras culturas existirem, houve e há necessidade, até hoje, de decretos que obriguem um corpo branco co-habitar com não brancos. Ouvir estórias, essa e outras de outros, é desejar ouvir e compreender o outro em sua humanidade a muita das vezes negada. Ainda sim, ouvindo, contando e escrevendo estórias que ouvires da humanidade do outro, deixa ir e vir a narrativa e, assim, continua a eternidade com a palavra rendendo-te ao fato de estares mais vivo com ela. A palavra do outro agora consigo, mais interligado e interagindo com tudo, mais alegre, potente. Ouve com atenção: todo o seu esforço, toda sua exploração é tencionada pelo seguinte: uma palavra humana lhes foi dirigida, a qual querem reconhecer e à qual querem responder – não na qualidade de alunos, ou de sábios, mas na condição de homens; como se responde a alguém que vos fala, e não a quem vos examina: sob o signo da igualdade³⁰⁰. Render-se ao fato de estar mais vivo, também para um Corpo-Escola com palavras, implica ser mais humano com tudo...

, ...

O que se escreve deve ser carregado de vida, de forças que façam parte do viver, do cotidiano, da memória, de estórias de vida. O que ouves aqui não são palavras quaisquer, mas palavras de vida de um Corpo-Escola que se inventa e reinventa todo tempo... Ouve as palavras em uma carta escrita pela A Que Guarda quando ela pedia à escola para ser Rainha. Essa carta tem também uma estória... Num ano passado, A Que Guarda, que era aluna do quinto ano do Ensino Fundamental, não tinha sido Rainha ainda. E ela escreve uma carta e pede à escola para que a deixem ser Rainha. Ela pediu à Virgem e à Garantia Griote a oportunidade de ser Rainha da

escola. Na época, *Valorosa Griote* não estava na escola, mas é convidada para coroar os Reis – *A Que Guarda* e *O Que Vem* a convidam. Bom, nisso passou um ano e *A Que Guarda* começou em Outubro, no fim do seu reinado, quando quase na hora de passar a coroa, a ter dores de barriga, a reclamar que ia perder a coroa para *Jasmim*. E todos os dias *A Que Guarda* dizia: “Ah, eu não queria passar essa coroa”, “ah, eu estou ficando nervosa porque eu vou perder o trono”... e isso foi ficando repetitivo.... Um dia *Valorosa Griote* diz para *A Que Guarda*: “Minha filha, você tem três opções: ou ficar reclamando e ficar inconveniente, ou sentar e chorar, ou escrever uma carta de despedida e conhecer melhor a *Jasmim*”. *Valorosa Griote* fala isso numa segunda-feira pela manhã, num dia em que o Corpo-Escola estava muito movimentado. E Passou... *A Que Guarda* volta para a sala e, lá por volta das 15:30 horas ela entrega uma carta. Podes perguntar o que o Congado “ensina” ou o que se “aprende” com ele. Pode-se cartografar rastros desse “ensinar-aprender” com as palavras de uma carta, que em cada uma de suas linhas carrega um ensinamento, dizem da dor de perder essa coroa e ao mesmo tempo da alegria de a ter recebido... Tristeza e alegria... Vês?, com palavras de uma carta... Uma criança está a dizer de aprendizagem afetiva, aprendizagem de passar adiante um conhecimento de vida, que é vida... Talvez esteja a dizer: ***Era isso que, agora, eu mais queria ser: um espírito do rio. Ser água na água, ficar longe do mundo, mantendo-se no seu centro. E ter poderes que nasciam de nenhum confronto, coroada pela simples aceitação de um mando sem voz. Era isso o tudo que ela queria***³⁰¹. Ouça bem, uma coisa que precisa ser dita e ouvida é a seguinte: as crianças desse Corpo-Escola pedem para ser Rei e Rainha e esse Corpo-Escola faz compreender que não é a cor da pele que define quem vai ser o Rei e a Rainha, mas o compromisso dessa criança e dessa família com uma cultura afro-brasileira. Todos nós recebemos e bebemos dessa herança e é bom que todo Corpo-Escola possa comemorar, celebrar esse encontro, um encontro com o outro, um corpo que parte e encontra um outro e que resulta num *terceiro instruído*³⁰². Por isso a cor da pele não é o mais importante. O mais importante é o com-portamento e, ***com-portamento significa por juntas várias coisas para trocá-las de lugar, transportar ao mesmo tempo uma reunião de coisas***³⁰³. Para este Corpo-Escola, com-portar faz sentido no como ele traz e como faz *com* o outro, e também a seriedade como comemora, celebra esse câmbio e transporte tão importante reunindo coisas tão singulares do outro. Em cada corpo, podes ver, há traços inscritos de cada africano que aqui chegou... Traços destas inscrições deste Corpo-Escola fazem-no um Corpo-Escola Arlequim, um corpo mestiço, *com* uma aprendizagem mestiça, isto porque ***toda a aprendizagem consiste numa mestiçagem***³⁰⁴. As palavras sabem e as

crianças deste Corpo-Escola sentem isso também. Então, ouve esta carta de uma criança e compreende *uma* aprendizagem mestiça deste Corpo-Escola: "Juiz de Fora, 1º de Novembro de 2012. Carta de Despedida. Quando eu era pequena, ficava doida para ser rainha. Eu achava que tinha o direito de ser coroada, pois sabia detalhe por detalhe as histórias do Congo contadas pela professora. Quando as meninas falaram que era bom ser Rainha, pensei: vou pedir para ser coroada. Eu já gostava e admirava as roupas e a coroa. Foi no sufoco conseguir ser Rainha Conga, pois eu não era negra, mas eu me sentia no direito de ser, porque tenho antepassados negros. Minha bisavó *Mestra Poderosa Estabelecida Por Deus*, avó de minha mãe, era negra. Eu me lembro dela, já doente, em cima de uma cama. Ela morreu quando eu tinha cinco anos. Hoje eu fico pensando que poderia ter conversado mais com ela, porque minha mãe fala muito bem sobre ela. Sim, eu tenho orgulho de ser descendente de negros, pois sei que eles ajudaram tanto na construção do Brasil, nos conhecimentos das ervas, na plantação de cana-de-açúcar, na dança, no conhecimento e na cultura. Representar a Rainha do Congo é importante porque representa o povo afro-brasileiro. Ser Rainha Conga na escola *Aquele Que Acrescenta/Amigo Íntimo* é tipo ser a menina mais importante com responsabilidade constante. Tem muitas pessoas que eu gosto e agradeço por terem me deixado assumir esse cargo, como a diretora *Virgem*, a vice-diretora *Cristã Cheia De Graça* e também os meus colegas de classe. Agradeço também os meus professores por terem apoiado a minha reivindicação. Tudo o que eu faço é uma lição para mim. Dá vontade de brincar, é legal, mas estou crescendo e vou me dedicar a outras coisas. Eu vou ter que passar o trono para a *Jasmim* que é a próxima Rainha eleita. Eu sei que ela vai gostar. As pessoas que já foram Reis e Rainhas na escola sabem bem o que eu estou falando. (Assinado) *A Que Guarda*". Esta carta foi lida no dia da coroação do novo Rei e da nova Rainha do Congo deste Corpo-Escola, coroação do Rei *Sagrado* e da Rainha *Jasmim*, lado a lado, coroados pela madrinha da festa escolhida em comum acordo com todos, professores e alunos. A madrinha escolhida para a coroação do Rei e da Rainha deste ano é *A Luminosa*, professora mais antiga da escola, professora que em palavras que antecedem o gesto da coroação diz custar a se aposentar, e esse custar se deve às crianças, a seu amor pelas crianças. A coroação! Vozes em uníssono: "Viva o nosso Rei!!!" Resposta uníssona: "Viva!!!" "Viva a nossa Rainha!!!" "Viva!!!" Mas, ainda não acabou... Agora o Corpo-Escola quer fazer uma homenagem para as pessoas que são especiais para as crianças. Pois, ouve: Uma das coisas mais importantes do Congado é valorizar e respeitar os mais velhos. A cada ano o Corpo-Escola homenageia uma pessoa. Já homenagearam os avós, homenagearam as mães, mas ainda não homenagearam os pais. Mas, este ano o Corpo-Escola homenageia todos os educadores desta escola – professores, professoras, funcionários, pesquisadores... Vês que até

tu foste homenageado, tu *Combatente Glorioso/Nobre Brilhante*? Então, todos se aproximam, todos. Uma fila de crianças ocupa o centro do pátio interno do Corpo-Escola. Duas filas formam um corredor. As crianças desembanham suas espadas e erguem-nas ao alto para receber o cortejo de todos os educadores deste Corpo-Escola. Uma canção sustenta uma canção, vozes fortes e ritmadas de crianças durante a passagem ecoam no coração do Corpo-Escola... Ainda um acontecimento – uma homenagem à professora e coordenadora *Garantia Griote* por ter recebido uma comenda, a Medalha Nelson Silva, honraria da Câmara de Vereadores da cidade, dada àqueles que se destacam na valorização da cultura negra, seus esforços e dedicação. Este Corpo-Escola, já sabes, recebeu outras vezes essa honraria. Então, a despedida das crianças... Canção forte, uníssona de uma despedida para um “até breve”... Vês? Ouves? “Adeus vou-me embora, adeus/ adeus eu já vou-me embora/ Pelas águas do mar eu vim// pelas águas do mar eu vou-me embora...”

, ...

Sentes que há as agruras da vida. Imagina-as sem ainda saber, por exemplo, da relação de um suposto acontecimento de uma vida com o Tudo da Vida. Tens cá um ouvido a mais. Em princípio, quem ouve imagina coisas. É paixão sem causa. Em princípio. Mas, se um corpo, por exemplo, um Corpo-Escola deixa-se afetar com um corpo de mãe – ainda um exemplo – por esse ouvido, pode-se compreender que há bens para males supostamente imaginados... Esse ouvido aqui foi ouvido de quem viu. Ouve: O *Homem Forte De Deus* vai para fora da sala para assistir, ou melhor, ouvir a *Palavra Boa* com o professor que fez uma canção. Fazem a *Hora da Palavra Boa*, a palavra escolhida pelos pequeninhos é **Amor**. Ouviste? *Amor!* Foi lindo. Contudo *Valorosa Griote* tem sempre que ainda subir na cadeirinha – para chamar atenção, (im)por um certo tipo de ordem, essas coisas... – e subir na cadeirinha virou quase que um símbolo. Aí acontece: os alunos sobem para as salas. Quinze minutos depois, a mãe da *Mensageira*... A história da mãe da *Mensageira* é uma história muito complicada, porque a *Mensageira* tem seis anos, mas é uma menina assim..., de corpo que dói, de agressão doída na carne de uma série de coisas, relações muito complicadas... Só que a *Mensageira* estava empolgadíssima com a música e tal – hoje ela não veio à aula. E aí as professoras falaram assim: “*Quem quiser que a mãe venha assistir, fala a mãe para demorar um pouquinho para verem vocês catarem na Hora da Palavra Boa*”. Algumas mães vieram, outras não. Essa, não

veio. Quinze minutos depois ela chega, em prantos, a mãe que todo mundo fala que é isso, é aquilo, que é deixada, largada – aqui prefiro não mencionar coisas mais graves, mas que tu ouviste, mas guarda-as com respeito e sem julgamento. Sabe, tem muita gente que todo mundo fala, mas elas não sabem que elas também falam. Tem gente que olha o corpo do outro é para começar bater mesmo com os olhos, depois de dentro, e muitas vezes falam desse dentro pra fora sem dó, sem notarem que quando batem, sente dor e apanha a vida que se vive é junto. Peço desculpas, não são palavras boas. Não ajudo aqui ninguém com essas palavras, nem os que batem ao longe ou em qualquer outra distância. Ninguém ajuda o outro desmerecendo, ninguém, nem mesmo por palavras... Mas essa mãe veio, veio chorando muito. Mas, o que duas professoras fizeram, podes adivinhar? As duas maravilhosas, a *Varição De Nobre* e a professora de música? Resolveram fazer um sarau especial para aquela mãe. A mãe sai da sala de aula, dá um abraço em *Valorosa Griote* e diz assim: “Muito obrigada, e muito obrigada a essa escola”, e começa a contar toda a história: “Eu fiquei trabalhando até de madrugada [...] e de manhã eu não consegui acordar. [...] Ela veio para a escola, quando eu vi, passou a hora da Palavra Boa e essas professoras fizeram uma hora só para mim”. A mãe estava, sabe?... Parecia que estava nas nuvens de ter tido a honra. E aí ela fala: “Você viu como ela cantou lindo? Era a mais linda de todas”. Eu fico impressionado como é que sem querer uma coisa dessas repercute. São mistérios da vida, compreendes? Também eu não. Tudo concorre para a grande melodia da vida. Talvez o que se ouça seja essa concorrência de tudo – coisas, cheiros, até os de cachaça, cerveja, dos vários homens numa noite só que uma mulher precisou ter por necessidade de sobreviver, sentimentos confusos, risos, choros... – uma grande melodia acontece com tudo isso, misteriosamente, cuja composição exata, seus acordes, escalas... Mal conhecemos a melodia do dia, a nota do momento, mas vozes de vidas como a dessa mãe completam e fazem essa grande melodia da Vida. Essa mãe, por exemplo, pode ser estranha e dissonante aos olhos e ouvidos de muitos, mas esse corpo estranho, no seu atraso, na sua dor, completa e dá andamento a essa grande e misteriosa melodia. O pranto dessa mãe por não ter podido estar presente, por exemplo, talvez diga a tristeza de seu corpo inscrito pelos encontros de uma noite, encontros nada serenos, e com isso quase perder uma manhã diferente encontrada em palavras que falam de verdadeiro *Amor*. Um corpo ver-se a cair novamente na Vida, em prantos, por ouvir cantado o *Amor* para si, especialmente... Ouves por teus olhos a melodia que canta a palavra *Amor? Esta é a vida vista pela vida*³⁰⁵...

E tem essa coisa, a cadeira, que serve para talvez escrever, prosear, poetar, desenhar, descansar, ouvir, assistir alguma coisa, participar, para se sentar, mas que algumas vezes aqui se chama de *cadeirinha* quando a serventia é fazer das palavras lascas e faíscas por voz alta. Mas falar alto saindo lascas e faíscas eu sinto que tem muito na escola. Ocupar uma cadeira tem também algo de política de um corpo – fazer política. Talvez tenha a ver com essa coisa de política pública e uma certa cultura escolar. Digo uma certa cultura e não uma cultura certa. Ouça, mas também podes ver: uma certa cultura escolar está mais preocupada com o que é para fazer com a criança, uma coisa mais prescritiva. Mas, não há uma preocupação com esse menino. Quem é esse menino? Mais que palavras-nome, desempenho quantitativo etc., palavras e números de superfície. Estás a me acompanhar? Vou mais longe: Quem são os pais? Quem são os amigos? Quem é a comunidade?... Mas fiquemos por hora com os meninos. Quem é esse menino? Por que ele faz ou diz isso ou aquilo? Questão mesmo que passa pelo corpo, entender os afetos de um corpo. As palavras e números de superfície produzem certa cultura escolar que se reproduz na fala do professor e se inscreve num Corpo-Escola. Ouve: Ontem, por exemplo, o que se ouvia aqui eram as palavras: *“O filho tem a família problema, família desestruturada, construir o acesso ao filho”*... Não vamos falar de família desestruturada pelas palavras, senão vamos ter que falar de cada um de nós, de nossas supostas desestruturas, ver que o problema não é o outro, é de uma outra ordem, ou melhor, de uma incompreensão dada pela imaginação da ordem de nossas causas. Já sabes, as coisas não se fazem, as coisas são em outra coisa. Quando encontramos, as coisas já aparecem feitas. Esse “já” é o que encontramos, são inscrições *em* outras coisas, fruto de relações e composições infinitas. Um *Aqui-já* pode ser já outra coisa. As coisas só (a)parecem feitas. Tu sabes quando encontras, mesmo não sabendo o que já aparece feito. Assim, não vejo e ouço muito de uma certa cultura escola querer olhar, ouvir isso – para os meninos e tudo mais. Não adianta, então, subir numa cadeira, cruzar os braços e esperar os meninos fazerem silêncio e esperar calar... Qual o sentido da palavra aqui? Tem sentido? Porque isso é a espera de um silêncio e de uma palavra que é da cultura da autoridade. Esperar silêncio nisso é fazer calar – um não à palavra. Isso talvez seja autoritarismo pelo silêncio e pelo roubo da palavra... Isso torna objetal e abjeta a voz, a palavra, torna objeto o outro, o corpo é um outro abjeto como um problema em si mesmo... O sentido da *cadeirinha* talvez esteja aqui – um corpo que espera ser visto e ouvido por inteiro só pela medida mirada por todos, medida que parece pronta por fora e somente visto sem palavras da cabeça aos pés. Assim, na escola como na *cidade, a moral é ensinada com os pés do professor [muitas vezes em cima de cadeiras] e dos alunos bem assentes num*

*pântano. As regras de conduta são proferidas e exemplificadas pelo mestre. Em poucos minutos, mestres e alunos deixam de ver os próprios pés e, em poucas horas, desaparecerão pernas e tronco e só a cabeça que ensina ficará acima do pântano repetindo em tom meigo que os homens entre si são quase irmãos e outras belezas semelhantes. No entanto, de cima, da parte [da escola e] da cidade que ainda resiste ao pântano só descerá uma corda e essa corda tem um destinatário: o excelente mestre. Afundam-se, pois, os aprendizes (que só soterrados – tarde demais, portanto – conseguirão aprender a lição especial³⁰⁶. Não adianta subir na cadeirinha e esperar calar. Não. Se não se dá a contrapartida do afeto que é olhar e escutar esses meninos na hora que eles estão aqui rindo, quando eles pedirem ajuda nas coisas que eles precisam. Então, se pudermos fazer isso, eu não subo mais na cadeirinha. Os professores reclamam de que? Da congregação dos meninos. Eles entram, correm, gritam... Então, que o subir na cadeirinha seja o momento de talvez eles olharem um corpo que diz num gesto altivo, mesmo que grosseiro, um momento do corpo sossegar, de saber: agora vai mudar de atividade, outros movimentos e repousos, outros afetos, outras relações... Não é querer mudar ninguém, fazer ver o corpo pela autoridade mostrando bem alto subindo numa cadeirinha, mas mudar as relações de movimento e de repouso, possibilitar novos e potentes encontros. Ouça: deve haver um estado político, já que corpos em estado de natureza seriam entregues à própria sorte, cada qual a querer defender sua própria vida, talvez com unhas e dentes – seria matar ou morrer, quiçá ambos. Um estado político garantidor de *um estar junto* possibilita uma melhor chance para nosso *conatus*, para que cada um persevere em existir e pensar *com* muitos outros corpos que também desejam existir e pensar. Uma salutar comunidade política, também de um Corpo-Escola, passa por firmar um certo *contrato social* que implica em seguir um conjunto de leis comuns “lembradas” e feitas seguir por um líder que direcione e organize, ainda que subindo em uma cadeirinha, os esforços dispersos para um *esforço em comum*. Estar aqui e colocar-se nestas relações é poder engendrar um trabalho *comum* de aprender *com*. Vês razão e inteligência num corpo sobre uma cadeira? Sim, somos todos aprendizes e nunca é tarde demais, portanto, conseguir aprender a lição especial de viver, mesmo que às vezes se tenha os pés num pântano. Ouviste a lição de cadeira?...*

Um ouvido com sequência da Hora da Palavra Boa. Ouve o pequeno texto que faz *Aquele Que Tem A Graça De Deus*. São algumas linhas que ele escreve: *“Bom dia, alunos e professores. Nós do 6º ano estamos para desejar um bom dia, um dia feliz, sem briga e sem bagunça, só paz e ternura”*. A Palavra Boa de hoje é *Paz e Ternura*, que foram as palavras que *Aquele Que Tem A Graça De Deus* escreveu. Sim, as crianças escrevem palavras, palavras boas, pequenas frases e textos e, algumas vezes, depositam-nas nos bolsos de uma professora – *“Oh tia, é pra ler na Hora da Palavra Boa”* – dizem. Aí chega a professora na sala antes do início da aula deles após ler a palavra **ternura** para conversar a respeito do pequeno texto do dia. As crianças da sala falam: *“Eh, esse negócio de paz a gente entende, mas esse negócio de ternura a gente não entende não. Eu aposto que o Aquele Que Tem A Graça De Deus chutou”*... Aí esse se defende: *“Eu não chutei não, eu sei o que que é!”*. Então, na sala começa a maior discussão da palavra, o que é **ternura**. E antes de irem ao dicionário, ao significado, tentam compor o sentido da palavra pelo texto que a criança meiga, sensível branda, afetuosa, *Aquele Que Tem A Graça De Deus* escreveu. *No dicionário, há cadáveres de palavras, não palavras. No dicionário, está a sombra da palavra. E, ao fechar o dicionário, começa a rebelião da palavra, a dança da palavra, a abertura infinita da palavra. Por isso, não há de buscar no dicionário aquilo que não se buscou na vida. Não se há de saber no dicionário aquilo que não se soube na vida. A palavra sobrevive e antevive ao dicionário*³⁰⁷. Palavra **Ternura** tirada das sombras, palavra rebelada, aberta, infinita: meiguice, carinho, afeto brando sem grandes transportes... Então ouve: numa palavra boa, de paz, há silêncio, tranquilidade, sossego, o cessar de hostilidades. Uma palavra boa de paz com afeto aumenta a potência das palavras e dos afetos – tem ternura, carinho... Não é preciso ir muito longe para a paz e a ternura serem gestos, ações, palavras boas. É sem grandes transportes. Num Corpo-Escola, por exemplo, passa do coração de uma criança ao bolso de uma professora. Sacar do bolso e lê-las numa hora de palavra boa é fazer os afetos ganharem grandes distâncias, de um coração para muitos outros corações... Deste dia *restara a lição: as pessoas é que abrigam a casa [e a escola], a ternura é que sustenta o tecto*³⁰⁸. Ouves aqui paz e ternura, sem grandes distancias? Ouves as palavras de corpos que abrigam um Corpo-Escola, a ternura que o sustenta, tranquilo, um sossegado e terno *aqui-já?*...

Sabes que em todo sítio há números e palavras indicativas de lugares, posições, coisas e tal... Numa escola não é diferente. Os sítios são demarcados – sala da direção, sala dos professores, biblioteca, salas de aula numeradas... E em cada sítio essas palavras demarcadas se produzem e reproduzem *ad infinitum* nos demais sítios. Por exemplo: As palavras de um professor que sai da *Sala de Professores* e entra numa *Sala 4*, por exemplo, pode passar a nomear, a representar coisas através de sua disciplina pelas e por palavras, com voz autorizada. Um professor de Matemática, por exemplo, pode levar representativamente palavras e números em maior grau – um professor sai da *Sala de Professores*, entra na *Sala 3*, expõe e apresenta a Matemática por palavras e números de modo representativo ou fala *sobre* a Matemática em palavras e números. Sabes?, palavras podem cair e se engaiolar em sempre dizerem “isto ou aquilo”, “aquilo e o que vem depois daquilo” repetidas vezes. E, assim, pode ser com todos os professores e em todo e qualquer sítio de uma escola. Todo nome tem algo de coisa. Nomes próprios e nomes comuns... *Vê no que concerne à linguagem: os nomes próprios têm, em primeiro lugar, todo seu poder como caixas das quais se extrai o conteúdo e, uma vez esvaziados pela decepção, ordenam-se, ainda, uns em função dos outros, “encerrando”, “enclausurando”, a história universal; mas os nomes comuns adquirem seu valor introduzindo no discurso pedaços não comunicantes de mentira e de verdade escolhidos pelo intérprete*³⁰⁹. Nomes próprios e nomes comuns de coisas... Mas toda coisa é *em* outra coisa. Palavra não é etiqueta de coisa e nem de lugar... Mas, veja essas palavras de um Corpo-Escola e fale-as alto para ouvires e diz o que ouves: *cretar, la de profes ore, retor, biblioteca*. Soam estranhas, não? Estranhas palavras, mas que estão a demarcar sítios de escola: *Secretaria, Sala de Professores, Diretoria, Biblioteca* – palavras-etiquetas como o nome e que estão prontas a serem coladas em todos os corpos, em todos os sítios, dentro e fora, por exemplo, de uma escola. Não penses que palavras não têm uma atração forte e desejo de poder e de servidão, principalmente por uma e através de uma voz autorizada sobre um corpo que se deseja desautorizar. Há muito disso em sítios de escola. Mas, *cretar, la de profes ore, retor, biblioteca* são também palavras, mas palavras-trapaças de alguém com as palavras-etiquetas num Corpo-Escola. Com as palavras pode-se brincar, jogar e, às vezes, essa brincadeira ou jogo passa pela trapaça. Uma boa e necessária trapaça pode dar o que pensar. Se vires tais palavras trapaceiras em sítios de escola pensa que *essa trapaça [é] salutar, essa esquiva, esse logro magnífico [é] que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura*³¹⁰. E essa trapaça tem a ver também com fazer escapar

da relação poder/servidão do corpo pela palavra, da palavra palavra-autorizada e autoritária de poder que deseja servidão dos corpos. Sim, *na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente. Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem. Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado*³¹¹. Ah, podes ainda perguntar pela palavra *biblioteca*. Vês ali um nome, uma palavra etiqueta ou uma trapaça? Ou melhor, compreendes *biblioteca*, um sítio de/para trapaças? Hoje lês *biblioteca* numa porta que fecha um sítio. Não te atendas ao que vês superficialmente. Já viste e visitastes esse sítio inúmeras vezes. Sabes que além dessa porta há palavras, muitas palavras, palavras para *saberes* principalmente *em* livros. Superficialmente tomadas, num sítio de escola, são muitas vezes palavras autorizadas para vozes também autorizadas para muitas vezes desautorizar corpos. Vês?, relação poder/servidão. Mas, chega perto e vê que esse é um sítio, como todos os outros, bom para trapaças e jogos. Abre a porta, entra lá e ouça palavras. *No tienen prisa las palabras*³¹². Não te atendas a portas de sítios e palavras fechadas que mires e digam só “isto” ou “aquilo”. Entra, ouve. Sem etiquetas...

, ...

Adentrar sítios requer respeito. Há muitas forças que se colocam em jogo quando um corpo atravessa uma porta. Por exemplo, um sítio reservado nomeado *biblioteca*. Há nesse sítio uma hierarquia bem organizada e estabelecida das palavras – fundamentalmente, a disposição de livros e documentos garantem uma certa ordem hierárquica (temas, assuntos, autores, de A a Z etc.)... Numa primeira visada, a disposição dos livros – lado a lado, como latas de conservas numa gôndola de mercado. Se te puseres diante de uma estante ou gôndola, verás que há coisas interessantes para todo teu corpo. Mas, por uma questão de dieta prescrita para o nosso tempo, preferes, às vezes, substância só para a cabeça. Mas, aí verás que todo teu corpo padece de desejo de mais alguma coisa. Engordas pela cabeça e verás que a prisão de teu ventre passa pelo acúmulo de tua cabeça. Bem, mas diante de uma estante ou gôndola há sempre alguma coisa mais interessante ao lado. E aí te moves *lateralmente*. Aí reforças uma mentalidade lateral pelo movimento como tu te moves. Não são precisos muitos movimentos e logo afirmas o movimento do homem – movimento lateral. E se movimentares só para um lado, serás um homem muito comum hoje, um homem unilateral. Serás um homem com um corpo

preparado da cabeça aos pés para o que supostamente muitas cabeças prescrevem no nosso tempo. Serás um homem interessante, *mentalmente lateral como todos os indivíduos interessantes. Existem os assuntos que mudam o mundo e, ao lado, existem outros assuntos. A gramática, para a linguagem, é tão perigosa como a água para um pré-afogado. Todos os homens vivos com medo da água são pré-afogados. Todos os homens vivos com amor à água são nadadores. Ninguém tem a experiência do futuro, no entanto temos a palavra. E se todas as experiências fossem como experimentar o futuro, ou seja, impossíveis? O que faríamos de tantas palavras? Resposta: literatura, ciência, cidades [, escolas] e tudo o que é humano em geral. Podemos pensar numa personagem mais ou menos ficcional: alguém que experimentava palavras, como se experimenta um casaco, ou o frio do pólo norte e o quente dos trópicos: aquele homem experimentava palavras*³¹³. Muitas vezes entrar num sítio com estantes ou gôndolas é acumular informações e seguir uma dieta equivocada (por essas nunca serem suficientes para os dias de hoje...). Os tomos, como latas de conservas, conservam experiências hierarquizadas de existência, mesmo vencidas pelo tempo. Um cuidado: ao adentrares num sítio desse não te tornes um ser humano de acúmulo de informações. Aliás, podes ver que nas estantes e gôndolas daqui e de outros sítios, a expressão *ser humano* vem grafada de minúsculas... Mantém teu corpo aberto para outras funções, experiências dietéticas, direções variadas e múltiplas, potentes para todo teu corpo. Falo da abertura para os gestos e palavras humanas, maiúsculas, que esse sítio abriga e faz abrigar fora de conservas...

, ...

Violeta Angangawala prepara o sítio – papéis brancos, tinta, guardanapos, potes de água. Deseja fazer um trabalho com pintura. Conversas com ela e sugeres que pintem com as mãos, sem pincéis. Lembras? É uma questão de trabalhar com o tato. Não vês que os meninos, não só dessa turma supostamente agitada, têm tido uma vivência tátil violenta com os corpos? Pintar com o dedo é pouco, mas acredita que *com* essa experiência chega-lhes uma ideia ligeiramente diferente de corpo *com* as cores... *A cor está no corpo, a sensação está no corpo, e não no ar. A sensação é o que é pintado. O que está pintado no quadro é o corpo, não enquanto é representado como objeto, mas enquanto vivido como experimentando determinada sensação*³¹⁴. Não, não é preciso pensar em tudo, mas

pensar à medida que as coisas se coloquem... Aulas acontecem nesse sítio – a biblioteca. Há cadeiras e mesas amplas, redondas e grandes para abrigar leitores, escritores, consultores etc. E o etc. inclui pintores... Explico-te: Uma aula de literatura no andar de cima trabalha uma estória de Gana e depois os alunos, um número entre vinte e vinte e seis, vêm à biblioteca dar continuidade ao trabalho iniciado em sala. A estória dada a ler intitula-se *Como a Sabedoria se Espalhou pelo Mundo*. Vou contar-te: Há muito, muito tempo, quando o mundo ainda era novo, Kwaku Ananse, o Aranha, era considerado e, verdade seja dita, também se considerava o homem mais sábio de toda Terra. Sabes?, esse O Aranha queria comprar as estórias do Deus do céu e aí ele teceu uma teia até lá, no céu... Sabes bem que em África, em suas estórias há bichos que um dia falaram, foram reis, foram soldados e se envolveram em infinitas aventuras, bichos que se deixaram levar por paixões e, para atingirem seus objetivos, usam e visam as mais diversas artimanhas. Mas, volto à estória. Kwaku Ananse era muito ganancioso e desejava guardar toda a sabedoria para si. Dia e noite, noite e dia, Kwaku Ananse, consumido pelo seu egoísmo, não compartilhava seus conhecimentos com ninguém, até que falou para sua esposa: “É muito difícil proteger minha sabedoria o tempo todo. Faça para mim um pote de barro onde eu possa colocá-la e guardá-la com segurança”. Feito o pote de barro e, depois de ter secado no sol forte, Kwaku Ananse pegou toda sabedoria, colocou-a ali e tapou com uma rolha de cortiça. O artimanhoso e astuto Kwaku Ananse resolveu esconder o pote numa caverna na margem do rio oposta à de sua cabana, onde nenhum intrometido pudesse pôr os olhos. Ele ergueu o pote e foi entrando na água com dificuldade. Infelizmente as pedras do fundo do rio eram escorregadias e, O Aranha não se sentia muito firme ao caminhar. Foi quando num momento ele caiu dentro d’água e o pote voou pelos ares. Ao bater contra as pedras, o pote partiu-se em centenas, até milhares de pedaços e, toda sabedoria do mundo foi levada rio abaixo. O rio, repleto de novos saberes, correu para todos os grandes mares. E foi assim que a sabedoria se espalhou pelo mundo. Vês?, sabedoria do homem acumulada, egoísmo do conhecimento que é universal restrito a uma pessoa, não-partilha do que se sabe, guarda de/do conhecimento em lugar seguro... Que estória boa para vir parar em um sítio como a biblioteca! Chegam as crianças do andar de cima e entram na biblioteca. Vozes altas, falatórios, empurra-empurra... Perguntam para ti sobre a atividade: Como eu pinto a sabedoria? Tu dizes ao ouvires a pergunta: Não é desenhar com o dedo. Mistura as tintas aos poucos, experimenta ver o que dá. Citas Goethe, um poeta: “A cor é luta entre a luz e as trevas”. Grande é a Natureza. Então, com as tintas, com as cores, chegar ao marrom. Todos querem o marrom. Há de produzi-lo com teus dedos... Ensinar os dedinhos a trabalhar. Dedos à obra... Vozes, gritos, alvoroço com o material. Fantástico – mistura de cores no papel e outras cores surgem... “Não tem outra cor não?”, ouves. “É o que

você tem. Você é o criador agora!" Todos querendo o marrom. Vermelho + preto! Querem rasgar as folhas, não gostam do que surge a princípio... Dizes: "É a sua arte, criação, assinatura, é seu corpo criando, relacionando-se com um material que não dominas totalmente". Lembras a eles de Michelangelo, a Capela Sistina. "A Criação". A ponta dos dedos de Deus e Adão, o primeiro homem. Dizes de mesa em mesa para irem com coragem, usando o que lhes for necessário... Perguntam-te: "O que você acha?" Respondeste: "Eu vou julgar algo que você cria?" Ai, ficou marrom! Fazer um pouco, deixar secar, deixar descansar... Veja a conversa com as cores... Não deixe o corpo ir sozinho, por acaso... Vá e siga *com* as cores... O *Guerreiro* conseguiu criar um lindo marrom! Todos vão ver. O tom ficou maravilhoso... Que beleza de marrom, um marrom acobreado. Cada um *quando se adverte a si mesmo que pode e deve nomear com suas cores uma mancha de terra, está percebendo os diferentes graus de intensidade inadvertidos na imensidade da Terra (as diferentes forças de toda ordem que configuram os Espaços) naquilo em que só parecia um continuum qualitativo e indiferenciado (como quem descobre o modo infinito imediato no modo infinito mediato): a Arte é um procedimento para individuar intensidades, para produzir indivíduos estéticos, como a Política o é para produzir indivíduos éticos e a Ontologia para gerar variações metafísicas*³¹⁵. *Ministra* faz também um marrom. Ao mesmo tempo *Estrela* diz em alta voz: "Eu não gostei do meu, está horrível". Tu perguntas a ela de chofre se ela conhece a estória do Baobá. Não? Então, tu dizes que em breve ela vai ouvir uma estória contada por esta escola, a estória de uma árvore que se chama Baobá, e que ela vai identificar traços dessa estória nisto que ela se queixa agora. Sim, vai ver traços seus numa estória de árvore. Ouves ao longe: "Se sujar a mesa tem problema?" Dizes ter problema e solução – tem problema pois suja-se a mesa, tem solução pois pode-se limpá-la. Não te surpreendas se ao final do toque do sinal que encerra as atividades neste sítio uma aluna que teu Corpo-Escola menos espera fique tenaz a limpar manchas da experiência de corpos *com* as tintas. Vês, é ela... *Um Aranha* surge em uma folha... "A cabeça da aranha é pra cá, não é?" Sim, a aranha é sua, você pode colocar a cabeça dela onde você quiser. A criação é sua. Vês uma pintura na qual só há cores na parte superior da folha... "Equilibre aqui embaixo", sugeres como uma dietética para um corpo de uma folha... Sim, textos, pinturas, desenhos etc. também "espelham" nosso corpo, seus afetos, seus excessos, deficiências nutritivas... Aqui nutrição que não engendra até o fundo, o corpo todo. Alunos do 9º ano espiam pela janela que dá para o pátio junto à quadra, a atividade na biblioteca. Começam a mexer com o *Guerreiro*. Cuspiram nele. Uma boneca surge dentro da biblioteca, jogada pelos espíões de fora.

Reconheces a boneca – é da *Atendente Dos Serviços Religiosos*, estudante do Ensino Fundamental. Perguntas: Quem jogou? Chegas à janela, olhas para fora e todos saem sem manifestarem a responsabilidade. Retomas o olhar para a atividade do sítio interno. “Gente, olha isso. Dá gosto ver o que vocês fazem!” Sorriso de batom numa aranha. Complemento de outras cores... Atentas a uma pintura: “Uma sugestão: Você deve perceber e estar sentindo que no que você fez trouxe equilíbrio para a sua criação. Agora, veja: algo precisa respirar aqui, conversar; o alto com o baixo. Há algo no meio dessas duas instâncias que não está presente. Com o azul? Não sei. Veja o que você sente. Verde! O verde costuma ser uma cor que respira muito no meio...” O que dizes, ao olhares para uma pintura, é que não se equilibra uma cabeça empanturrada com o empanturramento do estômago. Fazes sentir ao outro que falta o meio, uma percepção do elemento rítmico. Sutilmente mostra-lhe o coração... Ouves minutos depois quase que um mote de gozação com a expressão “essa aranha precisa respirar”. “Professor, agora a aranha está respirando? Olha...” Podes ver como muita sabedoria se espalha pelo mundo, mas aprendê-la, produzi-la e continuar a passá-la em pequenos gestos é o que espera o mundo. Há pequenos momentos que teu mundo, toda tua matéria disponível está em um sítio de escola, em cores, e pode ser vista até mesmo na ponta de dedos infantis. E podes continuar a espalhar sabedoria. Tu, como um rio, assim como todos os demais que também fluem a seu modo, tu repleto de saberes que ali constituís, faze espalhar, leva essa experiência a sítios mais vastos, pelo mundo, em cores. Podem perguntar-te ou tu mesmo perguntares: *Quando secar o rio estarei onde? [Ora,] o rio vive dentro de si, o barco é que secará*³¹⁶. Assim, rios, regatos, riachos, todos em conjunto, percorrem distâncias, seguem com seu fluxo por leitos que variam durante a travessia. Mas, seguem e correm para os mares, sempre. E aí, nesse fluir conjunto, nessa travessia comum de todos os rios, de todos os fluxos, mas cada um a seu modo e tempo, que tu possas extrair uma grande sabedoria que talvez passe por uma corruptela de um dito popular: Tudo segue a Natureza, assim, todos os mares sempre vêm para bem...

, ...

Entras num sítio de aula, uma aula de literatura e podes ouvir estórias que puxam estórias... Digo-te assim porque estórias que se ouvem ou que se dão a ler, acumulam-se e concentram-se na memória do mundo. Em cada sítio do mundo cada estória adquire ou assume um modo idiossincrático de vozes, discursos, espaços, tempos etc. singularizados por um comum de um povo *com* os elementos que passam a compor uma estória. O mundo tem muitas histórias e

estórias, ficções do mundo, ficções com a matéria do mundo, histórias e estórias contadas também com ocorrências na/da outra margem do mundo... E quando as conta, as ouve ou as escreve, fá-las reviver e, assim, podes dizer: *estas estórias desadormeceram em mim sempre a partir de qualquer coisa acontecida de verdade mas que me foi contada como se tivesse ocorrido na outra margem do mundo. Na travessia dessa fronteira de sombra escutei vozes que vazaram o sol. Outras foram asas no meu voo de escrever. A umas e outras dedico este desejo de contar e inventar*³¹⁷. Há todo um mundo numa estória. Uma estória não deixa margem de dúvida: de lá ou daqui, conta-se um mundo. Conto-te uma estória a mais de *santinha*: Chama-se **Bonsucesso dos Pretos**³¹⁸. Conta-se que *no interior do Maranhão tem uma vila que se chama Bonsucesso. Ninguém, porém, a chama assim. Todos dizem Bonsucesso dos Pretos. Por quê? Vou contar. Há longo tempo, debaixo da escravidão, uma moleca desagradou ao senhor. Não sei o nome dela. Vamos chamá-la Felipa, um nome que se usava muito antigamente. Gozado essa coisa de nome... No tempo do Onça, por aqui ninguém chamava Simone, Mônica, Karen ou Roberta. Era Felipa, Anacleta, Jacinta, Jovina... Aborrecido, o senhor usou seu triste direito de castigar. Mandou levarem Felipa à floresta. Fosse amarrada num pé de pau até morrer de fome e de sede. Isso se as onças e cobras não fizessem o serviço primeiro. A mãe da escravinha se ajoelhou aos pés do dono: - "Perdoe, perdoe"... - gemia. - Eu prometo ser sua escrava para o resto de minha vida. - "Escrava você já é" - respondeu ele. - "Não prometa o que não pode cumprir. Levante daí". A própria esposa dele se meteu: - "Perdoa desta vez. Dá outro castigo. No mato ela morre". - "É pra morrer. Você é mulher, mas pode entender uma coisa: estamos cercados de escravos. Se não formos duros, eles não nos respeitam. Se não nos respeitam, estamos fritos. De brancos aqui só temos eu, você e o padre. Já pensou? É negro pra todo lado". Pois o padre também pediu: - "Faça como Nosso Senhor. Perdoe". O dono fitou a batina com desprezo: - "Nosso Senhor não viveu aqui, no meio dessa gente. Cuide das suas orações, que é melhor". O feitor passou a corda nos pulsos de Felipa. E saiu com ela. Andou, andou, até achar uma clareira: - "Aqui está bom. Já verás, negra do diabo". Passada uma semana o dono chamou o feitor: - "Vá ver a negrinha. Confirme se já morreu". O malvado viu os urubus e pensou: "O serviço acabou". Qual! Felipa continuava amarradinha. Mas inteira. Ao seu lado uma gamela de frutas e outra de água. - "Quem deu isso?" - foi gritando. - "Minha madrinha". - "E tu lá tem madrinha?" - e chutou as gamelas. Passada outra semana, o dono ordenou de novo: - "Vá lá ver". Outra vez o feitor achou as gamelas. Dessa vez com favos de mel. Chutou tudo, como a primeira vez. Rogou uma praga: - "Que esse moleque que te protege o carregue o demo!" - "Não*

foi moleque” – respondeu Felipa. – “Foi minha madrinha”. O dono deixou passar um mês: - “Vá buscar o esqueleto”. Felipa estava melhor do que antes. Gordinha. O dono não acreditou: - “Você não está mentindo? Traga a sujeira aqui. Ou vai você pro tronco”. Quando o feitor chegou, Felipa já estava solta. Achou estranho. Bateu o mato. Se houvesse alguém, ele achava. Nada. Botou Felipa na frente e veio pra fazenda. Imaginem a surpresa do povo quando cruzaram o terreiro. Na presença do amo, Felipa não baixou os olhos. – “Se você tem parte com o capeta, vá dizendo” – ordenou ele. – “Quem te deu comida e água?” – “Minha madrinha”. – “Faz de conta que eu acredito. Quem é tua madrinha?” – “O senhor mande ver”. – “Vamos fazer o seguinte. O feitor volta lá contigo. Se encontrar essa tua madrinha, você está livre. Senão...” O feitor afiou o facão e lá foram. No lugar em que Felipa ficou amarrada, estava agora uma Nossassenhorazinha de dois palmos de altura. Desconfiado, o feitor enganchou a imagem nas costas e lá veio. – “Como prometi” – falou o senhor –, “você está livre”. Puseram a santinha numa capela com altar de madeira lavrada. No outro dia quando foram ver, cadê a santa? O senhor apertou Felipa. – “Mande ver no pé de pau onde o senhor me prendeu”. Trouxeram a imagem de volta. No outro dia, ela voltou para o mato. E assim diversas vezes: Na décima vez, o senhor trancou a imagem num cofre de ferro que comprou em São Luís. Era do Reino, que pra ele o ferro da terra não valia nada. A violência atraiu desgraças. Uma cobra mordeu o feitor e ele bateu as botas. Deu praga no algodão e se perdeu tudo. A senhora teve erisipela e ficou com perna de elefante. Cosme, o quilombola, passou por perto da fazenda e vinte escravos fugiram pra se encontrar com ele. (Bom, esta última coisa foi desgraça somente pro senhor. Pro que fugiram foi felicidade.) O padre, que estava ali pra impedir desgraças, deu um conselho: botasse a imagem num prato, largasse no rio. Onde ela parasse, é que ela queria ficar. A senhora obrigou o marido a fazer promessa: se ficasse boa, libertasse dez escravos. Pelo rio abaixo, a Nossassenhorazinha parou onde é hoje Bonsucesso dos Pretos, porque ali vivem, até hoje, os descendentes do povo de Felipa. As crianças em um sítio de aulas, mas com carteiras colocadas de modo a formarem um círculo. Cada qual com um texto em mãos dessa estória que é lida por alguns que se habilitam a fazê-lo. Há silêncio durante a leitura. Tu te atentas à atmosfera da aula, estás atido aos gestos de cada corpo que lê pela voz do texto. Ao teu lado alguém que se perde na leitura. Apontas num gesto preciso com teu dedo a linha que os olhos ao teu lado deixaram por instantes de acompanhar as palavras do texto. Um gesto de um corpo alinha uma atenção perdida... A aula segue com as crianças falando do texto. Em frente a ti uma criança conta com alegria que em sua casa contam uma estória de uma *Nossassenhorinha*. Levantas os olhos em direção a essa estória *familiar* contada por uma criança. A estória de uma *Nossassenhorinha* bem caseira, ali da comunidade deste Corpo-Escola. Essa criança conta uma

estória interessante, muitíssimo semelhante a esta que ouviste em aula, mas esta dessa criança se passa em casa. Mas, infelizmente não a ouves direito, a voz rápida da criança não consegue concorrer com o barulho que se faz ouvir nos corredores e pátio externos... Toca o sinal para o intervalo de recreio. Aumenta o barulho, os movimentos dos corpos se fazem mais bruscos e abruptos... Levantas de teu sítio calmo, mas ainda a olhar a criança que trouxe uma estória de *santinha familiar* a juntar seu material numa mochila. Uma aula adquire outros movimentos e vozes... Mas, veja lá, ao ouvires uma estória como do *Bonsucesso dos Negros*, não ouves conhecimentos de vida, mesmo que tácitos, consigo mesmo, *com o outro e com o mundo*? Vês nessa estória uma possível pedagogia? Que pedagogia comum na nossa era vês quando ouves uma estória como essa? Ouve lá alguns signos e atenta a eles quando surgem demasiado num sítio de escola: *Gozado essa coisa de nome... No tempo do Onça, por aqui ninguém chamava Simone, Mônica, Karen ou Roberta. Era Felipa, Anacleta, Jacinta, Jovina... Gozado essa coisa de nome... Quantos professores conhecem, dirigem-se, comunicam-se com o outro referindo-se a ele pelo nome? Hoje o outro é um número numa lista de chamada, um número numa lista impessoal. Aborrecido, o senhor usou seu triste direito de castigar... O castigo para quem não se cala, não respeita, põe-se e segue a não aprender, uma violência perpetrada por quem supostamente sabe sobre quem supostamente tem de saber o que saber, mas aquilo que sabe o perpetrador. Se não aprende, que seja amarrado num pé de pau até morrer de fome e de sede. Isso se as onças e cobras não fizessem o serviço primeiro. Ou seja, anulado, tirada toda a ação, ex-posto à própria morte, e isso se as "onças" e "cobras", as forças de uma certa animalidade do mundo não o destruírem antes – o mercado, os mais espertos – os "amigos da onça" e os "venenosos e de sangue frio"... - "Perdoe, perdoe"... - gemia. - Eu prometo ser sua (seu) escrava(o) para o resto de minha vida. "Escrava(o) você já é". "Não prometa o que não pode cumprir. Levante daí". - "É pra morrer. Você é mulher, estudante, criança, negro, amarelo, não-cristão etc., mas pode entender uma coisa: estamos cercados de escravos. Se não formos duros, eles (você, os outros) não nos respeitam. Se não nos respeitam, estamos fritos. O suplício de corpos perpetrados, castigados para adquirem uma certa forma, a ser essa forma certa e não outra para uma certa educação pela superstição. A Pedagogia do e pelo medo. Quem se deixa levar pelo medo e faz o bem para evitar o mal não se conduz pela razão³¹⁹. Assim, uma pedagogia supersticiosa, produzida pela imaginação, pela passividade, pela tristeza, para governar multidões. Uma educação por supersticiosos... E os supersticiosos, que, mais do que ensinar as virtudes, aprendem a censurar os vícios, e que se aplicam a conduzir os homens não segundo a razão, mas a*

*contê-los pelo medo, de maneira que, mais do que amar as virtudes, fujam do mal, não pretendem senão tornar os demais tão infelizes quanto eles próprios. Por isso, não é de admirar que sejam, em geral, importunos e odiosos para os homens*³²⁰. Não vamos mais sacar a pedagogia de nossos dias dessa estória. Tens cá uma possível leitura muito comum e visível em sítios de escolas. Até por aqui, às vezes se ouve ou se vê. A violência atraiu desgraças na estória. E essa violência perpetrada pela pedagogia não só atraiu, mas ainda atrai desgraças. Podes senti-las no dia-a-dia de todo sítio. Num sítio qualquer de escola *falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. Queixamo-nos de que as pessoas não lêem livros. Mas o déficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros. Vale a pena ler livros ou ler a Vida quando o acto de ler no converte num sujeito de uma narrativa, isto é, quando nos tornamos personagens. Mais do que saber ler, será que sabemos, ainda hoje, contar histórias? Ou sabemos simplesmente escutar histórias onde nos parece reinar apenas silêncio? [...] A infância não é um tempo, não é uma idade, uma colecção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentimento de Tempo. A verdade é que **mantemos uma relação com a criança como se ela fosse uma menoridade, uma falta, um estado precário. Mas a infância não é apenas um estágio para a maturidade. É uma janela que, fachada ou aberta, permanece viva dentro de nós***³²¹. Lê nisso uma grande pedagogia a ser feita corpo-a-corpo com o outro e passa ao largo de produzires superstições e mitos de uma pedagogia de violências, de passividades, de tristezas e de desgraças para o Mundo. Superstições e mitos como da falta, do método e da finalidade. Ou seja, a falta (de saber, de capacidade, de potência) dos educandos é o mito que justifica os esforços da educação como suposta aproximadora das diferenças entre saberes-poderes. A falta que define a posição do educando é condição para as operações da ordem explicadora, para a manutenção do papel dos educadores e da promessa investida em sua

atuação – a promessa de que, por meio da educação, a falta deixará de existir³²². O mito e a superstição do método quando, pelo deslocamento das potências dos educadores e educandos, o método educativo obtém força própria, a passividade intensificada daqueles que a ele se submetem constitui uma experiência triste, distanciadora do pensamento próprio. Assim, o método sustenta-se como voz alheia, prescritiva e generalizadora, que, ao invés de permitir que conheçamos nossas próprias maneiras de ensinar e aprender, afasta-nos de nosso entendimento de como nos tornamos mais propensos a encontros potencializadores. O método constitui-se, portanto, como um esforço de viveres passivos, pertencentes ao mundo moral da educação³²³. E por último, mas não só, a superstição como mito da finalidade que, na educação, opera em complementariedade com as noções de falta e método, constituindo, com estas e outras construções socioimaginativas, um complexo sistema moral. Apoiando-se na divisão que instaura entre sabedores e ignorantes, a educação apresenta-se como detentora privilegiada de um suposto saber capaz de proporcionar o útil. A educação estabeleceria então os meios pelos quais esse saber seria alcançado, transformando-o em uma meta ou fim ao qual todos se devem direcionar³²⁴. Ao entrares em qualquer sítio ouve para te manteres surpreso e te encantares. Põe-te à janela de ti mesmo, vê e ouve o que te abre, que ainda e nunca é demasiado tarde... Mantém-te incomodado à tua janela que põe e mantém viva tua infância. Não acomodado. Ainda que num sítio de escola habitado por superstições e mitos, intenta descobrires mais, olhar mais e escutar mais, por e com todo teu corpo, mais. Aprenderás, com alegria dos encontros, o próprio sentimento de Tempo numa ética de teu modo de duração até mesmo com a moral de uma educação...

, ...

Entre o céu que deseja atingir uma educação moral e a terra que ela faz (des)habitar há mais superstições, mitos, tristezas, desgraças do que se permite imaginar uma pedagogia nos nossos dias... Compreende que um Corpo-Escola compõe-se de infinitos corpos e que numa dada relação sócio-afetiva e, com eles, pode constituir-se internalizando operações de poderes e saberes morais. Observa isso nas relações afetivas de um Corpo-Escola. Assim constituindo-se

um Corpo-Escola passa a operar uma relação extrínseca, imaginativa, triste etc. com os demais corpos pelos afetos de uma moral que passa a habitar e a fazer-se *conatus*. Por exemplo, as relações *com* educadores, educandos, conhecimento e até mesmo a escola, serão distinguidas e compreendidas segundo uma ordem hierárquica moral – relações boas e más, comportadas e rebeldes, inteligentes e não inteligentes, úteis e inúteis etc. A questão de um corpo passa por fundamentalmente distinguir a verdadeira virtude, ou seja, conduzir-se pela razão e pela sua potência e superar uma impotência de subordinar-se às forças extrínsecas, do acaso, enfim, a um poder alheio à sua própria potência. Podes ver isso num Corpo-Escola. Por exemplo, tem alguns alunos que tiram o professor do sério, sabes? A pessoa que está de fora, ela acha até estranho as coisas... Mas, não são não. Mas, num momento, um aluno está lá, ele está com tanto deboche, tanta onda na escola... Mas todos os professores quando estão a olhar qualquer aluno, por exemplo, numa apresentação em sítio de aula, olham-no como veem seus próprios filhos, querem que seus alunos tenham uma formação legal, entendes? Uma aula, tu podes dá-la como ta deram teus bons supostos mestres no teu tempo de formação, pondo na frente, por exemplo, dar a teus alunos figuras geométricas e todos os desenhos geométricos que sabes desenhar, materiais diversos como canudinhos... Uma vez teu professor fez isso contigo e nunca mais esqueceste – segmentos de retas iguais e que se transformam num polígono... Então, assim, não podes compactuar com bagunça, não podes compactuar com ambiente extra-escolar. O ambiente *tem de ser* escola – respeito, disciplina etc., ou seja, moral... Vamos brincar? Vamos brincar! Tu também brincas, mas na hora que tu falas que *tem de ter* concentração, *tem de ter* respeito. Vês, há uns três alunos ali... Aquele aluno: tu vais conversar com a diretora. “Não tem pai não? Não tem mãe não?” Imaginas que ele fica dando uma de vítima por aí. Vais conversar com a diretora. “Ó diretora, chama o pai, a mãe desse garoto. Já está chegando o meio do ano e esse menino está fazendo o que ele quer fazer na escola”. Pergunto-te: e o que é? Insistes que tem que chamar o pai dele, a mãe dele aqui na escola, porque ele é criança. Ele um dia vira para ti e diz ter 12 anos. E tu lhe dizes: “Você já é um cavalão, já era para estares lá no 9º ano”. Que é que você está fazendo?” Ele te diz que só tem 12 anos. Então, tu dizes que ele é uma criança, tem que chamar o pai e a mãe dele, não tem outro caminho. Dizes que não podes ficar segurando essa peteca sozinho – ele te respondendo, ele fazendo tudo... Não porque ele está a responder-te com agressões. Não, para ti não interessa nada pessoal. Interessa-te o fato do Corpo-Escola estar a criar um monstro. Hoje ele responde ao professor, amanhã bate nele, amanhã tem problema mesmo social... Amanhã. Mas, e hoje, quando não é amanhã?... Dizes e acreditas piamente que o aluno, além de aprender, ele tem que se moldar para viver em sociedade. Uma de tuas muitas crenças é que o único lugar

que os alunos aprendem, principalmente na periferia, é num sítio de escola. Acreditas não terem família e, se a têm, é desestruturada. Acreditas que fazem reuniões de pais por aqui, mas perguntas-me quantos pais aparecem – dois, três, dez no máximo? E comparas este sítio com outros, particulares, e afirmas que lá, quando os pais faltam, são notificados. “Por que o aluno ficou desprotegido na reunião?” – perguntas. Eles, nesses sítios particulares, têm que se justificar. Acreditas que aqui, não. Apontas para uma aluna ao longe que acabara de sair de tua aula. Dizes que aquela lá respondera tudo e, para ti, isso mostra que ela teve ensino... Porque se não... – questiona-te –, será que a técnica deu certo? Tu ficas, não é?, preocupado, porque ensinaste teu conteúdo no quadro. Desenvolveste, na prática, pegando a linha, vendo que uma coisa é igual a outra... Usaste os palitos para fazer as figuras bidimensionais do teu quadro tornarem-se tridimensionais? Pois é, estás ainda no plano, na geometria plana. Não que tu defendas a Matemática em sintonia com a Arte. Para ti, a Matemática analisa muito, ela estuda muito... É válido? Lógico, para ti, é. E acreditas que sem Matemática não vamos viver, mas a Arte, para ti, ela coloca a aplicabilidade. Tu fazes da Arte uma Matemática, uma ciência, uma função que faz supostamente entender e funcionar o mundo, ao menos um mundo em tuas aulas... Aí tu podes trabalhar com a Matemática o desenho geométrico, podes trabalhar com a *Op art*³²⁵, com a Educação Artística. Acreditas que dessa forma o aluno ficará encantado; ilusão de óptica, de triângulo, de quadrado, de losango... fazes parecer aos olhos de teus alunos que tudo é abstração e está em movimento, matemática e artisticamente comprovado. Sim, os trabalhos de tal *Op-art* que tanto gostas são em geral abstrações, preto no branco! “Menos expressão e mais visualização”. Bela arte, mas e para o corpo? Para ti *Op-art* é uma arte em movimento... Acreditas que isso fica bem bacana porque desperta nos corpos uma aplicabilidade... Da arte? – pergunto-te. Justificas que é o que a Arquitetura faz muito na escola, mas que não é muito explorado. A Arquitetura, para ti, põe a Matemática e o Desenho em prática... O aluno começa a entender que as formas arquitetônicas são formas geométricas. E, a partir do momento em que estás trabalhando com perspectiva, com essas coisas da arquitetura, tu acreditas que trazes o aluno para a realidade dele, para o mundo dele. Mas, a qual realidade ou mundo tu te referes? Tu dizes que por mais pobre que alguém seja, e aqui te referes aos teus alunos, ele tem uma casa. E, por pior que seja a casa, ela tem uma parede, ela tem uma porta, ele tem elementos ali vistos, conhecidos. Não sei se me fazes entender... Acreditas que se falarmos aos alunos de Michelangelo, Caravaggio etc. fica um pouco distante... Mas, vejo que tens rompantes de potência em tua fala quando afirmas que ninguém é dono da verdade e que estamos aí para descobrir que o mundo é complexo. Sim, que o mundo educacional é complexo e que nunca foi fácil para ti lidar com ele. Pois, nosso modelo de escola é do século XVIII e não

mudou muita coisa... As nossas atuais tecnologias fazem uma “borradinha”, dão um toque de modernidade... Onde está nossa tecnologia? – Perguntas. Afirmas que ela não está na escola. Pergunto-te: como seria para si uma escola do século XXI, já que temos o modelo do século XVIII? Uma escola do século XXI... – embargas ao tentares responder de pronto... Pensas mais um pouco e dizes que, para ti, uma escola do século XXI, por exemplo, seria pautada na filosofia de Paulo Freire, na pedagogia da autonomia, é... inventar espaços de aprendizagem não-convencionais, alternativos... Fazer educação assim... Dizes que não precisamos tanto da escola, que não precisamos tanto de uma sala de aula... O que precisas, dizes, é de um número de alunos concentrados e um professor disposto e com conteúdo. O professor, para ti, além de ter didática e disposição, ele tem de ter conteúdo. Se ele não souber, ele é fraco. Pergunto-me nesta tua fala: a quem tu te referes? Justificas como mesma coisa: tens amigos que são cobras-criadas na arte e na arquitetura, mas para darem aulas eles mesmos reconhecem – “Para dar aulas eu não sirvo, para falar em sala de aula eu não sirvo!” Então, é isso: o professor é um coringa: se você pega esses dois elementos – o aluno concentrado e espaços alternativos, no campo, sentado na praça, numa rua etc., tu podes produzir conhecimento em espaços alternativos. Isso que tu dizes faz-me pensar um movimento contrário – o que se produz na escola possa ser uma alternativa que vá para o campo, para as praças, para a rua etc. Insistes em sair dos espaços comuns da escola, não consegues vê-los como espaços para uma produção incomum no comum. Entendes o que te falo? Apenas enxergas ou queres enxergar que alternativo seja tudo o que seja fora da escola. Mas, ouça lá: a escola é um grande espaço para organizar bons encontros – ideias e pessoas. Compreendes? Mas, às vezes custa-te compreender isso, até mesmo ver isso... Tua imaginação gostaria que a escola fosse como uma sede, e não necessariamente alinhar alunos em carteiras, ter um quadro... E o que tu fazes? Sim, não queres culpar ninguém, mas aqui vês o espaço como deficiente, gostarias que em teu espaço aqui houvesse um atelier-escola – um atelier juvenil, um atelier-infantil – dois tipos de atelier. Usando imaginativamente, ou seja, abstratamente teus conhecimentos artísticos, matemáticos e arquitetônicos, pensas que esses espaços têm de ser distintos, por exemplo, no atelier infantil serão precisas cadeiras menores, carteiras menores, um peitoril menor, enfim, uma outra estrutura porque se trata de crianças. Para a juventude, para os adolescentes, imaginas um certo tipo de atelier, mais puxado para o profissional, mas um atelier acadêmico. Talvez não esteja e te entender. Tu imaginas ateliers hoje, século XXI, mas com elementos e na forma originária do século XVIII. Desculpe-me lá, mas só quero esforçar-me em entendê-lo. Pergunto-te: Será que cada educador desejando ter um espaço ideal, imaginário, cada qual um para si, não reforçaria um trabalho *comum* equivocado, ou seja, a soma de cada um com seus

espaços particulares não formariam um conjunto de solitários? Terias, talvez, uma boa definição de sítio escolar: *Escola – um conjunto de seres solitários*. Insistes na questão das artes e, para ti, uma escola que se propõe a ensinar artes não pode aceitar que seja dada por qualquer pessoa que diga: – “Uhummm, estou indo dar uma aula de artes”. Não, para ti tem de ser uma pessoa formada em artes. E também ter um espaço adequado, construir um atelier na escola, um espaço fora em que o aluno iria e, nesses espaços alternativos, depois o professor falaria com ele... Tu te lembras da pergunta mais cedo feita, a de como seria para ti uma escola do século XXI. Falas de passeios temáticos e queixa-te que são muito esporádicos, que poderiam ser mais frequentes. Imaginas que num passeio aprende-se mais do que numa aula. Voltas à questão das novas tecnologias e o que elas vêm propiciar, mas afirmas que elas não acontecem em sítios escolares porque não temos nem recursos e nem preparo para lidar com ela nesses sítios. Por exemplo, serviriam para fomentar aquilo que dizes sobre mais passeios temáticos, mas aqui, seriam por visitas virtuais. Tu vais ao Louvre, tu e teus alunos, caminham dentro do Louvre ou mesmo podes abrir outro museu para teus alunos entrarem e entenderem o que explicas a eles virtualmente. Dizes que uma imagem vale mais que mil palavras. Então, quando acontece de não haver novas tecnologias em sítios escolares, tu não podes ir ao virtual, tu vais no real. É o que dizes. Assim, há cá museus em tua cidade, patrimônios culturais da cidade, bens culturais tombados... O que chamas de “bens culturais tombados” ouço-o em outros sentidos, inclusive. Mas, desculpe-me lá, mas sempre faço esse mesmo questionamento a todos que usam as novas tecnologias para “visitas”, “passeios” etc. e que sempre citam o Louvre, sem exceção: Se vou virtualmente ao Louvre, eu vou ao Louvre (realmente)? Sei que não esperas por essa pergunta e nem mesmo sei se já a fizeste. Respeito teu longo silêncio em responder. aguardo. Tu dizes: Vai, professor. No teu entender achas que sim. Porque..., porque tu vês..., é lógico para ti ir é mais real, como te falo isto... é... mais essência, mais... falta-me a palavra agora... Mas, o virtual... deixa-te falar que tu chegarias... Estar lá, real, 100% das emoções percebidas seria no real, está certo, tu bem concentrado lá. [Desculpe lá, mas numa hora dessas, podes ter uma conversa quase interrompida por um grupo de crianças que se destacam de uma fila liderada por uma educadora e que segue para o lanche na cantina. Algumas crianças querem sentir mais uma vez tuas mãos quentes, desejam que as aqueça com teu calor, real... Como aqui agora acontece... Mas, vá lá, volta ao teu raciocínio...] Mas, no virtual, tu continuas a dizer, consegues uns 80% perceber, sentir e também se emocionar. Isso se tiver sido feito um bom trabalho. E se tu estivesse em frente a esse quadro, numa posição... tudo isso é estudado, milimetricamente estudado, a posição da câmara é aqui – demonstras com gestos no ar –, um bom grau de preparação para aquele ambiente. Então, tu estás lá, tu conheces, tu estás vendo –

o real... Tu imaginas que sim. Da arte visual, por exemplo, tu afirmas que temos de ter um contato visual, mas há outras artes, afirmas, que tens de ter outros contatos que não só o visual. Imaginas o que poderíamos hoje, com as novas tecnologias, pois já avançaram muito, estão aí fora. Mas, a escola, não conseguiu ainda, as escolas não têm isso aí. São poucas. Tu dizes que as escolas particulares boas têm – as visitas aos museus etc. – elas têm o software, porque isso é software, tem de comprar também, não é barato não. São softwares, mas quem vende são os museus. Tu elogias e crês num esforço da Secretaria de Educação junto ao Ministério da Educação fazendo um grande trabalho aí com isso, e também o de preparar para estarem lidando com essas novas tecnologias. Imaginas um ensino com essas novas ferramentas... Isso se chama Realidade Artificial – dizes. E imaginas ser bem legal isso. É tu cáíres de uma cachoeira, sentires a sensação, a adrenalina toda daquela queda e não te esborrachares lá embaixo. É o mesmo caso de uma visita a uma favela... Talvez tu tenhas tido a sensação, o perigo, o drama, e estás protegido, porque realmente não estás lá. Essa é a realidade artificial que se fala. R.A. está dentro das novas tecnologias. Hoje há muito disso, a NASA tem muito disso, essas coisas de estar explorando a realidade virtual, R.V., porque tem coisas que tu só vais se tiver cobaias. Então tu podes perceber, sentir, sem o elemento humano estar ali presente. Ele está ali, virtual, não é? Nós não nos adequamos ainda, não houve reforma ainda das novas tecnologias na educação. Isso tu me dizes com certeza e com toda segurança. Novas tecnologias para ti não tem nada a ver com essa quantidade de computadores velhos que há neste e em outros sítios escolares. Para ti, isso que há são apenas pequenos laboratórios de multimeios ensinando o “basicão” ali para o aluno. Para ti não há sinais de novas tecnologias, principalmente na arte – pinturas virtuais, por exemplo, poderiam ser trabalhadas hoje, só virtualmente nessas paredes, nada de registros, nada. Só de imaginares já te empolgas... Imaginas o teu aluno pintando... ia voltar, pintar novamente, apagar, pintar novamente..., não ia ter nada. Projetado, assim? – curiosamente qualquer um se pergunta. É, fazer como fazem hoje nas grandes construções e monumentos..., nos painéis. Mas, não ia ter nada, só se ele quiser, sabe? Por exemplo, ele pode resolver gravar e fazer um *banner*. Tudo bem, mas ele ia só... Apontas para um aluno com o trabalho em mãos que lhe pediste. Explicas que o que mais te interessa é o processo, o que o aluno sentiu para fazer aquilo ali. Isso que te interessa. Aquilo ali, o resultado, o que ele tem em mãos, é um trofeuzinho dele. Agora, o que ele sentiu, a emoção estética... Porque imaginas o aluno que tem a Educação Artística é um aluno mais feliz, porque, para ti, ele vê a Educação Artística com olhos... de matéria séria, ele é mais feliz. E afirmas com isso que mesmo amanhã ele seja pobre, isso pouco interessa, ele constrói uma casa mais bonita, sempre vai comprar móveis mais bonitos, porque imaginas porque ele teve

sua sensibilidade aflorada enquanto adolescente, enquanto criança, através de aulas de Educação Artística, por exemplo. Então, dizes acreditar que esse aluno passa a curtir o belo, passa a se interessar pelas coisas bonitas, não é?, e que o belo é inerente ao ser humano... Podes fazer todos concordarem com tuas imaginações pelo exemplo que dás: ninguém vai a uma loja e diz – “Ai que sapato feio, eu quero um!” Mas diz: - “Que sapato bonito, eu quero um!”, mesmo que aquele sapato não seja bonito para outra pessoa, mas que para si é. Imaginas que ninguém corre atrás do feio. Para ti, todo o elemento corre atrás do que é bonito – Ah, eu quero morar num lugar bonito, casar com uma mulher bonita, comprar uma blusa bonita, quero comprar um óculos bonito... Só que esse bonito é subjetivo, para uns é, para outros não é bonito... Assim é a vida como a imaginas, não é? Pois te digo, professor: Somos ignorantes das coisas que nos determinam, até mesmo essas que chamas de belas, pois o efeito de um corpo sobre nós depende de sua natureza e da nossa, ou seja, *a ideia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior*³²⁶. E digo-te mais: bem e mal, beleza e feiúra etc., se dizem senão relativamente, ou seja, conforme as relações, conforme nossos esforços com as coisas. *Torna-se, assim, evidente, por tudo isso, que não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apetecemos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apetecê-la, por desejá-la, que a julgamos boa*³²⁷. Pensemos assim também com relação à relatividade da beleza de uma coisa para cada um. Tem a ver com o esforço, com o *conatus* de cada pessoa. Mais ainda: *Não afirmo isto somente da vontade geral, que mostramos ser um modo de pensar, mas de cada querer particular, que consiste, segundo alguns, em afirmar ou em negar. Quem prestar atenção ao que dissemos o verá com muita clareza. Pois dissemos que **o entender é uma pura paixão, isto é, uma percepção, na mente, da essência e da existência das coisas**, de modo que nunca somos nós que afirmamos ou negamos algo da coisa, mas que ela mesma, em nós, afirma ou nega algo de si mesma*³²⁸. Então, vê com esses argumentos, educador, tua crença na vida, o bem e o mal, a beleza e a feiúra que imaginas. E assim acreditas ainda na Arte na escola para fazer uma transformação, tu comesças a mostrar a teus educandos que o mundo estético é um mundo, ele é o que nos rodeia, que para ti é o ser humano desde a pré-história, desde o Paleolítico, quando ele faz os registros, não é? Então, quando ele desenha o bisão naquela anatomia perfeita lá na caverna escura tu

esperas uma surpresa e admiração de teus educandos e até mesmo de ti: –“Gente, mas não havia material e as pessoas não tinham nada, como fizeram esse desenho?” E hoje tu pões teus alunos a desenhar e eles não desenham nada! Tu me explicas que há pouco estavas ali em teu canto com teus alunos falando: Primeira figura que tu perguntas a eles: “Qual é essa aqui?” – Triângulo! “E essa aqui?” – Quadrado! Para provar para eles que aprender é isso... Para ti eles só trazem triângulo e quadrado prontos porque eles aprenderam lá no prezinho. E perguntas: Porque eles não vão saber agora um pentágono, um hexágono, um octógono?! Entendes o que queres dizer? Tu provas para eles que é fácil o teu aprender. Ora, se sabem ou se tu sabes o triângulo e o quadrado é porque aprenderam e aprendestes lá trás, ninguém nunca mais esquece... Agora acreditas que têm que aprender mais coisas, tu tens que ir enchendo essa “vasilhinha” aí Acho que referes à cabeça, não? Então, assim, tens a maior prova. Perguntas: Quanto é $1 + 1$? 2 . Eles, como tu, aprenderam lá atrás... Acreditas e incute-lhes na “vasilhinha” que quando o professor chegar lá no Ensino Médio, quando o professor falar em pentágono será a mesma coisa que ele perguntar a ti de um triângulo, a mesma coisa que perguntar a ti um quadrado... Isso é a maior prova para ti de aprendizagem e de conhecimento de tuas coisas. Até hoje tu, em cada aula, ficas fazendo umas experiências para veres essas coisas se confirmarem. Penso cá comigo se numa aula, por exemplo, de História e que verse sobre os Estados Unidos a resposta de teu “pentágono” seria suficiente. Não acreditas que estejam a ocorrer outras relações em tal aula? Mas, a pia crença que tens é que com um atelier as coisas seriam melhores. Tu dizes, mas não te resignas, que se não o tem, tu não vais brigar por nada, continuarás a dar tuas aulas... Mas, ouça lá professor: Digo-te com toda sinceridade que o que fazes é um excelente trabalho, trazes teu material, muita coisa que já fazes e acreditas como Arte... É teu corpo que ofereces a cada turma com suas dezenas de alunos que, hei de concordar consigo, poucos terão a oportunidade de ter um contato com materiais de arte com quem se formou em arte, senão consigo. Veja os produtos de tuas aulas trabalhadas pelas mãos de teus alunos com os recursos que trazes e ensinas seu uso em tuas aulas. Aquilo que tu chamas “trofeuzinho” é um corpo-a-corpo de cada aluno consigo e com tua matéria. Sim, ouço de tua própria voz, que achas ter uma missão, aliás, dizes ter várias, e uma delas é ensinar e devolver para a humanidade o que ela te deu. Acreditas ser isso uma dívida e que ela deve ser paga, porque o salário aqui para ti não é o que conta, como tu dizes... Tens outros afazeres fora deste sítio e isso é bom, porque outros podem estar consigo e tu com outros em outras atividades e sítios. Aprende-se nas relações, já o sabes bem... E tu também contas estórias muito interessantes que afirmam os encontros e, neles, nunca sabemos o que dará, para si e para o outro. Então, sempre é bom ouvir boas estórias, como a que se passara há 8 anos mais

ou menos com uma educanda tua, a *Pequena*, uma aluna do 8º ano que te mostra um desenho de uma linda fachada colorida. Tu, espantado, dizes a ela: – “*Pequena*, que fachada linda!” Ao que te responde que foi ela mesma quem fez. E tu dizes que fique com o desenho. Dizes umas palavrinhas mais: “*Pequena* você já é arquiteta, é só ir lá, passar no vestibular. Você já é arquiteta!” – tu vaticinas. Contas em tua estória que ela levou a sério e hoje já está no 9º período, vai ser arquiteta e urbanista no ano que vem. Não deixa de contar essa estória por onde passares. Mas, também coleciona outras tantas pelos sítios escolares que te inscreves. Dizes ouvir um “ah, eu sou médica”, “eu sou isso”, “eu sou aquilo”... Ficas feliz em ouvir esses trajetos de vida principalmente na periferia que para ti, segundo dizes, é o mais importante... Mas ouve lá – já se escuta o sinal ensurdecedor deste sítio a anunciar o intervalo de recreio. O barulho aumenta com a chagada dos alunos, surgem outros movimentos e repousos... O que se ouve tem a soma e cobertura de vozes que se misturam... São vozes do “amanhã” já-aqui hoje, aqui e agora, nas suas belezas, singularidades, perfeições – inclusive daquele aluno que te tira do sério –, dando-se a ouvir confusamente. Mas, ouve com atenção, ainda agora, pois já, podes talvez ouvir uma boa estória que ao longe vem aos teus ouvidos. Um possível começo: –“Professor, hoje eu sou”...

, ...

Há em todo sítio uma dificuldade dos corpos em compreender suas relações com outros corpos. Num Corpo-Escola não é diferente. Ouça: Um educador não permite a um aluno que entre em sua aula... Só entra se estiver acompanhado pelo responsável – aqui quer dizer os pais ou, ao menos, um deles. Mas, quem é o responsável por um aluno num sítio escolar, numa sala de aula? Podes ouvir desse educador que um tal aluno não volta mais a frequentar tuas aulas. Tu justificas pelo que tal aluno te disse há pouco – “Problema seu!” – “Está bem” – podes replicar. Tu viras-lhe as costas, não lhe dás conversa e nem rendes mais assunto. Tu justificas: se deixares tal aluno ali contigo em tua aula ele vai estragar tudo aquilo o que propusestes. Por quê? Dizes que a partir do momento em que tu não defendes tua extensão, tomas uma postura em teu sítio – que compreendo seres o responsável –, os demais alunos veem essa suposta impotência tua em teu e por teu espaço e, assim, acreditam que começam a dizer ou mesmo pensar: – “tu não estás com nada, fazemos o que quisermos e não dará em nada!” Tu acreditas que tens que mostrar que aqui neste sítio há limites. Tu afirmas que todos nós temos limites, e que fazes isso não por ser sacana. Tu és o professor deste que sentes te desrespeitar, assim

como dos demais... Mas, ouve lá: *à medida que os homens são afligidos por afetos que são paixões podem ser reciprocamente contrários*³²⁹. Tu queres o bem de todos, inclusive deste que te afronta, mas se o deixares solto no mundo vai ser o rei, e que lá fora, fora deste sítio, os outros não têm pena de ninguém. Fora deste sítio, acreditas, não tem esse negócio de chamar a atenção, o “pau quebra” mesmo... Preocupa-te com teus alunos rebeldes e com este que te traz dificuldades maiores, tens preocupações maiores ainda do modo como ele se comporta aqui neste sítio. Dizes que tal aluno pode fazer de tudo – lutar uma arte marcial, por exemplo – que ele vai, ainda assim, apanhar muito na vida, vai sofrer muito. Mas, vê e entende que esse aluno quis ainda mais uma vez assistir a tua aula, mas tu impediste. Não, não, ele vai ficar rodando por aqui e alhures... Insistes que ele só volta a assistir tua aula quando vier com seus responsáveis, quando puderes conversar com eles. Ele é ‘de menor’, ele é criança ainda... Porque até 12 anos ele é criança ainda, não responde por nada ainda. E se tu lhe perguntares alguma coisa de um modo singular, será que responde? Dizes que até 12 anos ele não responde. “De menor” ele ainda responde alguma coisinha, ele vai internado para instituições correcionais, alguma coisa assim. Agora, criança não, não pode. Criança é criança. Aí, de 12 a 18 anos é menor, menor infrator se cometer algum ato infracional. Mas, este aqui, por enquanto não, ele é aluno. Tua preocupação é que ele não chegue aos limites extremos que a lei reserva para os que não se comportam socialmente. Tu aqui pões uma questão séria em causa: o Estatuto da Criança e do Adolescente e agora mais, a Lei da Palmada. Um conjunto de leis que resguardam as crianças e adolescentes, mas que talvez não pense nas consequências que essas leis geram e têm ao longo do tempo. Proteção dos delinquentes e delação compulsória dos pais pelas crianças, por exemplo. Não sei, mas fazes pensar tais desdobramentos na escola... Mas, pedes a Deus que estejas errado em teu juízo. Mas, ainda sim, imaginas que um aluno como esse possa voar para cima de um professor como tu... Que não digam depois que tu não avisaste. Miras este aluno ao longe e o vês com uma pilha de livros sendo transferidos de um sítio ao outro. Para ti isso é uma festa para ele, uma ocupação, faz com que se ache a pessoa mais importante do mundo. Para ti isso não diz nada. Para ti ele tem de estar excluído e depois voltar ao grupo de uma outra forma. Tu me fazes pensar qual forma seria essa?!... Mas ainda não tens a forma e, convenhamos, não sei se haja uma tal forma *a priori*. Então, tu continuas a dar tua aula. Não brincas em serviço. Tu não vens aqui para brincar... Entendo, professor: tu dás aulas... E isso é tão sério para ti que sei que podes estar num sítio escolar em que dás aulas numa hora que nem é a tua. Como dizes, aqui, nesta aula,

nem aula tua não é. Estás aqui de janela. Quiçá então aproveite tua janela e aproveite também seriamente tua vista dela, tão perto, tão longe...

, ...

A vida de um Corpo-Escola corresponde a um sistema de forças que variam segundo seus afetos. Ou seja, as forças ora são mais fortes, ora mais fracas. Vez ou outra tu podes ouvir, de parte de um Corpo-Escola, um excesso de afecções que faz padecer um corpo e, assim, o faz sucumbir em tristeza. Ouve: *a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo*³³⁰. Isso que ouves, diz um corpo, pode-se mesmo ouvi-lo de um dizer de um Corpo-Escola. Sim, todos *somos agitados pelas causas exteriores de muitas maneiras e que, como ondas no mar agitadas por ventos contrários, somos jogados de um lado para outro, ignorantes de nossa sorte e de nosso destino*³³¹. Tu podes dizer ou mesmo ouvir palavras duras em um sítio qualquer. Num Corpo-Escola, ou em outro sítio qualquer, palavras duras, ainda sim, dizem dos afetos do corpo continuamente afetado por corpos exteriores. *E é daí que nasce a maioria das controvérsias, mais especificamente, ou porque os homens não explicam corretamente sua mente ou porque interpretam mal a mente alheia. Com efeito, quando mais se contradizem, eles estão, na verdade, pensando na mesma coisa ou em coisas diversas e, assim, o que julgam ser, no outro, erros e absurdos, realmente não o são*³³². Então, por acaso podes ouvir um corpo que não aguenta mais. Tu, com todo respeito, ouves. Apenas ouve e acompanha o desabafo. Então, ouve um corpo assim, triste, padecendo... Mas, não julgues. Pode ser ou ter sido tua dor e tristeza por um dia ou em outros dias, teus tristes afetos *com* relações... Ouve, por exemplo: Então tu fazes o que quiseres. Foda-se, o problema é teu. Então tu chegas num limite que é assim... Tudo o que fazes, tu conversas com um colega, conversas com outro, tu vens com algumas ideias para melhorar alguma coisa. Mas, chega uma hora que falas: então vai tudo para a puta que o pariu, entendes? Porque tudo o que fazes, tu ouves a opinião de um, ouve a opinião de outro, queres fazer algo para melhorar e nada serve. Tu largas para lá. Chega um e te pergunta: Como estás? Hein? Ô cara, sinto-me um vazio. Então, estão a chegar as férias e tu estás cagando e andando para essa bosta que está aqui diante de ti. Aí tu comesças a ficar doido. Estás cagando e andando para essa merda que aqui está. No fim de semana sai o pagamento, tu enches o teu bolso de dinheiro e, acabou. Foda-se. Por que estás assim? Porque

por mais que tu faças alguma coisa... Aqui alunos, ó, eu estou aqui, ó. Mostro-te isto aqui, o que programei para ti, isto aqui, vou to dar, vou explicar-te... Mas, tem aluno que te olha com cara de osso. Põe-te fora, vaza, tenho nojo de ti. Já to disse e digo novamente: estou cagando e andando se tu existes. Quero dizer-te, tu que me ouve: Chega uma hora que tu ficas assim a pensar – meu amigo, eu tenho diploma, sou diplomado, tenho curso superior e aí começa a enlouquecer. Não é culpa do aluno, do outro, mas tu começa a enlouquecer, sabe? Teu salário está lá no banco, então, só dizes ao outro: se tu estiveres a fim de estar aqui, bem, senão, foda-se. Tu, menino, vai fazer xixi. Acabou! Tu queres ouvir celular? Fica!, eu não vou tomar teu celular. Põe essa coisa no teu ouvido e fica aí ouvido assim, ó, mas não me enche o saco. Então, vês?, uma hora enlouqueces. É... Ainda mais que tens pós-graduação e a professora que te dá aulas pede um trabalho para ti... Tu perguntas: fazer pós-graduação para quê? Para ficar ouvindo belélé, belélé, belélé?... Tu estás cansado, sabes disso. Lês um livro na pós-graduação, um livro chaaatooo!, cheio de mentiras, dizes. Tu enlouqueces com isso. Então, quer dizer, tu largaste a tua pós-graduação para lá. Tu foste ler um livro e só tinha mentiras. Só mentiras. Só mentiras... Uma série de mentirada arrumada! Tu foste dormir porque não é nada daquilo. Chega uma hora que ficas puto da vida, enlouqueces, porque por mais que tu tentes melhorar alguma coisa, nada dá certo. Pergunto-te: qual seria a “solução”, pois sabemos que não é bem uma solução, mas o que pensas que podes fazer? Ora, tu dizes que escutamos, passivos, a desculpa que o governo manda o aluno para dentro da tua sala de aula. Ele obriga. O teu aluno vai para dentro de tua sala de aula obrigado pelo pai e pela mãe. Obrigado. É verdade que estás aqui obrigado. Culpas o governo, dizes que ele põe tudo na escola, dá Bolsa Família, bolsa disso, bolsa daquilo e só vai enchendo o dinheiro de bolsa... Joga o aluno dentro da escola, na tua sala e, não está nem aí... Quantas vezes chamaste pais de alunos aqui por causa de situações que vives com teus alunos?! Queres dizer a eles: teu filho é uma bosta em sala de aula, é uma desgraça em sala de aula etc. e o pai não vem a ti nem morto... A bosta do aluno aqui... Queres ao menos dizer a eles de corpo presente: preparo sempre alguma coisa para tuas crianças, mas elas estão fazendo merda. Mas não podes dizê-lo. O pai nunca vem... Então, enlouqueces com isso. Chega uma hora que pensas: Ó gente, qual concurso que há para sair? Tens que fazer qualquer outra coisa, menos o que fazes hoje. É que acreditas ao longe estar a tua solução. Imaginas que até é muito melhor trabalhares com massa de cimento, pois assim não corres o risco, imaginas, de virem e olharem para ti com cara de bunda, com cara de merda. Teu trabalho será apenas o de fazeres a massa e pô-la lá, assentar o tijolo e ir trabalhar. Assim acreditas seguirem teus dias melhores do que os que tu vives hoje... Confessas: o relacionamento humano é muito complicado. Pensas assim em relação a teu aluno: se tu não estás afim das aulas, não

venha. Mas teu aluno é obrigado a estar ali, porque ele tem que fazer uma prova, fazer alguma coisa, ser avaliado, porque se ele não fizer, ele não... Ele é obrigado a estar ali contigo, estar aqui dentro. E aí perguntas: como é que um professor se sente, como é que ele se sente em um sítio como o de sala de aula? O aluno fica assim, dizes: "Cabô? Cabô?" E tu lhe responde: Não está afim, vaza! Vaza! Ofereces gratuitamente aos desinteressados a presença no diário. Aí, com isso, acreditas que sobrar uma metade que ficará e que irá para frente. E aí, o que fazes com essa outra metade da tua turma? É muito complicado. É muito complicado, sabe? Já trabalhaste em outro ofício antes de te tornares educador e, naquela altura, conversaste com alguém que trabalhava no varejo. Ele te disse que era professor, e que saíra do ofício de docência porque não aguentava mais cara de merda olhando-o. Hoje vende queijo. Não quer largar o ofício de hoje, porque pelo menos o queijo não o olha com cara de merda. Tu concordas plenamente com ele. Sim, para onde olhas, tens sempre mais argumentos para a tristeza e a dor que tu vives: estavas com um colega em outro sítio de ensino e falaste: gente, vou vos ajudar, a prova é com consulta. A prova é com consulta. Chega o dia da prova. A prova com consulta, mas ninguém leva o caderno. Ninguém. Dizes outro dia: gente, eu vou dar visto no caderno, sou o único professor que vai dar pontos assim, no mínimo 5 pontos... Ninguém levou. Ninguém. Teus alunos chegam lá e dizem: professor, eu não trouxe caderno! Metade não leva caderno e, a outra metade, além de não levar caderno, não leva lápis, não leva nada e ainda te olha com cara de merda. Pessoas próximas a ti desejam que um dia dês aulas em outro sítio, talvez para o Estado. Tu não aguentas mais dar aulas. Não aguentas mais. Então, com tuas palavras duras, de dor, tristeza, tu fazes acreditar que dar aulas é mesmo um transtorno para ti. Tu te sentes olhado com um merda, um cara de bunda, não estão nem aí para ti. Tu te sentes mesmo um merda. Professor, posso perguntar-lhe se há algum aluno que te olha, por exemplo, com admiração, espera tuas aulas com gosto? Ainda tens força para poderes procurar um olhar assim em meio a tanta dor e tristeza? Olhas... Olhas... Pensas longamente e dizes que fazes o máximo que podes. Sim, compreendo, é mesmo difícil sair de teus atuais afetos... Continua, mesmo triste, fala que eu te escuto... Planejas tuas aulas e encontras aqueles alunos que também planejaram como tu, mas o que planejaram foi falar mais alto que tu, mais alto que tua única voz entre dezenas naquela hora e naquele sítio... Teu preparo vai abaixo, tuas forças mínguas... Pode ser que alguém muito próximo a ti convença-te a mudar de sítio ou mesmo de ofício. Quem sabe?! Tu hoje, em meio a essa tua dor e tristeza, dizes que nem por dinheiro nenhum fazes essa merda mais, não estás mais afim de sítios escolares. Enjoa-te, cansa-te. Então, tu vais te detonando, te deteriorando aos poucos. Digo-te: tu vais te decompondo em tuas relações... Ficas a perguntar o que farias hoje como outro ofício. Pensas novamente em fazer

massa de cimento, porque ao menos a massa não te olha com cara de merda. A obra dela é ficar ali, ela não é gente, ela não tem coração, pelos menos isso. O que te vem, mas não é alento para tua dor e tristeza que tu vives agora, é a lembrança de trabalhar com Educação de Jovens e Adultos, pois lá tu tens 8 alunos, no máximo 10 alunos. Se tu tens 8 ali, 6, 5, 4, tu não te importas. Os que estão, estão ali interessados. Estão ali interessados porque imaginas que na Educação de Jovens e Adultos não há a obrigatoriedade de estar presente, mas está ali quem quer, quem está interessado em tua aula, em aprender, evoluir no currículo, no trabalho... Não é fácil, mas como se diz, tu precisas trabalhar! Não, não, tu que me ouves não me interrompe em nada. Isso que aqui faço agora, é só chegar lá e passar no quadro. O teu problema é tu teres de ficar duas aulas com isto que te ocupas. Dás duas aulas seguidas só com isto que preparaste. É. Tu já fizeste o que tinhas que fazer antes. Professor, desejo-te calma, boas férias e, quando nelas, encha teu bolso e aproveita teu tempo, bem aproveitado, para bons e profícuos encontros. Deixo-te cá umas últimas palavras: *A potência humana é, entretanto, bastante limitada, sendo infinitamente superada pela potência das causas exteriores. Por isso, não temos poder absoluto de adaptar as coisas exteriores ao nosso uso. Contudo, suportaremos com equanimidade os acontecimentos contrários ao que postula o princípio de atender à nossa utilidade, se tivermos consciência de que fizemos o nosso trabalho; que nossa potência não foi suficiente para poder evitá-las; e de que somos uma parte da natureza inteira, cuja ordem seguimos. Se compreendemos isso clara e distintamente, aquela parte de nós mesmos que é definida pela inteligência, isto é, a nossa melhor parte, se satisfará plenamente com isso e se esforçará por perseverar nessa satisfação. Pois, à medida que compreendemos, não podemos desejar senão aquilo que é necessário, nem nos satisfazer, absolutamente, senão com o verdadeiro. Por isso, à medida que compreendemos isso corretamente, o esforço da melhor parte de nós mesmos está em acordo com a ordem da natureza inteira*³³³. Mais uma coisa: enquanto te ouvia fizeste-me lembrar uma estória que li ou ouvi algures. Conto-te agora: Havia três pedreiros e alguém faz uma mesma pergunta a cada um deles. – “O que fazes?” O primeiro responde: – “misturo massa de cimento e subo paredes de casas”; O segundo responde: – “trabalho para uma empresa, sou funcionário de uma construtora”. O terceiro responde: – “eu construo catedrais”. Então, professor, essa estória com a tua faz-me pensar em uma outra estória. Podemos produzi-la juntos, agora. Então eu dou o

começo e tu a continuas. Esta é a estória: *Havia um professor e um dia lhe perguntam. – “O que fazes?”...*

, ...

Não gostarias de ouvir nunca isso, mas tu te queixas em todo Corpo-Escola de desordens. Mas, aqui ouves que fundamentalmente uma desordem está na incapacidade de se ouvir, na incapacidade de se ouvir o outro. Não terá essa incapacidade na sua raiz, a incapacidade de se ouvir a si mesmo de princípio? Cá ouves que os meninos não escutam ninguém. É muito ruído, é muito barulho... *O barulho pesa, mas o não escutar é o que cansa*³³⁴. Mas, no corpo-a-corpo um bom princípio de aprendizagem dessa arte de ouvir-se a si mesmo, o outro e o mundo, começa com uma atenção ao que se passa com as partes que compõem teu corpo. Dou-te exemplos: Meninos do 9º ano vêm te procurar porque não têm como imprimir os trabalhos de pesquisa que os professores pedem. Propõem-te até pagar pelas folhas, mas que imprimam seus trabalhos na escola. Ótimo, é uma atenção que tens a uma causa legítima e que te agrada enquanto Corpo-Escola, pois são trabalhos que aqui se produzem e gostas que primem pelo bem feito ajudado pelo eletrónico dos nossos dias. Mas, logo pode surgir-te outra necessidade de atenção; duas crianças pequeninas te procuram para pôr um curativo em um machucado que dói desde a hora que chegaram hoje cedo... Tu achas bonitinho e legítimo também esse pedido de um corpo que dói desde que chegou cedo a teu sítio. Vês nessas situações o que abres como relação? Compreendes uma aprendizagem exemplar de/por teus atos para ensinar a ouvir? Justamente, mas, podes dizer que são atos isolados de um corpo. Mas, compreende que participas desse Corpo-Escola, tu és parte. Mas, voltemos aos ruídos... Na hora do intervalo tem muito barulho, muito ruído, muitos gritos, e isso porque não compreendes que cada corpo está fazendo uma coisa... Movimentos e repousos ao acaso das relações... No intervalo de teu sítio os corpos ficam completamente sem saber o que fazer... São os encontros fortuitos, de acasos, (des)encontros dos corpos em seu exercício ordinário, inadvertência das faculdades dos corpos em seus encontros... Mais gritos. Uma *vaia conclusão: o grito é o fantasma de uma palavra que não recordamos nunca*³³⁵. E há as brigas, um corpo-a-corpo num modo mais infame de relação com outro corpo que, talvez, se queira ou esteja diante de si para uma outra relação... Talvez... Uma briga, então, começa logo pela manhã, bem cedo... Estavam “brincando de lutinha” na entrada de teu sítio...

Era só uma brincadeira muito comum nos dias de hoje... Dois dos teus... Aí, nessa brincadeira a mochila de um dos que brincavam cai no chão, mas dentro dela há uma garrafa cheia de água que entorna e molha os cadernos dentro da mochila. Aí chega uma professora e chama o responsável pelo acidente com a água dentro da mochila que ensopou cadernos e livros. Ela obriga o responsável a limpá-la, a secá-la e depois entregá-la em sala. Mas, o dono da mochila não se dá por satisfeito. Posteriormente, num outro dia, poucos dias após tudo estar supostamente resolvido, o dono dessa mochila quer descontar o prejuízo. Uma briga feia, uma infâmia entre corpos se dá em teu sítio e tira-lhe o comum esperado para a hora. Como em todo Corpo-Escola, há sempre “aquele” aluno mais difícil. Este que tens, tem a marca do mais difícil... Mas, para um educador que trabalha em teu sítio ele é apenas um aluno que dá muitos problemas. Já o ouviste? Sabes quem é ao perto? Já o olhaste bem perto, profundamente nos seus olhos? Tu, se o ouves com atenção, vês que é uma criança, tem *n* problemas. Mas, quem não os tem? E, se numa oportunidade – e esta é uma excelente oportunidade – o ouves, conhecerás a sua situação de vida e tudo mais, mas quero dizer-te que nenhuma situação de vida justifica infâmias com a Vida... Neste caso, o de fazer justiça com as próprias mãos, desse jeito, não. Se tu ouves tal criança logo imaginas ou percebes que *passou a juventude a reabastecer-se de socos/ e de abraços; uns e outros chegando a ele alternados;/ crescer liga instintos guerreiros e fraternos/ através do material do tacto, eis a sua certeza. O rosto/ é manuscrito pelo punho dos inimigos/ - e esta é a primeira parte da primeira aprendizagem*³³⁶. Não por acaso, esta tua criança se chama *Guerreiro*. Talvez, mas nunca por acaso... E podes até imaginar que *a segunda parte da educação masculina de [Guerreiro]/ [será a de] perceber que é depois de espancado que aparecem/ as mulheres meigas transformadas em jardineiros do rosto./ As mulheres só devem surgir na vida de um homem/ depois de este ter perdido um combate, parece-me. Antes/ é cedo demais*³³⁷. E tu conheces a situação dessa criança, é a mesma de muitos dos teus alunos e de teus pares. Tu conversas com ele em separado, chama-o num canto, leva-o para tua sala, tu tentas acalmá-lo. Tu ouves dele o anúncio de um comprometimento da parte dele contigo, com tua diretora e a vice, de que não mais terá as vilezas injustificadas que teve. Ele promete ainda procurar seu desafeto na hora do intervalo para desculpas. Tu te alegras de já consegues isso com teu aluno, consegues que ele se comprometa. Ele sabe de seu histórico de problemas, ou melhor, tu podes ler no corpo desse teu aluno os traços de suas errâncias passadas. Tu sabes que teu aluno já passou por várias escolas, não sabes? Mas não foi por causa de desejar aprender mais daquilo que

dizem ensinar tais sítios. Porque o quiseste conhecer, ouvi-lo, tu sabes que ele é expulso de todas as escolas. Mas, sabes que essas expulsões não são porque ele quer ficar mais um pouco nesses sítios de ensinar. Ao contrário. Tu quando foste apartar a confusão, aquele emaranhamento chocante de dois corpos, tu quando chegaste perto, teu aluno te bateu. Querer, ou não, não importa. Mas ele te bateu e tu lhe disseste isso: "Tu sabes que me bateste!" E ele logo te responde: "É, mas não era para ti". Vossa conversa enseja uma coisa fundamental em relação aos bons movimentos e repousos de um corpo, em todo sítio, consigo mesmo, com outros corpos e com o mundo também como um corpo: *O tema que aqui interessa não é a velocidade física, mas a relação entre a velocidade física e a velocidade mental*³³⁸. Então, para ti, é essa boa relação paralelística de velocidades que se faz importante, agora, e que teu aluno a compreenda. Assim, tu dizes a teu aluno: Tu sabes que eu fiz questão de separar-te na tentativa de te mostrar que não estava ali só para proteger o outro, mas fundamentalmente para proteger-te de ti mesmo. Eras tu que estavas em risco. Sabe, *Guerreiro*, tu ali deixaste a raiva mandar no teu pé, na tua mão, na tua cabeça, no teu corpo. Eu como mulher, uma entre muitos de teus professores homens, poderia ter deixado um deles ter entrado ali naquela hora na frente para te conter. Eu gostava que tu enxergasses que não é assim que se resolvem as coisas. E que eras tu, tu que te estavas te machucando antes mesmo de machucar qualquer outra pessoa. Sabes tu por quê? Imagina se te prendêssemos num quarto. Tu ias te arrebeitar nas paredes. Sim, tu ias te arrebeitar lá, a sós. Ia te machucar muito. Sim, o que tu dizes a ele e queres inculcar, professora, é que ser trancado num sítio como um quarto ou sítios de aulas tem afetos tristes. O que se podia passar ali, trancado, *era [o risco que o corpo corre] constantemente trancado naquele espaço que suspendia o lado lúdico, o ataque ou a defesa. Era, em absoluto, um espaço neutro, onde as funções dos gestos se tornavam nulas: o movimento era desnecessário e quase ridículo. As paredes não eram estimulantes para um humano, muito menos sendo ainda, esse humano, uma criança. Era um espaço, por isso, que esmagava a infância – uma massa pesada esmagando outra bem menos robusta –, era impossível naquele espaço agir ou mesmo pensar de acordo com a idade*³³⁹. Mas, já o ouviste de mais perto, a vida que envolve esta tua criança. Conto-te, então, um pouco que ouvi e sei dele! Ele faz tratamento e tudo mais, como muitas das crianças hoje em todos os sítios... Mas, ouve que o que mais te importa é a situação de vida dessa criança... Hoje podes ver que ele está num processo horrível, porque... Ele é muito novinho. Ele tem e carrega uma grande responsabilidade... Tem mais cinco irmãos

além dele. Ele vem para este sítio trazendo os cinco irmãos, todos formando uma escadinha... Ele é absolutamente o cuidador dos irmãos. A mãe largou tudo, é muito nova, menos de trinta anos. Sabes?, drogas e tudo mais... A mãe batia nele e várias vezes o conselho tutelar foi chamado porque a mãe o espancava. Muita violência... O pai ficou anos preso e, quando ficou livre, pegou a mãe, largou os filhos e foi-se embora. A avó acolheu, mas ela não dá conta. Perdeu a Bolsa Escola por causa da infrequência dos meninos, também porque a mãe carregou todos os documentos. E, assim, essa avó não tem como fazer muita coisa... Ela só tem ele para dividir as responsabilidades. Aí tu podes ver como essa criança fica estressada... Compreendes, não é? Então, compreendes que o melhor que podem fazer com ele neste momento é conversar com ele. Dizer palavras para que entenda algumas coisas agora dentro de teu sítio e, assim, fazer com que tome consciência de que ele deixou toda uma raiva tomar conta de si. Sim, se tu quisesse encrenca, tu poderias fazer uma denúncia, porque ele te bateu... Mas, tu lhe dizes que isso tu não vais fazer. O que lhe dizes, no fundo, é para um homem que veio antes sem mesmo poder viver sua criança. Diz-lhe então: *é que não tire conclusões muito rápidas daquilo que lhe sucede; simplesmente deixe que as coisas aconteçam. Caso contrário vai facilmente chegar ao ponto de olhar para seu passado com acusações (isto é: moralmente), o qual, evidentemente, participa de tudo o que lhe sucede. O que age no senhor a partir dos enganos, desejos e nostalgias de seu tempo de rapaz não é aquilo que lembra e condena. As relações extraordinárias de uma infância solitária e desamparada são tão difíceis, tão complicadas, entregues a tantas influências e ao mesmo tempo tão libertas de todas as verdadeiras circunstâncias de vida que, onde aparece um vício nelas, não se pode simplesmente chamá-lo de vício. Em geral, é preciso ser muito cuidadoso com os nomes; muitas vezes é o nome de um crime que destrói uma vida, não a própria ação anônima e pessoal, que talvez fosse uma necessidade bem definida dessa vida e pudesse ser aceita sem esforço*³⁴⁰. Sabes do risco que corres ao dizer-lhe isso. Mas, se tu não quisesse corrê-lo, tu não o enfrentarias como o fizeste, aquilo ali, de chegar e colocar teu corpo na frente de teu aluno para contê-lo. Sabes, e o dizes ao teu aluno e a todos cá neste sítio, que aqui não se lida com bicho. Dizes a todos: Vos não sois um cão raivoso, sois humanos, não bichos! Estás a ensinar que quando mirarmos uma criança, também nós possamos dizer: tu és um menino, não um bicho! *E que tampouco há de ser onipotente na descrição do outro sobre o qual se escreve. Mais vale deixar-se escrever por ele do que atirar-lhe em cima de todas nossas pretensiosas*

agudezas e gravidades³⁴¹. Assim, tu fazes acreditar, e também fazes com que os que habitam teu sítio acreditem, num menino, numa infância que habita cada um, uma condição de infância, de vida, sem condenações. Produzes com isso uma confiança contente e de amor *com* a vida, confiança e amor de um humano para o humano num sítio como o teu e mesmo além dele e de ti, e não uma crença e a prevalência de um olhar e tomada do humano como um cão raivoso, sim, que também pode nos habitar e que muitos deixam por aí trancafiados em indevassáveis sítios de confino, à solta perdidos no mundo, ou...

, ...

Podes receber uma carta escrita num último dia de atividades em teu sítio para aprendizagem. Quando a lês, tu observas que ela é fruto de uma confusão em teu sítio, uma briga na escola. A carta foi escrita para resolver o tal problema. Então, leio-te uma carta: "Querida escola. Hoje aconteceu uma situação desagradável no que diz respeito aos alunos e professores, envolvendo alunos do 7º ano. Durante uma aula aconteceu uma briga muito séria entre dois colegas de classe e infelizmente, acabou acertando o professor. O professor ficou muito abalado e chateado com a situação. Foi preciso que os alunos do 9º ano ajudassem a separar a briga que se arrastou pelo corredor da escola. Graças a Deus não aconteceu nada de mais grave fisicamente com ninguém que estava dentro da sala, mas o professor sentiu-se muito mal diante do que presenciou. Nós, alunos do 7º ano, ficamos constrangidos, porém, além de vermos os dois amigos brigando, vimos também o professor triste, chorando nervoso com a situação. Vários sentimentos se misturaram – desespero, dor, vergonha, pena, raiva, angústia etc. Por que esse tipo de coisa acontece? Diferentes são os motivos: brincadeiras sem graça, provocação, inveja, falta de respeito, de educação, entre outros. Professor, pedimos desculpas pelo acontecimento ainda que não tenha sido toda a turma a provocá-lo. Sentimos muito pelo que aconteceu e esperamos que você volte a dar aula para nós. Não queremos que coisas assim aconteçam outra vez. Abraços. Alunos do 7º ano." Se tu visses a comoção dessa carta... O que aconteceu foi grave, foi uma coisa muito física, foi brigalhada... Foi muito parecido como aconteceu outro dia neste sítio, só que desta vez acertaram o professor. Ele saiu da sala, voou cadeiras, alguns alunos instigaram alguns professores, isso para saber como tu lidas com tal situação... Compreendes? E aí tu fazes uma reunião de sábado, tu tentas organizar tudo para discutir essas questões que aqui se passam. Perguntas para procurares compreender: o que é isso? Só que vês que é difícil discutires isso. Observas que há pares teus que concebem a ideia de que

professor é profissão de risco. Para ti, professor é profissão da esperança. Então, é assim, segue tudo muito complicado. Como tu ages com a turma? Sim, em três etapas. Primeiro, é claro, fazes uma coisa que é deixá-los à vontade, dá-lhes uma caneta para perceberem-se a si como grupo, observa-os pelo que escrevem, e mais, como escrevem. Queres perceber como se vê a si mesmo, o 7º ano. Depois vens com uma primeira pergunta: qual o sentimento que tens e o que eles têm. Eles vão escrever e tu aguardas. Qual o sentimento que têm quando vêem algo assim acontecendo neste sítio? Queres a princípio só o sentimento. Vens com uma segunda pergunta: por que eles acham que isso acontece? Primeira coisa que vês aparecer: Namoro recolhido! Dizem para ti que querem namorar, ficam a marcar encontros e aí um entra no meio mas, contudo, estão dentro de um sítio escolar e nesse sítio não pode namorar... Tu vês que são todas crianças de 12 anos. Muito bem. Aí vens com a terceira pergunta de tuas etapas: Como é que vocês acham que resolvemos isso? Aí eles buscam palavras que podem usar... E falam: Tolerância, Paz... Aí quando acabam tu falas: E aí, o que é que fazemos agora com isso? Uma criança diz: "Queima tudo!, pra gente apagar o que aconteceu". Aí tu vês que duas outras crianças dizem: "Se a gente queimar, nós vamos repetir outra vez. A gente tem que arrumar um jeito de não queimar e fazer diferente". Não era para queimar as palavras. Então, fica aquela discussão até falarem: "Por que a gente não faz uma Hora da Palavra Boa para pedir perdão?" Então, vão fazer. Aí dão a ideia das pombas que viste penduradas no sítio interno daqui. Fizaram as pombas, montaram as pombas e veio a carta. Aí tu decidiste lê-la aqui e tornar público... e todo mundo viu o que aconteceu. Tu compreendes que não adianta tapares uma situação dessa, pões uma pedra em cima. Mas, vês que foi muito bonito. As crianças cantaram, as mães estavam junto... Ficou lotado o sítio interno de tua escola. Mas, tu vês como é incrível haver professor que acha que isso é baboseira, e que o que resolve é expulsar os meninos. Mas, vês que ao menos no fim da reunião que tiveste com teus pares, no frígir dos ovos, viste que foi uma boa reunião. O que fizeste foi dividir uma sala e pegar coisas que não são deste sítio. Porque entendes e porque também tu o vês assim por aqui: tudo o que tu pegas daqui têm resistência. Tu pegaste falas de professores, alunos e diretores sobre violência, um artigo que trouxeste. Vês, não foi tão bom? Os teus pares chegaram em seus grupos de discussões à conclusão que a polícia não tem que entrar na escola. Se abrímos para a polícia, a gente fecha para a educação. Amém!, desabafas. Tu e teus pares, decidem algumas coisas a partir do que discutiram. Um seminário sobre violência, não. Um seminário sobre convivência na escola – quais são as regras, a maneira de cumprir. E aí tu vais desde os pequenos até os grandes, com teus pares, construir regras de convivência. Já tendes algumas e os meninos vão discuti-las. Tu dizes a alguns de teus pares: gente, ainda falta anos-luz, nós temos que lutar muito para tentar,

porque senão, assim, eles não conseguem perceber as violências pedagógicas. A que tu te referes, a teus alunos ou a teus pares? Continuas: Eles conseguem perceber o professor, a violência física, verbal, mas a violência pedagógica que a escola promove e que eles mesmos promovem, não conseguem enxergar. E mais, tu compreendes que não adianta saíres, andares por aí a dizer “faça isso”, “faça aquilo”. Sabes que tem que chegar a hora de todos perceberem o que se passa e qual o trabalho a se empenhar. E tu acreditas que esses alunos vão poder falar um dia e, quando eles falam, vê que é diferente. É palavra, é falar público! As palavras... A fala tem outra repercussão. Não é alguém falando sobre, mas alguém que vive, fala da coisa. Tu insistes e desejavas continuar a acreditar nisso. Tu que viveste este sítio de um outro modo, e agora tu tens de encarar o concreto completamente diferente... Tu estás mais assustada porque muitos dos teus pares participaram de teu outro momento deste sítio e hoje embarcam no discurso que o professor tem pouco direito, de que o aluno tem direitos demasiados, que são lados, o aluno está de um lado e o professor está de outro, que ser professor é profissão de risco etc. Teus pares, gente que já fez muita coisa... Tu sentes que dás um passo para a frente e quinhentos para trás. Compreendo tua quase-tristeza. Mas, concordas que é assim mesmo. Não desistes nunca. Tens que enquanto teus meninos estiverem conseguindo escrever tais palavras, conseguindo pensar como resolver tais problemas, está bom para ti. Ouve o que tenho em mãos: “Estamos já com alguns dias de aula e muita beleza encontramos. Todos somos e seremos muito felizes aqui. Que todos tenhamos um ano muito feliz”. Vês?, bonitinho, assim, simples! “Bom dia. Hoje estou na minha escola querida, escola mais bonita. Que Deus lhe dê um dia cheio de esperança e nossos pais e professores um dia de trabalho muito bom”. Ouviste? Tudo 6º ano. Então, tu podes ver que nesse nosso encontro que tens em mãos ótimas palavras, palavras que este sítio precisa ouvir reverberar. Traze-as consigo, mas também faze-as ouvir. Sim, reproduzes palavras escritas por estas crianças. Agora saem-te de tua boca. Percebes? Gestos de escrever palavras. Mãos e bocas, corpos unidos num comum por palavras. Talvez o resultado dessa relação toda seja um mistério agora. Mas, deixa estar por agora. *Deixar os mistérios no seu devido estado. O homem sábio é o que sabe que há coisas que nunca vai saber. Coisas maiores que o pensamento*³⁴². Conta com todo teu corpo, com seu sofrimento, com teus afetos e, ao mesmo tempo, com a coragem de existires e pensares *com* essas palavras, até a fronteira que dá às coisas da Vida, coisas maiores que o pensamento e que *aqui-já* se passam...

, ...

Tu partes da crença de um convencimento prévio de teus alunos para participarem de tuas atividades. Prepara-te. O convencimento... Ouvir a palavra NÃO não faz parte de tua crença, ao menos em princípio. O NÃO é uma palavra de recusa de alguma coisa que não se deseja, ao menos a princípio. A palavra NÃO muitas vezes é uma escolha pelo negativo; a palavra é um ato de teu corpo que te sai pela boca. Quando dizes NÃO queres talvez dizer: isso te compõe ou isso te decompõe. Talvez. Teu corpo diz NÃO – porque imagina, acredita, compreende, sente, deseja etc. diferentemente de outro. Assim, tu dizes sim. Às vezes. Às vezes a palavra NÃO em teu sítio é um modo de pirraça, um contra-dizer algo que tu dizes ou queiras dizer, por exemplo, do que preparas para teus alunos e que imaginas bom e certo e que estás convencido de que tem de haver aceitação, participação total e inconteste em tuas atividades. Mas, ouve lá: teus alunos desejam como tu também desejas, mas são desejos que se diferem pelos afetos. Ainda sim, um NÃO num Corpo-Escola é muitas vezes tido como um conceito quase unânime de um dizer contra, de um contra-dizer, de um resistir a imposições, um resistir, por exemplo, de um corpo por ter ou sentir desrespeitado seus desejos existentes e singulares de perseverar em existir e pensar com autonomia. O NÃO para um Corpo-Escola muito frequentemente passa pela ordem do proibitivo, aponta para princípios, para normas transcendentais, aponta para a moral. O NÃO num sítio de escola é mesmo complexo. Mas, ouve atentamente como uma palavra tão pequena, a palavra NÃO, em teu sítio, torna-se uma potência para compreenderes realmente tua própria forma de existência com tuas partes. Ouve lá: Vão fazer uma pesquisa em teu sítio. Queres, antes, o assentimento das crianças que farão parte de tua investigação. Aí partes para o consentimento ou não de teu grupo que gostavas de ter como foco de tua pesquisa. O convencimento... Então, tu vens com uma folha-bilhete para que respondam SIM ou NÃO em relação ao interesse em colaborar contigo na tua pesquisa. Uma criança, para tua surpresa, marca NÃO na folha que lhe dás. Segues um trâmite: Primeiro selecionas quem queres que faça parte em tua investigação. Marcam SIM e depois esse bilhete vai para a casa deles, para que os pais tenham ciência que seus filhos participam contigo num trabalho teu. Anuência dos pais. Depois disso, oficializas tudo na escola. Tu não oficializas nada sem antes consultar os mais importantes, as crianças. Fazes isso oficial até quando tu vais pesquisar. Tu tens, por exemplo, 60 cartas, mas uma diz-te NÃO. Consideras o NÃO que tens entre muitos SINS. O NÃO tu respeitas e, assim, não inseres essa criança, não a consideras fazendo parte ou desejando fazer parte de teu trabalho. Aí isso passa. No primeiro dia que vens já para fazer a tua investigação propriamente dita, tu entras no sítio que escolheste e tiras desse sítio um primeiro grupo de crianças para trabalhares. A criança que te disse NÃO não está selecionada nesse grupo que escolhes. Quando, então, para tua surpresa, ouves dela: “Não, eu vou, eu tenho direito, eu quero

participar!" Tu lhe responde: "Minha filha, tu não estás entendendo. Tu respondeste NÃO no papel. Olha aqui..." Aí tu buscas o papel e lhe mostras. Ela te fala: "Tia, eu respondi NÃO porque nunca ninguém me pergunta nada. Eu só queria ver se ia dar certo". E tu respeitaste o NÃO naquela altura. Tens, agora, que fazer outro papel... Vês?, essa criança só queria saber se ela seria respeitada, mais nada! Ninguém nunca lhe pergunta ou mesmo perguntou nada. Nada. Nada em sítio algum como o teu, ao menos para essa criança. Sim, mormente em sítios diversos, e não menos os escolares, pessoas passam a decidir pelo outro aquilo que cabe a cada um decidir. Subtraímos o desejo alheio, o desejo do outro. Assim, uma criança marca um NÃO numa folha, mas para dizer "SIM, quero participar" a todos os que não dão voz a quem tem o que dizer, escolher, desejar... Uma simples pergunta... Aqui, podes ler na folha que lhes dá: "Eu quero participar de uma pesquisa?" Vê o que uma criança marca: NÃO! Compreende: É só uma pesquisa. Se acaso respondem NÃO numa pergunta de desejo ou não de participar, por exemplo, de uma investigação tua, é fácil resolver uma resposta com a palavra NÃO. É só dar outro papel e dar a marcar (a) outra opção ou reforçar a anterior. Dás simplesmente outro papel a assinar. Mas, compreende que por trás de um NÃO pode estar um desrespeito com o desejo, com a escolha, com o dizer de um outro... Num sítio de escola, de modo mais amplo, talvez o NÃO seja a palavra mais marcada. Talvez seja o momento de dar outro papel, dar a assinalar outro papel nomeadamente a todos que dizem NÃO num sítio de escola. Não só em sítios de escola, mas em todos os outros. "Nunca me perguntaram nada!", é o que diz uma voz de criança em teu sítio. Talvez o desafio, um X de questão para ser marcado e produzido também em papéis de sítios escolares, seja o dar a palavra ao outro, palavra que lhe é de direito. Mas, pergunto-te: Em teu fazer neste e em outros sítios ages pela e com palavras afirmativas, ainda sim, com ou partindo de uma palavra de negação? Ou nunca ninguém te perguntou nada disso?!...

, ...

Tu ainda vais ver um filme ser produzido por uma criança. Sim, um filme de uma criança do 4º período, 2º ano. Um dia vais ver, vai ficar linda a história desse menino que tens em teu sítio. Como descobriste um cineasta tão jovem? O roteiro... Ora, tu como observador atento aos acontecimentos em teu sítio, vês um menino absolutamente encantador. Tu observas essa criança em meio aos colegas de sua turma. Aí a professora dele chama-te a atenção para um caderno nas mãos dessa criança. Perguntas à criança o porquê desse caderno. És curioso,

queres saber... A criança te responde que o que leva é um caderno de entrevistas com o fim de preparar um roteiro para um filme. Tu te surpreendes com a resposta. Perguntas em tom de exclamação: "Que? Como é que é?" E, assim, tu te sentas com essa criança. Já a conheces na lida com roteiros esperados em sítios escolares – ele não sabe... ele se recusa a escrever, ele se recusa a ler, ele não escreve. Pedes para ver o caderno. Há uma porção de nomes escritos. Perguntas silenciosamente: "Como é que ele está com um caderno na mão, a registrar o que, se ele se recusa a escrever?" Vês mesmo que há nomes de outras crianças escritos nesse caderno, nomes de coleguinhas... Tu perguntas a ele quem escreveu tais nomes. Ele te responde que havia sido ele, mas foi a professora que os escreveu, ele os copiara. Tu te interessas em saber das entrevistas. Perguntas a ele como as faz. Ele te responde que a entrevista é assim: ele escreve o nome de quem foi entrevistado, e cada "quem" foi entrevistado faz um desenho. Mas tu lhe perguntas: "Mas aí o que tu entrevistas?" Vem a resposta: "Não, porque eu quero fazer um filme, e aí eu quero escrever o que cada um vai ser no filme". Então, tu tens vários desenhos em tuas mãos e comesças a passá-los um a um. Pensas que isso vai ser uma coisa... e os meninos desenhando, todo mundo entrou na ideia dele. Quando chegas a um determinado desenho ele logo diz: "Esse aqui é o meu, essa aqui é uma parte do filme". Perguntas à criança que parte do filme a que se refere. Eis que te responde: "Aqui vai ser uma luta do bem contra o mal. Essas daqui são as abelhas que roubaram o mel das outras". Essa criança conta-te toda uma estória de umas abelhas ali. Aí tu lhe falas que tem de ir ao cinema. Ele prontamente te diz: "Não, eu quero fazer é um filme e isso aqui vai fazer parte do meu filme". Tu te ofereces a ajudá-lo a fazer o tal filme. Ele te pergunta como tu podes ajudá-lo. Ele te pergunta se tu podes filmar para ele. Tu respondes afirmativamente, mas que primeiro tendes que fazer o roteiro desse filme. Tu lhe dizes que já que ele não quer escrever, então, que se faça um roteiro com os desenhos. Perguntas a ele se por acaso os meninos vão ser as abelhas... "Ah, é isso, está ótimo. A gente faz o filme das abelhas perdidas". – ele te responde entusiasmado. Tu ficas encantada com o menino. A professora dele está próxima a ti. Tu dizes a ela que farão esse filme com esse menino. Tentarás o viés da fantasia dele, dessa competência dele de articular e liderar os demais para que ele escreva, leia... Talvez. Talvez mais tarde. Mas, tarde é ainda melhor que nunca. Nunca é tempo nenhum... Quando aqui-já ainda não é mais tarde, podes ver uma potência quase cinematográfica: fazer um filme, uma história a respeito de pessoas que, até hoje, ainda hoje, nunca tiveram a palavra escrita, apenas desenhos, supostos roteiros delas...

Podes andar por todo sítio de escola, mas em dado momento, escolhes estar sentado num banco do pátio interno a observar os movimentos e repousos, as velocidades e lentidões do Corpo-Escola. Onde estás, várias crianças passam por ti. Muitas param para um cumprimento, uma breve conversa, uma troca de calor de tuas mãos... Em meio a isso tudo e muito mais coisas, um dia podem estar consigo, por exemplo, duas crianças que deveriam estar em seus sítios de aula. Por exemplo, podem ser duas crianças da Educação Infantil matando aula... Estão ali contigo duas crianças pequenas fugidas de um sítio de aula poucos metros de onde estás – *O Homem Forte De Deus* e o *Rochedo*. Em dado momento chega a professora para pegá-los e diz que uma delas, o *Homem Forte De Deus*, é um filósofo. Ouve bem o que essa professora te diz: uma criança que é filósofa já com apenas talvez 8, 9 anos... Perguntas à professora por quê. Ela te diz que um dia, após ela contar um de conto de fadas para a turma, esse pequeno filósofo amigo de muita sabedoria disse: “Os contos de fadas são estórias antigas de uma época anterior a muitos homens”. Outra vez quando um colega dessa mesma criança, também após uma estória de contos de fadas, diz: “Ah, nesses contos de fadas a princesa não existe não”. O *Homem Forte De Deus* afirma que “claro que existe, só não existe hoje. Isso é de muito tempo atrás, é mais tempo antes de minha avó nascer, é uma coisa de muito, muito tempo”. Ainda é apoiado por outro coleguinha, talvez também amiguinho de um saber que diz serem “essas estórias antes de Adão e Eva”. Em relação ao *Rochedo*, a professora te diz que ele é um garoto sensível, desenha muito, muito bem. E após essa breve conversa que tendes, a professora segue com eles de volta ao sítio de aula. Continuas sentado no teu banco a fazer tuas coisas. Passa um tempo e, depois do horário de intervalo dos alunos maiores, uma criança muito chegada a ti e colega daquelas duas crianças que há pouco matavam aula conversando contigo, te traz uma coleção de desenhos feitos por absolutamente todas as crianças da sala. Soubeste que abdicaram da hora do parquinho para se dedicarem aos desenhos. Todas as crianças querem te oferecer alguma coisa, mesmo que seja um desenho. Podes talvez mesmo agora extrair uma lei: A criança que desenha não passa uma infância em branco. Mas, depois de teres ouvido tais palavras vindas de crianças tão ainda pequenas em suas idades, e ainda depois receberes desenhos delas, o que talvez ainda te reste seja perguntares – mas com acentuação na gratidão pela vida que te atravessa – “Mereço tanto?!”...

Sabes que há crianças que sempre sentam ao teu lado para uma prosa. Mas, um dia uma criança que sempre prosea um pouquinho, hoje senta ao teu lado, mas calada e meio nervosa. Está a roer as unhas nervosamente e a olhar constantemente para ambos os lados. Cumprimentas essa criança e só. Só observas e aguardas o que pode vir disso. Pouco depois ela te confia uma atração por uma língua estrangeira – o espanhol. Essa criança, agora, passa a gostar da língua espanhola. Passa a gostar não só dessa língua, mas de uma garota que está logo ali, próxima a vós. Sim, uma garota novata do 5º ano. Ele do 6º ano. Então, esse jovenzinho une seus desejos – o de uma língua estrangeira, espanhol, e o de uma garota novata que o encanta. Ensaia algumas palavras ligando ambos os desejos: *"Aquela Que É Jovem* usted es mui hermosa!" Uma criança que cresce rápido, vês? Está a entrar na juventude. É a vida. Esse jovem ao teu lado está a dizer que *a vida pressupõe dois pés, duas pernas,/ dois olhos, dois braços, e até o cérebro/ tem duas partes: a direita e a esquerda./ Só o amor quando é forte não tem lado/ esquerdo e direito. É um sentimento central;/ qualquer acontecimento cotidiano, ou extraordinário,/ parece ocorrer nas vizinhanças*³⁴³. Sim, a vida pressupõe teu corpo *com* ela por todos os lados. Este jovem sentado ao teu lado está a dizer que deseja uma língua estrangeira, quer aprendê-la com gosto, com o coração... Está a dizer por todos os lados que deseja o espanhol e *Aquela Que É Jovem*. Quem disse não ser possível a um jovem aprender e amar simultaneamente várias línguas com prazer, aprender uma língua estrangeira e *amar* intimamente um corpo que se deseja começando por outra língua?

, ...

Imaginas o que é um professor estar preparado para uma aula. Sim, o preparo de um professor para uma aula. O conteúdo, o método, um valor, uma aula... Podes um dia chegar a um sítio para aprendizagem escolar e ouvires que conteúdo, método e aula são valores que podem ser caros a um professor e sem valor àqueles a quem a aula é dada. Que valor pode ter uma aula? Que valores podem estar presentes em uma aula? Um dia podes ter em teu sítio de escola um professor que vem para uma aula, adentra seu sítio e o encontra cheio de estudantes. O professor preparou-se muito para essa aula. Quando entra em seu sítio, vê que ele está repleto de variados estudantes, as idades são compatíveis, são adolescentes. Parte-se, às vezes, quando num sítio de escola, numa aula, que o comum é a idade, assim como numa fábrica ou num mercado de compra e venda – a compatibilidade de idade é a data de produção. Para a

aula de hoje o professor pensou em uma lição especial. No seu sítio, então, ele abre uma bolsa e saca dela uma quantia em dinheiro, aproximadamente dez vezes o que pode ganhar minimamente, em um mês, um número mínimo de cada família dos alunos presentes diante dele. Então, o professor vem com essa quantia numa bolsa, coloca-a sobre a mesa e começa a expor a lição preparada. – “Eu ganho isto pelo meu trabalho! O quanto vocês ganham pelo vosso?” Esse é o início de lição de uma aula cujo método implica em se dirigir e perguntar simultaneamente para todas as dimensões que segmentam os corpos dos alunos – cabeça, pés, peito e costas – mas, essa pergunta implica que cada parte do corpo segmentado tem e deve dar sua devida resposta. Faz parte do método, perguntar às partes, mesmo às partes de um certo corpo de medidas anatômicas bem exatas. Para a medida da cabeça a pergunta é: “O que pensam quando veem esse valor todo diante de vós?” Para a medida dos pés a pergunta é: “Quantos passos precisais dar para ganharem esse valor?” Para a medida do peito a pergunta é: “Quanta vontade tendes em vossos corações para terem esse valor?” Para a medida das costas a pergunta-exclamação é feita, mas se devidamente observada, ela retroage é mesmo para o professor. A pergunta-exclamação não se dirige aos alunos, mas para o próprio professor, ou melhor, ao segmento anterior de seu corpo. Assim é a pergunta: “Quão covarde és que nem sabes e nem ao menos pensas um valor mais importante para a educação?!” Se ouvires bem o início da lição na aula de um tal professor podes imaginar que tipo de valor está implicado e que, quando presente numa aula, tal valor complica tudo. Dinheiro e Educação em uma aula... Mas a lição é para um professor. Algumas possíveis perguntas: Pode a educação fazer enriquecer? Qual a riqueza da educação? Quão rica é ou pode ser a educação? Resposta para dizer da riqueza da educação, mas de valor menor: *Enriquecer ainda mais é um risco para todos/ os ricos (como uma epidemia),/ e tal só não ameaça também os pobres porque/ acerca destes não é adequado utilizar a expressão/ “ainda mais”. E os pobres/ sendo, como toda a gente sabe,/ moralmente muito mais bem apetrechados/ que os milionários, não querem enriquecer ainda mais,/ querem apenas enriquecer a todo custo,/ pisando quem quer que passe/ à sua frente. Os pobres não são bons, murmurava o meu pai,/ têm é menos dinheiro para exercer a maldade*³⁴⁴. Podes imaginar como um professor pode ver ou antever um futuro para seus alunos numa e através de uma lição em uma aula. Sim, *ter futuro custa muito dinheiro. Mas é muito mais caro só ter passado*³⁴⁵. Ter algo sempre custa e, às vezes, o preço é caro demais. Talvez uma lição inacabada: Caro professor, tua presença em sítios escolares não tem valor de mercado. Existir e pensar em tais sítios não tem dinheiro que pague.

Ser nesses sítios é de graça, é graça. A graça é ser de valor em Vida e vale-se por aqui por aquilo que se faz *com* os outros, ainda que sim, ordinariamente.

, ...

Entras um dia em uma sala de um sítio de escola e vais ter com os alunos. Faltou-lhes o professor. 9º ano. Último ano para aqueles que ali estão de viver, conviver, aprender, arrepende, comer, estudar, cabular aulas, ausentar-se das aulas, viver férias, alegrias, tristezas, paixões, desejos, esperanças... Neste sítio só se vai até o 9º ano, depois... Então, vais ter com eles, os alunos. Já to disse – faltou-lhes o professor daquele dia. Então, há o que chamam de “janela” e, aí, vez uma “janela” e miras a “porta”, uma boa entrada para possíveis encontros, talvez uma “aula” ao modo diferente. A porta, então, uma entrada com múltiplas entradas insuspeitas para pensar-se, sentir-se, desejar-se... Entras na sala, pela porta. Vês ali de partida alunos adolescentes, muitos homens, cerca de quatorze. Uma só mulher – *Renascida*. Um fato logo de partida – a disposição dos alunos nesta sala. A disposição espacial dos alunos em sala – acumulados e espremidos à parede ao fundo da sala. Cada qual em sua carteira que mal acolhe o corpo. Ainda, cada um leva consigo uma mochila junto a si, seja no colo, em cima da mesa, nas costas... Não as deixam hora alguma, o tempo todo consigo. Põe-te, então, diante deles. Todo um silêncio. Não há movimentos. Há entre ti e eles buracos e clarões de toda ordem – de palavras, silêncios, pequenos gestos, olhares, pensares, sentires, querereres... Sentes um cheiro quente de suor misturado. Até agora é o que há para sentires de imediato. Aí observas isso. Fazes uma possível imagem. Soldados entrincheirados a observar o outro lado do *front*. O inimigo? O outro lado? O que possa vir? Medo? Esperança?... Proteção última pelas barricadas de alguma violência perpetrada ou a perpetrar ali, naquela hora?... Preparação de uma partida anunciada para outro sítio, quiçá também escolar, já que é o último ano daqueles ali?... Todo um silêncio. Não há movimentos. Há entre ti e eles buracos e clarões. Sim é o que se repete ali – buracos e clarões. E há o tédio e seu conjunto de corpos – os entediados. *O entediado morrerá num instante; quem for atingido em pleno movimento e em plena atenção poderá ainda sobreviver*³⁴⁶. Não estás só ali na frente, tens como companhia neste dia, *Valorosa Griote*. Então, é quando aproveitas os buracos e clarões avançando com precisão, graça e profundidade com palavras. Sim, palavras que sacas dos buracos e clarões diante de ti. Deves, pois, com as palavras, evocar, convocar, criar, produzir pontes sobre os buracos e, entre os clarões, mover-te entre luzes e sombras, uma movência entre a intermitência

de possíveis encontros, entre as visíveis e singulares (in)disposições que tens diante de ti. E aí começa com eles. Começas com dois – *Leão Pequeno* e *Pensador*. Ouves, então *Valorosa Griote* de como esses dois foram fundamentais com a professora da Educação Infantil! Ela lembra a eles: Casulos de borboletas em um vidro azul. Os dois, somente eles sabiam das árvores, sabiam como trazer os casulos, não matá-los. Esse saber possibilitava-os trazer os casulos para o sítio de sala de aula numa condição de verem depois as borboletas voar. Sim, borboletas nasciam dentro da sala de aula. Observação de metamorfose. Aqui é a metamorfose de nascer um bicho asqueroso rastejante, depois se encapsular e depois voar. Voar colorido em asas. Sim, ciência e observação de vida. Qualquer interferência das duas crianças por menos abrupta que fosse poria a vida daquelas futuras borboletas em risco. Aqueles dois alunos vizinhos da escola antiga iam às árvores, achavam os casulos e, sem tocá-los, com um copinho plástico em mãos, depois com um vidro grande e com um vaso de flor faziam nascer borboletas em sítios escolares, dentro de sala de aula. E quando a borboleta nascia?! Nesta hora, ali com eles frente a frente, lembras de Goethe algures. *Veja a planta! Ela é a borboleta/ Aprisionada pela terra./ Veja a borboleta! Ela é a planta/ Liberada pelo Cosmos*. Muitos desses alunos que estão diante de ti viram isso – borboletas nascerem dentro de sua sala. Fizeram isso quando no 1º ano com 7 anos. Não te esqueças que hoje estão no 9º ano. A *Renascida* fez naquela altura uma música. “Nas Asas da Borboleta e o Sentido do Tempo”. Contavam e catavam como era com as borboletas pelo brilho do casulo. Observa que interessante: pelo brilho do casulo. Pelo brilho, um clarão diferente, singular. Então, passas a uma reflexão evocada e sitiada na memória dos alunos que estão diante de ti e, assim, passas também a ocupar os buracos e aproveitar-se dos clarões. Dizes a eles: Quando se está na Universidade ficamos a pensar o que é conhecimento e o que é arte. E há pessoas que acham que arte não tem relação alguma com o conhecimento e que o conhecimento não tem relação alguma com a arte. E o que vocês (alunos) fizeram, contando a história da borboleta, juntava as duas coisas – conhecimento e arte. Não a arte de pintar borboletas, desenhar as borboletas, mas arte de narrar a vida das borboletas. Ouviste? Narrar a vida! As palavras estão a serviço da vida e à altura dela. Não é a palavra sobre a vida ou sobrepujando a vida, mas a vida falada à palavra, a vida jorrando e expressando-se em palavras. Essa arte pela e com a palavra faz a vida cantar e, neste sítio de aula, as palavras fazem borboletas saírem de seus casulos e voarem novamente. Sim, podes ver que conhecimento e arte são indissociáveis. Então, continuas a dizer aos teus alunos que isso é uma coisa muito importante do ponto de vista da Universidade, e que eles já sabem fazer. Conhecimento não é só o que está no livro. Conhecimento é também o que nós somos capazes de contar ao outro. Por exemplo: Quando a *Renascida* diz que ela foi a representante da África,

ela deu esse título de representante, mas na verdade esse teu sítio de escola já fazia um trabalho muito poderoso e potente na relação Brasil-África. E há também registros gráficos que tens, os desenhos, feitos pelos alunos naquela altura. Voltando às borboletas, lembra-te daquela criança que passou duas semanas fotografando o nascimento delas. E não te esqueces da naturalidade com que ela fazia esse registro e a naturalidade com que as borboletas andavam de dedo em dedo dentro de teu sítio de aula. E aquela tua criança que desenhava as borboletas jogando futebol?! Campo de futebol, crianças jogando bola e as borboletas... *O Que Vem* narrava: "Não é com hora nem minuto nem segundo. Eu vou te contar como nasce uma borboleta!" Ouves a frase? Nascer para *O Que Vem* não tem a ver com hora, minuto, segundo... E ele diz: "Eu vou te contar". Contar, narrar: as palavras atingem (ou partem) de um "tempo" antes do tempo hora, minuto, segundo... E agora, percebe o nome da criança que te contou – narrando ao modo de uma partida de futebol – "como nasce uma borboleta": "*O Que Vem*". Voltaremos às borboletas ainda, mas ouve antes o que *Valorosa Griote*, aquela que carrega uma mala colorida de cá para lá em teu sítio e, quando a abre, as crianças lembram-se de coisas, experiências escolares... Ela diz: "Criança se lembra de pensamento e não só do que ela pega de concreto. Criança lembra do sentimento". Penso que esteja a dizer de afetos que se produzem nos encontros, muito além de encontros com "coisas" tão-somente. De *Valorosa Griote* podes ouvir que uma vez, dessa tal mala, tirara livros que as crianças tinham feito lá na infância, há muitos anos atrás, na Educação Infantil. As crianças nem se lembravam direito daquelas coisas ali sacadas. E falavam: "Ah, não fui eu que fiz, esses livros são fedorentos, fedidos, ridículos". Então ouviram de *Valorosa Griote* que, se eram feios assim, então... Não completou a frase, mas continuou por outra senda por desvio de palavra. Reafirmou, então, que aqueles livros eram sim trabalhos deles, que estavam ali diante de todos, mas já que eles sentiam que eram tão feios, podiam ser queimados e jogados fora. Mas, na mesma hora em que ela acaba de dizer tais palavras, algumas crianças ficaram indignadas dela ter falado isso. Uma criança logo começa a dizer: "Ah, eu não tenho livro porque eu me lembro que eu chorava". *Valorosa Griote* pergunta, então, por que ela chorava. A criança responde: "Porque eu tinha medo da escada". Vês? Ao invés de se lembrarem do livro, lembram-se do sentimento que elas tinham na antiga escola. E se estendermos tal compreensão disso que te diz uma criança, de que tem muito mais sentimento nas relações, inclusive em educação, com o que fazemos e do que fazemos? Às vezes são os objetos, os conteúdos, a "coisa" concreta que nos rouba a cena. Mas, há que se considerarem os sentimentos que implicam toda cena, não só com a coisa, às vezes, mero produto. Considerar os sentimentos (que não é mero sentimentalismo) talvez contribua mais para se olhar, escutar, interpretar, dar sentido etc. às inadvertências ordinárias

que escapam ao primeiro olhar, escuta, interpretação, “significado” etc. Então, chamemos de *afetos* isso que uma criança agora diz de “sentimento” e que faz convulsionar a forma ou um produto objetivo pro-posto ou pós-posto em práticas escolares, por exemplo. Mas, retomemos ao acontecimento das borboletas. Não ficas com curiosidade de saber que afetos uma criança de 7 anos tinha quando ia lá na árvore, no teu antigo sítio de escola, quando ao invés de arrancar o casulo pegando com a mão, ele o trazia numa folhinha de árvore? Outra criança, hoje diante de ti, pode não se lembrar, mas naquela altura ele trazia casulos dentro de uma caixa de sapatos repleta de folhas secas. Então, a caixa ficou na sala, e as crianças traziam os casulos segurando pela pontinha e punham-no acomodado na caixa. Não tocavam o casulo. Percebes um gesto sutil desde criança? Um gesto com a vida, sem colocá-la em risco abrupto. Não te perguntas se isso tudo, esse acontecimento em teu sítio (e que o constitui e te constitui), está “dormindo” em algum lugar nesses que diante de ti hoje não mais têm idade de criança? Porque, como sentes, esse acontecimento foi muito importante para quem pôde presenciá-lo. Mas, talvez eles, tu, outros ainda, não achem que isso foi importante para vós todos ou para teu Corpo-Escola. Nesse ir e vir de memórias afetivas ainda pode acontecer de perguntares a um pesquisador hoje, que está a investigar em teu sítio, por que não escolheu outra escola. Tu já o conheces: já fez outra pesquisa em teu sítio. Por isso, não seria por acaso importante conhecer outro sítio escolar? Então tu o intimas a contar-vos porque não mudou de sítio de investigação, ou melhor, ainda desejar investigar teu sítio. E aí podes ouvir algo assim dele: Quando encontramos um amor, nós não o largamos. É por aí, por todo lugar – por amor. A escola é mais do que um espaço físico. É tudo o que acontece como história e estórias, do que se pode ouvir, ver, sentir, desejar dos pais, dos alunos, dos professores, das pessoas que moram no entorno da escola... E isso não é pouca coisa, é mesmo muito forte em fazer parte. Não são muitas as escolas que ele viu assim, de tão perto, mas esta lhe “tirou o chão” no bom sentido, surpreendeu-lhe. E ainda hoje o surpreende. E é muito gratificante para ele ver que a vida que acontecia quando na sua primeira investigação ainda acontece num outro modo hoje aqui em teu sítio. É-lhe gratificante ainda poder ouvi-la sempre nas palavras e nos gestos de *Valorosa Griote*, os afetos que atravessam este sítio desde seu início. Ele mesmo teve a graça de acompanhar na sua primeira investigação o momento da mudança da escola para este novo sítio. Pode-se mesmo ver, fazer uma metáfora, assim como aconteceu com as tuas borboletas; toda uma vida pululante, todo um acontecimento de vida se dava em torno de uma árvore, em torno e em meio a muita vida, com menos cimento, menos estruturas e menos formas que fecham e dificultam encontros mais potentes... Assim, pode-se ver como a vida segue numa estrutura totalmente diferente, pode-se dizer, mesmo em meio a uma estrutura muito precária. Ouves isso de um investigador e podes

agora fazer uma aliança com a memória do acontecimento das borboletas trazidas para a sala de aula. Tu podes ficar a imaginar que naquela altura teu sítio precário escolar foi tal e qual como um casulo, algo que foi cuidadosamente sendo tecido em finos fios sensíveis de seda formando uma carapaça, mas que tinha muita vida ali. Algo estava para nascer dali. Uma escola que alçaria vôos com asas sensíveis e coloridas. Sim, voarias para cá como uma borboleta se lá fosses um casulo que se abriu. Talvez. Mas, tu podes ter a imagem que naquela altura tu eras um casulo e te desenvolvias muito forte por dentro, com muita vida e que um dia voaste para cá onde estás hoje. Então, se mergulhares nessa imagem, verás que foram muitas as mãos que gentilmente te conduziram para cá nesta “caixa” para nasceres e alçares vôos com o colorido de tua asas por aqui. A observação que podes fazer talvez seja essa: Se este sítio fosse um casulo transportado para cá, que tipo de borboleta nasceu aqui? Ou está a nascer?! Ou nascerá aqui? Parafraçando tua criança, *A Que Vem*, “conta-nos como é que nasce uma escola”, mas “não é com hora, com minuto e nem segundo”. Apenas conta quem e além do tempo... Podes fazê-lo? E podes perguntar aos teus alunos a tua frente: Como era viver, estar naquela escola antiga vossa e de repente desabrochar aqui neste sítio escolar? E não ouves nada como resposta. Ninguém fala nada! Ainda insistes: E desta escola, que histórias vós podeis contar desse tempo que cá estão? Longo silêncio... Pode-se, assim, talvez começar uma aula. Então, começa assim com teus alunos: O que é uma metáfora? Pensemos na borboleta, usemo-la como metáfora. Vocês acham que dentro de cada um pode nascer uma borboleta, borboleta de asa voando? Pode? Pode sim, mas ela não nasce de asa, voando, igualzinho a borboleta da natureza. Não é uma borboleta concreta que você pega com asa, sai voando. Mas, dentro de nós nasce uma porção de coisa. E a metáfora da borboleta é o que pode parecer com borboleta mas não é a borboleta. O que se parece com a borboleta em termos de sentimento e não é borboleta?! A guerra? O que, que tipo de coisa nós podemos comparar à borboleta, mas não é borboleta? Ouve uma resposta: “A paz!” A metáfora para ele faz diferença. Uma escola que é promotora da paz é uma escola que tem uma borboleta nascente. Mais o que? “Amor”, “segurança”, “vida”, “liberdade e leveza”, “arte”, “vontade de fazer arte” – é o que ouves ou podes ouvir depois de teres “paz” como primeira sugestão de sentido para de resposta. Uma aula que começa com histórias de borboletas em teu sítio pode começar a compor com histórias da história... Isso quando, por exemplo, *Valorosa Griote* cita um livro: “Eu nunca vi uma Borboleta”³⁴⁷. É um livro feito a partir de uma seleção de poemas e desenhos de crianças refletindo seus arredores no Campo de Concentração de Terezin na Checoslováquia no período de 1942 a 1944, durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse campo em Terezin 15.000 crianças menores de 15 anos passaram por lá. Menos de 100 sobreviveram... Aí podes ter uma boa aula

– estórias de borboletas um dia em teu sítio e de borboletas na história em um sítio sitiado pela guerra... Podes continuar tua aula desse modo: Esse é um livro que fala de um Campo de Concentração na Segunda Guerra Mundial. Sabem o que é um Campo de Concentração? O que é um Campo de Concentração nazista? “É um lugar onde formam os esquemas para acabar com o exército” – ouves como resposta de um aluno. E respondes a este aluno: Não, não é para acabar com o exército. É um esquema de destruição, de... “Base” – tenta entender outro aluno. Tu instigas: Vamos lá, o que isso tem a ver com a matéria de vocês? Aí tu te questionas a respeito do que aprendem, do que sabem, do que têm de anotações em seus cadernos; tens consigo que não podes ver um caderno escrito sobre a Segunda Guerra Mundial se teus alunos não conseguem saber o que é um Campo de Concentração. Então continuas: Já ouviram falar em Hitler? Quem foi Hitler? Campo de Concentração era onde os nazistas prendiam todos os judeus, ficavam concentrados lá para acontecer alguma coisa com eles. O que? (...) Só que esse Campo de Terezin era diferente. O Hitler não queria que o mundo soubesse que ele estava matando judeus. Então, ele pegou os intelectuais, artistas, cientistas poloneses e colocou nesse campo. E pegou as famílias e criou dentro desse Campo de Concentração um Jardim de Infância, e havia uma professora que ensinava arte para as crianças dentro do Campo de Concentração. Só que o Campo de Concentração não tinha verde, não tinha natureza, não tinha nada disso... Ele era cercado com arames, as pessoas não eram “detonadas” como outras que estavam em outros Campos de Concentração, mas ali havia uma certa produção de arte e de teatro, de música, mas fechado dentro de um Campo de Concentração. E quando vinha alguém para saber se Hitler estava mesmo queimando os judeus, os nazistas levavam para o Campo de Terezin para dizer “não, nós não estamos queimando judeus. Nós só estamos concentrando eles aqui para produzirem conhecimento, produzirem arte. Olhem as crianças. Elas estão felizes!” E na época da visitação todo mundo tomava banho, se arrumava e produzia coisas interessantes no Campo de Concentração. Então, nesse Campo em Terezin uma professora de artes começou a fazer um trabalho de arte com as crianças. Passado um tempo, eles trocam aquelas pessoas. Ficam ali um tempo, trocavam por outras crianças, outros intelectuais, outros artistas, punham em outro lugar e matavam aquele tanto que lá antes estavam. E isso continuou... Mas, *seu sentido, porém, que não esqueci nunca mais, era esse: justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização.*

*Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso consentimento. Portanto, devemos nos lavar, sim; ainda que sem sabão, com essa água suja e usando o casco como toalha. Devemos engraxar os sapatos, não porque assim reza o regulamento, e sim por dignidade e alinhamento. Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer³⁴⁸. Então, podes ouvir? Se tu tiras “Campo de Concentração” dessa explanação toda, o que podes ouvir? O que tal descrição pode sugerir? Sítios de Escola! Percebes? Uma aula tua pode partir de estórias e chegar à história. Mas tua aula, como muitas outras em teu sítio e na quase totalidade dos demais, também pode ser uma história (re)apresentada por estórias que contas. Talvez... Uma vez, duas vezes, três vezes... até que acreditas e assim repetes, aula a aula... Mas, voltemos à tua aula: Essa guerra terminou, e o Campo de Concentração foi eliminado. Quando os americanos tomaram o Campo de Terezin, eles acharam lá dentro, escondido em vários lugares do Campo de Concentração, desenhos de crianças sobre a guerra. E adivinhem o que elas desenharam?! Borboletas! Elas desenhavam... Elas nunca tinham visto uma borboleta, porque muitas estavam confinadas ali, mas elas desenhavam o “pijama listrado” que as pessoas usavam, o arame farpado e sempre tinha uma borboleta voando, e sempre tinha uma borboleta trazendo o brilho, trazendo a esperança dentro do Campo de Concentração. Nesse caso, a borboleta é uma metáfora, porque os meninos nunca tinham visto uma borboleta concreta, mas eles desenhavam borboletas. **“Borboleta”**. *A mecânica da borboleta. Antes é o ovo. Depois este se quebra e sai um lagarto. Esse lagarto é hermeticamente fechado. Ele se isola em cima de uma folha. Dentro dele há um casulo. Mas o lagarto é opaco. Até que vai se tornando transparente. Sua aura resplandece, ele fica cheio de cores. Então da lagarta que se abre saem primeiro as perninhas frágeis. Depois sai a borboleta inteira. Então a borboleta abre lentamente suas asas sobre a folha – e sai a borboletear feito uma doidinha levíssima e alegríssima. Sua vida é breve, mas intensa. Sua mecânica é matemática alta³⁴⁹. Então tem tudo a ver. A Esperança que nós temos para superar tudo, até o medo da morte, até o medo da guerra. Imagina tu dentro de um Campo de Concentração... Como é que seria... Sabendo ou imaginando que tu poderias morrer, não estavas juntos de seus pais, porque uma tática deles – somente deles, nazistas? –**

era separar as pessoas. É importantíssimo para quem estuda a Segunda Guerra Mundial saber um pouco desse Campo de Concentração, o que foi isso na vida das pessoas, como é que alguém decide de uma hora para a outra, quer dizer, não é de uma hora para outra... Hitler construiu essa ideia e as pessoas foram apoiando, o que vai determinar juntar um grupo determinado tipo de pessoas... E aí essas pessoas eram mortas. Eram experiências que eram feitas com elas. Imaginem que coisa engenhosa matar sem deixar vestígio, queimando as pessoas vivas dentro de um forno. Imaginem isso! E é nesta hora que tu podes te lembrar de algo interessante em teu sítio que ocorreu há alguns anos atrás: Havia uma turma em teu sítio que estava brigando muito em seu sítio de aula e discriminando muito uma determinada pessoa. Observas que eles eram relativamente pequenos. Aí tu chegas na sala e comesas a perguntar para eles do porquê isso acontecia entre eles. E tu combinaste: "Olha, vocês podem falar tudo. Não vai ter castigo, não vai ter censura, não tem nada disso". Por que é que vocês implicam tanto com fulano? Falem o que estão sentindo!... E foram falando: "Porque ela é feia, ela é fedorenta etc.". Aí tu foste escrevendo isso tudo no quadro-negro, tudo o que eles atribuíam a essa pessoa. No fim das contas, tu comesas a perguntar a eles: "Se vocês tivessem o poder nas mãos e pudessem mandar, o que vocês iam fazer com essa pessoa?" Ouves: "Ah, depende..." Aí tu notas que as coisas mudam de tom. Tu ouves uma criança, uma criança de 10 anos: "Depende. Se eu pudesse mesmo, eu matava!" Tu perguntas: "Matava como?" Ela mesma te responde: "Eu matava escondido sem deixar ninguém ver." Então comesas a contar-lhes uma história; não era da Segunda Guerra Mundial, mas era a história da ascensão de Hitler. Dizes: Olha, uma vez aconteceu, um rapaz muito novo que tinha uma ideia fixa na cabeça que era a de um só tipo de raça que tinha que prestar, e que todos os negros, todos os deficientes, todos os velhos, todos os ciganos tinham que morrer. Como essa pessoa pode construir essa ideia? Ela contou essa ideia dela para um, aí ele foi lá e disse – "É isso mesmo, fulano é muito feio". E foi assim que a coisa foi acontecendo. Aí ele ficou poderoso, ele tinha um exército inteiro. O que foi que ele fez? Ouves, então, essa mesma criança dar-te uma resposta: "Ele juntou com os amigos dele e mandou matar todas as pessoas feias!" Queres saber mais; queres saber como, ao menos na cabeça desta tua criança: "Como foi que ele mandou matar, sem que ninguém soubesse?" Ouves como resposta, isso de uma criança de 10 anos: "Então só tem um jeito: queimar!" A questão é tua aula. Não a percas, mas também observa: Incomodamo-nos tanto com o outro, achamos que nosso sentimento não vai se alastrar e, sem querer, está lá. Volta a tua aula: E aí tem uma estória de esperança no meio dessa guerra, que é a borboleta. Junto com os desenhos das crianças, há poemas. E isso foi parar nos EUA, num Museu Memorial do Holocausto. Há, então, esse livro: "Eu nunca vi uma borboleta". Frente às imagens, muita leitura

– em inglês – não é nem tanto necessário. Tu podes ver pelos desenhos a expressividade daquelas crianças num momento vital. Um gesto, por mais sutil que fosse, podia ser tomado como abrupto e, a vida, colocada em risco, ou melhor, riscada. Estar em qualquer sítio é estar num limite. Naquele sítio ou no teu, o limite é entre estar vivo e morrer. Lá: água de batata e pão. Lá: não querer morrer por causa disso e apesar disso que se passa. A vida vale a pena. Aqui: perguntas por símbolos e signos de sobrevivência. Filme: Ouve “O Menino do Pijama Listrado”. Símbolo: Perguntas sobre a suástica no braço dos nazistas. E emendas: Qual o símbolo dos judeus – nos campos e nos guetos? Quem ganha a guerra? Ouve: “Os judeus”. Mais: “Os soviéticos” Só? Consultem os cadernos. Será que o Brasil participou? Perguntas pela bomba: Hiroshima, Nagasaki – “China?” – é a última bomba que ouves, logo depois de um sinal tocar para que teu “último ano” saia de seu sítio “voando”... Mas, independente e apesar de e do que ouves ou possas ter ouvido em sítios de aula quaisquer, fica talvez uma lição amorosa de vida *com* Borboletas: Voar, beijar e reproduzir. Tudo isso se passa por volta sessenta dias de ciclo de vida – vida curta, semanas, flores, néctar, acasalamento. Se não vires em teus dias ao menos uma borboleta em teu sítio de escola, não corras atrás delas; planta uma flor em teu jardim. Como podes ver, crianças e borboletas são seres pequenos que perseveram em existir. Tuas crianças fazem-se grandes quando se juntam, assim como borboletas. A vida de um Corpo-Escola, assim, pode ser lida numa outra natureza, pelo gesto de mãos sensíveis e cuidadosas de crianças com um casulo de borboleta a vir. Compreende esses pequenos e sutis gestos de tuas crianças a cada dia. Com isso, escusas de aplicar esta imperativa quase-moral: Nunca em teu sítio, nem mesmo em outros sítios, após uma aula em que borboletas surjam como pré-texto diga: *Vi uma borboleta negra. Ela me amaldiçoou*³⁵⁰. Pode ser que estejas a olhar para uma sombra em teu sítio e a perder o gesto que a ilumina. E, assim, o que se passa como vida, e é breve, podes perder – a luz que faz uma sombra que olhas, captura-te e vês como maldição, mas que pode até mesmo se tornar um pré-texto, que começa como um ovo e depois...

, ...

Pode ser que um dia te caia um livro em mãos, um *Livro Secreto das Árvores*. E aí lês que há nele descrições de uma comunidade que é muito voltada para as artes visuais. Essa comunidade se cerca de sua arte. Tradicionalmente suas pinturas cobrem os pisos de barro e as paredes de suas casas. A arte para essa comunidade é uma forma de prece, acreditam que a

fortuna cabe àqueles cujos olhos encontram uma boa imagem. Mas, essa imagem nada tem a ver com o realismo, a perspectiva, tridimensionalidade, luz. A boa imagem tem relação com um sentido, e não com a representação. Assim, essa arte da boa imagem extrai sua força e energia das linhas fluentes e de padrões geométricos de intrincados símbolos que ligam seres humanos à atividade do cosmo. E, como grande parte dessa comunidade morava nas florestas, as árvores estão muito presentes em sua imaginação, no seu imaginário. Mas, as circunstâncias transformaram o seu modo de pintar. Sim, o mundo evolui em suas técnicas – materiais como papéis, tintas etc. Assim, essa comunidade, hoje, pinta em papéis e telas usando tintas comerciais. Já não vivem como antigamente, contudo sua imaginação continua ligada extremamente à floresta. A árvore é o cerne, fornece sombra, alimento, abrigo, mas sobretudo uma riqueza imaginária de narrativas e crenças. Bem, é com esse espírito que trabalhas em teu sítio. Uma árvore habita teu imaginário aqui na “floresta” selvagem em que vives. Assim, compreendo que é muito difícil para ti falar desse teu sítio para teus meninos. Ficas mal quando o fazes. Tu entendes a situação que te encontras hoje. A “floresta” hoje é outra. Aqui tens que matar quinhentos leões primeiro para depois conseguires fazer algo. Teu sítio é afamado. Querem sempre conhecê-lo, e é pelo que fazes. Não sabem das mortes de “teus leões”. Sabes das tuas “picadas na floresta” ou dos avanços na “selva de pedra” que vives e conquistas. Não é para a morte que olham, mas para a vida. Hoje tu voltas de uma oficina que deste num bairro de tua cidade, um bairro que tem lá suas precariedades, seus “quinhentos leões” também a serem mortos. Diriges teu carro de volta de lá. Fostes uma vez àquele sítio e viste uma cavalgada quando num lançamento de livros que lá fizeram. Foi para ti emocionante ver isso. Fizeram, como tu mesmo contas, uma barraca com um monte de livros, e um monte de cavaleiros também vinha com pacotes e mais pacotes de livros para serem distribuídos. Admiras uma grande educadora que por lá também “mata leões”. Não tens palavras para definir o trabalho que ela faz lá. Lembra-te dos tambores que viste e ouviste serem tocados lá. Lindos! E esses tambores, também tu queres em teu sítio. Desejas fazer uma campanha com teus meninos para tal. E te recordas de um sentimento que tiveste durante uma reunião pedagógica em teu sítio. Uma professora não aguentou... Ela é muito sensível. Eis um paradoxo: as pessoas mais sensíveis não dão conta de algumas coisas por demais pesadas. E então, o que fazer? Talvez o sensível tenha que ser mais forte para segurar uma certa onda. Aprender a “surfear na floresta”, na “selva de pedra”? Os sensíveis: muitas vezes eles desistem porque não dão conta do sistema, mas eles têm uma chance muito boa de mudar alguma coisa. Mas eles desistem, por excesso de sensibilidade. Então, talvez para “surfear na floresta” ou na “selva de pedra” tem o requisito de ser sensível e forte ao mesmo tempo. Mas, ouve lá: a sensibilidade já é muita força.

Ouviste nessa mesma reunião uma professora que disse que (nós) temos que (nos) embrutecer um pouco – sensibilidade demais não permite ir para o mundo. O tornar-se a si mesmo em determinados sítios e situações, para alguns dos teus, é tornar-se outro sem querer ser, ou seja, separar-se do melhor de si para se ver mais ao longe quem se é ou deve ser. Verem-se à distância talvez dê a algumas pessoas a sensação de perceberem-se a si mesmas diferentemente, como matéria mais bruta. Mas teu caso é ainda apostar no sensível. Quando pensas em distâncias em teu sítio é para querê-las diminuir. Então, pessoas sensíveis, artísticas têm de ser mais fortes, mas para isso têm que ter mais ginga para encarar os fatos. Tu, por exemplo, em teu aniversário ganhas os parabéns. Vêm sempre com isso: “o seu sonho...”, “que seus sonhos...”, como se tu só tivesses com os pés no chão de teus sonhos e te faltasse acordar ao que dorme aos teus pés... Ouves em teu sítio: “Aquele negócio de borboletas...”. Que negócio de borboleta nada! Sim, tu não desistes nunca, mas entendes que é difícil. Tua vasta experiência de mais de três décadas de magistério sendo que metade dela no sítio que hoje estás e, ainda sim, depara-te com situações complicadíssimas assim... Não é questão de te tornares uma pessoa agressiva, não. O agressivo te desafia... Tu já tiveste em situações há tempos em que uma criança de sete anos te chutou, te bateu. Para ti isso tudo é um espírito, e Deus nos livre disso. É um espírito de pressa e correria que está não só em teu sítio, mas em todo lugar. Isso te impede de conseguir o que desejas. Impede ou impele? Não te esqueças que estás ao volante agora. Diriges, sabe? Diriges e falas apaixonadamente, mesmo com muita dor nas tuas palavras. E às vezes podes te perder por um instante e depois fazes uma pergunta necessária e que não pode esperar, senão, uma rápida resposta: “Gente, como é que eu saio daqui?!” Mas, atenta lá o que há pouco ouvias de algumas crianças da oficina que deste. “Tia, vai ter mais aula?” E o que ouves? Deste por acaso uma aula comum, tradicional? Ou deste uma aula artisticamente pensada com as matérias, materiais e tecnologias de hoje? Mas, reserva-te em apressar um julgamento. Fica com a arte em teus afetos. Mas, a “tia” e “aula” podem dizer que a Escola entranha até em oficinas artisticamente dadas. Sim, tu tens mesmo vontade de fazer um mutirão de pais e arrumar aquele terreno que tens em teu sítio de escola. Chamar os pais que são jardineiros... Mas, surge-te também pensar nas alianças que tens ou podes ter consigo em teu sítio de escola. Aquela professora sensível que não aguentou... Está agora de licença sem vencimento. Tem que ficar dois anos e depois ela tem de decidir se volta ou pede demissão... Ouves: “ela foi minguando”, “ela foi ficando insensível”... Para ti: ela minguou! Lembra-te, não te esqueças: estás a dirigir! E aí passas por um caminho com área verde em que há ao largo uma escola. Tu dizes: Essa é uma outra referência do que é escola. Ai que terreno bom, olha! O verde... Que delícia!!! Olha, isso já relaxa. Tem uma área grande verde, uma bananeira...

Lembra-te do teu antigo sítio de escola. Faz muita diferença. Bota diferença nisso! E tu te remetes à lembrança de uma professora que pegou teu 4º e teu 5º ano. Ela chegou perto de ti um dia e disse: “Está acontecendo umas coisas tão esquisitas na minha sala...” Tu perguntas a ela o que é. Ela te responde: “Oh, olha as estórias que os meninos escreveram de lembranças de escola. Eu estou trabalhando com as lembranças de escola. E as lembranças desses meninos não são de escola não”. E aí essa professora te diz que as lembranças estavam sendo de uma “tal árvore”, que os meninos só falavam da escola e numa árvore. Eles tinham contado para a professora que na árvore daquela escola até a diretora subia. Sim, foi assim que essa professora chegou perto de ti, falando de menino fazer tudo em cima de uma árvore... Então, tu chamaste essa professora para ver uma coisa. Pegaste todas as fotos em que estavas tu, assim como outros professores e as crianças que são tuas alianças de pensar-sentir-desejar uma outra educação. E todos em cima de uma árvore. Deste a foto à professora, assim como as cartas que as crianças escreveram para a Mangueira, aquela árvore que havia em teu antigo sítio de escola, no dia em que saístens de lá. Tu não te esqueces da emoção que essa professora sentiu diante disso que lhe mostraste. Só a ouviste dizer: “Eu vou trabalhar com isso! Tem de trabalhar com isso! Eu nunca vi isso na minha vida!” Mas, há que te haver com teu sítio atual. Tens de continuar teu caminho. Não te esqueças que estás na direção. Assim, ainda vez e/ou outra, tens de falar aos meninos que estás a fazer um papel que tu não queres fazer. Mas, só que alguém tem de fazê-lo. Que sejas tu. Faças, então, um bom papel. Tu tens, por exemplo, o papel de dizer aos teus meninos que eles precisam respeitar as pessoas. Vês que eles estão num deboche, num descaso... Como um exemplo disso, tens um menino que um dia “pintou” com uma professora e aí tu o chamas para conversar. Ele, aquela criança maravilhosa, vira para ti e diz assim: “Você está dizendo que eu sou sarcástico?” Não sabes bem se foi sarcástico que ele usou, mas é por aí. E ele te diz que “é isso mesmo, eu quero ser sarcástico. Sarcástico é uma forma de se rir”. Tu olhas para esse menino e duas lágrimas escorrem de teus olhos, como dois riachos de águas e sentimentos nada doces. E tu falas a esse menino que estás a estranhá-lo. Ele é aquele menino de beleza toda que foi junto contigo a um evento contar a estória do Bumba Boi. Perguntas o que está acontecendo com ele... Ele começa a ficar assustado. Ele vira para ti com a maior naturalidade e te diz: “Mas se eu não participar dessas coisas eu fico de fora”. Olha! Ou seja, o que ouves dele, de uma criança, é que ele precisa ser sarcástico, irônico etc. para os outros o aceitarem. Vês quão triste é isso nos nossos dias... E tens mais a contar. Depois que alguns meninos viram a apresentação dos pequenos, eles se juntaram todos e disseram que queriam fazer uma apresentação também. Tu dizes: “Ótimo!” Perguntam-te se ajudas. Ajudas! Aí um deles diz assim: “Já que pode Rebeldes³⁵¹ pode Funk!” Tu dizes

terminantemente que não. Sentes muito, mas não. Tu ajudas a combinar a canção, mas Funk em teu sítio, não vai ter não. Mas há quem defenda, sabes disso. Há quem diga que Funk é cultura e que estás imprimindo a censura. Cultura de bundinha na garrafa e de menina rebolando, chamando... Sentes muito que vejam assim isso como cultura. Para ti cultura não é qualquer coisa, e o papel da escola é mostrar possibilidades, não é repetir baixarias. Em teu sítio não, isso não entra. Então nem podes imaginar em teu sítio de escola aquele bando de crianças rebolando... Tu dizes não a isso! Há muitos artistas bons que conheces, as crianças podem bem escolher. E aí, graças a Deus – assim mesmo tu dizes –, no meio dessa hora de discussões em que está todo mundo querendo fazer um conjunto, uma banda, fazer e acontecer, aparece um aluno que prezas muito, o *Deus É Meu Juiz* e junto com ele o *Famoso na Guerra/Cetro Real*. Ambos vão ter contigo animados e te pedem: “A gente pode apresentar um conjunto de flauta?” A professora de música dá-lhe todo o apoio. Sabes que ela é maravilhosa, uma beleza... Mas ela já sentiu que tem de encaminhá-lo para uma escola de música. Ela já se movimenta nesse sentido. Ela vai ajudá-lo nisso. Vês por onde caminhas, por onde passas com tua direção, que caminhos tu tomas? *Hoje eu sei: África rouba-nos o ser. E nos vaza de maneira inversa: enchendo-nos de alma. Por isso, ainda hoje me apetece lançar fogo nesses campos. Para que eles percam a eternidade. Para que saiam de mim. É que estou desterrada, tão exilada que nem me sinto longe de nada, nem afastada de ninguém. Me entreguei a este país como quem se converte a uma religião. Agora já não me apetece mais nada senão uma pedra deste chão. Mas não uma qualquer, dessas que nunca ninguém há-de pisar. Eu quero ser uma pedra à beira dos caminhos*³⁵². Lembra-te que estás na direção de teus caminhos. E não é bonito, tão bonito, que quando voltas a reconhecer o caminho que estás quando diriges entendes que por onde passaste antes valeu a pena? Posso até ouvir-te dizer alegre: “Gente, esse caminho que passamos é muito mais perto e muito mais agradável”. E aí tu guardas o caminho. Dizes: “Lembrar: passar pelo La Roca!” Sim, La Roca é um sítio construído sobre uma grande pedra, uma grande pedra à beira de um caminho novo que descobres durante teu percurso... Um caminho agradável, perto de ti e que descobres enquanto tu guias, enquanto tu diriges e vais à frente...

...Um dia os negros foram saídos da África. Sim, foram saídos porque sua saída não envolveu vontade própria. Foram saídos de seu sítio para trabalharem como escravos em outros sítios. Contam a viagem deles: Desde quando “saíram”, entravam nos navios para uma travessia ignorante (é preferível usar aqui a palavra “ignorante” à palavra *ignorada*). Quantos negros africanos morreram nessa ignorante travessia... E desde a primeira partida da ignorante travessia, a história cresceu, foi só crescendo até eles chegarem ao Brasil, irem para o mercado como mercadorias... Bem: esse é um breve relato que podes levar contigo como pre-texto para uma oficina com crianças num bairro distante de teu sítio. Tu vais. Assim, não foste saído de teu sítio. Vais. Vais também porque te querem lá. Desejam ouvir-te por lá. Tu vais de vontade própria para uma partilha de estórias que tens para contar. Então, tu chegas e estendes no centro do sítio onde te encontras uma colcha especial, especialmente confeccionada para quando se conta uma estória, quando vai-se conversar... E cantas uma canção bem conhecida tua – *Olélé Moliba makassi*. Quando comesças a cantar essa canção podes ver que as pessoas aproximam-se e juntam-se em torno da linda colcha estendida no chão, e vão fazendo como que uma comunhão... Hoje contas uma outra estória, a estória de um menino de um país na África, também num lugar muito distante; um menino que tinha uma prática muito engraçada e diferente: ele comia lagartos. E um dia esse menino deparou-se com uma situação muito diferente que estava acontecendo com um lagarto, e isso mudou a ideia dele de comer lagartos. Enquanto esse menino não tinha ainda encontrado com esse lagarto, ele vivia andando com uma atiradeira, um bodoque, um estilingue... Esse menino era exímio em arranjar-se com esse bodoque, com pedras etc. Ele mirava nos bichinhos quando passavam, atirava uma pedra com seu estilingue e depois pegava o lagarto, punha na panela e comia – cabeça, rabinho, pezinho... Adorava comer lagartos. Tu, então, contas essa estória. *O Menino que comia Lagartos: Numa pequena cidade da África Ocidental vivia Tigorô, um velho. Apesar do nome, ele não era velho, mas criança. Só o chamavam assim para lembrar seu avô. Era um menino esperto e pouco falante. Como seus pais eram pobres demais para enviá-lo à escola, ele passava os dias zanzando pelas ruas. Contavam que ele era mais rápido que o vento e que também falava com os crocodilos. As crianças do bairro falavam que Tigorô comia lagartos. Todas as manhãs, bem na hora que todos os hipopótamos tomavam seu primeiro banho, esse menino saía para caçar. Arma na mão e olhos à espreita. Um dia ele andou por muito e muito tempo sem encontrar uma só lagartixa. Enfim, depois de muito andar, ele chega ao mercado e lá ele encontra o maior lagarto, um lagarto como jamais tinha visto. Tigorô, então, preparou a sua arma e prontificou-se a atirar. Foi então que repentinamente observou que o bicho era pálido, tão pálido, tão pálido que o lagarto dava não só medo nele, mas também dava pena, pois o lagarto também chorava.*

“Tudo bem?” – perguntou Ticorô. Mas, mesmo diante da pergunta de curiosidade o lagarto não respondia. E Ticorô começou a se preocupar. Ele, então, estendeu a mão e levou-o à casa de um homem daquelas terras que sempre tinha resposta para tudo o que acontecia. Chegando à casa, esse homem recolheu uma só lágrima do lagarto e a chacoalhou no oco da mão que continha ossos e sementes. Logo depois ele espalhou tudo sobre um tapete. O homem disse então: “Veja esse osso de Elefante: ele corta corrente da Formiga. Seu lagarto esqueceu-se de onde ele veio, para onde quer ir e para aonde ele vai. Como as lembranças, também suas cores se foram, assim como ocorreu com os filhos da África, porque seu caminho está ligado ao caminho dos lagartos. Há muito tempo ele veio a seu encontro. Vá, siga os símbolos desse Grigri que encaminhará o lagarto para a cura. Um desejo: que as cores guiem vocês!” Ticorô e o sábio homem se despediram. Ticorô reconheceu nos desejos do Grigri delicados motivos dos Tuaregues. Um primeiro deles, que o deserto seria a primeira etapa de sua busca. Então, Ticorô logo chegou com o lagarto no Baobá gigante onde vivia Mohamed, um homem azul. Ticorô cumprimentou o homem e esse retribuiu. Mohamed, o homem azul, então, examinou o lagarto por cima, por baixo, por trás, de frente, ergueu-lhe a mandíbula alongando-se na visão sobre os seus dentes. “Enfim, o lagarto esqueceu a terra!” – disse o homem azul. Então, ele pegou um punhado de terra, deu metade a Ticorô, e esfregou o punhadinho restante que tinha em mãos na cabeça do animal. O lagarto sacudiu a cabeça. Ele parecia quase contente. Quase, porque ainda chorava um pouco. Então o homem azul diz a Ticorô: “Agora vá e procure a família da África que veio da terra. Ela saberá como ajudá-lo”. Ticorô despediu-se dos Tuaregues e, com o lagarto, retomou, então, o caminho da cidade. Chegando na cidade, numa esquina do bairro, avistaram um grupo de amigos tomando chá. Observavam as pessoas passando. As crianças que viam, ora riam, ora choravam, ora sussurravam, ora se calavam... Ora, ora... Ticorô e o lagarto se aproximam e cumprimentam as pessoas que tomavam chá. Sem interromperem a conversa, convidam Ticorô e o lagarto para se sentarem junto a eles. Ticorô ouviu: “O lagarto esqueceu o tempo”. Um pouco de chá foi oferecido a Ticorô bem como ao lagarto. O lagarto tremia, não parava de chorar. “Leve o seu lagarto para ver os mascarados, eles vão poder ajudá-lo”. Então, agradeceram e despediram-se. Ticorô tomou, então, um caminho em direção ao sul. Ele e o lagarto chegaram a um sítio, a uma vila, em que nesse dia acontecia uma cerimônia – um homem importante havia morrido. Os iniciados, homens sábios que conheciam a língua das máscaras, preparavam o ritual. Ticorô cumprimentou esses homens. Depois de um tempo os preparativos terminaram e a espera havia atingido o seu final. De repente, o mais velho daqueles homens iniciados virou-se, apontou o bastão para Ticorô e o lagarto e disse: “O lagarto esqueceu vida e morte!” Os mascarados se afastaram e dançaram. A poeira levantada pela

dança que faziam cegava Ticorô, e os tambores pulsavam nas veias do lagarto. Quando os mascarados desaparecera, o silêncio voltou repentinamente. “É isso” – gritaram os iniciados. Ticorô sussurrou-lhes um “obrigado”. O lagarto havia recuperado quase todas as cores, e Ticorô estava tão contente, tão contente, que foi tomado por uma irresistível vontade de cantar e de dançar. Então, Ticorô resolveu procurar os músicos de Dedilá. Como sempre, na chegada a um sítio, Ticorô cumprimentava os presentes. Logo em seguida, os músicos pegaram seus instrumentos e fizeram um círculo em torno do menino e do lagarto. Cada músico observou o lagarto com atenção. Depois todos proclamaram em coro: “Seu lagarto perdeu a alegria de viver!” Começaram, assim, a dançar e a cantar... A música foi penetrando todo corpo do animal. O lagarto, enfim, parou de chorar. O lagarto gritou muito alto e forte uma palavra de agradecimento. Quando chegou o momento da despedida, o lagarto virou-se para Ticorô e disse: “Para agradecer sua ajuda, vou dar a você um dom; a você e a todos que contarem essa estória – o dom de sempre voltar a sorrir após uma provação”. Desse dia em diante, o velho parou de comer lagartos. Dizem que também viveu uma longa vida, 137 anos, e viajou muito para contar sua estória, sempre sereno diante dos problemas e dificuldades, sabendo que sempre voltaria a sorrir. Mas, sobretudo, dizem, aqueles que recebem essa estória, recebem com ela o dom do lagarto. Eu não sei se isso é verdade. Foi assim que ouvi, como me contaram. Para saber, seria preciso tomar um avião e atravessar o deserto do Saara até chegar ao Agadobu. Depois, lá tomar um ônibus azul até o terminal e ali deixar-se. Depois, pedir ao taxista para levá-lo ao bairro da velha mesquita, na segunda à direita da avenida asfaltada. Pegaste tudo? Pergunte por Alima e por Kiaukatu. Eles saberão explicar a vocês essa estória, a estória do menino que comia lagartos. Então, tu estás num determinado sítio, numa oficina, a contar essa estória. Podes contar essa estória em qualquer sítio e situação. Compreendes que essa estória pode dar o que falar, o que aprender, o que fazer etc. em sítios diversos? Compreendes que ela pode te servir como matéria, substância, em um curso ordinário que dás com teus alunos, com teus pares? Aqui, numa oficina, agencias determinados temas. Mas, o que falas ou agencias aqui, ouve como um pré-texto para outros agenciamentos. Sabe, agenciamentos que se fazem corpo-a-corpo com tudo da vida. Tu contigo mesmo, tu com o outro, tu com o mundo... Ouve lá: Contas uma estória dessas. Um lagarto com uma doença muito complexa... Por que o lagarto perdeu a memória? Porque ele esqueceu de onde ele veio, onde está e para onde quer ir – esqueceu os caminhos... Então, ele está assim, doente. Quem esquece de onde vem padece de algum mal. A estória mostra que temos que conhecer e respeitar nossas origens, por exemplo, respeitar nosso pai, nossa mãe, nunca ter vergonha do lugar onde nascemos... Isso é muito importante em nossa vida toda – valorizarmos o lugar de onde viemos... Então, a questão de não saber de onde

veio, essa questão, era um motivo da doença do lagarto. Depois, descobriram um outro motivo do adoecimento: o lagarto esqueceu o tempo! Então, quem esquece de onde vem, esquece sua história. Quem esquece a história, esquece o tempo. Aí o lagarto não conseguia mudar de cor. Há muitos lagartos que têm muitas cores, cada qual para usada ou que faz aparecer dependendo do sítio e/ou situação em que se encontra. Nas línguas africanas, o nome que se dá para os lagartos é *Aguemon*. *Aguemon* é aquele animal que é capaz de transitar entre o céu e a terra e trazer a mensagem para as pessoas, saber como as pessoas são. Vida e morte. Um lagarto que fica doente, perde a memória. E perdendo a memória perde o poder, não pode mais contar histórias, não pode mais andar e levar notícias daqueles que morreram no céu, daqueles que moram na terra. Ele não pode mais fazer essa comunicação. E depois dessa doença que os iniciados, os homens do deserto, aqueles que moram debaixo do Baobá, que são os grandes médicos da África, quando eles examinaram o lagarto, eles descobriram uma outra coisa que o lagarto tinha perdido e que constitui também sua doença. Terra! Então, ele tinha esquecido a origem, tinha esquecido o tempo e ele esqueceu também a terra – esqueceu do lugar, do espaço onde morava. E o que o homem do deserto passou na cabeça dele? Terra! O sábio homem pegou um punhadinho de terra, pôs e esfregou na cabeça do lagarto. A terra foi a cura para o lagarto. Quando o homem passou a terra na cabeça do lagarto o que aconteceu? Ele começou a ficar colorido, mas ainda sim, ele não tinha se curado completamente... Precisaram fazer uma caminhada mais. E, nessa caminhada, saber de onde veio, para não esquecer o tempo e para lembrar de seus antepassados, descobre que também esquecera Vida e Morte (deixo aqui um espaço para que cada um compreenda o que ou como tal esquecimento implica em adoecer...). Então, as pessoas mascaradas fizeram uma roda com o lagarto e com o menino... E fizeram o que? Cantaram e dançaram! Cantando e dançando o lagarto recuperou as suas cores. Ah, mas o lagarto também havia esquecido a alegria de viver... Mas, quem não tem memória, não valoriza sua origem, perde o tempo, esquece a terra, não tem alegria de viver. E aí foi que a música fez com que ele se lembrasse. Por isso que em África é muito importante o tambor... O tambor não é uma coisa qualquer. É uma parte da memória, dos povos, das pessoas e é um jeito de ser feliz. Compreendendo as causas de seu padecer, de seu adoecimento, o lagarto, enfim, consegue descobrir novamente uma razão para viver – cessa o choro e as suas *cores* voltam. E esse lagarto passa a não ser comido por esse menino. Quem lembra quem é esse menino? Ele tem um nome especial – ele se chama *Velho*, ele é conhecido como Velho e acaba morrendo com 137 anos... Então, é um menino que ao invés de colocarem um outro apelido nele, outro nome, ele se chama *Velho*, mesmo pequenininho. *Eu conhecia seu princípio: o nome da*

*peessoa é íntimo, como se fosse um ser dentro do ser. Devia haver uma autorização para alguém poder pronunciar o nome de um outro*³⁵³. Depois que esse menino aprende a estória desse lagarto transparente ele nunca mais come lagartos. Aí ele tem de procurar outras coisas para se alimentar... Sim, é uma longa estória, cheia de detalhes... Não se pode abdicar de ler o texto todo, mas é preciso aprendê-lo de cor para passar oralmente e interagir com as palavras africanas, palavras estranhas a nós... Deixei muitas palavras de fora, mas... Bem, voltando à estória: Onde o menino-velho vai buscar a solução para a doença do lagarto? Sim, num contador de estórias, num homem, num ermitão do deserto que morava à sombra de um Baobá. O mago mora no deserto numa barraca debaixo de um Baobá. Sim, também são muitas pessoas que ajudam na descoberta e cura do adoecimento do lagarto. Mas, o lagarto retoma a memória, ele se cura, cantando... Toda cura se dá e acontece num contexto de partilha... Perda da origem, indisponibilidade no espaço e da vitalidade, a ação indisposta no tempo. Depois, alegria. Essa pode ser a estória de qualquer corpo em perseverar no seu ser, participar da vida. Mas, fundamentalmente, essa estória conta a história da diáspora africana. Qual era o primeiro ritual que os africanos passavam antes de serem saídos de África? Dar voltas em torno da Árvore do Esquecimento! Eles eram obrigados a fazer isso nos portos de África. Eles davam três voltas em torno de uma árvore que havia em um dos portos. E os portugueses faziam isso com eles; eles tinham que andar acorrentados atrás da Árvore do Esquecimento, como se ao fazer isso deixassem tudo para trás... E depois entravam no navio negreiro... E isso é simbólico, mas ao mesmo tempo interferia. Mas, claro, que eles não esqueciam. O que é a grande dor do Banto? Esquecer a terra, a origem... A morte para o Banto é isso. E na vinda para cá eles começaram a se juntar em determinados lugares. Quando eram dispersados, buscavam sempre uma árvore grande para poderem se encontrar... A árvore é o símbolo da... ..do esquecimento que foi impetrado... O batismo com o nome português era dado após três voltas em torno de uma árvore. Tiravam o nome... A primeira coisa era tirar o nome, e depois chamavam: João, Maria... *O moço não era um fulano, nem um indivíduo. Assim, nem nome nenhum lhe foi posto. Valia a pena desperdiçar um nome humano num ser que se duvidavam as propriedades?*³⁵⁴ É muito sofrido tudo isso. É um ritual de perdas, mas foram (re)construindo. É incrível vir para cá somente com a roupa do corpo... Os ensinamentos africanos reconstróem tudo... Esquecer de onde se vem, por onde se vai e para aonde se quer ir, esquecer a terra, esquecer o tempo, esquecer a vida e a morte, esquecer a alegria de viver... Imaginas o quando podes fazer com uma estória dessas em teu sítio de escola? Podes até mesmo lembrares do começo do teu sítio hoje e perguntares: Qual é

hoje a nossa doença lá? Esquecemos de onde viemos, onde estamos e para aonde vamos? Esquecemos a terra? Esquecemos o tempo? Esquecemos a alegria de viver? Por que desbotamos, empalidecemos, perdemos as cores? Uma suposta doença em teu sítio. Não só lá, acredita! Tu te lembras e pensas na velha escola... Vês?, não estás doente. Apenas sofres de uma saudade sem volta. Tu não perdeste nada em teu novo sítio, tudo ficou numa intensidade afetiva, constituiu e constitui um modo teu. O que fica? A vida que se vive, a vida que se consegue viver ali em teu sítio hoje. Então, ainda sim, essa estória bem trabalhada pode te servir, por exemplo, numa reunião com teus pares, com os professores, com as crianças... Ouve isto: *Na cidade, eu tinha acesso à carteirinha das aulas. A escola foi para mim como um barco: me dava acesso a outros mundos. Contudo, aquele ensinamento não me totalizava. Ao contrário: mais eu aprendia, mais eu sufocava. Ainda me demorei por anos, ganhando saberes precisos e preciosos*³⁵⁵. Olha, estão a apontar para um Baobá ao longe, uma árvore que ajudaste a plantar aqui. Sabe?, dizem que aqui no Brasil o Baobá cresce mais depressa... Alegra-te com isso, um grande crescimento. O que puseste na terra ainda vai crescer muito, está só no plantio... Vai levar muito tempo para que atinja pleno tamanho para abraçarmo-lo com muitas mãos dadas. Nesse ínterim, muitas pessoas não estarão por aqui até vê-lo grande de todo e poder abraçá-lo. Vida e morte... Sim, não só primavera, mas também outono. Contudo, quando uma vida chega ao seu fim, quando a natureza entra na aridez, também vem o outono e aí tens que lembrar de uma outra coisa enquanto tu *lutas*... Um tempo mais amplo, que o outono te lembra... Não te esqueças...

, ...

Tu em meio a várias crianças em círculo, ao redor de uma grande toalha colorida estendida no chão e diante de um mapa da África, ouves muitas estórias. Hoje ouvirás uma de uma árvore – o Baobá. Já te antecipo que não sou bom contador de estórias, mas vou te contar uma que ouvi nessa roda. Mostram-te o mapa da África e te apontam que essa estória vem da Costa do Marfim. É desse lado de África que vem essa estória. Muitas pessoas contam-na de formas diferentes, mas essa é a versão que ouvi e que agora te conto. Podes ouvir e saber de outras versões desse sítio e de toda África, vais ainda ouvi-las... Hoje paramos aqui, Costa do Marfim. Então, vais saber o que esse Baobá anda a fazer nessa estória desse sítio de África. Mas, ao ouvi-la, trata de pensar algo que te seja útil numa pedagogia, nos encontros, em acontecimentos

que te são caros em teu sítio de escola... Então, agora senta-te junto e ouve atento a estória do Baobá – a árvore de cabeça para baixo! Tu já imaginaste uma árvore de cabeça para baixo? Será que as árvores que viste em toda tua vida, em teus caminhos, alguma delas estava de cabeça para baixo? Então, essa estória começa assim: Dizem que nos primórdios, bem no início da vida, o criador fez surgir tudo no mundo, mas ele criou primeiro o Baobá, e só depois ele continuou a criar tudo o que havia no mundo. Mas, bem perto do Baobá havia um charco, um lago de água parada. E o vento quase nunca batia no charco, e então, o Baobá começou a se olhar nessa água parada. O baobá, então, se olhava, se olhava constantemente naquele espelho d'água, se olhava, se olhava, mas não gostava do que ele via e começou a reclamar. “Por que não sou como aquela outra árvore lá?” “Por que não sou como essa aqui?” “Por que os meus galhos não são assim?” “Por que meu tronco é tão largo assim?” Ele começava a olhar para outras árvores e não gostava do que ele via nele mesmo. Achava os galhos muito feios, o tronco muito largo e, então, teve uma ideia. Ele foi reclamar com o criador. O Baobá resolveu, então, queixar-se com o criador! O criador, no início, teve muita paciência com o Baobá, muita paciência. Ouvia por horas e horas a reclamação do Baobá – e olha que o criador tinha muito serviço, ele tinha que terminar a criação. Mas, ainda sim, ele teve paciência com o Baobá, foi escutando, escutando e, um dia, o criador disse para ele: “Baobá, o que é isso! Você é uma árvore bonita, você foi o primogênito, o primeiro da criação, eu gosto muito de você. Deixe-me ir porque eu preciso continuar a criar o mundo”. Mas, o Baobá olhava uma planta aqui, uma planta ali e perguntava: “Por que as flores daquelas são mais bonitas do que as minhas?” “Por que elas têm mais cheiro?” “E a casca daquela ali?!”... “Eu me sinto enrugado como uma tartaruga” – sempre encontrando muitos e muitos defeitos nele. O criador, ainda com um pouco de paciência, disse: “Deixe-me ir, Baobá, eu preciso trabalhar. Você é perfeito, você foi o primeiro a ser criado e por isso tem o que há de melhor em toda criação.” Mas, o Baobá insistia, insistia, implorava, suplicava: “Melhore-me um pouco aqui, tira isso aqui, põe isso aqui”... O criador que precisava fazer os homens e os outros seres da África, saía andando e deixava o Baobá ir atrás dele falando e reclamando. Aonde o criador ia, o Baobá ia atrás, seguindo-o. Andava para lá e para cá. E dizem que é por isso que existem muitos Baobás espalhados pela África. O Baobá de nossa estória chegou ao ponto de nem deixar o criador dormir de tanto que reclamava. Continuava e continuava a implorar melhorias, justo a árvore que o criador achava maravilhosa, pois não era parecida com nenhuma outra árvore. Justo o Baobá se sentindo tão insatisfeito... O criador foi ficando bravo, muito bravo, irado mesmo, pois não tinha mais tempo para nada, o Baobá ficava atrás dele o tempo todo reclamando, reclamando... Então, o criador ficou irado, e aí, então, ele virou-se para o Baobá e disse: “Não me amole mais, Baobá. Não me encha mais a

minha paciência. Pare de dizer que na sua vida falta isso, falta aquilo. Cale-se, cale-se agora!" Então, o criador agarrou o Baobá, arrancou-o do chão e plantou-o novamente, só que desta vez, plantou-o de cabeça para baixo para que ele ficasse de boca calada. Daí o porquê do Baobá ter uma aparência tão estranha num primeiro olhar, é como se as suas raízes ficassem para cima. Parece uma árvore virada de ponta-cabeça. Então, hoje dizem que as raízes (os galhos) do Baobá estão voltadas para o alto e se parecem com muitos braços que continuam a se queixar e a implorar melhorias ao criador... E o criador, quando olha para o Baobá, enxerga toda a árvore... Essa é *uma* estória. Mas, vamos dela tirar algo para um agir e existir em educação. Por exemplo, tenho para ti uma perguntinha: Alguma vez tu sentiste como um Baobá? Quero dizer, por exemplos, até mesmo muito simples, se tu alguma vez disseste "ah, esse cabelo não está bom", "o cheiro do outro é muito melhor que o meu", "ah, ele sabe outras coisas mais interessantes do que eu, tem uma vida melhor", "por que não me pareço com fulano" etc.? Ou: "Por que meu sítio de escola não se parece com aquele outro", "por que tal aluno não é como aquele outro, bom de resultado e comportamento"? Etc. Tu já te sentiste igual ao Baobá? Só posso te dizer que, no que diz respeito ao que fazes em educação, não esperes que mudar nada para melhor ou pensar que as coisas piorarão. Sim, tua educação ou o modo como educas não mudam nada na natureza de outrem, como não muda nada na tua estatura, na cor de tua tez. Tu não mudas o que cada um traz e porta em si. Compreende isso: Cada um com sua altura, tez, temperamento, enfim, cada ser humano, é potente e livre, ou seja, age ou existe pela virtude de outrem, mesmo que outrem sejas tu. Qualquer homem tem uma vida que não se imita e não se pode imitar. Em cada um, todas as paixões são possíveis. Tristezas, alegrias, felicidades, ações, padecimentos etc. são tantas quantos forem os homens. O agir e existir de alguém não passa por tuas mãos ou, principalmente, por teu desejo, mas por cada um. Não é tua paixão ou virtude que fará o outro ser virtuoso ou não. No fundo, isso quer dizer que cada um é tão perfeito quanto tu és. Tua perfeição é tua, do outro é do outro. Tu não precisas da perfeição do outro e nem o outro da tua. A virtude é indissociável do perseverar em seu ser. O bem e a virtude estão nesse desejo de cada um perseverar na existência. Assim, *quanto mais cada um busca o que lhe é útil, isto é, quanto mais se esforça por conservar o seu ser, e é capaz disso, tanto mais é dotado de virtude; e, inversamente, à medida que cada um se descuida do que lhe é útil, isto é, à medida que se descuida de conservar o seu ser, é impotente*³⁵⁶. Então, és tu com tua perfeição com a perfeição de todos os demais, com a perfeição de todas as coisas que vais para teus encontros. Tu, assim como *ninguém se esforça por conservar o seu ser por causa de uma outra coisa*³⁵⁷.

Por onde quer que sigas, vai com tua perfeição, com teus afetos, com tuas pernas, com teu desejo, e não com a de outrem. Deixa o criador em paz, não faz súplicas e nem reclama, mas cria-te, seja a teu modo, sempre perfeito. Ademais, *ser* não quer dizer tu seres criado por Deus, mas tu, ser divino, ser *Sub specie aeternitatis*...

, ...

Tiveram a ousadia de trazer de longe alguém, *Testemunho Famoso*, aficionado por uma árvore específica – o Baobá. Não é uma árvore qualquer. Dou-te um exemplo desse “não qualquer”: São precisas quatorze pessoas para abraçar essa tal árvore. Essa árvore é um Baobá! Dizem que *Testemunho Famoso* também tem uma mesma “doença”, a mesma de muita gente daqui. Essa “doença” vem se alastrando: é a “Baobice”! O Baobá árvore não está por aqui pela árvore, mas pelo que ela significa para a cultura africana, que também é a nossa cultura. Sim, O Brasil é um pedaço da África e ela hoje também está se tornando um pedaço do Brasil. Vês que isso está dentro de tua temática que envolve África, diferenças, idiosincrasias individuais e coletivas. Sim, a democracia é ainda uma tarefa... Bem, *Testemunho Famoso* é um amante de árvores. Ele quer mais oxigênio no mundo. Não só oxigênio. Ele sai andando por aí à procura de Baobás. As sementes de Baobá vieram para o Brasil nos navios negreiros como alimento, como lembrança. Sim, lembrança também é alimento para sítio diverso do corpo que não o estômago. Mas, voltando ao Baobá, essa árvore tem uma coisa interessante: *é a árvore da vida*. Ouve isto: O pensamento não é uma coisa só restrita ao intelecto. O pensamento é uma atividade do corpo. Sim, pensar com o corpo é olhar, escutar, saborear, olfatar, tocar... Por exemplo: Aqui um Baobá, outro ali e outro ainda acolá. Tem uma porção de árvores, entre outras infinitas coisas, ao teu redor. Destacar e compreender as coisas que encontramos é mesmo um trabalho de olhar investigativo do corpo, uma “pele” que descobre, que sente, que pensa com todo o corpo – o corpo pensando, o corpo que é pensamento. Vês que pesquisador não é só aquele que está lá sentado no seu gabinete, na sua biblioteca etc. lendo livros e mais livros? Isso também é pesquisador, mas não só. Um pesquisador é também quem está com a mão na massa, por exemplo à cata de árvores como o Baobá. Isso também é produzir pensamento, pensamento que está na vida, com a vida... (Tambores...) Psiu! Ouve isto que cantam: “... *Tempo/ És um senhor tão bonito, pôs a casa de meu filho/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Vou te fazer um pedido/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Faço um acordo contigo/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Por seres tão inventivo e pareceres contínuo/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ És um dos deuses mais lindos/ Tempo/ Tempo/ Tempo/*

*Tempo senhor tão bonito quanto a cara de meu filho/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Vou te fazer um pedido/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Faço um acordo contigo/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Por seres tão inventivo e pareceres contínuo/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ És um dos deuses mais lindos/ Tempo/ Tempo/ Tempo”... (Tambores...) Continuas a ouvi-los? Ximuio, Imbondeiro, Nonde, Mulapa, Baobá. Senhor da vida, senhor dos tempos que guarda em ti os tempos. Em ti muitas memórias. Ximuio, Imbondeiro, Nonde, Mulapa, Baobá. Senhor da vida, senhor das águas. De lá, vim para cá. Guardo a norte, guardo em ti nossas memórias, guardo em ti nossas estórias e as outras estórias que nossos olhos não alcançarão. Ximuio, Imbondeiro, Nonde, Mulapa, Baobá. Semente da Mãe Terra, semente da vida comunicada, semente da memória construída. Todo tempo, com todo tempo, em todo tempo. Tempo, Tempo, Tempo... Por nós todos, entregamos nossos membros para a entrega em todos os tempos... E aí o Baobá vai atravessar todos os tempos... o tempo que a gente não vai ver, o tempo que a gente não vai presenciar, mas vai levar nossa memória. Então, com o nosso sopro a gente entrega a nossa memória ao Baobá. Tempo, Tempo, Tempo... “És um senhor tão bonito, pondo a cara do seu filho/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Vou te fazer um pedido/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Faço um acordo contigo/ Tempo/ Tempo/ Tempo/ Por seres tão inventivo e pareceres contínuo/ Tempo/ Tempo/ Tempo”... Ouve, então, uma estória que contam. Ouve e vê lá bem o que podes pensar com ela... “Era um dos deuses mais lindos... Maria Gorda era como se chamava uma escrava – Maria Apolinária da Nação. Essa escrava era uma mulata sorridente que trabalhava na casa de um comerciante branco português que tinha muitos escravos. Maria Apolinária não gostava nada do que, chamava ela, da ingratidão dos brancos. Esse branco português tinha uma casa construída pelos negros, atravessava ruas abertas pelos negros, comia a comida plantada e preparada pelos negros... Mas não tinha sequer uma palavra de gratidão que pudesse deixar ali enraizada a lembrança dos africanos. A Gorda sempre dizia: ‘Quando eu morrer, vou pedir para que o meu Orixá deixe enraizada nessa terra uma coisa que sempre deixe lembrar os negros, já que não temos ruas, nem praças, nem palácios com nomes de negros’. Numa manhã de outono, a rede da senzala, onde dormia sempre Maria Apolinária, amanheceu-se vazia, nunca mais ninguém viu a Gorda. Naquele mesmo lugar, em frente onde morava Maria Apolinária, escondia-se um arbusto nunca visto antes e diferente de outros lugares onde nasciam arbustos... Ali estava sozinho, único, e deixava marcada a Ilha de Paquetá na memória dos negros. Maria Gorda, o Baobá. Ximuio, Imbondeiro, Nonde, Mulapa – Baobá”. Ouve o que *Testemunho Famoso* diz. Costuma dizer por onde passa que ele não é um exemplo de vida para ninguém, mas que a vida dele serve como exemplo. Hoje o ouves com 46 anos.*

Segundo ele diz, chorou até os seus 40 anos, chorou desde que nasceu. Todos os dias chorava, para ele, uma situação inexplicável. Ele não sabe dizer porque, mas todos os dias chorava. E chegou um dia numa situação tão triste em sua vida que se viu sem saída. A felicidade não existia para ele. Buscar ou alcançar a felicidade... Ele até tentou procurar, procurou, até tentou, mas não conseguiu. Uma vez estava a procurar na embaixada dos EUA um voluntariado para a guerra no Iraque. Vês até onde pode partir ou chegar o desejo de felicidade de alguém? Ele fez orações, pediu a Jesus que lhe mostrasse um meio de encontrar alguma felicidade, se é que ela existisse. O olhar de *Testemunho Famoso* contemplou um gari no Rio de Janeiro... Sim, até um gari passa varrendo a rua cantando, sorridente... Então pensa: Como pode ser? É muito chato ficar chateado com a velhice também. Como é ou o que é envelhecer sem conseguir ou saber o que é ser feliz? "A felicidade está dentro de você!". Sim, é muito comum ouvirmos isso. Mas, como encontrar essa felicidade? Então, descobre-se que para sermos felizes temos que valorizar a si próprio... Se você não valoriza a si próprio, quem vai valorizar você? E então pode ter uma espécie de máxima que te apegas que é a seguinte: Quando tu te dispões a fazer alguma coisa em prol de qualquer coisa que seja dentro da tua atividade, tu tens a... Ora e labora! Assim, *Testemunho Famoso* fez uma oração, pediu a Jesus que lhe mostrasse um meio para encontrar essa tal felicidade. Então, o que aconteceu? Ele lhe dá o lixo! Sim, o lixo. Lixo de sujidade, de resíduos, de descarte de coisas etc. O que faz *Testemunho Famoso*? Ele vai para o lixo catar garrafas pet e procurar sementes de árvores. Aproveita para fazer isso enquanto trabalha com transporte alternativo de van. Por onde passava ele catava sementinhas e produzia mudas dentro de garrafas pet, depois distribuía gratuitamente. E daí que a procura foi tanta que ele resolveu adotar o projeto "Adote uma Árvore". Acredite quem quiser: Ele produzia e ainda produz mudas, cerca de 500 por ano, tudo isso em um espaço de 10 metros quadrados. Então vamos falar um pouco de Baobás, árvores da África, mas que estão por aí, em todo lugar... No Brasil o Baobá tem 7 folhas, já se viram alguns com 9 folhas. É uma estopa com semente pendurada e fruto dele já conseguiram ver com 50 centímetros. Técnica: Para germinar a semente, pões as sementes na água. As que afundarem vingam, tu podes plantá-las. As que bóiam, descartas. Cinco a dez dias para germinar uma semente de Baobá, mas há algumas que levam trinta a sessenta dias. *Testemunho Famoso* apresenta-te o trabalho dele com as sementeiras de Baobás. Ele mostra-te uma foto de seu trabalho. A foto que ele te mostra tem uma cadela junto aos Baobás ainda pequenininhos que ele cultivava. O espaço de cultivo tem apenas dez metros quadrados, já to disse. Dez metros quadrados com Baobás e uma cadela. Por que ele ta mostra, a fotografia com a cadela? Ele já te conta: Ele teve que desfazer a casinha da cadela. Dormia lá deitada, na sala junto com as arvorezinhas. Essa cadela um dia

destruiu 50 Baobás de uma vez só, porque *Testemunho Famoso* simplesmente tirou a casinha da cadela da sala. Depois ela veio a falecer. Ela apresentara alguns sintomas e *Testemunho Famoso* estava a procurar na mente dele uma outra coisa e, assim, distraiu-se, descuidando-se da cadela. Em três dias que ele se descuidou... Aí, segundo ele, uma lição fica: Nós e/ou às vezes um amigo estamos em um sítio qualquer passando um sofrimento terrível, damos sinal desse sofrimento e não atinamos, passamos ao largo despercebidos. E aí esse amigo, essa pessoa próxima a nós vai... e aí passamos contando esse sofrimento que não vimos, deixamos passar sem apercebemo-nos, seguimos sofrendo a vida... *Lição que aprendi: a Vida é tão cheia de luz, que olhar é demasiado e ver é pouco. É por isso que fecham os olhos aos mortos*³⁵⁸. Podes ouvir agora o que *Testemunho Famoso* diz a respeito Baobá, mas também vê se ouves e percebes o que pode tais palavras dizem ou têm a ver com tua vida e a de teu sítio de escola... Podes ver, por exemplo, um Baobá em pleno sertão. Caem-lhe as folhas, mas isso é uma defesa da natureza para que a árvore sobreviva... Em Pernambuco um Baobá de 17 metros de circunferência. Vê: dois Baobás que lhes passaram uma moto-serra há 300 anos atrás. Agora eles têm 16 metros. Um está com oito hastes e o outro com doze hastes. Ah, ambos, no início, tinham apenas duas hastes... E esse agora: Tem um buraco enorme no tronco. É porque próximo a ele havia uma fábrica de sisal; a água quente passava por dentro do tronco, a água quente das caldeiras passava por dentro dele e furou-o. Ficou oco, mas sobreviveu. Isso há mais de 100 anos atrás, e continua vivo... Aí para provar talvez que o Baobá é a árvore da vida, como dizem os africanos. Nós aqui temos que divulgar, tentamos resgatar isso que é direito... E até isso querem tirar, o direito de que foram eles, os africanos, que trouxeram o Baobá com os colonizadores. Uma árvore migratória; é muito difícil encontrar uma árvore dessa que venha a lembrar um povo desse. Vê outros Baobás: Em Porto de Galinhas, por exemplo, uma árvore sobreviveu a mais de 100 queimadas... Outra, no centro de Natal, maior do Brasil – 19 metros de circunferência, 10 metros de altura e já produz fruto... Outra árvore: Essa, uma lixeira viva – o pessoal vai passando e deitando lixo dentro dela... E essa árvore, de raízes expostas... Há também o Baobá-Prisão e o Baobá-Bar... Bem os Baobás são árvores que as abelhas cachorras e africanas são as polinizadoras. São árvores que têm 100 vezes mais vitamina C que a laranja, 2 vezes mais cálcio que o leite. Hoje há redes de lojas nos EUA e na Europa que lucram 1 bilhão de dólares por ano com a massa de fruto dessas árvores. Quando ouves *Testemunho Famoso* falar não te cansas. Sim, é claro, fala de uma experiência existencial dura consigo mesmo, experiência de sentido de viver, sentido de vida... Como *Testemunho Famoso* mesmo diz, ele tem o que muita gente não tem – a felicidade, o

sentimento de ser feliz. Por onde anda, até uma topada que dá ele está sorrindo... Como ele mesmo pode te dizer, ele é um pouco ogro, um pouco humano, e assim a vida vai, não é? Tu contigo mesmo, tu em teu sítio, tu... Uma existência... Imaginativa, compreensiva, feliz? Diga-me lá! Tu sabes as voltas que deste e dás ainda em teu existir. Tu te descobriste um dia às voltas com uma árvore, uma Mangueira. Tu agora encontras uma outra árvore – o Baobá. Árvore da vida. Pode ser da tua vida, da vida em teu sítio... O que ouves e o que vês dessa árvore por todo mundo pode servir-te de exemplo. A força, a persistência e resistência às adversidades... Tu e uma árvore, talvez um Baobá: Ximuio, Imbondeiro, Nonde, Mulapa, Baobá. Senhor da vida, senhor dos tempos que guarda em ti os tempos. Em ti muitas memórias. Ximuio, Imbondeiro, Nonde, Mulapa, Baobá. Senhor da vida, senhor das águas. De lá, vim para cá. Guarda a norte, guarda em ti tuas memórias, guarda em ti tuas estórias e as outras estórias que teus olhos não alcançarão. Ximuio, Imbondeiro, Nonde, Mulapa, Baobá. Semente da Mãe Terra, semente da vida comunicada, semente da memória construída. Todo tempo, com todo tempo, em todo tempo. Tempo, Tempo, Tempo... Por nós todos, entregamos nossos membros para a entrega em todos os tempos... Tu, como Baobá, vais atravessar todos os tempos... o tempo que não vamos ver, o tempo que vamos presenciar, mas vai levar nossa memória. Então, com o teu sopro, tuas palavras, teu suor, com todo teu corpo, entrega também a tua memória, o que fazes, sentes e pensas, tuas dores, alegrias, teu tempo, o que plantas em todo sítio teu. E assim a vida segue, existe, não é? Tempo, Tempo, Tempo...

, ...

Teu sítio é afamado, já sabes e compreendes bem isso. A África deu-lhe visibilidade, assim como teu sítio deu visibilidade também a ela. Teu sítio ao encontrar África tendeu a ter mais relações e fez delas porosidades que possibilitaram incorporar diálogos entre partes tuas e do teu redor. Aprende e ensina isso: Teu sítio, como *o homem é como a casa: deve ser visto por dentro*³⁵⁹. Como te mostras, como fazes te verem por dentro, por exemplo, noutra sítio como uma Secretaria de Educação? Vê lá isso: Várias crianças de teu sítio vestidas com roupas do Congado. Sim, crianças com roupas africanas muito coloridas e que, diante de tal sítio, aguardam a entrada diante dos olhos de dezenas de pessoas que esperam o desenrolar de uma música e segue um cortejo que, à medida que passa, deixa inúmeras pétalas de rosas pelo chão. Tuas crianças caminham cantando acompanhadas de instrumentistas – flauta, tambor..., e deixando pétalas de rosas pelo chão, muitas pétalas... Ouve só uma ou duas frases das

músicas: “*Tá caindo flor ê ê/ Tá caindo flor ê á/ Tá no céu, Tá na terra ê/ Tá caindo flor*”... A canção quando as crianças entram, pede licença: “*Dá licença que eu cheguei, dá licença*”... Cantam assim até chegarem à sala de Literatura, na Sala do Professor, na Secretaria de Educação. *Olê lê moliba makasi*. Rei e Rainha do Congo, presentes ali com sua corte em trajes de festa, festa essa tradicional em teu sítio. Festa que começou numa brincadeira com a turma dessas tuas crianças presentes ali e que hoje estão no 6º ano. Naquela altura estavam no 1º, 2º período e eles começaram cantando e catando a Estória de Reis até que isso se tornou uma coisa grande que todo teu sítio ainda desenvolve e preserva. *Aquele Que Tem A Graça De Deus* fala de uma caixa que trazem consigo, a caixa do Congado, caixa que eles fizeram questão de trazer. Fizeram-na no 1º e 2º períodos, quando tinham 5, 6 anos de idade, depois de lerem um conto de um livro. *Senhora Soberana E Cheia De Graça* foi a primeira Rainha, porque ela tinha tranças como a Rainha, e o *Oneleh*, que não está mais nessa turma, foi o primeiro Reizinho de teu sítio. Daí, vós fizestes os bonequinhos com as professoras, os chocalhos até culminar na “brincadeira” da coroação que até hoje é tradição em teu sítio. Então é isso, foram as crianças que nesse dia fizeram questão de trazer a caixa. Foi ideia deles, trazer a caixa e apresentá-la ali. Vês como algo importante constrói, compõe o corpo? Mas essa caixa não é só uma caixa de brincadeiras. Ela hoje é um corpo gerador de memória, é um motivo, um dispositivo de lembranças de tudo aquilo que lhes aconteceu na infância em teu sítio e que agora vai ao longo dos anos, do Ensino Fundamental, ao longo do crescimento deles, na mudança para a adolescência que vem acontecendo com eles, essa caixa vem acompanhando, e ela vem passando de sala em sala... Agora ela está de posse das crianças do 1º ano e que ao final do ano passarão novamente para os pequenininhos da Educação Infantil. Mas, podes perguntar o que o Rei, a Rainha e sua corte estão fazendo num sítio como o da Secretaria de Educação. Vão ouvir a respeito de uma árvore que hoje já faz parte de teu repertório – o Baobá! Bem sabes, toda essa história do Baobá, essa semente de tudo, isso começou com um texto. Não sei precisá-lo, mas com um texto, com as metáforas, com as imagens que a história do Baobá – a árvore de cabeça para baixo – trouxe para a vida em teu sítio. É uma história amplamente estudada em teu sítio de escola, e é uma história que simboliza muito a cultura africana – essa árvore sagrada para os africanos. Assim, tu, as crianças, em trajes nobres de festa, vão ouvir *Testemunho Famoso*, um viveirista que ensina que um corpo-pesquisador começa olhando, passando a mão, cheirando, usa todos os sentidos para estar com árvores, mas não só... Quando ouvimos falar *Testemunho Famoso*, percebemos que todos nós pesquisamos de um modo ou de outro, mas alicerçados, engajados no nosso corpo. Podes ver como isso se dá logo de pequeno, por exemplo, quando crianças querem jogar bolinha de gude (há quem ainda jogue

ou saiba o que é uma bolinha de gude?), mas não se sabe se aquele terreno possibilita jogar. Aí tem que se fazer um burquinho aqui outro ali, ir descobrindo – aqui dá, ali não dá etc. – ir tasteando... Cientes ou não, pesquisamos as coisas, as coisas concretas, a vida concreta. O olho, a mão, todo corpo se prepara para afetar e ser afetado pelas coisas, pela vida... E isso não é diferente aqui nesse sítio, pois tuas crianças afetam e deixam-se afetar pelas palavras de *Testemunho famoso* e por várias mudas, sementes de Baobá que estão sobre uma mesa do auditório da Secretaria de Educação. Cada criança toma seu lugar, algumas mesmo no chão apoiando o rosto entre as mãos e tendo o cotovelo como sustentação. Em silêncio e atentas, ouvem *Testemunho Famoso* dizer querer ter ido para uma guerra – qualquer guerra – ser talvez levado em um navio ou coisa parecida. Não era para matar ninguém, ele não tinha coragem para isso, nem mesmo se matar. Mas, mesmo não (se) matando, as crianças ouviam que *Testemunho Famoso* morria de tristeza – lamentava, chorava, era insatisfeito do zero aos quarenta anos. Mas, tacitamente o que se pode ouvir de tanto lamento é que nenhuma vida muda em um estalar de dedos, ou estalando os dedos... É o desejo que nos move, desejo como esforço em perseverar na existência, perseverar que impulsiona selecionar entre o que nos compõe e o que nos decompõe. Existir é relacionar-se com o meio em que se vive e nele extrair a matéria que nos compõe e tira-nos da passividade, da flutuação da alma, e leva-nos a agir, a aumentar nossos afetos, numa palavra, nossa potência de agir, existir, viver. Tu também ouves a tristeza, a decomposição do corpo/alma de *Testemunho Famoso*, mas ao ouvir tal testemunho, percebe que podem ser também palavras tuas e de teus pares em teu sítio ou outro qualquer. Por exemplo, quando ouves ou fazes uma súplica ao Senhor para ajudar, pois tens uma família ou escola... E o que tens para passar para tua família ou teus alunos? Todo esse sofrimento que te consome? O que podes dar aos teus? Então, segues tua súplica pedindo que Ele ponha em tuas mãos condições para poderes cuidar dos teus. Sabes, por exemplo, em tua casa e em teu sítio, que todos se orgulham de ti, mesmo que não o expressem em palavras. Mas, talvez possas compreendê-lo em pequenos gestos, aqui, ali, com todo teu corpo... *Testemunho Famoso* pensava muito em comida e foi sempre pensando nisso que Ele o abordou. Mas, tu também pensas na comida, talvez mais na hora do lanche de tuas crianças ou na hora de teu almoço. Mas, no fundo, pensas em outro alimento – o que tens dado como alimento afetivo, o que dás como conteúdo em tuas aulas, como ages, como existes, como te dás em teus encontros... A súplica de *Testemunho Famoso* continua, e a tua pode se assemelhar a dele – “Se a Felicidade existir, faz com que eu tropece nela, conheça essa tal de Felicidade” – que ele, quicá também tu não acreditas. Ouve lá: Felicidade não se possui, mas consiste em examinar conscientemente tuas conexões, como tu as constituís. Numa palavra, como conheces, como

ages, como pensas, como existes na necessidade de tudo que te cerca. Como são teus afetos – alegres?, tristes?... *Testemunho Famoso* “foi mandado” para o lixo, catava garrafas pet, recipientes plásticos, coletava sementes e, assim, iniciou cultivo de mudas, mesmo sem ter nenhum conhecimento. Começou, assim, um projeto – “Adote uma Árvore”. A procura (qual procura?) foi tão grande que ele não conseguia mais atender a necessidade das pessoas... Aí a oportunidade de apresentar oficinas de como produzir mudas, e foi aí quando ele “começou a encontrar a Felicidade”. Quer dizer, o que *Testemunho Famoso* diz, é que somos felizes quando conseguimos realizar aquilo que a gente gosta... Ele diz que foi a oração que fez e foi atendida, não é?, depois de passar quarenta anos no deserto... E tu, para onde “te mandas”, que procuras, que catas, que coletas, que cultivas mesmo sem teres nenhum conhecimento? Tu oras? És atendido em tuas orações, pedidos e súplicas? Qual teu projeto? Que pensas da Felicidade? Já estiveste num deserto, mesmo que por menos de quarenta anos? Posso te sugerir pensar nisto: *Assim, na vida, é útil, sobretudo, aperfeiçoar, tanto quanto pudermos, o intelecto ou a razão, e nisso, exclusivamente, consiste a suprema felicidade ou beatitude do homem. Pois, a beatitude não é senão a própria satisfação do ânimo que provem do conhecimento intuitivo de Deus. E, da mesma maneira, aperfeiçoar o intelecto não é senão compreender a Deus, os seus atributos e as ações que se seguem da necessidade de sua natureza. Por isso, o fim último do homem que se conduz pela razão, isto é, o seu desejo supremo, por meio do qual procura regular todos os outros, é aquele que o leva a conceber, adequadamente, a si mesmo e a todas as coisas que podem ser abrangidas sob seu intelecto*³⁶⁰. Mas, como podes notar, tal entendimento necessita de conhecimento concebendo as coisas *sub espécie aeternitatis*. Mas, não somente tu ouves tais palavras, tuas crianças também as ouvem. Que tal? Mas, viestes em função de uma árvore, um Baobá... Então, ouve lá mais dessa árvore: Ela tem 5 a 9 folhas... *Adonsonia digitata* é o nome científico dessa árvore, nome que podes incorporar em teu repertório intelectual e numa aula ensinar aos teus alunos. Esse nome é uma homenagem a Adonson, um pesquisador e, *digitata* porque tem forma de uma mão, cinco dedos. Sim, ninguém tem 9 dedos, mas às vezes temos que ser cheio de dedos... Seu fruto parece uma bola de futebol americano, tem 40 centímetros. As sementes parecem uma estopa, vêm agarradinhas como se fosse um cordão umbilical. Ali a posição dela é como se fosse um feijãozinho, parece um feto... O Baobá pode guardar 120.000 litros de água... Nas savanas africanas, na época de chuva, com um mês de antecedência, um curandeiro ou feiticeiro – só ele pode fazer a escavação de um Baobá – fica um mês cavando o tronco do

Baobá até chegar próximo às raízes. Aí vêm as chuvas, enchem o Baobá que depois é selado. E essa água é conservada, ela não evapora e nem o Baobá morre. E essa água é usada no verão, pois na savana só se encontra água de 60 ou 80 metros de profundidade... Então, por quê justifica esse título – “Árvore da Vida”? Por conseguir sobreviver... Ouves com atenção o que está em jogo? Mas, não somente tu, tuas crianças estão a ouvir isso. Há entre vós um africano, o *Homem Nobre*, que também ouve atento e contribui nesse grande encontro. Ele diz que o Baobá é tão grande e, quando nascemos encontramos Baobás... *Homem Nobre*, assim como todos vós, está surpreso em ver uma enorme árvore agora em mudas e sementes, ou seja, grandes árvores que são vistas enormes logo quando nascem em África, mas aqui, agora, vistas em estado nascente... Lá em África há reservas de florestas; cada árvore tem suas propriedades, cada árvore tem seus significados, mas a maior árvore é o Baobá... Quando se fala de alguém da família, da etnia, do clã, o sábio é chamado de Baobá. E por que o sábio é chamado de Baobá? Porque Baobá significa sabedoria, Baobá significa uma longa vida... É por isso que o sábio é chamado de Baobá. O baobá é um lugar de iniciação... Às vezes até faz medo... À noite, às vezes, não se pode passar perto do Baobá, porque os mais velhos se encontram lá à noite, meia-noite até as três da tarde... (ouve tuas crianças reagirem a isso exclamando quase em uníssono “ai que medo”!!!). Mas, também é um lugar de encontro para reconciliar as famílias, reconciliar os povos, é um lugar aonde se vai para aprender também... É um lugar misterioso, tu podes ouvir... Há uma estória contada de um Baobá, acho que no Congo... Chama-se “Baobá Stanley”. Por que esse nome? Stanley era um navegador inglês que viajava pela África e um dia chega a uma cidade e ficou escondido dias e dias dentro de um Baobá. Assim, essa árvore ficou com o nome dele... Ouve lá: Quando um ancião morre, o povo diz que “um Baobá se foi”! Por aqui, tens algo parecido. Em vários arraiais que te cercam, os indivíduos importantes de um arraial, indivíduos sábios, por exemplo, eram chamados de “O Jacarandá”. Tu, as crianças de teu sítio de escola, ouvem tudo e, ao final, aplaudem e agradecem terem estado ali, por ouvirem algo potente para si. Mas, também fizeram ouvir suas vozes e instrumentos através de canções tradicionais de suas festas em teu sítio. Também puderam levar a caixa de Congado repleta de encontros, afetos, memórias, da produção ininterrupta que operam em teu sítio, para mostrar a todos como se afetam e deixam-se afetar por aquilo que fazes com matérias de África. Hora de ir. Tu e as crianças vos reunis para a partida. Começam a tocar os instrumentos acompanhados das vozes ao modo de canção: *Adeus, vou-me embora, adeus/ Adeus eu já vou-me embora/ Pelas águas do mar eu vim/ Pelas águas do mar eu vou-me embora...* Saem a pari passos com a canção. Lentamente, sem interromperem a canção, saem do auditório, percorrem corredores, adentram o Mercado

Municipal de teu sítio de morada e, aos olhos dos presentes e passantes, arrancam sorrisos e admiração. Vê o que um encontro com um viveirista que “descobriu” a felicidade num Baobá produz em todos. Sim, esta é uma estória que podes contar de corpo e alma. Viveste-a num encontro com tuas crianças. Desejas plantar um Baobá em teu sítio de escola. Não te esqueças do que ouviste: Ele é uma árvore enorme, “Árvore da Vida”, tem cada qual sua propriedade em meio a cada reserva, às vezes faz medo, os mais velhos se reúnem em torno dele, ou seja, é um lugar de encontro para reconciliações de famílias, povos e, também um lugar de/para aprender, é árvore que tem flor, é árvore que se come, é árvore que se faz muita coisa, depende do que desejas, como desejas num encontro...

, ...

Essa árvore, o Baobá, tem dado o que falar, pensar, sentir e fazer. As ressonâncias são muitas, tanto em teu sítio de escola como também em sítios longínquos de tua morada. Vê, por exemplo, as oficinas que deste num bairro distante. Tão distante que tiveste dificuldade em chegar lá. Mas chegaste, trabalhaste e plantaste muito mais coisas lá do que tão-somente o grande Baobá. Podes ver, por exemplo, que *Olê lê* virou um hino nesse sítio. Ouve o que aquela senhora, moradora de lá, *A Que Apareceu*, disse: “Mas, só pelas nossas visitas, as pessoas já sabem que tem gente do coração como um caçador – não enxerga, mas conhece os nossos corações, não é? As pessoas não enxergam, mas conhecem os nossos corações. Aqui neste Vale, muita gente não conhece esse Vale, mas sabe tudo o que (se) passa aqui. Aqui é nosso. Eu sei que aqui o pessoal vai comunicando, aqui é maravilhoso. Eu vou contar uma coisa: Eu tenho uns amigos lá em São Paulo, até estão aqui, meus parentes, as coisas boas que acontecem aqui eu conto lá. Eu chamo as minhas amigas, nós sentamos (e assim as estórias vivem, não é?). Então, a nossa roda, ó! Eu estou tão feliz, por tudo, não some não! Vai com Deus!” Tu vês o que essa senhora diz? Nossa! Tem de rodar, tem de rodar... Ela talvez não entenda, como tu entendes, que ela está a falar do princípio da circularidade. Ó, tem de rodar! Fluxo da vida. Está dentro dela também, não é? *A Que Surgiu* estava lá no dia do plantio do Baobá. Ela é uma das cantadeiras daquele sítio. *Tá caindo flor ê, ê/ Tá caindo flor ê, á...* Mas, podes ver o quanto é importante essa coisa do sagrado. Todo “causo”, toda estória que ouves e também contas tem algo que envolve Deus, criação, envolve a Natureza, essas coisas todas... Mas, nem tudo são flores. Ali naquele sítio de morada, como no teu, escolar, tem família ali que não entra na banda, na cantoria. Vês aquela moradora? Ela não! Ela não percebe a harmonia, mas somente barulho. Para ela também, coisa que tem tambor, muita gente tem preconceito. Podes ouvir de oficineiros que

algumas pessoas ali não interagem, não gostam do que fazem, acham que o barulho incomoda. Outro dia descíamos a rua principal e uma pessoa ali falou: “Por que *Senhora Soberana Da Luz* não leva esses tambores para tocar na casa dela? Esse barulho aqui”... Sim, os instrumentistas ainda estão a se afinizar com os instrumentos. Eles ainda estão tocando tudo na pancada. Mas, estão também introduzindo novos elementos. Mas, isso acontece... Sim, é por agora teu último dia a acompanhares oficinas por ali. A vida continua em todo sítio. Entras no carro que te trará de volta. Quem dirige é *Carícia*. Vais no banco de trás. À posição do passageiro, ao lado da motorista, ouves um pedido antes da partida: “Ei, *Carícia*, vamos passar por aquele caminho bonito?”...

, ...

A cada ano esperas que novas crianças cheguem a teu sítio de escola. Cada chegada é surpreendente para ti. Lembra-te?, tu tivestes uma surpresa boa na chegada de uma criança, um menino, para teu 9º ano. A história desse menino é maravilhosa: Deficiente mental, ele ia para o 5º ano, mas não havia vaga, e aí a Secretaria de Educação autorizou colocá-lo na idade compatível. Tu te lembras da história desse menino. O pai dele, *Ele Brilha*, que com 17 anos se deparou com a seguinte situação: Uma família que ele não tinha nada a ver (?) querendo dar aquele menino que era o 7º filho porque era retardado – fala do pai! Ninguém queria o menino, *Ele Brilha* tinha 17 anos. Ele estava com uma moça, casou-se com ela e adotou o menino. *Ele Brilha* era um menino de 17 anos e adotou uma criança deficiente. Tu vês o amor desse pai contando essa estória. Hoje ele traz essa criança para teu sítio de escola, primeiro dia... Tu o recebe e diz que gostarias de partilhar essa estória com as demais crianças de teu sítio. O pai gentil e tranquilamente te responde que sim, que podes chamá-lo que ele conta toda a estória. Tu queres ainda deixar que tuas crianças sintam o drama. Notas que eles já estão a se organizar para estarem com ele. Por exemplo, tens *Deus É Meu Juiz* que já está o inserindo no coral também para dançar. A criança já deu resposta positiva. Daqui a um pouco podes chamar *Ele Brilha* para partilhar sua estória. Sabes que, mais do que mais uma estória que ouçam, essa é mais do que especial. Porque *Ele Brilha* era da idade desses meninos que tens em teu sítio quando assumiu essa responsabilidade. Aí ele se separa da mulher... Mas, pensas que *Ele Brilha* deixa a mulher ficar com o filho? Ele pega esse menino e passa a guarda para o nome dele... Vê lá isso agora! Os meninos estão a colocá-lo na fila. Vês como um encontro desses pode melhorar teu sítio de escola? E aí tens uma coisa muito interessante. Um encontro é sempre um canal para poderes realizar algo, tu podes potencializar algo (ou não). Podes, por

exemplo, pensar a inclusão. Inclusão ou *integração*? Sim, toda vez que se fala em inclusão sentes um incômodo, porque é como se todos tivessem que ser benevolentes com aquele menino que está chegando e está trazendo tanto problema... E inclusão, hás de concordar, não passa pela benevolência. Passa por uma forma de vitalizar ou não aquela realidade que tens em todo sítio. Isso é uma coisa que começas a ver muito com a força da vinda desse menino para teu sítio. Porque ele potencializou uma série de coisas que cá estavam adormecidas. Mas, ainda sim, há resistências em relação à presença dele entre os teus, mesmo depois da beleza que foi terem ouvido a estória dele. Toda criança é especial, mas essa criança é ainda mais. Fica saindo a toda hora da sala, anda pela escola e procura estar com as crianças da Educação Infantil, quer as professoras dos pequenininhos, quer as rodas e cantigas de ritmos... Os maiores se incomodam. Ficam falando assim: "Ele fica piscando para mim", "ele me põe a mão, eu não quero que ele me ponha a mão"... Tu respondes a eles dizendo que a cabeça dele, a inteligência dele, não funciona como a nossa que, por exemplo, se bloqueia com algumas coisas que tem até uma limitação de tocar o outro, de ir ao encontro do outro. Tu conversas com *O Que Vem*. Dizes, explicando a ele, que essa criança olha para a barriga da gente quando subimos a rampa ou quando andamos pela escola e aí vem com a mão e nos toca a barriga. Se nos afastarmos, nós nunca vamos saber porquê ele está tendo esse gesto. E sabe por que, *O Que Vem*, ele está fazendo isso? Ele associa que toda mulher pode carregar um neném na barriga... Então, ele põe a mão na nossa barriga e fala "neném". Quando *O Que Vem* acaba de te ouvir, ele faz um pequeno silêncio e te diz: "Falando sério, até que essa estória que tu acabaste de me contar aí me emocionou!" Surgem risos entre vós. Achas o máximo, pois tu já tinhas gasto tudo o que podias falar e *O Que Vem* continuava a falar para ti que "não tinha que por esse menino em nossa sala, podia pô-lo em outra qualquer, menos aqui, na nossa sala"... Observa bem o argumento que tiveste. Não saíste dessa sem querer, mesmo que a princípio penses isso... E ainda ouves *O Que Vem* dizer: "Eu vou falar, ó, até emociona a gente! Agora, ó, até eu fiquei emocionado, aqui, meus cabelos arrepiados"... *O Que Vem* é tocado por alguma coisa... Um encontro, compreender as relações, saber ler gestos, acompanhar processos... Alguma coisa há em qualquer encontro. Num sítio de escola como o teu chega uma criança muito especial. Um pequeno encontro entre tu, uma criança que chega a teu sítio e *O Que Vem*. Que pode um sítio de escola num encontro com o que chega a ele, com o que vem?...

A Arte na Educação. Há quem pense que seja tarefa fácil, quase dada. Supõe-se apenas material diferente, espaços diferentes, mas... Por exemplo, em teu sítio, há um professor de Arte que tem um espaço constituído de biombos que podem ser montados e desmontados – sala de aula, cenários, galerias para exposições etc. Há agora uma aula de artes. Podes ouvir do professor, depois de uma aula dada ali com e sobre sólidos geométricos, que teve aluno que não errou nenhuma peça. 17 Peças! Tronco de cone reto, cilindro, cone reto, esfera, tronco de pirâmide de base quadrada, tronco de cone reto, octaedro, pirâmide de base quadrada e oblíqua, cilindro oblíquo, dodecaedro, isocaedro... Houve ali naquela aula um aluno que falou do jeito que te falo aqui, e ele só teve uma aula! Pegou isso que aqui que foi dado e estudou... Sim, professor, nós não temos que subestimar o ser humano, não. Tu escolheste essa profissão, uma profissão, como tu mesmo dizes, muito delicada nesse sentido... Se tu subestimas uma pessoa, acabas pendendo ela... Tu te orgulhas desse pequeno grande resultado que tiras após tua aula de sólidos geométricos, em especial, do resultado de teu bom aluno. Ele para ti é tão bom que talvez possas fazer as mesmas perguntas para um engenheiro, um arquiteto, por exemplo, uma pergunta sobre uma figura complexa do tipo pirâmide oblíqua, e ele não é capaz de responder por não saber... Um aluno teu do 5º ano está a estudar isso, as coisas que hoje trazes para tua aula. Isso é legal, muito legal para teu aluno, mas talvez não para teu engenheiro ou arquiteto. Tua aula tem o toque, um tom, uma forma de um saber poliédrico, ou seja, um saber “sólido limitado por superfícies planas”... Pensa nisto: Como, não só numa aula, ser sólido mas não limitado por planos? Como ser firme sem ser duro e flexível sem ser fraco? Vê por onde pode passar a arte geométrica de uma aula?...

, ...

Semana de provas. Arte pensada como arquitetura. Prova de Arte. Arquitetura de uma prova... Quem sabe não fazemos prova de arte?! O que tu, professor, achas de nós não avaliarmos a arte? Mas, sim, fazemo-la assim mesmo, a prova. Então, uma pergunta arquitetada para o 8º ano: “Em que ano aconteceu a Semana de Arte de 1922?”. Teu argumento, professor: A prova é feita para menino errar! Responder a essa pergunta de prova ou ao teu argumento é uma arte. Qualquer resposta, um erro. Certo?...

, ...

É por isso que te venho falando: uma estória atrás da outra. Tu me entendes, espero mesmo que sim, quando digo que temos *uma* vida em cada sítio que se está. Dependendo do recorte que tu fazes, tu pões tudo, menos a vida. E isso que te digo é para tudo, sem exceção! Numa pesquisa, numa aula etc., tu podes cumprir todas as regras, sejam elas acadêmicas, pedagógicas etc., e não dares vazão à vida que circula e existe de maneira singular, cada qual a seu modo, em sítios diversos. Penso assim, como também acredito que tu pensas, que não há uma técnica. Pode até haver uma, idiossincrática, para se fazer uma coisa ou outra, mas nada se compara à pulsão, ao desejo que tu tens ao fazeres, por exemplo, uma pesquisa ou dares uma aula. Isso é incomparável e insubstituível! Uma pesquisa, uma aula etc. nada mais é do que um tempo que tu tens para parares para um encontro e conceberes contigo *uma* vida que flui ali. Uma estória atrás da outra... Estórias de vida, sejam em pesquisas ou aulas, mas de e nos encontros. Tu, como eu, tens vontade de escrever estórias de sítios escolares. São muitas que temos, não é? Ouve esta: Tu és chamado em sala num belo dia de confusão por lá por causa de um bilhete de um menino. Ele estava na 2ª ou 3ª série, não emendava “lé com cré”, como tu mesmo dizes. A maior confusão em sala e aí tu fostes chamado para resolver a confusão. Como sempre, um fala, outro fala e, assim, infinita e indefinidamente. Na verdade, qual era o motivo da confusão? É que o *Forte Como Um Leão* havia escrito um palavrão. Tu ficaste curioso, porque ele não escrevia. Nisso, tu olhas para o chão e vês um papel rasgado. Tu o pegas e lês. Estava escrito assim: VC TM NK. Aí tu pegas aquilo e, claro, já estavas a par do contexto, e dizes: “Oh, *Forte Como Um Leão*, tu vais ter que se desculpar com teu colega”. Quando disseste isso, ele vira-se para ti e diz: “Mas, tu lestes o que eu escrevi?” Tu lhe respondes que sim, tu leste. Tu chegaste ao pé do ouvido dele e disseste o que leste: “Tu escreveste isto: ‘Vai tomar no cú’”. Podes ainda te lembrar como *Forte Como Um Leão* te olhava e depois dizia: “Mas, eu estou escrevendo? Eu estou escrevendo, eu estou escrevendo!”... Ficou a repetir e a ecoar essa frase de admiração diante de ti e de todos. Acabou a briga. Então, tu te viras para a turma e dizes: “Vocês leram o que ele escreveu”. Sentaste depois com esse menino na última carteira e disseste a ele: “Agora tu não vais mais escrever ‘vai tomar no cú’, não. Esse bilhete vai ficar guardado comigo. Tu vais escrever algum bilhete para tua professora”. Mas, aquele bilhete de discórdia e confusão, aquelas letras soltas, foi a primeira escrita que aquele menino fez na vida... E ele começou a escrever. Aí, anos depois, ele te escreve uma carta dizendo que tu lhe ensinaste a escrever. Não foi! Não foi! – ainda bradas. Mas, naquele momento, aquele menino se deu conta que a escrita dele era dotada de significado, assim como todos os teus olhares e gestos – dotados de vida...

Uma estória atrás da outra... O caderno do *Renorb*. Um menino escrevendo numa agenda que a Prefeitura tinha dado. Escreveu que queria matar a professora dele. Pegaste essa agenda e conversaste com ele. Mas, a conversa era seguida sempre de uma fala, um depoimento denso em relação ao pai dele. E a agenda dele tinha esse depoimento. Essa agenda tinha sido motivo de uma briga. Tu chamas esse menino e diz a ele: "Olha, eu achei a sua agenda. Eu não queria fazer isso, mas sem querer eu li isso que está escrito aqui". O menino teve uma crise de choro diante de ti e, diante dessa situação, perguntas: "Tu estás a chorar porque eu li? Tu que me desculpe"... Ele então te diz: "Não é porque tu leste, é porque eu escrevi, é pela raiva que eu senti". Ele, então, começa a falar um monte de outras coisas... Tu lhe dizes: "Então, vamos fazer o seguinte. Essa agenda está te incomodando. Tu me dás essa agenda e eu te dou uma novinha no lugar. E tu vais passar a escrever onde tu marcaste essas coisas, vais começar a pensar nessas pessoas que tu desejaste coisas ruins e começar a desejar coisas boas". E aí ele muda a escrita. Não só, mas também os sentimentos, o pensar, o agir, enfim, o desejo. Põe isso na tua agenda diária – bons desejos...

, ...

Uma estória atrás da outra... Ouço de ti essa estória: Uma vez tu trouxeste uma menina, a *Pomba*. Ela não tinha certidão de nascimento, e tu não eras ainda diretora deste sítio, mas coordenadora. A diretora da época falava contigo que essa menina não podia ficar na escola nessa condição. Tu disseste à diretora que ela não tem condição de tirar essa menina. Tiveste como resposta que não é obrigação da escola fazer certidão de nascimento. Tu respondes à diretora que se não é obrigação dela e também da escola, então, tu mesma vais pegar essa menina e fazer a certidão de nascimento dela. Apenas vais buscar a segunda via da certidão dela, pois ela já tinha uma certidão. Mas, a mãe dessa menina nunca buscava a segunda via... Então, tu ias com a menina à cidade, a mãe autorizou. A mãe dela até já morreu, a *Pequena Rosa*. Morreu de espancamento. Tinha uma filharada sem fim, ninguém aprendia nada, era uma coisa... Aí a *Pomba* veio e tu a levaste ao cartório. Tu falaste: "Eu vou mostrar para essa menina onde que tem o registro dela, o que é um registro". Saíste com ela para o cartório. Ficastes na fila para pegar a segunda via. Pegaste o tal registro. Saíste com ela de mãos dadas e sentastes no parque principal de teu sítio de morada. Disseste a ela: "Agora eu vou ler para você a sua certidão de nascimento, o que está escrito aqui". E começaste a ler. A menina não sabia que na certidão de nascimento estava escrito o nome do pai dela. Aí, passou. Foi bem emocionante esse encontro dessa menina com a certidão de nascimento num desses bancos de parque.

Então, tu a levas para casa e vais também para a tua. No dia seguinte tu a vês novamente. A família dela não foi buscá-la nesse dia. Ela ficou na escola. E passas a observar uma movimentação dessa menina que não sabe escrever com uma outra menina que também não sabe. Estão num banco. Estão a escrever... Para ti... Essa menina te agradecendo, ela dizendo para ti: "Obrigado, tu foste a única 'troufessoura' que me cuidou". E desenha um jarro de flor e te dá. Aí, tu dizes que também essa menina teve um deslanche na escrita. Mas te digo mais: Uma "pequena rosa" pode se ir, pode morrer, mas o cuidado com o jardim tem de permanecer. Uma certidão de nascimento que destes a essa menina atesta mais coisas do que mera legalidade. Tu atestas a vida, a ternura, o cuidado, a origem, o presente, o futuro, a vida dessa menina. Resta a essa *Pomba* alçar longos e altos voos pelo mundo. Mundo que lhe recuperaste num papel de nascença, um mundo que lhe abriste desde a origem, e que agora começa a ser escrito e desenhado...

, ...

Numa aula, pode-se perder a cabeça, trocar os pés pelas mãos etc. Mas, uma boa aula que tem um momento de ponta-cabeça é assim: O menino virou e pôs as pernas no quadro e ficou de ponta-cabeça. Achas engraçado? Quiseram saber o que era tal expressão e o *Pequeno Ruivo* e *Quem É Com Deus?* foram à frente e levam o corpo à explicação do que é "de ponta-cabeça". Trocam os pés pelas mãos por causa de uma explicação. Ou seja, por uma boa causa...

, ...

Há também momentos e movimentos de aprendizagem que não se entende. Às vezes não se consegue pôr mesmo na nossa cabeça alguma coisa, quiçá na dos outros. Mas, há quem consiga. Não me surpreendo não, com algumas coisas que querem incutir na cabeça das crianças hoje. Vou te contar uma: Tu conheces a "máquina de ser vencedor"? Não? Um professor pegou um celular e ia de carteira em carteira na cabeça dos meninos do 8º ano dizendo: "Isso aqui é uma máquina para detectar quem vai ser vencedor". E punha a tal "máquina" na cabeça dos meninos... E dizia de cada um que testava o engenho: "Esse é vencedor", depois, em outro, "esse é perdedor, vai ser furador de buraco de bosta". Isso cá, neste sítio! E os meninos rindo – ê, ê, ê, ê, ê!... Podes ver que isso acontece em sítios escolares. É a modernidade, a tecnologia, a educação com as novas tecnologias... Mas, tem cabimento uma coisa dessas? Fico cá comigo pensando que quando compramos um aparelho logo o

testamos para ver se funciona. Com certeza queremos saber se funciona. Supondo que tal professor adquiriu tal engenho, qual terá sido a resposta que o aparelho lhe deu quando o adquiriu? Ou vais me dizer que se tens um aparelho desses, que te diz sobre “ser vencedor”, não o porias para testá-lo logo em ti para saberes tal destino?!...

, ...

Vais com tuas crianças a um museu famoso de teu sítio de morada. Ampliação de conhecimentos da História, enriquecimento de experiência estética, política, existencial num museu – determinada ordem de fatos, determinada história etc. organizada e dada a ver e a saber através de passeios... Entramos com nossas ideias num museu qualquer e lá, *não importa o que a gente faça, sempre tem alguém que já pensou e já fez e acabou com nossa ideia. E o pior, quanto mais tempo passa, mais aumenta a probabilidade de alguém já ter pensado e feito a mesma coisa. Terá existido uma hora zero, o instante em que tudo era novo, em que tudo ainda estava por fazer? Quando nos esperavam todas as possibilidades. Terá havido um início, primórdio dos primórdios? Mas talvez não, talvez nossa existência, a nossa história já tenha se iniciado assim, em movimento, essa circularidade, repetindo sempre as mesmas coisas. Não importa. É possível criar pequenas variações*³⁶¹. Mas, vais a um museu. Um ônibus lotado de meninos e meninas. Durante o trajeto, muitas canções perspicazes com letras jocosas e endereçadas em cada refrão a uma e outra pessoa dentro do coletivo. Música, mas também muita comilança – salgadinhos, biscoitos e refrigerantes. Todos de preço barato. Vais com alguns professores acompanhando a meninada. Entre os que vão, vai o que tu entendes como triunfalista. Não há dúvidas que ele tem muita potência como professor, mas ele, como todos nós, às vezes fazemos e dizemos coisas... Por exemplo, lembras quando reuniste os professores numa reunião em teu sítio de escola? O triunfalista trouxe-te uma longa lista – ele mesmo a fez – e ta deu, uma lista de 355 datas comemorativas do ano para tu fortaleceres isso na escola – as comemorações... Sim, uma cabeça formalista. Professor legal, de boa intenção, ele quer fazer o melhor para os meninos... Mas, querendo fazer o melhor, faz-se o pior. Tu podes ouvi-lo falar com os meninos cada coisa... Por exemplo, conheces a música que se refere à escravidão, à senzala? O professor muitas vezes canta: “Lê lê/ lê lê/ lê lê lê lê lê”... Nessa ocasião ainda emenda: “Olha o buraco, olha o futuro de vocês!” Então, na cabeça dele ele acha que vai tirar os meninos da condição de vida

que têm fazendo esse tipo de comparação que os menospreza, que menospreza a origem deles. Isso ele não percebe. Vamos todos ao museu, mas esperemos, sem muito formalismo... Chega-se lá e a guia do museu, *Aquela Que Traz Felicidade*, com uma tez muito clara e de óculos escuros recebe a todos. Logo foi veementemente contrária a qualquer registro fotográfico que a envolvesse. De partida, logo podes ver que ela não fazia jus ao nome, mas a um suposto papel de guia de um museu... Um museu: *É preciso lembrar que o fato de criarmos esse espaço, colocarmos setas, indicarmos formas de leitura, nada disso significa que a recepção pode ser realmente manipulada. Aí está talvez uma das questões cruciais da obra de arte, a questão do outro. Como lidar com a impossibilidade de alcançar o outro. A impossibilidade de uma real comunicação? E esse foi o meu questionamento principal ao planejar, desenvolver este meu último trabalho*³⁶². Museus: também espaços com setas que indicam, setas com tônica numa forma de significação... Vês como um museu pode se aproximar de um sítio de escola e vice-versa? Começa o passeio. *Aquela Que Traz Felicidade* caminha à frente falando do Século XIX. A guia não parava de falar e interrompia suas rígidas e ensaiadas palavras a cada desatenção que sentia mais grave. *Aquela Que Traz Felicidade* contava sua história. Mas, *os mais felizes, já se sabe, têm uma biografia mais curta.* [...] *Claro que parte da narrativa foi inventada, – a memória não é um arquivo inviolável, nada de novo. Muitos relatos históricos verídicos mentem/ em tudo o que sucedeu, mas são verdadeiros/ a pés juntos na data da ocorrência da mentira. Da História há que se reter que o século XVI/ surgiu depois do século XV, o que já não é/ uma informação irrelevante*³⁶³. Vai-se às árvores que rodeiam o parque do museu. Passeia-se, digo, passa-se pelo Jardim Simétrico de Descartes, por duas estátuas neoclássicas – A Ciência e As Artes. Chega-se, mais ainda à frente, a uma gruta com água não potável ao lado de um monumento em homenagem à Princesa Isabel embaixo de várias árvores com grandes copas que deixam todos à fresca. Mas, eis que uma criança mira o alto de uma das copas e vê um animal, uma preguiça! Agora *Aquela Que Traz Felicidade* fica irritada com tal desatenção. Uma preguiça! Uma preguiça animal no parque de um museu. Uma preguiça animal que difere das preguiças que vês em teu sítio de escola. A atenção de todos, agora, está na preguiça. A preguiça dispersa a atenção em sítios de escola, mas naquele sítio-museu, concentra os olhares. Talvez nunca os olhos de tuas crianças e educadores estiveram tão concentrados por causa de uma preguiça. Mãos apontam, trocas de comentários e sensações... Alvorço... *Aquela Que Traz Felicidade* fica furiosa. Diz: “Então, ta. Vamos todos

olhar a preguiça!" Sem preguiça, mas a passos lentos, caminha-se mais pelo parque do museu. Agora a atenção de alguns se volta para cisnes brancos que estão a deslizar em uma lagoa ao centro. Pouco mais tarde, outros cisnes, estes negros, mas separados dos brancos da lagoa por uma tela de proteção metálica. Vês, brancos e negros não convivem bem ali naquele sítio. Brancos e negros já se bicam desde cedo, mesmo entre animais... Passar da admiração da preguiça à dos cisnes. [...] *Mas todos no fundo admiram o mesmo./ De facto, só com uma leveza invejável podem os cisnes/ deslizar assim, pelo lago, como se entre/ o elemento animal e a água não existissem quaisquer/ diferenças de peso, instinto ou sentimento./ A água é simples, e o cisne é simples/ na mesma medida*³⁶⁴. Ao fim de terem o parque apresentado por *Aquela Que Traz Felicidade*, tu, teus pares e tuas crianças têm um tempo livre. Tu te sentas a pensar o que se passou desde a vossa entrada no museu. Para tuas crianças cabe agora a satisfação de brincarem muito e livremente nos brinquedos do parquinho infantil. Alegria, gritos soltos, muitas fotos... Tens um esboço de uma lição dessa "aula de museu": O museu já dá o sentido (significado), traz o não-lúdico, não permite perguntas e nem mesmo interatividade. Ao menos nesta aula em que também participaste. Tens talvez perguntas disso de hoje: Todos que passam por aqui não sabem o que se passa, é preciso alguém guiar, falar explicar? Que poderia aprender aquele que aqui passasse sem ouvir isso, saber isso que tem já uma explicação e falas prontas? É bem possível, *claro que podemos criar espaços mais ou menos propícios, espaços sagrados, como galerias e museus. Lugares que apontamos com uma seta e dizemos, aqui, olhe. Ou, aqui, olhe de tal forma. Mas na realidade trata-se de um movimento de quem observa, do sujeito, e não do objeto, ou efeito, ou acontecimento observado*³⁶⁵. Como respondes a estas tuas indagações, aproximadas ou distancias ora mais ora menos teu sítio de escola de um museu. Claro que podemos criar espaços mais ou menos propícios, espaços sagrados, como escolas...

, ...

Ouviste que houve outra visita ao museu, agora com os meninos de teu último ano. Mas o passeio foi um caos. O que aconteceu? Simplesmente os mais velhos, *Aquele Que Pensa*, o *Nalard* e companhia limitada, eles simplesmente começaram a correr atrás das moças que estavam fazendo caminhada no parque. Elas chamaram o guarda, mas o guarda não resolveu. Os professores também não resolveram... Uma das mulheres lá ameaçou chamar o marido. Foi

uma confusão, terrível – assim atestou uma professora de teu sítio de escola que os acompanhava nesse passeio. Até os bambus eles ficaram pichando... Esses meninos, já não tão crianças, de teu último ano, queimaram o filme de escola. Em compensação, podes ouvir dessa mesma professora que o 8º e o 6º anos sabem tudo do passeio. O mesmo passeio. Mesmo passeio? Sim, ao menos pela mesma guia... Tu podes mesmo reclamar que é horrível essa situação de tuas crianças nesse sítio de visita, porque são teus meninos da escola. Mas podes reclamar também de tal papel de alguém desse tipo – a guia – num museu. Ela não está afim de nada. Vês quando fostes lá preencher os dados da escola, como ela atendia a uma ligação telefônica, também enquanto te atendia? Na maior grosseria deste mundo... “Posso falar agora não, porque eu estou atendendo aqui a escola, depois me liga!” Gente, quem é essa pessoa que está do outro lado? Porque se for o marido é um babaca. Se for um filho é um coitado. Se for alguém, um par, da mesma relação... Coitada d'*Aquela Que Traz Felicidade*. Uma infeliz... Mas, alguns de teus pares, professores, têm presença, são críticos, não são passivos, agem. Vê tua colega, o que ela falou para *Aquela Que Traz Felicidade* quando pararam diante do monumento da Princesa Isabel... Aí foi tua colega de sítio quem se estressou com toda aquela fala de monumento, de que a Princesa Isabel é um ídolo, toda aquela louvação de escravos... *Aquela Que Traz Felicidade* não gostou nada do que ouviu. Mas, desses passeios, dessas experiências e acontecimentos o que fica para aqueles que supostamente deveriam ter uma aula diferente – as crianças de teu sítio de escola? Podes bem sabê-lo escrito e exposto posteriormente nas paredes do pátio interno de teu sítio. Está tudo lá, para todos verem. E o que se lê? Como foi? O que ficou?! Dou-te a ler ou a lembrar aqui algumas coisas pela perspectiva dos teus alunos. Por exemplo, um aluno teu do 7º ano fez a visita com alunos do 9º ano. Quando ele e seus amigos entraram no ônibus foi a maior gritaria. Os professores pediam silêncio, mas ninguém escutava (Quero crer que ele esteja a dizer que ninguém obedecia...). Diz esse mesmo aluno que ao chegar ao museu ficou muito ansioso. Todos se reuniram para que os professores e a guia falasse. Foram mais ou menos 10 minutos de falatório. Quando acabou, a guia foi mostrando coisa por coisa, mostrou várias árvores: Pau-Brasil, saboneteira etc. Chegou um momento que ela mostrou o Jardim Simétrico. O professor “Descartes” também foi mostrado. Chegaram a uma praça que tinha uma estátua. Passaram por várias outras. Viram cisnes. Mas, a parte que mais gostou foi quando os liberaram para brincar, para fazerem o que quisessem. Ele e seus amigos tiraram muitas fotos e brincaram muito. Outro relato de aluno teu: Ele saiu do colégio para ir ao museu. Quando lá chegou, todos ficaram debaixo de uma varanda que se chama Pérgula. O professor ficou falando umas regras para eles enquanto a guia não chegava. Aí a guia chegou e falou outras regras para eles. Viu umas árvores “maneiras” – a Saboneteira,

que antes servia para fazer sabonete, a Palmeira, que o fruto dela era um algodão que servia para encher fronhas de travesseiros. Viu também uma lagoa muito grande cheia de marrecos e cisne. Viu também uns canteiros artificiais, um monumento da Princesa Isabel construído para ela. Mas, o que ele achou de mais “maneiro”, segundo esse aluno teu, foi a família de patos pretos que não tem cá no Brasil. Outro relato que aqui reproduzo integralmente, letra por letra: “Fomos ao parque Mariano Procópio. Nós só visitamos o parque porque o prédio tava reformando. Aí no parque nós vimos várias árvores: como o Pau-Brasil e etc. Os animais cisne branco e cisne preto da Austrália. A ponte Chinesa, e o bambuzal enorme e uma mina de água muito bonita e estátuas e fomos ao “parquim” brincar e esse foi nosso passeio”. Outro relato de aluno: Saíram para fazer uma visita no Parque do Museu. Na chegada ao parque receberam uma guia para falar de tudo como: árvores, estátuas gregas. A guia falava que no Século XIX era tudo diferente de hoje, porque quando acabava o sabonete as pessoas não vinham comprar. As pessoas buscavam numa árvore que se chamava Saboneteira. “Tinha também um tipo de Palmeira que saía líquidos, pois quando os viajantes tivessem sede, a Palmeira ia ajudar porque ela tinha líquido dentro”. No parque tinha vários tipos de árvores como Pau-Brasil, Saboneteira, palmeira e muito mais. Segundo esse aluno, ele gostou muito das Artes Gregas, das árvores que têm lá, dos Jardins Simétricos, apesar dele quase quebrar o pé na Ponte Chinesa. (Penso eu, aí está um risco grave em se pisar ou caminhar em bordas bem marcadas de outros sítios, culturas, tempos etc. Quero dizer, caminhar por sobre divisas gravemente opostas, por exemplo, como Ocidente e Oriente...). Outro relato de aluno que foi ao museu com tua turma de 9º ano: Eles foram lá, disse que foi divertido. Ouviram várias histórias sobre o museu através da guia de lá. Ela mostrou-lhes para que usavam as plantas e as árvores, o significado de uma das estátuas que “foi encontrado no fundo do lago”. Esse aluno achou isso muito interessante. Disse ainda que lá tinha uma ponte Chinesa bem bonita, tinha os cisnes, patos, marrecos, aranhas e micos. Esse aluno gostou muito do museu, foi bem divertido e agora vai ver o museu com outros olhos. Outro relato, agora de uma aluna: Encontraram a guia deles no parque. Com ela viram uma placa que essa aluna achou muito interessante, pois ela mostrava todo o parque. Nessa placa se explicava todas as coisas, lugares, jardins... Era com uma legenda, e tudo para as pessoas – visitantes. Viram o jardim Simétrico – que ela achou muito legal. Lá no jardim havia rosas, flores de muitas cores. Essa aluna gostou muito das formas do Jardim Simétrico. Bom, ela acha que esse foi um passeio muito bom. Enfim, ela gostou muito. Ainda outro relato de uma aluna que também fez a visita ao museu com a turma do 9º ano: Chegaram ao museu e encontraram com a guia. Foi muito legal, e depois os professores deixaram que brincassem no parque que tinha escorregador, uma cozinha grande que os meninos e as meninas ficaram brincando. Depois,

vários colegas dessa aluna ficaram tirando fotos. Segundo o relato dessa tua aluna, foi um passeio muito divertido, tirando uma coisa triste que aconteceu lá. O que terá sido isso – coisa triste que aconteceu lá?! Outro relato, esse brevíssimo, de uma aluna: “Eu achei mais legal o passeio no parque! E de brincar no parquinho”. Esses são os relatos mais diretamente ligados à visita que fizeste com teus alunos ao Museu. Mas, entre esses relatos encontram-se dois meio extemporâneos. Por exemplo, um de uma aluna: Ela diz não se lembrar de muita coisa quando ela foi lá. Ela tinha 4 anos. Ela só consegue se lembrar que nesse dia em que foi o dia estava com muito sol e ela e a prima dela brincaram muito. Lá é um lugar bonito que tinha charrete e um lago. Somente isso que ela se lembra. Um outro relato igualmente extemporâneo, mas que dá mostras de descrever esse museu (assim como muitos outros em sua maioria): “O museu é um casarão antigo que tem coisas que ‘ficava’ na casa de Alfredo Lage, eram móveis, quadros, relógios, vasos, esculturas, vasilhas, louças. Um casarão com uma estrutura bem antiga. Muitas partes do museu ‘parece’ uma casa tipo sala, quarto e muitas outras partes de uma casa. O parque é um lugar bonito tem árvores, lago, parque, pedalinho e cisnes e jóias antigas”. Que tirar de lição desse passeio? Que extrair disso que teus alunos relatam? Como seria uma escola, um professor, avaliar uma visita a um museu? Talvez essas perguntas não façam sentido para ti. Era apenas uma atividade extraclasse proposta por teus pares, que tuas crianças fizessem uma visita a um museu... Ao fim de tudo podes ver que *o que a gente diz passa a não fazer muito sentido. Sabe, talvez as coisas sejam mesmo assim. A gente vive e pensa que o vivido vai servir para algo, só que não serve para nada, não ficamos melhores ou mais sábios ou mais compreensivos. Apenas continuamos a repetir as mesmas coisas, justamente assim, justamente como se o vivido, fosse imediatamente apagado. Um quadro em permanente escrita e esquecimento. Uma vez você me disse, o problema não são os erros, o problema é o teu olhar. Os erros não se diferenciam dos acertos. Não têm sentido em si. O problema é você, que não é capaz de dar-lhes outros significados. Você tinha esse discurso. Como tantos outros. (pausa) Como os teus trabalhos, as tuas pinturas, tuas instalações. Você me dizia que tudo era arte, qualquer coisa que você quisesse, arte, que a arte dependia não do objeto, mas do nosso olhar. Lembro que caminhávamos pelo parque, você me mostrava um galho de árvore e dizia, está vendo? O que é isso, você perguntava. Eu respondia, é um galho de árvore. E você respondia, sim e não, é um galho, mas se estivesse num museu e eu lhe desse o título de Braço*

estendido com garras, *poderia ser qualquer outra coisa. Lembro que comentei, então basta, se você quiser depender do museu, mas, se você for além dele, basta que você olhe para o objeto ou acontecimento e o insira num contexto artístico. A arte não é objeto, é o contexto, e o contexto quem decide é você.* (pausa) *O curioso é que você se levava a sério, acreditava mesmo nessas coisas que dizia*³⁶⁶. É por aí que tens que talvez pensar teus problemas, tuas atividades etc. em teu sítio de escola. Já o disse: Podes aproximar a forma de teu sítio de escola da forma de um museu, do tipo descrito mais acima por uma de tuas alunas. Mas, podes também diferir cada vez mais a forma de teu sítio de escola da forma de um museu. Tudo talvez dependa da herança que queiras deixar em cada sítio. Por exemplo, *a herança de uma família deve causar no herdeiro/ surpresa e assombro. É bom/ desconhecer o passado com alguma exactidão/ – porém tal é difícil, pois desconhecer exactamente/ é uma mistura de amnésia e pontaria certa,/ mistura de jardim rectangular com catástrofe*³⁶⁷. Assim, aproxima-te da arte de uma escola quando vais além de qualquer forma dela. Olha para tal forma, mas vai além dela. Teu sítio de escola é um acontecimento. Cuidado com as surpresas e/ou assombros de heranças que queiras deixar, ou que queiram que vejas tal qual num museu. Tuas heranças, assim como o contexto delas, quem as decide és tu, com todo teu desejo implicado nas relações que constituís, assim como seus múltiplos sentidos. Outros, se as virem, se ainda num futuro longínquo, se ficam surpresos ou assombrados...

, ...

Professor bom não tem de sair de sítios de educação, sítios de escola! Não! Não porque ele diz que prepara, se dedica e os meninos não o levam a sério. Não, nem mesmo por isso. Tu dizes a esse professor: “Não faz isso não, vamos acreditar na escola!” Porque nela fazemos (?) diferença na vida dessas crianças... Por que fazemos diferença na vida delas? Podemos fazer diferença na vida de uma, mas, quase uma certeza, não se faz diferença na vida de trezentas delas de uma vez. Talvez a diferença sobre trezentas se faça, mas uma a uma... Mas, assim já está bom, não é? Conseguimos alguma coisa... Tu fazes diferença em todo mundo. A questão é quando “cada semente” brota. Tens que entender, mais que acreditar, que quando és sincero numa relação de amor fazes diferença. A criança tem de sentir que tu te dedicas, que tu te dás por inteiro nas relações... Podes não perceber a diferença que fazes o tempo todo, mas alguma coisa sempre se modifica. Tu bem sabes que não dá para tratar tuas crianças assim, no

xingatório. Não dá. Não dá! Tudo bem, têm de sentir a autoridade, têm de sentir o pulso firme... Sempre estás atento a isso. Tua voz, por exemplo, tens que ter cuidado com ela, assim como com tuas palavras. Tua voz é muito forte, muito potente, então, tu não queres parecer agressivo, apesar de saberes que és um pouco. Então, sabendo disso, tomas cuidado quando tu tens que falar com tuas crianças. Isso é o que fazes todos os dias... Ser firme, mas demonstrar sempre uma preocupação, mostrar através de tuas ações com tuas crianças que tu e teus pares se dedicam. Concordo consigo que nada se resolve ralhando com as crianças – “Não faça isso, não faça aquilo etc.” – mas vale mais, é mais potente, em ações, mostrar que o professor é um ser humano que também se dedica. Tu percebes que as crianças não têm muita noção, não. Achas que elas têm de ter noção de humanidade. Noção de humanidade! Só se aprende humanidade olhando no olho do outro – a fraqueza, o medo, a insegurança, mas também o brilho, a alegria etc. A raiva. Excelente sentir raiva... Tu sabes que a raiva é um grande exercício em teu sítio? É isso! Tu hás de concordar que não existe sítio de escola que não tenha conflitos, que não tenha problemas. A questão é como tu ou cada um equaciona os conflitos e problemas... Agora, tu concordas que há de ser fazer alguma coisa diferente cá em teu sítio de escola. Tu já vens observando há muito tempo: oito horas, repetindo a mesma estrutura da manhã até à tarde... Assim não dá. Há que se mexer estruturalmente nessa duração que não diferencia... Ainda bem que teus pares do turno da tarde que tens conversado têm topado fazer mudanças. Tu queres e propões fazer uma mudança radical: À tarde queres quebrar radicalmente a estrutura da disciplina, ou melhor, do curso do fazer em teu sítio seguidamente de um fazer ao molde do que é feito pela manhã, ou seja, estabelecer uma ação gradeada por estruturas disciplinares tradicionais... Tu já te adiantas em pensar nisso. Estás a dividir – já fizeste as contas – são 102 crianças do 6º ao 9º ano, são 15 crianças para cada professor. E tu vais pô-los para trabalhar tematicamente por um tempo determinado. Estás a diferir a duração, o tempo duro disciplinar... Assim, por um tempo determinado, os professores montam um seminário, e as crianças escolhem e avaliam por temática, e não por disciplina. Alguns professores da tarde estão achando legal essa ideia, mas ainda precisas formular isso e pôr para funcionar. Tu tens espaço e tempo para isso. Todos, os professores e as crianças, saberão que à tarde o compromisso vai ser com a produção de área. Então, por exemplo, um professor dá música, mas ele vai ter que construir algum conhecimento em relação à música e à musicalidade. O mesmo com o esporte, o mesmo com a informática. Estão na aula de informática, então, as crianças estão numa produção coletiva que usa a informática como ferramenta para essa produção coletiva vingar. Tu estás muito esperançoso com isso, achas que assim vai. Por ti, fazias isso... Ah, chega agora uma professora e te aborda, pede para tu ficares com uma turma. Tu lhe respondes que vais lá

com prazer. Pergunto-te, a retomar o assunto que tratávamos, se pensas ter cá espaços de convivência, salas com espaços temáticos... Continuas... É de meio-dia às 15 horas. Eles ficam todos aqui com jogos, com som... Nesse horário podes perceber que não há dispersão, não há brigas... Joga-se aqui, joga-se lá, pula-se elástico – normalmente são jogos. É. Põe-se e constituem-se possibilidades, eles vão escolhendo e os grupos se integram, entendeste? Faz barulho, mas não há conflitos... É a única hora em que podes ver este sítio inteiro funcionando, e sem conflito. E aí nesse horário tens os de 9 a 15 anos... É tudo e todos juntos... Queres montar uma estrutura semelhante, mas com um professor coordenando. Podem usar todos os espaços deste sítio e fora dele... Mas, aí o professor vai pensar a ideia para fazer, apresentar para o grupo de alunos, a temática e construir com eles os processos de aprendizagem. Mas, para tal, vais fazer uma formação com os professores sobre isso... Sim, é muito bonito, para um começo já está muito bom... Escolher meio horário e ao mesmo tempo ir crescendo... Meio horário, e que aí mistura tudo; é uma experiência de construção de conhecimento, mas vai envolver avaliação aluno-professor, professor-aluno. Criar folhas de avaliação das construções, mas incluir os professores, também eles serem avaliados pelos meninos. Ele avalia e é avaliado. E sínteses avaliativas do projeto em si, e não aquele relatório de cumprir – “fizemos isso, fizemos aquilo” etc. Não. Tu queres assim: do acontecimento! Tu esperas ver o professor conseguir fazer um texto, mesmo que seja pequeno, sobre o acontecimento daquela experiência e apresentá-lo em um seminário. Sim, tu colocas os professores na aprendizagem podemos até dizer, num processo diferenciado de uma duração unilateral (re)conhecida comumente por eles... A cada final – e tu pensas assim –, a cada 8 semanas, sentam-se todos juntos, a meninada e os professores, e apresentam os seus relatórios (ou relatos), seus modos de ver e o que fizeram. Acabou isso, mistura-se a meninada toda novamente e começa-se outro processo com outros professores. Não fica legal isso? Concordo! As crianças escolhem os projetos, o que cada uma quer, por exemplo, quero Música, eu quero... Mas aí vai ter o seguinte: Não pode ficar com a Música a semana inteira, também, porque nem todos os professores estão cá todos os dias. Então, a criança vai ter a chance de escolher um projeto temático por dia. Ela vai fazer cinco durante dois meses. E, como são muitos professores, acabou aqueles dois meses, elas se misturam novamente e criam outras temáticas, que podem ser a partir daquelas que foram discutidas inicialmente. Tu não sabes como vai ser isso tudo funcionando. Isso tudo aqui é apenas uma coisa que pensaste como uma estrutura. Sim, preocupas-te muito porque idealizaste muito este sítio teu. Na verdade tu não foste capaz de calcular a interferência tão grande do espaço, da disposição do espaço. Sim, penso que esse cálculo ainda é tua maior tarefa. Já havia detectado logo quando tu vieste para cá. Sim, tu não achaste assim: “Puxa, se

nós fazemos tão lindamente essas coisas, os meninos ficam, os portões todos abertos, se houver um espaço maior, com uma infra-estrutura melhor vai ser uma beleza"... Tu fizeste um erro de cálculo, porque a estrutura da escola ela não... Erros de cálculo são para estruturas, sim. Mas não penso que estejas a pensar no mesmo cálculo que calcula estruturas. Quero te dizer que teus "cálculos" não estão errados, mas que também o que desejas não se calcula como queres. Podes dizer-me como calculas o desejo? Tu dizes que tens que desdobrar nesse sítio de escola. Digo-te que tens de perseverar na tua existência aqui. Tu dizes com saudade que não tinhas dificuldade e nem problemas em falar com 200 meninos em teu sítio. Falas do sítio de escola anterior? Lá te ouviam. Aqui tu tens que fazer um esforço, e para não berrares, também. Olha o que dizes – *esforço!* Por que tu falas alto? Porque tua voz é forte, tom grave, mas não berras. Tu falas alto. Exige um esforço. E tu estás a aprender agora, mais que nunca, a tirar tua voz daqui, do coração, e não daqui, da garganta. Tu quando falas, te concentras para ver se tua voz sai de dentro do coração, porque se tu berrares tua garganta vai... O dia que tu sentes que não consegues fazer esse exercício de esforço, isso que é tua garganta, fica doendo. Mas, fico a imaginar teu coração que não ouve a voz... Que dor tu deves sentir... O dia que tu consegues... Mas, isso só com teus alunos é que aprendes – falar com o coração, falar *de cor*. E agora tu estás a dizer que aprendeste a falar com o último da fila. Tu nunca havias fito isso até então. Quando o último da fila levanta a mão sem estares gritando significa que ele está (te) ouvindo. Está? Mas, certo ou não que estejas, o fundamental é que ao mesmo tempo te colocas na dinâmica da escuta. Isso tu tens muito – a escuta. E o olhar... Não os perca! Bacana, eles se sentem importantes, mas é porque tu realmente trans-vês e trans-escutas... Vês?, aquela menina lá, ela não conversou, ela ficou olhando. Ouvia-te? Escutava-te? Sim, ela sabia que ia ser chamada, testada, para ver... Só que tu fazes isso tudo na intuição, é uma coisa que vem no momento, e para ti tem de funcionar. Não adianta tu encontrares uma aula de técnica disso ou daquilo outro. O tempo está a passar, não é? E tu dizes que não sabes nada. Bem socrático o que dizes, mas ouço que não é de tua cabeça ou de tua garganta que isso vem, mas é do coração. Sim, eu, como tu, gostamos meio que aprender no tatear... Mesmo se não deu certo – "Ah, não deu certo!" – tenta-se outra coisa, continua-se a tatear. Tu achas que um senso de direção – nem vamos falar aqui de organização – nós temos que ter. É aquilo que tu vais fazer agora, o que o teu corpo tem que estar sabendo ou disposto a saber o que estás a fazer. Percebes? Depois de tanto criticares isso a vida inteira – o fato de que não deve ter fila, que o menino tem de se conduzir, tem de ter autonomia etc. – comesças a ver que o menino quer, sim, ouvir uma fala coletiva. Agora, depende do tom e do que se fala. Então, tu não precisas humilhar o menino quando ele está de boné, sem uniforme etc. Humilhá-lo? Não é isso. Ele desrespeitou

os limites? Coloque-se no lugar dele. E pensar também: O que tu fazes aqui, para onde tu vais, quem é teu colega, o que está acontecendo consigo? Isso é cair na real, o que teu sítio não trabalha a contento, ainda. Vês agora? O que esses meninos estão trabalhando? Não tem jeito... Ficam todos e tudo tresloucado, parece que o cérebro entra em... Eles ficam assim, ó, fica tudo assim... [ouvem-se gritos e mais gritos...] É impressionante! Sim, mas o que posso dizer-te como ajuda para buscares entender, conhecer, sobretudo esse final que dizes, é *non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere* – não rir, não lamentar nem detestar, mas compreender. Sim, procures *não rir, não chorar, nem detestar as ações humanas, mas entendê-las. Assim, não encarei os afetos humanos, como são o amor, o ódio, a ira, a inveja, a glória, a misericórdia e as restantes comoções do ânimo, como vícios da natureza humana, mas como propriedades que lhe pertencem, tanto como o calor, o frio, a tempestade, o trovão e outros fenômenos do mesmo gênero pertencem à natureza do ar, os quais, embora sejam incômodos, são contudo necessários e têm causas certas, mediante as quais tentamos entender a sua natureza. E a mente regozija-se tanto com a verdadeira contemplação destes fenômenos como com o conhecimento das coisas que são agradáveis aos sentidos*³⁶⁸. Entende e regozije numa grande contemplação disso tudo. Persevera sempre e transforma teu dever em alegria, tuas necessidades externas em necessidades internas. Persevera em ti com tudo isso. E, com tudo, age!...

, ...

Fizeste há quase um ano atrás a Festa Da Lanterna, festa de comemoração Junina. Era uma sexta-feira. Tu te admiraste por veres tanta diversidade. Tu viste tantos pais, fizeste uma procissão maior, foi lindo. Sim, foi uma correria arrumar as coisas. Para lá, para cá... Pensaste em me ligar, mas foi tanta correria que esqueceste. Não faz mal. Tu melhor que ninguém podes me contar. Sim, vá lá, tu me contas enquanto reúnes tuas crianças e teus pares em volta de uma mesa decorada com algumas lanternas presentes na festa... Sim, na festa havia muita variedade de lanternas feitas de papel, todas coloridas. Desta vez teve até lanterna de lata – furavam a latinha, punham a vela e a lata reluzia todinha... À tarde, nessa sexta-feira, havia poucas pessoas para confeccionarem as lanternas, mas fizestes trinta delas. Depois apareceram mais cinco... De repente, sabe a “multiplicação dos pães”? Quando os professores viram que a festa ia mesmo acontecer ficaram todos aqui fazendo lanternas. Esse sítio de escola teu virou... Ao

final havia mais de 100 lanternas. E foi uma coisa muito interessante, pois a diretora de teu sítio não estava esperando essa quantidade, porque não foi divulgado, o bilhete não saiu. Aí, não ia ser agora, ia ser no fim do mês. Assim, trocou as datas. Ela sempre faz uma canjica, uma coisa assim. Mas, ela não fez nada dessa vez. Mas, quando todos vós percebestes, vosso sítio estava cheio de pais, cheio de gente. A rua encheu de lanternas. E eles vieram esperando a canjica, e não tinha canjica. Engraçado, não é?, a gente não espera certas coisas... Tu não esperavas que essa festa nunca pegasse. Ao final, tu estavas com um saco de velas e as mães começaram a vir a ti dizendo “me dá uma vela”, “me dá uma vela”... E acabaram. Sobrou uma só vela. Tu não esperavas por isso não. Psiu! Olha a fila de espera em volta da mesa para a *Hora da Palavra Boa*. Já sabem que vai acontecer alguma coisa... Tu falas com os professores que isso é criação de repertório. Quem acredita? Porque quando tu fazias o encontro literário na escola tu colocavas, por exemplo, uma escada com um pano por cima, e aquilo ficava, e a meninada ia se juntando e aí começava assim: “Vai ter encontro literário?” Repetiam constantemente a pergunta. Respondias: “Espera”. “Espera!” Aí quando tu vias, tinha que ser, porque estava todo mundo chegando... Isso é o que tu falas – criação de repertório. Repertório tu não o crias falando as tuas crianças: “Vamos fazer hoje o encontro literário”. Contas a teu favor com o elemento surpresa... Vê como as crianças te abraçam e querem trocar calor com as tuas mãos? Começa uma canção: *Eu vou com a minha lanterna / e ela comigo vai / No céu brilham estrelas / Na terra brilhamos nós/ Minha luz se apagou/ Pra casa eu vou/ Com a minha lanterna na mão... Vá lá. É a Hora da Palavra Boa de hoje. Conta o que aconteceu na sexta-feira! Sim, a festa foi linda, os professores ajudaram muito. Muitas lanternas feitas por muita gente, muita gente caminhou. Aqui, um resquício da festa, é o fundinho do fogo que ficou lá... As lanternas que sobraram, vão ser guardadas de lembrança. Uma coisa que aconteceu na festa da lanterna: a *menina da lanterna* estava linda, fez um pedido, as estrelas estavam lindas, os pais participaram... Só esqueceram dizer uma coisa: O que significa o fogo para vós? A luz, a esperança, calor... E sabes como é que fazem para as pessoas terem calor? Assim, ó, uma pessoa perto da outra... Sentis o calor, porque é o calor que une as pessoas. Quem nunca viu um pintinho que nasce e fica lá na granja, uma porção de pintinhos juntos?! O que é que eles fazem? O pintinho faz isso para sobreviver, e vós fazeis isso também para sobreviverem, para serem alegres, para serem felizes... Produzir e manter o calor juntos! Igualmente como estão a fazer agora. Então, a *Hora da Palavra Boa* vai ser uma palavra que leve não só para o dia de hoje, a palavra da lembrança e do sentido dessa festa. O que podeis falar?! **Calor!** O que podeis fazer?! Estar juntos...*

, ...

Podes ver muitas coisas nas paredes. Em toda parte de um sítio de escola, há avisos, recados, panfletos, colagens etc. Por exemplo, na sala dos professores de teu sítio, colada na porta de um armário que lá há, uma cópia xerografada trazida por um dos teus pares. A cópia nessa folha traz dois japoneses fazendo reverência um ao outro. Entre eles há um dizer assim: *“No Japão, o único profissional que não precisa se curvar diante do imperador é o PROFESSOR, pois segundo os japoneses, numa terra que não há professores não pode haver imperadores”*. Isso faz-me lembrar Pascal, algures, que dizia que as pessoas não tratam um indivíduo, por exemplo, um rei, porque ele é rei, mas muito antes, que tal indivíduo aparece como um rei porque as pessoas o tratam com um. Construção forjada que leva a um tratamento especial, a uma crença?... Se te tratam como um rei não é porque és um, mas porque podes parecer como um aos olhos (dos) que te (ad)miram. Tratamento especial, mas equivocado. Que as pessoas te tratem como um professor, bem. Não precisas te curvar a imperador algum, ao menos no Japão. Por aqui, bem longe de lá, não precisas te curvar sempre, mas não porque cá não haja imperadores. Mas, se te curvares, mesmo que levemente num encontro, faça-o para reverenciáres também a importância que tem o outro para tua vida, por exemplo, teus alunos, teus pares e tua terra, terra essa em que não imperam reis, professores, nem ninguém, mas a Vida...

, ...

A falta do professor numa segunda-feira é um absurdo. Não só segunda-feira, terça-feira, quarta-feira etc. Absurdo é a falta *de* professor. Mas, vamos à falta *do* professor num dia como esse de segunda-feira. Não só o professor dessa turma de 5º ano faltou. Faltaram quatro professores hoje em teu sítio de escola. Vamos ao 5º ano. Hoje tu me convidaste. Eu que tenho visitado muito teu sítio de escola. Tuas crianças hão de conviver comigo e eu com elas por um tempo... Qual o sentido de eu estar aqui vosso sítio? – tu perguntas meio que de um modo impessoal. Eu acompanho esse vosso sítio numa pesquisa que faço. Estou a pesquisar, fundamentalmente, a Palavra que aqui circula entre vós. Sim, a Palavra. Ela se constitui por aí, nos cantos, nas conversas, enfim, nos encontros... Por exemplo, a Palavra Boa, a palavra que vós me dirigis, a palavra que eu vos dirijo. Então, como essa Palavra pode ser construtiva para que se possa estreitar relações e produzir algo diferente a cada encontro, algo mais gostoso, alegre, diferente, por exemplo, dessa gritaria que ouvimos no dia-a-dia, diferente dos ruídos altos dos carros, uma palavra que permita que possamos ouvir aquilo que o outro dirige a nós às vezes como palavra, como um pedido de ajuda e que às vezes nós não percebemos o que outro está querendo ou

necessita. Essa relação da palavra e com a palavra é fundamental. Mas, ela está se perdendo. Estamos perdendo a palavra por coisas bobas – gritos, xingamentos, por desprezarmos o que o outro nos diz etc. A nossa palavra, aquilo que dizemos, é uma maneira como nos colocamos no mundo e um modo como somos colocados no mundo. Então, cuidarmos da palavra no nosso dia-a-dia, isso que sai do nosso mais profundo íntimo, isso tem de vir do nosso coração, e não da cabeça. Não tem que vir do corpo que bate, do corpo que se movimenta batendo... Por exemplo, esse crescer do vosso corpo, tu podes dominá-lo, controlá-lo de certa maneira. Tu podes dar-lhe sentido pela/com palavras, quiçá e melhor, uma palavra *poética* – vosso corpo, cada qual, está crescendo ritmicamente, a seu tempo... Se vós cresceis no mundo com confiança ou reserva, abertura ou fechamento... A palavra é vossa! Mas, tomei-vos um pouco de tempo, mas foi alegre vos dizer isso. Ouço que dizes ter um álbum desde os dias que essas crianças aqui do 5º ano chegaram a este sítio. Tu os olhas agora, mais crescidos. Tem hora que tu reclusas de teu corpo, que ele fica todo tremendo por dentro porque tu queres compartilhar comigo e com todos o teu “bom-dia”, mas o custo que é para que façam silêncio. Não dá para se ouvir aqueles que cantam e/ou se apresentam com um poema ou uma simples e pequena frase. Não. Não dá para ficar fazendo a *Hora da Palavra Boa* com todo mundo conversando, gritando. O silêncio. Cabe a cada palavra um silêncio... Tu perguntas a essas crianças diante de ti se elas se lembram da pesquisa que fizeste – eles participaram um pouco dela –, que tu ficaste as ouvindo, o que tinham a dizer, as memórias... Perguntas se elas ainda se lembram da tua colcha vermelha que se arrastava pelo chão da tua escola e foi à tua casa e ainda foi ao teu sítio de morada... Sim, minha pesquisa como a tua têm em comum este sítio de escola. Porque pensamos nele como portador de coisas preciosas, coisas muito importantes nele – as pessoas com suas palavras... E isso é que dá vida a ele. Bem, aqui estamos para aproveitar, quiçá muito bem, a falta do professor desta hora. Aproveitas para falar que se está desenhando e se debatendo com todas as turmas as regras deste sítio. Tu, depois de um tempo, quando voltaste para cá depois de tua pesquisa, ficaste assustada com algumas coisas, principalmente com as coisas desarrumadas e destruídas que encontraste. Por exemplo, a prateleira que vês à tua frente. Quando tu saístes, ela não estava assim, amassada. Tinha os pezinhos, tinha os livros arrumados. Olhem para essa prateleira! Aquilo ali é bom de se olhar? O que sentimos quando olhamos para uma coisa tão estragada?! O coração da gente fica calmo? Da mesma forma que vemos uma prateleira como aquela, tem determinadas crianças que olhamos que se parecem até essa prateleira – desarrumada, falando palavrão, fazendo gestos feios para o outro... Quem faz isso fica parecendo uma prateleira desarrumada. Não é que tenha que andar arrumadinho, que não possa pular. Não, não é nada disso. É no trato com vocês mesmos. Tu estás a olhar

para uma criança diante de ti, estás a colocar a mão nela. Vê como ela te responde! – com um olhar doce. Isso é um trato bom. Mas tem menino que quando lhe pomos a mão... Palavras saem-lhe da boca para o outro, palavras que dizem mostrando a desarrumação que tem por dentro. E essa desarrumação que se tem por dentro é o que atrapalha muito este sítio, muita coisa na própria casa, muita coisa na rua... Bem, falávamos das regras de convivência, regras essas que foram tiradas há muito tempo com conversas entre alunos e professores. Regras, entendam, é o que podemos resumir como importante que se aprenda e que não abrimos mão numa convivência aqui neste sítio. Então, tu pedes que todos comecem a ler a regra nº 1: “Cumprir os horários de chegada (7 h e 30 min.) e de saída (15 h e 30 min.) na escola bem como os horários das aulas”. Como é que se mata aula? Ouves respostas: Ficar fora. Sem ser dentro da sala – ficar escondido atrás do canteiro, na rampa, na quadra, em outras salas – numa aula de uma professora boazinha. Como assim? Fazem nas salas do 1º ao 4º ano pro quê? – perguntas a eles. Ouves: Os professores dos maiores são mais bravos. Com os pequenos só brincam. Os meninos grandes são ignorantes. “Eu vi três meninos pularem o muro da escola e pularem o muro de uma vizinha”. Perguntas quais providências podem ser tomadas nesses casos. “Uma advertência!” – ouves como primeira resposta. Mas, o que é uma advertência? Aviso. Tu gostas de aviso. Advertência oral. Está saindo pela boca. Caderno de acontecimento, de ocorrências de coisas complicadas. Tu chamas e conversas três vezes. Depois chamas e escreves no tal caderno. Banheiros com pias entupidas com papel. Jogar todo papel que há nos banheiros nos vasos, trancar as portas e sair por baixo delas... Patrimônio da escola. Espelhos colocados na escola antes de tu saíres. O banheiro todo estragado. Sabão, papel, tudo quebrado. Isso tudo antes de dois anos. Esse vosso sítio é um bebê. Será que tu queres ficar aqui? Será que quereis crescer aqui? Continuando. Mas, será que as crianças também podem dar avisos? Sim, tu já viste pequeninhos dizendo a outros não porem a boca no bebedouro. Os grandes mamam nele... Depois de avisares e anotares no caderno de ocorrências, aí sim, tu chamas os pais. Tu só procuras outras instituições quando não tem mais jeito. O que? Chamar o outro para resolver problema próprio? Podes, num caso mais grave, chamar teu colegiado e mostrar aos pais. Isso é fazer vergonha! Por que, quando te veem, as tuas crianças entram para as salas?! Elas não sabem bem o que responder a essa tua observação-pergunta. Será que há uma diferença entre medo e respeito? Gostam de ti. És legal. Tudo o que fazes é pelo bem das tuas crianças e de teu sítio de escola. Regra nº 2: Usar uniforme. Há ainda algumas crianças que usam o antigo. “Só usamos uniforme para não falarem mal da gente.” “Pessoas que pertencem e estudam em determinada escola.” – ouves isso de uma criança. Sabes bem que não é o uniforme que organiza a escola, mas as pessoas. Ser amigo da escola da gente... Tu guardaste

o cinto de escola que tinhas aos 10 anos. “Traz pra gente!” “Traz pra gente!” – ouves. E quem não usa o uniforme, qual a providência? Proibir de assistir aula, de entrar na escola, não. Falar para os pais, ir para casa trocar, a escola empresta uma camisa... Como cuidar do uniforme? Lavar. Quanto custa? 10, 15 Reais. É um valor que pode ser caro, mas que acaba valendo pelo custo. Regra nº 3: Respeitar e cuidar do ambiente escolar. Respeitar e cuidar do ambiente escolar, como? Não deixar a sala suja, não quebrar a mesa, não rabiscar a mesa, não jogar papel no ventilador, não ficar soltando os cartazes... Como se quebram as carteiras? Subindo nelas, virando-as, batendo nelas, fazendo carteiras de palco quando o professor sai... Precisa ter gente olhando 24 horas? As câmeras são legais? “Nããããããã.” – ouves num tom longo, grave e decrescente. Não tem necessidade de câmara. Se houver respeito, não precisa de câmeras. Como vós sentis com câmeras lá fora vos olhando? Vigiadados! Alguém está a nos espreitar! Podemos tentar tirar as câmeras? Deixar desligadas... Será que um dia teremos coragem e dizer que não precisamos de câmeras? Quando vosso professor sai, vós ficais falando mal dela – falais mal e apagais o quadro etc. – porque ela dá muita matéria... A vossa professora é impressionante no preparo das coisas. Vós a estranhais porque ela veio de outra escola, ela não está acostumada com algumas coisas aqui. Conversem com ela... Ah, não quebrar a lixeira. Copos amassados... A Prefeitura em 2008 destinou 500 copos para 280 alunos. Vão à cozinha para ver os copos... Tem copo amassado como são amassadas latinhas. Desperdício, desrespeito, não preocupação com o colega, não preocupação consigo... Ambiente escolar é tudo o que tem e há nele. Olhem as paredes da escola, as paredes da rampa – o que está escrito. Vamos ter que gastar um dinheirão para consertar... Regra nº 4: Respeitar e cuidar das pessoas que convivem no ambiente escolar. Então, prestar atenção ao que as pessoas estão sentindo. *Jasmin*, por exemplo, é uma cuidadora de primeira. Alguém caiu, tem de ser levantado. Cuidar na fila. E quando estamos conversando? Ouvindo! Cuidar e prestar atenção ao que o outro sente. Tu te lembras e contas um acontecimento: Lês um dia uma carta. *Lírio Tocha* quis saber na ocasião se tu estavas triste. Ela te acalmou o coração. Lembra-te do ocorrido com teu carro no teu antigo sítio de escola, lá na granja? Teu carrinho azul que ias para a escola, levava menino ao médico, ia à casa deles... Teu carro ficava em frente àquela escola. Tinhas naquele antigo sítio um funcionário que não era uma pessoa muito legal, ele não falava muita Palavra Boa e não fazia muitas coisas boas com as crianças. E ele foi chamado um dia à Secretaria porque teu sítio de escola tinha dado uma advertência por causa de uma coisa muito feia em relação a um adolescente. Tu escreveste tudo e enviaste à Prefeitura. Esse funcionário foi chamado lá. Tu não chamas, enquanto és responsável por teu sítio, um pai para conversar? Então, um funcionário, a Prefeitura chama. E ele foi chamado. Mas, o que aquele funcionário que

não queria muito colaborar com a escola e com as pessoas fez?! Ficou com raiva! Ele saiu da escola, pegou um objeto de ponta e danificou o teu carro todo. Com o guidão da bicicleta dele, ele estragou teu carro todo. Tu não viste. Quando os meninos de teu antigo sítio de escola viram, foram te chamar. Aquele funcionário também falou impróprios para ti, palavras nada boas antes de sair. Tu não lhe respondeste. Ele foi embora. Tu na ocasião estavas sozinha naquele sítio com apenas alguns alunos um pouco maiores... Quando eles viram o que aconteceu, tu começaste a chorar. Era bem na hora do almoço. Tu não sabias se davas queixa do carro estragado, se tu cuidavas da escola, se tu cuidavas dos meninos... Mas, sabes o que eles todos juntos fizeram, os meninos que ali estavam contigo àquela hora, naquele dia? Lembras-te? Pegaram vassouras, panos, foram limpando as salas de aula. Tua antiga e saudosa cozinheira não estava ali, na hora do almoço. A *Menina Sacerdote* junto com a *Pequena Rosa*, ambas disseram que serviriam a comida e organizaram a fila. Não satisfeitos, aqueles meninos que ali estavam contigo, reuniram-se todos lá fora e contaram o ocorrido entre eles. Disseram: "Nós temos que ajudar a tia *Valorosa Griote*. Os professores só chegam às 13:00 horas. Então, todo mundo vai ter que colaborar". Isso é cuidar. E ainda te fizeram um prato de comida, prepararam uma mesinha e te chamaram para almoçar. "Tia, senta aqui porque você está fraquinha e tem de almoçar". E aí uma criança entre teus aluninhos pegou uma máquina de retratos que vivia na escola e saiu fotografando tudo. Ah, tinha um menino que não queria colaborar. E a "fotógrafa" tirou um retrato dele, trouxe e disse: "Para você não esquecer desse dia, todo mundo colaborou, menos esse daqui". Foi um dia muito feliz aquele, mas uma coisa feia veio e depois a coisa feia virou coisa boa. Por que virou coisa boa? Porque as pessoas souberam cuidar da escola e da coordenadora. Vós também podeis cuidar da diretora, da coordenadora, da faxineira, das pessoas do ambiente... Quem chuta, empurra, vê o outro caído e se joga, sai correndo, sabe cuidar? Quem xinga uma professora depois de uma advertência sabe cuidar? Regra nº 5: Ser responsável com as ações vividas no cotidiano da escola (trazer o material escolar necessário para as aulas; manter os cadernos bem organizados; cumprir as tarefas e as avaliações propostas pelos professores e pela escola; saber conversar e saber se colocar no lugar do outro). O que é mais difícil aqui? Saber conversar, ouvir e se colocar no lugar do outro. Lata de lixo em cima da porta e quando abrem cai no chão e/ou na cabeça de quem entra... Saber o que o outro está sentido, se olhamos para ele, se nós gostamos dele, se tocamos o outro... Olhar com o olho do coração... Quando nos colocamos no lugar do outro, aprendemos. A *Mulher Feminina* na cadeira de rodas... Como se colocar no lugar dela? Não é ficar com pena dela... Será que no lugar dela eu pensaria assim? Regra nº 6: Manter uma alimentação saudável (balas, pirulitos, chicletes e refrigerantes não fazem parte do cardápio da escola e em nada

contribuem para uma alimentação saudável). Bala, pirulito, chiclete, guaraná era para ficar em casa. Penso que nem deveriam entrar... Atrás do supermercado, padaria, bar. Chiclete azul na boca de manhã. Biscoito chulé despejado no prato de comida. Pombos não comem aquilo. Os pombos estão sendo mais inteligentes que as pessoas. Teremos que fazer uma escola de/para pombos? Regra nº 7: Deixar em casa objetos e materiais que não fazem parte do programa escolar tais como: celulares; caixas de som; aparelhos e jogos eletrônicos (incluindo fones de ouvido) e etc. O celular está substituindo coisas a fazer. Danças: Funk não é adequado. Palavrões destroem as mulheres. Posições de dança que denigrem as mulheres. Só tem bunda. A escola não é o lugar do Funk, não traz palavras boas para o coração. "Tirei zero na prova e dez no popozão" – letra de Funk na novela... Desqualifica a mulher, o ser humano. E vira um negócio. A maneira de dançar também é um problema. Vós podeis escolher um ritmo bacana, por exemplo, MPB. Seleção musical vossa. Depois escolheis uma música especial. Lembrais alguma agora? É uma música que dançastes há muito tempo. Isso, exatamente! A música da borboleta. *Eu quero um canto de paz / Um canto da chuva / Um canto do bem / Atrás do rio, atrás do céu / Atrás do arco-íris, atrás do sol / Sorriso da lua / Junto à natureza, comunhão / Eu estou voando feito um passarinho / Vi um avião / Vejo borboleta / Tô me divertindo como um canarinho / Eu estou pensando em minha violeta / Êta, êta, êta, êta (2 vezes) / O som da cachoeira me levando / Atrás daquele rio me acalmando / etc. etc. etc.* As crianças se levantam das carteiras cantando. Descem para o pátio a cantar... Todos ouvem, teu sítio todo ouve. Todos veem, cuidam e são cuidados. Isso ainda ecoa, podes ouvir? Foi por aí um encontro numa segunda-feira, quando falta um professor, quando faltou um professor, quando mesmo numa falta de professor não falta nada para um encontro...

, ...

Um dia tiveste uma ideia: criar um espaço diferente, fazer uma espécie de "sala sem paredes" em teu sítio de escola. Ideia interessante. Um ambiente no corredor do andar superior. Um tapete estendido no chão, uma mesa com gavetas, cadeira, um pequeno armário e uma pequena prateleira de madeira que continha alguns vasos de violetas. Ah, também usas colocar pequenos objetos pertinentes às crianças. Deixas tua mesa à vontade para olhares, aproximações, "mexericos" dos passantes... Só ao fim do teu dia é que recolhes tudo e trancas tuas coisas em gavetas e no armário. Durante o dia, não. Deixas tudo à vista e aberto. Bem arrumada e jeitosa, tua sala chama atenção de teus pares e de tuas crianças. Tiveste essa ideia de "sala", suponho, não para controlares o andar de cima, as crianças e nem nada. Nada de

controle, apenas disposição ímpar de um espaço para encontros – para mostrarem-te um caderno, ouvires alguma coisa das crianças, de teus pares etc. Talvez para algo mais. Vejo-te um dia nesse espaço e te pergunto se havias desistido de tua ideia dessa sala. É porque há muito não te via nela. Hoje estás. Tu me respondes que não desististe. Não, mas ficaste muito chateada com uma coisa. Sumiram com o teu carimbo. Sim, com um carimbo que leva o teu nome e talvez um número de alguma inscrição profissional ou legal. Tu usas esse carimbo nos cadernos que revisas ou simplesmente olhas porque tos deram para dar uma olhada no que fazem ou fizeram. Sumiram com esse teu carimbo. E tu muito chateada comesças a dizer “ah, gente, eu vou te falar: eu acredito muito no ser humano, mas foi tanta conversa com esses meninos para respeitarem as coisas. Tem hora que...” Pegaram o teu carimbo e sumiram com ele... É mesmo um descaso com as coisas. Acabaste de chegar à tua salinha e agora vejo que tu estás a catar papéis pelo chão... Vestígios de papéis por todo lado em teu sítio. Esses vestígios estão no chão. Sim, tu tentas, igual manda o figurino – conversando, dialogando etc. Mas, tem sempre um filho de Deus que vem aqui e faz uma besteira. Voltas-te, agora para arrumar a tua mesa, organizá-la, a pôr os tapetinhos... Não. Não dás conta do que vês fazerem alguns filhos de Deus... Tu pensas que as coisas não podem ser desse jeito. Deve haver outro jeito de se fazer escola. Desse jeito não é possível! Hoje tu sofres. Mas olha: tu és a última a desistir. Isso aqui têm sido todos os dias de tua vida profissional aqui neste sítio. O que? Catar papel! Catar lixo! Só consigo te ouvir porque falaste mais alto. Sim, as crianças estão a gritar, estão a falar muito alto ao fundo... Sim, mas dizias que tu vais catando os papéis pelo chão e eles ficam te perguntando “por quê você está catando?...” Sim, também tenho visto. Eles vão descartando as coisas, vão jogando, vão caindo e nem se interessam... Sim, não se interessam. É um negócio assim mesmo, complicado, sabe? Mas, tu tens algumas intuições de pensares assim: se tu crias, a arquitetura vai ser uma. Se tu constróis como casa, o trabalho e o aconchego – e é possível trabalhar no aconchego – em cada turma com a sua identidade, construindo a sua sala de aula, é diferente. Assim, tu pensas que não tens uma sala de aula fechada. Por exemplo, teu 4º e 5º anos ainda têm esse teu espaço intuído... Podes ver lá as coisas que têm nas paredes que apontam ou identificam que foram (são) eles que trabalharam (trabalham). Sim, que dificuldade de trabalhares isso, tua ideia, com outros professores. Tu não vês quem do 5º ao 9º ano consiga trabalhar com as identidades. É muito difícil. Ai, os alunos estão novamente a gritar... Ah, mas não vamos tão longe agora, fiquemos por aqui neste teu sítio diferente e bem arrumado. Então, vê lá. Agora recibes um caderno para ser olhado. É um caderno de Congado da *Guardiã Da Riqueza*, um caderno muito bem feito e decorado com esmero pela professora dela. *Guardiã Da Riqueza* escreveu-te um texto. Quer que tu leias. Antes, queres dizer muito bem de uma

professora em teu sítio. “Ela não existe!” – tu dizes. Claro que existe, não vês o que ela faz com o trabalho dela por teu sítio, por tuas crianças? Não estás a olhar bem o caderno da *Guardiã Da Riqueza* que te veio às mãos, estás? Sim, essa professora que admiras e que está saindo... Mas, falas também de outra, que agora está de volta, justo no lugar dessa que falas... Quando pensas nessa situação tens vontade de te desesperar... Porque essa professora que volta é mais... Negatividade? Ruindade? Sim, trinta e cinco anos na Educação e nunca conheceste ninguém assim. De quem tu estás a falar? Ah, dessa que volta, aquela que diz a uma criança assim: “Presta atenção porque senão você vai ser o flanelinha do carro que o meu filho vai andar”. Sim, sei o mal a que te referes... Sim, concordo contigo. Os papéis estão a cair no chão, estão a descartar muito facilmente as coisas, elas estão a cair. Sim, sim, os papéis. Eu te ajudo a catar os papéis por aí. Começemos pelos papéis de cá. Vamos juntos nessa tarefa. Uma boa ajuda não faz mal. *Pois quem deseja ajudar os outros, por palavras ou por atos, para que, juntos, desfrutem do supremo bem, buscará, sobretudo, ganhar-lhes o amor, e não, em vez disso, provocar-lhes a admiração, a fim de que uma doutrina leve a marca do seu próprio nome, nem lhes dará, em geral, qualquer motivo de inveja. Além disso, evitará, nas conversas sociais, mencionar os vícios humanos e cuidará para não falar senão reservadamente sobre a impotência humana. Em troca, falará longamente sobre a virtude ou a potência humana e sobre o meio pelo qual ela pode ser aperfeiçoada, a fim de que os homens se esforcem, assim, o quanto puderem, por viver segundo os preceitos da razão, movidos não pelo medo ou pela aversão, mas pelo afeto da alegria*³⁶⁹. Tens razão, que belo trabalho fez tua professora enquanto cá esteve. Veja esse caderno de Congado dessa tua aluna, *Guardiã Da Riqueza*. É fruto do trabalho dela com essa professora. Sim, vestígios de papéis em teu sítio. E que papel! Alegra-te com esse achado e não deixes que o joguem ao chão...

, ...

Crianças tomam água no bebedouro grande e metálico que há em teu sítio. Um bebedouro antes revestido com um plástico azul. Mas agora o plástico foi tirado. O bebedouro ficou novinho, novinho. O aço brilha muito. Brilha e passa a refletir como um espelho. Uma, duas, três crianças estão a beber água nesse bebedouro. Uma criança corre para seu sítio de aula. Duas permanecem no bebedouro. Agora não estão a beber mais água. Estão a se olhar refletidas no

bebedouro. Caras e caretas. Uma, duas crianças se divertem com imagens de si mesmas. Morta a sede, que refletem ao menos uma, duas crianças num sítio de escola diante de um bebedouro? Morta a sede e de volta ao sítio de aula, que refletem ao menos uma, duas crianças que fazem caras e caretas diante de ti numa aula, como se tu fosses um espelho?...

, ...

Nunca havia visto tantos livros de escola fora de um sítio escolar. Esse dia os livros foram postos fora, mas de outro sítio escolar. Sim, postos fora. E os deitaram em pilhas imensas junto ao muro que dá ao portão de entrada de teu sítio. Livros velhos, antiquados? Sabe-se lá. Livros deitados fora por alguém alhures. As crianças deste teu sítio estão a chegar para a primeira aula do dia. Estão a chegar, veem tal volume de livros e começam a pegá-los. Pegam o quanto aguentam carregar. Algumas crianças escolhem alguns em especial. Carregam-nos nas mãos, enchem as mochilas, pedem ajuda aos pais que ali ainda se encontram. Pergunto quem deixou aqueles livros ali. Ah, foi uma professora novata. Trouxera-os de carro. Uma professora de teu sítio comenta com uma funcionária para que não deixe os livros fora da escola. Isso dá um aspecto ruim. Passam-se as horas e é um entra e sai de livros. Dentro da escola, as pilhas de livros e revistas vão sendo selecionadas. Hora do café. Intervalo. Sala dos professores. Podes ouvir a fala de uma coordenadora a respeito de um garoto após uma aula de Informática com a professora de Literatura. Foram pesquisar sobre a Somália. Ficaram impressionados com a pobreza. Mas ouves essa coordenadora, o que ela fala desse menino, de sensibilizá-lo... Esse menino após a pesquisa sobre a Somália na sala de Informática foi para seu sítio de aula tomar notas da aula que teve. Ele e os colegas saíram todos em silêncio. Pelo que viram? Pelo que descobriram? Ah, sim pela pobreza, talvez. A pobreza que viram pelos computadores é só pobreza que vem do outro lado. É só ainda imagens do lado de lá. Como talvez ainda não sejas pobre aqui como os da Somália são lá, ainda podes enriquecer ou, muito, ficares menos pobre. Atentas que a pobreza passa pelo desperdício, em deitar fora algo que custa muito em todos os sentidos. Por exemplo, livros. A pobreza perto de ti, tu podes vê-la aumentada quando se põe fora de um sítio de escola algo que é precioso dentro dela. Por exemplo, também livros...

, ...

Disseste que gostarias de uma inovação em teu sítio, nomeadamente, uma forma de articulares teu fazer – proposta de produção de áreas temáticas, de projetos escolhidos por teus alunos e teus professores para serem desenvolvidos em quatro semanas de trabalho. Sim, teus alunos poderiam escolher os projetos que gostariam de participar e, junto aos professores, os conduziram até o acme de apresentação em teu sítio de escola e para a comunidade. Bem, aconteceu. Teus professores e os teus alunos se reuniram no refeitório e lá cada professor pôde explicar cada proposta que seria desenvolvida em cada aula. Chamaste esse projeto, de Projeto Giros. Tal projeto organizou-se em torno de cinco giros, cada qual com a temática a ser desenvolvida. Hoje falas dos “resultados” desse primeiro projeto. Vês?, preparaste bem teu sítio para essa apresentação. Tu decoraste todo canto dele com estandartes confeccionados especialmente para cada Giro trabalhado. Linda a moldura em cada um com tecidos coloridos de chita. Vê como estão hoje as paredes de teu sítio – repletas de trabalhos de teus alunos de todas as séries. O pátio interno está repleto de inúmeras cadeiras e bancos para receber os pais, a comunidade... E eles vêm. E eles chegam. E quando cada um chega deixa uma prenda – um refrigerante, um bolo, um prato de salgado, doces etc. – para ser posta numa mesa grande com toalha para uma confraternização ao final. As tuas cozinheiras arrumam tudo com esmero. Sim teu sítio está lindo, não lhe falta nada. Fantasias, cores variadas, bela decoração, professores, alunos sem uniforme, funcionários, pais, cães... Caixa de som, microfone, um órgão, uma flauta transversal, vozes infantis... A presença de uma antiga aluna de teu sítio. Um abraço dela. Os pais, a comunidade que chega toma seus lugares nos bancos e cadeiras. Começa a apresentação. Tua diretora dá as boas vindas a todos, convida os pais para que se sentem mais próximos. Agradece a todos os presentes e diz da complicação do dia e da hora para muitos dos presentes estarem aqui. Sim, a atmosfera é de um encontro agradável para conversa, para confraternização, para participação e vivência de um pouco do trabalho que teu sítio realiza. Pais, alunos, professores, funcionários: que vós aproveiteis essa manhã, e que ela seja um momento prazeroso! Dão início dessa apresentação com a “Oração da Família” e posterior apresentação do coral com obras de Vila Lobos. A oração da família... Uma mãe sentada ao teu lado enxuga lágrimas copiosas durante um choro silenciosamente eloquente. Grandiloquência de um choro materno ao ouvir uma oração para todas as famílias... Começa agora a apresentação do Projeto Vila Lobos. Compositor erudito que se tornou revolucionário por provocar rompimentos com a música acadêmica no Brasil... Primeira música que apresentas e que tem *Deus É Meu Juiz* como intérprete na flauta e tua antiga aluna cantando um solo: “Bachianas Brasileiras nº 5”. Outra música. Essa, agora, vossa e que gostais muito de cantá-la: “Brilha o Novo Sol”. Sim, podes ouvi-la cantada com alegria, força e entusiasmo. Tens um projeto que

envolve o canto em teu sítio. O projeto coral acontece todas as segundas e quintas-feiras à tarde e é aberto a todos os alunos de tua escola. Todos os alunos foram convidados a participar. Tu podes ver que há crianças de todas as séries nesse coral que aqui canta. A professora que cuida dele também dá aulas e momentos de musicalização para teus alunos. Olha agora: Teus alunos do 4º e 5º anos vão à frente acompanhados pela *Mulher Cheia De Graça E Luminosa*. Muito lindo o que está a acontecer aqui neste sítio hoje. Aqui vês um trabalho feito pela professora *Mulher Cheia De Graça E Luminosa* junto com as crianças do 4º ano. É um trabalho de contação de estórias e de reescrita desses textos com a ilustração da autora. O livro que trabalham intitula-se “Estórias para Acordar”. Mas aqui teus alunos vão apresentar a estória do “Cientista Monstro” que foi a estorinha que eles mais gostaram de ouvir, de desenhar e de narrar. Estava curiosíssimo para ouvi-la. Tu também queres? Então, ouve lá com o jogral das crianças: “O Cientista Monstro: Um grande cientista, craque em experiências genéticas, resolveu fazer experimentos com animais domésticos para vender a colecionadores. Depois de realizar alguns cruzamentos, ele criou um gato que andava para trás, um coelho que tropeçava nas orelhas, uma tartaruga com duas cabeças e um cachorro com três olhos. Esses animais eram vendidos a peso de ouro e logo o cientista ficou riquíssimo. Mas, apesar de suas riquezas e de seus conhecimentos científicos, ele tinha um problema: não podia dormir e sonhar, porque logo apareceram em seus sonhos todos os monstros que ele havia criado para devorá-lo. Um belo dia, depois de ter esses sonhos pela milésima vez, foi ao laboratório e destruiu todos os equipamentos. Foi para a cama, dormiu e os monstros logo apareceram em seus sonhos dizendo: ‘Não adianta nos destruir assim, porque como quase todos os monstros, nós existimos dentro de sua cabeça’. O cientista acordou, foi ao laboratório e construiu uma cabeça totalmente nova para si mesmo. Tinha: Olhos de gato, nariz de cachorro, pele de tartaruga e orelhas de coelho. Olhou-se, então, ao espelho e disse: ‘Eu sou o monstro!’ E nunca mais precisou dormir e sonhar como as pessoas normais”. Essa é a estória que tuas pequeninhas crianças mais gostaram de recontar, ilustrar, trabalhar. Contam-na de cor. Percebes que essa estória não é inatural? Por que essas crianças tanto gostaram dela?... Ah, tu não tinhas percebido por esse lado, pois não? Então, está lindo esse encontro. Tua coordenadora dá a palavra a *Valorosa Griote* para que fale um pouquinho dos projetos que estão acontecendo no turno da tarde, como acontecem e como têm envolvido todo teu sítio de escola. Então: Como podes ver, há aqui nas paredes diversos cartazes, alguns painéis. Um primeiro está escrito “Giros”. É uma ideia que tiveste para trabalhar o conhecimento na escola, mas um conhecimento que também toca a vida e a arte. E os professores se empenharam no trabalho que vês aqui hoje. Várias situações já ocorreram nesses dois meses. E como foi que acontecem esses projetos? Eles não acontecem

mais em sala de aula. As crianças escolhem aquilo que elas querem participar, aquilo que elas querem fazer desenvolver e cumprem uma tarefa para terminar em quarenta dias. Então, já tem quarenta dias que estão a trabalhar e a fazer isso tudo que podes ver aqui hoje. Hoje tu apresentas o “Boneco Jamanta Júnior”, que foi o projeto realizado no Giro Ciência e Cultura. Esse “Giro Ciência” e “Giro Cultura” trabalhou com o “Jamanta Júnior” que é uma entrada pelo corpo humano, e quem entrar por aquele boneco, os meninos vão explicar o que está acontecendo na barriga do boneco. Ah, muito interessante, porém faz-me lembrar algo da estória que acabamos de ouvir há pouco – “O Cientista Monstro”. Como é que se entra no corpo humano dessa forma? “Quem entrar por aquele boneco”... Pela boca podes educadamente começar a entrar pelo teu “corpo humano” representado por uma criação, um “boneco” nomeado de Jamanta Júnior. Não quero mesmo julgar o mérito ou não de teu projeto, mas ouve lá: *(Sim, tu deves render-te à vida,/ “ou logo à morte”, não há uma/ terceira opção. E se te rendes ao facto/ de estares vivo, avança. És feito/ para ir de um ponto a outro, como uma linha./ Obedeces àquilo de que és feito/ e àquilo para que és feito. No meio/ de um percurso não se está no início/ nem no final. E tal basta como definição.)*³⁷⁰. Portanto, tira desse teu percurso depois da entrada nesse “corpo humano”, durante a linha que segues dentro dele, bem no meio, e pensa se estás te rendendo ao vivo. Se não, sai rápido de lá de dentro desse “corpo humano”. Obedece àquilo de que és feito e para àquilo para que és feito – à Vida! Desculpa-me a digressão, mas foi preciso fazê-la. Concordas com ela? Ao menos entende-a. Dentro de uma sala logo a teu lado, o Projeto Meio Ambiente, que é uma entrada no sistema solar e no universo. As crianças fizeram essa sala e construíram tudo isso nesse tema. Nas paredes da escola tem um projeto de uma professora que trabalhou com uma turma “As Árvores da Vida”, e lá no final das paredes da escola ela trabalhou com as releituras de textos sobre “Coração”. Então, a professora chamou “De Coração para Coração”. Na sala do andar de cima do 9º ano tem a apresentação do professor que trabalhou com as crianças o projeto “Fio da História”, que também está dentro do Giro Ciência e Cultura. A professora trabalhou as memórias de escola e as memórias das crianças. Lá fora, na graminha que se tem lá na frente, o projeto de uma professora vai ser apresentado com um teatro que está dentro daquele último cartaz que pode ser visto – “Escola em Cena”. Tudo o que cabe dentro da encenação está nessa parte da brincadeira, da arte, da música. O “Brincante” foi apresentado aqui, mais as brincadeiras que vão acontecer agora nas salas da Educação Infantil. E o “Arte na Rua” vai para as ruas. Já tens algumas casas acolhedoras que durante a semana ides visitar. Tu vais levar à comunidade, para as ruas do bairro, tudo o que teu sítio de escola

está conhecendo, tudo o que teus meninos estão aprendendo... Então, é isso que queres dizer a todos os presentes neste dia de hoje. Tua diretora já informou que agora as coisas vão acontecer em momentos diferentes. Então, começa a convidar a todos para que percorram as salas, conheçam de perto o que fizeste. Quem quiser visitar primeiramente o boneco tem de fazer uma fila. Uma fila para entrar na barriga dele. Os professores da Educação Infantil estarão fazendo uma vivência dentro das salas de aula, estarão contando o que as crianças estão aprendendo. Quem quiser assistir o teatro é ali fora mesmo, no pátio. As demais pessoas fiquem livres para visitas, apreciações das paredes e visitar a sala do 9º ano com o projeto “Foi da História”, que também está muito interessante... O lanche. Todos os convivas se dirigem à mesa posta ao fundo do pátio interno de teu sítio de escola. Misturam-se alunos, pais, comunidade, professores, funcionários e... animais. Ah, mas antes há um sorteio para os presentes que adquiriram antecipadamente uma rifa numerada para concorrerem a uma cesta de café da manhã oferecida pelo 9º ano. É que eles estão fazendo um fundo para a formatura deles. A tua aluna cadeirante, a *Forte*, é quem faz o sorteio. O contemplado foi um pai de um aluno teu, do 9º ano. Foi um sorteio feito com lisura, sem truques... Talvez achando pouco, esses alunos do 9º ano prepararam um prêmio de consolação – uma garrafa de Coca-Cola. Ganhou uma irmã de uma aluna tua, *Graciosa Estrangeira*. Agora sim, todos vão à confraternização, convite a juntarem-se à mesa. Sim, sim. Bela festa pela apresentação do desenvolvimento de teu projeto junto aos teus pares e alunos. Sim, sim. Lembro-me de há pouco ter visto aquela mãe ao meu lado chorar copiosamente ao ver isso tudo, ouvindo a “oração da família” e depois Vila Lobos... Sim, sim. É para chorar. Eu também chorei. Como é que pode, que coisa mais bonita... É uma simplicidade grande, mas com uma profundidade... Colocar essa comunidade para admirar Vila Lobos... Sim, sim. *E, contudo, a vida é transformação: o que é bom é transformação, e o que é ruim também. E, por isso, tem razão quem aceita tudo o que lhe ocorre como algo que não retornará. Não importa se ele esquece ou não, contanto que por um momento tenha estado totalmente presente e sido o local, a atmosfera, o mundo do que aconteceu, contanto que tenha acontecido dentro dele, no meio dele, tanto o bom como o mau – então ele não tem nada mais a temer, pois em seguida sempre há o iminente e cada vez o significativo. Elevar as coisas ao essencial depende muito de nossa participação. Quando sentem nossa intenção, elas se concentram e não se retardam e são tudo o que podem ser; e em cada coisa nova o velho está todo contido, só que diferente e bastante aumentado*³⁷¹. Sim, sim. É uma simplicidade,

mas com profundidade. Coloque-se a admirar, mas compreende essa transformação *ad infinitum*...

, ...

Um dia de *Hora da Palavra Boa* nesse sítio se arranja quase da mesma forma: as crianças e professores se reúnem em filas, grupos e se preparam para o acontecimento. Contudo, cada acontecimento da *Hora da Palavra Boa* traz uma novidade sempre sutil. Nesse dia as crianças cantaram como de costume. Depois três alunos fizeram *Palavras Boas* e desenhos especialmente para hoje. Surgiu o desenho do *Sol*, da *Natureza* e da *Alegria*. Podes imaginar como são esses desenhos? Um aluno lê *Palavras Boas* que fez para a ocasião. Ao final *A Luminosa*, tua mais antiga professora, pede a *palavra*. Ela tem algo a falar para todos os presentes junto com os alunos do 4º e 5º anos. Agora há muito barulho. Pouco depois, acalma um pouco a rápida confusão de vozes... Sim, agora *A Luminosa* fala: "Nós rezamos todos os dias para Deus nos ajudar todos os dias no 4º e 5º anos"... Começa uma oração. "*Em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo... Sou perfeita, alegre e forte/ Tenho amor e muita sorte/ Sou feliz e inteligente/ Vivo positivamente/ Tenho paz, sou um sucesso/ Tenho tudo o que eu peço/ Acredito firmemente/ No poder de minha mente/ Pois é Deus no meu subconsciente.*" Conversas com essa professora ao fim dessa *Hora da Palavra Boa*. Ela te diz que "todos os dias ela reza. As crianças já decoraram... Adoram." Tu que a inventaste? – perguntas em tom de curiosidade. Ouves como resposta: "Essa oração já a tenho há muito, rezo-a todos os dias. Deus ajuda tanto... O dia inteiro fico em paz." Pode bem entender muitas coisas através dessa oração. É isso. Arte da Palavra e espiritualidade. Felicidade ou infelicidade, alegria ou tristeza tem relação com os afetos, com a qualidade de nossa vida interna, pessoal... Só cada um e Deus é que sabe e tem acesso... A Espiritualidade é um lugar privilegiado para sermos nós mesmos. Nossos afetos *sub specie aeternitatis*... Existir é extremamente doloroso. Podes sentir essa dor na existência em Educação. A Fé, a Religião, a Oração... Modos de procurar respostas para essa dor de existir na "era da técnica". Aprender a rezar na era da técnica, pois, *assim, de repente, aquilo que parecia ter sido feito para um fim: a contemplação – os homens precisavam de cinema e a natureza parecia ser o filme que Deus escolhera para passar ininterruptamente em frente dos seus olhos –, aquilo que parecia poder ser enfrentado com uma atitude relaxada, ao ponto de se colocarem cadeiras para contemplar o nascer, o pôr do sol e a neve, aquilo*

*enfim que parecia apenas um aliado mais fraco, transformava-se, em breves instantes, no mais forte dos inimigos*³⁷². Sim, aprender a rezar na era da técnica. Talvez a fé seja o lugar onde ficamos inteiros, nós como partes numa infinidade e eternidade do mundo, ou seja, nós na totalidade e perfeição – Deus *sive* Natura. Mas, ouve lá: Podes encontrar outras orações em teu sítio de escola. Eu mesmo pude ver algumas por aqui. Essa de tua professora é uma. Outra, recebi de tua professora de Literatura. Um *Pai Nosso* na língua Kriol de Cabo Verde. Hás de reconhecê-la, exceto pela grafia. Dou-ta por escrito: *“Pai Nosse’. Pai nosse, q’tá na céu/ Santificát seja bocê nom/ bem pa nos bocê rein/ seja fête bocê vontad/ assim na terra moda na céu/ Pão nosse d’ tud dia,/ dá-nos aoj/ perdoá-nos nos ofensa/ assim moda no t’ perdoá/ quem q’ nos ofendid/ e ca tchá-nos cai/ na tentaçón/ ma livrá-nos d’ mal/ amen”*. Também dessa tua professora de Literatura podes ter acesso ao que Guimarães Rosa escreveu ao modo de oração: *“NOMOPADROFLIHOSPRITOSSANTAMÊIN”*. Na sala de professores em teu sítio de escola podes ler uma oração afixada no quadro de avisos que tens lá. Uma *Oração do Professor*. Anônima. Copiei-a e, agora, ao reescrevê-la, quase que oro. *“Obrigado Senhor, por atribuir-me a missão de ensinar e por fazer de mim um professor no mundo da educação. Eu te agradeço pelo compromisso de formar tantas pessoas e te ofereço todos os meus dons. São grandes os desafios de cada dia, mas é gratificante ver os objetivos alcançados, na graça de servir, colaborar e ampliar os horizontes do conhecimento. Quero celebrar as minhas conquistas exaltando também o sofrimento que me fez crescer e evoluir. Quero renovar cada dia a coragem de sempre recomeçar. Senhor! Inspira-me na minha vocação de mestre e comunicador para melhor poder servir. Abençoa todos os que se empenham neste trabalho iluminando-lhes o caminho. Obrigado, meu Deus, pelo dom da vida e por fazer de mim um educador hoje e sempre. Amém!”* Vês que podes tirar uma pedagogia que fazem por aí muitos professores, não só em teu sítio. Essa coisa de “profissão de fé” que muitas vezes os educadores falam, fazem e se sentem... Agora, por mais laica que seja a educação ainda sim podes ver que há muita oração nela. Aliás, quanto mais laica, mais essas orações específicas são rezadas. Não conheces essa oração? Vou ta lembrar. Ela tem de ser aprendida e praticada de cor. Tem relação com “a queda”, mas não de Adão e Eva do Paraíso. Essa “queda” é como que a inversão da bíblica. Tem a ver com a queda nas provas. Essas orações caem aqui e em toda terra, em todo sítio de escola e, quem a supera, quem “se levanta” dessa “queda”, vai supostamente para o “paraíso” – um curso posteriormente escolhido numa faculdade ou universidade. Dou-te as orações para que te lembres delas. Mas, não as rezes com muita fé, apenas com moderação. São palavras, meras categorias de palavras, pura gramática. Aqui

essas palavras estão para ser analisadas, ou melhor, são palavras já analisadas sintaticamente. Há a frase, o período. A oração está *entre*. Ouve lá: *“Termos essenciais da oração: Sujeito, predicado, predicação verbal predicativo. Termos integrantes da oração: Objeto direto, objeto direto preposicionado, objeto direto pleonástico, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva. Termos acessórios da oração: Adjunto adnominal, adjunto adverbial, apostrofo, vocativo. Período composto: Orações coordenadas, oração principal, oração subordinada, orações subordinadas coordenadas, orações interferentes. Orações subordinadas: Orações subordinadas substantivas, orações subordinadas adjetivas, orações subordinadas adverbiais. Orações reduzidas”...* Sim, sim. É análise sintática. Análise de tua língua – *Análise sintática: frase, oração, período*. Notas que a *Oração* vem ao meio dessa análise? Sim, a oração vem ao meio... As demais orações, as que rezam alto e publicamente teus professores e/ou cada um de nós em seu sítio particular, as orações de fé, muitas vezes também vêm no meio – no meio de um desespero, angústia, busca de força, para pedir e também para agradecer, para dar de volta o que se recebe: Vida! Orar, rezar. *E rezar não é simples. As palavras vulgares/ confrontam-se com finalidades mais altas./ E rezar não é fácil – é necessário construir/ um discurso organizado/ para dialogar com a estranheza./ Porque o que é estranho pode proteger ou não,/ mas obriga sempre a inventar outras línguas./ Só se reza, por exemplo, com palavras novas vindas das velhas;/ olha-se para coisas que só existem depois de se sofrer*³⁷³. Por mais estranheza que tenhas, dialoga com ela. A oração pode te ajudar a te proteger, ou não, de teus afetos com as estranhezas. Reza, ora, mas não depois de sofreres. Reza antes, ora, porque não só rezar ou orações não são fáceis em educação. Tudo é difícil. Mas, como se diz, ou é difícil ou é nenhum...

, ...

Hoje tu vais fazer outra reunião para a escolha dos projetos para o “Giros” – o segundo. É à tarde. No refeitório. Mais de 100 crianças. E os professores, coordenadores, a diretora e a vice. Gritos e conversas em alto e incomodativo som antecedem o evento. Tu podes ver que teus alunos já sabem o que vai acontecer. Não foi preciso combinar nada com eles. Estão de parabéns. Parabéns pelo comportamento, pelo compromisso – ao menos pelo fato de estarem reunidos no aguardo do que se seguirá. A paciência deles até o fim. Teus professores falam, dão ideias para eles de como será a continuidade dos projetos. Pode haver novos projetos. É também um modo de continuidade. Estás com o saquinho que contém as senhas – de número 1

a 100 – que serão sorteadas para que escolham atividades relativas aos projetos. Cada aluno somente pode escolher uma atividade por vez e não pode repetir uma que já tenha feito anteriormente. Escolhem as atividades por dia da semana, assim, não é tudo de uma vez. Assim, quem sair com a senha de número 100 da primeira vez – talvez pobre acaso – não precisa ficar desestimulado. Talvez quando distribuírem as senhas para as atividades na terça-feira esse “vitimado” do acaso possa sortear um número talvez bem abaixo do 100, quem sabe “ser” o número 1 nos demais dias da semana. Uma informação importante: O professor *Acréscimo Do Senhor-Guardião Das Riquezas* continua de licença, mas o projeto dele não vai acabar. Continua. Uma professora assumiu a classe. Sim, sim, muitas palmas. Há quem queira continuar um projeto iniciado no primeiro giro, mas não é necessário. Ninguém é obrigado a ficar no mesmo lugar. Podem mudar de projeto. A professora *Ilagam* disse que alguns maninhos queriam continuar. Gritos, muitos gritos... Ei, ei, essas crianças aqui precisam ouvir. Não é possível. Olha a dificuldade do barulho... A professora *Coxa* vai dar a explicação da continuidade do projeto dela. Shakespeare. Primeira semana de dezembro. Tem o desejo de também apresentar no parque central de teu sítio de morada. Então o projeto. Quem fez a oficina anterior, de agosto a setembro, sabe que as aulas são atividades e brincadeiras teatrais, jogos teatrais, e ela dá a liberdade de apresentação como foi a das “Bruxas”, assim foi como a turma escolheu. Então, a montagem de Shakespeare é a ideia principal, mas não necessariamente o que desejaram ao fim do projeto. Um grupo na segunda-feira e outro na quinta-feira. Não podem repetir a oficina – já to disse. Têm que escolher outra coisa. A escolha é para um processo só. A professora *Do Tipo Famoso* quer fazer com os alunos várias músicas na proposta de quarta-feira. Está querendo ensaiar uma música de John Lennon, uma música que não é do repertório dos cantos de Natal. A professora *Aramastsug* quer apresentar um projeto dentro do “projetão” de teu sítio de escola que é o Fio da História dos Modos de Narrativas. Esse segundo módulo agora estrutura os diálogos entre a moda e o papel feminino, o papel da mulher em determinados períodos históricos. Aqueles que fizeram o projeto com ela bem sabem: estuda-se sobre esses períodos e também hão de desenvolver atividades práticas em torno da temática moda, em torno da história da moda. Então, as aulas nas segundas-feiras e quartas-feiras. Quem se interessar é só conversar com aqueles alunos que fizeram com essa professora o outro projeto. É uma oficina, segundo a professora, que visa aliar sempre o pensamento sobre algo com a prática. Presta bem atenção a isso, à professora que agora apresenta seu projeto a todos. É a professora *Cheia De Saúde*. Ela pede licença para ler uma poesia antes... “*Tem Tudo a Ver*”. *A poesia/ tem tudo a ver/ com tua dor e alegrias,/ com as cores, as*

formas,/ os cheiros, os sabores e a música/ do mundo./ A poesia/ tem tudo a ver/ com a plumagem, o voo,/ e o canto dos pássaros,/ a veloz acrobacia dos peixes,/ as cores todas do arco-íris,/ o ritmo dos rios e cachoeiras,/ o brilho da lua, do sol e das estrelas,/ a explosão em verde,/ em flores e frutos./ A poesia/ – é só abrir os olhos e ver – / tem tudo a ver/ com tudo. Poesia de Elias José³⁷⁴.

Ouve essa poesia, essa professora com a poesia, a poesia com essa professora, teu sítio neste momento com essa professora com essa poesia... Sim, tem tudo a ver... Sim, porque todos aqui neste sítio de escola gostam muito de poesia. Então, agora o projeto implica em trabalhar as poesias, as crianças vão construir e trabalhar também poesias delas mesmas. E cada poesia que trabalharem vão fazer um artesanato que corresponda à poesia Vamos supor: Uma poesia sobre o Amor. Aí fazer um coraçãozinho de feltro, “coisinhas” de artesanato, livros, móveis... “Coisinhas” que tu e as crianças conhecem de artesanato. Sim, poesia com artesanaria. Poesia artesã. A proposta tácita: Cabeça e mãos. Corpo, fazer bem feito, passar da cabeça às mãos, das mãos à cabeça. Trabalho bem feito sem uma obsessão com um trabalho perfeito. Não, não, mas cabeça e mãos! Poesia com arte de artesanaria. Ah, tu podes ver que vão transformar a Palavra em Arte. Dentro desses teus projetos primas por também orientares teus alunos. Pois sim. O professor *Deus Perdoa* e a professora *A Que Reina Como Águia* continuarão com a orientação de estudos. É uma disciplina obrigatória, mas estás a pensar e a organizar um trabalho prático também com orientação de grupo... *A Que Reina Como Águia* vai desenvolver um projeto com teu 6º ano sobre Literatura de Cordel. Para teus 7º, 8º e 9º anos ela vai pensar outros gêneros textuais para trabalhar com eles. O professor *Homem Bom* continua com a disciplina de orientação em matemática. Também tu pensas em algo para trabalhares além da aula do *Homem Bom*, outras coisas práticas para que tuas crianças tenham com a matemática. Sabes que a professora *Ilagam* não está presente. Mas ela dará continuidade ao projeto anterior, o projeto “De Coração Para Coração”. Nome interessante para um projeto, não achas? O projeto iniciou-se com a pintura em teus muros internos. Tuas crianças pintaram inúmeros corações, vários tipos deles – tamanhos, cores, temas... Estão em teus muros “internos”. Talvez esses corações de variados motivos estejam como os de muitos de nós, talvez até mesmo como o teu – em nossos “muros internos”. Sem filosofia. Olha teus muros internos – quero dizer, do teu sítio de escola. Todos pintados. Muito bem pintados. Os muros de um sítio qualquer poderiam ser pensados como a pele do corpo. As pinturas de muros de um sítio qualquer poderiam ser pensados como tatuagens na pele de um corpo. O que leva alguém a pintar motivos em um muro? O que leva alguém a tatuar motivos em sua própria pele? Que motivos? O teu: Corações!

Sim, se te puseres a olhar nas várias perspectivas que podes ter de dentro da “pele” de teu sítio de escola, podes ver vários corações, corações repletos de motivos... E tua professora *Ilagam* quer agora transformar, com todos aqueles alunos que estiveram na oficina dela, os desenhos que estão nos muros internos de teu sítio de escola, em camisetas, bonés, chaveiros... Ela vai transformar a arte que foi pintada na parede em arte tecida com as mãos. Novamente artesanía, vês? Empenho de fazer bem as coisas materiais. E junto com isso ela vai trabalhar com um jogo muito interessante sobre brincadeiras de coração. Estou curioso que jogo será esse – jogo de coração... E mais. Se ainda der tempo, tu vais fazer um estudo colado a tudo isso – a importância do transplante de órgãos e uma campanha nas comunidades sobre, ou melhor, conscientizando as pessoas sobre a doação de órgãos. Que coração que se desdobra em projetos, não?! A outra turma da *Ilagam* vai trabalhar com as pinturas das paredes da Educação Infantil. Sim, foi uma ideia de uma professora de lá de montar cenários para que os pequeninhos possam pintar e também encenar. Sim, é uma proposta de pintura, de construção, como a que foi feita ali em outros sítios... Agora a Informática. Projetos? Ah, sim. Pesquisas na Internet! Ah, sim, o Jornal da escola continua – aprender a fazer o Jornal, agora no computador. Sim, sim, mas essa professora tem outra ideia, mas agora tu não te lembras... Há ainda o projeto de *Deus Multiplica-Guardião Das Riquezas* – um projeto de afetividade. E agora ele vai construir relações com tuas crianças do cuidado com os seres vivos. Ouve lá: Os afetos são importantes em todo sítio, como também fora de todo sítio. Mas, dentro de teu sítio primas por eles. Tu podes bem observar como andam lá os afetos entre tuas crianças, entre elas e os teus pares, entre os familiares, enfim, entre todos. Aí, como cá. Em todo sítio. Sentes isso? Os afetos em um sítio de escola: *A proximidade e o afastamento afectivos impõem-se aos números dos instrumentos exactos. Nenhum instrumento é exacto enquanto choras. Toda ciência treme nos teus olhos comovidos. A intimidade individual não tem mapas, mas deveria. A intimidade é uma narrativa gigante, uma história sem fundo como certos buracos que assustam. A tua intimidade é maior do que a história do teu país: não há patriotas, há mentirosos. Mas debes proteger os teus filhos dos conceitos. Como os proteges dos cães bravos e do buraco da rua, protege os teus filhos do abstracto, protege-os do que só existe na explicação dos homens. Utiliza esta regra: o que não existe para os animais não existe no mundo*³⁷⁵. Podes sentir que nos sítios de escola há afetos, e nesses sítios nos movimentos de aproximação e distância entre as pessoas, a razão entre as aproximações e distâncias tem muitas vezes o resultado infinitas distâncias. Sim, a razão num sítio de escola

pode não ser entendida, e produzir uma doentia frieza e quase automática distância – de nós mesmos, do outro, do mundo... Sim, automáticas e frias distâncias, como máquinas quaisquer ao longe. Mas ouve novamente lá: *Nenhuma função das máquinas substitui um bom abraço*³⁷⁶. Concordas? Ah, o projeto de afetividade. Pretendes que seja uma surpresa para eles. Não queres contar agora. Mas, a tua vice-diretora diz que tens, ou deves contar... Então, tu contas mais. Sim, cuidado com seres humanos, relações com seres vivos... Vós, crianças, vão criar pintinhos. Um pintinho para cada casal, ou dupla. Percebes o alvoroço de todos? Então, quarta-feira e quinta-feira, afetividade – o projeto! Ainda nesta reunião tu dizes que farão uma dança para o evento do Auto de Natal. Agora, quase tudo resolvido, passa-se à escolha dos alunos dos projetos por dia da semana. Os professores sentam-se à mesa, uma grande mesa posta no pátio interno de teu sítio de escola para receberem as inscrições. Toca o estrondoso sinal que regula os tempos de tuas aulas ordinárias. Agora esse toque não representa nada. O sinal é sinal de nada. Ele nada interrompe, nada regula, nada marca... O toque do sinal... *O século da motorização impôs a velocidade como um valor mensurável, cujos recordes balizam a história do progresso da máquina e do homem. Mas a velocidade mental não pode ser medida e não permite comparações ou disputas, nem dispor dos resultados obtidos numa perspectiva histórica. A velocidade mental vale por si mesma, pelo prazer que proporciona àqueles que são sensíveis a esse prazer, e não pela utilidade prática que se possa extrair dela. Um raciocínio rápido não é necessariamente superior a um raciocínio ponderado, ao contrário; mas comunica algo de especial que está precisamente nessa ligeireza*³⁷⁷. Por aqui primas pelo raciocínio ponderado. Nada de velocidades. Ah, o sinal de teu sítio... Agora hás que ter paciência. Agora são as senhas. Tu as distribuis. Cada criança toma uma nas mãos. Mas todos ouviram os projetos que agora estão em jogo nesse segundo Giros. Alguns dos teus alunos começam a usar de expertisse, cabular o sorteio. Tomam mais de uma senha em mãos e num jogo rápido de olhos veem o número mais baixo e descartam o maior. Há quem não devolva a senha sorteada para o sorteio do dia subsequente, mas isso somente se o número sorteado for bom. Assim pode-se escolher melhor, à frente. Essas e outras expertisses, tu podes observar entre teus alunos. Mas, só observas... A chamada dos alunos para inscreverem-se nos projetos se dá em grupos de dez em dez... O primeiro sorteio, o teu 6º ano não participa. Agora não tirarão senhas. Têm, antes, orientação de estudos – obrigatório. Seguem as escolhas para as atividades das tardes de teu sítio. Quase-fim por hoje. Ufa! Ainda há quem te pergunte ou pense intimamente se pela manhã em teu sítio de

escola as coisas também não podiam ser assim – projetos, escolhas pelos alunos, orientações supervisionadas de temas para estudo etc. Sim, *cada pessoa deveria ser conduzida apenas até o ponto em que é capaz de pensar sozinha, trabalhar sozinha, aprender sozinha. Apenas pouquíssimas grandes verdades podem-se pronunciar na frente de um grupo de indivíduos sem ferir alguém entre eles: são esses os únicos assuntos para a escola. A escola deveria contar, sobretudo, com indivíduos, não com classes: a vida e a morte e o destino também são feitos, em última análise, para indivíduos. E a escola tem de estabelecer uma relação com tudo isso, com os grandes eventos reais, para se tornar viva de novo*³⁷⁸. Há que esperar um pouco mais de um tempo para isso...

, ...

Durante os projetos que correm à tarde, tens muito que observar sobre teus alunos, sobre tua pedagogia, os movimentos, os afetos que se constituem em teu sítio de escola. A cada projeto tens oito semanas para veres coisas interessantes. Por exemplo, como vão sendo feitos, desde os primeiros esboços à lápis, os desenhos que teus alunos fazem nas paredes de teu sítio escolar. Todos os dias os desenhos vão se multiplicando, tomando cores, escritas, assinaturas... Hoje um desenho aqui, amanhã outro desenho lá... Sim, por cá tens também inventado com teus alunos adolescentes uma nova moda de brincar o Boi. Sim, tens de inventar com eles, pois eles não querem fazer o que tua escola propõe para eles, não querem fazer o que vós fazeis ou mandais fazer. Então, tu estás propondo isso aqui, ó: vai ser uma brincadeira de chute. Já te explico isso. Chutar garrafa igual tem lá no Mato Grosso, chutar com o rosto mascarado. Cada aluno tem uma máscara. Vai ser à tarde. Sim, estás louco para ver o que vai dar. Isso se chama “Boi de Garrafa”, é da tradição do Mato Grosso e, na verdade, uma brincadeira de mascarados. As pessoas se vestem mascaradas e as garrafas ficam no chão, cheias de coisas. E o Boi vai chutar as garrafas e na brincadeira... O objetivo desse projeto aqui em teu sítio de escola é reconstruir a perspectiva da cultura popular de forma tal que tuas crianças vivam e não fiquem achando essas coisas ruins, negativas, depreciando-as. Mas, tu não podes dizer isso diretamente a ela. Não, tua ideia não é: “Façam isso, é cultura popular brasileira”. Não dizer isso e outras tantas coisas diretamente, mas vivê-las. Vê tua professora *Aramatsug*. Trabalho maravilhoso. Passaste várias imagens para teus alunos. Tentaste pegar informações deles, o que é que aquelas imagens que escolheste diziam para eles. Pegaste várias falas deles e

inseriste-as no conhecimento. Vejo que tens cá em tua mesa vários objetos, entre eles uma garrafa cheia de coisinhas dentro. Ah, ouve lá os que passam por aqui, por tua mesa: “O que é isso?” “O que essa garrafa está fazendo aqui? Você me empresta uma bolinha?”... Semana passada eles viam uma vaquinha sobre tua mesa. Os pequeninhos ficam a “namorá-la” Alguém arrancou o rabo dela. Ah, havia também um boneco. Tu sabes que isso chama a atenção de crianças passantes. São crianças, querem brincar. Ora, os meninos maiores... Eles precisam de mais lúdico. Mas, voltemos ao Boi. Essa festa, brincadeira, elemento de cultura popular etc. é visto como ridículo, horroroso, coisa cafona pelas tuas crianças. Isso porque o Boi que tens em teu sítio é colorido, cheio de fitas, todo ornamentado. Mas, ouve lá a pergunta que a *Aramatsug* fez a eles numa ocasião de aula: “Se vós tivésseis que construir um Boi, como seria?” As respostas foram bem simples, tradicionais: “Queríamos preto, de veludo”. E aí trouxeste materiais discretos para que os fizessem. Mas, tu te surpreendeste com os Bois que as tuas crianças construíram – todos coloridos, enfeitados. Nenhum deles foi feito do jeito que falaram anteriormente que queriam. Aí vós fizestes a reflexão disso. Foi tão interessante ver a percepção deles... “Por que nas brincadeiras de Boi só tem homem?” Olha, vós fostes pesquisar a história da mulher na brincadeira de Boi. E essa história é absolutamente recente. As mulheres eram chamadas de “Mutucas” – mosquito que passa nas costas do boi, porque elas não podiam ficar. E é por aí que vós estais a mostrar a eles que as observações deles fazem sentido. “Onde tem branco na brincadeira do Boi?” Vossa brincadeira é do Maranhão. A pesquisa que fizeste mostra que 60% da população do Nordeste é afro-brasileira e pobre. Vendem vacas. Vês? Tudo o que tuas crianças falaram foi observado. Levantaram questões. Questão de observação. Estão no mundo. Sim, com isso – teus projetos, perguntas, saberes populares ou não – não queres uma proposta moralista. Estás mesmo é preocupada com a negação desses meninos com relação ao que eles mesmos produzem na escola. Sim, eles negam. Chegam ali ao pé do 7º ano e começam a negar. Tudo é “mico”, tudo é feio. Impressionante, não é? Então, é para pensares uma pedagogia: Como tu trabalhas as resistências de teus alunos e/ou professores transformando essas resistências, não em aceitação, mas em recepção? Quando há resistência, resiste-se a que? Ouve lá mais pequeninhos ao redor de tua mesa, agora. A vaquinha sem rabo que está sobre tua mesa é a atenção da vez... A vaquinha quer ser levada por uma criança pequena. Permite isso. É fiabilidade – confiança nas pessoas e nos objetos. Confia na vaquinha ser levada, confia. Uma vaquinha sem rabo sobre tua mesa indo pelas mãos de uma criança, e que nessa *confiabilidade* de ir e ser devolvida de/na volta, talvez te ajude numa pedagogia das resistências – essa, agora, em teu projeto do Boi com teus adolescentes, para ele(s) não ir(em) para o brejo...

, ...

Sabes que os projetos que tens em teu sítio de escola apresentam em seu desenrolar coisas surpreendentes. Conto-te um episódio durante a apresentação em uma sala do primeiro projeto Giros, nomeadamente, numa apresentação na “Sala Fio da Memória”. Nessa sala podias ver os Bois da festa popular que ensejas trabalhar com teus alunos. Nessa sala podias ver o “Boi Pink”. Sim, fizeram um Boi todo cor de rosa. Sim, assim o fizeram porque teus alunos – as meninas – gostam de rosa. Não só podias ver o “Boi Pink”, mas diversos Bois estilizados por teus alunos. E por que os estilizaram? Ora, porque o Boi “original” não era colorido. Estilizaram porque as mulheres nessas festas viviam para outras coisas, não para as festas que se realizavam e que envolvia o Boi. Ademais, quando participavam, ficavam atrás do Boi. Só depois de um tempo é que elas começaram a fazer parte das festividades. Então, penso que não só por isso, mas nessa sala podias ver Bois “pessoais”, de cada aluno, estilizados. Por exemplo, “Boi Jupira”. Ora, puseram esse nome porque achavam que é um nome que combinava com ele. E nessa sala as apresentações seguiam uma atrás das outras, para cada turma, desde os pequeninhos até às maiores de tuas crianças em teu sítio. Todas iam assistir as apresentações. Sim, todas acompanhadas com seu respectivo(a) professor(a). E não se cansavam em apresentar os trabalhos oriundos do tal projeto que investiste. Sim, claro, havia muita timidez em expressarem tudo o que tinham para dizer – timidez, voz baixa, indecisões... As meninas que se apresentavam nessa sala eram adolescentes. Sim, timidez por demasia. Entre-olhavam-se à cada frase. Mas, foi bacana. Aí tu ouves um ou outro professor admirar-se e se perguntar porque esses alunos falam tanto se na escola, no dia-a-dia, eles não falam na sala de aula?! Como é que ali estavam com uma outra postura? Bem, nesse dia essa sala estava especialmente decorada e preparada com os resultados do Projeto Fio da Memória. Sim, cartazes, Bois confeccionados com diversos materiais, muitas fotos... Uma mesa ao fundo da sala chamava atenção: um conjunto de vários cartonados de desenhos e fotos de memórias de teu antigo sítio de escola. Todos que ali visitavam tomavam as fotos em mãos e vagarosamente olhavam. Saudades? Lembranças?... De lá, da granja, antes de vires para cá. Também havia sobre a mesa uma Tese de Doutorado sobre Memórias Escolares. Ah, havia ainda um livro belamente confeccionado em artesanía escrito na capa: Sagrados Segredos. Era um livro especial. Nele, textos das tuas crianças na confiança de partilha. Quer dizer: tuas crianças não querem ver o que há de escrito nele exposto nas paredes de teu sítio de escola, mas esse escrito pode estar num livro... E oferecem a todos isso – um livro. Sagrados Segredos. Conto-te um fora desse livro. Ocorreu durante uma apresentação para uma turma de pequeninhos. Tuas adolescentes

abriram para perguntas após a apresentação. “Alguma pergunta?” – diz uma de tuas adolescentes. Uma pequenininha, a *Mensageirinha Dos Deuses*, depois de ouvir a apresentação sobre esse livro, pede a palavra. Ela não faz uma pergunta, mas fala dirigindo-se a uma das adolescentes que ali apresentavam o trabalho: “Quando seu avô morreu eu queria ter ido ao enterro, mas eu não pude!” Um silêncio. Que emoção, que graça! Sim, a *Divina* ali, diante de todos havia perdido o avô há uma semana. Um tema vital em sítios escolares, mas pouco ou nada tratado. Aliás, só é falado nesses sítios, quando muito, numa atmosfera de tristeza, quando é tarde, já aconteceu. A morte! Mas, ouve lá sem atraso, ainda em tempo: *Uma extraordinária flor procura com o seu cheiro/ a reanimação de um corpo,/ mas o corpo está morto e o nariz perdeu capacidades/ em conjunto com o coração e a inteligência. Morre-se/ no fundamental, mas também em cada um dos pormenores/ que existiam no corpo vivo*³⁷⁹. De um acontecimento desse vindo da fala de uma pequenininha de teu sítio de escola, talvez possamos dizer, parafraseando o que há pouco te atentei que ouvisses: Que uma extraordinária palavra ou frase procura com seu sentido a reanimação de um corpo, pois o corpo não morreu ainda, está vivo e em determinadas relações, e não em outras com tuas palavras. Um corpo que ainda não perdeu capacidades. Um corpo em seu conjunto com o coração e a inteligência. Sim, vive-se no fundamental, mas também em cada um dos pormenores que existem nele, no corpo vivo e nela, na Vida...

, ...

No segundo “Projeto Giros” que desenvolveste em teu sítio de escola, um professor elaborou um projeto de afetividade que envolvia o cuidado com seres vivos – pintinhos. Cada dupla de crianças nesse projeto cuidaria de um pintinho. Carregavam os pintinhos para casa e no dia seguinte os traziam para a escola, todos os dias. Tu bem te recordas o que isso gerou em teu sítio de escola. Por exemplo, teu aluno do 8º ano, o *Luminoso-Aquele Que É Como O Justo*, com aquele corpanzil todo, saindo com a caixa na mão com um pintinho dentro, com o maior cuidado do mundo. E aquela criança, *Quem É Com Deus?*, Fez um desenho intitulado de: “A Minha família” – ele, o pintinho e uma mulher. Depois ele riscou a mulher. O pai dessa criança veio te procurar em teu sítio de escola e disse: “Meu filho tá riscando mulher da vida dele. Será que ele tem algum problema?” Tu respondes a esse pai que não. O filho dele não tem problema algum. Ele está na relação dele com esse ser vivo aqui – um pintinho. 6º ano. Isso que tu investiste para trabalhar a afetividade, isso está um fenômeno por aqui e nas casas, nas famílias. Sim, sim, tu

que vives a pensar onde está a poética nesta escola... Esse projeto caiu de bandeja. Tu podes bem observar a relação desse professor com esses meninos e desses meninos com esses pintinhos... Hoje, como de praxe, podes ver teus alunos na hora do intervalo, no recreio, soltando os pintinhos no gramado enquanto aguardam os funcionários da escola lavar a gaiola deles. Penso que deviam ser as crianças a lavar a gaiola, concordas? Vê como pegam esses pintinhos e põem-nos no colo, ainda tão miudinhos. Ah, um pintinho machucou a patinha. Ferimento sério. Vive assim mesmo – encolhe a patinha e deita-se na relva seca. Chega a Hora da Convivência, à tarde após o almoço e é a hora desses meninos alimentarem seus “filhos”. Ficam todos aqui, no chão do pátio interno de teu sítio de escola. Sim, meninos grandes, não é menino pequeno que fica aqui com eles. Outro dia desse *A Que Guarda* estava vendo o “diário” dela dos pintinhos. Sim, todos eles têm nome. Todos os dias ela escreve nesse diário como é a relação dentro de casa com a criação. *Aquele Que É Amado* colocou um desenho na caixinha que ele arranjou para o pintinho dele. Ouve só os nomes que apareceram para os pintinhos: Mariazinha, Maria Eduarda, Maria Luisa, Maria Clara, Marina, Rosinha, Sofia, Teco, Maria Ionara, José, Pinto Júnior, Fred, Lisa, Didi, Larissa, Gabriele, Tico, Pietro, Chaves, Pitti, Isadora, Pitico, Joãozinho, Stuart. Onde ficam durante o período de aula, chamaram de “creche” e leva o nome de teu sítio de escola. Há uma cartolina que contém não só o nome da “creche” e os “alunos” dela, mas também o “horário de funcionamento” – Entrada 7:25 h, saída 15:30 – 15:45h. Vês que são muitos pintinhos, mas tuas crianças já identificam cada um. Pelo biquinho deles, com um laçinho... No início foi um desespero. Lembra-te daquela criança do 7º ano quando misturou o pintinho dele com todos os outros... A mãe daquela criança veio desesperada perguntando onde estava o pintinho dele. *Um de meus filhos comprou um pintinho amarelo. Que pena que dá. Sente-se nele a falta da mãe. O susto de ter nascido do nada. E nenhum pensamento, apenas sensações. Será que vai vingar? Este parece que sim. E no entanto eu queria que não: como ter num apartamento um galo ou uma galinha? Matar e comer? O que se cria não se mata. É só esperar e dar de comer, e dar-lhe amor vindo do calor das mãos*³⁸⁰. O filho dessa mãe estava em prantos em casa. Tiveste que lhe falar a essa criança: “Amanhã tu vens, trocas e depois tu identificas o teu pintinho”. Mas ele não identificou mais. Aí todas as crianças começaram a marcar os pintinhos delas. Estavam todos numa expectativa só. Caixinhas. Cada qual com sua caixinha. Isso cria um tumulto... A hora que um morre... Uma sexta-feira dessas morreu um pintinho que uma aluna tua cuidava. Morreu. Essa menina e os colegas viveram uma grande comoção. A morte! Chovia muito nesse dia. Muito. Mas, apesar da forte chuva, mesmo debaixo

de baixo dela, um cortejo fúnebre seguiu para que encontrassem um lugar para o enterro desse pintinho. Sim, vários alunos seguiram com flores nas mãos para “prestarem a última homenagem”. Sim, tu tiveste que conversar com tua aluna. Sim, depois do enterro ela ficou melhor. Viver o luto... (...) *Um morto é sempre meigo, eis uma quase verdade./ Porém, ninguém sente prazer em observar materiais neutros/ que antes viviam na intensidade./ Uma catástrofe pesa – e um morto é uma catástrofe,/ embora privada. Repara (...):/ impossível associar leveza/ a grandes acontecimentos: toda mudança/ é mudança súbita de peso. E, claro, ainda: incapacidade de o carregar.* Caso olhes bem e compreendas esse teu projeto de afetividade, podes bem pensar em uma pedagogia da transformação dos teus materiais gerais e ordinários de formas densas, pesadas etc., mas materiais vivos. Antes que venham a morrer, e tu vás junto, concebe-te a ti mesmo como uma habilidade para lidares com tua “catástrofe privada”, para atuares, criares, decidires, desejares com a leveza, ainda que em grandes e catastróficos acontecimentos em teu sítio e vida. Toda mudança é, sim, mudança súbita de peso, inclusive e fundamentalmente, a mudança espiritual – entenda aqui, também, a mudança de pensamento. Para tal, depende que mudes tuas relações com as matérias que encontres – do inadequado ao adequado, da imaginação ao entendimento, do morto ao vivo etc. Sim, mudar tuas relações ainda que às vezes tenhas que partir do luto à luta...

, ...

É já fim de ano. Dezembro. Aproximamo-nos do dia de Natal. Verão por aqui. Neste período, as atividades de teu sítio de escola, como em outros, adquirem nova atmosfera – festas, comemorações, celebrações, despedidas, um até breve... Apesar dos “até breve”, das despedidas, não há melancolia. Há, sim, ao contrário, um ar de alegria, um sentimento de chegar ao fim de um ano de trabalho árduo. Todos se dedicaram, perseveraram ao seu modo durante todo um período. Cá em teu sítio comemoras mais um ciclo. Haverá uma comemoração para isso em teu sítio de escola – o Auto de Natal. Eu mesmo chego bem antes do começo. Empunho uma câmara fotográfica para registrar esse momento que tu comemoras. A carga da bateria se foi. Só consegui duas fotos: da entrada de teu sítio enfeitada com uma guirlanda e o fundo do pátio interno com um grande pano translúcido em azul estendido atrás de uma mesa. Sim, só duas fotos e dessas cenas... Uma espécie de pânico me tomou por não poder registrar em fotografias a festa que acontecerá. Rapidamente me refiz e a solução foi andar de cá para lá em

cada canto de teu sítio a rememorar momentos quase diários em cada canto do “cá” e “lá”. Agora tens já quase pronta a arrumação de teu espaço para receberes os convivas. Entre eles cá estou. Ainda ajudo no transporte e colocação do teclado no espaço reservado aos demais instrumentos musicais. Começam a chegar as pessoas – os alunos com seus familiares e amigos, os professores, os animais... Alguns alunos acompanhados dos pais aparecem bem antes. Não ficarão para a festa, mas sabem que há presentes para receberem cá em teu sítio dados por pessoas desconhecidas. Estar ausente quando se recebe um presente. Já te explico isso. É que as crianças escrevem uma carta aos Correios para o Papai Noel e algumas pessoas leem tais cartas e “adotam” um pedido. Algumas crianças de tua escola foram escolhidas e foram presenteadas. Isso é interessante e ao mesmo tempo trágico de se ver. É que somente algumas crianças têm suas cartinhas escolhidas, outras não. E teu sítio arranja lá uma maneira de contornar isso – faz uma espécie de campanha para arrecadar presentes para as demais crianças. Alguns presentes voltam para os Correios. Um presente para uma criança daqui voltou. Acharam que não era daqui. Então, não conheceis vossas crianças? Sim, mesmo que alguns presentes não cheguem por agora, ainda há expectativas da chegada deles – os Correios ainda vão entregar os presentes até meados de Janeiro. Sim, o Natal persiste ainda depois... Mas, um trágico ainda persiste: É que tu esqueceste os presentes do teu 4º ano. E aí tu arrumas um jeito de saíres dessa embrulhada distribuindo kits escolares “doados” pela tua prefeitura. O lado interessante de se ver é o recebimento dos presentes pelas crianças. Eu mesmo pude presenciar dois momentos disso. As crianças receberam seus presentes em embrulhos bem bonitos. Ao desembulharem encontram lá o que pediram em suas cartas – carrinhos, estojos de pintura, camisas de times de futebol etc. O mais interessante é que, junto dos presentes, vem um cartão ou mesmo uma carta para essa criança. Não há nomes, endereços ou qualquer identificação do remetente. Há só o destinatário e o endereço para a entrega. Nada mais. Acho que talvez o destino... São cartas lindas, cheias de afetos e desejos de felicidade, saúde e desejos para que continuem a estudar. É mesmo emocionante presenciar tal momento. Pronto. Já podes começar o Auto de Natal de teu sítio. Antes da festa propriamente dita, tua diretora fala do momento que antecederá – os alunos do teu 9º ano se “formarão”. Alguns poucos dos poucos que formavam a turma deste ano. Será um momento rápido e simples. *As coisas animadas, vivenciadas e **cientes de nossa existência** caminham para o fim e não podem mais ser substituídas. **Somos talvez os últimos que ainda terão conhecido tais coisas.** Cabe a nós a responsabilidade de não apenas conservar **sua lembrança** (isso seria pouco e não confiável), mas também seu valor humano e*

láríco (“*láríco*” no sentido de *divindades do lar*)³⁸¹. Os alunos do 9º ano a postos! O teclado faz soar uma música de fundo tocada por uns poucos minutos. Agora os alunos do 9º ano aprovados antecipadamente vão sendo chamados um a um. Música de fundo – *Für Elise*: Beethoven... Bom, é uma alegria receber todas essas pessoas presentes aqui. Este ano tiveste uma turma do 9º ano bem pequena e um pouco complicada. Hoje os que estão aqui infelizmente não vão poder participar desse momento (?) porque não estão aprovados ainda (?). E não sabes se eles, os não aprovados ainda (?) vão conseguir. Mas, alguns alunos teus que se esforçaram conseguiram, e quiseram (?) estar aqui hoje. Estão aqui para esse momento simples, mas de coração, que preparaste em respeito aos pais (?) para a entrega do certificado deles de conclusão do 9º ano. Agora ficamos todos de pé para ouvirmos o nosso hino nacional. Uma gravação. Tocas todo ele. As duas partes. Palmas ao fim. Agora continuas a cerimônia. Chamas as duas coordenadoras e uma professora para a entrega dos certificados. Antes é lida uma mensagem ao teu 9º ano pela vossa diretora. “Sou livre quando amo o que faço. Sou livre quando aceito o que é mais importante da minha consciência. Sou livre quando sei que a hora do fracasso é sempre o tempo de começar outra vida. Sou livre quando sou capaz de amar os instantes da vida que eu tenho na vida. 9º ano: Não somos o que deveríamos ser. Não somos o que queríamos ser, mas graças a Deus, não somos o que éramos.” Uma mensagem ao teu 9º ano. Uma mensagem de Martin Luther King. Sim, 9º ano, vós acabastes de vencer uma batalha. Uma batalha de muitas com as quais ainda hão de se deparar. Neste momento, conquistam uma vitória ao longo de novas vidas. Sim, todos nós fazemos escolhas e somos convidados a seguir em frente para atingir novos ideais. Prefiro aqui dizer aqui: seguir em frente perseverando segundo nossos desejos... A partir de escolhas construímos novos saberes, amadurecemos. Passamos por vários momentos, obstáculos, situações difíceis, mas também felizes e enaltecidos. E hoje vós já não sois mais os mesmos. É nessa nova fase que se seguirá vosso futuro e aonde cada um chegará na vida. Claro, segundo seus afetos constituídos nas relações com tudo da Vida. Que o conhecimento adquirido por vós não seja um obstáculo à humildade, pois o desejo de ter sempre razão é um obstáculo às novas ideias. É melhor terdes ideias suficientes mesmo que algumas delas estejam erradas. É melhor do que terdes sempre razão e não terdes quaisquer ideias. Entendam bem essa frase que ouvís agora neste momento, 9º ano, do vossa diretora. Erro não é o que aprendeis ou tendes como “conceito” na vossa experiência em sítios de escola. Erro é “ausência” de saber. Vide vossos acasos, encontros fortuitos, incompreensões das causas de vossos encontros... Sim, o conhecimento que adquiris é infinito e, mais importante, o conhecimento é o mais importante dos afetos. Sim, não ter, mas buscar

construir esse “ter razão” compreendendo os acasos, o ouvir dizer, o fortuito, o inadequado etc. Compreendam as causas adequadas das coisas, as relações que vos compõem e/ou decompõem. Conhecimento. É essa a vossa aptidão maior do vosso corpo, o que por paralelismo é também uma aptidão para vosso espírito ou mente, como queiram, pensar. Pensar é um encontro. Terdes razão é tornarem inteligível a vossa passividade, a inadequação das causas que vos constitui vez ou outra. Vossa felicidade deve consistir no exame consciente de vossa conexão com o mundo, com a Vida. Assim e somente assim sois ativos, conheceis e agis sob a direção da razão. Em relação à razão e às ideias, só posso vos dizer que não é uma questão de uma e outra não. Toda relação que estabelecerdes, vosso corpo terá uma ideia da(s) relação(ões) correspondente(s). O que desejo vos dizer, ou melhor, repetir, é que a cada relação do corpo corresponde a uma ideia. Toda ideia é ideia de um corpo. Assim, por tudo isso até agora, ouçam lá: *Quanto mais compreendemos as coisas singulares, tanto mais compreendemos a Deus*³⁸². E isso implica que *tudo o que a mente compreende sob a perspectiva da eternidade não o compreende por conceber a existência atual e presente do corpo, mas por conceber a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade*³⁸³. Talvez ao compreenderdes isso entendeis o que possam ouvir sobre “onde chegar na vida”... Então, deixo-vos cá ouvir o seguimento da fala de vossa diretora. Então, que não é importante serdes sérios para todas as coisas, mas serdes sérios para as coisas importantes. Pergunto-vos se na Vida há algo que não seja sério ou importante... Sim, há de concordar, quando um ser humano detecta um grande desejo, tudo no universo conspira a seu favor. É *uma vida sob a perspectiva da Vida, da eternidade*... Todos vós, professores, direção, coordenação etc., desejais a esses do 9º ano e a todos os demais alunos, todo sucesso nessa nova etapa que se inicia. Mas, agora, é tua coordenadora que vai falar brevemente, a eles e aos demais presentes, umas palavrinhas... É de improviso, mas como ela mesma vos fala, é bom mesmo a gente falar no improviso, falarmos com o coração. Palavras que agora dizem das dificuldades que vós passastes neste ano. Não. As dificuldades não foram poucas, mas os alunos que estão aqui de fato mereceram chegar aonde chegaram, não é? Vós conversastes muito em sala com eles. Sim, isso aqui agora não é uma formatura, uma colação de grau. Sim, ainda não se formaram numa profissão determinada, mas de qualquer maneira, estão a terminar um ciclo, estão a terminar uma fase... E é bom que vós cumpris rituais de términos de fases que passais, para que possais seguir... De coração tua coordenadora deseja a esse 9º ano e a todos os presentes um futuro com mais responsabilidade, que agora “peguem” gosto pelo estudo e que de fato consigam realizar os desejos... E aposta ainda que no que os

desejos dos pais desses alunos, dos professores, dos coordenadores, dessa escola fizeram *com* os desejos desses alunos... Essas breves palavrinhas de improviso encerram-se num desejo de também "boa noite" para todos em nome também daqueles professores que não estão aqui presentes e que lá no passado foram professores desses alunos aqui celebrados nessa passagem... Sim, os alunos que estão aqui, estão porque se esforçaram e mereceram estar aqui. Mas tem um aluno aqui entre todos os presentes que foi destaque para vós. Entre vós foi um aluno de outras notas além e aquém das notas de provas e trabalhos que lhe destes. Ele foi também um aluno notável musicalmente. Ele encontrou na música um mundo particular e, nesse âmbito, um incentivo para ele, para sua vida. Ele vai para o conservatório. Foi aprovado lá. Vós esperais vê-lo tocando em outros lugares. Sim, um aluno. Um presente especial. A professora *Do Tipo Formoso* o "descobriu" em suas aulas, em teu sítio de escola... Ah, agora a entrega dos certificados de formatura. Sete alunos. Estão concluindo uma etapa. Agora, sim. Começa o Auto de Natal. A professora *Do Tipo Formoso* e *Deus É Meu Juiz* tocam uma música em homenagem a todos os presentes. "Imagine" de John Lennon. Ao final, palmas. Agora, outra canção, mas entre conversas, murmúrios dos presentes... Outra canção com solo de flauta de *Deus É Meu Juiz*. Palmas, assobios etc. Murmúrios... Música: Flauta, teclado e vozes... "Noite Feliz" tocada e cantada às escuras... Música... Uma voz de criança grita ao longe: "Senhores, vamos para casa. Jesus, Maria e José. Viemos para lembrá-los... [...]. Como não sou mais um menino [...] dá licença minha gente que a festa já se inicia." Música tocada e cantada coletivamente ecoando entre os presentes. Criança grita: "Divina festa já chegou. Divina estrela já tá lá. Me ensina ter amor." Música com vozes fortes de todos... Ouve-se: "E o Menino Jesus nasceu para nos salvar. [...] O Menino Jesus nasceu... E o galo canta! Bem vindo a Deus. E o boi pergunta: Aonde? Muuuuu! E os carneirinhos respondem: Mééééé!" Música alegre em vozes coletivas... "porque é noite de Natal! Silêncio. Uma música mais lenta com estas frases: "Divina Estrela meu amor. Divina Estrela já chegou... Divina Estrela, alumiu a Terra inteira." Aclamação: "Viva a Estrela Guia! – Viva! A Estrela de Criança! – Viva!" Música: "Bate o sino pequenino, sino de Belém/ Já nasceu o Deus Menino para o nosso bem..." Gritos coletivos ao final: "Feliz Natal!!!" Bom, é neste espírito que agradeces a presença de todos, desejas um Feliz Natal e um ano que se iniciará em breve cheio de saúde, muita paz e muita alegria para todos nós. Sim, vamos encerrar cantando a canção "Noite Feliz". Sim, todos juntos, cada qual com sua voz... O fim de teu ano escolar com essas pessoas encerra-se nesse Auto de Natal que fazes aqui hoje. Os presentes vão se dispersando aos poucos pelos espaços de teu sítio. A Biblioteca: é ela agora que concentra uma multidão de pessoas. É ela que reúne alunos, professores, pais... A Biblioteca: é ela agora o sítio onde muitas pessoas estão a chorar e a trocar abraços e palavras

de agradecimentos e despedidas. A Biblioteca: o sítio onde se pode ver uma criança vestida, fantasiada como José e segurando uma Criança ao colo – Menino Jesus... A Biblioteca: sítio onde te encontras e abraças *Valorosa Griote*, agradeces a ela pelo presente – o dia – e ela diz a ti uma conclusão a que chegou: ...é um dia depois do outro, mas que a escola é assim. Ela continua o pensamento dizendo que há dias que desespera-se, mas que agora está a manter-se... Sim, persevera-se... Vês que sempre se critica, mas descobre-se muita coisa nas relações – essa questão de envolver o professor nas relações de escola. Para ti o convencimento de professor não é com o argumento retórico tão-somente, mas é fundamentalmente com a estética e é com a palavra, não é? [Está muito barulho, ouvem-se murmúrios, conversas e vozes altas...]. Ainda ouves: “Que tu consigas não ficar no desespero com esta escola!” Trocas de abraços... Despedidas... A Biblioteca: sítio em que tu, pesquisador, encontras uma também pesquisadora. Sim, ela entrou cá neste sítio inicialmente para fazer um grupo focal, mas ao fim, foi muito focal. Sim, ela ficou participando. Isso é o resultado de um trabalho aqui... Entendes a sutileza dessas palavras? E a sutileza de uma pesquisa?! À porta de uma Biblioteca: Um enorme móbile colorido fruto do trabalho com palavras, poemas e muita artesanaria, pendurado e enfeitando a entrada que dá à biblioteca de teu sítio de escola. À porta da Biblioteca: Deixa-te fotografar com *Aquele Que É Amado* junto com seu irmão, *Touro*. Sim, aprendeste com todas as crianças, mas esta te é especial, ainda agora. A mãe está próxima e se emociona ao ouvir tuas palavras. Sim, *Aquele Que É Amado*, franzino e tímido, cuidadoso com tudo – materiais, colegas, com seus gestos... Ele, quando fala, tens que parar para ouvi-lo, senti-lo... Um dia falou para ti que tu eras “poeta como o padrinho dele”. Isso foi há tempos. Nunca soubeste o porquê. Hoje, ainda agora, ainda te lembras desse seu comentário. Retoma-o. Sim, tu és poeta como o padrinho *dAquele Que É Amado*. Ele não sabe te explicar... Sim, tu és como *O Que Governa Com Conselhos*, seu padrinho. É a mãe dessas duas crianças que te fala alguma coisa sobre ele. “Ele fala coisas... Ele é meu irmão. É também um maravilhoso. Ele tem um carisma... A forma de expressar, tu lembras demais ele... Ele tem sempre uma fala a respeito de tudo, tem uma explicação, uma saída”... Essa mãe ainda te diz algo mais: “Tudo tem ‘porquê’, nada acontece por acaso”. Tu és poeta como *O Que Governa Com Conselhos*... A mãe desses meninos, irmã do “poeta” te diz: “Eu falo, eles (os meninos, seus filhos), são os meus ouros”. Tu lhe respondes de pronto: “Guarde-os!” Assim, teus encontros num Auto de natal. Se a Vida fosse um livro, este acontecimento em teu sítio, tu, todos os que aqui estiveram, seriam uma página importante nesse Livro. Sim, sem essa página o Livro seria incompleto. Esse teu Auto de Natal em teu sítio faz pensar, sentir e desejar que *na verdade, não é triste ser só quando os*

caminhos a todos os entes queridos estão abertos: desse vínculo surge então uma festividade coletiva, com efeito, isso só pode ocorrer em um coração no qual o autêntico amor e a profunda comunhão habitam, e onde num instante de intimidade solene podemos sintetizar o que nos é caro. Guarde-nos em seu coração e os sinos natalinos haverão de segredar-lhe o seguinte: o quanto o que você pode acolher nele, e o quanto sua solitude é uma solitude comungada conosco nesta noite de felicidade e júbilo³⁸⁴. No coração de teu sítio de escola: Uma atmosfera tece um sentimento das grandes dimensões de nossa própria existência... Cada presente, perseverando na existência, portanto, é uma parte relacionada de uma unidade divina... Compreender essa participação, ter parte, participar... Todos os homens, tudo, são partes igualmente importantes de Deus... Tu, na relação que aqui fazes, persevera em teu ser... Tu, aqui, um modo em ser divino... Sim, hoje teu Auto de Natal, teu sítio todo enfeitado, preparado para as festividades do fim de mais um ano. Convivas, presentes, canções, cumprimentos, desejos renovados... Hoje teu sítio está repleto dessas coisas ao modo de festa. Amanhã, logo amanhã, no "futuro", darás adeus a todos esses presentes e pertences. No amor presente que fica através do que constituís hoje, a Deus pertences...

, ...

PALAVRAS, MAS NÃO FINAIS...

, ... Uma suposta escrita de tese... O sentido de tudo isso só se torna possível através de palavras, mas palavras entremeadas nas velocidades e lentidões, movimentos e repousos dos espaços e tempos que se habita. Tais espaços e tempos cercam-se de brancos – vazios que permitem respiração... Silêncio... Calar? Não! Trabalhar, escrever, pensar, sentir, agir, desejar, perseverar em ser na ideia de um silêncio que resvala, roça, toca na impossibilidade de um dizer pleno... *A palavra para dizer a palavra não se deixa encontrar em nenhum lugar em que o destino dá aos entes o presente da linguagem nomeadora e inaugural, essa que nomeia que o ente é e como o ente brilha e brota. A palavra para a palavra, um tesouro na verdade, nunca foi encontrada na terra do poeta; mas e na terra do pensamento? Quando o pensamento procura pensar a palavra poética, mostra-se que a palavra, o dizer, não tem ser. Nossos hábitos representacionais reagem todavia contra esse entendimento. Todo mundo vê e escuta palavras, tanto na escrita como na língua falada. As palavras são. As palavras podem ser como as coisas são, a saber, perceptíveis para os sentidos. Para dar um exemplo grosseiro, basta folhearmos um dicionário. Ele está cheio de coisas impressas. Sem dúvida. Cheio de palavras e ao mesmo tempo sem nenhuma palavra. É que o dicionário não é capaz de apreender e abrigar a palavra pela qual as palavras vêm à palavra. Aonde pertence a palavra, aonde pertence o dizer?*³⁸⁵ Pergunto-me a que pertencem as palavras do meu dizer, nisso que ouvem ou leem, as palavras do dizer de tantos encontros que tive... As palavras dessa suposta tese apreendem e abrigam-se na Palavra? Respeitam um silêncio? Respeitam o Silêncio? Desejava de início escrever. Escrever uma tese. Ao final, apenas escrever... Filosofia? Ciência? Literatura? Filosofia – talvez, para não anular quaisquer perguntas que surjam ou venham a surgir. Sim, não anular quaisquer

perguntas, mas produzir um entendimento nos encontros, nas relações – quando surgem e se fazem questões, problemas. Muito Spinoza – um grande encontro... – ensinou-me e ensina-me isso ainda... Ciência? – Talvez, mas não correr o risco de “anular” pelo passo a passo científico as perguntas ao produzir experimentos físicos, dar respostas científicas segundo dados numéricos, estatísticos... Não. Mas, conhecimento, produzir entendimento a cada encontro, desejar conhecer as causas adequadas, sair da inadequação, dos acasos, das crenças arraigadas... O “método” e a(s) questão(ões) para isso? Sempre a mesma questão de ouvido: A investigação de um Corpo-Escola, a história de suas potências, seus afetos, a genealogia das forças, *uma* cartografia da sua natureza de diferenças intensivas ou intensidades diferenciais – passagens de um a outro grau de potência de existir e de pensar. Literatura? – Talvez, mas sem querer justificar-me, e às palavras, por procedimentos e resultados esteticamente pensados ou pensados para serem estéticos. Penso que ao fim, uma coisa mais, outra menos de tudo isso, mas sem abrir mão do intensivo. Sim, ao fim, uma aprendizagem, uma experiência *poética* com as palavras de um sítio de escola. Com um Corpo-Escola, em cada encontro, o Corpo, a Palavra, o *Poético*. Uma experiência... *E fazer uma experiência significa literalmente: eundo assequi [vai chegar]; no andar, estando a caminho, alcançar uma coisa, andando, chegar num caminho. Aonde chega o poeta? Não a um mero conhecimento. Ele chega à relação da palavra com a coisa. Essa relação não é contudo um relacionamento entre a coisa de um lado e a palavra de outro. A palavra é ela mesma a relação que cada vez envolve de tal maneira a coisa dentro de si que a coisa “é” coisa*³⁸⁶. Uma tese que quer pensar Corpo e Literatura – a palavra em estado de arte. As palavras de uma escola, nos encontros,

palavras que tenham ressonâncias com a Vida absolutamente infinita. As palavras de uma escola que no seu perseverar em ser, em seu modo, nas suas relações, deseja compreender(-se) na infinidade e eternidade do mundo – *sub specie aeternitatis*... Sim, *sob o olhar da eternidade*... Uma perspectiva que não está limitada aos interesses subjetivos, parciais de quem quer que seja. [Estudos com Spinoza]... Deus é o mundo, tudo penetra, tudo é completo e perpétuo... Assim, as palavras de *uma* escola, um modo no mundo, uma ideia ou atitude momentânea de Deus, uma parte definida Sua, um pensamento em Seu espírito, “uma palavra”, “uma sílaba” no Seu grande, absoluto e infinito Poema – a Vida ... Conhecer(-se) nessa relação, nesse absoluto e infinito poema ainda que por apenas segmentos minúsculos entre/em encontros... Que Deus está em tudo e que tudo está em Deus... *Vou parar um pouco porque sei que o Deus é o mundo. É o que existe*³⁸⁷. Um modo Dele: *Uma* escola, a seu modo, com os seus alunos ora sentados às carteiras, ora correndo, gritando, cantando, chorando, tristes, alegres, vagabundando pelos pátios, cabulando aulas, com seus professores preparando as aulas, decepcionando-se com resultados, tendo problemas de relação com alunos ou mesmo com a escola, a violência, furtos, as festas, as comilanças, os desperdícios etc., ainda sim, essa escola acontece na Escola da Eternidade – a Vida... Nada, nenhuma linha, grão, folha, cor, aroma etc. foi criado em vão Nela... Nenhuma vida, nem mesmo as que por um breve e curto sopro, alegre ou triste, consciente, ou não, é ou terá sido em vão, mas sim é uma *parte* íntima de Deus... Amor a Deus... Sim, um Amor que transforma *uma* vida temporal, modal, num êxtase

eterno... Compreender, viver esse Amor através de um conhecimento vivo, do vivo, da Vida... Felicidade suprema, um estado de graça... *Mas se você já conheceu o estado de graça reconhecerá o que vou dizer. Não me refiro à inspiração, que é uma graça especial que tantas vezes acontece aos que lidam com arte. O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe e existe o mundo. Nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão leve. É uma lucidez de quem não precisa mais adivinhar: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não me pergunte o quê, porque só posso responder do mesmo modo: sabe-se³⁸⁸. Êxtase eterno... E que é esse eterno? A essência divina que vive no corpo mas não lhe pertence... O pensamento visível atualizado, impresso na duração do tempo, de um modo, como um pensamento visível num poema, na página de um livro... Eterno... Uma pesquisa. Uma tese. Escrever. Palavras... Palavras da vida de um Corpo-Escola, seus desejos, alegrias, tristezas, seus afetos... *Todos os afetos estão relacionados ao desejo, à alegria ou à tristeza, como mostraram as definições que deles foram dadas. Ora, o desejo é a própria natureza ou essência de cada um. Portanto, o desejo de um indivíduo discrepa do desejo de um outro, tanto quanto a natureza ou essência de um difere da essência do outro. Além disso, a alegria e a tristeza são paixões pelas quais a potência de cada um – ou seja, seu esforço por perseverar no seu ser – é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada. Ora, por esforço por perseverar em seu ser, enquanto esse esforço está referido ao mesmo tempo à mente e ao corpo, compreendemos o apetite e o desejo. Portanto, a alegria e a tristeza são o próprio desejo ou apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, estimulado ou refreado por causas exteriores, isto é, é a própria natureza de cada um³⁸⁹. E agora aproveito isso que acabo de dizer com Spinoza para me referir a ti, Corpo-Escola: Dado que o teu desejo corresponde à tua essência singular, debes compreender que não existes sem que afirmes teu**

desejo. E teu desejo, ele existe, é incorporado à tua *estrutura (fabrica)* individual, ao conjunto de tuas relações que te define e te distingue de outras estruturas. A tua singular essência – desejo – é única por tua combinação única e, concomitantemente variável, das relações que te compõem como “tal” Corpo-Escola. Tuas trocas, tuas relações constituem tua variável singularidade, tua essência singular – movimentos, repousos, velocidades, lentidões – te caracterizam distintamente pelos arranjos que configuras – físicos e afetivos... Teu desejo como consciência do teu esforço para perseverares tais arranjos... Podes pensar que *desejo* seja desejo de alguma coisa. Não, não é desejo de nada. Desejo é afirmação de existência, é força produtiva – agir e pensar. E, assim, no *desejo*, perseveras em teu ser *uma* Escola. Contudo, entre as muitas velocidades, lentidões, movimentos e repousos, em muitos de teus arranjos que sempre variam, ou melhor, não param de variar, desconheces muitas dessas tuas combinações e arranjos constituídos em teus encontros... Sim, somos muitas vezes ignorantes das causas que nos determinam. Tu também não foges a essa regra. E aí, imaginam-se coisas. Imaginas coisas, não podes ou não compreendes adequadamente tuas relações, teus encontros, pois, estás a fazer imagens de coisas não presentes. E aqui chamo *de imagens das coisas as afecções do corpo humano, cujas ideias nos representam os corpos exteriores como estando presentes, embora elas não restituam as figuras das coisas. E quando a mente considera os corpos dessa maneira, diremos que ela os imagina. Aqui, para começar a indicar o que é o erro, gostaria que observassem que as imaginações da mente, consideradas em si mesmas, não contêm nenhum erro; ou seja, a mente não erra por imaginar, mas apenas enquanto é considerada como privada da ideia que*

*exclui a existência das coisas que ela imagina como lhe estando presentes. Pois, se a mente, quando imagina coisas inexistentes como se lhe estivessem presentes, soubesse, ao mesmo tempo, que essas coisas realmente não existem, ela certamente atribuiria essa potência de imaginar não a um defeito de sua natureza, mas a uma virtude, sobretudo se essa faculdade de imaginar dependesse exclusivamente de sua natureza, isto é, se ela fosse livre*³⁹⁰. Teu desejo, assim, enquanto expressa o desconhecimento de teu corpo ou das causas que te determinam, é um desejo passivo. Paixões... É colocar-se com teu desejo de forma "inconsciente", colocar-se orientada a partir de objetos ou afetos fazendo-te reagir de maneira imediata, "sem pensar". Teus encontros, afetos, objetos, são meros traços em teu corpo. Alegrias e/ou tristezas são tuas imaginações, meras paixões, sofrimentos das/nas relações sem entendê-las. E tentas concatenar tudo o que te afeta e não compreendes, mas imaginas, pela memória – reages aos novos e constantes encontros segundo a imaginação que constituis por não compreenderes as causas... Incompreensão, imaginação, memória fazem produzir uma passividade de teu desejo... E não foi teu desafio lidar com o estado de coisas quando mudaste para teu novo sítio de escola, quando saíste daquela granja, da antiga escola e depois vieste ter onde hoje te encontras? Teu desafio: constituir um entendimento com a *fabrica* nova que adquiriste. *O que se Pode Inventar: Havia uma donzela sentada em uma gaiola... Uma questão de imaginação...* Lembra-te da estória que trago comigo há tempos e que te trouxe durante nosso encontro no ensejo de "escrever-te" ao modo de uma tese? Lembra-te? Pois, sim: *Uma questão de imaginação* é o título que também é conhecido esse conto. Falava-te há pouco da imaginação e de como ela pode se relacionar com teu desejo, teus afetos, memória, enfim, com tua

“compreensão” do que te acontece nas/com tuas relações. A *imaginação*... Tua imaginação... Pergunto-te se ela é uma imaginação-memória que se associa ao hábito que te faz reconhecer imagens, reconheceres meramente os signos presentes diante de teus encontros e neles “compreendes” teus acontecimentos segundo uma reminiscência tua, de um passado teu, reminiscência referente a um aspecto espaço-temporal organizado e operado por hábitos... Ou posso perguntar-te se tua imaginação é uma imaginação-entendimento, ou seja, se tua imaginação é uma atividade que te permite instaurares e estabeleceres novas relações no âmbito do conhecimento – conhecimento de primeiro gênero – e dele extraíres inteligibilidade, lógicas causais de teus encontros e, assim, sem dúvida, estares mais próxima de uma ordem racional, de entendimento, do que a mercê de imagens, meros signos etc. sem entendê-los. Nesta segunda perspectiva da *imaginação* podes seleccionar entre as infinitas paixões que vives, pouco a pouco pequenas alegrias... Pode uma escola ser transformada por dentro? Penso que sim, acima de tudo quando podes aprender e apreciar tuas relações, teus afetos com o resto do mundo... Começar pelas bordas, corpo-a-corpo e seguir construindo teu entendimento, teu conhecimento de si, do outro, do mundo, da Vida caso a caso em cada encontro... Somos seres de paixão por sofrermos sempre encontros... Não paramos de nos relacionar... Então, talvez pudéssemos falar de com-paixão, uma verdadeira comunidade em Vida com tudo... Meu espírito, enquanto estive contigo, foi de ouvir-te, teus afetos por tuas palavras, teus encontros por tuas palavras, meu encontro contigo com (minhas)

palavras... A linguagem e a Vida, a palavra e *uma* vida que se constitui em encontros... Palavra... No meu alfarrábio de registros fotográficos e notas de um encontro contigo, escola, encontro essas palavras de Guimarães Rosa que apresentaste algures para teus alunos. Penso que vêm bem a calhar agora: *Ave, Palavra! A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que como escritor devo me prestar conta de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanha de cinzas.* Lembras-te da estória que contei bem no início, de um jovem que queria ser escritor, mas que não conseguia escrever além da frase *havia uma donzela sentada em uma gaiola?* Esse jovem para escrever(-te), antes, te ouviu. Interessava-lhe muito os problemas de comunicação entre as pessoas, as palavras nas relações entre as pessoas... Em teu sítio não foi e não é diferente. Interesse de fronteiras – pessoas, estados de alma, afetos, equívocos, o “oculto sob a montanha de cinzas”... Sob a montanha de cinzas, (as palavras ordinárias?) pode-se, bem constituir um entendimento, um bem maior – o conhecimento da união do pensamento (espírito) com o conjunto da Natureza... Tu, escola, quase ao modo de uma “donzela sentada numa gaiola” quando te mudaste para teu atual sítio de escola... Compreender tuas relações, tuas paixões – “sentada numa gaiola”, ou tua paixão – “uma donzela sentada e uma gaiola”, ou tua paixão – “uma donzela, uma gaiola”, ou paixões outras, modais... Como te relacionas? Quais são teus afetos? Qual a relação de tua vida com a Vida? Que pode teu Corpo-Escola? Que palavras podes dizer dos teus afetos, de teu agir e pensar?

Um desejo de coração para ti: Sê feliz pensando que fostes feita para o mundo. Sim, compreender isso no teu existir é muita felicidade. Mesmo que não obtenhas essa rara compreensão e vivência da Beatitude, ainda sim, persevera no teu ser escola. Mas, ouve-me ainda *com* estas últimas palavras: *Há o eterno em cada um, e isso é propriamente ele. Tente conquistar essa potência que lhe é própria, nesses instantes felizes em que ele é ele mesmo, em que ele se traduz todo na existência, por um concurso feliz das coisas e dos homens. Os de pouca inteligência ou entendimento dirão que essa felicidade lhe é exterior; mas o sábio compreenderá talvez que nesses momentos de potência ele é altamente ele mesmo*³⁹¹. *Sub specie aeternitatis...* Sob essa perspectiva imanente em perseverares em teu ser, podes dizer que às vezes vale muito já ser não feliz. Alegrias, paixões ativas, bastam por hora. Paixões alegres, alegrias passivas, mas não só... Tu, um modo em ser divino... Talvez, seres não feliz seja uma atual – mas sempre provisória – a maior “felicidade” que possas ter em tua *uma* vida em Vida... Quase uma estória tua composta com uma que já te contei: *Houve um dia que uma escola se muda e se assenta em um novo sítio. Desde a mudança vive paixões a cada encontro; partindo delas, imagina, compreende, padece, age, alegra-se, entristece...* Sim, houve uma escola que se muda... Ouvem-se lá palavras de afetos que ela pode te contar, pois persevera em ser... Ouve lá... Depois, quiçá me conte... Fala, eu te ouço... Até novos encontros... Adeus...

REFERÊNCIAS

-
- ¹ O conto a que me refiro chama-se *Uma Questão de Imaginação* de Hans Christian Andersen.
 - ² RILKE, 1998, p. 21.
 - ³ PERISSÉ, 2006, p. 54.
 - ⁴ LISPECTOR, 1999, p. 21.
 - ⁵ PESSOA, 2009, p.354.
 - ⁶ LISPECTOR, 1998, p.52.
 - ⁷ LISPECTOR, 1998, p. 19.
 - ⁸ LISPECTOR, 1998, p. 12.
 - ⁹ DELEUZE, 2004, p. 51.
 - ¹⁰ DELEUZE, p. 51.
 - ¹¹ AGAMBEN, 1999, p. 81.
 - ¹² AGAMBEN, p. 81.
 - ¹³ DELEUZE, 2004, p. 44.
 - ¹⁴ AGAMBEN, 1999, p. 83.
 - ¹⁵ ZAMBRANO, 2000, p. 96.
 - ¹⁶ AGAMBEN, 1999, p. 112.
 - ¹⁷ BARTHES, 2009, p. 22.
 - ¹⁸ DELEUZE, 2004, p. 64.
 - ¹⁹ DELEUZE, 2004, p. 62.
 - ²⁰ DELEUZE, 2004, p. 66.
 - ²¹ CIORAN, 2011, p. 12.
 - ²² LISPECTOR, 1998a, p. 72.
 - ²³ DELEUZE, 2006, p. 22.
 - ²⁴ LISPECTOR, 1998, p. 108.
 - ²⁵ AGAMBEN, 1993, p. 12.
 - ²⁶ LISPECTOR, 1998, p. 60.
 - ²⁷ ÉTICA, 2008.
 - ²⁸ LISPECTOR, 1998, p. 61.
 - ²⁹ LISPECTOR, 1998a, p. 25-26.
 - ³⁰ LISPECTOR, 1998, p. 26.
 - ³¹ CIORAN, 2011, p. 87.
 - ³² LISPECTOR, 1998, p. 41.
 - ³³ ECO; CARRIÈRE, 2009, p. 70.
 - ³⁴ LISPECTOR, 1998, p. 18.
 - ³⁵ DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 153.
 - ³⁶ LISPECTOR, 1998a, p. 9.
 - ³⁷ LISPECTOR, 1998, p. 36.
 - ³⁸ LISPECTOR, 1998, p. 41-42.
 - ³⁹ LISPECTOR, 1998, p. 37.
 - ⁴⁰ AGAMBEN, 1999, p. 112.
 - ⁴¹ PESSOA, 2009, p. 428.
 - ⁴² AGAMBEN, 1999, p. 109-110.
 - ⁴³ BARTHES, 2004, p. 311.
 - ⁴⁴ BARTHES, 2004, p. 219.
 - ⁴⁵ LISPECTOR, 1998, p. 37.
 - ⁴⁶ AGAMBEN, 1999, p. 111.
 - ⁴⁷ LISPECTOR, 1998, p. 76-77.
 - ⁴⁸ TAVARES, 2010, P. 50

-
- ⁴⁹ NIETZSCHE, 2007, p. 65.
⁵⁰ LISPECTOR, 1995, p.32-33.
⁵¹ TAVARES, 2010, p. 176.
⁵² TAVARES, 2010, p. 220.
⁵³ LISPECTOR, 1995, p. 29-30.
⁵⁴ TAVARES, 2010, p. 222.
⁵⁵ PRADO, s/d.
⁵⁶ LISPECTOR, 1998, p. 132.
⁵⁷ PRADO, s/d.
⁵⁸ PRADO, s/d.
⁵⁹ LISPECTOR, 1995, p. 39.
⁶⁰ TAVARES, 2010, p. 221.
⁶¹ LISPECTOR, 1995, p. 44.
⁶² TAVARES, 2010, p. 59.
⁶³ TAVARES, 2010, p. 218.
⁶⁴ TAVARES, 2010, p. 223.
⁶⁵ TAVARES, 2010, p. 224.
⁶⁶ TAVARES, 2010, p. 224.
⁶⁷ LISPECTOR, 1995, p. 31.
⁶⁸ ÉTICA I, prop. 1.
⁶⁹ ÉTICA I, axioma 1.
⁷⁰ ÉTICA I, prop. 7.
⁷¹ ÉTICA I, prop. 7.
⁷² ÉTICA I, prop. 8, escol. 1.
⁷³ ÉTICA I, def. 6.
⁷⁴ ÉTICA I, def. 4.
⁷⁵ ÉTICA I, prop. 10, escol.
⁷⁶ ÉTICA I, def. 5.
⁷⁷ ÉTICA I, prop. 14, corol. 2.
⁷⁸ ÉTICA I, prop. 25, corol.
⁷⁹ ÉTICA I, axioma 3.
⁸⁰ ÉTICA I, prop. 36.
⁸¹ ÉTICA II, prop.45.
⁸² ÉTICA II, prop.45, dem.
⁸³ ÉTICA II, prop. 45, escol.
⁸⁴ PARDO, 1991, p.83.
⁸⁵ TRATADO BREVE II, cap. XV parágrafo 6, p. 130.
⁸⁶ LISPECTOR, 2010, p.59.
⁸⁷ LISPECTOR, 2010, p.53.
⁸⁸ CIORAN, 2011, p. 22.
⁸⁹ TAVARES, 2010, p. 356.
⁹⁰ TAVARES, 2010, p. 28.
⁹¹ TAVARES, 2010, p. 31.
⁹² ÉTICA I, prop. 25, corol.
⁹³ Vide proposição 25, corolário.
⁹⁴ ÉTICA II, prop. 17.
⁹⁵ ÉTICA III, prop. 27, dem.
⁹⁶ CIORAN, 2011, p. 45.
⁹⁷ ÉTICA III, prefácio.
⁹⁸ TAVARES, 2010, p. 404.
⁹⁹ NIETZSCHE, 2004, p. 220.
¹⁰⁰ ÉTICA II, prop. 17.
¹⁰¹ ÉTICA III, def. 3.
¹⁰² ÉTICA III, def. 3, explic.
¹⁰³ ÉTICA I, prop. 36.

-
- 104 ÉTICA I, prop. 36, dem.
105 ÉTICA II, prop. 7, escol.
106 ÉTICA II, prop. 7, escol.
107 ÉTICA I, prop. 36.
108 ÉTICA I, prop. 36, dem.
109 ÉTICA II, def. 1.
110 ÉTICA I, prop. 7.
111 ÉTICA I, prop. 34.
112 ÉTICA III, prop. 6.
113 ÉTICA III, prop. 7.
114 ÉTICA III, prop. 8.
115 DELEUZE, 1976, p. 12.
116 DELEUZE, 1976, p.14.
117 ÉTICA I, def. 8.
118 ÉTICA I, def. 8, explic.
119 ÉTICA I, prop. 16.
120 ÉTICA I, prop. 33.
121 DELEUZE, 1976, p. 14.
122 HARDT, 1996, p. 116.
123 DELEUZE, 2007, p. 23.
124 DELEUZE, 2007, p. 23.
125 DELEUZE, 2007, p. 18.
126 NIETZSCHE, 2011, p. 379.
127 NIETZSCHE, 2006, p. 108-109.
128 NIETZSCHE, 2004, p. 278.
129 NIETZSCHE, 2011a, p. 34-35.
130 NIETZSCHE, 2011a, p. 163.
131 NIETZSCHE, 2011a, p. 208-209.
132 ÉTICA II, prop. 13, escol.
133 ÉTICA III, def. 2.
134 NIETZSCHE, 2004, p. 11-12.
135 DELEUZE, 2004, p. 72-73.
136 DELEUZE, 2002, p.19.
137 HUENEMANN, 2010, P. 60.
138 ÉTICA V, axioma II.
139 DELEUZE, 2004, p. 78.
140 ÉTICA II, axiomas I, II e lema 1.
141 ÉTICA I, def. 5.
142 ÉTICA II, def. 1.
143 ÉTICA, III, definições e explicação.
144 DELEUZE. 2002, p. 25.
145 DELEUZE, 2002, p. 25.
146 ÉTICA II, prop. 13, escol.
147 AGAMBEN, 1993, p. 30.
148 DELEUZE, 2006, p. 106.
149 GIL, 2005, p. 278.
150 DELEUZE, 2004, p. 78.
151 ÉTICA III, post. 1.
152 ÉTICA IV, prop. 24.
153 ÉTICA I, prop. 25.
154 ÉTICA I, prop. 25, corol.
155 CHAUI, 2009, p. 27.
156 NIETZSCHE, 2006, p. 46.
157 DELEUZE, 2002, p. 47.
158 DELEUZE, 2002, p. 47.

-
- ¹⁵⁹ ÉTICA IV, prop. 67.
¹⁶⁰ ÉTICA III, prop. 36.
¹⁶¹ ÉTICA III, prop. 6.
¹⁶² ÉTICA III, prop. 8.
¹⁶³ DELEUZE; GUATTARI, 1993, p. 108.
¹⁶⁴ DELEUZE, 2006, p. 238.
¹⁶⁵ DELEUZE; GUATTARI, 1993, p. 27.
¹⁶⁶ DELEUZE; GUATTARI, 1993, p. 30.
¹⁶⁷ CALVINO, 2009, p. 73.
¹⁶⁸ DELEUZE, 1996, p. 125-126.
¹⁶⁹ DELEUZE e GUATTARI, 1993, p. 145.
¹⁷⁰ DELEUZE, 2006, p. 239.
¹⁷¹ DELEUZE, p. 239.
¹⁷² GIL, 2005, p. 276.
¹⁷³ GIL, 2005, p. 278.
¹⁷⁴ NIETZSCHE, 2004, p. 274.
¹⁷⁵ Subtítulo da obra de Spinoza *Tratado da reforma da inteligência*, 2004, p. 5.
¹⁷⁶ SPINOZA, 2004, p. 5.
¹⁷⁷ SPINOZA, 2004, p. 14.
¹⁷⁸ ÉTICA III, prop. 9, escol.
¹⁷⁹ ÉTICA III, prop. 11, escol.
¹⁸⁰ ÉTICA II, prop. 17.
¹⁸¹ ÉTICA II, prop. 18.
¹⁸² ÉTICA II, prop. 38.
¹⁸³ ÉTICA II, prop. 39.
¹⁸⁴ ÉTICA V, prop. 4.
¹⁸⁵ ÉTICA II, def. 2.
¹⁸⁶ ÉTICA III, prop. 7, dem.
¹⁸⁷ ÉTICA I, prop. 15.
¹⁸⁸ ÉTICA I, def. 7.
¹⁸⁹ ÉTICA I, def. 4.
¹⁹⁰ DELEUZE, 2004, p. 79.
¹⁹¹ DELEUZE, 2006a, p. 26.
¹⁹² ÉTICA III, prop.13.
¹⁹³ DELEUZE, 2006a, p. 32.
¹⁹⁴ DELEUZE, 2006b, p. 163.
¹⁹⁵ DELEUZE, 2006a, p. 34.
¹⁹⁶ DELEUZE, 2006b, p. 159.
¹⁹⁷ ÉTICA III, prop. 9.
¹⁹⁸ ÉTICA III, prop. 9, dem.
¹⁹⁹ ÉTICA II, def. 2.
²⁰⁰ DELEUZE, 2006b, p. 166.
²⁰¹ NEGRI, 2007, p. 156.
²⁰² NEGRI, 2007, p. 150.
²⁰³ NEGRI, 2007, p. 106.
²⁰⁴ ÉTICA V, prop. 39.
²⁰⁵ ÉTICA V, prop.39, dem.
²⁰⁶ ÉTICA V, prop. 39, esc.
²⁰⁷ PARDO, 1991, p. 106.
²⁰⁸ DELEUZE, 2006b, p. 162.
²⁰⁹ Frase estampada em camisas de alguns alunos da educação infantil da escola em que desenvolvi a pesquisa de mestrado em “O Corpo da Experiência do Espaço e o Espaço da Experiência do Corpo – Cartografia de uma Escola em *Mudança*” pelo PPGÉ/UFJF no ano de 2009. Essa frase, “Escola Feliz Escola” na blusa das crianças foi desenhado por uma aluna durante um concurso promovido pela escola para a escolha da estampa que mais representasse o movimento e o pensamento pedagógico dessa escola. O desenho era o de um

globo terrestre envolvido por várias crianças em forma de roda, muito coloridas tendo como enfoque a *diversidade*. As palavras que englobam todo desenho formam duas frases: na parte superior estava escrito “Escola Feliz” e na parte de baixo “Feliz Escola”.

- ²¹⁰ DELEUZE, 2002, p. 19-20.
²¹¹ CALVINO, 2009, p. 9.
²¹² CALVINO, 2009, p. 21.
²¹³ DIAS, 2008, p. 23.
²¹⁴ DIAS, 2008, p. 8.
²¹⁵ DIAS, 2008, p.8.
²¹⁶ LISPECTOR, 1998, p. 133.
²¹⁷ BARROS, 2010, p. 303.
²¹⁸ BARTHES, 2003, p. 175.
²¹⁹ PERISSÉ, 2006, p. 9.
²²⁰ ZUMTHOR, 2007, p. 12.
²²¹ VILELA, 1998, p. 99.
²²² ZUMTHOR, 2007, p. 23.
²²³ ZUMTHOR, 2007, p. 23.
²²⁴ TODOROV, 2009, p. 23-24.
²²⁵ CALVINO, 2009, p. 10.
²²⁶ LARROSA, 2004, p. 140.
²²⁷ TODOROV, 2009, p.27.
²²⁸ FOUCAULT, 2001, P. 11-12.
²²⁹ DELEUZE, 2006b, p.11.
²³⁰ TODOROV, 2009, p. 52.
²³¹ DELEUZE, 2006b, p.14.
²³² NIETZSCHE, 2004, p.139.
²³³ DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 11-37
²³⁴ BRUNO, 2008, p.112.
²³⁵ BARTHES, 2004, p.5-6.
²³⁶ GLISSANT, 2005, p. 107.
²³⁷ DELEUZE, 2006b, p.14.
²³⁸ LARROSA, 2004a, p. 174.
²³⁹ BARTHES, 2004, p.29.
²⁴⁰ CALVINO, 2009, p. 18.
²⁴¹ PAZ, 2008, p. 30
²⁴² VILELA, 1998, p. 52.
²⁴³ VILELA, 1998, p. 78.
²⁴⁴ ATLAN, 1991, p. 206-207.
²⁴⁵ ATLAN, 1991, p. 206.
²⁴⁶ DELEUZE, 2006a, p. 23.
²⁴⁷ PROUST, 2004, p. 686.
²⁴⁸ ÉTICA I, prop. 33, escol. 1.
²⁴⁹ COUTO, 2011, p. 120.
²⁵⁰ COUTO, 2011, p. 9.
²⁵¹ LISPECTOR, 1999, p. 98.
²⁵² BARROS, 2010, p. 383.
²⁵³ FOUCAULT, 2007, p. 12.
²⁵⁴ ÉTICA II, def. 1
²⁵⁵ ÉTICA I, prop. 25, corol.
²⁵⁶ ÉTICA I, prop. 15
²⁵⁷ ÉTICA I, def. 5.
²⁵⁸ ESPINOSA, 2012, p. 145-146.
²⁵⁹ ESPINOSA, 2012, p. 146.
²⁶⁰ ÉTICA II, prop. 10, corol.
²⁶¹ ÉTICA II, prop. 11, corol.
²⁶² ÉTICA I, prop. 15.

-
- ²⁶³ ÉTICA II, prop. 2.
- ²⁶⁴ ESPINOSA, 1997, parte II, cap. VI.
- ²⁶⁵ ESPINOSA, 2012, p. 146.
- ²⁶⁶ COUTO, 2011, p. 14.
- ²⁶⁷ ESPINOSA, 2012, Cap. XXIV, parágrafos 8,9,10 e 13 respectivamente, p. 146-147.
- ²⁶⁸ Frase roubada do título do livro de Mia Couto: **Antes de Nascer o Mundo**.
- ²⁶⁹ COUTO, 2009, p. 132.
- ²⁷⁰ Escritora e poeta portuguesa (1919-2004).
- ²⁷¹ COUTO, 2007, p. 131.
- ²⁷² TAVARES, 2010, p. 69.
- ²⁷³ TAVARES, 2010, p. 257.
- ²⁷⁴ LISPECTOR, 1999b, p. 205.
- ²⁷⁵ ÉTICA II, prop. 16.
- ²⁷⁶ LISPECTOR, 199b, p. 205.
- ²⁷⁷ LARROSA, 2002, p. 21.
- ²⁷⁸ GLISSANT, 2005, p. 69.
- ²⁷⁹ PEREIRA, 2007, p. 13.
- ²⁸⁰ COUTO, 2007, p. 43.
- ²⁸¹ ALMEIDA, 2003, p. 136.
- ²⁸² ÉTICA III, prop. 11.
- ²⁸³ ÉTICA III, prop. 11, dem.
- ²⁸⁴ Ser “Rainha” significa ser coroada como Rainha do Congado. Nesta escola há uma coroação de um Rei e de uma Rainha para representar a Escola nas festividades culturais que envolvam a Cultura Africana, nomeadamente, o Congado, tanto na escola como em eventos culturais em que a Escola é convidada a participar.
- ²⁸⁵ COUTO, 2007, p. 84.
- ²⁸⁶ COUTO, 2009a, p. 23.
- ²⁸⁷ COUTO, 2009a, p. 56.
- ²⁸⁸ ÉTICA II, prop. 13, escol.
- ²⁸⁹ ÉTICA II, prop. 13, escol.
- ²⁹⁰ ÉTICA II, ax. 4.
- ²⁹¹ ÉTICA II, ax. 5.
- ²⁹² PARDO, 1991, p. 83.
- ²⁹³ Refiro-me à lei 10639 que obriga as escolas a inserirem em seus currículos os estudos e o ensino da cultura afro-brasileira.
- ²⁹⁴ ÉTICA IV, Def. 8.
- ²⁹⁵ ÉTICA V, prop. 41, dem.
- ²⁹⁶ RANCIÈRE, 2007, p. 16.
- ²⁹⁷ SERRES in MILAN 2012, p. 36.
- ²⁹⁸ LLANSOL, 2011, p. 33.
- ²⁹⁹ COUTO, 2006, p. 62.
- ³⁰⁰ RANCIÈRE, 2007, p. 29.
- ³⁰¹ COUTO, 2006, p. 86.
- ³⁰² Uso aqui o título de um livro de Michel Serres *O Terceiro Instruído*. Cf. bibliografia geral.
- ³⁰³ PARDO, 1991, p.115.
- ³⁰⁴ Citação extraída da contracapa do livro *O Terceiro Instruído*, de Michel Serres. Cf. bibliografia geral.
- ³⁰⁵ LISPECTOR, 1998a, p. 14.
- ³⁰⁶ TAVARES, 2010, p. 119-120.
- ³⁰⁷ SKLIAR, 2012, p. 37.
- ³⁰⁸ COUTO, 2006, p. 69.
- ³⁰⁹ DELEUZE, 2006a, p. 111.
- ³¹⁰ BARTHES, 2007, p. 16.
- ³¹¹ BARTHES, 2007, p. 15.
- ³¹² Frase roubada do título de um livro de Carlos Skliar, 2012a. *Gracias Skliar!*

-
- ³¹³ TAVARES, 2009, p. 96.
- ³¹⁴ DELEUZE, 2007a, p.43.
- ³¹⁵ PARDO, 1991, p. 91.
- ³¹⁶ COUTO, 2009a, p. 31.
- ³¹⁷ COUTO *apud* LEITE 2012, p. 42.
- ³¹⁸ SANTOS, 2005, p. 27-32.
- ³¹⁹ ÉTICA IV, Prop. 63.
- ³²⁰ ÉTICA IV, Prop. 63, escol.
- ³²¹ COUTO, 2011, p. 103-104. *Negritos meus*.
- ³²² MARÇON, 2009, p. 148.
- ³²³ MARÇON, 2009, p. 152.
- ³²⁴ MARÇON, 2009 p. 156.
- ³²⁵ **Op art** é um termo usado para descrever a arte que explora a falibilidade do olho e pelo uso de ilusões ópticas. A expressão "op-art" vem do inglês (optical art) e significa "arte óptica". Defendia para arte "menos expressão e mais visualização". Apesar do rigor com que é construída, simboliza um mundo mutável e instável, que não se mantém nunca o mesmo. Os trabalhos de op art são em geral abstratos, e muitas das peças mais conhecidas usam apenas o preto e o branco. Quando são observados, dão a impressão de movimento, clarões ou vibração, ou por vezes parecem inchar ou deformar-se. O termo Op Art (abreviação inglesa para "Arte Óptica") foi empregado pela primeira vez na revista Times no ano de 2001 e designa uma derivação do expressionismo abstrato. A Op Art, com suas pinturas voluptuosas, brinca com nossas percepções ópticas. As cores são usadas para a criação de efeitos visuais como sobreposição, movimento e interação entre o fundo e o foco principal. Os tons vibrantes, círculos concêntricos e formas que parecem pulsar são as características mais marcantes deste estilo artístico. (Fonte *Wikipédia*).
- ³²⁶ ÉTICA II, Prop. 16.
- ³²⁷ ÉTICA III, Prop. 9, escol.
- ³²⁸ SPINOZA, 2012, Parte II, Cap. XVI, 5.
- ³²⁹ ÉTICA IV, Prop. 34.
- ³³⁰ ÉTICA II, Prop. 23.
- ³³¹ ÉTICA III, Prop. 59, escol.
- ³³² ÉTICA II, Prop. 47, escol.
- ³³³ ÉTICA IV, Cap. 32.
- ³³⁴ COUTO, 2008, p. 153.
- ³³⁵ SKLIAR, 2012, p. 43.
- ³³⁶ TAVARES, 2010, p. 215.
- ³³⁷ TAVARES, 2010, p. 215.
- ³³⁸ CALVINO, 2006a, p. 54.
- ³³⁹ TAVARES, 2008, p. 95.
- ³⁴⁰ RILKE, 2011, p. 177.
- ³⁴¹ SKLIAR, 2012, p. 119.
- ³⁴² COUTO, 2003, p. 159.
- ³⁴³ TAVARES, 2010, p. 154.
- ³⁴⁴ TAVARES, 2010, p. 135-136.
- ³⁴⁵ COUTO, 2011, p. 28.
- ³⁴⁶ TAVARES, 2008, p. 40.
- ³⁴⁷ VOLAVKOVA, 1993. I never saw another butterfly: children's drawings and poems from Terezin concentration camp 1942-1944. Cf. bibliografia geral.
- ³⁴⁸ LEVI, 1988, p. 39.
- ³⁴⁹ LISPECTOR, 1999, p. 117.
- ³⁵⁰ LISPECTOR, 1999, p. 117.
- ³⁵¹ "Rebeldes" é uma novela televisiva cujo enredo se passa entre estudantes adolescente que se juntam e formam uma banda de música pop. Essa novela envolve o interesse e a adesão quase que incondicional por parte dos que assistem e acompanham a novela ao estilo dos atores, influenciando seu modo de vestir, consumir marcas e artigos, cantar suas músicas etc.

-
- 352 COUTO 2007a, p. 47.
353 COUTO, 2005, p. 134.
354 COUTO, 2005, p. 64.
355 COUTO, 2005, p. 48.
356 ÉTICA IV, prop. 20.
357 ÉTICA IV, prop. 25.
358 COUTO, 2009a, p. 72.
359 COUTO, 2007, p. 88.
360 ÉTICA IV, Apênd., Capítulo 4.
361 SAAVEDRA, 2010, p. 16.
362 SAAVEDRA, 2010, p. 147.
363 TAVARES, 2010, p. 295.
364 TAVARES, 2010, p. 386.
365 SAAVEDRA, 2010, p. 145.
366 SAAVEDRA, 2010, p. 12-13.
367 TAVARES, 2010, p. 169.
368 SPINOZA, 2009, cap. 1 parágrafo 4.
369 ÉTICA IV, cap. 25.
370 TAVARES, 2010, p. 404.
371 RILKE, 2007, p. 74-75.
372 TAVARES, 2008, p. 98.
373 TAVARES, 2010, p. 274.
374 Escritor, poeta e professor mineiro (1936-2008).
375 TAVARES, 2007, p. 36.
376 TAVARES, 2007, p. 33.
377 CALVINO, 2006a, p. 58.
378 RILKE, 2007, p. 126-127.
379 TAVARES, 2010, p. 446.
380 LISPECTOR, 2012, p. 153.
381 RILKE, 2007, p. 213.
382 ÉTICA V, prop. 24.
383 ÉTICA V, prop. 29.
384 RILKE, 2007a, p. 39.
385 HEIDEGGER, 2011, p. 150.
386 HEIDEGGER, 2011, p. 130.
387 LISPECTOR, 1998a, p. 30.
388 LISPECTOR, 1998a, p. 87.
389 ÉTICA III, prop. 57, dem.
390 ÉTICA II, prop. 17, esc.
391 ALAIN, 2013, p.152.

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. **A Comunidade que vem**. Lisboa: Editorial presença, 1993.
- AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da Prosa**. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.
- ALAIN. **Spinoza**. España: Marbot Ediciones, 2013.
- ALMEIDA, Júlia. **Estudos Deleuzeanos da Linguagem**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- ALMEIDA, Leonardo Pinto de. **Escrita e Leitura: a produção de subjetividade na experiência literária**. Curitiba: Juruá, 2009.
- ATLAN, Henri. **Tudo, Não, Talvez: Educação e verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- BARROS, Manuel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTUSCHAT, Wolfgang. **Spinoza**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BRUNO, Mário. **Escrita, Literatura e Filosofia: Derrida, Barthes, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CALVINO, Italo. **Assunto Encerrado: discurso sobre literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

CHAUÍ, Marilena. **A Nervura do Real: imanência e liberdade em Espinosa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo: Espinosa, Voltaire, Meleau-Ponty.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHAUÍ, Marilena. Liberdade: Aptidão para o Múltiplo Simultâneo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Vida Vício Virtude.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, Edições SESC SP, p. 25-41, 2009.

CIORAN, Emile M. **Silogismos da Amargura.** Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse Africano?: e outras intervenções.** São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Mia. **Os Fios das Missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

COUTO, Mia. **Venenos de Deus, Remédios do Diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COUTO, Mia. **A Varanda do Frangipani.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

COUTO, Mia. **O Outro Pé da Sereia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTO, Mia. **Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra.** São Paulo: Companhia das letras, 2003.

DAMASIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.** São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles. **A Imanência: uma vida...** In: Educação & Realidade – v.1 (fev. 1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

-
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed.34, 2006b.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa e os Signos**. Porto: Rés-Editora Lda., s/d.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2007a.
- DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. (Mimeo).
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka: para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.1**. São Paulo: Ed.34, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Que é Filosofia**. São Paulo: Ed.34, 1993.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- DIAS, Sousa. **O que é poesia?** Coimbra: Pé de Página Editores Lda., 2008.
- ECCO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ESPINOSA, Baruch de. **Breve Tratado de Deus, do Homem e do seu bem-estar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ESPINOSA, Baruch de. **Pensamentos Metafísicos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. Coleção Os Pensadores. Tradução e Notas de Marilena de Souza Chauí, 1997.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia da ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O Pensamento do Exterior**. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal Lda., 2001.

GARRETT, Don (Org.). **Spinoza**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.

GIL, José. **A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções – Estética e Metafenomenologia**. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HARDT, Michael. **Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia**. São Paulo: Ed.34, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HUENEMANN, Charlie. **Interpretando Espinoza: ensaios críticos**. São Paulo: Madras, 2010.

JAQUET, Chantal. **A Unidade do Corpo e da Mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KASTRUP, Virgínia. Sobre Livros e Leitura: algumas questões acerca da aprendizagem em oficinas literárias. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, p. 241-266, 2008.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & Escritas Pós-Coloniais: estudos sobre literaturas africanas.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LISPECTOR, Clarisse. **Crônicas para Jovens: de bichos e pessoas.** Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012.

LISPECTOR, Clarisse. **Crônicas para jovens: de amor e amizade.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISPECTOR, Clarisse. **Um Sopro de Vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarisse. **Para não Esquecer.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

LISPECTOR, Clarisse. **A Descoberta do Mundo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

LISPECTOR, Clarisse. **Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarisse. **Água Viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, Clarisse. **A Hora da Estrela.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Entrevistas.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MARÇON, Juliana. **Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura spinozana da educação.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

MARTINS, André (Org.). **O Mais Potente do Afetos: Spinoza & Nietzsche.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luís César (Orgs.). **As Ilusões do Eu: Spinoza & Nietzsche.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOSER, Benjamin. **Clarisse, uma biografia.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

-
- MILAN, Betty. **A Força da Palavra: (entrevistas)**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Lisboa: Vega, 2000.
- NEGRI, Antonio. **Jó, a força do escravo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- NEGRI, Antonio. **Spinoza Subversivo: variaciones (in)actuales**. Madrid: Akal, S.A., 2000.
- NEGRI, Antonio. **Anomalia Selvagem: poder e potência em Spinoza**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.
- NIETZSCHE, Fridrich. **Vontade de Potência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- NITZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. [Original, 1885].
- NIETZSCHE, Friedrich. **Cinco Prefácios para cinco livros não escritos**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda., 2007. [Escritos não publicados – 1870-73].
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Original, 1887].
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. [Original, 1882, 1887].
- PARDO, José Luis. **Sobre los Espacios: pintar, escribir, pensar**. Bracelona: Ediciones del Serbal, 1991.
- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. São Paulo: Casac Naify, 2012.
- PAZ, Octavio. **El arco y La lira: el poema, La revelación, poesía e historia**. México: FCE, 2008.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Loas a Surundunga: subsídios sobre o congado para estudantes de ensino médio e fundamental**. Juiz de Fora: Franco Editora, 2007.
- PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

-
- PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.** São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- PROUST, Marcel. **Em Busca do Tempo Perdido: o tempo recuperado.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- PUCHEU, Alberto. **Giorgio Agamben: poesia, filosofia e crítica.** Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.
- RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- RILKE, Rainer Maria. **A Melodia das Coisas: contos, ensaios, cartas.** São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas do Poeta sobre a Vida: a sabedoria de Rilke.** São Paulo: Martins, 2007.
- RILKE, Rainer, Maria. **Cartas natalinas à mãe.** São Paulo: Globo, 2007a.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um Jovem Poeta: a canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristovão Rilke.** São Paulo: Globo, 1998.
- ROLNIK, Suely. **Catografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007.
- SAAVEDRA, Carola. **Paisagem com Dromedário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **Gosto de África: estória de lá e daqui.** Global Editora, 2005.
- SERRES, Michel. **O Terceiro Instruído.** Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- SKLIAR, Carlos (Org.). **Derrida & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SKLIAR, Carlos. **Experiências com a Palavra: notas sobre linguagem e diferença.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SKLIAR, Carlos. **No Tienen Prisa las Palabras**. Barcelona: Editorial Candaya S.L., 2012a.

SPINOZA, Benedictus de. **Correspondencia**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Breve**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado da Reforma da Inteligência**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Político**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Teológico-Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

TAVARES, Gonçalo M. **Uma Viagem à Índia: melancolia contemporânea**. São Paulo: Leya, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. **Biblioteca**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

TAVARES, Gonçalo M. **Aprender a Rezar na Era da Técnica: posição no mundo de Lenz Buchmann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TAVARES, Gonçalo M. **A Perna Esquerda de Paris: seguido de Roland Barthes e Robert Musil**. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VASCONCELOS, Gilberto J. S. **Mapas dos Baobás do Brasil**. Recife – PE: Provisual Gráfica e Editora Ltda., 2012.

VILELA, Eugénia. **Do Corpo Equívoco: Reflexões sobre a modernidade e a educação nas narrativas epistemológicas da modernidade**. Braga: Angelus Novus, 1998.

ZAMBRANO, Maria. **A Metáfora do Coração e outros escritos**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VOLAVKOVÁ, Hana (Ed.). **I never saw another butterfly: children's drawings and poems from Terezin concentration camp, 1942-1944.** Edited by Hana Volavková; revised and expanded by U.S. Holocaust Memorial Museum; with a new foreword by Chaim Potok; after foreword by Vaclav Havel. New York: Schocken Books, 1993.